

C A R L O S M A R C E L O

RENATO RUSSO

EDIÇÃO
REVISTA E
AMPLIADA

O FILHO DA
REVOLUÇÃO





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Chico Mauro chmauro@fortalnet.net.br

**RENATO
RUSSO**
O FILHO DA
REVOLUÇÃO

CARLOS
MARCELO

RENATO RUSSO

O FILHO DA REVOLUÇÃO



Copyright © Carlos Marcelo Carvalho, 2009, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

REVISÃO: Luiz Pereira e Elisa Martins
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Desenho Editorial
CAPA: Desenho Editorial
IMAGEM DE CAPA: Ivaldo Cavalcante
ADAPTAÇÃO PARA EBOOK: Hondana

Cip-Brasil. Catalogação-Na-Fonte
Sindicato Nacional Dos Editores De Livros, Rj

M263r

Marcelo, Carlos, 1970-
Renato Russo : o filho da revolução /
Carlos Marcelo. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0784-2

1. Russo, Renato, 1960-1996. 2. Músicos - Brasil - Biografia. I. Título.

16-34679

CDD: 927.8164
CDU: 929:78.067.26

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 - 21º andar

Edifício Horsa II - Cerqueira César

01411-000 — São Paulo — SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Carlos e Carmem, primeiros
fornecedores de livros e lembranças.
Para Tarcila, João Henrique, Maria
Alice e Maria Isabel, que me fazem
enxergar o tempo e o amor.
Aos amigos, sempre.



PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO

MAS TEM SEMPRE ALGO MAIS...

I

Plim! O sinal sonoro indica mensagem no celular.

“Pai, essa frase é de alguma música do Renato Russo?”

Vá em frente. Se der medo, vá com medo.

“Acho que não...”

“Kkkkkk.”

Quando encontro a minha filha mais nova, pergunto a origem da sentença. Ela explica que, para incrementar as fotos enviadas em grupos de conversa, os adolescentes da escola recorrem a um aplicativo com arquivo de aforismos atribuídos a autores célebres. Os brasileiros são poucos: Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Luis Fernando Verissimo. Peço para ver o “banco de frases”. Percorro os nomes. Renato Russo é o único não escritor. Não reconheço mais de 90% das sentenças atribuídas ao cantor. “Mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira” é uma das exceções. Outra: “Tem gente que está do mesmo lado que você, mas deveria estar do lado de lá”. Mais uma vez, Renato.

Duas décadas depois da morte do vocalista da Legião Urbana, ele permanece por aí e por aqui. Assombrando, surpreendendo, emocionando. É um dos raros de sua profissão que conseguiu ultrapassar a barreira geracional e continuar relevante para jovens e velhos, pais e filhos. Mais uma conquista do único roqueiro nacional a superar a marca dos 10 milhões de discos vendidos: 9,4 milhões com a Legião e 3,4 milhões na carreira solo, em números de 2015. E, mesmo assim (ou talvez por isso mesmo), ele continua na condição de corpo estranho na trajetória da Música Popular Brasileira (MPB).

A Legião não chegou à indústria fonográfica com a bênção da MPB – quem os apadrinhou foram os amigos Paralamas, igualmente iniciantes. As diferenças geracionais se tornaram bem evidentes, por exemplo, durante a participação da banda no programa *Chico & Caetano*: havia respeito, mas

também distanciamento. Tudo porque, com a ditadura militar e a instauração do “vazio cultural” nos anos 1970 por conta da censura, algo se perdeu no percurso da música feita para os jovens. Na virada para a década de 1980, surgiu um fosso entre o palco e a plateia. Coube à Blitz, ao Ultraje a Rigor, ao Barão, aos Titãs, aos Paralamas e à Legião encabeçar a reconstrução da ponte entre artistas e público – só que Renato Russo o fez à sua maneira, sem olhar para o retrovisor em reverência. Nem submissão.

No artigo “Roqueiros colonizados, mas atentos, conscientes”, escrito em 1983, Renato forneceu pistas sobre a origem da necessidade de traçar a própria rota:

[...] toda a informação que nos foi dirigida nos levou a assimilar um outro estilo, que consideramos tão nosso quanto um sambista carioca considera o seu samba: são 18 anos de cultura alienígena.

Em outras palavras, estava ali o ideário expresso nos versos de “Geração coca-cola”, que só seriam gravados dois anos depois. E essa formação “alienígena” foi decisiva para que, até hoje, as trajetórias da Legião e de outras bandas brasileiras dos anos 1980 sejam consideradas, ainda que reservadamente, um ponto fora da curva na chamada “linha evolutiva” da MPB – ao contrário do que ocorreu com outros expoentes de seu tempo, como Cazuza, Arnaldo Antunes e Herbert Vianna, todos devidamente incorporados. E do que seria retomado com inventividade nos anos 1990 e 2000 por bandas como Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre S/A e Los Hermanos, discípulos assumidos de Gilberto Gil, Jorge Ben e Chico Buarque.

A verdade é que, ao longo da carreira, Renato Russo soube se comunicar com maior desenvoltura com os fãs do que com os colegas de palco. Talvez pelo fato de sua força se concentrar mais na poética do que na busca de uma nova sonoridade – que, para muitos músicos, era demasiadamente simples e assemelhada ao formato consagrado no rock internacional. Mas a cada disco, a cada improvável sucesso radiofônico, Renato foi ampliando o seu espaço. E nem a morte o impediu de prosseguir. Nos últimos vinte anos, versos legionários foram cantados em toda parte: festivais de rock, trios elétricos, feiras agropecuárias, rodas de pagode, churrascos, festas de debutantes, karaokês, manifestações de esquerda e de direita, nas favelas e nas coberturas. Assim, por mérito próprio, Renato

Russo passou a integrar o primeiro escalão da música popular brasileira. “Que país é este”, “Pais e filhos”, “Faroeste caboclo”, “Será”... Não se iluda, elas não pertencem a você. Nem a mim. Pertencem a todos. São incontornáveis.

Depois de nove anos de pesquisa (que resultaram na descoberta de letras inéditas e na localização de documentos até então desconhecidos dos fãs) e de mais de uma centena de entrevistas, a primeira edição de *Renato Russo—o filho da revolução* chegou às livrarias em junho de 2009. Um dos objetivos do trabalho foi reconstituir a vivência de Renato na cidade nascida, como ele, no ano de 1960 (ambos estavam perto de completar 13 anos quando se conheceram). Narrar o encontro, e os embates, de dois adolescentes imersos em um cenário de opressão instaurado pela ditadura militar; traçar o retrato multifacetado de um artista quando jovem e, com isso, revelar o Renato Manfredini Junior que antecedeu o Renato Russo. Não só o retrato dele, mas também de seus amigos, famosos ou anônimos, das suas turmas, das suas bandas, da sua geração. Entrelaçar, enfim, a história de um jovem brasileiro com a história de milhões de jovens brasileiros.

Renato Russo foi o ponta-de-lança de uma turma que capturou no exterior a moldura sonora que julgava mais adequada para externar o descontentamento com o que ocorria no país. Na capital brasileira, a partir da observação do cotidiano nacional e do contato direto com os Estados Unidos e a Inglaterra, eles adicionaram à urgência punk uma poética incisiva e insurgente. Assim, surgiram as crônicas de um Brasil silenciado e de uma juventude desorientada: adolescentes na capital utópica, precocemente desvirtuada. Sincronizados com o tempo, porém perdidos no espaço.

A poética de Renato ultrapassou o quadrilátero do Distrito Federal. A partir do segundo disco da Legião, ao ampliar a temática e abraçar temas intimistas e atemporais (amor, sexo, ética, religiosidade, vícios, desilusão), Renato se arriscou. Olhou para o espelho e encontrou uma janela. Saltou sem proteção, sem temer o impacto, sem medo da dor. Em vez de cair, foi direto para o topo.

Nesta nova edição, os pontos de partida e de chegada do livro continuam divididos entre as duas cidades de Renato: Rio de Janeiro e Brasília, velha e nova capital. Há, contudo, diversos acréscimos. O mais substancial deles é um capítulo inédito que precede o epílogo, com maior

volume de informações sobre o período de intensa produtividade que antecedeu a morte do cantor, em 11 de outubro de 1996. Nos últimos cinco anos de vida, além de organizar a coletânea *Música para acampamentos*, Renato produziu material para seis discos inéditos: quatro com Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá, dois com o tecladista Carlos Trilha. Ganha ênfase nestas páginas a reconstituição do processo criativo do vocalista à frente de sua banda e nos discos solo. Para isso, foi realizada uma nova rodada de entrevistas e foram incluídas referências a livros importantes lançados depois de 2009 – as citações estão incorporadas ao texto, ou aparecem em notas de rodapé, ao aprofundar temas ou episódios que integram a narrativa. As notas também auxiliam na contextualização a respeito de pessoas, lugares e fatos mencionados.

II

Em voo noturno, um homem de terno apanha o celular e seleciona as músicas que deseja escutar. Depois de deslizar os dedos por imagens de duplas sertanejas com os cabelos cheios de gel e de esfuziantes DJs de música eletrônica, seleciona um disco de capa discreta, austera, quase toda branca. *Legião Urbana*. O som, de tão alto, vaza dos fones. “Não vá embora, fique um pouco mais...” Os minutos se passam. Ele fecha os olhos e cantarola: “Uma menina me ensinou quase tudo que eu sei...”. O homem de terno abre um sorriso ao meu lado. Olho pela janela, luzes iluminam o traço de Lucio Costa e as esculturas de Niemeyer. Chegamos a Brasília.

Mas a capital não é a mesma. Os que nela vivem sabem que há tempos deixou de ser apenas a sede do poder. A partir dos anos 1990, uma nova geração assumiu sem conflitos a identidade brasiliense. Produziu diversificada safra de bandas que, como ocorreu na década de 1980 (mas em escala menos monumental do que a Legião), tomaram conta do país: os cantos não são mais apenas de concreto, também contemplam o cerrado. E, mais recentemente, os brasilienses ocuparam os vastos espaços nas asas e eixos. Há sempre alguma coisa para fazer no fim de semana; tédio, só por opção. Brasília se expandiu, surgiram condomínios, bairros e cidades que não tiveram a chance de ser citadas em letras da Legião. No Plano Piloto, cabeças voltadas para os celulares, os moradores descem dos blocos mais para cuidar do corpo do que para alimentar o espírito; na Asa Sul, no espaço onde havia um cinema frequentado por Renato e uma lanchonete onde tocou o Aborto Elétrico, agora há uma imensa academia. Ramones estão nas camisetas, não mais nos tímpanos. Food’s é passado, a onda são os *food trucks*. Chefs tatuados, estômagos saciados. Gastronomia *rocks*. Comida é diversão e arte. “Alimento pra cabeça nunca vai matar a fome de ninguém.” Será? E o Brasil, ainda é o país do futuro?

Muita coisa mudou no país, mas outras tantas – entre elas, algumas essenciais – continuam a nos envergonhar: a desigualdade, a injustiça, a indiferença. Infelizmente, os versos mais incisivos de Renato não ficaram datados: “Ninguém respeita a Constituição/ Mas todos acreditam no futuro da Nação”, “A violência é tão fascinante/ E nossas vidas são tão normais”, “Vamos sair, mas não temos mais dinheiro/ Os meus amigos todos estão procurando emprego” – todos atualíssimos. Não como poesia, mas como crônica do dia a dia. Músicas urbanas: não era isso o que você queria ouvir?

Também continua intacta a força da obra de Renato Russo. E não apenas na música. Em 2013, os filmes *Faroeste caboclo* e *Somos tão jovens* atraíram mais de 3 milhões de espectadores e foram as únicas produções nacionais daquele ano a obter êxito comercial fora do gênero da comédia. Em junho de 2015, o livro *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço* entrou no primeiro lugar da lista dos mais vendidos e lá permaneceu por semanas. O cantor, que pretendia ser cineasta e escritor, não pôde testemunhar essas novas façanhas, não tão inusitadas para quem já tinha conseguido outras proezas, como emplacar nas paradas de sucesso uma música de nove minutos e um disco cantado em italiano.

No epílogo desta nova edição, são narradas tentativas de prorrogar o que foi encerrado pela morte. Diferem as motivações e os resultados, mas tributos e outros projetos póstumos têm em comum a busca, ainda que por alguns instantes, do espírito de comunhão entre o ídolo e os fãs. Algumas das homenagens, apesar de bem-intencionadas, soam estapafúrdias, com participações de artistas pouco à vontade diante de repertório intransferível. Tudo porque, com o passar do tempo, o vocalista ganhou dos fãs o status de mito; de parte da crítica, o epíteto (algo jocoso) de líder de uma “religião urbana”. Provavelmente Renato Manfredini Junior não se sentiria confortável em nenhuma das duas condições. Mas, no íntimo, teria orgulho de olhar para trás e perceber que, assim como os ídolos John Lennon, Bob Dylan e Sid Vicious, tinha entrado para a história da música de seu país não sob o signo do continuísmo nem de amálgama, mas como um surpreendente, gigantesco – e ainda incômodo – ponto de exclamação.

E foi essa capacidade de exclamar o que ainda não estava sendo dito que me atraiu em 1985 quando, recém-chegado a Brasília, escutei Legião Urbana pela primeira vez. Ao longo dos anos, as exclamações ganharam a companhia dos questionamentos. Como aquele cara que, fora do palco, tinha aspecto frágil e voz infantil, conseguia arrastar multidões ao escrever

letras que sintetizavam angústias e sentimentos de uma geração, a minha geração? E por que, no auge do sucesso, ele não conseguiu realizar o sonho adolescente de voltar à sua cidade para comandar até o fim o maior show de uma banda de rock da história do país? Onde ele errou? Onde Brasília errou? Que juventude é essa? Que Brasil é esse? Foi com essas perguntas na cabeça que saí, em 1988, desnortado do Estádio Mané Garrincha, poucos dias antes de fazer vestibular para Comunicação Social na Universidade de Brasília. Então, muito antes das entrevistas concedidas ao repórter iniciante (a primeira delas, antecédida por um prosaico, e por isso mesmo, inesquecível “Oi, aqui é o Renato! Você me ligou?”) e das dezenas de reportagens, críticas, edições especiais e artigos sobre o tema publicados ao longo de mais de vinte anos de profissão, *Renato Russo – o filho da revolução* é fruto da perplexidade de um jovem, despertada naquela fria e seca madrugada brasiliense. E que insiste em me acompanhar.

Leia no volume máximo.

CARLOS MARCELO, JULHO DE 2016





PRÓLOGO

BRASÍLIA, JUNHO DE 1988

Renato submerge.

Deixa o corpo escorregar na banheira. Quilos de sal grosso foram adicionados à água quente. Enfim, um momento de paz.

Trancado no banheiro do apartamento onde morou por doze anos, ele não ouve o telefone tocar na sala. A irmã, Carmem Teresa, corre para atender. Uma voz masculina grita do outro lado da linha:

— A gente vai jogar uma bomba aí! Fala para o Renato Russo que ele vai morrer!

Assustada, Carmem desliga e deixa o aparelho fora do gancho. Não adianta muito. Poucos minutos depois, o interfone toca na cozinha. Mais uma voz de homem, que também não se identifica:

— O Renato Russo tá aí, né? Aquele filho da puta...

Ela não deixa o agressor finalizar a frase. Desliga e vai para a sala conversar com Ana Paula, que preparou a água do banho, e Cíntia, outra amiga do irmão. Carmem volta à cozinha e fala com o porteiro pelo interfone:

— Pelo amor de Deus, não deixa ninguém subir!

O irmão sai do banho. Está pálido, cabisbaixo. E, mais preocupante, monossilábico: jamais foi de usar poucas palavras.

— Junior, quer comer alguma coisa?

— Não, vou deitar. Não quero falar com ninguém.

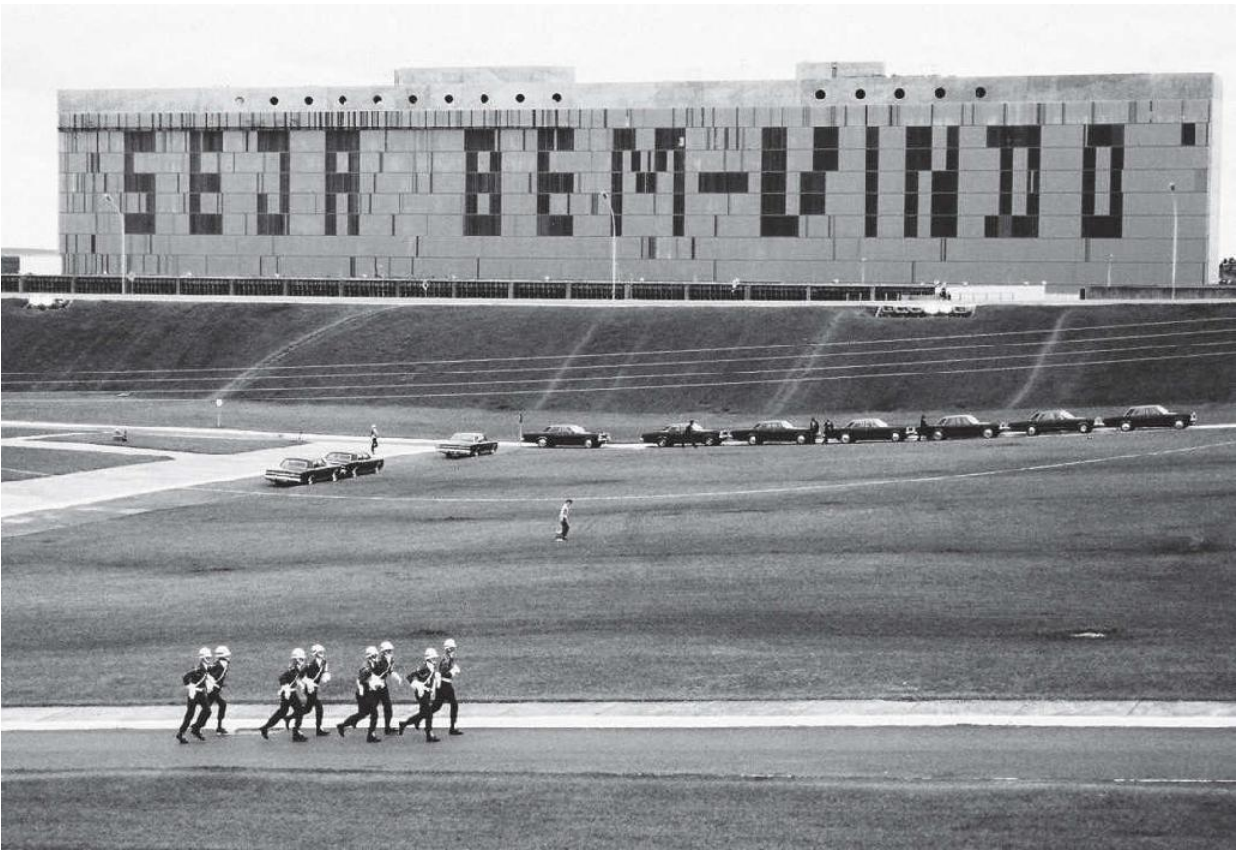
Renato não se refugia no antigo quarto: há três anos, desde que ele foi morar na casa da avó no Rio de Janeiro, o cômodo virou uma saleta onde a mãe faz trabalhos manuais. Vai para a suíte dos pais, deita na cama de casal. Pega um lençol e cobre o corpo, inclusive a cabeça. Dona Carminha e seu Renato estão longe, no apartamento na Tijuca, no Rio. Ligam para Brasília e falam com Carmem Teresa. Mesmo sem os detalhes, já sabem o que importa.

A gente vai se divertir? Legal! Que país é este? Quem quer manter a ordem? Quem quer criar desordem? Quem é que usa drogas aqui? Capital brasileira do consumo de drogas, hein... E você quer ficar maluco, sem dinheiro e acha que tá tudo bem... Tá todo mundo se matando aqui na frente, ó! Solta ele! Tu leva o microfone na cabeça, não tem que dar porrada, não! Ê, cidade babaca... It's been a hard day's night. Oh, a storm is threat'ning my very life today, If I don't get some shelter, oh yeah I'm gonna fade away. I think I'm drowning, this sea is killing me... Da próxima vez, a gente vai acender as luzes e vai embora! Aqui tem segurança o suficiente para dar porrada em todo mundo, entendeu? Quem foi o babaca que tacou? Qual é? Não vai atingir a maioria, não? Vai ficar sempre nessa merda? A gente já está com a vida feita, trabalhou e conseguiu. Vai ficar tacando bombinha em Legião Urbana, meu irmão? Stop! Somos tão jovens, tão jovens... Tem certas coisas que não adianta fazer absolutamente nada. Se o barco está afundando, vamos afundar todos juntos. Eu sinto muito.

Os pais querem que o filho volte o mais rápido possível para o Rio de Janeiro. Um dos companheiros de banda foi embora cedinho, pegou o primeiro voo de domingo. Renato permanece. Tem medo de ser interpelado, xingado, agredido no caminho até o aeroporto. As horas passam, a tensão aumenta. Emissoras de rádio incitam os fãs a queimar discos (e são atendidas), o posto de gasolina em frente ao prédio da família Manfredini é pichado com a frase “Legião, não voltem mais”, as ameaças anônimas pelo telefone continuam, pessoas estranhas rondam a superquadra. Por enquanto, não há alternativa: em Brasília, o único lugar seguro para Renato Manfredini Junior é dentro da própria casa.







— *Eu quero saber — eu disse para o meu pai.*

— *Pode ser perigoso — ele respondeu.*

E desliguei a televisão como se pronto para ouvir.

Ele disse não. Ainda é cedo. E eu já tinha perdido a capacidade de chorar.

**ALGUMA COISA
URGENTEMENTE, João Gilberto
Noll**

BRASÍLIA, MARÇO DE 1973

— Carmem Teresa, esse vai ser o meu quarto!

O grito encerra qualquer eventual possibilidade de negociação fraterna: o segundo dos quatro quartos do novo apartamento da família Manfredini já tem dono. Renato Manfredini Junior chegou primeiro. Dois anos e dez meses mais nova que o irmão, Carmem respira fundo e acata a decisão. Não é a primeira nem será a última vez. Afinal, durante boa parte da infância no Rio de Janeiro, bastavam alguns minutos de observação para saber quem era o dono da brincadeira. Pelo menos continuaria a ter o próprio quarto como na casa da rua Maráu, na Ilha do Governador.

A viagem Rio-Brasília, velha capital-nova capital, tinha sido cansativa, quase dois dias inteiros dentro do carro. O pernoite em Minas Gerais foi bem desgastante: hotel horroroso, quase não deu para dormir. A recompensa veio no fim da tarde, a poucos minutos do destino final, quando o Corcel verde dos Manfredini entrou na parte sul do Plano Piloto e virou um ponto móvel na imensidão do Eixo Rodoviário, avenida gigante com seis pistas asfaltadas, mais a faixa exclusiva para a comitiva do Presidente da República. Ao se deparar com o sol se escondendo por trás daqueles prédios baixos e do horizonte infinito, sem morros ou arranha-céus para obstruir a visão, Maria do Carmo virou-se para o banco de trás:

— Olha, Junior, aqui é a Asa Sul!

A mãe não escondia o deslumbramento com a cidade, ainda mais quando emoldurada pela explosão de cor do crepúsculo vermelho do Planalto Central. Para muitos cariocas, por sinal, aquele era o único espetáculo atraente de uma cidade marcada pela monótona onipresença do branco e do cinza. Diziam que, confrontada com a exuberância natural do Rio de Janeiro, Brasília parecia uma menina de 13 anos: feições definidas logo ao nascer, corpo em fase de crescimento, temperamento indeterminado. Para quem vê de longe, com distanciamento e sem afeto, apenas uma pré-adolescente desengonçada, sem graça nem personalidade.

Não era o que achava a pernambucana Maria do Carmo Manfredini, conhecida entre os amigos pelo apelido de Carminha. Ainda em 1957, ao saber que o presidente Juscelino Kubitschek ordenara o início da construção, no centro do país, da nova capital do Brasil, ela ficara exultante. Enamorou-se pelo desafio de começar a vida em outra cidade com o marido. E se encantou com a ideia, tingida em tons místicos, de contribuir para o surgimento de uma nova civilização. “Formar uma família num lugar diferente assim vai ser muito bom”, pensou. Queria engravidar. E mais: queria que o filho fosse o primeiro bebê nascido na capital. O primeiro cidadão brasileiro.

Apenas o primeiro desejo de Carminha foi atendido. E não de imediato. Doze anos mais velho e primo em segundo grau da esposa, Renato Manfredini não queria ter filhos. Já a mulher, mistura de sangue italiano e nordestino nas veias, instinto maternal à flor da pele, sonhava com a casa cheia de crianças. A resistência do marido acabou em junho de 1959, quando Carminha chegou perto dele e avisou:

— Nós vamos fazer nosso filho hoje.

E assim foi feito. Nove meses depois daquela noite, Renato Manfredini Junior nasceu às quatro da manhã de 27 de março de 1960, na Clínica Santa Lúcia, bairro do Humaitá. Tendo como padrinhos os avós maternos José Mariano e Leontine Manfredini de Oliveira, o primogênito da família Manfredini foi batizado na Igreja dos Capuchinhos, a mesma na qual os pais tinham se casado três anos antes.

Bebê tranquilo, quase não chorava nem era de muitas aprontações. Deu os primeiros passos no Alto da Boa Vista, onde a família costumava passear nos fins de semana – foi lá também, quando ele confundiu vacas com árvores, que os pais descobriram a necessidade de o filho usar óculos. O nascimento de Carmem Teresa, em dezembro de 1962, não arrefeceu o grude entre mãe e filho – se ela ia ao banheiro, ele ficava na porta. Nas tardes de domingo, Junior permanecia quietinho quando o pai ligava a vitrola para escutar discos de música clássica ou *standards* da música norte-americana, trazidos dos Estados Unidos.

Pai bancário, mãe dona de casa, casal de filhos, casa própria, cachorro, praia (muito) de vez em quando. As férias eram quase sempre em Curitiba, no sobrado de Pérola Basseti, tia de Carminha, no bairro do Juvevê – macarronada, bolinhos de chuva, visitas ao Passeio Público, brincadeiras entre os primos, gargalhadas entre os tios.^[1] Eis os Manfredini, típica família brasileira, no início dos anos 1960.

Mas Carminha não estava inteiramente satisfeita. A vontade de mudar para Brasília aumentara em 1962, quando o casal passou um fim de semana no apartamento do primo Admar, na Asa Sul. Ao final do passeio pelo recém-nascido Plano Piloto, Carminha virou-se para o marido e sintetizou seu entusiasmo da mesma forma imperativa que seria utilizada pelo filho mais velho ao escolher o quarto, onze anos depois:

— Renato, quero criar as crianças aqui!

O economista curitibano bem que tentou acatar de imediato o pedido da esposa. Técnico de destaque, Renato Manfredini trabalhava de segunda a sábado como assessor da presidência do Banco do Brasil, na rua Primeiro de Março, centro do Rio. Quando ouviu falar da nova capital pelos discursos de Juscelino Kubitschek, achou que, por conta da qualificação, teria chances de ser transferido logo na inauguração. Não deu certo. Em 1969, ao voltar de dois anos de estudos nos Estados Unidos, tentou novamente. Dessa vez, a transferência estava praticamente certa, faltava

apenas a assinatura do presidente do banco, mera formalidade. Feliz da vida, a esposa embalou os móveis e preparou a mudança. Foi surpreendida:

— Carminha, a gente não vai mais...

— Mas por que, Renato?

— Porque o cargo que eu ia ocupar foi preenchido pelo afilhado de um político.

Somente em 1972, uma década depois do encantamento inicial da esposa, a transferência se concretizou. Antes da mudança, Manfredini, como era conhecido no banco, fez curso de especialização na Inglaterra. A mulher se juntou a ele na parte final da temporada, com direito a esticada por outros países da Grã-Bretanha e pela Itália. Por dois meses, os meninos ficaram sob os cuidados dos avós maternos (os avós paternos, Alberto e Castorina Denebedito Manfredini, morreram antes das crianças nascerem). Na volta da Europa, muitos presentes. Da Escócia, uma gaita de foles para o primogênito e uma saia *kilt* para Carmem Teresa. Junior também ganhou um moderníssimo carro acionado por controle remoto; Carmem, um boneco da moda, o barbudo Falcon, que o irmão logo pegou para brincar. Nem deu tempo de aproveitar os novos brinquedos nas ruas da Ilha do Governador. Logo veio o aviso dos pais:

— Agora, vamos terminar de arrumar as coisas e nos mudar para Brasília.

Em 1958, o país era pura euforia. Campeão mundial de futebol pela primeira vez, com a conquista da Copa do Mundo na Suécia, o Brasil atravessava uma onda de otimismo impulsionada pelo governo de Juscelino Kubitschek, iniciado em janeiro de 1956. Ex-governador de Minas Gerais, JK prometeu realizar, nos cinco anos de mandato, o equivalente a cinquenta anos de administração. Tinha pressa. Decidira construir a toque de caixa a nova capital do país. A obra faraônica no centro do território brasileiro era fundamental para cumprir o item-síntese de seu Programa de Metas: alavancar o desenvolvimento econômico com a interiorização do país. Nas palavras de JK, transformar a solidão do Planalto Central em “cérebro das altas decisões nacionais”.

Em outubro de 1956, Juscelino levou sua comitiva (entre eles o arquiteto Oscar Niemeyer, previamente definido como o responsável pelo traço dos palácios e monumentos da nova sede do poder) para conhecer, no interior de Goiás, próximo à cidade histórica de Planaltina, o local

demarcado para sediar a capital. O avião Douglas da Força Aérea Brasileira (FAB) aterrissou, sob comando de Bernardo Sayão, em pista aberta na Fazenda do Gama, no meio do mato. Cercado por vegetação rasteira e árvores retorcidas, sem sinal de vida humana por perto, o general Henrique Lott virou-se para o presidente e o interpelou:

— O senhor vai mesmo construir uma cidade aqui?

— Não só vou construí-la, general, mas vou transmitir a faixa presidencial ao meu sucessor já instalado aqui.

O projeto da capital foi escolhido menos de um ano depois, em 16 de março de 1957, por uma comissão de seis arquitetos. Nascido em Toulon, na França, filho de baiano e amazonense, o urbanista Lucio Costa estava entre os 26 participantes da concorrência. A descrição de seu projeto causou perplexidade ao começar com um pedido de desculpas. Afirmava que não pretendia competir: “Apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta”. Em dezessete páginas datilografadas e ilustradas com desenhos em tinta nanquim, apresentou as diretrizes da nova cidade, ideia que “nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”. Eis, nas palavras do urbanista, a concepção de Brasília, “capital aérea-rodoviária, cidade-parque, sonho arquissecular do patriarca” – referência à utilização do nome sugerido por José Bonifácio de Andrada ao propor, em 1823, a transferência da capital para a comarca mineira de Paracatu do Príncipe. “Mas esta é a maior contribuição urbanística do século XX!”, espantou-se Sir William Holford, presidente da comissão julgadora.

O que encantou o arquiteto inglês foi o fato de Lucio Costa ter ido além do que deve formalmente constar num projeto urbanístico. Sim, havia a descrição pormenorizada da divisão da cidade, a criação de uma esplanada para o poder, tudo conforme a encomenda. Mas havia mais: Costa elogiava a própria solução que imaginara por ser “mesmo monumental, também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. E ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional”. Essa nova organização espacial, vaticinou, criaria “uma cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro do governo e administração, um foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país”. Como definiu o poeta Carlos Drummond de Andrade,

que trabalhava ao lado de Lucio Costa no Rio e, por isso, pôde ler o projeto original: “Peguei da folha e tive entre os dedos nada menos do que a cidade de Brasília, inexistente e completa, como um germe contém e resume a vida de um homem, uma árvore, uma civilização [...]. Era um rabisco e pulsava”.

Operários vindos de diversas partes do país, especialmente das regiões Nordeste e Centro-Oeste, trabalharam ininterruptamente para fazer o rabisco pulsar no prazo fixado por JK. Muito calor de dia, muito frio de noite; a variação brusca de temperatura, aliada à baixa umidade, acentuava o desconforto. Centenas de trabalhadores tombaram ao longo da jornada – doenças, excesso de fadiga, acidentes de trabalho. Muitos tiveram morte instantânea ao despençar das estruturas dos prédios dos ministérios e do Congresso Nacional. Igualmente instantânea era a remoção dos corpos, para não assustar os sobreviventes e não comprometer o ritmo frenético da construção. As baixas não desestimulavam Juscelino, que inspecionava as obras e reafirmava a cada operário a necessidade de cumprir o prazo que fixara:

— Como é, vai me dar essa obra na data marcada?

— É claro, presidente!

Juscelino queria ir além da realização administrativa. Queria entregar ao Brasil uma obra de arte – e embalada para presente. Com ajuda de Niemeyer, amigo de Tom Jobim e Vinicius de Moraes desde a elaboração dos cenários de *Orfeu da Conceição*, convenceu ambos a deixar Ipanema por uns tempos. Os músicos ficariam hospedados na residência presidencial provisória, o Catetinho. O objetivo era buscar, *in loco*, a inspiração para compor uma sinfonia a ser executada pela primeira vez na inauguração da capital, nos moldes do espetáculo *Som e luz*, apresentado nos jardins de Versalhes, na França. Vinicius se entusiasmou com a ideia:

— Eu acredito em Oscar, acredito em Brasília e sou fã de JK. Como não aceitar convite tão honroso?

O método de trabalho da dupla no Catetinho revelou-se pouco ortodoxo: enquanto bebericava uísque à procura das palavras encomendadas, Vinicius observava do alpendre “a silhueta quase sobrenatural da cidade na linha extrema do horizonte, recortada contra auroras e poentes de indizível beleza”. Tom Jobim, caçador de sons, preferia se aventurar no mato cerrado para escutar os piados das perdizes, jaós e outros pássaros. Foram dez dias de sossego. O *dolce far niente* no Catetinho deu certo. Nasceu *Brasília, sinfonia da alvorada*, peça dividida em cinco movimentos: *O planalto*

deserto, O homem, A chegada dos candangos, O trabalho e a construção e O coral. Porém, não chegou a ser executada na inauguração: faltou dinheiro para pagar a orquestra.

Graças ao esforço de milhares de trabalhadores anônimos, JK conseguiu o que tanto almejou. Em 21 de abril de 1960, uma quinta-feira, apresentou Brasília ao mundo. No discurso de inauguração, no Palácio do Planalto, o presidente lembrou que a decisão de construir a capital veio “da certeza que era chegado o momento de estabelecer o equilíbrio do país, promover o seu progresso harmônico, prevenir o perigo de uma excessiva desigualdade no desenvolvimento das diversas regiões brasileiras, forçando o ritmo de nossa interiorização”.

Diante de chefes de Estado, Juscelino deu por cumprido “o dever mais ousado, o mais dramático dever”. Identificou a esperança como a maior companheira de viagem: “Ela amparou-nos a todos, a mim e a essa esplêndida legião”. E, depois de saudar “o milagre de Brasília”, confiou aos brasileiros a seguinte missão: “Explicai a vossos filhos o que está sendo feito agora. É sobretudo para eles que se ergue esta cidade-síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que nos hão de julgar amanhã”. Revolução renunciada, Juscelino Kubitschek de Oliveira declarou inaugurada a nova capital dos Estados Unidos do Brasil.

Orgulhoso, o presidente fizera questão de convidar personalidades brasileiras e internacionais para conhecer a obra grandiosa. O cosmonauta soviético Yuri Gagarin afirmou se sentir “em outro planeta”. O cubano Fidel Castro, em sobrevoo de helicóptero acompanhado de JK, se entusiasmou:

— É uma felicidade ser jovem nesse país, presidente.

Autor de *Admirável mundo novo*, o inglês Aldous Huxley percorreu a cidade e comentou com o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre a sua estranheza com o fato de cientistas sociais não terem sido ouvidos durante a construção da capital:

— Uma cidade nova é um problema de vida e portanto de antropologia, de sociologia e de biologia. De modo algum, um problema apenas de arquitetura.

O autor de *Casa-grande & Senzala* concordou e recomendou ao visitante:

— Me parece interessantíssimo, para um estrangeiro empenhado em conhecer o Brasil, um contato com a Amazônia. Como Manaus, que tem

encantos que talvez faltem a Brasília, pois já foi uma ação do tempo sobre o que foi outrora pura aventura: ação do tempo que falta ainda a Brasília, é claro, tão virgem de qualquer tempo que não seja o biológico.

O sociólogo arriscou um palpite:

— Talvez esteja a se reproduzir em Brasília um conjunto teatral ou cenográfico de edifícios sem raízes biológicas nem articulações sociológicas.

O escritor André Malraux, à época ministro da Cultura da França, esteve na cidade também em 1959 e foi mais generoso. Caprichou nos superlativos. Olhou o monumental canteiro de obras e conseguiu enxergar “a primeira das capitais de uma nova civilização, cidade feita unicamente pela vontade humana”. Malraux também cunhou o epíteto “a capital da esperança”, expressão que agradou tanto a Juscelino que foi citada no discurso de inauguração.

Menos de um ano depois da visita do escritor francês, foi a vez de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Ciceroneados por outro casal de escritores, Jorge Amado e Zélia Gattai, os franceses cumpriram na capital uma das etapas de extensa turnê pelo país. Provocado por um grupo de intelectuais cariocas a escrever um livro sobre a viagem, o filósofo respondeu:

— Façam uma revolução e verei.

A autora de *O segundo sexo*, assim como o compatriota Malraux, ficou impressionada em sua passagem por Brasília. Mal impressionada. Em seus diários, Beauvoir criticou a “loucura de erguer uma cidade tão artificial em meio a um deserto”. Revelou que guardara a impressão de ter presenciado “o nascer de um monstro cujos corações e pulmões funcionavam artificialmente, graças a processos de um custo mirabolante”, e considerou a obra como “a mais demente lucubração que o cérebro humano jamais concebeu”, sentenciando, de forma inapelável:

“Esta cidade jamais terá alma, coração, carne ou sangue.”

Alma, coração, carne e sangue não nascem no traço do arquiteto ou no plano do urbanista. Tampouco por meio de decreto presidencial. A vida dos primeiros 100 mil habitantes da cidade era sinônimo de adaptação: ao clima, ao concreto, aos imensos espaços vazios, à ausência... Primeiras cobaias na experiência engendrada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Mestre de ambos, o suíço Le Corbusier esteve na cidade em 1962 e elogiou

“a aliança de três figuras: do arquiteto, do urbanista e do governante, sem as quais as coisas não acontecem”. No mesmo ano, a escritora Clarice Lispector deu suas impressões sobre a obra de Lucio Costa e Niemeyer: “Eu sei o que os dois quiseram: a lentidão e o silêncio, que é também a minha ideia que faço de eternidade. Os dois criaram o retrato de uma cidade eterna”. A escritora ficou impressionada com o que sentiu na capital: “Há alguma coisa aqui que me dá medo. Quando eu descobrir o que me assusta, saberei também o que amo aqui”. Após afirmar que a cidade parecia uma prisão ao ar livre (“Em Brasília não há por onde entrar nem por onde sair”), Lispector acenou com a certeza do retorno:

— Sei que voltarei.

Enquanto isso, a euforia do final dos anos 1950 dava lugar à apreensão quanto aos rumos do país e do mundo. A Guerra Fria, confronto velado entre os Estados Unidos e a União Soviética, respingava em todos os continentes. Em julho de 1961, o filósofo inglês Bertrand Russell expressou pessimismo em relação ao futuro da humanidade diante dos fatos recentes protagonizados pelas duas superpotências mundiais: “Estou escrevendo num momento sombrio e é impossível saber se a raça humana durará o bastante para que seja publicado o que ora escrevo, ou se publicado, para que seja lido”.

Tem futuro o homem? foi lançado no Brasil pela editora Civilização Brasileira em 1962. O texto da contracapa conclama: “Se você não quer viver eternamente no angustioso clima da Guerra Fria, se você quer abrir os jornais da manhã e não ter estragado todo o seu dia, se você entende que o Brasil – e você dentro dele – deve lutar pela paz mundial, leia este pequeno-grande livro e comece a agir agora mesmo!”.

Nascido em 1872, o britânico Bertrand Russell já tinha se consagrado como um dos mais influentes pensadores do mundo ocidental quando lançou o livro. Causara revolta pelos elogios públicos à atitude conciliatória do governo de Nikita Khrushchev, em contraposição à estratégia militarista de John Kennedy, no episódio da frustrada invasão dos Estados Unidos à Cuba. Na obra, o autor explica a atração do homem pelos conflitos bélicos, lembrando que muitos se queixam da monotonia em um mundo sem guerras:

Muita gente vive vidas sumamente desinteressantes e circunscritas, e que, dentre elas, algumas acham que podiam pelo menos fazer

algo importante e encontrar alívio ao seu tédio se, no decurso de uma guerra, fossem transportadas para países distantes e tivessem oportunidade de ver maneiras de vida diferentes das que estão acostumadas a viver em seu país.

Russell defendia que os governos deviam financiar viagens com direito a “tudo que os jovens irrequietenos pudessem desejar”, aventuras capazes de exigir disciplina, cooperação, responsabilidade de seus participantes. Jovens irrequietenos de todo o mundo, inclusive um nascido em Liverpool em 1942 chamado James Paul McCartney, se encantaram com as ideias de Russell. Ao sonhar com a transição do período de medo coletivo ao da garantia da liberdade individual, o filósofo lançou a pergunta: “Que seria da arte e da literatura em tal mundo?”. O próprio Russell arriscou responder: “Num mundo de educação mais aventureira, a nossa poesia e a nossa arte poderiam alargar-se, abrangendo novos mundos, que seriam descritos em novos poemas épicos”.

Enquanto a “ameaça vermelha” da expansão do comunismo assombra as repúblicas ocidentais, Brasília sedia pela primeira vez a cerimônia de posse de um presidente. Sucessor de Juscelino, Jânio Quadros fora eleito em setembro de 1960 com 5,6 milhões de votos, entre eles o de Renato Manfredini. Carminha não votou, mas aprovou a opção do marido:

— O Jânio é um homem muito firme. E sabe português como poucos!

Jânio da Silva Quadros é empossado no Palácio do Planalto em janeiro de 1961. Nos sete meses no poder, toma decisões que desagradam aos Estados Unidos, como a adoção de uma política externa independente e a concessão da Grã-Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração do governo brasileiro, ao guerrilheiro Che Guevara. Além disso, em nome da decência e dos bons costumes, Jânio proíbe o uso de biquíni nos concursos de miss e o consumo de lança-perfume nos bailes de carnaval. Nomeia o poeta Ferreira Gullar para a Fundação Cultural, e este, ao assumir o cargo administrativo, se vê confrontado com os problemas sociais brasileiros. Mesmo breve, a experiência transforma o escritor maranhense — vanguardista na chegada, poeta engajado na despedida. Gullar volta para o Rio e adere aos movimentos populares de cultura.

Jânio Quadros causa perplexidade ao renunciar à presidência no dia 25 de agosto de 1961. Atribui a decisão às “forças terríveis” que desejavam

apeá-lo do Planalto. Em viagem na China, o vice-presidente João Goulart, o Jango, não assume de imediato – além disso, os ministros militares não o consideram confiável por conta de sua suposta simpatia pelo socialismo. A solução para o impasse só veio depois de aprovada no Congresso a emenda que instituía o regime parlamentarista no Brasil e, automaticamente, reduzia os poderes do Presidente da República. O senador mineiro Tancredo Neves é eleito primeiro-ministro.

Em janeiro de 1963, um plebiscito devolve a Goulart os plenos poderes executivos. Entre outras decisões, o presidente reata relações diplomáticas com a União Soviética e procura reduzir a participação de empresas estrangeiras na economia brasileira. Contudo, não tem muito tempo para admirar as colunas de mármore do Palácio do Alvorada, residência oficial do Presidente da República, considerada a obra-prima de Oscar Niemeyer.

Os quinze meses de Jango no poder são de crescente tensão. Em 13 de março de 1964, diante de 150 mil pessoas na Central do Brasil, ele anuncia reformas profundas, desagradando empresários e latifundiários. Menos de uma semana depois, ocorre em São Paulo a Marcha da Família com Deus Pela Liberdade, apoiada por grande parte da imprensa. O objetivo é alertar a população para o risco de o comunismo ser implantado no Brasil durante o mandato de Goulart. A Revolução Redentora está a caminho.

Na manhã de 1º de abril de 1964, cinco dias depois da festa de quatro anos de Renato Manfredini Junior no Rio de Janeiro e 21 dias antes da festa de quatro anos de Brasília, a democracia brasileira sofre um golpe. Os militares depõem João Goulart e escolhem um deles para ocupar o Planalto a partir de 15 de abril.

“A posse do general Humberto Castelo Branco na Presidência da República, hoje à tarde, é a quinta cerimônia desse tipo que se realiza em Brasília em seus quatro anos incompletos de existência como capital do país”, observa o jornalista Carlos Castello Branco, o Castelinho. Tanques de guerra invadem o Eixo Monumental, passam ao lado da Torre de TV e seguem pelo Eixo Rodoviário até o aeroporto para sufocar um dos raros focos de rebelião. “A nova capital foi também, nesse período, palco de uma revolução frustrada, a dos sargentos, e cenário de numerosas crises políticas, além de ter sido nestes dias atingida pelas ações militares de coroamento da Revolução vitoriosa”, descreve Castelinho em sua coluna no *Jornal do Brasil*, antes de arrematar: “Poucas capitais do mundo

apresentarão, em tão pouco tempo, saldo tão dramático de experiências políticas”.

Carminha Manfredini vê os tanques nas ruas e as passeatas no centro do Rio, mas não se dá conta do delicado momento político pelo qual o Brasil atravessa. Sem grande interesse na política, sua militância social era exercida dentro de casa – abominava, por exemplo, a ideia de deixar os filhos sob os olhos de babás, como fazia boa parte das mulheres que trabalhavam fora. Carminha abdicara do magistério para ficar próxima das crianças. Não se arrependia.

Aluno da escola Formiguinha Gida (nome de um dos personagens do programa infantil *Gladys e seus bichinhos*, da TV Tupi), Junior não dá trabalho no primeiro contato com a vida escolar. As professoras destacam não só a facilidade do garoto para escrever, mas também a imaginação desabrida e a capacidade de fazer amigos dentro de sala de aula. Era um menino querido. Enquanto isso, no Planalto, a capital começa a sentir o golpe. A primeira pancada mira o cérebro. Atinge a Universidade de Brasília (UnB).

Localizado na Asa Norte, a menos de cinco quilômetros da Praça dos Três Poderes, o campus da UnB era território da inovação a partir da própria disposição espacial: todos os cursos, agrupados em institutos centrais e faculdades, ficavam no mesmo terreno, condição essencial para alcançar o objetivo maior traçado pelo antropólogo Darcy Ribeiro a partir de discussões com o educador Anísio Teixeira. Ex-ministro da Educação e primeiro reitor da UnB, Darcy apostou na formação diferenciada para uma nova geração de cientistas e técnicos “capazes de investigar os problemas brasileiros, com o propósito de buscar soluções adequadas e originais”. Em depoimento à revista *Senhor*, em janeiro de 1962, Ribeiro explicou o que pretendia com o inovador modelo organizacional:

Professores e alunos viverão numa comunidade efetivamente universitária. O contato permanente entre alunos e mestres dos vários institutos e faculdades permitirá constituir-se um lastro de experiência cultural básica para todos os que passem pela universidade. Mestres inteiramente devotados ao ensino e à pesquisa, convivendo com seus alunos no campus comum, comporão o ambiente próprio à transmissão de experiência, não

apenas no caráter técnico do ensinamento de lições formais e de adestramento profissional, mas no sentido mais profundo de infundir atitudes e valores, e, através deles, plasmar mentalidades mais abertas, mais generosas e mais lúcidas.

Professores de perfil progressista, alunos concentrados em um só lugar, ideias fervilhando, vocação natural para a integração, múltiplas funções... Foco potencial de rebeldia. Área estrategicamente concebida para, segundo Darcy, “garantir à Brasília a capacidade de interagir com os principais centros culturais do país e dar à população local uma perspectiva cultural que a libertará do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo”. A UnB é invadida pela primeira vez em abril de 1964.

Tropas do Exército e da Polícia Militar entram no campus à procura de material subversivo. Além de livros de Marx e Lênin, recolhem obras consideradas apologia ao comunismo – as que tinham capas vermelhas. Apreendem a bandeira do Japão, achando que se tratava do pavilhão da China. Invadem a gráfica do Instituto de Artes à procura de publicações impressas com tintas doadas pela República Democrática Alemã. Têm, contudo, dificuldade em identificar a origem da subversão:

— Essas tintas vieram da Alemanha federal ou comunista?

A invasão provoca revolta entre os professores. Meses depois, eles se reúnem e formam uma comissão para negociar com o presidente Castelo Branco, no Palácio do Planalto, o fim da hostilidade. Enquanto explica a proposta inovadora da universidade, um dos docentes é interrompido pelo presidente:

— Entendi, entendi. O senhor está me dizendo que a formação de um jovem na UnB é como a formação de um cadete na Aman [Academia Militar das Agulhas Negras]...

A conversa se mostra infrutífera. A cobrança dos militares em cima da UnB é cada vez maior. Castelo Branco, ao perceber que a universidade ainda emite sinais de resistência, comunica ao reitor Zeferino Vaz:

— O senhor ainda tem muito o que fazer por lá.

E cobra a lista dos insurgentes. Após a demissão de dezesseis professores, outros 223 se demitem, em solidariedade aos colegas – o equivalente a 80% do corpo docente, entre eles, nomes que ajudaram a construir a universidade e outros oriundos do primeiro time da arte e do

pensamento brasileiros, como Alcides da Rocha Miranda, Luis Humberto, Décio Pignatari, Nelson Pereira dos Santos, Rogério Duprat, Athos Bulcão e Paulo Emílio Sales Gomes. Dois anos antes, Sales Gomes tinha sintetizado em uma frase o seu entusiasmo com o projeto da capital: “É incrível como chegou rápido o momento em que ser brasileiro não é mais possível sem a ótica de Brasília”.

As sucessivas intervenções do governo federal, na base da caneta e do cassete, minam a ideia de uma universidade moderna, capaz de renovar o ensino superior do país e contagiá-lo com a visão utópica surgida na capital. Seis anos depois da inauguração, a UnB sangra a céu aberto.

Por outro lado, a disseminação da proposta arrojada da universidade continua a atrair profissionais de outros estados. O curso de Biblioteconomia, por exemplo, tinha sido criado em 1962, mas, três anos depois, sofrido demissões em massa. Um dos profissionais da área, Antônio Agenor Briquet de Lemos, é convidado e aceita, apesar do protesto dos amigos:

— Você vai para Brasília logo agora?! Você é louco, Briquet! Não faça isso!

Briquet de Lemos não muda de ideia. Sabia que o clima político era tenso, mas pesa na decisão a possibilidade de encurtar consideravelmente a distância casa-trabalho e passar mais tempo com a família. Naquela época, Briquet trabalhava no centro do Rio e morava no Jardim Sulacap, na zona oeste – uma hora e meia gasta diariamente dentro de três ônibus. Quase não via as crianças durante a semana: ao sair, eles estavam no colégio; quando voltava, já dormiam. Em Brasília, seria bem diferente, calculou. Poderia almoçar em casa, dividir as refeições com a mulher, Lúcia, e os três filhos, Antonio Felipe (Fê), Flávio e a caçula, Helena. Mas o valor do aluguel no Plano Piloto não cabia no orçamento de um professor universitário. Um dia, no campus, ao lamentar a dificuldade de moradia, um colega lembrou:

— Se ainda existisse algum apartamento vago na Colina...

— Colina? O que é Colina?

— Você não sabe, Briquet? Olha ali!

Apontou para o conjunto de quatro edifícios desenhados pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, destinados aos funcionários e professores da UnB. Barro e mato cercavam os prédios, construídos acima do edifício central da universidade e isolados das superquadras da Asa Norte. Não havia lojas próximas, apenas um barraco de madeira onde os moradores se

abasteciam de pão e leite. Compras maiores, só no mercado da Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB), a pouco mais de um quilômetro.

Dois fatores compensavam as dificuldades: o valor do aluguel era um décimo do cobrado pela locação de um imóvel com a mesma área na Asa Sul. E os prédios da Colina ficavam a poucas dezenas de metros do campus, dava para ir a pé até o trabalho. Briquet, até então hospedado no hotel Brasília Palace, não teve dúvidas. Alugou um apartamento de dois quartos no bloco B. Assim, em maio de 1968, a família Briquet de Lemos deixou o Jardim Sulacap e chegou à Asa Norte. Como tinham alertado os amigos cariocas, Brasília já estava envolta numa névoa de tensão.

Briquet chegou com a família quando a nova capital brasileira, que já havia sentido a mudança de rumo com a chegada dos militares ao poder, acabara de passar por outro momento de intensa turbulência. Tudo porque o mundo ferveu em maio de 1968 – mas o Brasil tinha atingido a ebulição dois meses antes. Em 28 de março, no centro do Rio de Janeiro, a Polícia Militar atacou estudantes que protestavam contra a qualidade da comida do restaurante Calabouço. Um dos policiais deu um tiro no peito do secundarista Edson Luís, 18 anos, que morreu antes de chegar ao hospital. Os jornais noticiaram a morte com estardalhaço: “Assassinato”, estampou o *Correio da Manhã*. O colunista Heron Domingues, apresentador do *Repórter Esso*, recomendou aos pais: “Os jovens precisam ser alertados sobre os perigos das agitações políticas. Mantenham seus filhos menores fora de reuniões suspeitas e não permitam sua participação em aglomerados nas ruas”. Conselho inócuo: o cortejo fúnebre reuniu cinquenta mil pessoas, munidas de faixas como “Bala mata fome” e “Os velhos no poder, os jovens no caixão”.

Os jovens no Planalto também se insurgiram ao saber da morte de Edson Luís. Na manhã do dia 29, mais de três mil estudantes e secundaristas se reuniram no auditório Dois Candangos, na UnB. Hastearam a bandeira brasileira a meio mastro e anunciaram a suspensão das aulas. Decidiram dar o nome de Edson Luís à praça em frente ao prédio da Faculdade de Educação. Picharam a placa indicativa da entrada da universidade, que recebeu adendo (“Território livre”) e frase de protesto: “Ditadura mata estudante”.

Os boatos de que os estudantes iriam enfrentar os militares se multiplicaram pelas superquadras. Na 110 Sul, as crianças que moravam

nos blocos exclusivos da Aeronáutica foram orientadas a subir e permanecer nos apartamentos. Filhos de oficiais graduados, a maioria deles ligada à Presidência da República, poderiam ser alvo de alguma represália – falava-se até em sequestro. Da janela, os garotos observavam a chegada de tropas que cercaram os prédios para garantir a segurança dos moradores.

À noite, o protesto virou confronto. Aos gritos de “Assassinos!” e “Abaixo a ditadura!”, os estudantes invadiram a avenida W3 Sul, a mais movimentada da cidade. Em um dos cartazes, a conexão direta com o episódio do Calabouço: “Sou muito jovem, não me matem pelo amor de Deus.”

Jatos d’água e bombas de gás lacrimogêneo reprimiram a manifestação. Reforçados por populares, os estudantes deram o troco e, aos pontapés, conseguiram virar um carro da polícia. Os policiais partiram para cima, agredindo também políticos que estavam na linha de frente da manifestação, como os deputados Hermano Alves, Mario Covas e Bernardo Cabral. Os políticos interpelaram o comandante das tropas, Alzir Nunes Gay, sobre o uso excessivo da força. A resposta do coronel Gay foi lacônica:

— Sou militar, obedeço ordens.

Na Praça 21 de Abril, na 708 Sul, manifestantes incendiaram dois palanques de madeira. As labaredas rasgaram a escuridão e o cheiro de fumaça invadiu as casas da Asa Sul. Era março de 1968 e Brasília ardia.

Os protestos se espalharam pelo país. Em comício em Apucarana, no Paraná, o ex-governador da Guanabara, Carlos Lacerda, alertou: “Se não dermos orientação ao povo agora, esta juventude se desespera e vai às ruas enfrentando as metralhadoras, porque nos escondemos atrás das nossas consciências. Os moços hoje só podem existir com a condição de não falar. E se falar, são assassinados”. Um dos apoiadores do golpe de 1964, Lacerda agora liderava a Frente Ampla, movimento suprapartidário que contava com a participação dos ex-presidentes João Goulart e Juscelino Kubitschek para defender a redemocratização do país.

Caetano Veloso e Gilberto Gil, dois jovens baianos, tinham participado ativamente da formação da Frente Única da Música Popular Brasileira. Idealizada para produzir e apresentar quatro programas especiais na TV Record, a Frente incluía Elis Regina, Wilson Simonal e Geraldo Vandré. Foi no especial comandado pelo amigo Gil que Caetano apresentou pela primeira vez “Alegria, Alegria”, marchinha enviesada, intitulada a partir do

bordão utilizado pelo apresentador de televisão Chacrinha. A letra do jovem que caminha contra o vento “sem lenço, sem documento” é uma das primeiras no Brasil a citar o mais popular refrigerante da época: “Eu tomo uma coca-cola/ Ela pensa em casamento/ Uma canção me consola/ Eu vou”. Tomado pelo entusiasmo, Caetano avisa a Gil:

— Nós vamos deflagrar a revolução.

Com “Alegria, Alegria”, Caetano ensaia o lançamento de um novo movimento musical: o tropicalismo. Logo na faixa de abertura do disco *Tropicalia*, resolve apresentar a crônica do Brasil daqueles tempos, justapondo imagens e ideias “da aventura frustrante e reluzente de ser brasileiro”, como descreveria no livro de 1997 em que reconstrói suas memórias, *Verdade tropical*. E o coração dispara quando vem à mente o desejo de evocar “a capital-monumento, o sonho mágico transformado em experimento moderno – e, quase desde o princípio, o centro do poder abominável dos ditadores militares”. Caetano decide que, como síntese do pensamento, nada mais perfeito do que destacar Brasília como “o centro da canção-monumento aberrante”.

*Sobre a cabeça os aviões, sob os meus pés os caminhos
Aponta contra os chapadões meu nariz
Eu organizo o movimento, eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento no Planalto Central do país*

No fim de setembro de 1968, em São Paulo, o III Festival Internacional da Canção representa o batismo de fogo da revolução de Caetano. A plateia, ruidosa, vaia e xinga o cantor baiano enquanto ele, vestido de forma espalhafatosa (roupa de plástico verde e preta, peito coberto de colares feitos de fios elétricos com tomadas nas pontas) e acompanhado pelos Mutantes, tenta interpretar “É proibido proibir”. Furioso com a hostilidade, Caetano converte raiva em energia. E troca a música pelo sermão:

Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? [...] Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada! [...] Vocês estão por fora! [...] Mas que juventude é essa, que juventude é essa? Vocês jamais conterão ninguém! Vocês são iguais sabe a quem? [...] Àqueles [referindo-se aos militares] que foram ao Roda Viva e espancaram aqueles atores! [...] Eu e o Gil já abrimos o

caminho, o que é que vocês querem? [...] Gilberto Gil está comigo pra nós acabarmos com o festival e com toda a imbecilidade que reina no Brasil! Acabar com isso tudo de uma vez! [...] Nós, eu e ele, tivemos coragem de entrar em todas as estruturas e sair de todas, e vocês? E vocês? [...] Se vocês, em política, forem como são em estética, estamos feitos!

Ainda furioso, Caetano deixa o palco. Para sair do teatro, precisa de proteção policial. Ele decide retirar a música da competição, que estava na última noite da fase nacional e selecionaria seis composições para a finalíssima no Maracanãzinho. Nelson Rodrigues, ao comentar o episódio em crônica, ironiza: “A vaia selvagem com que o receberam já me deu uma certa náusea de ser brasileiro. Ele era um certo momento da consciência brasileira. E vimos como a implacável lucidez acuou e bateu a jovem obtusidade”.

A lucidez, contudo, estava em desvantagem no Brasil de 1968. Parlamentares da Aliança Renovadora Nacional (Arena), o partido do governo, demonstram preocupação com a inabilidade dos militares para conter “as demonstrações de rebeldia da mocidade”. Sob o manto do anonimato, contam aos jornalistas que falta vivência política aos “executores da nova ordem” na hora de reagir. Em vez de persuasão, opressão.

Às dez da manhã de 29 de agosto, a UnB é novamente invadida. Sob alegação de cumprir mandado de prisão de sete estudantes que tinham participado dos protestos de março, tropas da Polícia Militar e agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) entram no campus. Arrombam portas a pontapés; quebram equipamentos de laboratórios. No fim, acham um dos procurados: Honestino Guimarães, presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (FEUB). Arrastado para dentro do camburão na base dos socos e pontapés, o franzino Honestino grita:

— Quebraram meu braço!

Indiferente aos gritos do líder estudantil, um dos militares comemora, eufórico:

— Hoje é nosso dia! Hoje é nosso dia!

Professores e alunos são retirados das salas de aula e levados, em fila, para a quadra de basquete do campus. Lá, com as mãos cruzadas sobre a cabeça e sob a mira de metralhadoras, os detidos passam por uma triagem humilhante. Parlamentares que foram prestar solidariedade também sofrem agressões. Ao proteger o filho, o deputado Santilli Sobrinho leva um golpe de cassetete e grita:

— Eu sou deputado!

— Por isso mesmo, vai apanhar também...

Histórias de agressão aos estudantes se espalham pela cidade. Na mais recorrente delas, uma estudante grávida teria perdido o filho após ser golpeada com um cassetete equipado com dispositivo capaz de disparar choques nas vítimas – a intensidade da descarga elétrica teria provocado o aborto.

Briquet é um dos professores que assistem a tudo. Ele chega à Colina e narra para a mulher as cenas de violência no campus. Assustado com o relato do pai, Flávio exclama:

— Mãe, quando eu crescer, não quero ser estudante! Deve ser uma coisa muito ruim, a polícia bate, eles vão presos...

No dia seguinte, a reação: universitários e secundaristas decidem fazer passeata no final da tarde, com concentração em dois pontos, a Praça 21 de Abril e a SQS 303. Entre as recomendações, a orientação para evitar apedrejamento de ônibus – os passageiros dos coletivos deveriam ser abordados e conscientizados do ato em andamento. Mais de mil estudantes avançam pela contramão da avenida W3, paralisando o trânsito. Policiais à paisana reagem com cassetetes e bombas de gás. Os estudantes correm para dentro das quadras residenciais e, entre árvores e pilotis, se dispersam. Na avenida, fica apenas o cheiro de fumaça.

A truculência da invasão da UnB ecoa no Congresso. O líder do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) na Câmara, Mario Covas, alerta:

A responsabilidade pelos acontecimentos não pode ser debitada a autoridades subalternas, mas a todo o governo, sem exceções, pois o sistema de repressão age em seu nome, em defesa de seus objetivos antidemocráticos. Pela invasão da universidade, pela agressão a estudantes, professores e congressistas e pelos danos causados ao patrimônio público só responde o governo, que é a própria

encarnação da arbitrariedade. É o regime, implantado contra a consciência democrática nacional e que se ampara na força, o único responsável pelas brutalidades praticadas no país desde 1964.

Outros parlamentares elevam ainda mais o tom da crítica. Eleito pelo estado da Guanabara, o deputado Márcio Moreira Alves sobe à tribuna e conclama a população, “após os acontecimentos de Brasília”, a se unir pela democracia e boicotar o desfile de 7 de Setembro:

As cúpulas militaristas procuram explorar o sentimento de patriotismo do povo e pedirão aos colégios que desfilem junto com os algozes dos estudantes. Seria necessário que cada pai, cada mãe se compenetrasse de que a presença de seus filhos nesse desfile é um auxílio aos carrascos que os espancam e os metralham nas ruas.

A escalada de tensão é interrompida por alguns dias, no início de novembro, para a chegada de Sua Majestade, Rainha Elizabeth II, e a comitiva real britânica: Príncipe Philip, Lord Chalfort, Lady Rose Baring, Sir Martin Charteris, Lady Fairfax of Cameron... Na 308 Sul, três mil brasilienses se acotovela para ver a rainha de perto. No jardim de infância da quadra considerada modelo do projeto urbanístico de Lucio Costa, Elizabeth II recebe rosas de 23 crianças vestidas com a indumentária da Guarda Real do Palácio de Buckingham, confeccionada com papel crepom vermelho. Ao visitar a Torre de TV, mais mimos para a rainha: o prefeito do Distrito Federal a presenteia com duas onças. Empalhadas? Não, vivíssimas. Uma preta, Alzira, e uma pintada, Marquês do Guará.

A rainha seria novamente surpreendida poucas horas depois. Em jantar de gala oferecido pelo governo brasileiro no Itamaraty, o presidente Costa e Silva, entusiasmado com a presença de Elizabeth II e com o uísque servido no banquete, quebra o protocolo. Após encerrar seu discurso, pede a palavra novamente e brada, antes de brindar:

— *God save the queen!*

O avião da Royal Air Force com a comitiva britânica deixa Brasília no mesmo dia em que o pedido dos militares para processar Márcio Moreira Alves no Supremo Tribunal Federal chega à Câmara dos Deputados. Com 216 votos contra e 141 a favor, o plenário rejeita o pedido. Ao tomar conhecimento do placar, a caminho do Palácio das Laranjeiras, no Rio, um

enfurecido Costa e Silva avisa ao chefe da Casa Militar, general Jayme Portella:

— Fiz tudo para que atendessem aos apelos para desagravar as Forças Armadas. Agora vão ver.

O presidente se isola no gabinete, no segundo andar da sede oficial da Presidência no Rio. Não quer receber ninguém, nem os ministros mais próximos, muito menos os generais, eriçadíssimos com o resultado da votação do Congresso. Costa e Silva escuta música clássica, faz palavras cruzadas, assiste a um faroeste na TV... passa a noite em claro. Quando amanhece a sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, o presidente tem tomada sua decisão. Poucas horas mais tarde, após reunião do Conselho de Segurança Nacional, é decretado o Ato Institucional nº 5. Justificativa oficial: preservar os ideais da Revolução de Março de 1964.

O processo revolucionário em desenvolvimento não pode ser detido. No entanto, atos nitidamente subversivos, oriundos dos mais distintos setores políticos e culturais, comprovam que os instrumentos jurídicos que a Revolução vitoriosa outorgou à Nação para seu desenvolvimento e bem-estar de seu povo estão servindo de meios para combatê-la e destruí-la.

O AI-5 deformava a simetria entre os poderes. Entre os doze artigos, o ato concedia ao Presidente da República autoridade para subjugar o Poder Legislativo e decretar o recesso do Congresso Nacional – como foi feito de imediato, por meio do Ato Complementar nº 38. O presidente também poderia cassar direitos políticos por dez anos, decretar estado de sítio, suspender o direito de *habeas corpus* para acusados de crimes políticos, cercear o direito de ir e vir. O Estado poderia vigiar e punir cidadãos por atos e ideias.

O ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, detalha os motivos da decisão. Depois de lembrar os “indiscutíveis benefícios morais e materiais” obtidos pelo Brasil com a Revolução de 1964, o ministro lembra que “forças adversas iniciaram movimentos de agitação, de subversão, comprometendo a ordem política e social, gerando intranquilidade”. Nos últimos meses, ainda segundo Gama e Silva, a agitação havia aumentado e a “guerra revolucionária” chegara ao Congresso Nacional, daí a necessidade imperiosa de esvaziar a sede do Poder Legislativo.

O presidente do Congresso, Pedro Aleixo, ao tomar conhecimento do AI-5, limita-se a constatar: “Saímos de um estado de direito para entrar na área do estado de fato”. Dirige preces a Deus, “para que tudo se resolva a contento e o país permaneça íntegro e se possa transformar na grande poderosa nação que todos seus filhos almejam”, e finaliza: “Agora sob um novo regime, declaro que a nossa missão está encerrada”.

Na mesma edição dos jornais de Brasília que circularam com a íntegra do AI-5, o sofisticado Iate Clube anuncia a abertura da sede “para o povo em geral” naquela noite. Motivo: a apresentação única do cantor paraibano Geraldo Vandré no show *Pra não dizer que não falei de flores*, título da música-símbolo dos protestos dos estudantes ao longo do ano. Interpretada no Festival Internacional da Canção, diante de um Maracanãzinho lotado, a música ficou em segundo lugar. Perdeu para a delicada “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque. O resultado recebeu vaias da plateia que, sem tempo para delicadezas, caíra de amores pelos versos inflamados de Vandré.

*Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos e construções
[...]
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*

Geraldo Vandré estava com seu grupo, o Quarteto Livre, na cidade goiana de Anápolis, a 160 quilômetros do Distrito Federal, quando o golpe explodiu. Comentou com um dos músicos, Geraldo Azevedo, que tinha recebido uma ligação o advertindo para não ir a Brasília – o Exército procurava por ele na casa de parentes no Rio e sua casa em São Paulo tinha sido invadida. Era preciso permanecer longe da capital. A bordo de dois Impalas, seguem em direção ao Rio de Janeiro. No caminho, Vandré manda parar e sai do carro. Evocando o ídolo Che Guevara, fala para os músicos:

— Acho que vou ficar aqui, no mato. Vou fazer uma guerrilha, vou procurar o povo.

Os integrantes do Quarteto Livre se desesperam. “Vou dar umas porradas nesse cara”, avisa Naná Vasconcelos.

Vandré é convencido a voltar para o carro e seguir viagem. Já no Rio, consegue se esconder no apartamento de Aracy Carvalho, viúva do escritor

Guimarães Rosa, e no sítio de sua namorada, a socialite Marisa Urban. Recebe a visita de Geraldo Azevedo, com quem finaliza a música “Canção da despedida”, que cita “Um rei mal coroado/ Que não queria o amor em seu reinado/ Pois sabia/ Não ia ser amado”, alusão ao “rei Arthur”, o marechal Arthur da Costa e Silva. No refrão, a constatação e a promessa:

*Já vou embora, mas sei que vou voltar
Amor não chora, se eu volto é pra ficar*

O cantor ultrapassa a fronteira e chega ao Uruguai.

Brasília não assiste ao show de Geraldo Vandré. Em dezembro de 1968, o silêncio vence a música.

Os Manfredini passaram ao largo do furacão de protestos que varreu Rio, Brasília, São Paulo e outras capitais brasileiras em 1968. Estavam no meio da temporada de dois anos da bolsa de estudos em Nova York obtida pelo chefe da família. Moravam em um apartamento de dois quartos no distrito do Queens. Junior foi matriculado em uma escola pública e impressionou a professora quando, instado a listar os livros que já tinha lido, relacionou mais de trinta títulos. A direção da escola chamou a mãe do aluno brasileiro:

— Creio que está havendo uma confusão, seu filho tem dificuldades de compreender a tarefa. Não são os livros que ele gostaria de ler, mas os que ele já leu.

Carminha esclareceu, para espanto da professora:

— Não, ele entendeu direito. Ele já leu todos esses livros.

Enquanto o marido se debruçava nos estudos, a esposa tentava se enturmar. Por acaso, conheceu uma família de brasileiros muito simpáticos, parentes de Laudo Natel, governador paulista nomeado pelos militares. Logo firmaram amizade. Carminha levava os filhos para explorar Manhattan: musicais na Broadway, patinação no Rockefeller Center, cinema na Times Square. Depois de uma sessão de *Yellow Submarine*, a animação lisérgica protagonizada pelos Beatles, a reação das crianças não poderia ter sido diferente:

— Junior, isso é horrível! Não tem história, e esses monstros são assustadores.

— Carmem Teresa, é muito bacana. E é só um desenho! De-se-nho!

Os dois demonstravam maior sintonia nas expedições ao ar livre. No verão, se refrescavam com deliciosos banhos de esguicho no Central Park; a menina de biquíni, o menino de calção vermelho. No inverno, agasalhados com casacos e gorros, os irmãos brincavam no tapete branco deixado pelas fortes nevascas. Encantados com o espetáculo, chegavam a devorar os flocos de neve. Tiveram um Natal cinematográfico em 1968 – visita à Casa do Papai Noel, Bing Crosby na vitrola e passeio no trenó comprado pelos pais.

Os Estados Unidos atravessavam um período de eclosão dos protestos sociais – e não apenas em virtude das manifestações contra a participação do país na Guerra do Vietnã. Nova York foi o estopim de alguns desses focos de rebeldia. Em junho de 1969, homossexuais que frequentavam o bar Stonewall, em Manhattan, partiram para o confronto com policiais após a prisão abusiva de clientes do estabelecimento. A cada coronhada recebida, revidavam com garrafas e gritavam: “*Gay power! Gay power!*”. O conflito se prolongou por cinco dias no Greenwich Village e se tornou marco do início da militância homossexual, até então timidamente esboçada dentro das universidades de Cambridge e Cornell.

Apesar da grande repercussão, os conflitos em Manhattan não chegavam a afetar a rotina dos moradores do subúrbio nova-iorquino. Com imagens coloridas, novidade da época, os Manfredini acompanharam pela televisão fatos importantes, como a chegada do homem à Lua. Quando conseguia uma folga dos estudos, o pai preferia levar os filhos para programas mais amenos, a exemplo do tradicional parque de diversões de Long Island. Ou para a prática do hobby predileto da família: acampar.

* * *

Do Brasil, chegavam notícias esparsas. A preocupação maior era com o tio-avô, Júlio Manfredini, 84 anos, comunista histórico que morava em Curitiba e defendia publicamente, com convicção e sem proselitismo, as ideias de Lênin, Engels e Marx. Um dos netos, Luiz, logo abraçou o ideário de Júlio. Quando criança, viu a euforia do pai, Javert, e do avô ao acompanhar pelo *Repórter Esso* os feitos soviéticos na corrida espacial – o lançamento do satélite Sputnik, o primeiro voo orbital com Yuri Gagarin. Cheio de entusiasmo, Javert comentou com o filho:

— Na União Soviética, os membros do partido são as pessoas mais respeitáveis da sociedade.

Em 1966, Luiz Alberto Manfredini tinha 16 anos e um desejo imenso: encontrar uma forma de transformar o mundo, “do ponto de vista estratégico”, a partir da discussão de seu papel na sociedade. Não gostava de rock, achava que o gênero importado dos Estados Unidos não tinha o que dizer para os jovens brasileiros, e associou-se à Ação Popular (AP). Estudante do Colégio Militar, participou da diretoria da Sociedade Literária Riachuelo, grêmio estudantil onde funcionava uma célula da AP, que se reunia aos sábados na Biblioteca Pública de Curitiba. Junto à organização, criou um jornal que, por conta de uma entrevista com Geraldo Vandré e outras matérias tidas como “subversivas”, foi censurado pela direção. Em junho de 1967, Luiz saiu da instituição militar e, no ano seguinte, passou a estudar no Colégio Hildebrando de Araújo, na capital paranaense. Um dia, o diretor da escola, Stalin Passos, o chamou e avisou:

— Um pessoal do Exército está procurando por você.

Luiz Alberto nunca voltou no colégio. Tinha de desaparecer.

Ele não estava sozinho. Milhares de jovens brasileiros, liderados por ex-militares (como o capitão Carlos Lamarca) ou dissidentes comunistas (Carlos Marighella), saíram de casa após a decretação do AI-5. Muitos partiram para a luta armada em organizações como Ação Libertadora Nacional (ALN) e Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Uma corrente da AP, no entanto, não acreditava no confronto entre fuzis, seguia o modelo chinês de Mao Tse-tung e priorizava o trabalho de conscientização dos trabalhadores – os militantes deveriam esquecer suas formações profissionais e procurar emprego em fábricas do subúrbio ou no campo. Luiz, por exemplo, se mudou para o interior do Paraná. Tentou virar camponês, mas não deu certo, logo foi reconhecido. Sumiu novamente e foi parar na Bahia.

Para enfrentar os “subversivos”, os militares editaram os Atos Institucionais 13 e 14, que facultavam ao Estado o direito de prender, banir e matar todos que participassem da “guerra externa, psicológica, adversa, revolucionária ou subversiva”. Sob o pretexto de obter informações, a tortura passou a ser praticada de forma indiscriminada em quartéis e delegacias. O país pós-AI-5 virou uma nação silenciada – imprensa censurada, parlamento esvaziado, líderes políticos cassados. Brasil do “ame-o ou deixe-o”, Brasil do cale-se agora ou cale-se para sempre.

Caetano Veloso é preso no mesmo mês da decretação do AI-5. Quando os agentes da Polícia Federal dão voz de prisão ao cantor baiano nas primeiras horas da manhã do dia 29 de dezembro em seu apartamento na avenida São Luís, no centro de São Paulo, um deles avisa:

— É melhor você levar a escova de dentes.

Logo depois, a PF prende também Gilberto Gil. Os dois são levados para o quartel da Polícia do Exército, na rua Barão de Mesquita, e passam o *réveillon* de 1969 na cadeia. Lá, Caetano encontra outros presos, como Ênio Silveira, diretor da editora Civilização Brasileira (a mesma dos livros de Bertrand Russell), que lhe empresta *O estrangeiro*, de Albert Camus. Depois, Caetano é transferido para quartel em vila militar no subúrbio de Deodoro, zona norte do Rio. Na barbearia do quartel, perde a cabeleira “selvagemmente grande” cultivada por quase dois anos. Após dois meses na cadeia, ele e Gil são levados para Salvador, onde permanecem confinados por mais quatro meses. Proibidos de se apresentar em público e de dar entrevistas, tomam o caminho do exílio. Ao embarcar para Londres, um dos policiais afirma para Caetano:

— Não volte nunca mais. E, se pensar em voltar, venha se entregar logo que chegar para nos poupar trabalho.

Outros cantores também deixam o país. Geraldo Vandré estava no Chile, onde foi submetido a tratamento psiquiátrico. Passou pela Argélia, Iugoslávia, Alemanha, Grécia e França, até retornar ao Chile. Chico Buarque desembarca em Roma, onde compõe um samba-constatação:

*Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu*

Depois de vender 100 mil cópias, *Apesar de você* foi censurada, e os discos apreendidos.

“O movimento cultural destes anos é uma espécie de floração tardia, o fruto de dois decênios de democratização, que veio amadurecer agora, em plena ditadura, quando as suas condições sociais já não existem, contemporâneo dos primeiros ensaios de luta armada no país”, teoriza o

professor da Universidade de São Paulo Roberto Schwarz, ao refletir sobre “a crise aguda” da intelectualidade brasileira naquele momento. E continua:

À direita, cumpre a tarefa inglória de lhe cortar a cabeça: os seus melhores cantores e músicos estiveram presos e estão no exílio, os cineastas brasileiros filmam na Europa ou na África, professores e cientistas vão embora, quando não vão para a cadeia. Mas, também à esquerda, a sua situação é complicada, pois se é próprio do movimento cultural contestar o poder, não tem como tomá-lo. De que serve a hegemonia ideológica se não se traduz em força física imediata?

“A cultura é aliada natural da revolução, mas esta não será feita para ela e muito menos para os intelectuais”, argumenta, antes de constatar, em tom de desalento: “A cultura tornou-se um abcesso no interior das classes dominantes”.

“O AI-5 paralisou tudo: cinema novo, teatro, música, tropicalismo”, reconhece o cineasta Glauber Rocha, em depoimento ao jornalista Zuenir Ventura. “A arte, sendo uma experiência primeira de liberdade, para que se realize plenamente exige liberdade maior, que é política e social. Sem arte não existe a ideia de nação: a livre manifestação criadora, isto é, a perfeita educação é necessária à própria vida social”, complementa o crítico de artes plásticas Frederico Moraes, também ouvido pelo jornalista carioca para a reportagem “O vazio cultural”, publicado na revista *Visão*, em julho de 1971.

Zuenir relata a descrença e o pessimismo de intelectuais brasileiros com o futuro da nação. Eles chegam à conclusão de que, depois da contagiante exuberância criativa dos primeiros anos da década de 1960, os anos 1970 começavam sob o signo da opressão oficial – e da perplexidade de quem poderia confrontá-la. “O quadro atual oferece uma perspectiva sombria”, constata o repórter, relacionando os itens responsáveis pela tibieza criativa: o desaparecimento da temática polêmica e da controvérsia na cultura, o êxodo de artistas, o expurgo nas universidades, a queda de vendas de jornais, livros e revistas, a mediocrização da televisão, a consolidação da hegemonia de uma cultura de massa que visa o consumo fácil. “Sem germes e sem herança, sem promessas e sem caminhos, sem busca e sem questionamento crítico, sem o fermento da inquietação e sem a livre

disposição criadora, o que será da cultura brasileira na década de 1970?”, questiona o jornalista.

Quando o texto de Zuenir foi publicado, a casa da rua Maraú já tinha recebido de volta seus antigos moradores, com direito a flores e foguetório. Não houve problemas na readaptação da família Manfredini ao Brasil, até porque a situação financeira era bastante confortável. Além do fato de Renato Manfredini ganhar um bom salário no Banco do Brasil, o país vivia euforia econômica por conta da combinação de diversos indicadores positivos: elevação das exportações, expansão da indústria, explosão na venda de carros e aparelhos de televisão, construção civil a todo vapor. O inédito ciclo de crescimento levava o Brasil a ocupar o posto de primeira economia do hemisfério sul e décima do mundo. Surgia o Milagre Brasileiro, orgulho do regime militar.

Estudante do Colégio Olavo Bilac, Junior logo volta a se destacar no colégio do Jardim Guanabara, especialmente em redação e língua portuguesa. Sempre voltava para casa com notas altas, seguia o modelo do bom estudante impresso no boletim: obediente (“Torna-se a alegria do lar”), estudioso (“Faz da escola sua oficina de trabalho”) e dócil (“Transforma a escola no segundo lar”). Renato também gostava do ritual de cantar hinos, como o da Bandeira:

Salve lindo pendão da esperança!
Salve símbolo augusto da paz!

— Nossa, como esse hino é lindo!

Com o desempenho acima da média na escola, sobrava tempo para se esbaldar nas brincadeiras com os primos e vizinhos. Foi um fim de infância glorioso: horas e horas de diversão e invenção. Do alto da rua Maraú (na verdade, uma ladeira, sem saída) até embaixo, na rua Tambaú, Renato descia de carrinho de rolimã ou em pranchas de fórmica. Às vezes, ia para a Praia da Freguesia curtir a areia e as ondas fraquinhas com a irmã e com os primos Mariane, Hércule e Zé Eduardo (Zeido) – este, cabelos loiros e olhos verdes, fascinava Renato, um ano mais velho. Mas o que ele realmente gostava de fazer era passar os domingos na cobiçada piscina do vizinho, o tio Ivan. Enquanto esperava o almoço, servido somente depois das três da tarde, o primogênito dos Manfredini nadava e brincava de redemoinho com as outras crianças – deitados, todos fingiam se afogar.

Junior submergia na piscina funda, de ladrilhos. A cada mergulho, voltava com a ideia de uma nova brincadeira, às vezes inspirada em seriados da TV:

— Maremoto, capitão!

— Submergir para dez mil pés! Marinheiro Kowalski, fechar a escotilha!

Viagem ao fundo do mar, Perdidos no espaço, O túnel do tempo... As crianças não perdiam um episódio dos seriados norte-americanos. Muitas vezes, Renato abaixava o volume da televisão e brincava de dublar os atores, mesmo sem conhecer previamente as cenas que interpretaria. A irmã entrava no espírito e o acompanhava nas sessões de improviso.

— Carmem Teresa, vou fazer o Steve, o Larry, o Doug e o senhor Henderson.

— Tá bom, eu fico com as vozes da Peggy, da Elizabeth e da senhora Huntington.

Carmem Teresa reparava, contudo, que o irmão se divertia ainda mais quando criava as próprias brincadeiras. Invariavelmente, eram histórias envolvendo personagens de civilizações extintas – grega, romana, até os vikings. Carmem logo percebeu também uma peculiaridade naquelas superproduções imaginárias: além de roteirista, Renato Manfredini Junior sempre escalava a si próprio como diretor e ator principal. Irmã, primos e vizinhos ficavam com os papéis coadjuvantes.

* * *

Aos fins de semana, um dos passeios preferidos de Junior e Carmem Teresa consistia em ir ao Cine Mississippi, o único cinema da Ilha do Governador, no bairro do Cacuia. Bem próximo ao cemitério, vizinho do Colégio Olavo Bilac, o Mississippi exibia filmes para toda a família. Muitas vezes, era o avô José Mariano quem levava as crianças para assistir a aventuras ou comédias. Os irmãos deram gostosas gargalhadas com *Essa pequena é uma parada*, de Peter Bogdanovich, estrelado por uma das atrizes preferidas do primogênito: Barbra Streisand.

A diversão começava no apagar das luzes, com o recolhimento das cortinas. Mesmo quando o filme não agradava a todos (como o documentário *Let it be*, mais um filme dos Beatles a dividir os irmãos – ele adorou, ela detestou), o passeio já valia pelo hipnótico ritual do descerrar das imensas cortinas brancas, adornadas por cavalos-marinheiros azuis. A

família também ia com frequência ao centro e à zona sul do Rio. Na Sears de Botafogo, uma peculiaridade da loja encantava Renato:

— Hmmm, esse carpete tem cheiro dos Estados Unidos. Adoro esse cheiro.

Enquanto isso, o primo Luiz Alberto era procurado em todo o território nacional por conta de uma ofensiva que resultou na prisão de diversos militantes da AP. O próprio Luiz Alberto já tinha sido preso duas vezes – quatro dias no Rio de Janeiro e uma semana em São Paulo. Se fosse pego de novo, não tinha a menor ideia de quando recobriria a liberdade. Ele militava clandestinamente na Bahia, mas queria rever a família no Paraná. Precisava, porém, de pouso seguro antes de seguir viagem propositalmente alongada (Rio-Itajubá-Campinas-Bauru-Londrina-Curitiba) para despistar eventuais perseguidores. Hospedava-se em um apartamento da família Manfredini no terceiro andar de um pequeno prédio na rua Visconde de Cairu, na Tijuca. Os primos que o acolhiam comentavam entre si:

— Luiz Alberto pode ficar aqui. O que acontecer com ele, acontece com a gente.

Algum tempo depois, da mesma forma silenciosa que apareceu, o primo vermelho sumiu novamente pelo Brasil. Primo de Luiz Alberto e de Renato, Admar Manfredini também morava no Rio. Estava entrando no carro quando foi detido por policiais. Queriam o paradeiro de Luiz Alberto. Admar disse que não sabia, mas teve de acompanhar os policiais até o Destacamento de Operações Internas (DOI). A família, aflita, chegou a publicar nota nos jornais do Rio, comunicando o desaparecimento. Dois dias e duas noites depois, Admar voltou para casa. Tinha as mãos inchadas e vermelhas, como se atingidas seguidas vezes por uma palmatória. No entanto, não contou o que aconteceu nas 48 horas de detenção.

Outros, muitos, milhares de outros tiveram destino pior. Deputado federal cassado em 1964, o engenheiro Rubens Paiva estava em casa no Leblon com os filhos quando recebeu a visita de seis homens armados, em 1971. Marcelo, 11 anos, teve o pai levado por militares da Aeronáutica. Seguiram para um quartel próximo ao Aeroporto do Galeão, e Rubens foi submetido a interrogatório. Os militares queriam saber detalhes do envolvimento do ex-deputado com os brasileiros que saíram ilegalmente do país. Rubens nada revelou. Foi encaminhado, então, para o DOI da rua Barão de Mesquita. Desapareceu.

A mulher, Eunice, também foi presa e liberada alguns dias depois. Não conseguiu notícias do marido. Foi a Brasília protestar no Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Não obteve respostas, jamais as obteve durante a ditadura militar. Dois anos depois, desistiu de manter a cama de casal dentro do quarto.

Em Santiago, ao saber do desaparecimento do amigo Rubens Paiva, o ex-ministro Almino Affonso tomou um susto. Nas cartas, Paiva tinha garantido que estava tudo bem, que ele poderia voltar para o Brasil. Affonso tinha avisado a esposa para desempacotar os livros, os discos de Chico e Caetano, enfim, toda a mudança. No entanto, teve que reconhecer:

— Lygia, a gente não vai mais voltar...

Também com o mandato parlamentar cassado em 1964, o ex-ministro de João Goulart tinha escapado por pouco da prisão – junto com Paiva, conseguiu se refugiar na embaixada da Iugoslávia. Lá permaneceram por meses, à espera de salvo-conduto para deixar o país. Menos de um ano depois, Affonso migrou para o Chile, onde aumentou a colônia de eLivross brasileiros, entre eles o líder estudantil José Serra e o sociólogo Fernando Henrique Cardoso. O educador Paulo Freire, criador do inovador método didático conhecido como “pedagogia do oprimido”, foi seu vizinho. Moravam em casas geminadas, no bairro de Las Condes, subúrbio de Santiago. Os filhos de Freire dividiam o quintal com os filhos de Affonso – Ruy, Gláucia, Fábio e Sérgio. Os quatro não tinham tanto espaço como nos tempos em que moraram na capital. A sala do apartamento da Asa Sul era tão grande que as crianças andavam de patins. Quando desciam para brincar, pegavam o kart de madeira e saíam em alta velocidade pela superquadra. Em Brasília, os filhos de Almino Affonso apreciavam o espaço, a amplidão, a liberdade.

Como o irmão tinha sido mais rápido ao escolher o primeiro quarto do apartamento, e o aposento contíguo à sala havia sido convertido em espaço para leitura e televisão, uma espécie de sala íntima, coube a Carmem Teresa, por exclusão, o quarto em frente ao dos pais. O piano dos Manfredini ficou ao lado da porta de entrada do apartamento, e o carrinho de bebidas também foi colocado na sala. Já os livros se espalharam em estantes montadas no corredor. Delimitados e mobiliados os espaços internos, chegara a hora de Junior explorar o que havia do lado de fora do

apartamento 202. A começar pelo que estava logo abaixo da janela do seu quarto.

— Uh-duhhh!

Ai de quem falasse alguma bobagem no meio daquele bando de crianças sentadas com as pernas cruzadas, que formavam uma roda todo fim de tarde, embaixo do bloco. O novo vizinho não perdoava. Em tom de censura irônica, exclamava:

— Uh-duhhh!

A exclamação depreciativa pegou. E logo todo mundo passou a repetir o bordão de Renato:

— Uh-duhhh! Uh-duhhh! Uh-duhhh!

A turma era grande, reunia crianças do mesmo bloco e de prédios vizinhos. Algumas já adolescentes – caso de Cláudia Valença, que tinha chegado com os pais em 1972, também do Rio de Janeiro. Criada em Copacabana, Cláudia tinha 13 anos e vivia batendo perna no Leblon. Teve que trocar a areia da praia pela poeira do cerrado. Odio.

Também pudera, treze anos depois da inauguração, Brasília tinha 221 mil habitantes, mas ainda estava muito longe de realizar o desejo de Lucio Costa (“cidade viva e aprazível”) ou o de Darcy Ribeiro (“centro cultural autônomo”). A cidade guardava maiores semelhanças com as primeiras impressões de Vinicius de Moraes, descritas em crônica de 1961, que notou que a capital tinha sido erguida “nas antigas solidões do Planalto Central de Goiás, em extensões apascentadas pela vetustez da terra e pela proximidade do infinito, numa paisagem de oxigênio, silêncio e saudade das origens”.

Brasília pretendia ser uma metrópole, mas padecia de complexo de inferioridade. Os jornais publicavam diariamente, com destaque, a relação dos hóspedes de hotéis como Nacional, Torre Palace e Diplomat. Informavam também os horários dos voos para catorze capitais brasileiras e para quatro cidades estrangeiras (Miami, Los Angeles, Cidade do Panamá e Caracas). De ônibus, todo dia, havia cinco partidas para grandes capitais como o Rio de Janeiro. De trem, dava para ir até Anápolis, Goiânia, São Paulo ou Belo Horizonte. Para os infelizes com o novo endereço, mais do que um serviço, o que os jornais ofereciam era a esperança de fuga.

Cláudia não via nada de aprazível na paisagem monótona, artificialmente formada por prédios fincados na terra vermelha. Assim foram construídos os edifícios das zonas residenciais do Plano Piloto, “uma sequência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou

singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada”, como receitou Lucio Costa ao conceituar as superquadras^[2].

Para aumentar a estranheza dos recém-chegados de diversas partes do Brasil, os logradouros públicos brasilienses não tinham sido batizados com nomes próprios, mas como itens descritivos: Setor de Diversões Sul, Setor Bancário Norte, Comércio Local Sul, Setor Hospitalar Norte, nada muito diferente. Tijuca, Pinheiros, Aldeota, Bonfim, Espinheiro, Manaíra, Batel, Pituba, Floresta, Liberdade? Bairros ficaram para trás. SCLS, SHIS, SCS, EPTG, SGAN, SHIGS... Vogais esmagadas entre consoantes, império das siglas. Com isso se cumpria com eficiência a função de ordenamento determinada pelo urbanista. Os códigos brasilienses representavam desafio adicional para os recém-chegados – quem não os decifrasse logo poderia ser desprezado pela esfinge de concreto.

Velhos ou jovens, pobres ou ricos, a dificuldade de adaptação atingia tantos moradores da capital que o problema foi parar no divã. Por que, afinal de contas, os moradores de Brasília sentiam tanta solidão? “A arquitetura e o horizonte sempre iguais levam à introspecção; com os estímulos externos sempre iguais, as respostas também tendem a sê-lo”, arriscou a doutora Gladys Novaes, em entrevista ao *Correio Braziliense*, em abril de 1973. Para o psiquiatra Luciano Wagner Guimarães Lyrio, também ouvido pelo jornal, viver em função da introspecção pode criar distúrbios comportamentais e gerar personalidades esquizoides. Daí, enfatizou, a necessidade de experiências em grupo. “Brasília oferece muito pouco em termos de agrupamentos humanos. O que se tem para fazer aqui, na maioria das vezes, é ir ao cinema, um local bastante frio e impessoal, onde não existe participação.” Para Lyrio, havia apenas dois pontos de convergência do brasiliense em 1973: a novela das oito e a loteria esportiva.

Só que a dificuldade de viver experiências coletivas não acometia a todos os jovens na capital. Muitos que chegaram com os pais na década de 1960, bem-nascidos, demonstravam plena adaptação. Com vinte e poucos anos, apareciam com frequência nas colunas sociais a partir do que diziam e faziam em *points* como o Centro Comercial Gilberto Salomão, no Lago Sul, região nobre da capital: “Luiz Estevão circula no Giba em Mercedes Sport”, “Fernando Collor desfila novo amor no Rio (dizem que o negócio agora é sério)”, “David Avellar e Roseana Sarney estão juntos”, “Paulo Octávio

reata namoro com Lucia Rebello Sarahyba”, “Marise Ouro-Preto está de volta ao Brasil”...

Mas aquela não era a turma de Cláudia Valença. E ela queria voltar para o Rio. Cláudia conheceu Renato um ano depois da chegada dela em Brasília, quando o pai, o bancário Luiz Reginaldo Lima, recebeu autorização do Banco do Brasil para sair do bloco C e ocupar o apartamento 503 do bloco B da SQS 303. A superquadra, inaugurada em 1972 e destinada exclusivamente para os funcionários do BB, ainda estava em construção. Não havia iluminação pública nem jardins, somente muito barro. Dos onze blocos, como os edifícios residenciais são chamados em Brasília, nove eram de três quartos. Os mais amplos apartamentos da quadra estavam no bloco B: 150 metros quadrados, mais duas vagas em um dos grandes atrativos, a garagem subterrânea – nos primeiros blocos construídos na capital, erguidos na área central da Asa Sul e inaugurados pelo presidente Juscelino Kubitschek, os moradores tinham que deixar os carros no térreo. Seguindo o modelo determinado pelo urbanista, todos os blocos tinham seis andares.

Além de vizinhos de bloco, os irmãos Manfredini e Valença de Lima estudavam na mesma escola, o Colégio Marista. No início, a adolescente achou Renato introspectivo – ar distante, cara séria e aborrecida. Chegou a comentar com os irmãos:

— O que vai ser do Renato quando ele crescer? Ele é tão tímido!

Mas a garota carioca percebeu também que, quando o novo vizinho se sentia à vontade, a timidez desaparecia. Dava lugar a um menino bem-humorado, contador de piadas e de histórias, capaz até de se autodepreciar e ironizar a própria aparência. E, por conta da argúcia, era bem parecido com o irmão mais novo de Cláudia.

Extrovertido e boa-praça, Luiz Gustavo Valença de Lima logo ajudou Junior a se enturmar com os outros garotos da quadra. Também levou Renato para colaborar no *Diário de Brasília*. A redação do jornal ficava em um lugar movimentado da W3 Sul, quase ao lado da oficina Camber – onde trabalhava como mecânico o adolescente Nelson Piquet, filho do ex-ministro da Saúde da Era Jango, Estácio Souto Maior –, bem perto dos prédios da superquadra, bastava atravessar a rua. Junto com outro garoto do bloco, Ricardo Schmidt, do apartamento 103, Luiz Gustavo e Renato escreviam reportagens e artigos para o suplemento infantil. O trabalho tinha supervisão de jornalistas profissionais e era levado a sério: toda semana, os

“foquinhas” recebiam as pautas e os prazos para a entrega dos textos. Havia também um prêmio para o melhor trabalho do mês.

Assim como Renato, Gustavo também adorava música pop. Desenhava croquis de palco, simulando a localização de seus ídolos durante os shows. Ele gostava de cantar em inglês e imitar suas cantoras preferidas, Dionne Warwick e Tina Turner. Para essa última, chegou a enviar uma carta declarando seu amor, mas não obteve resposta.

Quando descobriram que partilhavam o gosto pela música, Gustavo e Renato, e às vezes Cláudia também, passaram a se encontrar aos sábados no apartamento dos Manfredini. Do alto de seus 14 anos, Renato discorria sobre a história do rock e exemplificava tocando seus discos, boa parte deles importados, trazidos de Nova York ou comprados na loja carioca Modern Sound.

— A gente vai ouvir agora uma banda progressiva italiana, o Premiata Forneria Marconi.

— Mas eles cantam em inglês?

— Nesse disco, *Photos of Ghosts*, sim, porque foi produzido por Pete Sinfield, que já tinha trabalhado com King Crimson e Roxy Music. Quem os apresentou foi Greg Lake, do Emerson Lake & Palmer. Sinfield se entusiasmou tanto que escreveu em inglês as versões do original italiano, *Per um amico*. Sabe a música do comercial de desodorante, da menina loura andando na floresta? É “Dolcissima Maria”, do PFM!

Renato despejava informações sobre as bandas, além de traduzir as letras para Cláudia e Gustavo, decifrando o significado dos versos e contextualizando a trajetória dos grupos. Em companhia dos amigos e da irmã, ocasionalmente dos primos, as tardes na Asa Sul passavam devagar, no andamento determinado pelas longas e sinuosas faixas dos discos de Yes, Mike Oldfield e Emerson, Lake & Palmer, sua banda predileta.

— A voz do Greg Lake é linda, Carmem Teresa. Você não acha?

Carmem Teresa até achava. O que ela não engolia era a idolatria do irmão por Bob Dylan. Renato se perguntava como Robert Allen Zimmerman, mesmo nascido quase vinte anos antes em outro país, podia descrever exatamente o que ele sentia. Queria saber tudo sobre Dylan, morria de curiosidade em relação ao ídolo. Se conhecesse alguns fatos da vida do cantor, acreditava que poderia encontrar pistas daquela afinidade de sentimentos. “Por que as letras dele me dizem tanto?”, questionava.

Quando gostava de um artista ou de uma música, não cansava de ouvi-la repetidamente. Foi assim com uma canção de Chico Buarque, “Construção”. Renato se encantou com o uso de proparoxítonas – plástico, tráfego, última – no fim dos versos e guardou uma convicção: “Se algum dia eu escrever alguma coisa, vai ser algo assim”. Também escutou sem parar o LP *Clube da Esquina*, que surpreendeu o Brasil ao liquidificar Beatles e rock progressivo, mineirice e latinidade, sabores de vidro e corte, cavaleiros marginais e homens sórdidos. O álbum era recheado de versos capazes de incitar múltiplas leituras, como “Sei um segredo/ você tem medo, só pensa agora em voltar/ [...] você ainda pensa e é melhor do que nada/ tudo que você consegue ser, ou nada”, da canção “Tudo que você podia ser”, ou “O que vocês diriam dessa coisa/ que não dá mais pé?/ O que vocês fariam pra sair dessa maré?/ O que era sonho vira terra/ quem vai ser o primeiro a me responder?/ Sair dessa cidade ter a vida onde ela é”, de “Saídas e bandeiras nº 1”. Além de Milton Nascimento e Lô Borges, o álbum incluía ainda um dos compositores favoritos de Renato, Beto Guedes, as letras afiadas e amorosas de Fernando Brant e um time de exímios instrumentistas e letristas, como Wagner Tiso, Tavito, Ronaldo Bastos, Márcio Borges e Toninho Horta. *Clube da Esquina* era, antes de tudo, um disco de turma. E Renato, ao menos por algum tempo, se encantou com a primeira turma pós-Tropicália a romper o monopólio cultural perpetrado por paulistas e cariocas.

Outro disco que Renato também escutou até furar foi *Atom Heart Mother*, do Pink Floyd. Depois, encontrou outra utilidade para os discos da banda progressiva inglesa: viraram trilha sonora para uma de suas invenções, o Teatrinho do Terror. Dentro do quarto, ele ordenava aos primos:

— Agora vocês vão sentar e ouvir!

Eles obedeciam. Renato, então, apagava a luz e contava histórias arrepiantes, encenadas com lençóis brancos amarrados em cabos de vassoura. Assim, amplificava os sustos em momentos estratégicos. Os gritos apavorados da plateia só não soavam tão altos quanto as gargalhadas do dono do espetáculo.

Muitas vezes, nem era necessária a companhia de parentes para embarcar em outras histórias. Como a da ascensão e queda de Ziggy Stardust, personagem criado por David Bowie, então no auge da androginia, para o disco que lançara em 1972. Ou para mergulhar no tímido desespero

de cantores como Nick Drake, morto dois anos depois do lançamento do álbum *Pink moon*, considerado sua obra-prima.^[3] Drake ganhou como epitáfio a reprodução de um de seus versos: “*Now we rise/ and we are everywhere*”.^[4]

Outra voz constantemente ouvida na Asa Sul era a do californiano Gram Parsons. Ex-Byrds e ex-Flying Burrito Brothers e amigo de Keith Richards, Parsons gravara um disco solo pungente, *GP*, com músicas de sonoridade country e letras tingidas de melancolia, como “A song for you”:

*I loved you every day and now I'm leaving
And I can see the sorrow in your eyes*^[5]

O britânico Nick Drake e o norte-americano Gram Parsons tinham muito em comum: feições angelicais, vozes melodiosas, espíritos atormentados, e eram compositores talentosos. Ambos utilizavam a música para expressar desesperança, inadequação, solidão, e faleceram antes dos 30 anos. Para Renato Manfredini Junior, 14 anos, aquilo era fascinante.

Renato decidiu passar da teoria à prática. Queria tocar violão. Uma vez por semana, tinha aulas particulares com um jovem instrutor. João Augusto recebia os alunos no próprio apartamento, no bloco F da quadra 302 Sul, parcialmente destinada aos funcionários do Banco Central. Vinte e poucos anos, cabeludo, sucesso entre as meninas, o professor particular tinha uma vasta coleção de discos importados. O novo aluno se encantou com a combinação de ingredientes sedutores. Primeira aula: “Angie”, dos Rolling Stones. Três acordes – fácil, fácil. Em poucas semanas, já tocava com desenvoltura.

Renato queria mais. Queria fazer música. Arrumou, então, gravador e microfone. Resolveu arriscar uma gravação e convidou o amigo de bloco. Renato tocava e cantava, Gustavo só cantava. A versão candanga de Simon & Garfunkel não durou muito. Renato implicou com o inglês do parceiro:

— Tem que melhorar a pronúncia, Gustavo. Essa palavra, “island”, se fala *ai-lend*, não é *ais-lend*. Assim fica difícil!

O domínio do inglês era questão de honra para os Manfredini. O filho mais velho fazia curso de idiomas desde que a mãe, a caminho de casa e ainda no Rio de Janeiro, percebera que ele começara a perder a fluência adquirida na temporada norte-americana. Carminha deu meia-volta no

carro, entrou na filial da Cultura Inglesa da Ilha do Governador, no bairro de Cocotá, e comunicou:

— Quero matricular meus dois filhos.

Carmem Teresa ainda não podia frequentar a escola, mas Junior deu sorte, 9 anos era a idade mínima e ele pôde ser matriculado. Decidida a mudança do Rio, a transferência para a filial brasiliense da escola de inglês foi logo providenciada. Três vezes por semana, Renato subia os dois lances de escada do edifício Antônio Venâncio, no Setor Comercial Sul. Antes e depois das aulas, se dedicava a explorar o acervo da biblioteca, devorando livros, revistas e jornais. Submergia no aprendizado do idioma na escola que tinha como slogan “Conhecer Paul McCartney por inteiro é cultura”, complementado pela recomendação: “As pessoas à sua volta vão continuar sabendo quem é o Paul. Mas você vai conhecê-lo intimamente”.

Beatlemaníaco, Renato não precisava das aulas na Cultura para conhecer McCartney. Ele tinha escrito um texto ficcional em que utilizava como personagens “todas as pessoas solitárias” descritas pelo baixista em “Eleanor Rigby”, e convivia com Paul, John, George e Ringo desde os 5 anos, quando pediu aos pais um disco e ganhou um compacto com quatro faixas, entre elas “Twist and shout”. O anúncio do fim da banda, em 1971, não o abalou. Amava os Beatles, Dylan e Beach Boys. Amava a língua inglesa. Amava o rock. E, especialmente, amava o rock cantado em língua inglesa.

Mas, com a entressafra da MPB, quem fazia sucesso nas rádios brasileiras em 1973 era o rock cantado em português do Secos & Molhados. O primeiro disco, além de manifestos (“Sangue latino”) e bem-humoradas provocações (“O vira”), incluía a adaptação de “Rosa de Hiroshima”, poema de Vinicius de Moraes, e os versos contestatórios de “Primavera nos dentes”:

*Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra-mola que resiste*

O mentor do grupo, João Ricardo, assinava as letras. Na linha de frente, como definiam os jornais da época, estava “um vocalista muito louco: batom vermelho, turbante colorido, brincos e com um imenso xale enrolado

pelo corpo, ele consegue deixar todo mundo elétrico nos shows. Todos saem vidrados nas músicas, nos versos, na voz, na impressionante coreografia, na maquiagem estranha de Ney Matogrosso”, o nome artístico de Ney de Souza Pereira, ex-funcionário do Distrital, o maior hospital de Brasília.

Filho de um oficial do Exército e nascido na cidade de Bela Vista (próxima à fronteira com o Paraguai), o matogrossense Ney decidira servir a Aeronáutica para sair de casa. Tinha morado em Campo Grande, em uma vila militar encravada na floresta, onde adorava tirar toda a roupa e correr para dentro do mato. Mudou-se para Brasília em 1961 e foi parar na 104 Sul. Gostava de ir a pé para o trabalho no Setor Hospitalar. Reparava na força das chuvas, nas inundações de lama vermelha no hall do seu prédio e nos redemoinhos de poeira que surgiam do nada, a qualquer hora, em qualquer lugar. Para quem morou no meio do mato, estranhou a cidade setorizada:

— Em Brasília, cada um aperta o seu parafuso.

Ney trabalhou em três seções do Hospital Distrital (futuro Hospital de Base): anatomia patológica, cardiologia e pediatria. Brincava com as crianças portadoras de doenças graves, como câncer e doença de Chagas, e as levava para passear no Jardim Zoológico com uma Kombi emprestada. Estimulava os meninos a fazer teatro e trabalhos com cerâmica e artesanato, e logo causou estranheza no centro de saúde: aquilo não era tarefa de homem. Cabeludo, estilo hippie e introvertido, Ney começava a enfrentar o preconceito.

Para desgosto do pai militar, contrário à ideia de ter um filho artista, a veia performática de Ney começou a saltar logo cedo. Na Brasília de 1963, o ambiente favorecia a descoberta: via meninos de 10 a 12 anos frequentando concertos internacionais, entrava de graça em festivais de cinema europeu, presenciava debates acirrados de intelectuais na universidade. Um dia, tomando sorvete no Setor Hoteleiro Sul, viu Caetano Veloso, cabelos longos e cacheados, saindo do Hotel Nacional. O baiano vestia rosa da cabeça aos pés, cor que “homens sérios” não usavam nem nas meias. Ney achou Caetano lindo, corajoso, provocador – revolucionário: “Se eu for artista, quero ser assim”.

Sozinho na cidade, envolto na contínua sensação de desgarramento depois de sair da casa dos pais, o jovem de 20 anos deu o seu grito de independência. Ney passou a vender artesanato embaixo da Torre de TV, assistia às aulas na UnB sem ter prestado vestibular e andava a W3 inteira. Depois das dez da noite, a avenida era território livre. Certa vez, estava caminhando por lá quando ouviu um toque de buzina. Sentado na janela do passageiro, um desconhecido arriou as calças e pôs o traseiro para fora do carro. Ney constatou: “Essa cidade é muito louca!”.

Para superar a timidez que o impedia até de conversar com desconhecidos, Ney decidiu fazer teatro na Escola Brasiliense de Artes Cênicas (EBAC). Ingressou em um grupo que preparou a montagem de *A invasão*, de Dias Gomes. Não pôde subir ao palco: a peça foi censurada. Frustrado, tentou a música e fez teste para o coral de um colégio público, o Elefante Branco. Achava a própria voz muito esquisita, tinha receio de ser rejeitado. Mas o regente do coral, maestro Levino de Alcântara, dissipou o medo:

— Sua voz é rara, pouca gente possui. É um dom, não um defeito.

Encorajado, Ney foi em frente. Integrou um grupo com quatro vocalistas para fazer apresentações na UnB e no programa *Dimensão*, da TV Brasília. Em um festival, quando começou a interpretar “Só tinha de ser com você”, de Tom Jobim e Aloysio de Oliveira, foi interrompido por um grito vindo da plateia:

— Bicha! Bicha! Bicha!

Ney mandou a banda que o acompanhava parar de tocar. Fixou o olhar no agressor até ele se intimidar e calar a boca. Era tímido, mas, quando provocado, podia ser muito tihoso. Foi em frente. Estreou na boate Cave de Roi, na 412 Sul, onde interpretava Chico Buarque, Edu Lobo e Caetano para público que contava com senadores e outros figurões da República. Mais seguro, arriscava provocações à recém-nascida ditadura. Entre uma música e outra, gritava:

— Liberdade!

O público respondia de volta:

— Liberdade!

Ney ganhou confiança no palco. E fora dele. Longe da pressão familiar, dono do próprio nariz, experimentou relações que, até então, eram apenas imaginadas e assumiu a própria sexualidade. Decidiu se dedicar exclusivamente ao que mais queria fazer na vida: cantar. A partir de 1966,

licenciou-se do trabalho e passou a ir com frequência ao Rio e a São Paulo. Então, foi convidado por João Ricardo para ser o vocalista do Secos & Molhados. Em 1972, depois dos primeiros ensaios, voltou a Brasília para pedir demissão do hospital. Os colegas o criticaram:

— Você está louco! Vai abrir mão de um emprego seguro, da aposentadoria!

— Loucos são vocês, que vão ficar batendo ponto a vida inteira sem nenhum prazer!

Assim terminou a metamorfose de Ney de Souza Pereira. Assim nasceu Ney Matogrosso.

Além da descoberta da voz e do sexo, Ney Matogrosso passou por outra experiência marcante na capital. Durante uma festa em um apartamento utilizado por servidores do Itamaraty, aceitou um cigarro de maconha. Quando provar a droga pela primeira vez, no quartel, tinha odiado. Mas dessa vez foi diferente. Ney se sentiu estranho, perdeu o controle do próprio corpo, quis levantar a mão, mas ela não obedeceu. Tentou andar, não conseguiu. Ficou assustado, parecia uma viagem de ácido. Os amigos que o acompanhavam disseram para ele não ter medo. Aumentaram o som. A música ajudou no entorpecimento e ele, enfim, relaxou. Gostou daquela sensação. Ao ir embora, passou pela W3 e viu na loja Bibabô uma onça empalhada. Podia jurar que o animal estava vivo e ficou fitando, olho no olho, o bicho. O amigo Vicente Pereira interrompeu o transe e o levou de volta para casa.

Maconha tinha trânsito livre entre os jovens moradores do Plano Piloto. No exterior, a preocupação maior era com a cocaína – o aumento do consumo assustava países da Europa. Nos primeiros dez meses de 1973, foram apreendidos dezesseis gramas da droga na França, em poder de onze viciados. A agência de notícias France Presse entrevistou especialistas, que alertavam para o risco de dependência rápida. “A primeira dose produz náuseas; a segunda produz uma sensação de euforia. O viciado se vê obrigado imediatamente a tomar ou injetar três doses cotidianas, de um a cinco gramas cada”, explicava a reportagem, destacando o efeito mais grave da droga: a psicose pela desintegração da personalidade.

Em Brasília, porém, cocaína não chegava com tanta frequência. Era a fumaça da Cannabis que se espalhava pelas quadras. E o uso era tão intenso que o *Correio Braziliense* descreveu em minúcias o consumo entre os

jovens do Plano Piloto. A matéria “Os cabeludos sem amanhã”, publicada em março de 1973, fez parte da série *A onda firme da geração pop*.

O jovem pop anda à procura da autenticidade. Quase sempre é atraído por viciado antigo, que o orienta rumo à patota. Ao achar-se no meio dos demais, vem o oferecimento:

— Está a fim de puxar?

Para fumar maconha, o jovem não precisa fazer muito esforço. Entre os escolares, é fácil demais. O primeiro passa o baseado para o outro, que o leva à boca, aspirando-o fortemente, em três ou quatro arrancos. O esforço intermitente produz um som peculiar, ao qual se acostumam os maconheiros. Há entre os viciados uma espécie de solidariedade, que dificulta a admissão de estranhos. O elemento novo só é recebido quando tem apresentação de um dos membros da turma. Caso contrário, leva gelo ou tem o desprazer de ver a debandada ao aproximar-se.

Quase toda superquadra tinha banca de revista, quadra de esportes, playground... e o cantinho da maconha. Na SQS 206, o campo de futebol era conhecido como o “Maconhão”. Na SQS 303, a quadra dos Manfredini, o fumacê ficava perto do playground. Praticamente não havia repressão: a polícia temia flagrar filhos de autoridades da República. Eles não só escapariam da prisão como causariam sérios problemas aos responsáveis pela detenção. Uma vez, um policial ignorou a lei não escrita e abordou um adolescente que estava fumando um baseado embaixo do bloco. Este nem se mexeu, apenas tirou do bolso a carteira de identidade diferenciada, exclusiva dos filhos de militares, e mostrou:

— Dá uma olhada. Sabe com quem você tá mexendo?

O policial devolveu a carteira e bateu em retirada.

Tinha a turma da maconha, mas a maior parte dos garotos da 303 Sul preferia mesmo era correr atrás da bola, nas peladas, com golzinhos improvisados em três espaços: entre os blocos K e H, no estacionamento do bloco A e na quadra de futebol de salão próxima das lojas do comércio local. A turma tinha sorte, não era perseguida pelos “graminhas”, temidos funcionários do Departamento de Parques e Jardins do governo local que,

para impedir as crianças de jogar futebol nos gramados, apreendiam e furavam as bolas. Em Brasília, até os jardineiros tinham poder de polícia.

Quando cansavam do futebol, os meninos da 303 armavam expedições. Pegavam as armas de brinquedo, como o cobiçado Rifle Automático Super-Tiro da Estrela, e se dedicavam à caça aos ratos. Ratazanas gigantescas circulavam livremente entre os blocos, e a molecada mais corajosa saía no encalço, armada com espingardas de chumbinho.

Além dos ratos, berlinetas, monaretas e mobiletes cortavam a quadra. Renato Manfredini Junior, porém, não pertencia à turma da bola, dos tiros nem das rodas. Bem que tentou se aventurar em cima de patins, mas o resultado não poderia ter sido mais desastrado. Quando deslizava em alta velocidade na calçada em frente ao bloco, perdeu o equilíbrio e se estatelou no chão, onde permaneceu por alguns minutos, rindo e chorando ao mesmo tempo. A reação nervosa foi tão atípica que dona Carminha, ao ouvir a gritaria, correu para a janela a tempo de ver a cena. Levou o filho para o hospital e veio a constatação: fratura no pulso da mão esquerda. Junior aprendera a lição. Em Brasília, andar sobre rodas não era tarefa para principiantes.

O primogênito dos Manfredini preferia, aos domingos, mergulhar na piscina da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), às margens do Lago Paranoá, ou na sede campestre do Clube do Congresso, no final do Lago Norte. Muitas vezes, a família almoçava no próprio clube. Na volta, passavam pelo aeroporto, onde Junior pedia ao pai e encorpava a coleção de revistas importadas com exemplares recentes da *Mad*.

Renato, o pai, também levava o filho com regularidade para concertos de música erudita no Teatro Nacional. Os dois estavam juntos nas apresentações de orquestras internacionais, mais frequentes do que em outras capitais por conta da proximidade com as embaixadas. Também uma grande apreciadora de música erudita, a diretora da Cultura Inglesa, Edith Jacques, comentava com o marido ao avistar o aluno:

— Olha ali o Renato! O pai sempre o traz para apreciar a Grande Música...

Edith notava que, de forma discreta e silenciosa, Renato Manfredini assumira a responsabilidade de garantir ao filho acesso ao conhecimento que ia além do que era cobrado pelos professores. Enciclopédias, livros de referência, clássicos da literatura universal, tudo estava à mão do filho. Nos moldes da Inglaterra vitoriana, o pai agia como tutor. Quando tinha alguma

dúvida em sala de aula na Cultura Inglesa, por exemplo, o estudante avisava:

— Peraí que vou ligar para o meu pai.

E interrompia o trabalho de Manfredini no banco para questioná-lo. Depois, voltava para a sala de aula e repassava aos colegas a informação obtida com o pai. Este, por sua vez, se desdobrava para agradar o filho. Atendeu ao pedido de levá-lo ao primeiro show de rock: Rita Lee, no ginásio do Marista, absurdamente lotado. E o fez sem reclamar. Já sabia que, para o primogênito, a música era companheira de quarto, sala, tarde, noite, sábados e domingos. Música pop, música erudita, mais música estrangeira do que música brasileira. Música sempre.

Em casa, para irritação da irmã, Renato não sossega com a televisão. Gosta de novela – acompanhou *Gabriela* e também fica impressionado com a morte do protagonista Carlão (Francisco Cuoco) no último capítulo de *Pecado capital*, ao som de Paulinho da Viola: “Dinheiro na mão é vendaval, na vida de um sonhador...”.

— Carmem Teresa, essa cena foi impressionante, não?

Gira o seletor da televisão em busca dos seriados e desenhos favoritos. O Canal 6 passa *Daktari* e *Durango Kid*, além de desenhos como *Scooby-Doo*, *Os Flintstones*, *Pernalonga* e *Pantera Cor-de-rosa*. *O mundo colorido do Carequinha*, *Aventuras de Gulliver* e *Batman* são as atrações no Canal 8. E, no Canal 10, dá para ver *Daniel Boone*, *Viagem ao fundo do mar*, *Tarzan*, *Rin Tin Tin*.

Um dia, Renato é capturado pela cena de um filme exibido na TV. Sob chuva de papel picado e intenso assédio de populares, um jovem loiro e sorridente desfila em carro aberto. Em *off*, o narrador informa: “O nome desse jovem é Steven Shorter. Ele está recebendo a maior saudação já concedida para o retorno de um cidadão de Birmingham. Mas Steven não é o presidente do seu país, não é político. Ele é um cantor pop”.

A câmera foca a saudação de Steven aos fãs: braço direito erguido e estendido, idêntica à saudação nazista. Adoração incondicional. Steven manda cantar, eles cantam. Steven manda-os brigarem entre si, e os jovens obedecem. Um pedido, uma ordem. O que os fãs não sabem é que o ídolo segue à risca as orientações de integrantes do governo e de grandes corporações. A popularidade do cantor-fantochê é utilizada pelos donos do

poder para manipular corações e mentes adolescentes naquela Grã-Bretanha futurista, mas não muito distante.

— *We must conform! We must conform!*

Em 1965, Peter Watkins, no filme *The War Game*, causara perplexidade em seu país ao imaginar as consequências da explosão de uma bomba atômica na Inglaterra durante uma terceira guerra mundial. A exibição pública foi proibida e a circulação ficou restrita aos cineclubes ingleses. Dois anos depois, a Universal Studios o convidou, então, a filmar o roteiro de *Privilege*, a princípio apenas mais uma produção juvenil, estrelada por Steven Shorter. Mas o cineasta reescreveu o script para realçar o aspecto que lhe pareceu mais atraente: o paralelo entre a música pop e o fascismo. O filme não chegou ao circuito comercial brasileiro e caiu direto na televisão, “reino do profundo silêncio coletivo”, na definição de Watkins. Renato se impressionou com a produção inglesa. Ligou para a emissora local e solicitou a reprise. O pedido foi atendido e Renato assistiu novamente. Insaciável, ligou de novo, solicitando outra exibição. Novamente, conseguiu o que queria.

* * *

“O Brasil merece o nosso amor”, diz a faixa estendida perto do palanque reservado às autoridades para o desfile de 7 de setembro. A mesma frase estampa os balões com o emblema do Exército, distribuídos durante a parada de integração nacional em comemoração à Independência do Brasil. Sete mil homens fardados marcham diante do presidente Emílio Garrastazu Médici, que, em fim de mandato, assiste ao derradeiro desfile como comandante das tropas militares. O sucessor havia sido definido por Médici após reunião no Planalto com colegas fardados e auxiliares próximos:

— Se houvesse algum problema grave na área militar, seria o general Adalberto Pereira dos Santos. Se não houvesse mais nada de subversão e o país estivesse suficientemente tranquilo para o governo de um civil, poderia ser o Leitão de Abreu. Diante dessas duas circunstâncias, acho que, para administrar o país e seu desenvolvimento, o melhor nome mesmo é o Ernesto.

O dito foi feito. Filho de imigrantes alemães, o general Ernesto Geisel, à época à frente da presidência da Petrobras, é escolhido para ser o próximo

Presidente da República. “Castelo-Costa-Médici-Geisel: continuidade revolucionária”, sintetiza a faixa afixada no plenário durante convenção da Arena, o partido governista, dona da maioria no Congresso. Geisel procura os principais ministros de Médici – Antonio Delfim Netto, João Paulo Reis Velloso, Jarbas Passarinho, Mário Andreazza – para conhecer os problemas de cada pasta e assegurar a continuidade dos projetos. Ao mesmo tempo, inicia conversas com o general Golbery do Couto e Silva sobre tema ainda espinhoso entre os oficiais.

— Temos que conversar. Vamos planejar como e quando iremos marchar para a abertura.

Não seria fácil executar o planejamento esboçado por Geisel e Golbery. Afinal, sob a égide do AI-5, os quatro anos de governo Médici tinham sido de ostensiva opressão. As perseguições políticas aos militantes de esquerda, agora oficialmente clandestinos, aumentam com a elevação acentuada dos casos de perseguição, tortura e morte praticadas pela polícia e pelas Forças Armadas. Enquanto isso, o presidente fazia questão de impulsionar o sentimento nacionalista no cidadão brasileiro, sintetizado na música da dupla Dom & Ravel:

*Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Meu coração é verde-amarelo-branco-azul-anil
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Ninguém segura a juventude do Brasil!*

Gravada pela banda Os Incríveis e apresentada pela primeira vez no programa de TV de Hebe Camargo, a música, segundo os compositores, era uma reação ao Hino Nacional, considerado “muito pessimista, fala que o Brasil vai ficar deitado, e o Brasil está de pé”. A Copa do Mundo de 1970 facilitou a missão de Médici. O país inteiro entrara em frenesi. Nas escolas, até as tarefas em sala de aula tinham o futebol como tema. Na redação “A Copa do Mundo”, Renato descreveu a primeira partida disputada em solo mexicano. “O Estádio Azteca estava cheio. Mais de dez mil pessoas estavam atentas, esperando a abertura da Copa do Mundo no México. E também esperavam o jogo México versus Rússia. O jogo deu zero a zero pois ambos países tinham defesa linda mas ataque fraco [...]”

Em outra redação, comentou a vitória do Brasil, “o maior país da América do Sul”, em cima do Uruguai, “o menor país”: “O jogo de hoje foi

sensacional. Em Uruguay, haverá tristeza pois os jogadores voltarão para este país porque perderam do Brasil por três a um”.

A nação inteira acompanhou a competição até explodir de alegria na decisão, após a goleada do Brasil em cima da Itália, no dia 21 de junho. Muita gente nem esperou o apito final do alemão Rudolf Glöckner para iniciar a festa. Quando Carlos Alberto Torres marcou o quarto gol brasileiro, aos 41 minutos do segundo tempo, a rua Maraú começou a encher. A vizinhança largou a TV, saiu de casa e comemorou como se fosse carnaval – os adultos se abraçavam, soltavam rojões, cantavam, choravam. A festa contagiou até as crianças que não ligavam muito para futebol, como o filho mais velho de Carminha. Torcedor discreto do Fluminense, Renato gostava mesmo era de ver em ação o camisa 11, Rivelino. Também descendente de italianos, cabelos fartos e bigode cerrado, o ídolo tricolor e corintiano se tornou o seu jogador preferido.

A recepção aos tricampeões resultou na maior concentração popular já ocorrida em Brasília. Médici fez questão de receber os jogadores no Palácio do Planalto. O trajeto do aeroporto até a Praça dos Três Poderes foi, pela primeira vez, inteiramente tomado pelo povo. Embalado pelo momento econômico favorável, o governo abriu o cofre e iniciou a construção de uma rodovia para unir duas regiões historicamente negligenciadas pelo poder público: Norte e Nordeste. Com extensão de 5.400 quilômetros, mesma distância entre Lisboa e Moscou, a Transamazônica virou símbolo do Brasil Grande. Estava para Médici como Brasília para JK.

Quatro dias depois de Brasília assistir ao desfile militar no Dia da Independência, outra capital sul-americana também acompanhou a demonstração de poderio das Forças Armadas de seu país. Em Santiago, contudo, não foi mera exibição. Do telhado de sua casa, o adolescente brasileiro Sérgio Affonso, filho do ex-ministro Almino, observou o voo rasante de aviões da Força Aérea Chilena. Alguns minutos depois, viu também o surgimento de uma imensa coluna de fumaça no Palácio de La Moneda. Após o bombardeio comandado pelo general Augusto Pinochet, veio o anúncio da morte do presidente Salvador Allende. Era 11 de setembro de 1973 e a vizinhança chilena, quase toda de classe média alta, comemorou como se fosse Copa do Mundo, estendendo bandeiras do lado de fora de suas casas.

Allende havia iniciado um processo nacional de transição para o socialismo, que foi interrompido com o ataque a La Moneda. O Chile, então, já não podia mais ser considerado um lugar seguro para os brasileiros. Além do risco iminente de prisão, os novos donos do poder tinham ordenado a apreensão e destruição de qualquer publicação de orientação marxista. Implantaram a censura prévia à imprensa, decretaram toque de recolher e prenderam no Estádio Nacional, apenas na primeira semana, cinco mil pessoas, que ficariam sob custódia “até serem suficientemente interrogadas”. Todos os ministros de Allende foram confinados num quartel.

Almino Affonso assistiu àquele filme no Brasil em 1964, quando era ministro da Era Jango. Teria de ir embora. E rápido. Antes, porém, precisaria se livrar do próprio passado. De noite, com extrema discrição, reúne a família para queimar montes e montes de papéis. Somem até com as cinzas. No dia seguinte, Sérgio e os irmãos carregam as mochilas com parte da papelada do pai. Seguem de bicicleta até um rio próximo, onde se desfazem de documentos potencialmente comprometedores.

Em comunicado oficial, a recém-instalada Junta Militar, presidida por Pinochet, justifica o ataque e a deposição de Allende pela “gravíssima crise econômica, social e moral” do país e pela “incapacidade do governo para adotar medidas que permitam deter o processo e desenvolvimento do caos”. Anuncia a possibilidade da volta dos civis ao poder, “assim que o país seja devolvido à plena normalidade”. Três dias depois do golpe, o Brasil explicita formalmente o desejo de “manter as melhores relações” com o novo governo chileno. Logo depois, torna-se um dos primeiros países a reconhecer a autoridade da Junta Militar comandada pelo general Augusto Pinochet.

O general Médici, na última mensagem de fim de ano como Presidente da República, ressalta o crescimento do país. Destaca o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 11,04%, as reservas internacionais no valor de US\$ 6,3 bilhões e o controle das pressões inflacionárias. Do ponto de vista político, observa que “a decisão histórica de 1964 continua a encontrar no consenso popular o título de sua incontável legitimidade”, referindo-se às vitórias da Arena, o partido do governo, nos estados e municípios.

Em 16 de janeiro, com 400 dos 497 votos possíveis de colégio eleitoral formado para eleger o sucessor de Médici, o general Ernesto Geisel é

proclamado Presidente da República para o período de 15 de março de 1974 a 15 de março de 1979. O anticandidato, o opositor Ulysses Guimarães, que tinha na chapa o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, recebe 76 votos.

Em pronunciamento, Geisel garante a continuidade da diretriz norteadora da Revolução de 1964. Afirma ignorar o risco de seu governo ser prejudicado por “reduzidas minorias de descrentes ou apáticos, derrotistas, subversivos ou corruptos” e promete “exemplar e pronta contenção de qualquer veleidade subversiva ou de qualquer ato de corrupção que venha ao conhecimento do governo”, a fim de resguardar “o ambiente de tranquilidade, estabilidade social e ordem pública, indispensável à marcha ascensional do país”. “Estabilidade e ordem representam o penhor essencial do progresso e bem-estar de todo o povo”, conclui.

Na mesma data da eleição do novo presidente, os militares fazem uma festa informal dentro do Planalto. Comemoram o aniversário do general João Baptista Figueiredo, chefe do gabinete militar da Presidência da República. Pela quinta vez consecutiva, Figueiredo festeja mais um ano de vida entre os companheiros de trabalho da Presidência da República. Clara demonstração de união da tropa.

Ainda em dezembro, Brasília caprichou à espera da chegada não de Ernesto Geisel, mas do Papai Noel. As luzes de Natal se espalharam pelas quadras da Asa Sul. Na SQS 203, uma estrela de Belém; na SQS 104, bem encostada ao eixo, uma árvore ricamente iluminada. Outra árvore em formato de pinheiro toma conta da fachada do Hospital Distrital. Tantas luzes não chegam a ofuscar o fato de que a cidade, logo após o início das férias escolares, passava por progressivo esvaziamento até a completa modorra de janeiro.

As opções de lazer se reduziam drasticamente. Os shows, que já não eram muitos, rareavam de vez – Jorge Ben no Jantar dos Engenheiros, nada mais. Roberto Carlos? Só na matinê do Cine Atlântida, em busca do diamante cor-de-rosa. Wilson Simonal? Também só na tela, em documentário de Domingos de Oliveira, no Cine Espacial. Nada para fazer, nada para se divertir. Nem pelo telefone dava para matar a saudade. Linha telefônica particular ainda era um privilégio – as filas no posto da Telebrasil na W3 Sul se multiplicavam em dezembro. Recém-implantada, a discagem direta a distância (DDD) prometia facilitar a vida, mas

completar uma ligação era um desafio superado somente à noite e nos fins de semana. Por isso, muitos adolescentes regressavam ao estado de origem para passar os festejos com os familiares e por lá permaneciam até o carnaval – e os irmãos Manfredini não eram exceção. Voltavam para a Ilha do Governador, agora como hóspedes na casa dos avós. Passavam os quentes dias de janeiro na praia, na rua ou na piscina, sempre em companhia dos primos mais próximos.

O ano de 1974, segundo a astrologia, seria regido por Saturno – previsão de período de individualidades fechadas e interiorizadas; 365 dias de grande silêncio. Os anéis de Saturno, segundo os astrólogos, representam a limitação imposta às ações do homem, “até que ele tenha atingido a disciplina interior capaz de elevá-lo aos pináculos da compreensão espiritual”. Sobre o corpo, advertiam para a necessidade de cuidado especial com dentes, ossos e toda a região das pernas. Para o espírito, também previam problemas: os músicos, por exemplo, ficarão desesperados, cheios de uma vida interior imensa e lentamente destruidora. Aos arianos, como Renato Manfredini Junior, um conselho: “procurem ser mais independentes e concentrem-se em si mesmos, aproveitando o conforto do lar. Se você quiser aprimorar sua personalidade, procure a introspecção e a solidão, que o levarão ao autoconhecimento”.

A previsão astrológica de momentos de desespero para os músicos brasileiros se confirmou no início do ano logo para o mais badalado deles: Chico Buarque de Hollanda^[6]. Mas nem foi preciso traçar o mapa astral daquele geminiano, nascido em 19 de junho de 1944, para cravar o prognóstico pessimista. Afinal, mesmo depois da volta de Caetano e Gil do exílio em Londres, Chico Buarque se afirmara – antes de completar 30 anos – como o grande nome da MPB. E desde que Geraldo Vandré abandonara o posto de protesto, Chico passou a ser o maior alvo. “Desejo integrar-me à nova realidade brasileira e quero agora só fazer canções de amor e paz”, declarou Vandré publicamente. No entanto, tratava-se de condição imposta pelos militares para ser autorizado a retornar ao Brasil.

Por conter metáforas sobre o delicado momento político do país, cada nova letra de Chico ganhava leitura atenta dos técnicos da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça, cidadãos brasileiros encarregados de

julgar, restringir e eventualmente proibir as expressões artísticas de outros cidadãos brasileiros. Censores.

O trabalho dos técnicos da DCDP obedecia metodologia inflexível. Eles elaboravam pareceres de acordo com a avaliação de itens como linguagem, tema, gênero, mensagem e enredo. “Flor da idade”, canção composta por Chico para o filme *Vai trabalhar vagabundo*, foi submetida à censura pela primeira vez em setembro de 1973. Por conter mensagem “negativa, atentatória a moral e bons costumes”, a música ganhou liberação para o filme (“aprovação com impropriedade para menores de 18 anos”), mas não para a trilha sonora. A interdição se deu, essencialmente, pela última parte da letra, quando Chico, após narrar de forma elíptica a iniciação sexual de um jovem (“Ai, a primeira festa, a primeira fresta, o primeiro amor”), parafraseia “Quadrilha”, um dos poemas mais famosos de Drummond:

*Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa que amava Paulo
Que amava Juca que amava Dora que amava*

*Carlos amava Dora que amava Rita que amava Dito que amava Rita
que amava Dito que amava Rita que amava*

*Carlos amava Dora que amava Pedro que amava tanto que amava a
filha que amava Carlos que amava Dora que amava toda a quadrilha*

Após identificar a mensagem como “descritiva, de amadurecimento sexual”, os censores Joel Ferraz e Antonio Ferreira chegaram ao veredicto:

É um canto ao desabrochar sexual normal de jovem normal. A segunda parte nomeia os vários casos de amor. À primeira vista, esta segunda parte apresenta uma série de amores que vai até ao homossexualismo, incesto, uma verdadeira cadeia de amores que nos dá uma ideia de que a música descreve em resumo as tramas e enredo do filme. Como trilha sonora de um filme que contará em cenas o dito em versos, não vemos porque não liberar, pois ao ser examinado o filme, tanto as cenas como a trilha sonora serão cortadas. Se apenas para gravação para ser cantada pelo povo, sugerimos que seja modificada sua segunda parte quando apresenta conotação de homossexualismo e incesto.

E, para que não pairassem dúvidas sobre os trechos que provocavam o veto, Ferraz e Ferreira sublinharam os versos “Paulo que amava Juca”, “Dora que amava Lia” e “Pedro que amava tanto amava a filha”.

Chico utilizava pseudônimos para tentar driblar seus marcadores. Em maio de 1974, deu certo. O mesmo despacho que liberou “Jorge Maravilha” (dos versos “Você não gosta de mim/ Mas sua filha gosta”), composição da “dupla” Júlio da Silveira e Adelaide Cruz (Julinho da Adelaide) e gravada pelo cantor Chico Buarque, vetou a canção-tema e homônima do filme *Vai trabalhar vagabundo* (“crítica ao funcionalismo público”) e, novamente, “Flor da idade”, assinadas com o nome verdadeiro do compositor. Ou seja, para a censura, Chico era livre para cantar, não para compor.

“Flor da idade” somente ganha alforria em abril de 1975, quando é adicionada ao processo uma carta de Chico Buarque para seu advogado, no qual justifica a composição:

Parafraseando o poeta, troquei os nomes dos personagens sem me preocupar com a formação de casais menino/menina, pois não se tratava de namoro, mas de uma cena de confraternização geral. Jamais imaginei que se pudesse encontrar referências a homossexualismo ou incesto naqueles versos.

Com fina ironia, Chico conta que procurou no dicionário Caldas Aulete o verbete “amar” e, entre as catorze linhas, não encontrou qualquer acepção a sexo, mas a “sentir amor ou ternura por, ter afeição, dedicação, querer bem a: amar os filhos; amar a pátria”. E arrematou: “Como eu amo particularmente esta canção, amaria que você tentasse mais uma vez a sua liberação”.

Chico Buarque estava sempre na mira. Outras duas músicas dele, “O velho” e “Ano Novo”, gravadas pelo conjunto vocal MPB-4, foram proibidas porque, “na atual conjuntura, são contrárias aos interesses nacionais”, conforme opinou a censora Jacira França. “As duas canções podem ser exploradas malevolamente por elementos nocivos ao regime no momento em que se processa a substituição do Alto Dignitário do país”, complementou José do Carmo Andrade. “As mensagens nelas trazidas se dirigirão a um único propósito: o de desmerecer o realizado pela administração que ora se encerra e o de esvaziar os propósitos daquela que lhe sucede”, endossou Maria Luiza Cavalcante, citando os versos capazes

de desmerecer simultaneamente os governos Médici e Geisel: “O velho vai-se agora/ Vai-se embora/ Sem bagagem/ Não sabe pra que veio/ Foi passeio/ Foi passagem” (“O velho”) e “Há muito tempo essa minha gente vai vivendo a muque/ É o mesmo batente, é o mesmo batuque/ Já ficou descrente é sempre o mesmo batuque”, (“Ano novo”). Pouco pesou na opinião dos três o fato de “Ano Novo” ter sido originalmente gravada por Chico em 1967 e “O velho” no ano seguinte. Não poderiam, portanto, ter sido criadas para atazanar Médici. Na verdade, para os censores não importava tanto o que era, mas o que parecia ser.

Os constantes embates com os censores irritavam Chico. “É muito chato as pessoas te pararem na rua e perguntarem pela censura, não pelo meu trabalho”, conta à jornalista Ana Maria Bahiana, em 1974, para o semanário *Opinião*. Mesmo negando a ausência de inspiração por conta do fato (“seria um alibi muito perigoso”), confessa a dificuldade para compor: “No momento, considero-me um ex-compositor. Realmente não me sinto com música nenhuma na cabeça, nenhuma ideia”. Anuncia que, em vez de músicas, tentaria escrever um livro, por achar que teria “uma liberdade muito maior”. “E vai vender tanto quanto um disco. Porque senão vira circuito fechado, gravar para ser curtido pelas pessoas que já sabem o que é. Aí você não está fazendo um disco, está dando um abraço nas pessoas: é muito bacana, mas não adianta nada”, criticou. Ironia: a entrevista também não passa pela censura. As folhas riscadas com lápis crayon vermelho mostram que a imprensa continuava sob rígido controle do Ministério da Justiça.

Na reportagem impedida de chegar às bancas, Chico também confessa a relutância para subir ao palco: “Nos shows, você é conduzido a um troço que gera uma carga emocional diária, e eu não tenho estrutura para suportar. Eu me expunha emocionalmente demais, e não só como artista, aí é que está o negócio”.

Os censores também ficavam atentos ao que acontecia em cima dos palcos. Caso dos shows do grupo Secos & Molhados em Brasília, em março de 1974. Foram anunciadas duas apresentações da banda, então no auge da popularidade e com 200 mil cópias vendidas do disco de estreia. O concerto seria no Ginásio de Esportes Presidente Médici,^[7] inaugurado no ano anterior. Apesar da advertência da imprensa (“Os andróginos estão invadindo Brasília!”), ambas as apresentações tiveram lotação esgotada – 20 mil pessoas em cada noite. Na tarde da estreia, o grupo fez uma

apresentação completa diante dos censores. E os técnicos da DCDP levaram amigos e familiares para assistir, de graça, ao grupo mais popular do Brasil. Furioso, Ney Matogrosso engoliu em seco, mas cumpriu a determinação e cantou todo o repertório – porém imóvel, sem mexer um músculo. Guardou para os fãs o gestual provocativo, realçado pelas penas de pavão, pó de purpurina, calça branca de cetim, as miçangas e tudo o mais que o tinham consagrado como o responsável, mesmo inadvertidamente, pelo abrasileiramento de um gênero musical em alta na música pop britânica, o *glitter* rock, em que roqueiros purpurinados, paramentados dos pés à cabeça, estavam prontos para subir ao palco ou em um carro alegórico.

Enquanto os Estados Unidos atravessavam nova onda soul, com o domínio nas paradas da *Billboard* de cantores como Roberta Flack e Al Green, a Inglaterra vivia a era das lantejoulas. Na reportagem “Dos Beatles aos *glam artists*”, o jornalista Geoffrey Webb descreveu a ascensão desse grupo de artistas glamourosos, cintilando em trajes espalhafatosos e com o rosto carregado de maquiagem. “Elton John e David Bowie são dois dos astros atuais desse período, artistas excepcionais que estão escrevendo soberbas canções que os manterão como astros mesmo quando o cenário ‘rutilante’ tiver desaparecido”, apostou o repórter.

O jornalista informava também que 15% dos discos produzidos na Inglaterra eram exportados para o resto do mundo por conta do sucesso não só de Bowie e Elton John, mas de bandas como The Who, Cream, Slade, Middle of the Road e New Seekers, que já brigavam pelo topo das paradas com nomes consagrados como Tom Jones, Cliff Richard e Engelbert Humperdinck. Para o jornalista, não havia dúvidas: uma nova geração estava a caminho.

Renato sabia disso. Na escola de inglês, tinha acesso regularmente aos semanários *New Musical Express* e *Melody Maker*, especializados em música pop. Ao contrário do Marista, onde era mais um na sala de aula, considerava a Cultura Inglesa extensão da própria casa – chegava horas antes do início das aulas para conversar com colegas, professores e funcionários. Nas noites de sexta, ficavam até serem praticamente expulsos pela diretora. Quando soube que uma das colegas de sala, Denise Hamú, havia passado um ano em Londres, bombardeou-a com perguntas. Queria saber tudo sobre os hábitos dos ingleses: como eles se comportavam no metrô, nos ônibus de dois andares, o que vestiam, o que comiam, como se

divertiam. Sorvia as informações com avidez, ainda mais quando Denise falava sobre música.

— Sabe o que eu vi lá em Londres, Renato? Um show do Jethro Tull!

— Não me mata de inveja!

Bob Dylan, John Lennon e Brian Wilson continuavam no topo de seu panteão particular, mas Renato estava profundamente envolvido pelo rock progressivo. Não só ele, a quadra inteira. Em outra prumada do bloco B, o mineiro Renato Vasconcellos já tocava teclado e violão, e era fã de Yes e Gentle Giant. Tinha chegado a Brasília em 1974 e, desenturmado, queria montar uma banda. Sabia que outro jovem, Edmir, que morava no bloco D, tocava guitarra – era até conhecido como Jimi, em referência a Jimi Hendrix. Lembrou de Silvinho e Ricardinho, dos blocos K e H. Assim surgiu o Elo Sagrado, o primeiro grupo de rock da 303 Sul. Os ensaios rolavam no apartamento de Vasconcellos, e eles chegaram a tocar na AABB e no Colégio Pré-Universitário. No tema de abertura, já diziam a que vieram:

Quatro peças do passado se uniram e se sagraram! E formam um elo sagrado!

O rock progressivo estava no auge no Brasil conservador de 1974. Sintomaticamente, o ano intitula uma das sinfonias instrumentais de *Criaturas da noite*, disco que elevou ainda mais a popularidade do grupo O Terço. Reforçada pela inclusão do tecladista mineiro Flávio Alterosas, nome artístico de Flávio Venturini na época, a banda carioca liderada pelo guitarrista Sérgio Hinds sacudia os ginásios logo na primeira canção dos shows.

Hey, amigo, cante a canção comigo

É nada! É quase! É tudo!

Hey, amigo, cante a canção comigo

Nesse rock, estamos todos juntos!

Sucesso de público, as bandas brasileiras recebiam restrições da imprensa especializada, pela repetição do modelo em voga no primeiro mundo. Na expressão do jornalista carioca Tárík de Souza, não havia propriamente criação naqueles grupos, mas substituição de importações. Indiferente à crítica, porém, o rock progressivo conquistava cada vez mais

adeptos no país. Até as propagandas da Campanha da Fraternidade e da Força Aérea Brasileira tinham Jethro Tull e Rick Wakeman na trilha sonora. E um disco caiu nas graças dos jovens fãs de progressivo.

Lançado em 1974, *The Lamb Lies Down on Broadway*, álbum duplo do Genesis, logo é incorporado ao repertório das matinês musicais de Renato. Mais do que uma frase de efeito, o refrão do hit “Carpet Crawlers” sintetiza a possibilidade coletiva de escape:

We've got to get in to get out
We've got to get in to get out^[8]

Com letras e interpretação de Peter Gabriel, o álbum duplo conceitual da banda inglesa narra a saga de Rael, jovem porto-riquenho que se veste de couro e, após se deparar com um cordeiro estirado no chão da Broadway, tem a vida definitivamente alterada.

Enlevado, Renato acompanhava a história do delinquente (“punk”, em inglês) que, aos 17 anos, já tinha passado por um reformatório e dizia não ter medo da dor nem se importava em ferir outras pessoas. Lembrava os filmes de James Dean e Marlon Brando. Cinema e música, desde sempre, as maiores referências de Renato Manfredini Junior.

Muitas vezes, Renato ia a pé de sua quadra, 303 Sul, até o Setor de Diversões Sul escolher um filme em cartaz numa das oito salas de cinema. Já no Cine Karim, na 110/111 Sul, viu pela primeira vez o documentário *Monterey Pop*, com performances de Otis Redding, The Who e Jimi Hendrix. Um dia chamou o amigo Gustavo para o acompanhar até o Atlântida, o maior cinema da cidade. Queriam ver *O exorcista*, considerado o filme mais aterrorizante dos últimos tempos, proibido para menores de 18 anos. Franzinos, os garotos imberbes sabiam que seriam barrados na entrada. Não tiveram dúvidas. Subornaram o porteiro e conseguiram entrar. Sentaram na primeira fila e não tiraram o olho da tela. Voltaram conversando sobre as cenas mais fortes de possessão da menina Regan pelo demônio. No dia seguinte, Renato confessou a Gustavo:

— Não consegui dormir, fiquei a noite inteira acordado.

Nas idas ao cinema ou ao curso de inglês, o jovem Renato tentava apreender os segredos de Brasília. Mistérios que ainda causavam espanto tanto para os moradores quanto para os visitantes. “Parece incrível que

Brasília, ao completar seu 14º aniversário como sede do governo da república, ainda esteja sujeita a periódicas crises de falta de confiança para cumprir os altos desígnios de seus construtores”, observou o jornalista Tão Gomes Pinto em reportagem de capa da revista *Veja*, publicada em abril de 1974. Três meses depois, ao cumprir a promessa feita em 1962 e regressar à cidade, Clarice Lispector registrou no *Jornal do Brasil* a angústia de 48 horas transcorridas no Planalto: “Brasília é o mistério classificado em arquivos de aço. E eu, quem sou eu? Como me classificaram? Deram-me um número? Sinto-me numerificada e toda apertada”.

Brasília é um futuro que aconteceu no passado. É o fracasso do sucesso mais espetacular do mundo. Brasília é uma estrela espatifada. Estou abismada.

Após afirmar ter voltado para o Rio de Janeiro “irremediavelmente impregnada por Brasília”, Lispector confessou: “Prefiro o entrelaçamento carioca”. Talvez porque as ruas da capital carecessem da capacidade de sintetizar a “expansão de todos os sentimentos da cidade”, na célebre definição do cronista João do Rio (1881-1921). Não tinham nascido “como o homem, do soluço, do espasmo” e por isso jamais poderiam ser consideradas “a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas”, como escreveu o autor de *A alma encantadora das ruas* em textos publicados entre 1904 e 1907, pouco depois de a cidade fluminense se tornar a capital federal. Pelo contrário, as quadras brasilienses, apesar de parecidas no traçado, tinham ocupação estratificada de acordo com a atividade profissional dos moradores. Algumas exclusivas para parlamentares, outras para militares graduados, outras ainda para funcionários públicos – e os filhos dos ocupantes reproduziam, muitas vezes de forma violenta, a rígida hierarquia habitacional.

Renato sabia, por exemplo, que deveria tomar cuidado ao adentrar quadras vizinhas. Magro e baixinho, podia ser uma vítima em potencial das constantes brigas entre jovens, muitas surgidas sem motivo aparente, quase sempre quadra-contr quadra. Delimitação de território. A turma da 303 Sul, por exemplo, saiu no braço diversas vezes com o pessoal da 305 Sul. A briga mais séria ocorreu depois que uma menina da quadra do Banco do Brasil foi abordada pela turma rival. Um cara da 303 partiu para cima dos invasores, que fugiram. Depois, montados em motos, garellis e mobiletes, voltaram com porretes e pedaços de pau. As duas turmas se juraram, e o

clima de tensão permaneceu por meses a fio. Muitas peladas na 303 acabaram após o alerta:

— Lá vem os caras da 305!

Todos corriam, então, para buscar refúgio nas portarias dos prédios até cessar o perigo.

Além da violência latente, o sentimento de impunidade estava impregnado no cotidiano do Plano Piloto. Na entrada do Marista e de outros colégios como La Salle e Dom Bosco, uma procissão de carros oficiais se formava diariamente para levar e trazer os filhos de políticos e autoridades do governo. Dodge, Opala, Aero Willys, Landau, Galaxie... Carrões facilmente identificados pelas letras iniciais da placa (OF) e com imunidade garantida por decreto que assim estabelecia: “Os carros destinados aos serviços das altas autoridades da república são considerados de representação, identificados por chapas especiais, e isentos da fiscalização de uso”.

Em Brasília, se todos eram igualmente migrantes, uns podiam ser bem mais iguais que os outros. Estavam protegidos pela lei e pela função exercida. Até os motoristas viravam autoridade. Um deles, ao ser flagrado por uma equipe de jornalistas com o Dodge chapa-branca parado em frente ao Colégio La Salle, ameaçou:

— Fotografou, apanhou.

Os filhos das autoridades da República tinham as costas quentes não por produtividade, mas por hereditariedade. A sensação de tratamento diferenciado ficou ainda mais aguçada após um crime brutal. Cinco dias depois da parada militar no desfile de 7 de Setembro de 1973, a menina Ana Lúcia Braga foi raptada na porta do Colégio Madre Carmem Salles, na Asa Norte. Camisa branca de tergal, jardineira xadrez e saíote, Ana Lúcia tinha 7 anos e foi estuprada antes de ser assassinada. Seu corpo foi encontrado em vala aberta no cerrado, perto da UnB. Logo correu na cidade a suspeita de que colegas do irmão mais velho da garota participaram do crime. Entre eles, filhos de proeminentes autoridades da República. Portanto, prevaleceria a impunidade. Por meses, nos lares das famílias brasilienses e nos corredores das escolas, não se falou de outra coisa. Primeiro grande trauma de Brasília, primeira grande vitória da barbárie.

Na turma de Renato, no primeiro ano do segundo grau no Marista, havia filhos de diversos profissionais liberais: advogados, médicos, engenheiros civis, bancários, entre outros. Reunidos, esses jovens não atingiam a soma

dos filhos de militares com os filhos da classe majoritária, identificada nos fichários apenas pelas iniciais F. P. (funcionário público). Boa parte dos colegas de Renato eram cariocas, mineiros e nordestinos de diferentes origens: Fortaleza e Crato (CE), Salvador (BA), Recife e Olinda (PE). Havia também dois gaúchos, um paranaense, um boliviano, um panamenho. Sessenta alunos, nenhum nascido na capital.

Na sala de aula do Marista, alguns colegas do 1º C sentavam lado a lado. Caso de Renato e Maria Inês Serra, garota da 303 Sul, que estava na mesma sala do vizinho desde o ano anterior. Os pais também se conheciam do Banco do Brasil e, às vezes, dividiam o transporte das crianças: um dia eles iam na Belina dos Manfredini, no outro no DKV dos Serra. Ao chegar, Renato e Inês juntavam as carteiras. Facilitava a troca de bilhetes. Renato abusava da ironia em relação aos colegas e aos professores. Impassível, enquanto fingia prestar atenção, escrevia comentários curtos ou desenhava caricaturas nos cadernos e os passava para a amiga. Humor à flor da pele – para desespero de Inês, que tinha de segurar o riso. Ele gostava de presenteá-la com bombons acompanhados de bilhetinhos, com lembranças de datas marcantes no mundo de um adolescente de 15 anos recém-completos: “Hoje faz trinta dias que a gente se tornou amigo!”.

Outras vezes, porém, passava os cinquenta minutos de aula das disciplinas que considerava entediadas – matemática, física, química – atracado com o caderno de anotações, escrevendo poemas e textos longos, confessionais. Criou o hábito de, mesmo em sala, pegar emprestado o caderno de Inês para depois copiar o conteúdo – não queria interromper o fluxo das próprias ideias. Renato observava a preparação da amiga para competições de atletismo, mas ele dispensava o suor. Gaiato, dizia que seu lugar ficava na arquibancada:

— Vou fazer uma bandeira para torcer por você, Inês...

Menos de dois anos após a mudança, os Manfredini já estavam perfeitamente adaptados a Brasília: os meninos não tinham problemas na escola; o pai, bem posicionado na hierarquia do Banco do Brasil; a mãe preenchia o tempo com atividades sociais, participava da organização de eventos como a Festa dos Estados e estava satisfeita com uma conquista particular. Carminha tinha sido aprovada para o curso de Letras em uma faculdade particular, o Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB), localizada na Asa Norte. A notícia deixou Renato exultante, e ele fez questão de contar para os colegas do Marista:

— Minha mãe passou no vestibular!

Nos fins de semana, os quatro iam com frequência ao sítio que tinham comprado perto de Luziânia, nos arredores do Distrito Federal. Um dia, ao perceber a dificuldade do filho para dar conta das subidas e descidas do terreno íngreme, a mãe ficou intrigada:

— Meu Deus, o que é que esse guri tem?

Decidiu levá-lo ao médico. Marcou uma consulta no Hospital das Forças Armadas. Quando viu Renato se aproximando, o médico deu o diagnóstico antes mesmo de ter examinado o paciente:

— Dona Carminha, seu filho precisa ser operado. Ele tem epifisiólise.



DAISY HAWKINS

Looking through the stained-glass window
Waiting for the rain to come
While she makes the bishop's tea
Lonely mother without a son
Daisy hears the bishop's call
In quiet steps goes to the door
The bishop's smile reveals the sadness
Her son has died in war
She ~~pours~~ the tea into the cup
Hoping the old man will say more
About her son, about his death,
January 1st, 1944.
"At last a word", thinks to herself
When the bishop sighs in awe
In disbelief he picks up the cup
That has fallen to the floor
"Not a broken piece", he says
And lonely Daisy Hawkins cries
"About my son not a word you have said"
The tears run from her light-blue eyes
The bishop answers, "What can I say?
He was your son not mine.
I didn't even know his age."
"Eighteen." "Too young to die."
"Is that all you say about my son?"
Asks Daisy as she drinks her tea
"I ask again, what can I say?
He was unknown to me."
The bishop bites his chocolate biscuit
And once again expresses his sorrow
"Today is January 6th, my dear.
Seventh day prayers will be tomorrow."
Time is up, he must go now.
In quiet steps goes to the door
While Daisy Hawkins stares into space
Remembering her son's fate in war
The bishop stands out in the garden
He bids farewell and is soon gone
Daisy stands beside the fireplace
And suddenly remembers a nursery-rhyme song
She looks again through the stained-glass window
Her son has gone,
The rain has come
"Tomorrow shall be another day", she thinks
And feels the first rays of the after-rain sun.

Fevereiro 16, 1976.
R.M.J.R.



la-de-dee
ho-de-hum
hocypocus

this, my friend is a piece of

Fill in
YOUR OWN FILE

- Posição ideal para a colocação de seus elementos
- Manutenção e conservação dos discos.
- Como obter um triângulo equilátero para melhor se ouvir

***Meto-me dentro de mim mesmo e
acho aí um mundo!***

**OS SOFRIMENTOS DO JOVEM
WERTHER, Goethe (1749-1832)**

Os livros de expedições estavam em voga na Europa do século XVIII quando o escritor Xavier de Maistre resolveu, à sua maneira, contribuir para o filão. Ex-soldado e preso por quase dois meses em uma fortaleza na região italiana do Piemonte, Maistre optou por narrar uma intensa jornada inteiramente transcorrida na “região deliciosa que encerra todos os bens e todas as riquezas do mundo”: o quarto de dormir. Em *Viagem ao redor do meu quarto*, a aventura começa na cama, “o móvel prazeroso no qual esquecemos, durante metade da vida, as tristezas da outra metade”:

Uma cama nos vê nascer e nos vê morrer; é o teatro variável no qual o gênero humano desempenha, alternadamente, dramas interessantes, farsas risíveis e tragédias espantosas. É um berço guarnecido de flores; é o trono do amor; é um sepulcro.

O narrador da história de Xavier de Maistre conta que as paredes de seu quarto são cobertas de estampas e quadros que o embelezam singularmente: “Desejava de coração fazê-los examinar pelo leitor uns após outros, para o divertir e para o distrair ao longo do caminho que devemos percorrer até chegar à minha escrivaninha”. E também enumera os recursos necessários – “um bom fogo, livros, penas” – para fazer passar o tempo, ou melhor, “as horas que deslizam por cima de nós e caem em silêncio na eternidade”.

Ao longo da narrativa da viagem, o aventureiro saúda a amizade (“Feliz de quem encontra um amigo, cujo coração e cujo espírito se harmonizam

com os seus”), descreve a juventude como o “período quando o coração se inflama com todos os fogos do sentimento” e, já perto do fim dos 42 dias de incursão ao mais íntimo dos aposentos, constata a descoberta de um mundo imaginário, “rico país”, na própria biblioteca:

Como se eu já não tivesse sofrimentos de sobra, participo voluntariamente nos de mil pessoas imaginárias, e sinto-os com tanta intensidade como os meus próprios.

A jornada de Renato Manfredini Junior dentro do próprio quarto começa dois séculos depois da empreendida por Xavier de Maistre. Mais exatamente, no dia 6 de outubro de 1975, após a constatação que sofria de epifisiólise. Também conhecida como doença de Perthes e mais frequente entre os homens, a enfermidade costuma se manifestar no início da puberdade. Com o desgaste da cartilagem, o fêmur se solta. A claudicação é o sintoma mais perceptível. O tratamento tem duração estimada entre doze e dezoito meses e inclui a proibição para atividades físicas que possam causar impacto no quadril.

No mesmo hospital em que havia recebido o diagnóstico da doença, Renato é internado. Sofre intervenção cirúrgica, considerada a única possibilidade de tratamento. Sai da mesa de operações com três pinos de platina na perna direita. Ao voltar para o quarto, ainda no Hospital das Forças Armadas, sente dores fortes. Não consegue mexer as pernas. Recebe dose cavalgar de analgésico. Adormece. Ao acordar, mais dores. O sofrimento é atribuído ao trauma pós-operatório. Após a alta, continua a sentir terrível incômodo na perna direita. A mãe liga para o médico, pergunta se é normal tanta dor. A resposta beirou a crueldade:

— Fique tranquila. Não dói tanto, não. Seu filho é muito mimado.

eLivros no próprio quarto, Renato passa dias e noites na cama. Movimentos mínimos, dores intensas. O corpo é uma ferida aberta. Chora, se desespera, grita – ao menos a garganta não o trai. Na madrugada, o alívio nunca chega. E o horóscopo ainda ordena aos nativos do signo de Áries: “Cultive pensamentos positivos”.

A mobília do quarto passa por mudanças. A cama é empurrada para perto da parede. Agora, tudo está à mão: o violão novo, o aparelho de som três em um, o rádio para escutar a BBC, os cadernos de anotações, parte do acervo da biblioteca dos pais, com clássicos de Dostoiévski, Shakespeare,

Somerset Maugham, John Steinbeck e Eugene O'Neill. E mais: *Obra poética*, de um dos seus autores prediletos, Fernando Pessoa, o mesmo que discorrera sobre os diferentes tipos de dor em 1914, um ano antes de criar os heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, no *Livro do desassossego*. “Os males da inteligência, infelizmente, doem menos que os do sentimento, e os do sentimento, infelizmente, menos que os do corpo [...]. Uma mão fria aperta-me a garganta e não me deixa respirar a vida. Tudo morre em mim, mesmo o saber que posso sonhar!”

Pessoa definiu da seguinte maneira a essência de viver:

A experiência directa é o subterfúgio, ou o esconderijo, daqueles que são desprovidos de imaginação [...]. Imaginar é tudo, desde que não tenda para agir. Tudo quanto não é a minha alma é para mim, por mais que eu queira que o não seja, não mais que cenário e decoração.

Deitado, preso à cama, Renato dedilha febrilmente o violão. As horas só passam mais depressa quando escuta música, lê, escreve. São dias de sofrimento, dias de compulsão. Dias de imaginação. Com caneta esferográfica azul e algumas folhas de papel, realiza o sonho de ter a sua banda de rock. Assim, num quarto frio de um apartamento da capital do Brasil, nasce a 42nd Street Band.

Em folhas de papel tomadas por letras miúdas e pequenas correções anotadas a caneta vermelha, a trajetória da banda imaginária é narrada em inglês impecável – e espantoso volume de informações. Tudo começa com o encontro de músicos fictícios com duas figuras emblemáticas do rock da primeira metade dos anos 1970, Jeff Beck e Mick Taylor. Segundo a cronologia traçada por Renato, em setembro de 1974, após uma *jam session* dos dois guitarristas com músicos do porte de Ry Cooder e Bill Wyman, Beck comunica a Taylor o seu desejo de montar uma banda de blues. Este gosta da ideia e chama alguns amigos. Entre eles, um jovem baixista inglês, Eric Russell.

Na intrincada árvore genealógica da banda, esse é apenas o capítulo inicial de história fragmentada no tempo (idas e vindas entre as décadas de 1960 e 1980) e espaço (Estados Unidos e Grã-Bretanha), projetos paralelos, shows pelo mundo e discografia repleta de preciosidades. Renato informa que, sob o selo Early Recordings (“gravações de início de carreira”), os

primeiros registros de Russell (“item exclusivamente de curiosidade”) datam de 1969, quando o baixista se junta aos irmãos Mark e Nicholas Beauvy para fazer covers de Jefferson Airplane e Beach Boys na garagem de sua casa, em Los Angeles. Também revela que as melhores faixas da primeira banda de Russell, chamada Music Box, foram reunidas pela gravadora Sunflower Experimental no disco duplo *The Music Box – The Hawaii Tapes*. Renato chega a elaborar uma descrição crítica do álbum, lançado em 1985:[9]

The group sounds surprisingly good and the tapes were well recorded. Twelve acoustic numbers and three self-penned ones. Includes long (18 mins.) jam on Today. Tapes cover 42 hours and 20 minutes of songs, small talk, rehearsals and discussions.[10]

Ou seja: na trajetória traçada por seu criador, a 42nd Street Band tinha sido tão bem-sucedida que, mesmo na década seguinte à dissolução, ainda haveria número grande de fãs ávidos atrás de gravações piratas e outras raridades de Russell e seus amigos.

Renato descreve ainda as divergências de gostos musicais entre os integrantes do grupo, opondo Russell (“fã de baladas country-folk”) a Taylor e Beck (“gostam muito de blues, soul, rock e jazz”), e compara as composições da 42nd Street às de Bad Company, Linda Ronstadt e Elton John. Detalha as exigências da banda para assinar contrato com uma gravadora: total liberdade de criação e porcentagem de 8% de cada disco vendido para os integrantes do grupo. E imagina uma entrevista em formato pergunta-resposta com Eric Russell, que justifica a decisão de lançar um disco solo da seguinte maneira: “Naquela época eu estava me sentindo muito travado, sentia que os caras não iam gostar das minhas músicas, elas meio que fugiam do que a banda estava fazendo. Eu tinha essas músicas embaixo do meu travesseiro, coisas country-folk, baladas longas com letras longas. Nada muito comercial”.

Na entrevista, Renato-Russell também elogia o guitarrista Nicholas Beauvy (“ele consegue ser comercial e artístico ao mesmo tempo”), critica Jeff Beck (“ele é muito egoísta, achou que podia nos tratar como marionetes”) e revela as consequências das brigas com Beck para definição do repertório do disco *Morning Blues*: “Ele reclamou de todas as músicas que tínhamos para o disco. Ele não queria que ‘Wild Mountain’ fosse

incluída porque era uma faixa country-folk. Tivemos que rearranjar ‘Cocaine’ para que soasse como blues. Ele não queria que ‘Wooden Nickle’ fosse incluída, só a versão blues. Não quis ‘Mary Ann’ e ‘Country Boy’ pelas mesmas razões. E ‘Jesse James’ também. Então eu fiquei muito deprimido, travado. Comecei a tomar drogas pesadas”.

Morfina. Na veia. As dores lancinantes de Renato só são vencidas pelas aplicações da droga por meio de um enfermeiro. O alívio é imediato e, menos de dez minutos depois, ele consegue dormir.

Renato se recolhe. A rotina estudantil fora bruscamente interrompida pela epifisiólise. Não podia mais frequentar as aulas do Marista. Por conta do impecável histórico escolar, a direção do colégio permite que ele continue cursando o 1º ano, já no segundo semestre. Colegas da quadra se revezam para levar e trazer as tarefas. Um deles, o carioca Sérgio Antônio Seiffert, do bloco D, percebeu logo ao entrar no quarto do colega o especial interesse de Renato pela música pop – revistas, discos, fotografias de bandas por toda parte. O anfitrião comenta:

— Sérgio, você já reparou como a sonoridade da língua inglesa no rock é expressiva? Home, car... As palavras são mais curtas, ficam mais fáceis de encaixar, é bem diferente do português.

Inês Serra também ajuda bastante. Leva quase que diariamente para Renato as atividades repassadas pelos professores (inclusive as provas).

— Lá vem a minha carrasca!

— Ê, Renato, você tá muito branco, hein?

— O que você quer que eu faça? Que eu saia correndo para tomar sol?

E os dois caíam na gargalhada. Inês faz companhia; engata conversas. Católica de ir à missa toda semana na Igreja São Camilo, tenta puxar papo sobre religião. A mãe de Renato tem esperança que ela consiga levar o filho a um encontro religioso e aproximá-lo da igreja ao lado da 303 Sul. Renato, de forma bem-humorada, corta o assunto:

— Não vem com esse papo, Inês! Você tá parecendo a dona Carminha...

As divergências religiosas não impedem os dois adolescentes de falar por horas e mais horas. Deitado na cama, Renato partilha com Inês a inquietação sobre o lugar que lhes foi reservado no espaço artificial brasiliense.

— Renato, nossos pais trabalham no mesmo banco, frequentam a mesma igreja, a gente mora na mesma quadra, estuda na mesma escola, vai

ao mesmo clube... Isso não é esquisito, não?

— Claro! Inês, você tem que perceber uma coisa. Não dá para falar lá fora, mas eles botaram a gente nos mesmos apartamentos quadradinhos, bem iguaizinhos, para ver se a gente fica bem quietinho...

E também mostra indignação em relação à situação política do país. Diz que gostaria de viver em uma democracia de verdade.

— Democracia sem liberdade de expressão não existe!

Mesmo com o início da distensão política, a censura prévia às obras de arte atinge jornalistas, dramaturgos, músicos, cineastas, escritores. Tornam-se frequentes as romarias de artistas até Brasília para negociar cara a cara com os censores as condições para liberação de suas obras. Era na base da conversa, quase sempre constituída de diálogos surrealistas, que ocorriam as tentativas de abrandamento da pena máxima: o carimbo “Vetado”.

Ao mesmo tempo em que a censura continua a vigorar, o governo resolve traçar as diretrizes da produção artística do país a partir da criação de uma Política Nacional de Cultura. O Estado assume o papel social de guardião da “tradição e memória da cultura nacional” e alerta para a necessidade de precaução “diante de certos males, como o culto à novidade”. “Característica de país em desenvolvimento, devido à comunicação de massa e à imitação dos povos desenvolvidos, a qualidade é desvirtuada pela vontade de inovar; o que, por sua vez, também leva a um excesso de produção.”

Além de autorizar o direcionamento da produção cultural com a explícita rejeição ao novo, o governo Geisel tinha outras preocupações na ordem do dia. Ainda mais depois da morte, no dia 25 de outubro, do jornalista Vladimir Herzog em uma cela do exército, em São Paulo – havia sido preso para “prestar esclarecimentos” sobre as atividades como militante do Partido Comunista. No fim, segundo nota oficial divulgada pelo Comando do II Exército, a causa da morte de Herzog foi registrada como suicídio por enforcamento. “As atitudes do senhor Herzog desde a sua chegada não faziam supor o gesto extremo por ele tomado. E as prisões efetuadas não visam a atingir classes, mas tão somente salvaguardar a ordem constituída e a segurança nacional”, justifica o documento.

A história oficial causa indignação na sociedade civil. Provoca estranheza até no presidente, que percebe a resistência dos colegas de farda em instaurar o inquérito: “Se as coisas foram limpas, se o enforcamento foi espontâneo, qual o inconveniente que se apure?”. Mas Geisel não se

preocupa tanto em averiguar se o resultado corresponde à verdade. “O Presidente da República não pode passar dias, ou semanas, com um probleminha desses. É um probleminha em relação ao conjunto de problemas que ele tem.”

O “probleminha” de Geisel ganha dimensão maior depois de um concorrido culto ecumênico na Catedral da Sé, em São Paulo. A morte de Vladimir Herzog é questionada até por entidades estrangeiras, como a Anistia Internacional. Em reunião reservada no Planalto, o presidente comenta:

— Pegaram uma pessoa relativamente sem importância e a transformaram num herói. Nós não queremos dar heróis para a esquerda, queremos fazer a democracia.

O Brasil é tema recorrente nas conversas entre Inês Serra e Renato. Com outro amigo, Luiz Gustavo, as conversas eram mais amenas – e mais frequentes. Gustavo aparecia quase toda tarde. De cara, percebia que o amigo tinha mirrado: rosto encovado, braços brancos e finos, pernas atrofiadas. Para não deprimi-lo, guardava a impressão para si. Passavam o tempo ouvindo música, jogando gamão e xadrez, folheando as coleções das revistas *Time*, *Mad* e *National Geographic*. Contavam piadas, inventavam histórias, entremeadas pelo lanche servido pela dona da casa – biscoito de chocolate e pão de forno. O amigo só ia embora quando a noite chegava, para felicidade de Carminha Manfredini, que, na despedida, sempre pedia:

— Volta amanhã, Gustavo. O Junior gosta muito de você.

E durante todo o período mais difícil da recuperação do amigo, Luiz Gustavo voltou no dia seguinte.

Aquelas horas no final da tarde representam exceção na dolorosa rotina de Renato, que continua recluso. Não pode ir nem ao cinema. Perde as estreias dos filmes-catástrofe, como *Terremoto* (“apresentado no surpreendente sistema multidimensional surround, não se assustem”, avisa o cartaz), *Inferno na Torre* e *Mamma Roma*, de Pasolini, no Cine Nacional, além da mostra de jovens diretores alemães no auditório da Escola Parque, da inauguração do Cine Karim Márcia, com o drama *Uma janela para o céu* e os dizeres chamativos do cartaz: “Você tem um coração? Este é o filme que lhe convém. O verdadeiro amor é lindo!”.

Também deixa de curtir a nova onda das festinhas: o rock dos anos 1950, redescoberto a partir do sucesso de *Loucuras de Verão*. A trilha

sonora do filme de George Lucas vira a febre da juventude: Bill Haley, Fats Domino, Chuck Berry, Beach Boys. E Brasília, a mais de mil quilômetros do mar, também experimenta o surto de surfe, com o culto aos cabelos parafinados e camisas Hang Ten, desfilados na lanchonete Chaplin, na galeria do Cine Karim, na Asa Sul. Renato também não pode acompanhar os colegas do Marista e assistir no ginásio da escola aos shows de Os Mutantes (sem Rita Lee, apenas com Sérgio Dias, da formação original) e de Ney Matogrosso, agora em carreira solo. Apontado como a nova estrela da música brasileira, Ney justificara sua saída da banda ao chegar à cidade: “A transação com Secos & Molhados pintou porque tinha que pintar. Só que eu sempre fiz muito mais do que eles queriam que eu fizesse. Sempre quis lutar pelo meu. Antes que eu me esqueça, estamos em 1975 e tenho 33 anos”. Ney também refletiu sobre sua experiência brasiliense: “Quem não conheceu Brasília antes de 1964 não sabe o gosto dela. Naquela época, pintou o relâmpago da possibilidade: eu tive a sorte de pegar. Por isso apareceu muita gente louca em Brasília. Hoje só tem gente televisada”.

A crítica de Ney Matogrosso mirava alvo poderoso. Em menos de duas décadas, a televisão tinha se consolidado no Brasil como a principal forma de divulgação utilizada pelas gravadoras e pelos cantores. Alguns deles repetiam o bem-sucedido modelo da Jovem Guarda nos anos 1960 e se tornavam apresentadores de programas semanais. Caso de Benito di Paula, no *Brasil Som 75 – MPB de Exportação*, e de Silvio Brito, “o cantor do som jovem”, na TV Tupi. Outros, menos afeitos aos holofotes dos estúdios, preferiam ir aonde o público estava. Foi o caso da maior sensação daquele ano, o cantor mineiro Milton Nascimento.

Após o sucesso, em 1972, de *Clube da Esquina* e de lançar dois discos de uma só vez, *Minas* e *Geraes*, Milton está no topo. Seus shows são classificados pela imprensa como experiências emocionais arrebatadoras, “verdadeiros Woodstocks caboclos, reunindo multidões mais do que híbridas”, conforme descreve Ana Maria Bahiana em junho de 1975, no *Opinião*. Poucos meses depois, o cantor revelaria à mesma jornalista o que sentia diante de um público tão fiel, tão disposto a tudo: “É uma responsabilidade enorme. Você percebe aquela gente ali, seca, querendo ouvir mais, cada vez mais, querendo ouvir não sei bem o quê, e você percebe que eles vão fazer qualquer coisa que você disser”.

Na garagem do prédio, Renato Manfredini posiciona a cadeira de rodas dentro da Rural Wyllis e depois acomoda o filho. Tenta fazer a operação de forma discreta. Sabe que Junior odeia ser visto pelos vizinhos naquela situação. Mas não há como evitá-la. Como o filho ainda se queixa de fortes dores, a família descarta a recomendação de intervenção cirúrgica na outra perna e decide ouvir outra opinião médica. Procuram um dos maiores especialistas da cidade, Aloysio Campos da Paz Júnior. O ortopedista pede uma radiografia da perna do adolescente e, ao examiná-la, deixa escapar um grito ao alertar:

— Meu Deus, esse menino precisa ser operado amanhã!

Campos da Paz tinha acabado de observar que dois dos três pinos colocados na cirurgia, em vez de contribuir para a cura da epifisiólise, estavam comprometendo a saúde e a sanidade de seu novo paciente. Um pino estava solto no corpo, sem função; outro atravessara o nervo ciático, daí a razão de tanta dor. No dia seguinte à consulta no Hospital das Forças Armadas, Renato Manfredini Junior é submetido à segunda cirurgia em menos de três meses. Dessa vez, porém, ao sair do centro cirúrgico, a reação é bem diferente:

— Mãe, não dói! A dor passou, pai!

Dezoito de dezembro de 1975. Faltavam sete dias para o Natal.

A recuperação da cirurgia exige total imobilização. Renato permanece na cama. Escreve, lê, toca violão, ouve discos. De vez em quando, usa a cadeira de rodas para ir até a sala e fazer as refeições. Quando consegue novamente ficar em pé por conta própria, surpreende-se com a própria estatura:

— Mãe, eu cresci!

Os centímetros a mais são comemorados efusivamente. Renato havia alcançado 1,75 m. Por muito tempo, ele carregara o incômodo de ser mais baixo do que a média dos garotos de sua idade. Na sala da Cultura Inglesa, o tipo franzino e intelectual, sempre com a resposta na ponta da língua, despertava antipatia de muitos colegas, ainda mais com a atenção diferenciada que recebia dos professores e da direção. O pirralho incomodava os marmanjos.

Renato se ergue. Com 16 anos, não é mais criança. O corpo passara por transformação; se ainda não era necessário se barbear diariamente, os braços e pernas foram tomados por uma grande quantidade de pelos, mais do que a maioria dos outros garotos da sua idade.

Brasília também tinha crescido. No final de 1975, são 895 mil habitantes. A previsão era superar a marca de 1 milhão em 1977 – destes, 265 mil apenas no Plano Piloto. Mais gente, mais necessidades.

Com 440 metros de extensão, a segunda ponte do Lago Sul ganha o nome do presidente Costa e Silva. Não só o governo investe na cidade. Ao lado da rodoviária, em frente ao único shopping (Conjunto Nacional) e colado ao prédio onde ficava o Cine Atlântida, é inaugurado um centro comercial moderno (“quatro escadas rolantes, elevadores eletrônicos”), batizado com a sigla da empresa responsável pela obra: Companhia de Construção, Indústria e Comércio (Conic). Mas ainda faltava muito. Faltava, por exemplo, construir um viaduto na W3 para unir os lados Sul e Norte da avenida. Faltava instalar postes em muitas quadras da Asa Norte, entre elas a Colina, na UnB. Faltava finalizar o Teatro Nacional, projeto de Niemeyer inspirado nas pirâmides egípcias. Quinze anos depois da inauguração, Brasília ainda está inacabada. Havia muito o que fazer. E também o que se consertar. Prédios construídos havia menos de quinze anos na Asa Sul já apresentavam sérios problemas estruturais. Na 202 Sul, funcionários da Caixa Econômica que ocupavam os blocos I e H foram retirados às pressas e transferidos para um hotel, em virtude de risco de desabamento. O concreto rachou.

* * *

— Não é possível que esses jovens vivam desorientados, que eles não tenham conhecimento dos problemas políticos do país.

Ao discursar para estudantes no Paraná, o presidente Ernesto Geisel dá um puxão de orelhas na apatia da juventude brasileira. Lembra que há pelo menos 1 milhão de jovens credenciados a se tornarem eleitores e enfatiza a necessidade de conscientizar esses moços para integrá-los à política por meio dos partidos regularmente organizados. Após retornar do México, insiste no assunto com o presidente da Arena, Francelino Pereira, que retruca:

— Não é tarefa fácil, presidente. Nós estamos em um regime de exceção, e os jovens querem a democracia imediata.

Francelino tinha sido escolhido por Geisel para suceder Petrônio Portella na presidência da Arena. Entre outras tarefas, deveria disseminar a certeza de que o processo eleitoral seria cumprido à risca: eleição de

prefeitos e vereadores em 1976, escolha de deputados, senadores e governadores dois anos depois. Percorre o país com essa missão. Em dezembro de 1975, chega a São Paulo para participar do I Encontro de Vereadores e Chefes Partidários da Área Metropolitana de São Paulo. Identifica pessimismo e desconfiança nos pronunciamentos dos políticos locais no plenário da Câmara Municipal paulistana. Galerias lotadas, faixas por todos os lados, comentários generalizados sobre a “imprudência” da decisão de se promover eleições nas cidades. Em silêncio, Francelino escuta os sucessivos pronunciamentos. Quando chega a sua vez de subir à tribuna, resolve falar de improviso. Sai em defesa do Presidente da República: “Que país é este? Que Constituição é esta? Que lei é esta? Que país é este que, tendo à frente dos seus destinos um cidadão da dimensão do presidente Ernesto Geisel, comprometido com o retorno da democracia, mesmo assim, ainda duvida da realização desse idealismo? Ainda duvida que o processo eleitoral seja realizado?”.

O rompante do presidente da Arena, em momento de ascensão do opositorista MDB, ganha destaque nos jornais locais. O desabafo é publicado na reportagem “As dúvidas foram desfeitas”, da *Veja*. Na edição, que destaca na capa um especial sobre a classe média brasileira, Francelino também rechaça a ideia de que os dois únicos partidos políticos do país estavam condenados à extinção: “A Arena é um partido irreversível e aos que se detém em especulações repito que o país não esgotou ainda a experiência bipartidária”.

Mesmo com o apoio irrestrito de políticos próximos do poder como Francelino Pereira, Ernesto Geisel ainda tem um longo caminho para restabelecer a democracia de forma “lenta, gradual e segura”, como deseja. Enfrenta fortes resistências dentro da caserna. Passa por momentos difíceis, agravados com a crise mundial de fornecimento do petróleo. Para reduzir a dependência da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), os jornais divulgam a solução brasileira – “Mandioca: Nossa arma para enfrentar a Opep” –, a partir da extração do álcool anidro do tubérculo e posterior adição à gasolina. A mandioca é apenas uma ilusão passageira. Já se fala em racionamento.

Geisel autoriza o retorno ao Brasil do antropólogo Darcy Ribeiro, para se submeter a tratamento de câncer no pulmão, mas o proíbe de ir a Brasília e visitar a universidade que criou. Geisel também não permite que Juscelino Kubitschek, ainda com os direitos políticos cassados, circule livremente

pela capital. As visitas do ex-presidente se dão de forma clandestina e ficam restritas ao círculo próximo de amigos. “Me sinto eLivros no meu próprio país”, escreve o ex-presidente em seu diário. Isolado em uma fazenda em Luziânia, mesma cidade onde ficava o sítio dos Manfredini, Juscelino está amargurado, é uma pálida sombra do espírito empreendedor e esfuziante que tinha comandado a construção da capital.

Em agosto de 1976, depois de jantar na casa de amigos, JK sobe até a cobertura do hotel Eron Brasília. Ao ver as luzes da cidade, deixa escapar:

— Mas que cidade linda! Vejam!

Chama os amigos para a contemplação. De repente, a euforia se converte em tristeza, quando afirma para a amiga Vera Brant:

— Estou com a sensação de que Brasília não é mais minha.

No dia seguinte, em conversa com um sobrinho, Carlos Murilo, constata:

— Sou um homem realizado. Brasília aí está. É uma obra que ficará para sempre. Mas sou realista, meu tempo aqui na terra está acabando. A única coisa que eu queria agora era morrer. Não tenho temperamento para esperar as coisas. Meu último desejo, realmente, seria ver o Brasil retornar à realidade democrática. Mas isso vai demorar muito e eu quero ir embora.

Juscelino não presencia o retorno da democracia ao Brasil. Poucos dias depois da última visita a Brasília, morre em um acidente automobilístico na rodovia Presidente Dutra. Ao saber da notícia, Geisel se reúne com os ministros da Justiça, Armando Falcão, e do Exército, Sylvio Frota, e lamenta:

— Tanto pedi a Deus que esse homem não morresse no meu governo!

Depois de enfrentar a resistência de Frota (“Sou contra qualquer homenagem do governo a esse homem. Era um contrarrevolucionário.”) e do chefe do Gabinete Militar Hugo Abreu (“Inimigo é inimigo.”), Ernesto Geisel decide decretar luto oficial por três dias – mas sem honras militares nem ponto facultativo. O enterro seria na cidade que Juscelino construiu. Recebido por 30 mil pessoas no aeroporto, o caixão é levado para a missa de corpo presente, na Catedral. O cortejo segue pela W3 Sul, inteiramente tomada. Parecia que a cidade toda tinha descido dos blocos para se despedir, e pedia a alteração do nome da avenida, gritando: “W3 vai mudar, Avenida JK!”. Da superquadra dos Manfredini, os pais de Renato ouvem a passagem do cortejo. A multidão entoia a canção popular “Peixe vivo”, a favorita de JK, com os versos ligeiramente modificados:

*Como pode o Juscelino viver fora de Brasília?
Como poderei viver sem a tua companhia?*

Após quatro horas de cortejo, o caixão chega ao cemitério, no final da Asa Sul. Saudado pelos gritos de populares – “Viva JK!”, “Viva a democracia!” –, o corpo de Juscelino Kubitschek de Oliveira é enterrado em túmulo desenhado por Niemeyer, feito com mármore que sobrou da Catedral.

Renato inicia tratamento nas Pioneiras Sociais, o mais avançado hospital da cidade para pessoas com dificuldade de locomoção. Lá, faz sessões regulares de fisioterapia. Mas a epifisiólise deixara sequelas. Quem o observasse com atenção perceberia que ele mancava. Alguns da quadra notam o problema, mas resistem à tentação de impingir apelidos jocosos – o próprio Renato já tinha sido por algum tempo o Papo-de-Cotia, por conta de uma protuberante camada de pele embaixo do pescoço. Dono de raciocínio rápido e cortante, Luiz Gustavo era o mais temido. E também o mais popular. Com desenvoltura, circulava entre quadras e entre turmas. Certo dia, contou a Renato que um colega do Colégio Dom Bosco tinha acabado de ganhar uma guitarra Gibson. Os olhos do amigo brilharam.

— Uma Gibson?! Como ele conseguiu?

— O pai dele é piloto do Geisel e acabou de voltar dos Estados Unidos.

— Por favor, me apresenta a ele. Eu preciso ver essa Gibson. Onde ele mora?

— Na 104.

— Vamos lá agora!

E foi assim que, numa tarde brasiliense como outra qualquer, Renato Manfredini Junior foi parar no apartamento de Herbert Lemos de Souza Vianna.

Nascido em João Pessoa em maio de 1961, Herbert Vianna tinha chegado a Brasília pela primeira vez em 1963. Residira em duas quadras da Asa Sul: na 414 e na 110, esta última no apartamento de três quartos destinados a oficiais graduados da Aeronáutica. Caso do pai, o piloto Hermano Vianna, responsável pela segurança do espaço aéreo do Presidente da República. Os dois irmãos de Herbert, Hermano e Helder, o acompanhavam nas brincadeiras no parquinho da 111 Sul, quadra da

Marinha. Para chegar lá, contudo, era necessário atravessar o barro vermelho e a vegetação cerrada. Muito mato.

Muito medo. Num dia de 1968, os irmãos Vianna se assustam ao serem orientados a não descer para brincar embaixo do bloco. O serviço de informação militar tinha recebido notícias que os secundaristas brasilienses, ensandecidos com a morte do estudante Edson Luís no Rio de Janeiro, queriam vingança e estavam dispostos a tudo. E eles, filhos de um oficial graduado que servia diretamente ao presidente Costa e Silva, poderiam ser alvo de sequestro. Ordem do dia: crianças, para dentro. Tropas da Aeronáutica são mobilizadas para proteger os moradores dos blocos residenciais. O prédio é cercado, à espera dos estudantes.

O inimigo nunca chegou.

A família Vianna deixa Brasília em 1968. Retorna para a 110 Sul em 1972. Lá, um vizinho, Romeu, se torna o primeiro professor de violão de Herbert – é sucedido por Alcione, que ensina harmonias mais complexas, inclusive de bossa-nova, ao pré-adolescente. O garoto começara cedo: ganhou o primeiro violão, um Giannini preto com a frente esverdeada, aos 5 anos.

Mudam-se para um apartamento de quatro quartos na 104 Sul, quadra destinada a diplomatas e militares. Aficcionado por música pop, o filho mais velho, Hermano, gosta da localização estratégica do novo endereço, pois não depende mais de carona para comprar *Melody Maker* na revistaria da 303 Sul e os fascículos mensais da série *Rock: a história e a glória*. Também pode ir a pé até o Conjunto Nacional e ampliar a coleção de discos. No fim de semana, no início da tarde, ele e os irmãos grudam os olhos na TV para ouvir e ver (nessa ordem) o *Sábado Som*, apresentado por Nelson Motta, rara chance de ver performances ao vivo de Led Zeppelin, Yes, Deep Purple, Pink Floyd, entre outros. Programa obrigatório.

Pelo fato de o pai ser piloto da Presidência da República e estar bem próximo do poder, os irmãos Vianna têm uma rotina um pouco diferente das outras crianças brasileiras da mesma idade. Quando surgia a necessidade de ir ao dentista, por exemplo, o pai avisava:

— Vou te levar no Palácio do Planalto.

A assistência odontológica dos familiares dos funcionários da presidência funcionava no anexo do Palácio, a menos de quinhentos metros da sala de despachos de Ernesto Geisel. Inevitável proximidade com o poder. Certa vez, a família Vianna foi convidada para um grande churrasco

na Granja do Torto. Em animada roda, conversavam o presidente e alguns de seus auxiliares mais próximos, como os ministros Golbery do Couto e Silva e Hugo Abreu. Entediados naquele ambiente de adultos, alguns adolescentes levados pelos pais resolveram se distrair por conta própria. Os oficiais acendiam o fogo do churrasco, e eles os cigarros de maconha.

Herbert gostava de andar de skate com os outros garotos da quadra, entre eles um amigo de seu irmão mais novo, Helder, o cabeludo Felipe de Nóbrega Ribeiro, o Bi, filho do diplomata-chefe do cerimonial da presidência. Desciam a ladeira da quadra, mas gostavam mesmo era de enfrentar a inclinação do clube da Base Aérea, a Grande Ladeira. Brincavam de corrida de elevador, taco, bola. Até que um dia Herbert viu uma guitarra elétrica de perto pela primeira vez. Foi na loja Pioneira da Borracha, na W3 Sul. De tanto admirar o instrumento, fez seu pai comprá-lo.

Guitarristas da cidade adquiriam status quase lendário entre os garotos. Caso de Eduardo Watson, que impressionou Herbert pela velocidade, técnica e criatividade. O irmão de Hermano e Helder parou de descer com tanta frequência. Queria mais tempo para tocar. Acordava às cinco da manhã e já pegava a guitarra. Depois ia para o Dom Bosco. Ao voltar do colégio, passava tardes inteiras dentro do quarto. Em sua companhia, apenas os guitarristas Jimmy Page, Eric Clapton, Steve Howe, Jon Akerman, John McLaughlin e Larry Coryell – ele também tinha enveredado pelo jazz rock. Herbert tenta alcançá-los na técnica, sabendo que apenas um será impossível de superar: Jimi Hendrix. Debaixo do bloco, os outros garotos da quadra escutavam os acordes que emanavam do terceiro andar. De forma obsessiva, Herbert procurava aperfeiçoar a própria técnica. Deu certo. Aos 15 anos, o filho do piloto Hermano Vianna já era um virtuose da guitarra.

Quando Renato e Luiz Gustavo entram no apartamento de Herbert, a sala já estava ocupada pela dupla Mick Jagger e Keith Richards. Hermano escuta “Hey Negrita”, faixa do disco *Black and Blue*, dos Rolling Stones, lançado em 1976. Os visitantes seguem para o quarto, onde Luiz Gustavo apresenta Renato a Herbert. Os dois trocam poucas palavras. Herbert empunha a Gibson LG5 preta e executa o *riff* potente criado por Richards para “Hey Negrita”. Renato se impressiona. Sem muita conversa, como lhe era característico, deixa o apartamento dos Vianna.

Grandes nomes chegam à cidade. O ginásio de esportes recebe os Doces Bárbaros, quarteto formado por Gil, Caetano, Bethânia e Gal, na primeira aparição pública de Gil depois da prisão por porte de maconha em Florianópolis. O mesmo Gil se une a Rita Lee no projeto Refestança e percorre oito capitais brasileiras com discurso na ponta da língua. “O que a gente quer mesmo é derrubar essas barreiras absurdas”, afirma ao *Jornal da Música*. “Rita Lee não é da aristocracia do rock brasileiro e eu não sou da aristocracia da MPB. Podemos fazer qualquer trabalho, seguimos nossos impulsos. Queremos é deixar o caminho aberto para nossos filhos. Tentamos resolver os problemas do tempo, deixar para nossos filhos os problemas do tempo deles. Não queremos deixar problemas de herança.”

Renato volta a sair de casa. Assiste à estreia de *Irmão sol, Irmã lua*, de Franco Zeffirelli e com músicas de Donovan, “um filme que exalta o eterno encanto da primitiva inocência”. Ainda usa as muletas, inclusive para ir à escola. Alguns colegas o encaravam como se fosse um alienígena; sabem da história dos pinos e o apelidam de *O homem de seis milhões de dólares*. Odeia aqueles olhares. Desabafa para os mais próximos:

— Já sou feio, tenho o rosto cheio de espinhas e ainda ando de muletas... Quem vai olhar para mim?

A turma do Marista tem que preparar uma apresentação relacionada à música. De imediato, Renato avisa:

— O tema do meu grupo vai ser a história do rock.

Rigorous na hora de selecionar os colegas de grupo, ele convida Maria Inês Serra e mais dois ou três felizardos que se mostraram dispostos a executar a tarefa como ele planejava. Tinha gostado de trabalhar com Inês em uma pesquisa sobre cantigas de roda – o esforço alheio representava fator decisivo para a escolha. Deixa claro, a ponto de despertar antipatia e criar fama de chato, que não carregará ninguém nas costas. Apesar dos pedidos de colegas como Geddel Quadros Vieira Lima para entrar no seu grupo pela garantia de notas altas na avaliação final. Filho do político baiano Afrísio Vieira Lima, o gordinho Geddel era um dos palhaços da turma. Chegava no colégio dirigindo um Opala verde, o que despertava atenção das meninas e a inveja dos meninos, que davam o troco chamando-o de “Suíno”. Geddel tinha sempre uma piada na ponta da língua; as matérias, nem sempre.

— Eu vou ser político!

O jeito expansivo garantia popularidade entre os colegas, mas não unanimidade. “Ele é in-su-por-tá-vel!”, justifica Renato para Maria Inês, dividindo as sílabas de forma enfática, ao sentenciar a proibição da entrada de Geddel em seu grupo.

A preparação do trabalho consome semanas. A pesquisa, concentrada no acervo guardado por Renato em seu quarto, inclui o detalhamento de aspectos controversos da biografia de ídolos do rock. Ao estudar a trágica trajetória de Janis Joplin e Jimi Hendrix, Renato comenta com Inês:

— Como é que pode alguém se drogar para fazer música?

As tardes de pesquisa, porém, não resultam apenas em fonte de inquietação sobre os destinos erráticos das estrelas do rock. Na parte mais divertida da preparação do trabalho, Inês observa o amigo escolher um disco, colocá-lo na vitrola e iniciar o show particular. Renato canta junto, faz solos imaginários de guitarra, dedilha um violão, imita os artistas que se revezam no toca-discos. Reproduz o falsete de Elton John – “*And I think it’s gonna be a long, long time...*” – no refrão de “Rocket Man”. Também capricha no tom grave da voz para imitar Elvis Presley – sem êxito. A amiga achou que estava escutando Jerry Adriani.

Mesmo sem a parte da dublagem, estrategicamente esquecida na 303 Sul, Renato e Inês recebem nota máxima pelo trabalho. Mais: são convidados a bisar a apresentação, dessa vez no auditório do Marista, diante de alunos de outras turmas do segundo grau. Além da explanação verbal, proporcionam aos colegas uma experiência audiovisual. Coladas em cartolinas, fotografias de ídolos do rock (selecionadas do acervo particular do líder do grupo) são exibidas enquanto o auditório é sacudido por trechos de clássicos do gênero, cuidadosamente pinçados e gravados em fitas cassete. Para aumentar a dramaticidade, Renato faz questão de resumir em frases de efeito, pronunciadas em tom incisivo, os pontos-chaves das ideias defendidas no trabalho. Terminada a apresentação, começa o debate. Uma das colegas critica o rock e defende a MPB como porta-voz dos anseios da juventude brasileira. Diante do auditório lotado, Renato rebate:

— O rock é um movimento musical que revolucionou a música popular, porque é o único gênero feito por jovens e para os jovens. Por isso, se tornou sinônimo de rebeldia.

Aplausos dos colegas e dos professores. Graças à convicção e ao conhecimento de rock, Renato passa com louvor no primeiro teste de popularidade diante de uma audiência imprevisível. Nada mau para um

aluno até então notado nos corredores apenas pelas espinhas e muletas. Com ajuda de Inês, Elvis, Janis e Hendrix, Renato não era apenas mais um entre as centenas de alunos do segundo grau do Marista. Tinha deixado de ser invisível.

— Vamos acabar o mais rápido possível para ver o *Sábado Som*!

Ana Cristina Ferreira, Paula Valle, Marcos Gentil e Renato Manfredini têm pressa, querem terminar logo as tarefas passadas em sala de aula. Os quatro colegas do Maristão correm para o apartamento mais próximo, o da mineira Paula, na 115 Sul, e chegam a tempo de ver trechos de um show do Queen.

Cristina tinha acabado de chegar do Rio; Paula, de Belo Horizonte. As duas estudam na sala de Renato, uma das duas turmas do terceiro ano do segundo grau do Marista. Magro e pálido, Renato começara a fumar St. Moritz, uma marca de cigarros conhecida pelo apelido “Paulo César Caju” por causa da aparência do craque do Botafogo que tinha ido jogar na França: negro, fino e metido a francês. A figura diferente de Renato chama atenção da carioca recém-chegada. Os dois sentavam nas primeiras filas do lado direito da sala (perto das janelas); ele na fila da frente e ela logo atrás. A convivência e as afinidades os aproximaram.

Prestativo com alguns colegas, Renato só não demonstra tanto interesse nas aulas das matérias menos convidativas. Química inorgânica, por exemplo. Geralmente fica emburrado. Nas experiências no laboratório, até que se interessa em entender as diferenças entre os tempos de fusão e de ebulição. Mas deve fazer misturas, separação, destilação, decantação, além de estudar reações químicas, caráter ácido e básico dos elementos, formação de sais, pontos de viragem. Para piorar, no terceiro ano, o ensino de físico-química inclui a revisão de todo o conteúdo das duas séries anteriores, ou seja, mais conhecimento aprofundado de matemática e física. Renato detesta tudo aquilo e não esconde do professor Paulo César o seu aborrecimento. Consequência: troca as aulas aborrecidas pelas músicas gravadas nas fitas cassete do carro de Gentil, estacionado nos fundos do colégio.

Marcos Sílvio, professor de redação, tinha mais sorte. Já havia reparado nas áreas de interesse daquele aluno quando ensinou literatura brasileira no primeiro ano do segundo grau. No início do semestre, os professores de português pediram para os alunos entregarem uma lista com os livros que

havam lido. Renato relacionou vinte. O professor, então, perguntou para a sala:

— Quem é o Manfredini?

Renato ergueu a mão. O professor emendou:

— Eu pedi a relação dos livros que você leu, não os da biblioteca do seu pai.

Risadas generalizadas na turma.

Renato esclareceu que começara a ler os clássicos aos 9 anos de idade: Camões, Homero, Shakespeare. Questionado pelo professor sobre o motivo da precocidade, respondeu de forma singela:

— Meu pai tem uma boa biblioteca.

Além de utilizar a biblioteca do colégio e a da Cultura Inglesa, Renato pega livros emprestados no Instituto Nacional do Livro, na W3 Sul. Encara a leitura como prazer, não obrigação. Gosta de Machado de Assis, Eça de Queirós, Fernando Pessoa. Suas redações ganham as maiores notas. Ao receber o tema, Renato não se restringe à fórmula introdução-desenvolvimento-conclusão; inclui informações obtidas com a leitura cotidiana de jornais e revistas, às vezes entremeadas por citações de livros. Marcos Sílvia comenta o alto rendimento do aluno com os outros colegas, Raul Duarte e Marcos Martins. Este, responsável pela coordenação do ensino de português, já tinha notado o desempenho daquele aluno desde o primeiro ano, quando Renato respondia ao desafio de elaborar dissertações e interpretar passagens de livros como *O Guarani*, de José de Alencar, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda. Acossado pelo surgimento de escolas com visão empresarial do ensino e métodos objetivos de avaliação, o Marista insiste em fazer os alunos utilizarem o raciocínio e o poder de argumentação na hora de verificar o aprendizado do conteúdo. Com essa proposta, Renato se dá bem. Tira boas notas e se destaca na hora de apresentar trabalhos, como o que preparou com a colega Letícia Borges sobre *I-Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias.

Marcos Sílvia percebe que as redações de Renato, mesmo as focadas em temas como desigualdade econômica, continham o que chamava de “tom lírico”. Resolve chamá-lo para conversar após o fim da aula:

— Manfredini, você tem uma faceta poética nos seus textos. Você escreve poesia?

Sem demonstrar muito entusiasmo, Renato tenta se esquivar, mas confirma.

— Você não quer me mostrar?

A resposta só vem semanas depois, quando Marcos recebe uma folha com um poema longo, de narrativa fragmentada, sem métrica nem rimas, no estilo da literatura *beat* norte-americana. O professor lê com atenção. Ao devolver para o aluno, aconselha:

— Gostei, mas tem que dar uma podada, Manfredini. Esse poema está muito longo.

Renato jamais voltou a mostrar seus poemas para Marcos Sílvio.

No terceiro ano do Marista, há um clima permanente de competição velada por conta do vestibular – o índice de aprovação dos alunos do colégio era alto, um dos maiores do Distrito Federal. No primeiro ano do colégio, o jornal interno enfatizou o resultado obtido pelos alunos: “Inscrevemos 99 candidatos e passaram 66 – isso sem cursinhos!”. O terceiro ano tinha aulas seis vezes por semana, de segunda a sábado de manhã, e provas no sábado à tarde. Mas o grupo formado por Renato Manfredini Junior, Ana Cristina e Marcos Gentil nem sempre estava em sala de aula. Ainda mais quando se juntava a eles outra grande amiga, a chinesa Ma Chia Hsien, conhecida como Susie. Cabelos longos e olhos negros, a garota de Formosa, município de Goiás, morava em cima de uma loja em uma entrequadra comercial da Asa Norte. Susie adorava The Mamas & the Papas, falava inglês e sorria sempre. Renato se encanta.

Já Marcos Gentil convivia com Renato desde a sétima série. Filho de funcionária graduada do Ministério da Educação, trocou as ladeiras cariocas do bairro de Santa Teresa pela área retilínea da SQS 109 em 1973. Morava em frente ao clube Unidade Vizinhança, mas não ia tomar sol nem praticar esportes. Ficava em casa ouvindo Deep Purple, Focus, Genesis. No Marista, o cabeludo Gentil fazia parte da turma dos roqueiros. Portanto, da turma de Renato.

Desde a oitava série, quando já arriscava acordes com a sua guitarra, Marcos Gentil pensava em montar uma banda. Encorajou Renato a aprender a tocar teclado, mas a ideia não foi adiante. Só depois que o amigo se recuperou da epifisiólise e comprou um baixo é que eles voltam a tramar música. Emprestam discos um ao outro – “Marcos, tem que devolver direitinho, com o plástico dobrado do jeito que saiu daqui” –, gravam fitas, vasculham prateleiras das lojas atrás de LPs.

Renato sonha.

— Marcos, se a gente ficar bem famoso, um dia a gente se reencontra em Brasília, cada um na sua limusine, ali no estacionamento do ginásio de esportes. Vou mandar o motorista abaixar os vidros e vou te perguntar: quanto é que você ganhou hoje?

Marcos Gentil também colecionava discos. Ao voltar da Discodil do Conjunto Nacional, em vez de seguir para a SQS 109, fazia uma parada obrigatória na SQS 303 para ouvir com Renato os discos recém-comprados. E, no Natal, após a distribuição de presentes, corriam para o telefone:

— Sabe o que eu ganhei, Renato?

— Você tem que vir aqui para ouvir, Marcos! É muito bom, muito bom! Não dá para você vir agora? Então, ouve um pedacinho aí...

A dupla faz descobertas em conjunto. Conseguem comprar maconha de um colega do segundo ano e correm para o quarto de Renato. Ao som de Beach Boys, fumam erva pela primeira vez. Tiram os óculos de grau e se examinam:

— Olha o meu olho, vê se não tá muito vermelho!

— Olha o meu também!

O exame visual desperta uma irresistível vontade de rir. De rir não, de gargalhar. De repente, estão rindo tão alto que Carminha entra no quarto e pergunta:

— Meninos, o que é tão engraçado que faz vocês rirem tanto?

Renato não consegue responder à mãe. Continua rindo. Mas quando discutem filosofia, impulsionados pela leitura dos volumes semanais da coleção *Os Pensadores* e de três tomos sobre o tema, organizados em perspectiva histórica pelo inglês Bertrand Russell, o fazem seriamente.

Aos 17 anos, os amigos tentam compreender o sentido da vida – tarefa facilitada após algumas doses de cachaça Coquinho ou vinho Chapinha. Uma vez, beberam a noite inteira e, já de madrugada, no caminho de volta para casa, resolveram parar para observar as estrelas. No meio da W3, sentam no asfalto, permanecendo por longos minutos, sem carros para ameaçá-los, de olho no céu.

A bordo do Opala bege de Marcos, os quatro amigos se lançam na cidade. As incursões noturnas se expandem. Um dia foram jantar no restaurante panorâmico do hotel Eron Brasília, mas, ao se deparar com as portas fechadas, mudaram de ideia. Desceram no bar e bolaram um plano para levar bebida – engatinhando, para não serem vistos pelos funcionários, surrupiaram diversas garrafas de uísque. Marcos parou o carro na porta e

enquanto uma das meninas distraía o recepcionista os outros conseguiram sair sem serem notados. Deixaram o hotel reabastecidos para virar a noite na Prainha, às margens do Lago Paranoá.

Entre quatro paredes, o grupo de amigos descobre sensações, dá risadas, compartilha experiências que não divide com outros colegas do Marista. E guarda os detalhes daquele período de intensa intimidade. Também se abre para confissões. A pelo menos um deles, Renato revela sentir atração sexual por homens, o que o faz se sentir confuso a respeito da origem do seu desejo.

Também brincam de fazer música. Marcos e Renato levam amplificador, guitarra e baixo para o apartamento de Ana Cristina, na 106 Norte. Tocam Rolling Stones, Crosby, Stills, Nash & Young e Emerson, Lake & Palmer. Aprontam uma zoeira danada na sala, a ponto de o pai da garota ter de fechar a porta de acesso aos quartos para isolar o barulho produzido pela dupla. As visitas também são retribuídas. Ana Cristina ia com frequência ao apartamento de Renato e ficava admirada com o acervo fonográfico do amigo.

— Essa é a maior coleção de discos que eu já vi!

Havia muitos discos repetidos – ele comprava dois, três exemplares idênticos para presentear ou para qualquer eventualidade, como os arranhões decorrentes do excesso de uso. Para recuperá-los, Renato pegava uma caneta Bic e preenchia os sulcos com a pressão da tinta. Dizia que, daquela forma, era novamente possível ouvir o disco sem que ele pulasse nas faixas riscadas. E funcionava. Um dia, o anfitrião tirou um dos álbuns da estante, colocou para rodar e informou à amiga:

— Esse disco é de um cara dos Estados Unidos, um desses desconhecidos que tocam na rua para ganhar uns trocados. Aí alguém teve pena e resolveu gravar um disco com ele.

Pisciana, Ana Cristina acredita piamente na história contada pelo amigo. Nem sequer desconfia que tinha acabado de escutar um dos primeiros discos de Bob Dylan.

Inflação em alta, denúncias, estudantes de volta às ruas. No terceiro ano do governo Geisel, a “distensão lenta, segura e gradual” concebida por Golbery do Couto e Silva sofre abalos seguidos. O presidente tinha fechado o Congresso Nacional e decretado uma série de medidas no chamado Pacote de Abril, incluindo a ampliação do mandato presidencial para seis

anos e a criação de eleição indireta para um terço do Senado. “Tempos difíceis”, definia a revista *Veja* em 25 de maio de 1977. “Desde que o governo editou seu pacote de reformas políticas em abril, o país passou a viver, de forma mais acentuada que em qualquer outra época recente, tempos de incerteza e antagonismo – um surdo, ecumênico mal-estar, um generalizado desencanto com as excelências das instituições políticas atuais”, explicou a revista, ao justificar a reportagem de capa para seus leitores.

No fim de maio, após a suspensão de dezesseis alunos por participarem de manifestações que exigiam a anistia dos presos políticos, os estudantes da UnB anunciam greve. Poucos dias depois, o campus é cercado pela Polícia Militar. As tropas intimidam professores e funcionários. A crise leva tensão à Esplanada, saindo da esfera do Ministério de Educação e Cultura e passando a ser monitorada pelo Gabinete Militar da Presidência da República. Logo surge a comparação com a escalada de fatos até o AI-5, em 1968. A crise se arrasta e os estudantes ocupam a universidade. Fazem assembleias e mais assembleias, dormem nas salas de aula, promovem shows (Clementina de Jesus, Nelson Cavaquinho), debates (Plínio Marcos, Ignácio de Loyola Brandão), exibem filmes proibidos (*Iracema – Uma Transa Amazônica*, do ex-aluno Jorge Bodanzky), cantam músicas de Geraldo Vandré, dos chilenos Victor Jara (morto durante a ditadura Pinochet, em 1973) e Violeta Parra e da argentina Mercedes Sosa. Sonhavam com a união latino-americana, mas acordam com os camburões do lado de fora do Minhocão, o prédio central da universidade.

Com carta branca do Planalto, o reitor e capitão de Mar e Guerra José Carlos Azevedo impõe trinta dias de recesso. Instala comissão de inquérito e determina punição para 64 estudantes (trinta são expulsos). A UnB reabre, mas com policiais dentro do campus. A frequência dos alunos passa a ser acompanhada pela reitoria. A UnB está novamente sob controle. Não só em Brasília os estudantes tinham voltado a agitar faixas como “Pelas liberdades democráticas” e o grito-síntese “Abaixo a ditadura”. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Porto Alegre também enfrentam convulsões urbanas. A maior delas ocorre na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em São Paulo. A universidade é invadida e, após o lançamento de bombas de gás lacrimogêneo, 1.700 estudantes são detidos. O medo dos militares era que os estudantes conseguissem o apoio de outros grupos sociais. Contudo, ao menos em relação a uma categoria, o temor do governo podia ser

considerado infundado. Em setembro de 1977, em entrevista à revista *IstoÉ*, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Luiz Inácio Lula da Silva, expõe suas restrições: “O estudante mantém o idealismo por quatro anos, depois passa a explorar a classe operária. Os estudantes estão de parabéns pelo que estão fazendo, seu papel na sociedade é este mesmo, mas não aceito a ideia de tentar envolver a classe operária”.

Mesmo na música, os manifestantes, que tinham consagrado novamente “Pra não dizer que não falei de flores” como canção-tema dos protestos, marchavam para longe da unanimidade. Como Rita Lee deixou claro, também em setembro, em entrevista ao *Jornal da Música*: “Estudantes, acho uma gente muito triste, muito pra baixo, as mudanças que eles querem fazer querem de um modo antigo. Não é mais assim que se fazem mudanças”.

God save the queen!

Fê Lemos ouve uma, duas, três, repetidas vezes o compacto dos Sex Pistols que tinha comprado em Leicester, cidade a duas horas de Londres. Então aquilo era o punk rock?

God save the queen!

She ain't no human being

There is no future...

Fê curte a letra, ataque frontal à monarquia britânica. Mas acha o punk muito arrastado, exasperadamente lento – os semanários *Melody Maker* e *New Musical Express* falavam de um rock vibrante, taquicárdico, explosivo. Comenta com a irmã, Helena:

— Que diferente, é superestranho!

Ainda intrigado, Fê demora um mês para matar a charada. Os compactos na Inglaterra deveriam ser escutados na velocidade de 45 rotações por minuto, não na 33, como estava posicionado no toca-discos da família brasileira. Quando muda a chave, faz-se a luz: a batida acelera e o punk ganha a forma imaginada a partir das descrições dos jornais.

A família Briquet de Lemos estava na Inglaterra desde dezembro de 1976, e nevava quando chegaram em Londres. Moravam em Cropston, vila próxima de Loughborough, onde o pai fazia mestrado em Biblioteconomia. O vilarejo também era perto de Leicester, onde Fê assistiu a The Clash,

Undertones e Iggy Pop. Era um show quase toda semana – em Brasília, tinha visto Rita Lee, Secos & Molhados, Casa das Máquinas e Som Imaginário. Na escola, foi o primeiro a usar a camiseta com o nome da banda Sex Pistols, a do compacto que comprara. Também passou a usar calça jeans rasgada, cheia de remendos. Foi o estudante brasileiro quem apresentou aos colegas ingleses a indumentária punk. E Fê queria mais. Pediu ao pai para estudar bateria. Foi atendido.

Além de explorar a discoteca dos pais (Modern Jazz Quartet, Beatles, Stones, Iron Butterfly, Pink Floyd, entre outros), Fê nunca parava de batucar: nos pratos, nos copos, até na cabeça de Helena. O batuque se intensificou quando conheceu Rodolfo Cardoso de Oliveira, de um grupo da Colina chamado Monjolo, o primeiro baterista que Fê viu tocar. Ao saber que Rodolfo tinha adquirido uma segunda bateria, Fê vendeu a bicicleta Monark Monareta e comprou a Caramuru, a primeira bateria do vizinho. Lá do apartamento 33, atormentava a Colina inteira, aumentava o volume do som e tentava acompanhar os bateristas das bandas favoritas.

Os irmãos Fê e Flávio Lemos cresceram em intenso convívio com André e Bernardo Mueller, filhos do casal de professores da UnB que estavam lá desde 1971. Os quatro inventavam brincadeiras e exploravam os descampados próximos aos edifícios residenciais. Na imaginação das crianças, o matagal da frente virava um labirinto, por conta das moitas que dificultavam a passagem. Construíam carrinhos de rolimã, preparavam bombas de pólvora. Como uma dupla de cientistas, Fê e Flávio juntavam produtos químicos para criar substâncias, e também brincavam de *Perdidos no espaço* – num passe de mágica, peças de madeira se transformavam nos comandos da nave da família Robinson do seriado. André e Bernardo também curtiavam ficção científica, histórias protagonizadas por monstros e assombrações. Uma vez transformaram o quarto em casa-fantasma, com armadilhas e lanternas imitando morcegos que caíam sobre os desavisados.

Na transição para a adolescência, os irmãos Lemos e Mueller passaram a prestar maior atenção nas *jams* que rolavam embaixo do bloco, promovidas por uma turma mais velha. Brincavam de montar uma banda de rock. Fê tocava bateria, André ficaria no baixo:

— Somente quatro cordas, vamos nessa!

Adoravam Led Zeppelin, divergiam apenas na hora de escolher as faixas favoritas dos discos da banda de Robert Plant e Jimmy Page. Na contramão da unanimidade, André provocava:

— “Tangerine” é uma balada muito melhor do que “Stairway to Heaven”.

Quem estivesse por perto naquelas tardes ociosas brasilienses acabava absorvendo as lições aprendidas por Fê, Flávio, André e Bernardo. Caso de Helena, a irmã mais nova dos Lemos, que, com 9 anos, virou roqueira.

A diferença de idade entre Felipe e Flávio era insignificante: o primeiro nasceu em junho de 1962, e o segundo em outubro de 1963. No apartamento da Colina, dividiam o mesmo quarto, onde também ficava a bateria. Enquanto Fê se arriscava nas baquetas, Flávio se aventurava cerrado adentro. No meio do mato havia um telescópio, instalado pelo Departamento de Física da UnB. Ficava horas por lá, de olho nas estrelas e caderno na mão para anotar as descobertas. Quando soube que iriam passar uma temporada na Inglaterra, Flávio comprou uma batelada de fitas TDK para levar na bagagem os sons de que mais gostava. Entre eles, *Vol. 4*, do Black Sabbath, e *Acabou Chorare*, dos Novos Baianos. Nem precisou recorrer muito aos cassetes. A discoteca logo foi enriquecida com aquisição de LPs de Dr. Feelgood, MC5 e Stooges, mais compactos dos Sex Pistols, Clash e Damned. O discurso contestatário e niilista das bandas punk contagiou os irmãos Lemos. Xingar a rainha da Inglaterra numa música? Se estivessem no Brasil, seriam censurados, poderiam até ser presos. Nunca tinham ouvido ninguém cantar daquele jeito sobre aqueles temas – e ainda vestidos daquela forma. Em um passeio em Londres, deram de cara com punks na King’s Road. O queixo caiu.

As novidades roqueiras se multiplicavam a cada semana, intermediadas pelo DJ John Peel. “Acabei de tocar três bandas novas, que não são famosas, mas foram lançadas por selos independentes e estão fazendo muito boa música, isso é o mais importante”, dizia o radialista da BBC. Fê gravava os programas em fitas cassete e mandava para o amigo André Mueller. Antes, os garotos da Colina colecionavam selos. Agora, colecionavam novidades. Continuavam em sintonia. Por meio de cartas, combinavam o futuro. Na Inglaterra, Fê teve aulas de bateria; no Brasil, André começou a tocar baixo. Estava decidido. Na volta de Fê a Brasília, os dois montariam uma banda de rock.

No Rio de Janeiro para prestar exame e ingressar no Colégio Militar, Herbert Vianna teve a mesma ideia de Fê Lemos. Ao reencontrar Bi Ribeiro, então prestes a viajar para a Europa, o antigo vizinho da 104 Sul fez um pedido:

— Vê se traz um baixo pra gente tocar, cara. Aqui não tem nada pra fazer, eu não conheço ninguém.

Durante temporada de três meses na Europa em companhia de outros filhos de diplomatas que moravam na 104 Sul, Bi Ribeiro lembra a sugestão do amigo. Na Inglaterra, compra um baixo Precision. Ninguém da turma da 104 tinha algo remotamente parecido. Herbert e Bi se reencontram no Rio e começam a tocar juntos. Como sala de ensaios, utilizam a garagem da casa da avó de Bi, Ondina Ribeiro, na rua Souza Lima, em Copacabana.

“Afinal, para onde vai o rock?”

Em julho de 1977, a reportagem de capa do *Caderno 2 do Correio Braziliense* questionava, a partir do lançamento dos discos de Pink Floyd (*Animals*), Jackson Browne (*The Pretender*) e Paul McCartney (o álbum triplo *Wings over America*), os rumos do gênero musical. A resposta veio em página inteira do mesmo caderno, duas semanas depois, sob o título “Punk: A nova geração já nasce sem futuro”.

“Cabelos cortados à navalha, terninhos à moda beatle, geralmente amarfanhados e tocando um rock simplista e agressivo: eles são os punks.”

O texto assinado por Pedro Redig de Campos informava aos leitores da capital que a moda punk tinha se espalhado por toda a Inglaterra e os Estados Unidos, por meio de discos, lojas de roupas, revistas “e uma onda de violência juvenil que em tudo contrasta com a geração paz e amor que marcou a década passada”. A reportagem dava o surgimento da tendência como fato consumado e registrava a existência de uma elite formada pelos grupos mais populares, entre eles Clash, Jam, Ultravox, Razors, Damned e Stranglers.

“O movimento punk tem o mérito de desmistificar e reparar os sonhos bem intencionados de uma realidade atual que nada tem de florida”, contextualiza a matéria, estabelecendo o contraponto com o movimento hippie. “Com a penetração cada vez maior de grupos da chamada *new wave*, o público encontrou uma linguagem musical que soa familiar, mesmo abordando somente temas amargos como o da solidão, da violência, da anarquia, da falta de qualquer perspectiva”, continua o texto, citando trecho de “Anarchy in the U.K.” para mostrar que os jovens britânicos se insurgiam contra a falta de oportunidades em uma nação decadente, outrora império mundial, mas que fazia questão de manter a pompa.

A doença punk está condenada a atingir uma faixa de idade que varia entre os 14 e os 20 anos. Vestidos quase sempre nas cores preto, cinza, branco e vermelho, estão cobertos por uma parafernália sem fim de zíperes, alfinetes, correntes até mesmo no pescoço, medalhas e paninhos com o símbolo do nazismo e outros objetos paramilitares.

Renato Manfredini Junior lê com atenção aquela e outras reportagens sobre o punk nos semanários musicais que chegavam à biblioteca da Cultura Inglesa. Fica sabendo que os Pistols planejam vir ao Brasil para divulgar o disco *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols*. “Joãozinho Podre e sua gangue atacam no Rio”, anuncia o jornal, descrevendo também uma das diversões prediletas dos integrantes da banda: disparar cusparadas em repórteres e no público. Mais ou menos como tinha preconizado o roqueiro baiano Raul Seixas, ao deixar claro, ainda em 1975, que não via a música como arte: “Música é apenas a vomitada de cada pessoa, uma cusparada. É a expressão de cada um”. Dois anos depois, Sid Vicious e companhia concretizam a metáfora de Raul e atestam: rock é também uma questão de saliva.

Para estranheza da família, Renato muda a forma de se vestir. Calça de tergal, camisa social de seda, peças de um guarda-roupa “espetacular”, na definição da mãe, ficam esquecidas no armário. Agora, ele só quer saber de calça jeans, camiseta branca ou camisas de manga comprida lisas, sem estampas. Dona Carminha constata:

— Meu filho, como você mudou...

Renato também incorpora coturnos, botas exclusivas dos militares e adotadas pelos punks ingleses. De tamanho desproporcional às pernas finas do adolescente, o calçado tamanho 41 rende apelido pouco lisonjeiro entre a turma do bloco.

— Lá vem o Frankenstein.

Até pelo som que passara a escutar, estava mais distante dos vizinhos da quadra. Impulsionados pelo sucesso do filme *Os embalos de sábado à noite* e pela onipresença do ABBA nas rádios com o hit “Dancing Queen”, a maioria tinha embarcado na onda da discoteca e batia ponto em boates como New Express e Sunshine, no Gilberto Salomão. Outros continuavam na onda do rock progressivo e saudavam o surgimento do supergrupo brasileiro Telasis, que unia integrantes de duas bandas (Tellah e Oásis)

para fazer um som, definido pelo baterista Denis Torres como “uma locomotiva a quilômetros por hora, saindo de uma estação e indo para outra, com muita velocidade, para fazer um som que vem de dentro da gente”.

A locomotiva de Renato segue na direção contrária. Comunga da ojeriza roqueira à moda da discoteca, classificada como “virulenta despigmentação chatíssima e esclerosada da gostosa *soul music* crioula” pelo jornalista José Emílio Rondeau no *Jornal da Música*. O primogênito dos Manfredini sempre quis ter uma banda para ser igual aos Beatles, mas penara um ano para tirar “Blackbird” no violão. E o progressivo exigia muito mais do que ele sabia tocar. Com o punk, tudo mudou.

— Ah, para fazer três acordes, até eu!

Agora Renato podia entrar no jogo.

Ainda faltam oito meses para 1978, mas Renato fica sabendo pelo *New Musical Express* que o ano já tem dono: “1977 é o ano do Clash”, sentencia o jornalista Tony Parsons no início de abril. Ao destacar a habilidade da banda em compor canções do imaginário urbano contemporâneo que refletem sobre a vida de qualquer garoto britânico que cresceu nos anos 1970, Parsons enumera as quatro virtudes do grupo: precisão, honestidade, percepção e raiva genuína. E, para exemplificar, cita na reportagem um trecho da letra inconformista de “1977”, lado B do single *White Riot*:

In 1977

You're on the never never

You think it can't go on forever

But the papers say it's better

I don't care 'cos I'm not all there

No Elvis, Beatles or the Rolling Stones^[11]

O Clash é notícia na Inglaterra não só pelo que canta, mas pelo que representa. No metrô, descreve o jornalista, os trabalhadores encaram os integrantes da banda como “uma síntese de choque cultural que mistura ódio, medo e desconfiança”. Não é para menos: Mick Jones, Paul Simonon e Joe Strummer exibem nas jaquetas frases incômodas como “Hate and war” (Ódio e guerra), contrafação do “paz e amor” dos anos 1960. Estão prontos para a briga – e não apenas no campo das ideias. Durante um encontro com o jornalista do *New Musical Express*, Strummer lamentou não

ter uma faca para usar durante a briga em que tinha se metido há algum tempo. Atitude.

Logo depois, o guitarrista causa polêmica ao usar uma camiseta com o emblema da Fração do Exército Vermelho (Rote Armee Fraktion – RAF) em um show. Strummer quer chamar atenção para a existência do grupo, mais conhecido pelo nome Baader-Meinhof. Não era necessário. Fundada em 1970 na Alemanha Ocidental, a facção em pouco tempo atemorizou a Alemanha, despertando ódio, medo e fascínio. Com raízes no movimento estudantil, os insurgentes passaram para a luta armada em 1967, depois que um deles foi baleado e morto durante um protesto. Decidiram que violência deveria ser enfrentada com violência. Explodiram bombas, tocaram fogo em grandes lojas (“em protesto contra a sociedade de consumo”) e assaltaram bancos. O nome popular surgiu a partir da junção dos sobrenomes de um dos fundadores, o estudante Andreas Baader, e da jornalista que o ajudou a escapar da prisão, Ulrike Meinhof. O governo espalhou cartazes com as fotografias dos foragidos e ofereceu recompensa pela captura. A procura se tornou tão frenética que muitos jovens, com medo de serem confundidos com terroristas, pregavam nos carros o adesivo “Eu não pertenço ao Baader-Meinhof”. Presos em 1972, os dois ficaram isolados em penitenciárias de segurança máxima. Quatro anos depois, no Dia das Mães, Ulrike foi encontrada morta em sua cela. Em 1977, Andreas e mais três integrantes do grupo recebem a sentença de prisão perpétua. Em 18 de outubro de 1977, após o sequestro frustrado de um Boeing da Lufthansa para libertação de prisioneiros, Baader também é encontrado morto, com ferimento de bala na cabeça. Assim como na morte de Meinhof, as autoridades alemãs indicaram suicídio como *causa mortis*. Não explicam, porém, como o terrorista conseguiu, dentro da cela, uma pistola de uso exclusivo das Forças Armadas da Alemanha.

Andreas Baader morreu aos 34 anos. Atitude.

— Não dá para pegar o que se usa e se faz nos Estados Unidos ou na Inglaterra e transplantar integralmente para o Brasil.

A ideia de restabelecer eleições e outros princípios inerentes à democracia nos moldes das nações do primeiro mundo, defendida por parlamentares opositores, não seduz Ernesto Geisel. O presidente brasileiro acredita que, antes de adotar medidas de tal magnitude, seria necessário verificar o estágio de civilização dos cidadãos. E, como

considera o país “muito atrasado” e o povo “inculto”, carrega a certeza de que o melhor para o Brasil é o que chama de “democracia relativa”.

Geisel enfrenta dupla pressão em outubro de 1977, da oposição e dos colegas de farda. Mesmo após a demissão de seu líder, o ministro do Exército Sylvio Frota, os setores militares mais conservadores não sossegaram com a progressiva transferência de poder. E os oposicionistas pressionavam pelo restabelecimento imediato de eleições diretas para todos os cargos, inclusive o de Presidente da República. Para Geisel, ainda não era o momento. Ele queria o comprometimento de seu sucessor com a continuidade da normalização do país, mas não enxergava nenhum civil com “adequada identificação” com as Forças Armadas para assegurar as medidas decorrentes da abertura, como a anistia. Convida, então, o general João Baptista Figueiredo para ir à Granja do Torto, onde passava o fim de semana. Figueiredo conhecia o poder por dentro, pois comandava o Serviço Nacional de Informações (SNI) e tinha sido chefe da Casa Militar de Médici. Era o nome ideal. Convite verbalizado – e imediatamente rechaçado.

— Não quero ser presidente.

— Figueiredo, vá pensar e me dê uma resposta, porque tem de ser você. Eu não tenho outra solução.

Depois de pensar mais sobre o assunto, Figueiredo muda de ideia. Geisel fica satisfeito, e avisa aos amigos que se aproxima o dia mais feliz de sua vida: o dia em que deixaria a Presidência da República.

O ano letivo do Marista chega ao fim. É hora de enfrentar o vestibular. Renato sonhava com um curso que estimulasse a expressão artística, com possibilidade concreta de obter o que desejava: dinheiro, fama e sucesso por meio do manejo da palavra. Sonhava ser escritor. Mas entrevistas como a de João Antônio, autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, “o livro da minha juventude, marcado pela pureza de minha personalidade aos 20 anos”, afirmara o escritor, atravancam o estímulo do jovem Renato: “O escritor brasileiro está mais longe da profissionalização do que da Lua, de Marte ou de Mercúrio”.

Renato também queria ser cineasta, a cada transmissão do Oscar pela TV, se imaginava na cerimônia, recebendo as estatuetas de melhor direção e melhor roteiro. O pai, porém, logo o alertou:

— Para fazer cinema no Brasil tem que ter dinheiro, meu filho. Tentaria, então, jornalismo. Cursaria comunicação social. É um dos 6 mil candidatos que, em janeiro de 1978, lutam por uma vaga na Universidade de Brasília. Ao sair das provas de português e inglês, é abordado pelo jornalista José Bernardes, do *Correio Braziliense*, no qual o vestibulando Renato Manfredini Junior, 17 anos, “um candidato muito tranquilo”, aparece nas páginas no dia seguinte. Dos doze estudantes entrevistados por Bernardes, Renato ocupa o maior espaço na reportagem sobre a penúltima batalha “da guerra do vestibular”. Enquanto alguns se atêm a depoimentos lacônicos – “Foi beleza”, “Chutei muito”, “Inglês estava meio puxado” –, Renato faz uma avaliação detalhada de cada prova. “Em Português o pessoal caprichou na parte de acentuação gráfica, ortografia e separação de sílabas”, opina. “Já em literatura, eu me surpreendi porque caiu uma só questão sobre a obra de José de Alencar, quando a gente esperava que caísse mais”, ressalta, lembrando o fato de 1978 ser o ano do centenário de nascimento do escritor. Sobre a prova de inglês, Renato considera que, devido ao grande número de expressões idiomáticas, a tradução exigida para o texto de Voltaire “se tornou um pouco difícil”. E dá o seu veredito: “Foram fáceis as provas de hoje, sabe? Eu estava bem preparado”.

Renato, porém, não estava tão bem preparado como imaginara. A lista dos aprovados é divulgada em 20 de janeiro, cinco dias antes do previsto, e há apenas dois Renatos na relação de 360 nomes aprovados para os cursos de Humanas: Renato de Vasconcellos, para ciências sociais, e Renato Mineiro Drummond, para comunicação social. Por ironia, Junior perdera a vaga desejada para um homônimo que tinha o mesmo sobrenome de um de seus poetas brasileiros preferidos.

Ainda na lista dos aprovados, estão os amigos Marcos Gentil, Ana Cristina Ferreira Pinto e Ma Chia Hsien. Um dos melhores alunos do colégio, Renato não se conforma com o resultado. Desabafa com Gentil:

— Não é possível. Não acredito que você passou, e eu não!

Perde a chance de conviver com os estudantes da UnB, que ele já observara dos tempos que ia estudar na biblioteca da universidade com os amigos do Marista. Tinha ficado com má impressão do modelo barba-óculos-bolsa de couro dos alunos da UnB, que ouviam Fagner e Milton Nascimento, discutiam as ideias de Marx e defendiam os direitos das minorias. Além disso, rejeitavam a *disco music* e o rock, considerados música de colonizados. E rechaçavam os que não pensavam como eles. Para

Renato, os politizados estudantes da revolucionária universidade eram, na verdade, um bando de fascistas.

A frustração com a reprovação na UnB não aumenta porque, no dia seguinte à divulgação da lista, começam as provas do CEUB, na Asa Norte. Com a desistência dos inscritos que tinham passado na UnB, a concorrência para a faculdade particular diminui bastante. Restam 3.800 candidatos para 1.060 vagas. A prova de língua portuguesa e comunicação, que exigia a interpretação de um texto de Clarice Lispector, tinha sido fácil, fácil. E a prova de idioma moderno, para quem tinha o domínio de inglês, igualmente sem problemas. Por isso, não chega a ser grande surpresa a lista dos cinquenta aprovados para o curso noturno:

Ademar Hermínio da Silva, Alisson Francisco da Costa, Cássia Portugal Barroso, Clara Monteiro de Castro Pinto, Divina Maria Rodrigues, [...] Gilberto Freire de Santana, Juarez Pires da Silva, Paulo Roberto Luchtemberg, [...] Regina Coeli Machado de Mattos, Rejane Laitano de Oliveira, Renato Galvão de Amorim Junior, Renato Manfredini Junior...

Recém-aprovado no vestibular do CEUB, Renato mal teve tempo de comemorar. A cabeça estava voltada para os ensaios de seu grupo. Faltavam poucas semanas para subir ao palco pela primeira vez. E, antes disso, ainda teria compromisso com a família real britânica.

Os colegas da Cultura Inglesa consideravam Renato Manfredini Junior um cara estranho, arredio. *Weird*. Vivia colado à Edith Jacques, o que o fez levar a fama de queridinho da diretora. E de esnobe. Renato intimidava os colegas com menor domínio do idioma e sempre respondia antes de todo mundo. Os olhares atravessados aumentaram quando ele foi escolhido pela direção para representar os alunos brasilienses na recepção ao Príncipe Charles em fevereiro de 1978 – o herdeiro da Coroa Britânica, antes de arriscar desajeitados passos de samba no Rio de Janeiro e se encantar pela mulata Pinah, passou por Brasília e inaugurou a nova sede do curso de idiomas, na 708/908 Sul.

Ao ser alvo de provocações por conta da proximidade com os professores e com a direção, Renato devolvia na mesma moeda, só que envenenada por tiradas irônicas. Sabia ser sutilmente cruel com quem o

oprimia. Mas ele também se sentia intimidado entre os colegas, invejava os “muito ricos ou muito lindos” – não era uma coisa nem outra, longe disso. Até que resolveu sair da trincheira.

Decide tentar uma vaga no recém-formado grupo de teatro da escola de inglês. O grupo tinha iniciado os ensaios da peça *The Real Inspector Hound*, sob direção de um dos professores, o escocês Iain Bruce. Um dos integrantes, Humberto Adami Santos Junior, o Piolho, faria o papel-título. Renato já tinha convidado o colega a fazer um som – ele tocaria baixo, mas Piolho teria que comprar uma guitarra. Estudante de direito, Humberto não topou o convite. Mas, ao desistir do espetáculo, abriu a chance para Renato ser convidado pela produtora do espetáculo, Isabel Magalhães, a entrar no grupo.

Após a surpresa inicial, o queridinho da diretora é acolhido. A estreia do espetáculo estava marcada para o dia 18 de março no Teatro Galpãozinho, na 508 Sul, ponto de encontro da juventude cabeça.^[12] O garoto tímido se solta e logo deixa de ser encarado com reservas. Renato desponta ao longo daquelas semanas de fevereiro como um cara espirituoso, irônico, sempre com um comentário arguto sobre o texto e sobre a montagem. Quem chegava mais perto, porém, percebia que a sua autoestima era baixa. Às colegas mais próximas, como Denise Hamú, dizia que se achava feio. Também não falava sobre namoradas nem musas – para Denise, o amigo era assexuado.

— Denise, eu tenho um segredo.

— Que é?

— Quero te mostrar umas coisas.

Pega um caderno e entrega a ela. Denise folheia as páginas, todas escritas em inglês. Começa a conhecer a história da 42nd Street Band, o grupo de Eric Russell. O caderno continha letras do repertório da banda, as datas da turnê, as notícias publicadas sobre o grupo, o perfil e o signo dos integrantes. Denise se impressiona:

— Nossa, Renato, é incrível! Mas eu não conheço essa banda...

— Claro, ela não existe. É minha. Essa banda eu inventei.

A perplexidade de Denise aumenta quando Renato mostra outros sete cadernos sobre a 42nd Street Band.

— Denise, será que as pessoas vão achar que eu sou doido?

A amiga desconversa e o encoraja:

— Mas Renato, você quer montar uma banda de rock?

— Quero, claro!

The Real Inspector Hound, encenada pela primeira vez em Londres em 1968, tem apenas um ato.^[13] Fã de Syd Barrett e Lou Reed, o tcheco Tom Stoppard utiliza o recurso da metalinguagem para satirizar simultaneamente a empáfia da aristocracia britânica, as reviravoltas das tramas policiais no estilo “quem matou?” de Agatha Christie e o próprio teatro. Não era um texto fácil. Pelo contrário, recheado de trocadilhos e diálogos espirituosos, continha praticamente três peças em uma, devido aos jogos cênicos criados pelo dramaturgo, consagrado após o sucesso do humor absurdo e beckettiano de *Rosencrantz & Guildenstern estão mortos*. “Duas dimensões que, de repente, se fundem: os críticos são envolvidos na trama da peça, confundidos com dois dos personagens”, explica o programa do espetáculo. “Isso mostra que as observações pretensiosas e palavras superficiais dos críticos, que demonstram a ânsia de autoexibição, são tão fúteis como a peça que criticam.”

Depois de dois meses de ensaio, eles estão prontos para estrear. Casa lotada de parentes, colegas e desavisados (o jornal tinha publicado uma foto do espetáculo) para ver um grupo amador brasileiro encarnar Mrs. Drudge, Simon Gascoyne, Birdboot, Felicity Cunningham, Lady Cynthia Muldoon, entre outros. Renato interpreta o personagem-título da peça, o último a entrar em cena. Todo paramentado, mais britânico impossível: cabelo gomalinado, repartido de lado, traje *black-tie*, galochas, capa de chuva, um lampião na mão direita. O inspetor chega à procura dos suspeitos de um crime e tenta tranquilizar os ocupantes da casa de campo onde transcorre a ação da peça.

“I’m inspector Hound! You’re in safe hands now!”^[14]

A performance de Renato é aplaudida de pé, bem como de todo o elenco: Ademar Miranda, Isabel Magalhães, Sandra Mello, Cláudio Motta, Marília Lobão, Denise Hamú, Elder Filho, Martin Davidson e Iain Bruce. Uma semana depois das duas apresentações, parte do grupo vai à festa de aniversário de Sandra Mello, na 105 Sul. Renato leva de presente um círculo de cortiça trabalhado com pirógrafo, no qual havia escrito uma mensagem em nome dos colegas, mencionando o papel da aniversariante no espetáculo: *“Happy birthday, Mrs. Drudge! With love from The Cultura Theatre Group”*.^[15]

Renato Vasconcellos, morador do bloco B da 303 Sul, responsável pela sonoplastia e iluminação do espetáculo, comanda a roda de violão. Seu xará e vizinho não tocou. Naquela festa, de barba feita e costeletas, camisa social listrada de manga comprida abotoada até o pescoço e calça bege, a uma semana de completar 18 anos, Renato Manfredini Junior parecia querer passar despercebido. Conseguiu.

A experiência no palco tinha sido tão boa que a turma já planeja outra montagem para o segundo semestre. Renato convida os colegas da Cultura e alguns amigos do Marista para uma festa temática em seu apartamento. Enfrenta a resistência dos pais, mas consegue dobrá-los. Avisou aos convidados que o tema da festa seria os anos 1960 e, portanto, todos teriam que se vestir a caráter. Prepara cuidadosamente a trilha sonora: Beatles, Stones, Beach Boys. E capricha no próprio figurino: calça jeans toda pintada à mão, camisa *flower power*, cabelos revoltos, tênis colorido. Ao chegar à festa, Sandra Mello brinca:

— Renato, mas isso é anos 1960?

— Sandra, é hippie, é 1969, é San Francisco. E 1969 é anos 1960, não?

Feliz, ele conta à amiga que tinha acabado de comprar um contrabaixo. A festa é um sucesso, e o anfitrião comemora. Estava cada vez mais sociável.

Renato se desdobra. Quase não fica mais em casa. Além da Cultura Inglesa, começa a cursar jornalismo no CEUB. Chama atenção na faculdade pelo que veste: calça jeans rasgada, cheia de alfinetes e correntes penduradas. Confronta alguns professores com guerrinhas psicológicas, retrucando as falas dos mestres. Às vezes, o faz com tanta veemência que se perde no próprio raciocínio. Dentro e fora de sala, exhibe para os colegas do CEUB uma capacidade inesgotável de criar polêmicas. Depois das aulas, já na mesa do bar Chorão, defende ideias de forma apaixonada. Entre uma cerveja e outra, passeia por temas sociais, históricos e políticos com idêntica desenvoltura. Pontuava as diferenças culturais entre o Brasil e a Europa, muitas vezes depreciando de forma ácida a formação da sociedade brasileira. Quase sempre recorre à Inglaterra para estabelecer o contraponto com o seu país, o que rende o comentário irônico de um dos colegas de turma:

— Se você falar de Londres mais uma vez, vai aparecer um *fog* em cima da sua cabeça.

Quando perde o interesse pela discussão, desiste de continuar conversando, levanta-se e vai embora, deixando o oponente falando sozinho na mesa do bar. Os colegas inicialmente estranham o estratagema nada sutil, depois se acostumam com os repentinos sumiços. Mas, de um modo geral, ele se dava bem com os colegas. Quase todos trabalhavam durante o dia, tinham origens diversas e não tinham a vida ganha como os “filhinhos de papai” que cursavam a UnB. Por isso, eram pragmáticos, pés no chão.

As origens eram tão variadas que incluíam um informante do SNI, teoricamente deslocado para a sala de aula do CEUB com o objetivo de identificar o potencial subversivo dos estudantes e repassar ao governo os nomes dos mais atuantes. O agente infiltrado no curso de jornalismo, contudo, mal conseguia acompanhar as aulas, de tão despreparado. Dizia trabalhar no Palácio do Planalto, mas todos sabiam que ele pertencia ao SNI. Inofensivo, estabeleceu pacto de boa vizinhança – não dedurava ninguém, e o pessoal o ajudava com os deveres. “Vamos cuidar dele direitinho para não mandarem outro mais esperto”, ironizavam os alunos.

Como nos tempos do Marista, no CEUB Renato se aproxima mais das meninas da turma. A exemplo de Clara Monteiro, com quem voltava para casa de ônibus – eles pegavam a mesma linha, Grande Circular, que contornava o Plano Piloto. Filha de diplomatas, Clara morava em um pensionato na Asa Sul. Enquanto o ônibus seguia pela W3, os dois iam conversando – em inglês. Ao saber que Clara viajava com frequência ao Rio, Renato perguntou se ela poderia comprar discos que só podiam ser encontrados em lojas da zona sul carioca, como Billboard, Gramophone ou Modern Sound. Ela topou, e Renato entregou uma lista e também o dinheiro para a compra. Entre os itens da relação estava *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols*, o álbum de estreia da banda britânica.

Após 22 horas dentro do ônibus, com os LPs no colo, Clara entregou a encomenda. Ficou decepcionada, contudo, ao saber que Renato já tinha os discos. Ele tentou consolá-la:

— Mas é importante, Clara, porque esses são importados e eu só tinha as edições nacionais.

Ao repassar os discos, a colega do CEUB aproveitou para fazer uma limpeza na aparelhagem de som de Renato, idêntica à sua: amplificador Spectrum, caixas Polyvox, toca-discos Garrard. Ambos comentaram a qualidade da reprodução dos agudos e do *loudness*. Ela reparou no quarto,

onde entrava pela primeira vez. Havia pôsteres de bandas, livros, discos dos Beatles e de Hendrix espalhados... Uma bagunça organizada.

Já à vontade entre os colegas do CEUB, Renato convence parte da turma a acompanhá-lo ao cinema. Quer rever pela sexta vez *O enigma de Kaspar Hauser*, longa-metragem do diretor alemão Werner Herzog (o mesmo de *Stroszek*, um dos filmes prediletos de Ian Curtis, vocalista do Joy Division). No filme, o diretor traça a trajetória de Kaspar Hauser, personagem obscuro e misterioso do século XIX, que viveu até os 16 anos dentro de um quarto escuro, sem contato com o mundo exterior; cinco anos depois da sua libertação, é assassinado em circunstâncias misteriosas. Herzog, considerado um dos renovadores do cinema alemão ao lado de Wim Wenders e Rainer Werner Fassbinder, sempre demonstrara especial interesse em filmar a trajetória de personagens de exceção. Já tinha sido assim com Aguirre e *Stroszek*. Na trilha, “Adágio” de Albinoni e trechos de *A flauta mágica*, de Mozart. A crítica local rotulou a produção como “apenas uma crônica sobre a solidão humana”. Mas Renato, fascinado pela trajetória sombria de Kaspar Hauser, prefere guardar uma das frases da abertura do filme: “Esse grito terrível que cerca todos nós é o que as pessoas costumam chamar de silêncio”.

O cinema é exceção nas saídas da turma do CEUB. Toda sexta-feira, após a aula de estatística, eles gostavam mesmo era de aportar no Chorão e trocar ideias na mesa do bar. Quando cansavam das discussões, se aventuravam no subterrâneo, onde havia um minúsculo palco e os fregueses tinham a chance de soltar a voz, acompanhados por músicos da casa. Uma noite, depois de os colegas arriscarem baladas nordestinas como “Dia branco” e “Mucuripe”, Renato dá mais um gole no chope e toma o microfone.

De noite eu rondo a cidade, a te procurar sem encontrar...

Os colegas não o perdoam, com vaias e brincadeiras. Renato, imperturbável, continua. Voz empostada e grave, bem diferente do timbre juvenil de sua fala, capricha na dramaticidade ao seguir na interpretação de “Ronda”, clássico da fossa, assinado por Paulo Vanzolini.

*Ah, se eu tivesse quem bem me quisesse, esse alguém me diria
Desiste dessa busca inútil, eu não desistia*

A brincadeira se repetiu outras noites, e quem tinha assistido à primeira sessão de karaokê já avisava aos outros colegas:

— Não deixem o Renato cantar. Ele desafina muito!

Já de volta ao Brasil e à Colina, Felipe e Flávio Lemos são matriculados na Cultura Inglesa. Os pais não querem que eles percam a fluência no idioma. E os filhos não querem perder o fluxo do rock. Os papéis tinham se invertido. Agora era Fê quem aguardava as cartas de André Mueller para saber das últimas novidades da Inglaterra – o amigo tinha se mudado para Sheffield e já narrara o impacto de ver os Buzzcocks, com abertura do Joy Division. O desejo de formar uma banda ganha força.

Flávio mantinha o hábito de passar os olhos no *Melody Maker*, na biblioteca da Cultura. Um dia, ao procurar o semanário, não o encontra na prateleira. Estranha a ausência, pois achava que só ele se interessava pelo jornal. Depara com o semanário nas mãos de um cara franzino, de óculos, absorto na leitura. Alguns dias depois, Flávio vê o mesmo nerd conversando com o seu irmão mais velho. Aproxima-se dos dois e percebe que eles trocam informações sobre punk rock. Fê o apresenta:

— Flávio, esse é o Renato. Renato, esse é meu irmão, Flávio.

Além de oferecer vinho barato, a Adega logo se tornou um dos bares preferidos de Renato por ser bem perto de casa, o que o fazia não depender de ônibus nem carona para voltar. Bastava caminhar em linha reta por menos de dois quilômetros e já estava embaixo do bloco. Por isso, volta e meia batia ponto no boteco. Não se sabe se foi por efeito do garrafão de vinho que acabara de entornar, mas naquele fim de noite, quando olhou em direção à pista do eixinho, teve a certeza de ter avistado Sid Vicious, uma versão corporificada do ídolo que só conhecia de fotos em jornais e revistas. Mas, ainda que punk da cabeça aos pés, aquele era um Vicious diferente: loiro, quase dois metros de altura, olhos azuis. Encostado em um carro, conversava em inglês com uma garota. Imediatamente atraído, Renato se aproximou dele e, com naturalidade e sem se apresentar, foi logo perguntando ao gringo:

— *Hey man, do you like Sex Pistols?*

— Sex Pistols?! Joia!

— Poxa, cara, eu toco baixo.

— Eu toco guitarra!

Então Renato quis saber de André Pretorius:
— Vamos fazer uma banda?

Aborto Elétrico	
* Admirável Mundo Novo (Sid Vicious has risen from the grave)	
** Quanto Tempo	
** Sessenta e Quatro	
** Ficção Científica	
* It's all because of my new sneakers	
* I've been listening to Slaughter & the Dogs	
*** A Dança (Bronenosets Potemkin)	
*** Veraneio Vascaína	
*** Buenos Aires	
** Novela das Sete	
** Entre Dezoito e Vinte e Um	* complete
** Química	** rehearsal
** Verde-Amarelo	*** figure-out
*** Vestibular	**** (lyrics)
*** Metrópole	+ (lyric change)
* Anúncio de Refrigerante	
*+ Happiness for a Day	
*** (Fome)	
**** UnB	
*** Diamante de Vidro	
+** (Família Feliz)	
*** (Tédio com um T Bem Grande pra você)	



ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MT - DVP - DCDP - BSO

- 5 NOV 1981 013899

RECEBIDO POR

CHASS
DCDP

Renato Manfredini Junior

Requerente

brasileiro

Nacionalidade

professor de inglês

Profissão

Carteira de Identidade 527 075

SSP - DF

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à SQS 303 - bloco B - apartamento 202

Plano Piloto/Ass Sul - Brasília - DF.

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) letras abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de: Renato Manfredini Junior.

Conexão Amazônica, Anúncio de Refrigerante, Tédio.

Título (s) Love Song One, Construção Civil, Fátima,

Heroína.

Nestes termos,

Pede deferimento.

Brasília, 30 de Outubro, 1981.

Local e Data

Renato Manfredini Jr.

Requerente

Anexos:

Recebi 13/NOV/81

Renato Manfredini Jr.

- Heroína

*6. M. do SC
P. L. de
E 13/11/81
Belle P. de
Carvalho
415 704*

Era fácil ver mortes e revoluções nos cinemas e nas fotografias e nos livros de história. Agora, José, você vê tudo isso ao seu lado.

E a morte é verdadeira, o sangue é mesmo, a revolução caminha.

Você está nela, queira ou não [...].

Pense que, daqui para a frente, os ferimentos vão doer e as pessoas vão sofrer por sua causa, assim como você vai sofrer por eles. Agora, José, não é mais brincadeira de revólver de pau, mãos ao alto, camomboi, pum, pum, pum, banguê-banguê, deite aí que você está morto.

Agora é sério, topar a parada, ganhar e perder, tentar só ganhar.

ZERO, Ignácio de Loyola Brandão

Curiosa década, estes anos 1970. Depois da fermentação crescente dos 1960, entramos nela num clima de expectativa: e agora? E

depois? E ficamos tão encharcados dessa ansiedade, que nem vimos a década passar. Digam-me, qual é o som dos anos 1970, quais suas características? Só agora, no limiar dos 1980, é que surgem tais indagações. O que ficamos fazendo durante os anos 1970? Esperando, esperando o trem que já vem, que já vem, que já vem. E resmungando que nos 1960 (ou 1950, 1940) era melhor.

A análise é da jornalista Ana Maria Bahiana. Em artigo-desabafo publicado em junho de 1978 no jornal *O Globo*, Bahiana questiona também as fracas vendas dos grandes nomes da MPB. “Por que a música mais pensada, informada, com doses maiores de criatividade, elaboração e ousadia, encontra uma parcela tão pequena de consumidores neste país?” A jornalista destaca a força do gênero musical responsável pela expansão dos mercados americano e inglês, o rock. E traça paralelo entre o tipo de inquietação que o rock cristaliza no exterior e a necessidade do surgimento de posturas semelhantes no Brasil: “Que se multipliquem as plateias e se facilitem os contatos entre quem está falando deste tempo e quem quer ouvir”.

Bahiana lança a provocação:

Será que nós, seres ouvintes, e pensantes, em pleno 1978, ainda precisamos de ídolos? E, de um modo geral, será de todo interessante a figura do “ídolo”? O artista levado a tal pódio máximo dificilmente aí ficará para levar seus seguidores ao pensamento, à crítica, à consciência: o papel do ídolo é fazer sonhar, fazer dormir ou, num certo tipo de ídolo contemporâneo, representar os anseios de libertação que sua plateia tem, mas não ousa realizar. Ele diz o que eu deveria dizer, portanto, é como se eu estivesse dito. Precisamos disso?

Um dos poucos ídolos brasileiros capazes de dizer nas letras o que o seu público sentia no dia a dia, o pernambucano Luiz Gonzaga passa pelo Distrito Federal em dezembro de 1978 para cantar na cidade-satélite do Novo Gama. E passa raiva ao chegar. Antes do show, um fiscal o interpela e exige uma batelada de documentos: carteiras de identidade e da Ordem dos Músicos, comprovante de pagamento de imposto sindical, certificado de liberação da Censura Federal, número do ISS. “Todas as vezes que venho a

Brasília encontro sempre os mesmos problemas para cantar”, reclama o Rei do Baião, lembrando de sua longa relação com a cidade, nascida desde quando assistiu à inauguração da capital em 1960. Gonzagão aproveitava para criticar os “cabeludos” da Jovem Guarda (ironizados em xote divertido), a invasão da música estrangeira no país, com a febre da *disco music* (“Vixe! Isso é uma praga!”) e o crescimento do rock. “O baião é música de homem trabalhador. O rock é coisa de quem não trabalha.”

Renato se divide. Além das aulas no CEUB e das descobertas na biblioteca da Cultura Inglesa, tem um novo compromisso com o palco. O grupo de teatro da Cultura prepara a segunda montagem. A peça, *An Inspector Calls*, se passa na Grã-Bretanha do início do século XX. Assinada por J. B. Priestley, a peça tinha sido encenada pela primeira vez em Londres, um ano depois do fim da Segunda Guerra Mundial, com Alec Guinness no elenco. Ou seja, assim como *The Real Inspector Hound*, não se trata de um espetáculo destinado a atores principiantes. Renato fica com o personagem descrito apenas como “The strong silent man”. Nada mais oposto ao seu intérprete, franzino e sempre disposto a falar pelos cotovelos, que demonstra grande aflição durante os ensaios, pois não consegue achar o tom, não sabe como ser convincente no palco a ponto de fazer o público acreditar que ele era, sim, um homem forte e calado. Queixa-se aos colegas:

— O personagem não baixou ainda, não sei o que fazer! Não baixou, gente, não baixou!

A angústia segue mesmo após o ensaio final. “Não vai baixar”, repetia, inconsolável, para Sandra Mello. Durante a estreia, contudo, Sandra nota que Renato estava diferente, seguro, dono da cena. Irradiava um brilho original em sua nova aparição no palco diante de plateia, no dia 16 de dezembro de 1978. O elenco inteiro percebeu que o personagem tinha baixado na hora certa.

A peça, encenada em apenas dois dias de dezembro, ganha aplausos vigorosos. A comemoração do grupo de teatro da Cultura Inglesa acontece em um forró próximo a um posto de gasolina na Vila Planalto, acampamento dos primeiros trabalhadores a chegar à capital. Se a primeira comemoração tinha rolado com Beatles e Beach Boys na vitrola, dessa vez a trilha sonora inclui Luiz Gonzaga, Genival Lacerda e outros intérpretes de sucessos populares. Renato, o garoto que vivia com a cabeça em Londres, nunca esteve tão cercado de ritmos brasileiros como naquela noite.

As noites na Cultura Inglesa andam agitadas também no lado externo da nova sede. Ainda em dezembro, parte dos participantes dos pegadas que ocorrem semanalmente naquela área deserta da Asa Sul tenta depredar o prédio. Numa noite de sábado, entre a Cultura e o colégio Caseb, mais de mil jovens se reúnem só para assistir aos duelos de Opalas, Brasília, Galaxies e outros carros envenenados – alguns roubados. Baixa a polícia: operação Antiplayboys. Revoltado com a interrupção do espetáculo, o público partiu para a depredação. Se os vigias da Cultura não tivessem agido rápido, o prédio inaugurado pelo príncipe Charles teria sido destruído. Dezenas de “boyzinhos desocupados, sob efeito de tóxicos, filhos de gente-bem”, na definição de um agente policial, vão parar na delegacia. Nem esquentam o chão da cela, já que os pais os liberam na manhã seguinte.

Aquela tinha sido apenas mais uma estripulia inconsequente dos filhos do poder. Outra diversão proibida é assistir em sessões clandestinas a filmes censurados. O proibidíssimo drama erótico *O último tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci, ganha exibição privê no Itamaraty – e muita gente sai de lá boquiaberta com as cenas do *ménage à trois* entre o astro Marlon Brando, a iniciante Maria Schneider e um pote de manteiga. Interditado ou liberado, o cinema segue como uma das principais fontes de distração do jovem brasileiro. *Os embalos de sábado à noite* no Bristol e *Grease* no Drive-In – dose dupla de John Travolta nas telas. Fora delas, a constatação: aos 18 anos, a cidade ainda procura alma, mas ganha corpo.

“Nunca Brasília esteve tão movimentada”, festejam os jornais, enumerando as razões do inédito agito daquele ano. A realização simultânea da 18ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e da primeira edição do Festival do Horror (com direito a Zé do Caixão, com capa e unhas gigantescas, rogando pragas no Congresso Nacional); Cartola, Paulinho da Viola e Moreira da Silva na volta do Projeto Pixinguinha; Orlando Silva atraindo 25 mil pessoas para ouvir “Carinhoso” pela última vez; e a apresentação de Oswaldo Montenegro em palco montado no gramado da 311 Sul, perto da casa dele, para o Projeto Cabeças, “um lance bem maneiro”. No teatro, idêntica sintonia de público e realizadores. A montagem de *Os Saltimbancos* com o Grupo Pitu completa cem apresentações, e *Eles não usam black-tie*, com montagem da Companhia Grutta, é assistida e aprovada pelo próprio autor, Gianfrancesco Guarnieri. Dez anos depois de tomar as ruas para protestar contra a ditadura, Brasília

desce do bloco novamente – dessa vez, à procura de expressão não apenas pela contestação, mas também pela diversão.

Reportagem do jornal nanico *Lampião da Esquina* cita a noite da capital federal como uma das mais agitadas do país, ao lado das de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Com a proposta de combate à discriminação dos homossexuais, o *Lampião* faz sucesso nos bares da Asa Sul. O ex-professor da UnB Jean-Claude Bernardet, o jornalista policial Aguinaldo Silva, o artista plástico Darcy Penteado e o escritor João Silvério Trevisan fazem parte do conselho editorial. “Corremos o risco de comercializar a bicha. Isso só será evitado se desmistificarmos a questão homossexual, mostrando que ela tem origens muito concretas e que não está isolada do contexto social. Para não se tornar mais uma válvula de escape nem permitir a perpetuação do gueto”, defende Trevisan, lembrando que “um lampião isolado ilumina mais que seu próprio fosso”.

Após quinze anos, ausente desde a renúncia de Jânio Quadros, o poeta Ferreira Gullar volta à capital. Autografa a peça *Um rubi no umbigo* e procura uma antologia de poemas seus para serem gravados em disco, escritos que estavam desaparecidos nos escaninhos da censura. Feliz ao localizar o livro, Gullar relembra a peregrinação do exílio. Depois de passar pela França e pela Itália, chega ao Chile “em maio de 1973, a situação já era terrível, vi que ia dar zebra; depois do desfecho violento em 11 de Setembro, invadiram meu apartamento, reviraram tudo: bastava ser brasileiro para estar sob suspeita”. De lá parte para o Peru e a Argentina, onde, sem muita sorte, chega no dia que morreu Perón. Mas onde também escreve “Poema sujo”, considerado o ponto alto de sua carreira: “Nenhum poema me deu tanto prazer em escrever. Nenhum”, conta ao jornalista Ruy Fabiano. Ao fazer um balanço do Brasil pós-64 – “todo mundo aprendeu muita coisa, até os intelectuais” –, Gullar volta a apregoar a assimilação crítica do que vem do exterior, com a incorporação apenas daquilo que coincide com a experiência brasileira. “Ninguém está isolado, ninguém vive em Marte, no espaço metafísico. Vive-se no espaço histórico, social, e é essa experiência que, transformada, torna possível a inovação, a criação de novas formas”, defende.

Já o mineiro Roberto Drummond, ao lançar o romance *O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado*, faz questão de avisar que o próximo livro, *Sangue de Coca-Cola*, seria escrito em linguagem antiburguesa. “Quero mostrar o Brasil ocupado pelas multinacionais, quero carnavalizar e

inquietar, quero tentar uma narrativa pop, mas em carne viva”, conta ao repórter Celso Araújo. Diz que o Brasil, desde 1964, “vive como um sonâmbulo. Parece que está tendo um pesadelo, mas não: o pesadelo é real, concreto, de olhos abertos”. E completa: “Não tenho qualquer simpatia por ele, jamais teria meu voto em eleição direta, mas Figueiredo é um excelente personagem”.

Faltava pouco para Figueiredo, o “excelente personagem”, entrar em cena. Ao discursar em almoço de fim de ano com os colegas mais graduados das Forças Armadas, no Clube da Aeronáutica, Ernesto Geisel comunica o “término de um ciclo histórico” e enfatiza o fato de “assumir um risco calculado” ao decidir pela extinção dos instrumentos de exceção fornecidos pelo AI-5. Em retrospecto, classifica o golpe contra João Goulart como “necessária operação de saneamento da vida nacional, tão conturbada e corrompida antes de 1964”. Critica os que procuram subverter o regime e perturbar a ordem: “Comunistas, criptocomunistas, inocentes úteis, radicais inconsequentes e desordeiros sem bandeira nem fé aliar-se-ão sempre na vil tarefa de solapar e procurar destruir as instituições democráticas”.

No Rio de Janeiro para início da filmagem do longa-metragem *A idade da terra*, parcialmente filmado em Brasília, Glauber Rocha é instado a opinar sobre o iminente fim do AI-5, pelo qual se entusiasma: “1979 é o ano zero da cultura brasileira, vamos começar tudo de novo”.

O cineasta propõe um encontro dos intelectuais com o general Figueiredo: “É preciso fazer a revolução cultural, única forma de viabilizar a abertura política e econômica”. Glauber defende a nomeação de um intelectual para o Ministério da Educação e Cultura, além da formulação de um projeto cultural para o país, “senão chegaremos analfabetos ao ano 2000, comeremos o pó da história”. E arremata:

Há muitos anos que o Brasil não produz nada de revolucionário no campo cultural. Nenhum livro, nenhum filme, nenhum movimento musical, nada de realmente revolucionário, ou ao menos contemporâneo do que se faz no resto do mundo. Depois do tropicalismo e do cinema novo, nada aconteceu. O Brasil parou no tempo.

O amigo Leon Hirszman, depois de enfatizar a necessidade de se reaver a liberdade e extinguir a censura, reage de forma desconfiada ao tomar

conhecimento da proposta: “Isso é ideia do Glauber, né?”.

Também provocado a comentar as declarações do cineasta, Tom Jobim considera “muito boa” a proposta do diretor de *Terra em transe*: “Afinal de contas, o intelectual serve para alguma coisa”.

Outros opinam sobre o significado dos últimos dias do regime de exceção. O sociólogo Fernando Henrique Cardoso condiciona o surgimento de melhorias no país à caminhada efetiva em direção à democracia. Oscar Niemeyer é mais sucinto: “O ato prestou-se a todas as arbitrariedades, criando entre nós a discórdia, o exílio, o imobilismo e o ressentimento. O AI-5 acabou tarde”.

No último dia do ano, Geisel cumpre o prometido e revoga o AI-5. Acompanha a montagem do ministério de Figueiredo, que tomaria posse em março. Fica decepcionado com a opção do sucessor por veteranos da Esplanada, como Delfim Netto e Mário Andreazza. Para Geisel, o primeiro era um personalista, e o segundo um gastador. Desiste de opinar e se recolhe em Teresópolis, no interior do estado do Rio de Janeiro. Considera sua missão cumprida.

— *I’m so bored with the USA! But what can I do?*^[16]

O sul-africano André Pretorius e o curitibano André Mueller tomam ao pé da letra o espírito punk de provocação. Repetem para os colegas da Escola Americana de Brasília o refrão da música do primeiro disco do Clash.

*I’m so bored with the U... S... A...
But what can I do?*

Para Pretorius, jogar os versos do Clash na cara dos ianques tem significado adicional. Filho de Johannes Pretorius, embaixador da África do Sul no Brasil, André paga caro pelo fato de o pai representar o regime segregacionista de seu país. Os colegas norte-americanos, que encampavam a política de defesa dos direitos humanos do presidente democrata Jimmy Carter, o tratam como “filho do Mr. Apartheid”.

Para Mueller, a citação do Clash representa uma tentativa adicional de tirar os americanos do sério. Afinal, eles ocupam uma porcentagem expressiva das turmas da escola. Na lista de chamada, sobrenomes como Midkiff, Moore, Ruehle, Haxton e Butler aparecem em maior profusão do

que Guimarães, Novaes, Santos, Pereira e Silva. Além de que, ali, só se falava inglês, claro.

Altos e magros, humor ácido e atentos às novidades do rock, os dois Andrés podiam ser reconhecidos de longe. Ao saber que uma das professoras viajaria para os Estados Unidos, fazem uma listinha de compras. Ela consegue encontrar apenas dois discos da relação: *Tuff Darts!*, da banda homônima, e *Rocket to Russia*, dos Ramones, ambos os grupos de Nova York. É o suficiente. A trilha sonora do recreio passa a incluir “(Your love is like) a nuclear waste” e “Teenage lobotomy”, para estranheza dos colegas, que curtem Boston, Chicago e outras bandas certinhas.

A Escola Americana de Brasília segue o modelo do país de origem: aula das 8h30 ao meio-dia, pausa para almoço e novo turno de estudos à tarde. Há atividades extraclasse, como o Clube do Violão, no qual os alunos aprendem a tocar canções suaves como “Scarborough fair” e “Oh, Suzanna”. A prática de esportes também é estimulada: beisebol, basquete, natação – Pretorius e a irmã, Hildegarde, integram o “swim team”. Ainda de acordo com a tradição ianque, os alunos produzem anualmente um livro de recordações, com fotos e breves descrições de cada um. O cabelo curto e repicado de Pretorius, bem como seu estranho gosto musical, não passa incólume pelos colegas, que assim o definem no *Yearbook* do ano letivo de 1978/1979: “*Punk rock. Home made t-shirts. That haircut. Army! Brace Yourself*”.

O que mais define Pretorius, porém, aparece logo no início do caderno, mas não é escrito por nenhum dos colegas. No poema “The road not taken”, utilizado como epígrafe do *Yearbook* daquele ano, o poeta californiano Robert Frost discorre sobre a difícil decisão do viajante diante de duas estradas para seguir.

*I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.*^[17]

Pretorius tem um violão. Renato, que havia perguntado se ele gostava de Sex Pistols, também. Mueller, um baixo Giannini. Seu grande amigo, Fê Lemos, já de volta ao Brasil, espera com ansiedade a chegada da bateria Premier comprada na Inglaterra, direto na fábrica, por seiscentas libras. Os quatro já sabem o que querem: seguir na menos percorrida das estradas, a

do punk rock. Não fazem ideia do quanto a jornada pode ser longa, sinuosa e acidentada. Sem possibilidade de retorno.

Logo no início do caminho, tropeçam em cadáveres ilustres. Renato entra em estado de choque ao saber da morte de Sid Vicious por overdose de heroína. Liga para o professor de violão e pergunta se ele também tinha ficado sabendo. Como assim? A morte ocorrera numa sexta-feira, e ele só soube no domingo à noite, quase 48 horas depois? Renato chora não só de tristeza, mas de raiva por ter a informação com tanto atraso. Ainda mais no caso de uma notícia tão importante, sobre o baixista dos Sex Pistols, 21 anos, ídolo pela postura e pela indumentária. Gostava tanto dele que tinha batizado de Sid o crocodilozinho empalhado que guardava no quarto. Foi também por causa de Vicious, apenas três anos mais velho, que escrevera com caneta Pilot na parede do quarto: *I wanna be a junkie* (“Quero ser um viciado”). Sai de casa e toma uma garrafa inteira de vinho Chapinha. É o primeiro grande porre.

Ao voltar, escreve uma carta para a *Melody Maker*. Sob o pseudônimo Eric Russell, Renato queixa-se da cidade – “Nada acontece aqui. Nunca” – e do país – “Tudo é *disco*, Travolta ou samba”. Revela a dimensão do impacto da descoberta dos Pistols e do punk: “Nos envolvemos com a música como não acontecia desde os Beatles e os Stones”. Atribui o envolvimento ao surgimento de heróis como “Sid, John [Lydon] e o Clash: eles pensavam do jeito que a gente pensava”. Afirma ainda que a morte de Vicious só será compreendida depois de alguns anos, como tinha acontecido com Brian Jones, Jimi Hendrix e Gram Parsons: “Alguns vão esquecer, outros não; alguns já esqueceram. Mas, quando é um herói de verdade, ele sobrevive”.

Na carta, publicada com destaque na edição de 31 de março do semanário inglês, sob o título “We could be heroes... until Sid died”,^[18] Renato-Russell relata também a sua própria evolução, ao dizer que cresceu “milênios” desde 1975, mesmo tendo ainda 18 anos. “Não vou perder (ganhar) como Sid fez. Eu vou fazer por ele o que ele fez por mim.”

No encontro na 103 Sul, quando abordou o jovem sul-africano, Renato se entusiasmou ao saber que André Pretorius não só gostava de Sex Pistols, como tinha uma guitarra e um amplificador. Trocaram telefones e combinaram de se encontrar para trocar discos. Renato tinha acabado de receber *Give'em Enough Rope*, segundo álbum do Clash, enquanto

Pretorius tinha acabado de adquirir *Public image: first issue*, o primeiro single do Public Image Ltd (também conhecido como PiL), nova banda de John Lydon, dos Pistols. Com Alex de Seabra, amigo de Pretorius da Escola Americana, na bateria, fazem duas *jams* na embaixada da África do Sul. Tentam tocar músicas de grupos pesados da época, como Bachman-Turner Overdrive e Edgar Winter Group, mas para Alex é difícil montar o próprio instrumento. Momentaneamente desfalcados, uma vez que o baterista havia emprestado partes do instrumento para outras bandas da cidade, Renato e Pretorius tem de recorrer aos amigos, e o filho do embaixador da Venezuela empresta os pratos.

Ao avançar na ideia de formar uma banda, os dois lembram de Fê Lemos, que Renato conhecia da Cultura Inglesa e Pretorius da Escola Americana, por meio de André Mueller. Fê topa o convite, mas há um senão: tinha vendido a bateria, e a nova ainda não havia chegado. Quando a Premier aterrissa em janeiro de 1979 na bagagem diplomática de um amigo do pai de Felipe, o círculo se fecha. Nasce o Aborto Elétrico.

A primeira formação do Aborto começa a fazer barulho na Colina – André Pretorius na guitarra, Renato Manfredini Junior no baixo, Felipe Lemos na bateria e ninguém no vocal. Os três passam semanas tentando tocar “Now I wanna sniff some glue”, dos Ramones. Depois, começam a se arriscar em composições próprias: “Benzina”, “Here come the red” e “(It’s all because of my new) sneakers”. Entre uma música e outra, o guitarrista convida os amigos para uma festa rock na garagem de sua casa, residência oficial do embaixador da África do Sul.

Três anos depois de chocar a Inglaterra, o punk criava raízes na capital. A coletânea *Punk Rock*, organizada por Ezequiel Neves para a revista *Pop*, facilitara a tarefa ao incluir bandas até então inéditas no país, como Eddie and the Hot Rods e Television. Mas o poder contestatório das quatro letras já ultrapassara os guetos e chegara à imprensa. Em artigo sob o irônico título “SDS – O sucesso de um conjunto punk”, o jornalista e agitador cultural Ary Para-Raios denuncia a degradação precoce do Setor de Diversões Sul, área central do Plano Piloto ocupada à noite por fauna heterodoxa – prostitutas, traficantes, michês, travestis.

Uma cidade que apenas agora atinge a maioria já possui um complexo de prédios cuja decadência faz inveja a qualquer São Paulo de 400 anos de idade. Os cenários fariam inveja aos conjuntos

internacionais de rock, com ratos e corredores sujos. E Brasília consolida o seu progresso pela desenfreada inflação imobiliária, pelas vistosas prateleiras de ruas e viadutos decorados a mármore, pelo moroso sistema de transportes coletivos, pelo desleixo com as casas de espetáculos e pelo descaso com o heróico habitante do promissor Planalto Central.

André Pretorius se aproveita de uma viagem dos pais para organizar a festa na garagem da embaixada, com ajuda da namorada Virginie Rio-Branco, a Ginny, colega da Escola Americana. São dias e dias de preparação. Gravam diversas fitas cassete com repertório roqueiro, de AC/DC a Ramones. Seguem o lema punk faça-você-mesmo até na hora de preparar as bebidas. Misturam abacaxi, água, açúcar e vinho, e deixam o líquido guardado em cima do telhado para fermentação por uma semana. O resultado é unanimidade entre os convidados:

— Isso é horrível!

Aparece muita gente, inclusive desconhecidos, mas que vão logo se enturmando graças aos alfinetes enfiados na boca, no nariz, na camisa. Amigo de André Mueller e conhecido do dono da casa, Geraldo Ribeiro vê Renato com roupa de festa: calça jeans e camisa social de manga comprida aberta sobre camiseta com nomes de músicas do Sex Pistols, como “Bodies”. E, embaixo do braço, uma volumosa carteira de couro. Geraldo chega perto e provoca:

— Tu é punk, cara?

— Sou, claro! Olha aqui!

Renato exhibe, com orgulho, a camisa dos Pistols.

— Então, tá, né...

Quando Renato se afasta, Geraldo, um dos mais observadores e irônicos da turma, comenta com um amigo:

— Punk de capanga?

No fim da festa, André e Virginie tentam remover os sinais da farra. Havia estilhaços de vidro do espelho no banheiro e seringas espalhadas pelo chão da garagem. Dias depois, o Aborto Elétrico retoma os ensaios na Colina. “Now I wanna sniff some glue” já está assimilada, mas eles querem mais. Renato sugere:

— Vamos parar de tocar música dos outros. Vamos falar da UnB, de Brasília, de tudo que está acontecendo.

Shows em Brasília nem sempre transcorrem em clima de tranquilidade. Em maio de 1979, Milton Nascimento se apresenta na cidade pela primeira vez. Encara mais de 20 mil pessoas no ginásio de esportes. “Esse show é muito importante para mim”, afirma o cantor, antes de interpretar os versos de “Nada será como antes”. O público entra em frenesi e avança em direção ao palco por meio da passarela deixada para o desfile de *misses* na semana anterior. Policiais brandem os cassetetes, tentam reprimir a plateia. Clima de tensão, iminente confronto. Milton Nascimento se assusta e some. Desaparece em meio a fotógrafos, cinegrafistas, fãs e policiais. Um jovem quebra a perna ao pular da arquibancada, e um grupo sobe nas caixas de som para escapar do empurra-empurra. O show é reduzido e encerrado com o sucesso do momento, “Maria Maria”. Comenta-se que o cantor parou a pedido da polícia. Os jornalistas se revoltam com o frustrante desfecho: “Não foi festa, não houve música; foi um espetáculo de violência”, critica Celso Araújo. Outro repórter, Cláudio Lysias, também ataca os que impediram o conagraçamento de Milton com o público: “Quem são os culpados pela lamentável noite de domingo? Quem são os culpados por termos a fama, fartamente divulgada, de sermos a pior plateia do Brasil? Haverá algum futuro cultural para esta cidade?”. Lysias encerra a indignada sucessão de questionamentos com a mais curta e inquietante das perguntas: “Brasília é inviável?”.

Em outubro de 1979, Renato grava uma fita cassete, batizada de *Saturno devorando um dos seus filhos*, com a primeira leva de composições do Aborto: “Admirável mundo novo (Sid Vicious has risen from the grave)”, “Verde e amarelo (Despertar dos mortos)”, “Que país é este”, “Metrópolis”, “Quanto tempo”, “Ficção científica” e outras quatro músicas sem nome, agrupadas sob o rótulo *silly songs*. Na identificação da autoria das canções, Renato opta por utilizar um pseudônimo, Érico Russo, versão em português do nome que escolhera para o líder da banda imaginária 42nd Street Band.

O Aborto engrena. E, na mesma época, o Brasil se distensionava.

A anistia assinada pelo presidente Figueiredo permite a volta ao Brasil de centenas de eLivross políticos. Entre eles, o sociólogo Herbert de Souza, “o irmão do Henfil”, conforme citado na canção “O bêbado e a equilibrista”, de Aldir Blanc e João Bosco, sucesso em todo o país na voz de Elis Regina.

Também retorna o ex-guerrilheiro Fernando Gabeira, que conta sua história de luta armada no livro *O que é isso, companheiro?*, sucesso de vendas. A censura também abranda. O restabelecimento da democracia parece questão de tempo. Os ídolos da MPB, ainda um pouco ressabiados, comentam a perspectiva favorável. Caetano Veloso se confessa “um pouquinho excitado” pela abertura. Em entrevista a Zuenir Ventura, o cantor baiano lamenta os períodos de prisão no Rio, o confinamento em Salvador e o exílio em Londres: “Fiquei dois meses preso, quatro meses confinado e dois anos e meio e livros por nada, somente porque eles tinham medo do que éramos. Tinham um medo vago, igual ao medo que os estudantes de esquerda tiveram da gente”. Caetano destaca o que vê de mais impressionante no segmento por ele ocupado: “Todo mundo intui uma força cultural, política, intelectual e filosófica na música popular brasileira. E isso existe porque a música popular é muito forte; vem de dentro, expressa e atua muito sobre o país. Eu sou nacional e popular até onde não se pode mais ser”.

Retornar ao próprio país em 1979, porém, não é sinônimo apenas de alegria. Se centenas de brasileiros se emocionam ao reencontrar as famílias, um estrangeiro verte lágrimas ao ser obrigado a deixar o Brasil e servir à pátria. André Pretorius avisa aos amigos e à namorada que terá de obedecer ao pai e ingressar no Exército sul-africano, em litígio com o regime socialista da vizinha Angola. Renato não se conforma e desabafa com a família:

— O André vai ter que voltar pra África do Sul pra matar comunistas e negros inocentes!

Renato e Fê convidam outro guitarrista, Lula. Tocam juntos algumas vezes, mas o resultado não rende o esperado. O grupo chega a um impasse, superado apenas quando Pretorius volta no fim do ano, para passar duas semanas em Brasília. Retomam a formação original da banda e ensaiam para o primeiro show, marcado para 11 de janeiro de 1980.

Correntes penduradas na calça e alfinetes na camisa, Renato parte para o confronto no CEUB. Um professor comenta que os alunos, ao entrarem na universidade, tinham se tornado parte da minoria privilegiada da população:

— O futuro de vocês está garantido, vocês já pertencem à elite do país.

Renato retruca, em voz alta:

— Nós não temos futuro!

O professor ignora o grito.

— Como eu ia dizendo, vocês não podem desperdiçar essa chance, porque no futuro...

Renato repete, elevando mais a voz:

— Nós não temos futuro!

A discussão se generaliza e um dos estudantes se volta para Renato:

— Fale em seu nome! Se você acha que não tem futuro, o que está fazendo aqui? Vai embora!

Renato se levanta. Ignora os colegas e investe contra o professor, citando a cartilha *Por que eu me ufano*:

— Nós não temos futuro por causa de ufanistas como você. O que vocês esperam de nós depois de ter transformado a nossa geração num bando de cagões?

O professor retruca:

— Esqueça a minha geração, faça o seu futuro. Deixe de pessimismo. Você pode ser o que você quiser.

O mestre dá a discussão por encerrada.

Fora da sala de aula, dentro do bar, análises sobre os rumos do Brasil ganham mais intensidade a cada rodada de cerveja. Um dia, os colegas de turma se reúnem no subsolo do bar Chorão e, em vez de karaokê, arriscam proferir frases curtas, de cunho provocativo, a respeito da situação política do país. Xingam a ditadura e rapidamente largam o microfone, com medo de serem denunciados por algum informante dos militares. Alguns, contudo, cultivam a fantasia de serem detidos por incitação à subversão: “Bem que seria legal a gente ser preso. Íamos apanhar um pouco, mas teríamos histórias para contar”.

Renato prepara a sua performance. Faz seguidos rascunhos em guardanapos de papel. Nervoso, amassa as frases abortadas, que descarta no lixo de forma sumária. Chega, enfim, em uma ideia que o agrada e segue até o palco. Dispara o grito:

— Brasil: ame-o e deixe-o. O último a sair, apague a luz!

Os colegas de universidade tomam gosto pela forma poética de se expressar. Já tinham pensado em montar um cineclube, mas não conseguiram forma viável de exibir longa-metragens – a Embrafilme exigia pagamento alto para emprestar a cópia de *O amuleto de Ogum*, de Nelson Pereira dos Santos. Na escada da faculdade, surge outra ideia.

— Vamos fazer um livro?

A coletânea *Sinal – Agregado Poético* inclui trinta poemas de quinze estudantes. O combinado eram três poemas para cada um, mas a contribuição de Renato sai muito maior do que a encomenda. “Leme/Leblon” ocupa cinco páginas, a começar pela epígrafe:

Se um dia você encontrar o Ícaro do século XX, que viveu a estória da folha seguinte, diga a ele que eu o matei por inveja: eu sempre quis saber voar.

Dedicado a “Eduardo e Felipe” e dividido em cinco partes, o poema descreve a vida de um rapaz “ilhado e flutuante, metal cromado, lona e fuga nos ombros” que vive “sempre drogado” num quarto de pensão, com “o livro de Química no colo e o livro de Hesse na mente e a morte (talvez) no coração”. Ao descrever o rumo de seu personagem, Renato lamenta:

*Quanto tempo perdido entre livros inúteis e a vida passando lá fora.
E sempre a lembrança esquisita de que ele já tinha feito
E aquilo que já tinha sido e as coisas que antes fizera*

Após enfrentar “o peso dos livros/ e da consciência paterna/ e do zelo materno”, o Ícaro contemporâneo do poema resolve voar de asa-delta em direção à praia, na zona sul do Rio de Janeiro. Tenta a primeira vez, mas a força do vento o joga de volta “ao verde do capim ou da grama (rapaz urbano, ele nunca sabia)”. Na segunda tentativa, consegue voar. Mas o tecido do equipamento se rasga, os ferros se soltam. Ele se despe “dos panos dos ritos, de calça jeans made in Brazil” e descobre o sentido pleno da liberdade ao gritar pouco antes de ficar cego pelo azul do mar e cair: “Sou um anjo!”.

Na última página do poema, Renato conta que os jornais – “todos os *Última Hora* da vida” – publicaram no dia seguinte a notícia: “Estudante de direito morre ao se jogar na Pedra da Gávea”. E faz o comentário final:

*Erraram o lugar
Erraram o seu nome
E um pedaço do pano azul e laranja e branco solto no ar
Caiu um dia em qualquer lugar
Entre o Leme e o Leblon*

“Leme/Leblon” é corpo estranho em *Sinal*, coletânea caracteristicamente heterodoxa. Em entrevista a um dos colegas, Byron de Quevedo, Renato revela que o poema havia sido escrito ao longo de duas noites e editada de forma curiosa: “Para este livro, fiz uma poesia, que rachei em cinco: dei três pro *Sinal* e fiquei com duas”. Também dá uma pista sobre seu método de escrever: “Para mim, tudo fica mais fácil após o primeiro verso”.

Suas declarações são incluídas na reportagem “Alunos do CEUB lançam livro coletivo”, publicada em 3 de janeiro no *Correio Braziliense*. Escrita pelo próprio Byron de Quevedo, também um dos participantes da antologia, a matéria aponta a grande revelação da coletânea, o “psicótico mundo depressivo” de Alcimar Fernandes, e como a publicação externa os embates entre os participantes. “Considero-me a voz da geração coca-cola, que são os filhos da revolução. Sou um filho perfeito da revolução, por isso minha poesia não reflete nada”, declara Renato Manfredini Junior. “Sou um sujeito sonhador, não sou cético, mas não aceito que a nossa geração se considere coca-colista. Minha poesia é política: meu ideal é o socialismo”, rebate Gilberto Freire Santana.

Outros estudantes encaram o projeto de forma descompromissada. “Sou um poeta de lixeira: fiz alguns poemas exclusivamente para este livro. Antes de jogá-los no lixo, joguei-os no livro”, brinca Tarcísio de Pádua. Já o galanteador Cléber Lettieri, que se define na reportagem de Byron como “um eterno apaixonado”, conta que seus versos são românticos, frutos de dor de cotovelo:

*Tenho vontade de chorar
Ódio da vida
Pena dos que não sabem
Não querem e... não podem amar!*

Renato não perdoa. Acusa o colega de escrever para impressionar as meninas e, assim, traçar um atalho para relações mais íntimas com suas musas.

— Cléber, a sua poesia tem função utilitária!

O colega não entende o motivo da bronca, mas também se queixa. Quando Cléber oferece carona depois da aula, Renato aceita, mas permanece em silêncio durante todo o trajeto do CEUB até a Asa Sul. Entra

mudo e sai calado. Não abre a boca nem para se despedir, só levanta o polegar em gesto de agradecimento, já fora do carro. Ao voltar para casa no Passat da amiga Cássia Portugal, porém, Renato se mostra bem mais expansivo. Especialmente ao falar sobre música internacional. Fã de MPB e com o sonho de se tornar cantora ou escritora, Cássia um dia perde a paciência:

— Que saco, Renato, você só fala de música americana! Por que esse desinteresse pela música brasileira?

— Mas eu faço música brasileira, Cássia! Minha banda, o Aborto Elétrico, é música brasileira! Por que não?

Na virada para a nova década, o mercado fonográfico nacional, quinto maior do mundo, atravessa uma mudança de perfil. Com o declínio da discoteca e o abrandamento da censura, aumenta o interesse pela música brasileira. A produção nacional já representa 70% das vendas da gravadora Odeon, detentora dos catálogos da Capitol, London e EMI. Beatles, Stones, Queen e Peter Frampton, no Brasil, são todos da Odeon. Atenta à expansão do mercado, a gravadora sediada no Rio de Janeiro tenta se recuperar da ida de Djavan para a CBS e da de Milton Nascimento para a multinacional alemã Ariola, que também tinha contratado Chico Buarque. Deposita suas fichas na chegada de Ivan Lins e em um jovem cantor mineiro, Beto Guedes, que surpreendeu ao vender 20 mil cópias do disco *Sol de primavera*.

A Odeon divide seus oitenta artistas em três categorias: prestígio (Joyce, Paulinho da Viola, Nana Caymmi, Egberto Gismonti), com vendas de até 50 mil cópias por disco; sofisticado (Simone, Clara Nunes, Gonzaguinha, Luiz Ayrão), cujas vendas atingem as 300 mil cópias; e populares (José Augusto, The Fevers, Agnaldo Timóteo, Ângela Maria), que ocupam a mesma faixa de vendagem, mas ficam restritos às rádios. Para o primeiro semestre do ano, a gravadora aposta no sucesso do novo disco de Gonzaguinha, em alta com o compacto de *Explode Coração*, e do álbum ao vivo de Simone, a ser impulsionado nas rádios pela regravação de “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré.

Àquela altura de sua vida no país, o autor da canção-símbolo dos protestos estudantis tem mais interesse em falar de processos do que de flores. Depois do show que não fez em dezembro de 1968, Vandré retorna a Brasília na condição de ex-funcionário público. Quer verificar o andamento

da ação movida contra a União. Tenta reaver o cargo de inspetor de indústria e comércio da Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab), perdido em 1969 por conta do AI-5. Prefere adotar o nome verdadeiro, Geraldo Pedrosa, e a profissão de advogado. Mesmo com o burburinho provocado pela volta de “Caminhando” às paradas, garante não ter saudade alguma dos tempos de artista: “Fui um criador, mas não adiantou nada”.

* * *

No auge das férias e do verão no litoral brasileiro, Brasília tem pouco a oferecer além de chuva, ócio e vícios. Colégios e universidades em recesso, programação oficial da Funarte e da Fundação Cultural suspensa até março. Nada de shows, nada de peças, nada de exposições. Nada. “Todo ano a mesma coisa, o mesmo vazio, os mesmos teatros ociosos”, indigna-se a jornalista Maria do Rosário Caetano, em uma série de artigos sobre o tema, publicada no *Correio Braziliense* sob o título “Verão a zero”.

Ninguém que transa cultura parece entender direito Brasília. A cidade não é mais o depositário das sobras do eixo Rio-São Paulo. O grande equívoco baseia-se no fato de que se pensa Brasília ainda como uma estação de trabalho. Não se pensa a cidade como ela de fato é: um centro irradiador e não um centro convergencial.

A reportagem deixa a pergunta-provocação no ar: “Cadê os movimentos culturais destas terras candangas?”.

Três dias depois, no Lago Sul, o Aborto Elétrico rascunha a resposta. Faz o primeiro show no bar Só Cana, no Centro Comercial Gilberto Salomão, templo da juventude endinheirada brasiliense – conhecida pejorativamente como os playboys. Descarregam os amplificadores, procuram uma tomada para ligar o equipamento e começam a tocar, sem aviso prévio nem autorização oficial. Mesmo com caxumba e 40°C de febre, Fê espanca a bateria. Renato ataca o baixo. E Pretorius toca até o sangue manchar a guitarra branca. A apresentação não dura trinta minutos, mas empolga os poucos que param para ver. O repertório é tão curto que, quando acaba, alguém grita:

— De novo!

Eufórico, Renato viaja para o Rio de Janeiro. Na Tijuca, encontra-se com Flávio Lemos, que não assistira ao show, pois estava acampando em Ilhabela, no litoral de São Paulo. No relato ao amigo, Renato confere ao fato a dimensão de um feito heroico, instantaneamente lendário.

— Flávio, a palheta do André caiu, mas ele ficou tocando com o dedo e sangrou na guitarra!

Flávio, então com dezesseis anos, e Renato, três anos mais velho, curtem intensamente aqueles dias de férias cariocas, a pé ou de ônibus. Compram discos importados na Modern Sound em Copacabana, fumam um baseado no Aterro do Flamengo e vão ao cinema assistir a *Manhattan*, de Woody Allen. Chegam a pegar a barca e ir até a Ilha de Paquetá, onde se encontram com Mariane, uma prima de Renato. Flávio a convida para acampar em Búzios, onde os dois têm um breve romance. Ao saber do envolvimento, Renato se enfurece:

— Você me traiu, Flávio!

Renato alega que gostava de Mariane. Desde pequenos, brincavam de namorados. Tinham até casado de mentirinha, com cerimônia e tudo. E o que Flávio fez havia sido um desrespeito à família Manfredini. Flávio não entende a reação enciumada do amigo, considera um exagero. Os dois voltam para Brasília.

Renato se multiplica. Poucas vezes seu cotidiano esteve tão agitado. De segunda a sexta, dá aulas na Cultura Inglesa e frequenta o CEUB. Para complicar, consegue um emprego de repórter em um programa de rádio de defesa dos direitos do consumidor, o *Jornal da Feira*, produzido pelo Ministério da Agricultura. E ainda há o problema da substituição de André Pretorius, Renato e Fê testam alguns candidatos, mas ninguém os entusiasma.

Os dois lembram um dia, quando André estava no Brasil, em que Renato, que queria cantar e não conseguia tocar baixo ao mesmo tempo, pediu para Flávio pegar o instrumento:

— Flávio, toca aqui.

Flávio tocou. Somente duas notas – fácil e divertido. Achou o máximo. Fê lembra aquele ensaio e sugere a entrada do irmão na banda. Renato, que teria de mudar de instrumento, gosta da ideia. Fala para Flávio:

— Vai lá em casa que eu vou te passar algumas músicas.

Renato o ensina a tocar “Benzina”, “Admirável mundo novo” e “Que país é este”. E ainda empresta o instrumento.

— Leva meu baixo para sua casa para você ir treinando.

Flávio leva o convite a sério. Passa horas no Lago Norte ensaiando as músicas do repertório do Aborto. Instrumento na mão, sai andando pela casa. Chega a levar o contrabaixo ao banheiro para não interromper o aprendizado. A capacidade de concentração de Flávio não surpreende. Na Inglaterra, ele enfrentara o frio para grudar os olhos no telescópio e observar asteroides e estrelas. Gostava muito de astronomia, e queria cursar física na UnB.

Sempre antecidos por um baseado, os ensaios do Aborto com o novo integrante encham de ruído as quietas tardes do Lago Norte, acostumadas com os sons dos grilos, sapos e pássaros. Os vizinhos da casa ao lado pedem:

— Por favor, parem com esse barulho!

Pedido ignorado. Nessa época, a amizade de Fê e Renato ganha corpo. Estão sempre juntos, ensaiando, ou disputando o primeiro disco do U2 nas prateleiras da Discodil e da Discoteca 2001, ou batendo papo na Cultura Inglesa. Às vezes, não percebem o tempo passar e ficam pendurados no telefone, inclusive na hora das refeições, para contrariedade de Lúcia, mãe de Fê. A irmã mais nova, Helena, observa a diferença de comportamento do irmão:

— Primeiro foi o André Mueller. Agora ele não desgruda do Renato.

Três frequentadores dos ensaios do Aborto Elétrico ainda dos tempos de Colina também decidem formar uma banda. Gutje Woortmann, filho do professor de antropologia Klauss Woortmann, se junta aos irmãos Geraldo Ribeiro e Loro, moradores da 408 Norte. Começam a ensaiar sob o nome de Blitz 64, referência ao ano do golpe militar. Com sonoridade mais crua e letras diretas, o Blitz passa a dividir com o Aborto os equipamentos para shows. Renato escreve um manifesto para os dois grupos punks do Planalto. O lema: “Não queremos acabar com nada, queremos destruir”.

Lançam um manifesto furioso que ironiza os sucessos “Lança perfume”, de Rita Lee e Roberto de Carvalho, e “Travessia”, de Milton Nascimento e Fernando Brant – “Chega de música babaca! De quatro no ato uma ova! A travessia tá quebrada!” –, desanca os modismos – “Chega de patins babacas e de Travoltas goianos!” – e ataca o mais popular programa dominical da maior emissora de TV do país – “Chega de Rede Globo, *Fantástico* show

da morte e outras baboseiras para velhos gagás!”. Em três frases, Renato resume o desejo dos punks candangos: “Nós queremos ação! Acabar com o tédio de Brasília, essa jovem cidade morta! Agitar é a palavra do dia, da hora, do mês!”.

Vacinado pelo que observara da rejeição ao rock e à *disco music* por parte dos estudantes da UnB, ele engatilhou a resposta para as críticas dos nacionalistas que os rotulavam como “americanizados”: “Vocês lavaram nosso cérebro jogando cultura alienígena nas nossas cabeças, com a televisão, sistema babaca, Projeto Jari, poluição e outras brochuras tais. E, além do mais, o que vocês esperam de quem nasceu ouvindo Stones, Dylan, Beatles e Caetano cantando em inglês?”.

Então, antes de se despedir, cita trecho da letra de “London, London”, e conclui: “Um abraço gigantesco para os de fora. Espero que logo façam parte do grupo de dentro”.

De fora do processo de redemocratização, Brasília reclama o direito de votar. A cidade continua sem representação política – as mobilizações para criação de assembleia legislativa e câmara de vereadores nas cidades-satélites se mostram infrutíferas. O governador do Distrito Federal continua sendo nomeado pelo Presidente da República. E é nessa condição que a cidade caminha para completar duas décadas de existência. Alheio à mordaza imposta à capital, o Brasil se mexe. A reformulação partidária está em andamento. A Arena anuncia mudança de nome para Partido Democrático Social (PDS). Na comissão de fundadores do partido, o primeiro lugar é reservado ao Presidente da República, seguido por todos os governadores de estado e ministros. O agora PMDB, partido de oposição, sofre baixas para o PTB e o PT. O Partido dos Trabalhadores, fundado em 1980, enfrenta o desafio de se expandir além dos limites da grande São Paulo, onde estão concentrados os seus líderes, como o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva.

Atento à movimentação dos oposicionistas, o governo apregoa os seus feitos. No relatório oficial “Algumas realizações dos governos revolucionários”, produzido pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República, destaca-se o crescimento do país nos últimos dezesseis anos de governo. O PIB do país cresceu de 57 bilhões para 208 bilhões de dólares, e a população do país de 76 milhões para 120 milhões de habitantes entre 1963 e 1979. Além disso, expansão da malha rodoviária e aumento da

venda de bens duráveis. “Os benefícios do desenvolvimento atingem parcelas crescentes do povo brasileiro”, garante o estudo.

No aniversário de 20 anos, Brasília ganha do poeta carioca Chacal, que está temporariamente morando na cidade, versos livres de métrica:

Vamos começar tudo de novo.

A alvorada que JK vislumbrou, fez-se um dia negro.

Mas a tempestade amainou.

O cataclisma abrandou. Um novo dia clareou.

Já dá pra sair de casa. Já dá pra sair na rua. Já dá pra cair na sua.

A marcha fúnebre saiu das paradas [...].

E deu vez a uma rapaziada disposta a recuperar o tempo perdido.

Disposta a tirar o atraso.

Saindo dos prédios para as praças. Uma nova raça.

Teus filhos estão nas ruas, quadras, blocos.

Tua primeira geração está acordando depois do tenebrião.

Já espreguiçou, lavou a cara e está aí. Olhos livres para ver o mundo [...].

Brasília, pinga na tua gente um pouquinho de invenção. Já passou a repressão.

Mete bronca, meu irmão.

Flávio Lemos, 17 anos, estreia como baixista do Aborto Elétrico em uma festa-show no salão do clube Associação dos Servidores da Câmara dos Deputados (ASCADE). Promessa de uma noite de punk, reggae e rock, regada por Pistols, Ramones, Clash, PiL, Stiff Little Fingers, Stranglers, Bob Marley, Peter Tosh, The Who e Led Zeppelin. Aborto, Blitz e “o pessoal da Colina” pedem que os convidados levem garrafas de vinho, vodca e cerveja. O traje é descrito de forma curiosa: “Tanto fez, tanto faz, agitado se possível”. Avisam que meninas não precisam do convite. Fazem uma restrição – nada de “malucos babacas, embora malucos sejam bem-vindos” – e uma advertência: “No discoteca, *please*”.

Festas da própria turma passam a ser frequentes, mas a vontade de se aventurar em outras paragens não diminui, ainda mais quando a noite é promessa de sexo, drogas e rock ‘n’ roll, ou pelo menos dois desses.

Para matar as saudades, os delírios e as fissuras, a Rockonha vem convidar você para mais um som viajante baseado no bosque, a partir das 21h do dia 30-8-80. Agradecemos à Fucking Sound e contamos mais uma vez com a sua presença.

O convite, impresso em papel de seda e distribuído no Beirute, acende a imaginação de Fê e Renato. Como estiveram na primeira edição da festa, sabiam o que poderia encontrar na chácara perto de Sobradinho. Festa ao ar livre, tremendo visual, caixas de som amarradas nos eucaliptos. Lua cheia, lago ao fundo, cerveja, maconha à vontade. Imperdível. Queriam tudo de novo. Agora, com mais companhias.

Na Caravan apinhada, seguem os três irmãos Lemos, Gutje, Loro e Renato, que mostra uma fita cassete:

— Eu tô aqui com o novo dos Stones!

Escutam “She’s so cold” e outras faixas de *Emotional rescue* antes de entrarem na Caravan de Briquet. Os pais de Fê estavam viajando, então não viram os filhos juntarem os amigos e seguirem para a festa.

Nem dá tempo de entrar e conferir os delírios e as fissuras prometidos no convite. Dezenas de policiais estão posicionados na entrada da chácara. Ao ver o contingente, Loro Jones comenta, entusiasmado:

— Essa festa está bem mais organizada, tem até polícia para ajudar a estacionar!

Soldados da Polícia Militar, agentes da Polícia Federal e representantes do Juizado de Menores aguardam os convidados. Mais de duzentas pessoas são detidas, embarcadas em ônibus e levadas para um quartel em Sobradinho. Alguns recebem tratamento diferenciado na hora da triagem.

— Quem é filho de militar aí?

Estes, ao mostrar a carteira de identidade azul, são imediatamente liberados. Os outros permanecem no quartel, divididos em dois grupos: os maiores de 18 anos ficam horas sentados no chão, e os menores são conduzidos para o Juizado, onde são intimidados enquanto esperam a chegada dos pais. O “embalo-monstro”, assim qualificado pelos jornais, rende a apreensão de seis quilos de cocaína e dez quilos de maconha. Graças à intervenção de um amigo do pai, Helena e Flávio Lemos são liberados. Fê, Loro e Renato passam a noite no quartel e só retornam a tempo de tomar o café da manhã na casa dos Briquet. Impressionado, Renato escreve uma música que batiza de “A dança”,^[19] mais uma para o

repertório do Aborto Elétrico. “Todas as letras têm sua razão de ser e a sua estória: se você for esperto, você descobre”, ressalta nos panfletos da banda.

*Vai ter festa, gravei um disco dos Stones
Uma multidão de gente no pátio do batalhão
Três ônibus lotados não parece real
Os inocentes talvez já descobriram o mal
O importante é dançar a dança, a dança, a dança
Agora já é história, virou folclore local
E se é folclore já é estória moral
E se é história de se contar por aí
Já vem de dentro, não sai mais daqui.*

Transar um fumo, descolar um jererê, fumar unzinho. Pós-hippie ou pós-punk, Brasília vive na fissura. No banheiro dos bares do Plano Piloto, nos espaços vazios entre os prédios residenciais e comerciais, embaixo dos blocos, o tráfico rola solto. E Renato nunca está desprevenido. Além de consumir regularmente a sua cota, tem sempre um beque para oferecer aos amigos. “Você pode fumar baseado/ baseado em que você pode fazer quase tudo”, anuncia o casal Pepeu Gomes e Baby Consuelo em “O mal é o que sai da boca do homem”, música classificada para a final do festival MPB 80, promovido pela Rede Globo.

O crescente clima de liberalidade é enevoadado por uma série de atentados pelas capitais do país. No mais grave deles, a explosão de um artefato na sede da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro mata a secretária da entidade. Bombas de fabricação caseira explodem em bancas de jornal.^[20] Ameaças anônimas fazem as aulas serem suspensas em cinco colégios particulares do Distrito Federal.

— Vai explodir uma bomba hoje na sua escola. Eu sou do Exército, é melhor não brincar.

O presidente João Baptista Figueiredo tenta conter a chamada “escalada dos radicais”. Faz apelo aos grupos de direita que tentam interromper o processo de redemocratização do país:

— Deixem de matar inocentes.

Em meio ao clima de tensão, Caetano Veloso aterrissa na cidade para um show na piscina do Centro Desportivo Presidente Médici. De calça larga de lamê, sapatilhas, brinco na orelha e muitos colares, Caetano apresenta o

disco *Cinema transcendental*, com repertório formado por músicas imediatamente assobiáveis – “Menino do Rio” e “Lua de São Jorge”, por exemplo – e outras norteadas pela introspecção, como “Oração ao tempo” (“Por seres tão inventivo/ E pareceres contínuo/ Tempo, tempo, tempo, tempo/ És um dos deuses mais lindos/ Tempo, tempo, tempo, tempo”) e “Cajuína” (“Existirmos: a que será que se destina?”), em homenagem à morte do poeta piauiense Torquato Neto (1944-1972), o mesmo dos versos de *Go back*, musicados posteriormente por Sérgio Britto, dos Titãs: “Você me chama/ Eu quero ir pro cinema/ Você reclama/ Meu coração não contenta”. Caetano canta, os meninos dançam.

Enquanto isso, as festas da turma roqueira de Renato ganham trilha sonora anglófona e multifacetada, refletindo o estilhaçamento provocado pela explosão meteórica do punk. No caminho oposto ao traçado pelo hard rock, o pós-punk retira do guitarrista o monopólio dos holofotes. Nada de solos. Pelo contrário: o estilo de tocar deve ser econômico e preciso, sem desperdício de notas, a serviço do ritmo ditado pelo baixo e pela bateria, como no reggae e no funk. E, por isso, mais dançante. Com o mesmo princípio, mas propostas diferentes, surgem Devo, Joy Division, B-52's, Gang of Four, Talking Heads, XTC, Wire, Specials. Quando toca “Rescue”, do Echo & The Bunnymen, ou “Killing an Arab”, do Cure, a pista enche. Se o som fica previsível, alguém da turma se aproxima do responsável pela música e pergunta:

— Posso colocar uma fita?

E as gravações das mais recentes novidades da Inglaterra e dos Estados Unidos agitam convidados e penetras.

Os discos importados chegam à cidade por meio de conexão direta com o primeiro mundo. *London Calling*, do Clash, e o primeiro dos Pretenders encorpam a coleção de Renato graças a uma viagem para Londres de John Trzciak, um colega da Cultura Inglesa. Recém-chegado da cidade italiana de Bolonha, Trzciak ainda estava em processo de adaptação quando conhece Renato na escola de idioma. Ao andar pelas superquadras, o inglês de 26 anos fica intrigado:

— Onde estão as pessoas?

Trzciak admira o céu infinito, a vegetação peculiar, alguns dos monumentos desenhados por Niemeyer. Mas não considera a forma organizacional de Brasília compatível com a instável natureza humana.

— Tudo é racional e linear; a gente precisa de um pouco de desordem, de assimetria, de incerteza — comenta com amigos.

O estranhamento bate tão forte que, à noite, o estrangeiro sonha estar numa cidade normal, com ruas normais, nomes próprios em vez de siglas e números.

Trzciak conhece Renato logo depois de chegar à Cultura Inglesa, em 1979. Fica admirado com a excelência do inglês do colega – Renato, a convite da direção, tinha começado a dar aulas no ano anterior. Compartilha sua impressão com outra colega, Julie Coimbra, professora sul-africana. Considera Renato um *native speaker*: vocabulário amplo, pronúncia impecável, uso de expressões típicas dos norte-americanos (“*That’s neat!*”, “*It sucks!*”).

Renato e Trzciak trocam impressões sobre o trabalho. O brasileiro se queixa de ter sido advertido por levar músicas para os estudantes ouvirem em sala de aula. Considera a instituição muito conservadora, presa às ordens vindas da direção do Rio de Janeiro. Conversam também sobre música. Trzciak tem interesse em conhecer melhor a música brasileira. Renato, não. Prefere puxar conversa sobre cantores estrangeiros, como Gram Parsons, Tim Hardin e Laura Nyro.

— John, ela combina cores e sons. Dependendo da canção, pede para os músicos da banda dela tocarem verde ou laranja!

— Renato, o que me impressionou mesmo foi ver Sivuca tocando no centro do Rio de Janeiro. Que performance eletrizante!

Um dia Renato liga para Trzciak e pergunta se ele pode prepará-lo para as provas de tradução do exame de admissão do Itamaraty.

— Meu pai está preocupado, acha que eu preciso tentar uma carreira profissional.

Depois das aulas particulares no apartamento dos Manfredini, os dois saem para tomar um chope na pizzeria La Mozzarella. Graças a Renato, o assunto recai sobre histórias ligadas à música pop: a genialidade de Brian Wilson, a beleza dos discos dos Byrds, a trágica trajetória do vocalista dos Yardbirds e do Renaissance.

— John, você sabia que o Keith Relf foi encontrado morto pelo próprio filho?

Em outubro de 1980, os shows do Aborto Elétrico e da Blitz 64 ganham apresentação em libreto com a seguinte epígrafe: “O que a gente pensa da

cidade: de não ter nada pra fazer, de ter que ir pra escola mesmo quando não tem nada pra aprender”.

A distribuição de panfletos com a reprodução das letras tem função didática. Com o barulho dos instrumentos e as condições precárias para shows, ninguém consegue entender direito as mensagens que Renato tenta disseminar.^[21] Só lendo a bula do remédio para decodificar a fórmula e possíveis efeitos colaterais; entre eles, o risco de contágio.

Todas as letras do Aborto são escritas por Renato. Refletem temas sociais e políticos. Entre elas, uma homônima do livro de Aldous Huxley, “Admirável mundo novo”, que começa delimitando a diferença entre o narrador e o interlocutor – “Não adianta você me dizer que está com a razão/ Você não é da minha idade, é de outra geração” – e termina com a frase-chave da postura de Renato em relação aos exemplos dos que vieram antes: “Se eu tiver que errar, quero errar sozinho”.

Também são impressas as letras de “Geração coca-cola” (“Somos os filhos da revolução/ Somos burgueses sem religião/ Somos o futuro da nação”), “O que eu quero” (“Não estou mais a fim de estudar/ Nem vou fazer nenhum vestibular/ Não estou mais a fim de me escravizar/ Não vou, não vou, não vou trabalhar/ O que eu quero mesmo é agitar!”), “Veraneio vascaína” (“Com uma arma na mão eu boto fogo no país/ E não vai ter problema eu sei, vou estar do lado da lei”), “Helicópteros no céu” (“Comprar plutônio importado com cruzeiros na mão/ Desviar o embaixador e assassinar um avião/ Já me falaram muitas vezes que a voz do povo é a voz de Deus/ Será que Deus é mudo?”), “Verde e amarelo (Despertar dos mortos)” (“Roubaram meu ouro/ Roubaram meu sangue/ Roubaram meus filhos/ E querem mais.../ Verde amarelo [...]/ Desordem e regresso não aguento mais/ A guerra acabou, mas nós não temos paz”) e “Metrópole”:^[22]

*Faça um favor a si mesmo: cometa suicídio
Se jogue do andar mais alto de um dos seus edifícios
Assalto à mão armada, eu quero a sua vida
Eu quero ver você no chão
Pisar nas flores, destruir, construir um estacionamento
As crianças vão ter que brincar num labirinto de cimento
Eu quero acidentes, eu quero confusão: ferros e freio na contramão
Metrópole fez cinza no meu sangue.*

A única música de foco intimista é a tensa “Love Song One”, narrada sob a ótica frustrante de uma paixão obsessiva não correspondida.

*Você me faz pensar demais
Sempre quando quero tentar
Ser só mais um que quer você
Eu não consigo entender
Por que eu quero você
Eu não consigo entender*

Os ensaios se intensificam. Em um deles, Flávio começa a tocar uma linha de baixo que tinha criado em seu quarto, pouco antes de Renato chegar. Fê o acompanha.

— Continuem tocando isso aí que eu tô pensando num negócio aqui — grita Renato.

Os irmãos obedecem. Renato pega uma folha de papel, marca a métrica da letra. Para um pouco para pensar. Começa a escrever. Após alguns minutos, já cansados, Fê e Flávio diminuem o ritmo, mas Renato pede:

— Continua, continua!

Dez minutos depois, mostra o que acabara de escrever:

Vocês esperam por intervenção divina, mas não sabem que o tempo agora está contra vocês...

A letra de uma nova música do Aborto Elétrico, “Fátima”, está pronta.

Ideias surgem a toda hora, em todo lugar. No longo trajeto da Asa Sul até o Lago Norte, Renato aproveita para pensar no que vai escrever e anota frases no caderno. Às vezes, a inspiração aparece ali mesmo, dentro do ônibus. “Hoje à noite Flash Gordon vai tentar ser Barbarella para ver se encontra o Albert Einstein...” Ao chegar, conta para Flávio:

— Estava no ônibus, escrevi uma música. — Então mostra os versos de “Ficção científica”.

Muitas vezes, porém, chega aos ensaios com as letras já finalizadas, trabalhadas e retrabalhadas solitariamente, fechado no próprio quarto. Fechado, não trancado. Depois que José Mariano, pai de Carminha, teve um mal súbito e não pôde ser socorrido porque tinha trancado a porta do quarto por dentro, os Manfredini combinam de deixar de lado esse costume. O

pacto era simples, os filhos não passavam a chave, mas também ninguém entrava sem bater ou sem o consentimento do dono do quarto.

— Entra, mãe!

Acesso liberado, só depois da autorização. No território roqueiro, com a parede coberta de fotografias e pôsteres de ídolos, a arrumação era de responsabilidade do dono do cômodo, que não deixava as empregadas chegarem perto dos discos, dos livros e das revistas. Quinzenalmente, o próprio Renato comandava a faxina.

Cada vez mais independente, Renato transfere o sono da madrugada para as manhãs. Nos fins de semana, acorda ao meio-dia, ainda a tempo de tomar uma vitamina de leite, cereais e frutas preparada pela mãe, que reforça a mistura com um ovo cru, sem o filho saber.

— Esse menino precisa ficar mais forte.

A mudança no modo de se vestir e de agir do primogênito preocupa os pais. Algumas medalhas que ganhou ao longo da vida escolar, zelosamente guardadas em uma caixa, vão parar em um casaco do exército, como se fossem condecorações de guerra. As restantes ornamentam as jaquetas de outros integrantes da turma. Carminha briga com o filho toda vez que reconhece uma medalha de destaque escolar de Junior no peito de um amigo punk:

— Mãe, elas são minhas! E eu não gosto disso!

As discussões com os pais se tornam constantes, às vezes com gritos do primogênito que podiam ser escutados pela vizinhança inteira. Contrariados com o fato de o filho ter desistido de prestar concurso público para o Itamaraty (“Você podia ter feito que nem o Vinicius de Moraes, que era diplomata e escritor...”) e para o Banco do Brasil, os pais avisam antes de cada incursão noturna:

— Pode sair. Mas, se for preso, não precisa nem telefonar. Não vou tirar filho da cadeia.

Renato e Carminha Manfredini preferem que os novos amigos do filho frequentem o apartamento deles, pois assim podem observá-los de perto. Cabelos desgrenhados, os irmãos Geraldo “Gerusa” Ribeiro e Loro Jones aparecem um dia para jogar *War*. A dona de casa se assusta ao abrir a porta e comenta:

— Meu filho, acho que eles usam drogas...

— Que é isso, mãe? Gerusa e Loro são muito legais, são do bem. Eles são joia.

Cabeludos de calça rasgada, garotas com coleira no pescoço, gente que parecia não ter tomado banho. Ao entrar, não dizem nem “Oi”, passam direto para o quarto de Renato. Carminha não se faz de rogada. Oferece biscoito, bolo, torta. Mas é repreendida:

— Mãe, não precisa mais trazer lanchinho para os meus amigos, tá bom?

Reticente quanto aos novos amigos de Junior, a mãe gosta dos encontros do filho com uma antiga colega do Marista. Baixinha, sorridente, cabelo liso e nove meses mais nova que Renato, a chinesa Ma Chia Hsien mora na 405 Norte. Adotara o nome ocidental Susie para facilitar a adaptação. Filha de ex-militar chinês, Susie passa a ser o par constante do primogênito dos Manfredini – trocam carícias, andam de mãos dadas, fazem gestos de cumplicidade. Ele vai à casa dela, ela vive na casa dele. O entendimento entre os dois traz alegria à mãe de Renato, a ponto de, ingenuamente, imaginar um futuro com a casa cheia de netinhos com os olhos puxados.

Um dia, Renato pede dinheiro para o táxi, para levar Susie à apresentação do bailarino russo Mikhail Baryshnikov no Teatro Nacional. Na hora de sair, os pais ficam horrorizados com a aparência do filho – alfinetes no nariz e na orelha; nos pés, um tênis verde e outro azul. Renato também divide o cabelo em três partes, pintadas de azul, vermelho e verde. A mãe protesta:

— Junior, você está horrível. Vai ser barrado no teatro.

O pai limita-se a comentar:

— Já avisei. Se você for preso, vai ficar na delegacia. Não vou tirar você de lá.

Nem aí para a contrariedade paterna, Renato segue com Susie para a mais sofisticada sala de espetáculos da cidade. Conversando em inglês, entram sem ser importunados pelo acesso reservado aos artistas e convidados da produção. Sentam na primeira fila. Os penetras ainda vão ao camarim e cumprimentam Baryshnikov, que dá ao casal um par de ingressos para a apresentação do balé em São Paulo. Exultante, Renato volta para casa e exhibe o presente à família:

— Viu, eu não disse que conseguia entrar?

“Sexoral é bom”, “Sei da tua sede parede”, “Abaixo o petróleo, viva a energia solar”. As pichações tomam conta da cidade, fazem referência ao cenário internacional (“Não queremos o Xá”, sobre a mudança de regime

político no Irã) e brasileiro (“SOS Amazônia”, a respeito dos rumores da internacionalização da floresta). As pichações às vezes são verborrágicas (“O Estado também tem culpa se existem menores abandonados, índios mortos e salários baixos”), ou apenas gaiatices, como a que ornamenta os pontos de ônibus projetados por Niemeyer: “Senta que vai demorar”. A arte está solta.

Sentados embaixo do bloco da 213 Sul, Dinho Ouro Preto e Dado Villa-Lobos ficam perplexos ao ver uns caras invadindo a sua quadra, sacando *sprays* e pichando as letras “AE” na mureta da entrada da garagem do prédio da frente. Trabalho feito, os invasores seguem em frente e somem entre os pilotis dos outros edifícios. Os moradores do apartamento 104 não acreditam, é muita cara de pau.

Filho do diplomata Affonso Celso de Ouro Preto, Dinho tinha dois anos quando foi para os Estados Unidos e depois para a Áustria. Alfabetizado em inglês, tem sérios problemas de adaptação ao retornar para a capital. No Colégio Dom Bosco, não entende nada que os professores falam. É ridicularizado pelos colegas, não consegue se defender nem se relacionar. Apela aos pais:

— Pelo amor de Deus, me tirem dessa escola.

Lucy Villa-Lobos, amiga da mãe de Dinho, sugere a escola do filho, o Colégio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Lago Sul, quase ao lado da primeira ponte. E assim o extrovertido Dinho Ouro Preto e Dado Villa-Lobos se tornam amigos.

Nascido em Bruxelas, na Bélgica, no dia 29 de junho de 1965, Dado Villa-Lobos passou seus primeiros anos de vida entre o Brasil e o exterior. Morava na capital desde os seis anos e foi alfabetizado em uma Escola Parque próxima de sua quadra, a 104 Sul. Seguidas transferências do pai, também diplomata, o levaram para a Iugoslávia e o Uruguai, o que o impediu de criar raízes.

Um incidente quase estraga o início da amizade dos dois jovens. Óculos fundo de garrafa, baixinho e tímido, Dado é alvo de colegas que tiram onda da cara dele até fazê-lo chorar. Dinho vê a cena e nada faz. Dado, magoado, o interpela:

— Você, cara, por que você não tomou uma atitude pra me ajudar?

Dinho não sabe o que responder, enche-se de culpa e vergonha. E acabam estreitando a amizade. Os Ouro Preto ocupam um apartamento na 105 Sul, e os Villa-Lobos vivem em uma casa com piscina na Península dos

Ministros, pedaço mais nobre do já nobre Lago Sul. Entre as brincadeiras dos pré-adolescentes, gostavam de tocar fogo em um matagal próximo à mansão ocupada pelos Villa-Lobos. Diversão e destruição.

O pai de Dado é transferido novamente, dessa vez para Paris. Dinho fica sem um parceiro para aprontações. O irmão mais velho, Ico, já tinha avisado: “Não quero mais brincar com você, vou para a rua”. Frustrado, Dinho resolve descer do bloco. Não larga o skate. Passa a se encontrar na quadra de futebol de salão com os irmãos Pedro e Bi Ribeiro.

Por meio de Bi, Dinho conhece Herbert Vianna e, logo em seguida, o rock ‘n’ roll. Isso porque, na sua casa, só se escutava música folk e alguns discos brasileiros. Dinho, inclusive, teve mais facilidade para entender as letras de Bob Dylan e Joan Baez do que as de Caetano Veloso e Gilberto Gil – para ele, a Tropicália soava como grego. Quando pede ao pai um disco de rock, ganha um LP com “I want to hold your hand” e outras músicas do início da carreira dos Beatles.

— Caramba, isso é rock? Prefiro mil vezes Bob Dylan.

Não desiste e, já influenciado pelos vizinhos da 104, vai até a Discodil. Compra um disco em que Jimi Hendrix toca “Sunshine of your love”, do Cream. Não para mais, descobre Led Zeppelin, AC/DC, Kiss, Slade. Na casa de um colega do pai, ouve “The March of the Black Queen”, faixa do segundo disco da banda inglesa Queen, e tem um alumbramento – aquele som teria que acompanhá-lo onde ele estivesse. Inclusive em Genebra, seu próximo endereço.

Na Europa, os filhos de diplomatas se agrupam. Dado vai até Genebra, Dinho retribui a visita em Paris e Bi viaja com Ico para Londres. Eles dão início a um arsenal roqueiro. Bi compra um baixo, Ico pega a guitarra e começa a tirar as músicas do Led Zeppelin. Inquieto, Dinho monta uma bateria no quarto, mas se decepciona:

— Não, não é isso que eu quero.

Pula de um instrumento para outro, mas continua insatisfeito. Resolve aprender a cantar. A mãe o matricula em aulas de solfejo, mas ele detesta a experiência. De frustração em frustração, realiza ao menos o desejo de cobrir o quarto inteiro com fotos de bandas: Deep Purple, Black Sabbath, Queen, Status Quo, Yes, AC/DC. Fascinado, observa detidamente as roupas, os cabelos, os sapatos, os instrumentos dos ídolos. Cada imagem vale ouro na memória.

Ainda em Genebra, cuida de crianças para ganhar dinheiro. Deixa o cabelo crescer e usa drogas pela primeira vez. Lê sobre o punk, mas não se entusiasma. Além de os caras não saberem tocar, usam cabelo curto? Só podem ser ruins. Ouve Sex Pistols e confirma a impressão inicial:

— Isso é uma bosta.

Quase dois anos se passam e, em agosto de 1979, ele está de volta à capital. Dado também. Os dois vão morar no mesmo bloco da 213 Sul, gueto dos diplomatas. Retomam a amizade. Dado vai estudar no Marista e Dinho na Escola Americana. Dado desce para jogar bola, ficar de boqueira na portaria. Dinho se apaixona.

O objeto de sua paixão é uma colega de escola, recém-chegada do estado norte-americano do Kentucky. Gitty Guimarães, filha de mãe alemã e pai brasileiro, 15 anos, linda. Dinho e ela passam as tardes juntos. Sanduíche de salame com mostarda no lanche, Supertramp e Boston na vitrola, hormônios em ação. Ico se enfurece: além de o irmão mais novo ficar no quarto com a namorada, ainda empresta os discos sem o seu consentimento. Ao menos Ico tem a fotografia para distrair. Havia sido escolhido para ser um dos fotógrafos do livro anual do colégio, tradição estudantil norte-americana.

Um dia de semana, ao voltar do apartamento de Gitty, na 111 Sul, Dinho escuta um barulho estridente a ponto de violentar o silêncio da quadra. Atraído pelo áudio caótico, segue caminhando pelos blocos e atravessa os pilotis até chegar à fonte da dissonância. Não acredita no que vê. Uma banda de rock havia se apossado da calçada em frente à lanchonete Food's, na galeria do Cine Karim. Bateria virada para o eixo, guitar-ra-baixo-voz plugados em um só amplificador, punk rock no cimento. Na frente deles, gente de cabelo descolorido e calça rasgada. Uma cena londrina no centro do Brasil.

Dinho descobre o nome da banda e, de imediato, lembra da pichação na sua quadra. Então, eram aqueles caras que tinham pichado as letras “AE” bem embaixo do seu nariz? Ele quer mais. Fica sabendo que eles vão tocar novamente em um bar na Asa Norte. Chama Dado e os irmãos Pedro e Bi Ribeiro para acompanhá-lo. Descem uma escadinha na comercial da 407 e ouvem uma barulheira infernal. Antes de atravessar a porta de bambu, Dinho vira para os amigos e comenta:

— Não é possível... Está tendo um show aqui?

O sentimento de incredulidade é recíproco. Os integrantes do Aborto e da Blitz 64 também se surpreendem com a chegada daquele grupo de filhos de diplomatas no Cafofo. Nem desconfiam que acabam de ganhar os primeiros fãs.

O Aborto e a Blitz 64 passam a tocar no Cafofo. Tinham descolado aquele espaço quase que por acaso. O bar, inaugurado em 1979, concentrava as tribos da Asa Norte e vivia cheio durante a semana. Acontece que domingo, em termos de movimento, era um dia morto. O proprietário, Rênio Quintas, aceita a proposta daquela turma de preencher com descargas de eletricidade o vazio dominical.

— Podem trazer a tralha aí.

Músico experiente, Rênio Quintas não se entusiasma com o que ouve. Ou melhor, com o que não ouve, já que não consegue entender nada do que está sendo cantado. Além do mais, o som estridente da guitarra é muito mais alto do que o dos outros instrumentos e da voz. Mas Rênio dá força para a rapaziada, até repassa umas dicas de afinação de baixo. Curioso, pergunta para Renato, utilizando uma gíria que é sua marca registrada:

— Véio, e esse nome, Aborto Elétrico?

— O objetivo é impressionar, Rênio.

— É... deu certo. É feio mesmo.

Àquela altura, feio ou bonito, o símbolo do Aborto já estava espalhado pelo Plano Piloto. Os pontos de ônibus da L2 e muitas portarias de blocos residenciais, inclusive a do bloco B da SQS 303, já tinham sido pichadas com as iniciais AE. A demarcação de território chega à 408 Norte. Aborto e Blitz 64 ocupam o porão do Cafofo, com direito a material de divulgação produzido pelas próprias bandas. O desconforto do Cafofo tem ao menos uma vantagem: como o freezer fica embaixo da escada, sem que os donos soubessem, os integrantes das bandas subtraem cervejas do estoque para aplacar o calor no subsolo sem ventilação. Os shows, chamados de “ensaios abertos”, passam a atrair cada vez mais gente, até cem pessoas. A intensa movimentação em meio às tardes modorrentas de domingo incomoda os bares vizinhos. Um deles aciona a polícia. Aparecem três camburões e levam todo mundo. Público e músicos permanecem detidos até as oito da noite. A domingueira ruidosa termina na delegacia. A quadra está silenciosa novamente.

* * *

Pedro Ribeiro, um dos frequentadores do Cafofo, já conhecia o vocalista do Aborto Elétrico. Tinha aulas com ele na Cultura Inglesa. Entre os alunos da Cultura, Renato é o professor roqueiro, apaixonado por música. Aprovado com a nota mais alta no Certificate of Proficiency in English, o exame de Cambridge de mais alto nível, Renato fora contratado pela própria diretora, Edith Jacques, sua professora dos tempos da sede antiga, no Setor Comercial Sul.

Renato tenta adaptar o material didático, para tornar as aulas mais atraentes.

— Esses livros são retrógrados, é impossível envolver os alunos assim — reclama com os colegas.

As queixas não são apenas direcionadas à dificuldade da direção em assimilar suas ideias e se prender às determinações da matriz no Rio de Janeiro. Com os demais funcionários, como a secretária Cléa Souza Lima, Renato esbraveja contra outras formas de poder.

— Nós somos burros! Burros de pai e mãe! O governo quer que sejamos burros!

— Cuidado, Renato, que o governo vai te pegar.

Ele corre para o lado de fora do prédio da Cultura, ergue os braços e, em tom debochado, exclama:

— Sou livre! Olhem aqui, sou livre!

O grito de liberdade se perde no vazio. Não há ninguém para escutar — nem para contestar.

Renato dá aulas de segunda a sexta para adolescentes e adultos — segunda, quarta e sexta, no período da tarde; terças e quintas, o dia inteiro. Leva os alunos para cantar Beatles pelos corredores, e os meninos adoram. As mães pedem para que os filhos sejam matriculados na “turma do Renato Manfredini”.

O professor popular seleciona e traduz letras de músicas recém-lançadas. Numa das aulas, submete à classe canções de uma banda inglesa pouco conhecida no Brasil, The Police. Quando ouvem a voz de Sting, o desapontamento é geral.

— Você só coloca músicas horríveis e que ninguém conhece, professor!

— Que é isso, gente? Tipo assim, daqui a dois, três anos, todo mundo vai estar ouvindo isso! Mas tem outra aqui que vocês vão gostar...

Troca a fita cassete. Distribui cópias da letra de “Private Idaho”, do álbum *Wild planet* do B-52’s, e aciona o gravador. Fred Schneider e Kate Pierson, vocalistas da banda surgida na Geórgia, sul dos Estados Unidos, começam a cantar, e Renato acompanha, a plenos pulmões:

You’re living in your own Private Idaho. Idaho!

*You’re out of control, the rivers that roll,
you fell into the water and down to Idaho.*

*Get out of that state,
get out of that state you’re in.*

You better beware.

You’re living in your own Private Idaho.^[23]

O contraste do entusiasmo do professor com a perplexidade dos alunos fica evidente. Renato se enfurece:

— Gente, mas isso é bê-cinquenta-e-dois, é bonitinho! Vocês também não gostaram?!

As expressões nos rostos dos alunos estampam a resposta. Apesar da insistência do professor, a ideia de um território particular, onde fosse possível se isolar a partir de um estado alterado da mente e da idealização de um estado norte-americano inacessível para quem mora no sul dos Estados Unidos, não desperta interesse naquela turma de jovens. Mas Renato fica com a letra na cabeça. Entre a sala de aula na Asa Sul e a sala de ensaio no Lago Norte, ele abrasileira o conceito original do B-52’s. Apresenta aos irmãos Lemos a ideia de uma visão tupiniquim daquele Idaho particular. Ele sugere um *riff*, Flávio o acompanha, e Fê arrisca uma batida. O Aborto Elétrico, então, ganha mais uma canção, “Piauí imaginário”.

Às vezes, Renato não consegue conciliar horários dos ensaios com o das aulas. Então, maroto, ao chegar na secretaria, apoia os cotovelos em cima da bancada e avisa: “Hoje a fita do gravador não vai rodar”, ou “Hoje eu vou ficar doente, até minha voz já é de quem está com dor de cabeça”. Desconfiada, a diretora arruma um substituto, mas observa que, para quem está sofrendo, Renato demonstra incomum alegria ao ver os amigos chegando para lhe dar carona. Chega a saltitar no estacionamento.

À secretária, enquanto devora uma fatia de bolo de cenoura com cobertura de chocolate, ele revela que o motivo dos “problemas” do gravador e das súbitas dores de cabeça é a dedicação ao Aborto Elétrico.

— Muda o nome do seu conjunto, Renato. Esse nome é muito feio!

— Mas aborto é a vida que vem da música, Cléa!

— Aborto mata!

— Mata nada. O aborto bota tudo pra fora.

Ele presenteia a funcionária da Cultura Inglesa com uma fita cassete de sessenta minutos, toda gravada com um ensaio de sua banda.

— Guarda isso com você porque um dia eu vou ser famoso.

Enquanto o dia não chega, sai correndo do prédio ao ver um carro da TV Globo passando na rua. “É a minha chance de aparecer”, brinca, imitando Renato Aragão – adorava *Os Trapalhões*. Toda segunda-feira, antes de entrar em sala, comentava o programa do domingo anterior com as secretárias.

Na Cultura Inglesa, Renato não fica apenas na sala de aula. Aproveita-se da condição de professor para frequentar o cinema recém-inaugurado. Os projetores, doados pela União Soviética, tinham sido recusados pela Fundação Cultural do Distrito Federal. Quando soube da decisão, a diretora Edith Jacques não hesitou e agarrou a oportunidade:

— Não tem problema. Vamos instalá-los no meu auditório.

Os projetores foram levados para o auditório, que ganhou cabine de projeção e virou cinema alternativo, ponto de encontro das cabeças pensantes da cidade. A programação fica a cargo do baiano José Damata, que inaugura a sala com a reapresentação de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, depois de doze anos longe das telas candangas. O próprio diretor, Glauber Rocha, cede a cópia para o conterrâneo, com uma condição: que três senadores – Jarbas Passarinho, José Sarney e Marcos Freire – fossem convidados para a abertura (apenas o último compareceu). A estreia com Glauber dá certo. As sessões da primeira semana ficam lotadas, reforçadas pela exibição de *Brasília segundo Feldman*, do documentarista paraibano, radicado na capital desde 1973, Vladimir Carvalho.

Renato não perde uma atração. Assiste à mostra dedicada a Rogério Sganzerla e comenta com o programador:

— Damata, sabia que eu gosto mais de *A mulher de todos* do que do *Bandido da Luz Vermelha*?

Certamente as referências aos quadrinhos, a trilha sonora pop com “Jailhouse rock” (Elvis Presley) e “Here Comes Summer” (Dave Clark

Five), a presença luminosa de Helena Ignez como Ângela Carne e Osso e as imagens autodefinidas em “sexycolor” pesam na escolha de Renato.

Além de assistir, ele logo passa a palpitar na escolha dos filmes. Pede para Damata dar um jeito de exhibir “o melhor filme de todos os tempos”: *A regra do jogo*, de Jean Renoir. Damata consegue localizar uma cópia na Cinemateca França Brasil, e os rolos de película saem da Cinelândia, no centro do Rio, até a Asa Sul. O esforço é recompensado. Ao final da projeção, Renato abraça o programador.

— Que filme genial, Damata. Obrigado, amanhã eu venho ver de novo! Agora dá pra ver se você consegue *Quadrophenia*, do Franc Roddam?

Renato e Damata se conhecem de outras telas. Antes da Cultura Inglesa, os que se interessavam por produções alternativas frequentavam o cinema da Escola Parque, inaugurado em 1965 com programação a cargo de Paulo Emílio Sales Gomes, então professor da UnB. Lá, Renato batia ponto desde pequeno – no período final da recuperação da epifisiólise, chegou a ir de cadeira de rodas assistir a *Morte em Veneza*, de Luchino Visconti.

A sede por cinema dos moradores do Plano Piloto provocava atitudes extremas, como quando os espectadores quebraram a porta para garantir um lugar na primeira sessão de *Easy rider – Sem destino*. Musicais como *Rock é rock mesmo* causaram comoção. Com o título original de *The song remains the same*, o registro de show do Led Zeppelin no Madison Square Garden tem uma história conturbada na capital. Na estreia, no Cine Márcia do Conjunto Nacional, o público se empolgou. Começou a dançar entre as poltronas e logo resolveu remover os obstáculos que os impediam de curtir plenamente a música. As cadeiras foram arrancadas, muitas voaram longe em meio ao fumacê de odor adocicado, facilmente reconhecível. Igualmente chapado, Renato estava no meio da sala, onde ficou até o final, imperturbável, curtindo cada acorde de Page, cada trinado de Plant. Nem se importou com as poltronas que iam sumindo ao seu lado, o que rendeu notícia até em revistas de circulação nacional, na linha “Fãs de Led Zeppelin fazem quebra-quebra em Brasília”.

Divulgadas com estardalhaço, as cenas de vandalismo alertam Damata. O programador contratou um técnico, Luiz Carlos Pardal, para encher de caixas de som a sala da 308 Sul. Dá certo: o som ganha potência, as poltronas permanecem intactas e *Rock é rock mesmo* ficou um mês em cartaz. Casa cheia de gente para assistir a uma, duas, várias sessões. Entre elas, Helena Lemos, irmã mais nova de Fê e Flávio.

Helena tinha visto o musical pela primeira vez na Inglaterra, junto com os irmãos. Ao saber da paixão da garota, Renato a levou até seu quarto e mostrou alguns discos:

— Se você gosta de Led Zeppelin, tem que conhecer e gostar disso aqui!

Emprestou LPs de antigos cantores de blues: Leadbelly, Howlin' Wolf, Muddy Waters, fontes preciosas para música de Plant e Page. Helena ficou grata por poder conhecer ainda mais sobre seus ídolos. Adorava Zeppelin ao ponto de ter no quarto na Colina um pôster gigante, presente de André Mueller, amigo de Fê que agora escutava outro tipo de rock. Ao rever o filme em Brasília, Helena se encantou novamente com Robert Plant vestido de cavaleiro medieval, longos cabelos ao vento. Sabia de cor o gestual do vocalista durante “Stairway to Heaven”, delirava com Jimmy Page tocando guitarra com o arco do violino. Toda vez que revia o filme, a paixão pela banda inglesa aumentava. Só ficou enfurecida em uma das sessões porque, bem na sua frente, sentaram Ico Ouro Preto e Bi Ribeiro, um com cabelo maior que o outro. Não dava para ver nada – ela já tinha notado aqueles cabeludos nos shows da banda dos seus irmãos, no Food's. Helena gostava tanto de Zeppelin que baqueou quando correu no Beirute a notícia de que John Bonham havia morrido. Renato tentou consolá-la:

— Calma, Helena, não deve ser verdade.

Era verdade. John Bonham morreu em outubro de 1980, sufocado pelo próprio vômito. Tinha 32 anos. Helena cai em profunda tristeza, a ponto de os amigos telefonarem para dar os pêsames. Meses depois, conhece um garoto cabeludo que aproveitara a viagem dos pais para armar uma festinha no seu apartamento na Asa Sul. Lá, o dono da casa, com ajuda de Renato, veda os olhos de Helena e a leva até o quarto. Ao tirar a venda, Helena dá de cara com o mesmo pôster gigante do Led Zeppelin que recebera de André Mueller logo depois que os Lemos voltaram da Inglaterra. Surpresa, a adolescente abre um sorriso, e é correspondida. Foi assim que, em dezembro de 1980, a irmã mais nova de Fê e Flávio Lemos conheceu o dono do pôster, Dinho Ouro Preto.

* * *

As sessões de *Rock é rock mesmo* têm lotação máxima também por outro motivo. O certificado fornecido pela censura para a exibição do

documentário estava prestes a vencer. Prazo esgotado, cópia incinerada. O mesmo acontecera com *Monterey Pop*, também com sessões lotadas devido à iminência do fim do certificado de liberação. Negativos queimados, retinas vazias.

Filmes provocam burburinho por diversos motivos. Com cenas de sexo explícito, o drama japonês *O império dos sentidos* é liberado pelo Conselho Superior de Censura. Mas, antes da liberação, o filho do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, assiste à fita em sessão privê, batizada ironicamente pela imprensa de “cinema especial para menores”.

Mesmo após o fim do AI-5, a censura ainda age com desenvoltura no cinema e também na música. A liberação para radiodifusão de “Geni e o Zeppelin”, de Chico Buarque, provoca mal-estar no Ministério da Justiça. O verso “Joga bosta na Geni” irrita até o ex-ministro da pasta, Petrônio Portella, que reclama da veiculação da canção nas rádios. Por conta do “efeito Geni”, uma portaria do diretor da Divisão de Censura ordena a centralização da análise das letras das músicas em Brasília.

O país volta a viver, ainda que com menor intensidade, a febre dos festivais. O MPB 80, promovido pela Rede Globo, tem como vencedor um ex-morador da Asa Sul – Oswaldo Montenegro, intérprete de “Agonia”, ganha o prêmio de 1 milhão de cruzeiros.

Brasília vai na onda das competições musicais. A sexta edição do Festival Interno do Colégio Objetivo, o Fico, tem Moraes Moreira como atração principal. O Aborto Elétrico se inscreve, mas é desclassificado e não chega à final.

O rock progressivo resiste na capital. O Tellah toca na frente do Food's o repertório do recém-lançado disco *Continente perdido*. Um novo grupo, Mel da Terra, logo ganha popularidade com músicas telúricas como “Árvore frutífera”, “Beija-flor”, “Lulubega” e “Pau Brasil”. A imprensa local saúda o Mel, pela “musicalidade, doçura, sinceridade e beleza” e aponta a banda como o maior acontecimento na música brasiliense do ano. Os dois grupos se unem para apresentação na QI 9 do Lago Sul, em frente à lanchonete Giraffa's, a menos de dois quilômetros do local onde o Aborto tinha feito sua primeira apresentação.

* * *

Três meses depois de consolar Helena após a notícia da morte de John Bonham, é a vez de a amiga retribuir o apoio. Renato baqueia ao saber que John Lennon fora assassinado a tiros, em Nova York. Dias depois, ao esbarrar em um ambulante vendendo camisetas com a foto do ex-Beatle, manda:

— Você está ganhando dinheiro em cima da morte do Lennon! Não tem vergonha, não?

— Mas é uma homenagem ao Lennon...

— Se é homenagem, então, dá de graça, sai distribuindo a camiseta!

Reação bem diferente tem o lendário crítico californiano Lester Bangs, estrela da crítica da revista *Rolling Stone* nos anos 1970. Em artigo no *Los Angeles Times*, ele descarta o sentimento de luto, por conta do comportamento dos admiradores de Lennon. “Essa recusa de seus fãs, de jamais deixá-lo ser ele mesmo simplesmente, foi quase tão letal quanto seu assassinato”, ataca. Cita a frase “Não siga líderes”, de Dylan em “Subterranean Homesick Blues”, e traça ácida comparação: “Não sei o que é mais patético, as pessoas da minha geração que se recusam a deixar sua adolescência nos anos 1960 morrer de morte natural ou os mais jovens, que irão arrancar e devorar qualquer pedaço, qualquer migalha de um sonho que alguém declarou acabado há mais de dez anos”.

John Lennon, assassinado em Nova York aos 40 anos, aparece em Brasília duas décadas mais jovem. Rodado em 1965, *Help!*, de Richard Lester, flagra os Beatles no auge da fama, e também é exibido na Cultura Inglesa. A programação inclui outros documentários roqueiros – *O último concerto de rock* e *Woodstock* – e a reprise de clássicos europeus, como *L’Avventura*, de Antonioni. Há também ousadias viabilizadas apenas com ajuda das embaixadas, como uma mostra do novo cinema da Iugoslávia, “incluindo desenhos animados da escola de Zagreb”, conforme ressalta o material de divulgação.

Brasília, que tanto ama a tela, em breve seria projetada em circuito nacional. A capital atrai jovens cineastas dispostos a decifrá-la. O carioca Sérgio Rezende, 29 anos, anuncia o início das filmagens de *SQS 109 – Salve-se quem souber*.^[24] O tema, segundo o diretor, é a vida da juventude brasileira dos anos 1970, a chamada “geração do silêncio”. Ele quer revelar o que esses jovens setentistas estão fazendo no início da nova década. “As contradições de Brasília servem de cenário para esse filme que contém cenas de sentimentos explícitos”, comenta Rezende. No elenco, dois astros

das novelas da TV Globo (Lucélia Santos e Lauro Corona), nomes em início de carreira (Miguel Falabella e Louise Cardoso), além de atores locais, como o carismático Aluísio Batata e o irreverente Alexandre Ribondi, este é colega de Renato na Cultura Inglesa. A produtora, Marisa Leão, diz que as locações não poderiam ser em outro lugar, porque “a história é o espelho e o reflexo de Brasília”. O diretor avisa que fará um filme para a juventude “cuca leve”, mas garante que mostrará tudo, sem subterfúgios, máscaras, mentiras ou fantasias.

Fê procura Renato. Estão na cidade-satélite do Cruzeiro Velho, exatamente dez dias após a morte de John Lennon, para mais um show. Renato some em momento crucial, o da montagem dos equipamentos. O ritual não tem nada de glamouroso: retirar o equipamento da sala de ensaios do Lago Norte, carregar até o porta-malas do carro, descarregar no lugar do show, ligar tudo, testar microfone e amplificador, verificar cabos e rezar para que tudo funcione. Fê e Flávio têm que fazer tudo sem ajuda do terceiro integrante do grupo. Quando Renato reaparece, vinho na cabeça e cara de contemplação, Fê o inquire:

— Cara, onde é que você estava?

— Ah, fui fazer uma oração para o John Lennon.

O sangue do baterista ferve:

— Eu fiquei aqui montando equipamento e você foi rezar para aquele hippie velho?

— Era um pedido da Yoko, Fê!

— Puta que pariu, Renato! [25]

Nesse clima bem mais para “Helter Skelter” do que para “Give peace a chance”, os dois partem para o show. Disperso, Renato erra a letra de “Veraneio vascaína”. O baterista perde de vez a paciência. Quando Helena vê a baqueta ser arremessada pelo irmão em direção ao rosto do vocalista, deixa escapar:

— Nãããooo!!!

Tarde demais. A baqueta atinge a cabeça de Renato que, chocado, olha para trás. Jamais achou que Fê poderia chegar àquele ponto. O show acaba e o vocalista do Aborto Elétrico desaparece novamente. O baterista pergunta à namorada, Inez, se ela tinha visto Renato.

— Ele já foi embora.

O baterista, então, pega o carro e segue direto com a namorada para o bloco B da 303 Sul. Toca a campainha do apartamento 202. Renato demora a abrir a porta. De banho tomado, comunica a Fê, sem elevar a voz:

— A banda acabou.

Fê pede desculpas seguidas vezes. Renato, depois de demonstrar certa relutância, aceita continuar no Aborto.

No Palácio do Planalto, o presidente João Baptista Figueiredo recebe a visita do colega argentino, Jorge Videla. Os generais celebram o ideal comum de “bem geral” do comando militar das duas nações vizinhas. “Onde havia caos, hoje há ordem”, garantem Videla e Figueiredo, em comunicado conjunto. A ordem assegurada por Figueiredo é desobedecida em 30 de abril, durante show comemorativo do Dia do Trabalho, no Riocentro, reunindo grandes nomes da MPB. No estacionamento do local, enquanto Elba Ramalho canta, um sargento morre e um capitão fica ferido com a explosão de uma bomba que transportavam de carro. Sete dias depois, Figueiredo afirma que não aceita guerra em tempo de paz e determina:

— A ordem é eliminar o terror.

Novamente o Brasil mergulha no clima de tensão política e institucional. Crescem os rumores de novo golpe militar. O general Reynaldo Mello de Almeida, ex-comandante do I Exército, é obrigado a se explicar e desmentir a afirmação proferida durante conferência: “Nunca tivemos uma democracia real no Brasil porque o povo não tem educação para isso”.

Um telefonema anônimo leva pânico ao Congresso: “Aqui é do Comando Delta, estou avisando que vai estourar uma bomba na Tribuna de Honra do Senado”. O Congresso é evacuado. Nada de explosivos.

O desgaste em virtude do atentado no Riocentro, agravado pela conclusão do inquérito militar que indica “terroristas” como os autores da explosão, provoca a saída do ministro Golbery do Couto e Silva, que pede demissão da Casa Civil da Presidência da República. Mesmo em agosto, os jornais elegem o acontecimento como o fato político do ano.

Fora do Brasil, mais tensão. O papa João Paulo II é baleado pelo terrorista turco Ali Agca. Em mensagem gravada no Hospital Gemelli, em Roma, Karol Wojtyla oferece seu sofrimento “à igreja e ao mundo” e diz

que perdoa “o irmão que me feriu”. Crescem as interpretações de que o atentado seria o terceiro segredo de Fátima.

Após quatro anos, a Universidade de Brasília volta a abrir espaço para shows e performances com a realização da sexta edição do projeto Expoarte – “cinco dias de agitação cultural”. Cerca de quatrocentos trabalhos são inscritos, entre eles o “som punk” do Aborto Elétrico e também dos Metralhas, banda de André Mueller, que usava uma camiseta estampada com “Enforquem o Fábio Júnior”, e um conhecido de André, Marcelo Bonfá. Divulgado para acontecer no ateliê do curso de Arquitetura, em palco improvisado, os shows são anunciados entre cartazes irônicos como “Adolf Hitler para Miss Brasil 81” e “Nós, burgueses, precisamos fazer alguma coisa. Suicídio em massa, talvez”. O Aborto Elétrico toca também no Bandeirão com outras três bandas: Sol Poente, Banda 69 e Liga Tripa. A miniturnê pelo campus universitário termina no Teatro de Arena, na Noite das Bruxas, com outros onze artistas locais. A expectativa é grande: panfletos e pichações com o logotipo e o nome do Aborto Elétrico se espalham pelo campus nos dias que antecedem o show. O público tinha atitude roqueira, e tinham vaiado algumas das bandas que se apresentaram antes do Aborto. Renato avisa:

— Nós somos o Aborto Elétrico e a gente vai tocar umas músicas pra vocês.

“Que país é este”, sempre escolhida para abrir as apresentações para ajudar a equalizar o som dos instrumentos, é a primeira música. Não adianta muito. A precariedade do equipamento faz o som ficar embolado, e a sonoridade punk também provoca estranheza. Renato, então, inicia na guitarra o *riff* de “Fátima”. Na hora de cantar, divide as sílabas das proparoxítonas (“Lá-gri-ma!”, “Fá-ti-ma!”) e se esgoela nos versos apocalípticos.

— E o limpo se sujou e no terceiro dia ninguém ressuscitou. No terceiro diaaaaaaa! Ninguém ressuscitooooooooooooou!

Poucos aplausos, muito burburinho, alguns apupos. O som continua anárquico, mas não da maneira imaginada pelo regente punk. A situação se mostra tão confusa que Maurício, músico que acompanhara um dos vaiados da noite, o guitarrista Jimi Figueiredo, vê um teclado Casio em cima do palco e vai ajudar o Aborto. Pede para tocar e pergunta qual é o tom da música. A resposta de Renato o desconcerta:

— Tanto faz, tanto faz!

O vocalista grita o refrão rocker (“Yeah, yeah, yeah!”) de “Conexão amazônica”. Vocifera os versos de “Tédio (com um T bem grande pra você)”:

*Moramos na cidade, também o presidente
E todos vão fingindo viver decentemente
Só que eu não pretendo ser tão decadente, não
Tédio com um T bem grande pra você
[...]
Se eu não faço nada
Eu durmo o dia inteiro e aí não é direito
Porque quando escurece, eu só estou a fim de aprontar
Tédio com um T bem grande pra você
Porque moro em Brasília, moro em Brasília, moro em Brasília*

Ninguém entende nada, nem faz força para entender. A indiferença se converte em vaias. Renato não perdoa:

— Vocês não estão preparados para esse tipo de som!

Toma vaias ainda maiores como resposta. Devolve com ironias. E o que era apenas estranheza se transforma em hostilidade. O show acaba. Expectativa duplamente frustrada – do público e do artista.

Furioso com a reação, Renato contra-ataca. Escreve uma carta aberta “para quem quiser ouvir/ler”, assinada em conjunto pelos três grupos que se apresentaram no Teatro de Arena. Na carta, dividida em seis pontos e uma explicação final, ele relata os fatos à sua maneira. Conta que “quando a música elétrica começou”, no início do show, “todos se levantaram como que atendendo a um chamado sagrado de tambores”. Resultado: pisões nos fios e nas ligações elétricas, arruinando tudo. Contabiliza seis amplificadores pifados, além do roubo de cabos e outros equipamentos. Faz críticas ao comportamento dos que foram lá para assistir e achavam que estavam em sintonia com os artistas: “Infelizmente se vocês pensam terrealmente conseguido sentir/dançar/desarvorar conosco – enganam-se!”.

Para Renato, ninguém da UnB ainda está preparado para um acontecimento tribal. Ainda na carta, condena o ambiente, “pesado e desorganizado demais”, e dá suas impressões sobre a “neo-catástrofe”: “Já sentimos o descontentamento geral e a procura, por parte de alguns de

vocês (o público), por algo novo. Alguma coisa tem que acontecer: mas não podemos deixar isso ficar com um sabor de ‘desordem’ demais”.

Na parte mais raivosa da carta aberta, lança ataque frontal contra os que se recusam a abandonar a atmosfera enfumaçada do paz-e-amor-bicho! “Abaixo o espírito de 1967. Haight-Ashbury já morreu. Woodstock fracassou. Não estamos em San Francisco. *Hippies go home*.” E continua: “Esqueçam os modelos estrangeiros (estes devem/podem ser usados para dar partida a algo novo e nosso, aqui e agora). Usem e criem em cima das vibrações únicas da nossa cidade”.

Na explicação final, recorre à filosofia e à astrologia para constatar:

Vocês só sentiram a sombra do Aborto, Blitz e SLU na sexta-feira. O que aconteceu foi resultado da insatisfação de todos na festa. Principalmente vocês, o público, que, como nós (os músicos elétricos), ainda não conseguiram conciliar ideia e ação. Precisamos pensar antes de agir; pensar muito – e agir pensando. O tempo das emoções puras está acabado; isso é de Peixes. Agora é o intelecto (no puro sentido da palavra) que deve agir e comandar [...]. Está na hora de ser aproveitado o nosso consciente coletivo. Estamos nos voltando contra nós mesmos; isso é errado e destrutivo. Devemos criar. Temos a ideia e o material humano para começarmos um movimento. Por que não começar aqui e agora?

A carta, endereçada a “todos vocês”, termina de forma singela. Renato manda abraço para um grupo de sonoridade bem diferente, mas igualmente disposto a tentar preencher o vazio e decodificar a cidade, o Liga Tripa.

Ele tem suas razões. Sabe que uma parte do público universitário prefere MPB ao rock – ou, no máximo, grupos que transitam nos dois gêneros, como A Cor do Som e Mel da Terra. Enquanto o Aborto estremece o campus, Caetano e Gil invadem novamente as rádios com “Lua e Estrela” e “A gente precisa ver o luar”, respectivamente. Menos chão, mais céu; menos terra, mais lua.

A irmã, Carmem Teresa, vai aos shows do Aborto Elétrico na UnB. Fica surpresa, não esperava aquela performance ensandecida. Passara a infância e adolescência ouvindo Junior cantar, mas ele nunca tinha feito nada remotamente parecido dentro de casa. Cássia Portugal, colega do CEUB,

também vê o Aborto em ação. Após insistentes pedidos de Renato, assiste à banda duas vezes. Decepcionada com a barulheira, decide:

— Não vou assistir mais, gosto muito do meu amigo.

Mas Cássia não quer perder contato. Convida Renato para participar dos acampamentos promovidos nos fins de semana pelo pessoal da faculdade. Ele não vai. Já tem a própria turma para acampar. O hábito de se reunir à noite para tomar vinho, tocar violão e assar batatas em volta da fogueira começara em áreas isoladas da já inóspita Colina. No início, eram poucos, só Renato, André Mueller, Fê e Flávio, Loro e Gersa. Depois, a turma começa a se expandir e procurar novos endereços. Movidos a vinho barato comprado nos supermercados Jumbo e Casas da Banha, pegam os carros disponíveis – Brasília, Variant ou Galaxie caindo aos pedaços – e estacionam em ruas sem saída do Lago Sul, bem pertinho das margens do Lago Paranoá: as quebradas.

Em uma das incursões noturnas, avistam forasteiros: Dinho Ouro Preto, Dado Villa-Lobos e Pedro Ribeiro. Mais novos que Renato e Fê, os filhos de diplomatas se sentem um pouco intimidados, mas tentam se aproximar. Desconfiado, Renato dispara à queima-roupa para Dinho:

— Você gosta de ler?

— Gosto, claro.

— Ah, é? E o que você lê?

Dinho cita *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, e outros livros. A resposta agrada. O recém-chegado recebe um baseado. Dinho ainda não sabe fumar direito, passa mal e quase vai parar no hospital. Mas já tinha sido batizado. Os filhos de diplomatas ganham espaço na Colina.

Os dois grupos, agora reunidos em uma só turma, mergulham nos cinemas, que têm muito a oferecer. A Cultura Inglesa capricha com mostras de Godard e Pasolini; a Sala Thomas Jefferson contra-ataca com “Novas perspectivas da América”, mostra que reúne filmes inéditos de Terrence Malick, Martin Scorsese e James Toback. No Karim, no primeiro Festival de Cinema Russo, são exibidos sete filmes em setenta milímetros. Promovidas pelas embaixadas, boa parte das mostras tem entrada franca, com sessões lotadas.

Quando resolvem deixar o Plano Piloto para acampar, as fruições são de outra espécie. Vão até a Chácara do Tororó, a pouco mais de trinta quilômetros da Asa Sul. A pequena fazenda, batizada por Carminha

Manfredini em referência a uma antiga música infantil, havia sido comprada pelo pai de Renato, que deixava saco de dormir e lanterna para uso do filho e dos amigos. Ao visitar a propriedade depois de um dos acampamentos, Renato Manfredini se arrepende, constatando que o poder de destruição da turma de Junior é tão grande que, não se sabe como, eles conseguiram quebrar uma coluna no terraço da casa. Decreta o fim da farra.

A turma procura outros lugares para se isolar. Durante os acampamentos, eles fazem trilhas até as cachoeiras, armam rodas de violão, dormem em barracas. Levam gravador para escutar as fitas com as músicas preferidas – para economizar pilha, rebobinam os cassetes manualmente, com ajuda de canetas. Afinal, se acabasse a água, tudo bem, mas sem maconha e música não dá para sobreviver no meio do mato.

As fugas se transferem, então, para uma área atrás do Country Club, na direção da cidade-satélite do Gama, onde o pai de Pedro Ribeiro possui um terreno. Comem feijão enlatado, procuram cogumelos alucinógenos, enxergam duendes e discos voadores, se perdem entre as árvores retorcidas – têm tanta familiaridade com o cerrado quanto com a floresta amazônica. Em volta da fogueira, Renato toca violão e tenta engatar conversas sobre a vida, o sentido da existência, as diferenças entre o amor e a amizade, e tudo mais. Uma vez, é interrompido pelo estrondo da explosão de bombinhas de São João bem perto de seus pés. Quase morre de susto. Fica furioso, pede para alguém levá-lo de volta para casa. É ignorado.

Vem, então, o primeiro passo para fora do gueto. As bandas punks são convidadas para participar do novo espetáculo escrito e dirigido por uma figura conhecida do meio cultural brasiliense: Jota Pingo. Irmão de Paulo César Pereio, também ator, Pingo tinha participado da primeira montagem de *Hair* e de filmes como *Pindorama* e *Tudo bem*, ambos de Arnaldo Jabor. Esteve em Brasília pela primeira vez em 1977 para tentar revogar a censura da peça *Uma tragédia atual*, proibida por conta de alusão ao general Figueiredo. Trecho alterado e texto liberado, ele volta à capital para montar o mesmo espetáculo. Na bagagem, apenas três itens: calça jeans, camisa regata roxa e par de chinelos. Vai ficando.

Com mais de trinta atores no elenco, *Uma tragédia atual* lota o Teatro Galpão. As encenações são sempre seguidas de debates com a plateia. Pingo nota a presença de um jovem sério, meio desconfiado, que sempre fica para assistir às discussões. O encenador puxa conversa:

— Você tá sempre por aqui, mas não fala nada. O que você faz?

- Tenho uma banda de rock. Aborto Elétrico.
- Ah, é? Legal o nome. E tem outras?
- Tem outras, sim.
- Quer participar do meu próximo espetáculo?

Jota Pingo convida Aborto, Blitz 64 e Liga Tripa para participar de *O último rango*, musical planejado para 32 atores em cena, mais três bandas tocando ao vivo músicas de diversos gêneros: tango, baião, frevo, marcha e rock. Na direção musical, o experiente Eduardo Vali, o Edu da Viola. No primeiro ato, as bandas entram para tocar as músicas escritas por Pingo; no segundo, continuam em cena, mas tocando repertório próprio a partir do chamado do locutor do programa de rádio. Em média, cinco músicas para cada grupo. E, entre um número e outro, os músicos ajudam a preparar a sopa feita com legumes e verduras fornecidos pela Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB), rede de supermercados estatais do governo local. Descascam batatas e cenouras, separam tomates, capricham na mistura.

O público entra por um túnel e, depois de ser recebido pela protagonista, Jeanna Sylvana Mangana, cai direto no ambiente de cena. Em vez de arquibancadas ou poltronas, uma cozinha caseira, com mesas, bancos, cadeiras, sofás e almofadas. No fogão e na pia, os personagens começam a preparar o rango da noite e recolhem dos espectadores os legumes que eles haviam trazido para o teatro. “Durante esta confecção, o elenco vai desenvolvendo pequenas tramas teatrais, musicais e poéticas, dando lugar às manifestações soltas da plateia que poderá dar vazão a sua necessidade de participação atuante”, detalha o roteiro do espetáculo, que ressalta a preocupação com a “cultura da terra”: batata, cenoura, couve.

O último rango do título, além fazer uma brincadeira com o filme de Bernardo Bertolucci, é uma sopa, devorada pelos mendigos e meninos de rua que perambulam pela W3 e aproveitam para fazer ali, em vez da última, a única refeição do dia. O texto, alegórico, contém farpas contra as autoridades da época. Pingo, em cena como o Grão-Mestre da Culinária, cita a fictícia Serviços Gerais Gerais Ltda., empresa faz-tudo: “Faz política, arte, soja, comanda a nação... Serviços Gerais Gerais, melhor não ‘fais’. Quem dá mais? Quem dá mais por três gerais? Total 35 estrelas e 27 centímetros! Para brilhar onde, se não tem mais constelação?”.

O texto de Jota Pingo critica o próprio teatro (“Toda peça de esquerda tem um envolvimento mágico com a realidade proletária”), ironiza os

personagens da Disney (“Vamos logo comer os patinhos coloridos do Tio Sam”) e anuncia a principal proposta do MPL, Movimento Porra-Louca: comer brasileiromente os pratos intelectuais das multinacionais. Os espectadores, convertidos em ouvintes de rádio no segundo ato, deveriam declamar poemas e participar do banquete.

De fora já se ouve o “som quebrando solto no teatro”, como previsto no “roteiro poético” original. Introduzido por um dos personagens, a Estrelada-e-Encantada-Fada-das-Imensidões-do-Nada, o Aborto Elétrico se apresenta. Renato se entusiasma com a performance. Berra os versos de “Heroína”: “Eu não quero viver, quero ser um vegetal/ Não sinto nada/ Não faço nada...”. Canta também “Quase vinte dentes”, música do Liga Tripa: “Tenho quase vinte dentes/ E a metade bons/ Tenho fome, garfo e faca *made in* meu coração [...]/ Eu quero sua carne verde pra me envenenar”. O que era tranquilo, meio andarilho, ganha rotação acelerada na interpretação do cantor punk.

No final do espetáculo, um dos atores, ainda mais maluco que o diretor, resolve esvaziar o extintor de incêndio no público. Os que não conseguem escapar ficam cobertos de pó químico, crentes que tinham participado de mais uma peripécia engendrada por Jota Pingo. Foi o único contratempo da estreia – o resto, inclusive o banquete dos mendigos, como no título de um dos álbuns dos Stones, sai como o imaginado.

A confraternização de equipe e elenco ocorre no tradicional reduto da classe artística e dos boêmios da cidade, o Beirute. Entre quibes, esfihas e cervejas, Pingo faz um discurso de agradecimento e depois distribui beijos em todo o elenco. Quando se aproxima dos integrantes das bandas punks para fazer o mesmo, Renato dá um pulo da cadeira e sai correndo, recusando de forma ostensiva o afago do diretor. Jota Pingo comenta:

— Que estranho, não sabia que ele era homófobo!

Depois da festa, a ressaca. Sob o título “Último rango ou último ranço?”, o espetáculo é detonado pela crítica: “Até para o exercício do porra-louquismo é necessário inteligência”, espinafra o jornalista Ézio Pires, dizendo que o espetáculo é “um concurso para descobrir quem é mais louco”. “Esbanjamento ou desperdício de energias?”, questiona.

Jota Pingo rebate:

— A música que expressa o desespero e o sentido trágico de nosso tempo é o rock, daí a presença do Aborto Elétrico, Blitx e SLU.

O dramaturgo ganha apoio do poeta Nicolas Behr que, no artigo “Punk não se espanque”, defende a chegada do Aborto Elétrico às paradas de sucesso e cita trecho da mensagem de uma certa Organização do Desespero, criada por Renato: “Ser underground em 1981 é coisa de subdesenvolvido. Venham todas as meninas. Logo estaremos dançando nas ruas e com um visual e linguagem próprios da nossa idade e coração”.

Filho de imigrantes europeus e originário de Cuiabá, Nikolaus Hubertus Josef Maria Von Behr chegou a Brasília em 15 de março de 1974 – dia da posse de outro descendente de alemães, Ernesto Geisel. Trocou o mato pela maquete. Na capital, tentou aprender a tocar violão; fã de Yes e Joni Mitchell, queria ser roqueiro. O sonho acabou na dificuldade com os primeiros acordes. Inspirado na antologia *26 poetas hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, passa a escrever versos e fabricar seus próprios livros, como fazia no Rio de Janeiro o pessoal do grupo Nuvem Cigana. Mimeografa os exemplares de *Iogurte com farinha* e *Chá com porrada* em seu colégio, o Setor Leste, e sai vendendo pelos bares, ônibus, portas de escola e filas de cinema. Desafia as longas distâncias do Plano Piloto ao sair a pé de sua quadra, a SQS 415, atravessar o Eixão na hora do *rush* e seguir em direção à zona boêmia na SQS 109, quadra do Beirute e do apartamento da namorada, Noélia. A musa o inspira a escrever poemas como “Amor punk”:

*Aquele beijo na boca
que você me deu
semana passada
tá doendo até hoje*

A cidade o leva a escrever poemas como “SQS ou SOS? eis a questão!”. Cabelos longos e louros, livrinhos a tiracolo, Behr está em toda parte. Um dia, sentado no meio-fio, assiste a um concerto ao ar livre na Asa Sul. Renato se aproxima e entrega um monte de folhas de papel dobradas e grampeadas contendo as letras que escreveu para o Aborto Elétrico.

— Dá uma olhada. Toma aí pra você.

O jovem roqueiro que queria ser escritor entrega as suas criações ao jovem escritor que queria ser roqueiro.

A turma dos punks cresce e passa a ser visada pelos playboys. Nos pontos de concentração da moçada do Lago Sul, no Gilbertinho ou no Gilberto Salomão, os embates se tornam inevitáveis. Camisas Hang Ten estufadas pela musculação, os boyzinhos consideram os punks seus rivais na conquista das meninas. Quando o nível do álcool e do tédio subia no sangue e a ausência do sexo feminino se tornava exasperante, eles partiam para a troca de socos. Renato bem que tenta escapar das sessões de pancada, e surpreende os agressores com perguntas desconcertantes, mas também acaba apanhando. E não só dos playboys, mas de quem é pago pelo governo para manter a ordem e evitar a violência.

Polícia Civil, Polícia Militar, Polícia do Exército, Polícia Federal. Carteiras, distintivos, galardões, fardas, uniformes de todos os tipos. Era só esbarrar com os homens fardados que começavam os problemas. Até porque, muitas vezes, o encontro acontecia tarde da noite, quando o teor ético de Renato já estava perto do limite e o fazia se aproximar dos policiais e perguntar:

— Qual é o seu signo?

Como resposta, recebe uma chave de braço e golpes de cassetete. Renato não desiste: alta madrugada, bêbado, tenta entabular conversas com os policiais sobre a situação política e social do país. Mais bordoadas oficiais.

Vai parar na prisão pela primeira vez após cair em uma armadilha. Está de uniforme punk com sua turma quando é interpelado de forma áspera pelo líder de outro grupo de jovens, figurino de boyzinho.

— Por que, se vocês são brasileiros, ficam rabiscando as camisetas com essas coisas em inglês?

Renato ignora a provocação. Tenta o caminho da paz:

— Pô, todo mundo amigo... Tenho um loló aqui. Vamos cheirar?

Um dos companheiros do boyzinho, então, grita:

— Sou federal, rapaz! Mãos na cabeça! Na parede! Abre as pernas!

Os boyzinhos começam a gritar:

— Punk se fodeu! Punk se fodeu!

O policial, então, pega a garrafa de loló e repassa para os playboys, que ficam ali, cheirando na frente dos punks, enquanto estes são levados para a cadeia.

Algumas vezes, têm sorte. Escapam da prisão por uma questão de minutos. Como no dia que cheiravam benzina e a polícia chegou.

Conseguem se livrar da droga e evitar o flagrante. Para não perder a viagem, os policiais distribuem ordens e humilhações. Debocham da magreza de Renato, mandam-no fazer flexões de braço. Ele não consegue. Deitado no chão, escuta as gargalhadas uniformizadas.

Mesmo com as experiências traumáticas, Renato tem um compromisso inadiável na sede da Polícia Federal. No final de outubro de 1981, vai até a Divisão de Censura de Diversões Públicas. Solicita formalmente ao diretor o exame, em “conformidade com as normas censórias vigentes”, de sete letras de sua autoria: “Conexão amazônica”, “Anúncio de refrigerante”, “Tédio”, “Love Song One”, “Construção civil”, “Fátima” e “Heroína”. Quinze dias depois, a resposta: com exceção da última, que recebe o carimbo “Vetado”, todas as outras estão liberadas. Os censores desconhecem o fato de que o autor promovera discretas alterações em três de suas músicas para facilitar a liberação. Em “Anúncio de refrigerante”, o verso original foi apresentado como “Não vou de tarde pro Conjunto Nacional ficar brincando à procura de ladrões”. Já em “Conexão amazônica”, Renato simplesmente suprimira o terceiro verso da terceira estrofe: “A cocaína não vai chegar”. Por fim, em “Tédio”, a alteração se dera logo após o primeiro verso da canção, “Moramos na cidade e também o presidente”: em vez do sarcasmo de “todos vão fingindo viver decentemente/ só que eu não pretendo ser tão decadente, não”, a mensagem fora tingida em tons ufanistas, de orgulhar Dom & Ravel: “todos vão vivendo muito decentemente, ainda bem que não tem gente decadente, não”. Assim, Renato Manfredini Junior consegue, pela primeira vez, driblar a censura. Por conta da letra de “Heroína”, porém, ele acaba fichado em outra divisão da Polícia Federal, a de Repressão a Entorpecentes. E a letra de “Veraneio vascaína”, apresentada em outro momento, rende uma convocação para os autores, Flávio e Renato. Devem prestar explicações sobre a letra, mas nem cogitam a possibilidade de ir. Os amigos lembram:

— Quem vai não volta.

* * *

A cidade sedia shows monumentais. Na Esplanada dos Ministérios, mais de 200 mil pessoas acompanharam Roberto Carlos no “lá-ra-lá-la-rá” de “A guerra dos meninos”. Não há registro de ocorrências policiais. Sucesso em todas as rádios, Gilberto Gil ocupa palco com 150 metros de

extensão, o maior já utilizado por um artista pop na capital para três shows no mesmo fim de semana, prometendo “nuvens artificiais, chuva de estrelas... e o luar”. No Estádio Peleirão, acontece o Woodstock do cerrado: Baby e Pepeu, Raul Seixas, Walter Franco, Robertinho de Recife, Roupas Nova e Mel da Terra se revezam por oito horas, diante de 20 mil pessoas, no I Concerto de Rock do Planalto. A marca de calça jeans US Top patrocina o show *Ginga Brasil* na Torre de TV, com Sá e Guarabyra, Paulinho da Viola, Mel da Terra e apresentação de Nelson Motta. A décima edição do Fico, realizado no Serejão, tem Ney Matogrosso como atração principal. Novamente de volta à cidade, Ney dá o seu recado:

— Posso ser o que quiser, fazer o que bem entender. Aproveito para dizer às pessoas que elas também têm a mesma liberdade.

A cidade assiste, mas também produz. Brasília vive “uma explosão de musicalidade”, acredita o colunista Irlam Rocha Lima. O jornalista atribui o fenômeno ao aparecimento de novos compositores, intérpretes e grupos musicais, que ganham projeção a partir de participações no Concerto Cabeças e na Feira de Música, que lota o Teatro Galpão. Lima faz um apelo: “Alô, alô, senhores donos da cultura brasiliense! Alô, representantes das gravadoras! Despertem! Comecem a dar mais atenção para o que está acontecendo na cidade, em termos de música!”.

A atenção, porém, é insuficiente inclusive dentro de casa. A organização do Concerto Cabeças, saudado como o “espaço alternativo de respiração da cultura brasiliense” por reunir milhares de pessoas em shows dominicais ao ar livre, recusa a inscrição das bandas punks. O motivo é o mesmo alegado para a barração de outro grupo local, o Liga Tripa: insuficiência técnica. Em outras palavras, os punks e os doidões não sabem tocar. Frustração nas duas tribos. Blitx 64 e Aborto chegam a levar os instrumentos, mas a organização não os deixa subir no palco. Geraldo Ribeiro constata:

— Não adianta, eles não gostam de punk rock.

Se os palcos mais concorridos estão fechados, é necessário aproveitar as chances que aparecem. Mesmo as mais improváveis, como uma festa junina na Asa Norte, na qual tocam ao lado do Liga Tripa e do Blitx 64. Ou uma quadra de escola de samba no Cruzeiro, cidade-satélite próxima ao Plano Piloto, em concerto na Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro (Aruc). Quem não consegue tocar no Cabeças aparece por lá. Um dos convidados, Jimi Figueiredo, pergunta a Fê Lemos do que ele tinha gostado mais, e a resposta o surpreende:

— A bateria da Aruc.

Jimi e o Aborto já tinham tocado juntos no Show do Arroto, na hora do almoço no Restaurante Universitário da UnB. A receptividade passa longe do entusiasmo. Também pudera, entre as conchas de feijão e fatias de melancia, os estudantes que comem no Bandeirão têm que digerir músicas como “Veraneio vascaína” e “Que país é este”. Fê, Renato e Flávio queriam tocar, onde quer que fosse. Dividem o palco até com um grupo de palhaços, Ideias Coloridas, no concerto performático Arte-Som, no gramado da 111 Sul, “todo mundo sentado na grama, a música rolando e o pessoal curtindo”, descrevem os jornais.

Com muito tempo de ensaio e de shows, a banda ganha estatura. As novas composições refletem a ampliação do leque de influências. Se antes a cartilha do punk era seguida à risca, a ponto de o maior sucesso, “Que país é este”, seguir com exatidão a sequência de acordes de “I don’t care”, dos Ramones, agora já se ouviam os descendentes da revolução anárquica comandada pelos Pistols, a começar pela nova banda de Lydon, o PiL. Também escutavam bastante os sombrios Siouxsie & the Banshees e The Cure. Mais do que todos, consumiam Joy Division – na Variant branca dirigida por Fê, tendo Renato como o passageiro mais frequente, eles seguiam madrugada adentro pelas asas e eixos na companhia da voz lúgubre de Ian Curtis, da guitarra econômica de Bernard Sumner, da bateria esparsa de Stephen Morris e do baixo hipnótico de Peter Hook, todos estranhamente adequados aos vastos espaços desertos do Plano Piloto. “Era uma cidade fria, espaçada, às vezes sombria”: a definição de Sumner para a sua Manchester servia também para a Brasília de Fê, Flávio e Renato.

Formado depois de um show dos Sex Pistols em Manchester, o Joy Division logo se tornou um dos favoritos da turma da Colina. E não apenas pela sonoridade inédita, que contribuiu para estabelecer os limites entre o punk e o pós-punk. Mas muito pelo fascínio despertado pelo vocalista, Ian Curtis, que andava com um casaco escrito “Hate” (“Ódio”) nas costas e escrevia letras nada fáceis, carregadas de precoce existencialismo. A exemplo de “Heart and soul”,^[26] na qual assume suas limitações para encarar a vida: “I exist on the best terms I can” (“Eu existo da melhor maneira que posso”), antes da sentença no refrão:

Heart and soul, one will burn^[27]

Conhecedor de música como poucos de sua idade, Ian Curtis tinha os seus próprios heróis: David Bowie, Iggy Pop, Kraftwerk, Neu!, The Doors, The Velvet Underground. Na opinião de Bernard Sumner, a música representava uma espécie de fuga para o vocalista nascido e crescido em uma cidade diminuta, Macclesfield. Sumner destaca outra característica do cantor, a brusca oscilação de humor: “Ele podia ser a pessoa mais educada e gentil que você um dia conheceu, mas se algo o perturbava, o ódio crescia rapidamente até explodir”.

Com os outros integrantes da banda, Curtis não se exibia intelectualmente. Muito pelo contrário, conta Peter Hook: “Ele amava aquele estilo de vida e teria se divertido muito, muito mais se não fosse a sua epilepsia”. Diante de uma brincadeira escatológica, por exemplo, “Ian não saía correndo para enfiar a cabeça em um Dostoiévski, ele ria tanto quanto nós”. Segundo Hook, o cantor se comportava de forma bem diferente quando estava com a esposa, Debbie. E também representava *personas* de acordo com as turmas com as quais tentava se relacionar:

Ele gostava de agradar as pessoas e podia ser exatamente o que elas queriam que ele fosse. Ninguém era melhor para transitar entre diferentes grupos, mas isso acabou sendo muito prejudicial para ele. O fato é que existiam Ians demais para ele dar conta. Mas ele amava a música e ele amava o grupo. Ele era nosso amigo. Por esse lado, nós com certeza tínhamos o melhor dele.

Bernard Sumner complementa:

Antes dos shows, a ansiedade dele ia crescendo. Ele sentia imensamente a responsabilidade de ter que se entregar cem por cento durante as performances. Ian estava sentindo uma intensa dicotomia: ele desejava muito o que conquistou, era como a realização de um sonho, assim como seus heróis musicais tinham conseguido. Mas, quando chegou lá, Ian não tinha certeza se, de fato, era aquilo o que queria. Parecia que ele estava pensando: “O que eu vou fazer se as coisas se tornarem ainda maiores?”.

Em maio de 1980, o Joy Division tinha acabado de gravar o videoclipe para o seu maior sucesso, “Love will tear us apart”, e contava os dias para a primeira turnê nos Estados Unidos. Depois de passar uma tarde com Ian

comprando roupas e sapatos para a excursão, Sumner aproveitou o tempo ocioso para se distrair. Tirou o dia 18, um esplêndido dia ensolarado, coisa rara naquela região da Inglaterra, para explorar o litoral de Blackpool. Foi passear de barco, tentou até aprender a andar de *jet ski*. Quando retornou, às quatro da tarde, o telefone tocou. Era o empresário, Rob Gretton:

— Bernard, dessa vez ele conseguiu. Ele se matou. Ian está morto.

Em cima do palco, Renato se sente mais seguro: desde que Ico Ouro Preto aceitara o convite para assumir a guitarra do Aborto Elétrico e o trio se tornara um quarteto, ele pode se dedicar apenas à performance de vocalista. E aquela era uma das partes do teatrinho roqueiro que o fascinava. De Mick Jagger a Jim Morrison, de Elvis Presley a Johnny Rotten, Renato anotara mentalmente os gestos e as interjeições que fizeram delirar fãs de diferentes gerações e nacionalidades. Mesmo assim, tem visão crítica da sua banda, e anota os pontos em que é preciso melhorar para ampliar o público.

A banda cobiça um show na Sala Funarte, que já recebera dois artistas conhecidos nacionalmente após apresentações bombásticas nos festivais de música da Globo: Eduardo Dussek, com seu “piano de calda” e a delirante balada “Nostradamus”, e Júlio Barroso e Gang 90 e as Absurdettes, divulgado nos cartazes como o “escândalo do MPB 81” por conta da música “Perdidos na selva”.

A Sala Funarte também abraça espaço para artistas locais, como a cantora iniciante Zélia Cristina,^[28] 16 anos, aluna do Marista que preparou o espetáculo *Meiga presença* em dupla com o ator Marcelo Saback. A seleção também incluía uma banda de rock, o Porão, de Rênio Quintas. Ao divulgar o show de seu grupo, Rênio aproveita para tecer críticas ao cenário musical brasileiro: “Se as pessoas soubessem viver em Brasília, isto aqui seria um paraíso, mas as pessoas vivem aqui segundo moldes antigos, estratificados, ligadas a polos tradicionais e muito fixadas nas bonanças do eixo Rio-São Paulo e não procuram uma realidade própria que a cidade sugere, não sabem se valer de seus espaços e, às vezes, não sabem ou não podem, muito envolvidos numa batalhação de vida”. O integrante do Porão e dono do Cafofo complementa: “Nem órgãos oficiais, nem as classes produtoras, nem a própria comunidade se movimenta. Os artistas de fora ainda conseguem lotar os espaços limitados, mas os locais lutam sozinhos e muitas vezes perdem a esperança”.

O Porão, o Aborto Elétrico e a recém-criada Plebe Rude se unem para um show. No dia 22 de novembro, ao lado do horóscopo com previsões assinadas pelo babalorixá Manoel de Omolu, a revista dominical do *Correio Braziliense* publica entrevista com integrantes de duas das bandas que tocariam na Sala Funarte. “Vamos abrir espaço para que os representantes da música elétrico-urbana deem seu recado”, avisa o autor da matéria, Velho Rocha, pseudônimo de Jota Pingo. A entrevista sai com o título “Hoje não tem espetáculo”, e na foto membros das quatro bandas amontoados: onze jovens, entre eles André Mueller e Philippe Seabra, da Plebe Rude, Loro Jones e Fê Lemos. Renato, camisa escura, é o único que não encara a câmera – mais agachado, olha para o chão. Embaixo da foto, em vez da identificação tradicional, apenas uma frase: “Esses aí é que vão tocar!”. Uma das primeiras perguntas é sobre a formação dos dois grupos. “A gente tava de saco cheio de não fazer nada nos fins de semana. Tocamos nas esquinas, fazendo barulho... dá para esquecer o resto da semana que é um saco mesmo: estudar, trabalhar, essas coisas”, afirma Loro.

Depois, a entrevista vira zoação entre entrevistado e entrevistadores. Pingo pergunta: “Por que ninguém se suicidou no grupo de vocês?”. Renato responde, na veia: “Porque estou esperando o fim do mundo e, além do mais, eu quero ganhar muita grana, gravar um disco, sucesso, garotas, fazer uma tourné pelos States”.

No final do papo, entremeado pelo *nonsense* – Renato nega ser da CIA, Cooperativa dos Índios Alienados, e Loro afirma que o sonho de André Mueller é transar com Nancy Reagan, “ou com o Ronald Reagan mesmo” –, o Velho Rocha pergunta se eles não estão sendo muito infantis. Renato responde: “Seu pervertido. Espero que você seja despedido desse jornal”. Mas, em seguida, faz a ressalva: “É brincadeira. Agora, a sério, a gente precisa dar o toque da nossa apresentação: dia 25, quarta, na Sala Funarte, a partir das nove”. E destaca: “Essa foi a nossa primeira entrevista”.

Loro Jones complementa: “Se vocês estiverem a fim de se divertir, pular e ouvir música elétrica, é só chegar e entrar”. O repórter, em tom de brincadeira, corrige o entrevistado: “Só chegar e entrar, não. Tem que pagar Cr\$ 150,00: você vai, assiste a esta loucura, fica com os ouvidos zunindo de tanta zoeira e barulho infernal e ainda tem que pagar cento e cinquenta notas”.

E, no dia 25, eles cumprem o prometido. O “barulho infernal” é ouvido inclusive do lado de fora da sala, encravada no Eixo Monumental, entre as

Asas Sul e Norte. Logo no começo, com “Fátima”, Renato provoca:

— Boa noite, Brasília. Podem vaiar agora...

Ao preencher o formulário da Divisão de Censura de Diversões Públicas, Renato omitira alguns versos de suas letras, trocara outros, tudo para obter a liberação. Mas ele não falseou nenhum de seus dados pessoais. Inclusive, no espaço reservado à profissão, havia se identificado da forma mais precisa possível: “professor de língua e literatura inglesa”. O que ele não sabia era que aquele campo logo ficaria em branco. De forma abrupta, seu ciclo como professor na Cultura Inglesa chega ao fim.

Renato e a diretora Edith Jacques já tinham se desentendido algumas vezes, como quando o professor quis levar os alunos para o cinema, mas não avisou à direção e acabou barrado. Também houve entrevero quando ele tentou colar cartazes de um show do Aborto no mural da Cultura e teve o pedido negado. Mas dessa vez era mais grave: Edith recebera a informação que Renato, ao traduzir letras de Bob Dylan para seus pupilos, tinha enaltecido o poder transformador das drogas. Chama-o em sua sala e pergunta se é verdade. Ele confirma. Ela, então, sentencia:

— Assim fica muito difícil, Renato. Não dá pra você continuar.

Renato fica surpreso com a demissão. Não diz uma palavra. Furioso, sai da sala da direção. Pouco depois, desabafa com colegas da Cultura e com a turma da Colina. Recebe uma demonstração punk de solidariedade. Algumas semanas depois de ter demitido um de seus mais brilhantes professores, a diretora percorre a avenida W3 quando seu Fusca vermelho é emparedado por outro carro. Dentro dele, um grupo de jovens começa a gritar:

— A senhora botou o Renato pra fora da Cultura! Por que fez isso com ele? Não vai ficar assim.

Assustada, Edith acelera o fusquinha e foge do bando.

Renato já não frequenta com a mesma assiduidade a quitinete da entrequadra comercial da Asa Norte, onde Susie morava com os pais. A um dos amigos mais próximos, conta que eles tinham feito sexo no chão forrado de tapetes e tinha sido uma experiência decepcionante e dolorida — para ele, não para ela. Mesmo assim, gostava da companhia da sorridente estudante chinesa, já mais distante por conta da intensificação dos estudos — ela na UnB, ele no CEUB.

Então Renato se arrisca. Em uma noite chuvosa, pega um táxi e segue até o Lago Norte. Alta noite, sobe pela entrada lateral e chega até a varanda do quarto de Flávio Lemos. Flávio acorda e abre a porta. Renato entra e deixa claro o que já tinha insinuado outras vezes:

— Quero dormir aqui com você.

Flávio reage:

— Para, Renato. Melhor parar que não vai rolar.

Renato insiste em ficar.

— Quero ficar com você.

Flávio reage de forma mais incisiva.

— Volta para casa, Renato!

— Eu não tenho como voltar. Tá chovendo, deixa eu ficar aqui.

— Não.

Renato vai embora. A pé, na madrugada, caminha quase um quilômetro até a casa de André Mueller. Chorando, conta ao baixista da Plebe Rude o que ocorrera.

— Nunca me senti tão humilhado!

— Dorme aqui, Renato, tem um sofá aí.

— Não, vou dar um jeito de ir embora.

Chove lá fora. André insiste para Renato ficar. Sabia que naquela situação seria ainda mais difícil para o amigo conseguir uma carona, ainda mais em tempos de racionamento de gasolina. Mas Renato recusa a oferta e volta para casa.

Se com Flávio a mágoa tem raízes íntimas, com Fê Lemos o problema reside no crescente espírito de competitividade de ambos. Donos de fortes personalidades, dificilmente dão o braço a torcer. E travam uma guerra surda pela liderança do Aborto. A tensão entre os dois fundadores aumenta quando Renato mostra a letra de uma música que acabara de escrever. A composição partia do ponto de vista de um estudante às vésperas de prestar o vestibular. No refrão, o desabafo: “Não saco nada de física, literatura ou gramática, só gosto de educação sexual, e eu odeio química”. Fê não perdoa:

— Essa música é uma merda.

— Que é isso, Fê? Essa música é joia!

— Renato, essa música é muito ruim. Você está perdendo o seu jeito de escrever.

Fê afirma que o discurso direto está ultrapassado, existem formas menos agressivas de se comunicar, basta ler as letras do Joy Division e do Killing Joke. Renato não se conforma, e o impasse permanece. Também tem suas queixas, acha que o amigo demonstra maior interesse na venda de camisetas na Torre de TV do que nos ensaios. Para aumentar a turbulência, André Pretorius volta ao Brasil depois de servir ao Exército da África do Sul. Assiste ao Aborto tocar na Asa Sul e desfere um veredito que aborrece Renato e Fê:

— A banda perdeu o rumo.

Os amigos notam que Pretorius está bem diferente. Também pudera, ele integrara as tropas da África do Sul que ocuparam parte do território angolano. O país vizinho tentara reagir com a colaboração dos “camaradas do bloco socialista” de Cuba e União Soviética. Angola denunciou que os norte-americanos preparam o terreno para atuar militarmente no continente africano por meio da África do Sul. Por isso, os Estados Unidos foram o único país que apoiou a África do Sul nas Nações Unidas. Momentaneamente longe da intriga internacional, Pretorius quer paz de espírito. E muitas substâncias – naturais, artificiais – para alimentar a cabeça.

O Aborto é convidado a tocar em mais um evento promovido por Jota Pingo: A Última Festa. O promotor faz reunião com as atrações do evento, a ser realizado no Clube da Imprensa. Ao saber que Pretorius poderia participar do espetáculo, Aldo Justo, um dos integrantes do Liga Tripa, é incisivo:

— Não vou tocar no mesmo lugar de um cara que luta na África do Sul pelos direitos dos brancos de lá.

A postura de Aldo deixa Renato furioso. Os dois batem boca na reunião. Renato afirma que Pretorius é um de seus melhores amigos. Aldo é inflexível:

— Não toco na mesma festa de um guerrilheiro da causa branca.

Aos gritos, não se acertam. Os outros integrantes do Liga Tripa discordam do companheiro e resolvem se apresentar sem ele. Não querem perder a chance de mostrar o ritmo próprio – a “ligada” – e suas músicas, como “Juriti”, “Quase vinte dentes” (cantada por Renato em “O último rango”), “Palhaço bonito”, “Cidade estranha” e “Travessia do eixão”, esta adaptada dos versos de Nicolas Behr:

*Nossa Senhora do Cerrado
Protetora dos pedestres
Que atravessam o eixão
Às seis horas da tarde
Fazei com que eu chegue são e salvo
Na casa da Noélia*

O poema havia sido originalmente adaptado em ritmo de reggae por Nonato Veras, que tinha dividido casa na 709 Sul com os integrantes do Liga: Aldo Justo, Ita Catta Preta e João Baiano. Lá, trocavam ideias, faziam música, tomavam cerveja, saíam para o Beirute, planejavam espaços para ocupar. Queriam desferir um grito de liberdade. Um grito de cidadania brasileiro.

Em julho, o Aborto ensaia com Pretorius por dois dias. O resultado das sessões impressiona. Mão cheia para *riffs*, o sul-africano pega a guitarra e segue a batida sincopada de Fê. Juntos, fazem uma canção que Renato batiza de “Música urbana”, bem diferente das músicas do Aborto. Na sequência, vem outra, “Baader-Meinhof Blues”. Pretorius vai embora novamente, só que dessa vez para os Estados Unidos. Vai atrás de Ginny, paixão desde os tempos da Escola Americana.

* * *

Não era só na África que a influência dos Estados Unidos é encarada de forma enviesada. Considerado um dos maiores representantes do “imperialismo ianque”, o ex-secretário de Estado Henry Kissinger é alvo de protestos ao chegar no auditório Dois Candangos, da UnB, para proferir conferência sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos. No cartaz ao lado de um caixão pintado com a bandeira americana, a mensagem dos estudantes: “Que país é este? Fora, Kissinger!”.

Barrados do lado de fora, os estudantes tentam interromper a conferência. Promovem uma batucada ensurdecadora, o som invade o auditório. “Sinto-me em casa, só que os de Harvard não têm esse ritmo”, ironiza Kissinger, ao lado do reitor José Carlos Azevedo e do ministro Leitão de Abreu. As portas são trancadas a cadeado, e Kissinger, contratado por US\$ 15 mil, prossegue a palestra para 250 pessoas, a maioria membros do corpo diplomático dos dois países. Termina às 11h30, noventa minutos

depois do início. A saída do conferencista é retardada ao máximo, mas os estudantes não arredam pé. Quase duas horas depois do fim da palestra, mesmo isolados por cordão policial, os universitários arremessam ovos nas autoridades e gritam: “Kissinger é assassino, mais verbas para o ensino”. O palestrante tem que sair de camburão. No mesmo dia, o Palácio do Planalto reage e o porta-voz da presidência chama os estudantes de “exaltados” e “bandidos”.

O ano de 1981 não tem sido fácil para João Baptista Figueiredo. Além do atentado no Riocentro, o governo federal teve que combater cinquenta focos de subversão espalhados pelo país. Um dos mais graves ocorre na Bahia, onde 344 ônibus sofrem depredação. O governador Antonio Carlos Magalhães considera o ato uma afronta à sua autoridade e marca reunião de emergência no Planalto com o chefe do SNI.

Ainda em 1981, o cinema nacional chora a morte de Glauber Rocha (“assassinado pela indiferença”, acusa o jornalista Oliveira Bastos, amigo do diretor) e celebra a conquista do Leão de Ouro no Festival de Veneza com *Eles não usam black-tie*, de Leon Hirszman, que entra em cartaz no Cine Atlântida. Na onda dos filmes políticos, a Cultura reprisa o drama italiano *Sacco e Vanzetti*, e o Karim Criança o filme *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, de Hector Babenco. No Cine Karim, o espírito paz e amor é revivido com *Hair*, de Milos Forman.

A turma não sai de dentro do cinema. Dinho Ouro Preto, agora namorado de Helena Lemos, se orgulha de ser o cara que mais assistiu a *Rock é rock mesmo* – dezoito vezes. Demonstra certa impaciência para filmes-cabeça, e já tinha feito reservas para *Quinteto*, de Robert Altman. Durante *O tambor*, drama alemão baseado no livro de Günter Grass, sente-se muito desconfortável. Salta da cadeira e, xingando, sai do cinema. Renato não perdoa o rompante do novo integrante da turma. Ao saber que o novo filme de Steven Spielberg, a aventura *Caçadores da arca perdida*, vai estreiar, Renato comenta:

— O Dinho vai adorar esse filme.

Em outra ocasião, é a vez de o próprio Renato ter um acesso de fúria dentro do cinema. Junto com os amigos, vai ao Cine Atlântida assistir a *Brubaker*, drama estrelado pelo galã Robert Redford. Irritado com a previsibilidade da trama, Renato levanta da poltrona e, mesmo com as luzes apagadas, brada em voz alta, inclusive para outros espectadores:

— Vocês são uns idiotas por ver um filme como esse, que não nos diz nada.

Dinho e Fê se irritam com a reação de Renato. Fê fala para Renato ficar quieto. Do lado de fora do cinema, Dinho tenta contra-argumentar. Renato debocha da reação do rapaz. Ainda mais possesso, Dinho abandona a turma no Setor de Diversões Sul e segue em direção à rodoviária. Perde a chance de curtir as últimas horas com a namorada antes das férias – cada um viajaria para o seu estado natal. Decepcionada, Helena chora. Renato tenta consolar:

— Não fica assim, ele volta!

Mas Dinho não olha para trás, segue direto para seu apartamento na 213 Sul. De lá, para Curitiba. E as horas românticas planejadas pelo casal, intensamente apaixonado, são arruinadas pelo efeito explosivo da combinação Robert Redford-Renato Manfredini Junior.

Outro casal formado em Brasília também passa por dificuldades por conta da separação geográfica. Renato entra com a música para ajudá-los a suportar a saudade. Tinha agido como um cupido para Virginie Rio Branco e André Pretorius. Forneceu o álibi para a primeira noite que os namorados passaram juntos – na manhã seguinte, ainda colocou um buquê de flores na porta do quarto, onde o amigo confessou que tinha acabado de perder a virgindade. Quando Pretorius retorna ao Brasil, a namorada está na Inglaterra. Os dois amigos se trancam no quarto da 303 Sul e gravam uma fita para a namorada do sul-africano. Pegam o violão, o pandeiro e ligam o gravador. Começam a tocar, conversar e sonhar. Em inglês.

No programa de rádio destinado a uma só ouvinte, Renato anuncia que vai tocar “baladas de amor” e “as suas e as minhas canções favoritas”. Começa com “Me and my desire”, da banda punk londrina 999.

*This is me and my desire
Taking all that I require
Such a pretty sight to see
And there's nothing left for me*^[29]

Na sequência, outra música punk: “Male model”, do quinteto Undertones, sátira ao consumismo gravada em 1979 no disco de estreia da banda irlandesa (a mesma que tinha fascinado o DJ inglês John Peel com o primeiro single, “Teenage kicks”). A letra é escrita do ponto de vista de um

rapaz que, desde criança, tem gosto diferente dos outros meninos: sempre preferiu roupas a brinquedos. Atento à evolução da moda, ele lê revistas femininas para observar os figurinos e não gosta quando a mãe compra roupas de segunda mão. No refrão, o jovem revela o desejo de ser modelo:

*I wanna wanna be a male model!
I wanna wanna be a male model!
I wanna wanna be a model!
A model!*

Entre brincadeiras afetuosas (“Ginny ama os Undertones, eu não gosto”) com o nome da destinatária da gravação (“Ginny, *I just met a girl named Ginny*”), Renato começa a cantar em português:

*Tem um malandro da cidade solto por aí
Dizem que anda solto depois das onze
Procura sangue, yeah, yeah
Até os homens estão com medo e armaram esquema policial
Mas o malandro é assassino
Se ele está na sua casa, com peixeira na mão*

*Não precisa rezar, não adianta, não
É malandro e assassino, tarado sexual, vai enfiar na sua garganta,
Procura sangue...
Coloquem tranca na porta, protejam suas mães.
Procura sangue...*

Ganha aplauso solitário de Pretorius. Depois, avisa que vai pegar suas letras e cantar um blues.

*Em cima dos telhados as antenas de TV tocam música urbana
Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres
Os PMs armados e as tropas de choque
O vento forte, seco e sujo em cantos de concreto
E os que querem ação não procuram nada mais que música urbana [...]
Nas escolas, as crianças aprendem a repetir
Nos pontos de ônibus
Nos bares, os viciados sempre tentam conseguir a sua música urbana*

Não há mentiras nem verdades aqui, só há música urbana

Então, Renato emenda com outra música, mais longa que a anterior, que começa em ritmo de repente nordestino:

*Não tinha medo o tal João de Santo Cristo
Era o que todos diziam quando ele se perdeu...*

Depois, toca uma mais curta e agitada:

*Ei, barão, eu tô com fome,
A gente há tempo que não come
Me dá uma moeda aí, ou então deixa cair
No chão que a gente pega
Bagana de cigarro também, bagana de cigarro também [...]
A gente corre pelas ruas
Que eu te jogo uma pedra, te expulso dessa lanchonete
Chega de cheese salada, o meu negócio é empada
Bagana de cigarro também, bagana de cigarro também*

Na sequência, canta “Dado viciado” (“Você não tem heroína, então usa Algfam/ Viciou seus primos, talvez sua irmã”) e uma *love song* sem título:

*E aí, você por aqui?
Parece que a gente vive se encontrando
Conversa de bar é tão natural
Quando se vive mesmo é de bar em bar
Que mais existe aí pra ver?
Queria conversar com você
Tentar não é fácil assim
Será que você pensa como eu?
Que tudo é sempre igual a tudo como quase sempre é?
Como voltar pra casa
Se você não vai encontrar nada lá?
Nem em qualquer lugar
Eu acho que sei como você se sente
Ficar aqui fora sem saber como continuar
Que mais você vai fazer?*

*E se você se sente assim
Você sabe que não adianta
Dizer que não sabe o que se passa com você
Então tenta voltar pra algum lugar
Yeah, yeah, yeah, yeah
Às vezes o céu fica cinza quando a chuva cai
Sempre em volta de você
Mas será que não é tempo de saber o que se quer?
E como seria bom se alguém dissesse
Que não adianta contar estrelas por aí.*

Em seguida, Renato avisa que vai cantar uma música nova, e dedilha uma introdução melancólica:^[30]

*Quase comprei um carro novo
Só por causa de você
Quase gastei a minha grana
Mas você não quis me ver
Ainda bem, baby, porque
Você não tem mais nada a ver
Foi tão estranho mesmo
E sua família na churrascaria
E você na UnB
Você não tem mais nada a ver
Pode sair do apartamento
Você pode até sumir,
Desaparecer, talvez
Faz um favor pra mim
Não quero andar com gente
Não quero andar com gente
Não quero andar com gente obsoleta (2x)*

A próxima música é descrita como sendo sobre “tortura no Brasil”.

*Os mortos não podem voltar
Os mortos não vão mais falar mal de vocês
Nem da madeira nem do ferro em brasa
Choques elétricos e ameaças*

*Crianças que desaparecem
Frases perfeitas, palavras cegas
Escritas em cartazes tropicais
Cadê meu pai, cadê meu irmão?
Os mortos não podem vingar
Os mortos não vão mais mostrar
O que são vocês
Um morto não precisa de exílio
Um morto não pode abrir cabeças
A não ser que as palavras reapareçam
Pra lembrar por que foram silenciadas
Gritos cegos
Parem, por favor
Isso dói*

Entre uma música e outra, Renato e André brincam, imitam vozes, fazem piadas. Demonstram cumplicidade. André menciona uma disciplina escolar. O nome da primeira aula da disciplina?

Urban Legion.

Depois de “Urban Legion”, viriam “Autofelation” (“*fellatio*, o nome é italiano, babaca!”, Renato corrige) e “Comunism One”, a ser ministrada pela “nossa estrela favorita: Renato Russo”. A “estrela favorita”, então, toca a última música:

*Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim
Se uma semente foi plantada, vai crescer (3x)
Nunca deixe a semente morrer
Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim
Todo curso d'água
Um dia acaba indo pro mar (3x)
Nunca deixe a água acabar
Quanta gente nunca tem comida pra comer (3x)*

*Como é que conseguem viver
Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim
Quando está escuro
A luz precisa iluminar (3x)
Nunca deixe a estrela apagar
Quando eu for embora não chore por mim*

Renato monopoliza a gravação. Na única vez em que Pretorius assume o comando da brincadeira, ele pergunta ao amigo, em inglês:

— *So, Renato, what will you wanna be when you grow up?*^[31]

A resposta é objetiva:

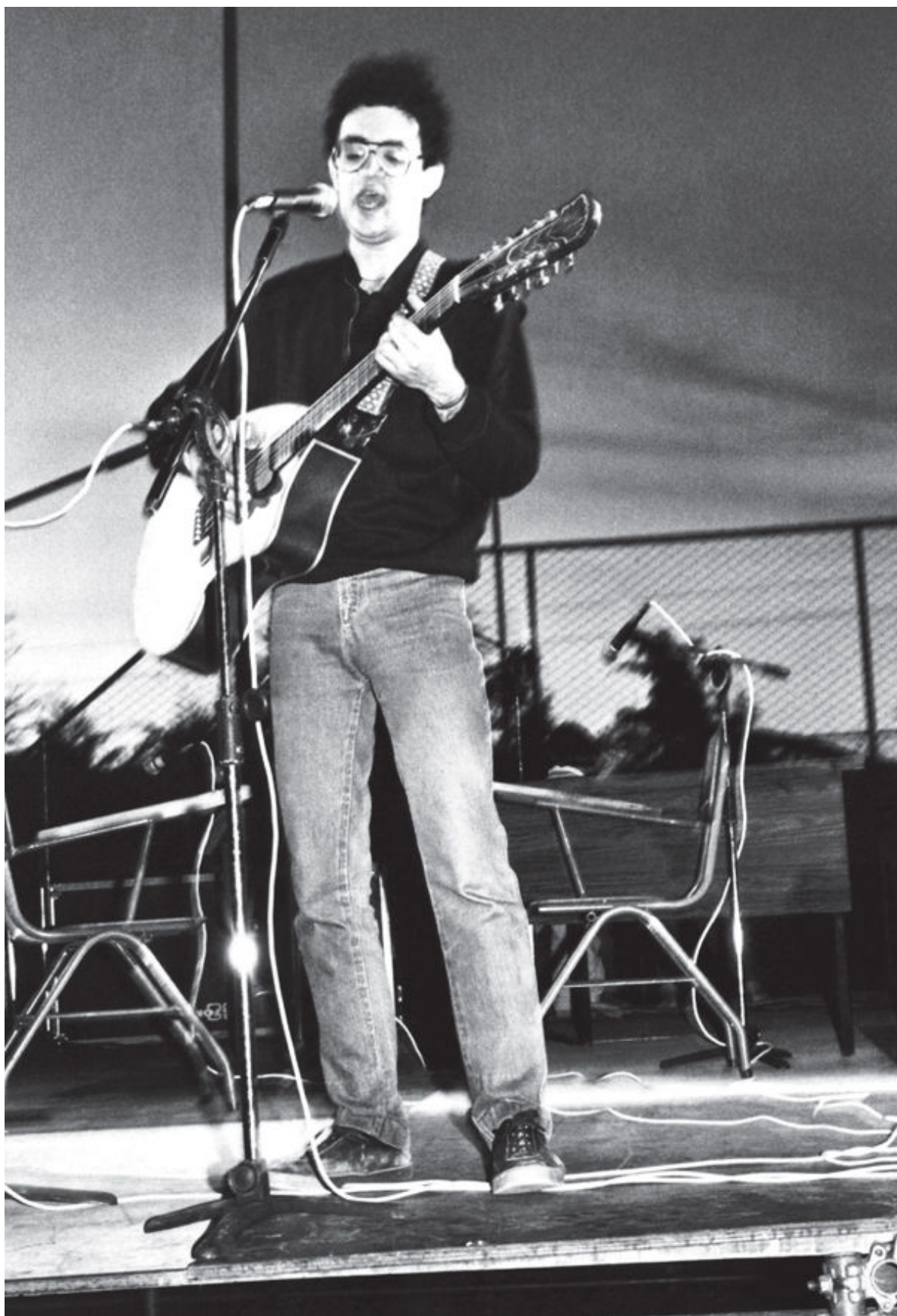
— *I'm gonna be a very famous star! I wanna be a star!*^[32]

20 ANOS MORTOS

Os mortos não podem voltar
Os mortos não vão mais falar mal de vocês
Nem da madeira, nem do ferro em brasa
Choques elétricos e ameaças
Crianças que desaparecem
Frases perfeitas, palavras cegas
Escritas em cartazes tropicais:
"Cadê meu pai?
Cadê meu irmão?"
Os mortos não podem vingar
Os mortos não vão mais mostrar o que são vocês
Um morto não precisa de exílio
Um morto não pode abrir cabeças
A não ser que as palavras apareçam
Pra lembrar porque foram silenciadas
Frases cegas, palavras feitas:
"Parem, por favor, isso dói."



EDUARDO E MONICA
→ em 1977 + ou - →



***Enquanto caminhávamos
parei um pouco dentro de mim
e me invadiu tua brusca
mocidade.***

***Algo em ti pungiu-me:
a teu lado, as casas,
o ar, o amigo apodreciam e
tu sozinho, ileso pairavas no
momento***

FOGO FÁTUO, Francisco Alvim

— Eles estão vendendo corações clandestinos!

O tom indignado do repórter agrada à chefia. Ele saíra da redação, no Ministério da Agricultura, para apurar uma grave denúncia: comerciantes se aproveitavam da ausência de rigor da fiscalização para abater animais ao ar livre, no meio do cerrado, retalhá-los e vender a carne em feiras livres de Ceilândia, Guariroba e Brazlândia, sem pagamento de impostos. O Sindicato de Carnes Frescas, Frutas e Verduras do Distrito Federal alertara sobre a possibilidade de o brasiliense estar comendo carne contaminada, e o repórter Renato Manfredini Junior acompanhou a blitz da Saúde Pública. Flagrou a irregularidade.

A reportagem vai ao ar no programa radiofônico *Jornal da Feira* e causa impacto no próprio autor da matéria, que ficara impressionado com os miúdos de boi vendidos por ambulantes e apreendidos pelos fiscais. No dia seguinte, Renato conta que tinha escrito uma música inspirada no episódio e

canta um trecho para o chefe de reportagem em Brasília, o jornalista Jocimar Nastari.

Objetividade, clareza, concisão. Mesmo sem experiência, Renato domina os três atributos essenciais para uma boa reportagem. Às vezes, acrescenta uma inesperada e bem-vinda dose de dramaticidade, que ajuda a prender o ouvinte. É um dos destaques da equipe de cinco repórteres, todos jovens recém-formados ou ainda estudantes de jornalismo. E, ainda por cima, bem-humorado. Um dia circula na redação uma revista pornográfica sueca, com fotos explícitas e diálogos em inglês. Nem seria preciso traduzir o texto, mas um colega pede:

— Renato, você fala bem inglês, né? Traduz pra gente.

Renato faz não só a tradução, mas interpreta cada palavra – e as interjeições. Ninguém consegue segurar o riso.

Vinculado à coordenadoria de comunicação do Ministério da Agricultura, o *Jornal da Feira* tinha surgido no final de 1979. Entre economistas, pesquisadores de preços, advogados, nutricionistas, engenheiros de alimentos e jornalistas, eram mais de cem pessoas envolvidas na produção do noticiário – a maior parte voltada para o rádio. Além da defesa dos direitos do consumidor, havia uma parte que tratava sobre educação alimentar, economia doméstica e a discussão de temas espinhosos como inflação, microeconomia e conjuntura econômica. A audiência alcançava até 5 milhões de ouvintes em todo o Brasil.

Renato chegara ao *Jornal da Feira* por indicação de uma das integrantes da equipe, a amiga Leo Coimbra. Soube que havia vagas e levou o currículo. Responsável pelo programa, a jornalista Marília Stabile, filha do ministro Amaury Stabile, comandou a entrevista com o candidato. A diretora explicou o objetivo do trabalho: prestar informações à população de baixa renda nas áreas de preços, qualidade e valor nutricional dos alimentos. Conversaram sobre o que ele já havia feito, do que gostava, o que lia. Renato pede uma chance profissional, e conta que o pai quer que ele trabalhe ou curse o Instituto Rio Branco para se tornar diplomata. Marília retruca:

— Tudo bem, mas tem que fazer o teste como todo mundo, texto e reportagem.

Ele topa. Faz o teste e é aprovado. Marília nota que o rapaz é bom repórter, observa detalhes do cotidiano para preparar reportagens

diferenciadas. Sempre com muitas fichas no bolso, Renato utiliza os orelhões para fazer entradas ao vivo.

Entre os colegas, jornalistas experientes como Geraldinho Vieira e Cristiano Menezes. A primeira fonte de informação é o próprio Ministério da Agricultura. Ficam de olho no trabalho dos frigoríficos, na qualidade do leite, no preço do arroz e do feijão, no uso de agrotóxicos nas verduras, na venda ilegal de animais silvestres. A postura independente do jornal causa problemas dentro do governo. O informativo é acusado de trabalhar contra a indústria brasileira de carnes, e a diretora do noticiário tem que prestar explicações no Conselho de Segurança Nacional. Depois da saída de Amaury Stabile do ministério, o *Jornal da Feira* não resiste às pressões e, mesmo já incorporado à recém-criada Coordenadoria Nacional de Defesa do Consumidor, acaba extinto.

Renato chega ao Lago Norte. O dono da casa abre a porta e avisa:

— Os meninos estão na praia, Renato.

— Eu sei, seu Briquet. Mas eu posso ensaiar aqui?

— Claro. Mas por que você não me chama de Briquet ou de professor Briquet?

— Professor coisa nenhuma. Meu professor você nunca foi.

Depois da brincadeira amistosa, Renato segue direto para a parte de trás da casa dos Briquet de Lemos. Ali, na sala de ensaios, ficam os instrumentos, os amplificadores, os pôsteres feitos de próprio punho, o caderno com as letras. Certa vez, poucos dias antes de 25 de dezembro, Renato distribuiu presentes de Natal para todos. Chegou com uma sacola cheia de discos. Para Helena, deu dois discos do Genesis; para Flávio, um álbum duplo de Bowie ao vivo. E Fê já tinha sido presenteado com um exemplar de *O apanhador no campo de centeio*.

Agora, mesmo sem os irmãos Lemos e quase toda a turma de férias na praia, ele quer continuar ensaiando. Quando os companheiros de banda retornam, após dois meses de sol e sal, Renato procura Fê no Lago Norte e comunica:

— Não quero mais tocar com o Aborto. Não dá mais.

Fê tenta demovê-lo, acende um incenso para eles conversarem com mais calma. Mas Renato, dessa vez, se mostra irredutível.

— Vocês são estudantes, têm outras prioridades. Eu não tenho tempo a perder.

Fê sente o baque. Decide manter a banda com Flávio e Ico. O baterista se esforça para cantar e tocar ao mesmo tempo, tenta também escrever novas letras (já tinha se aventurado, de forma descompromissada, em “Pão com cola”). Em “Branco”, tece desabafo contra o amigo:

*Você pensa que sabe o que quer, mas não vê o mal dentro de você
Meu caminho não é junto ao seu lado
Rostos cegos, mutilados, por onde você passou*

Rosto mutilado, o Aborto segue em frente. Fê marca um show no Centro Olímpico da UnB. À noite, com medo de subir no palco diante do público numeroso, Ico Ouro Preto desaparece, a poucos minutos para o início da apresentação. Fê localiza Renato e pede:

— Renato, o Ico sumiu. Pega a guitarra. Tá todo mundo esperando!

Renato olha para o baterista, dá um sorriso irônico e aquiesce. Novamente em formato de power trio, com Renato na guitarra, a banda sacode milhares de pessoas na universidade. Dessa vez, não há vaias, mas muitos agitos e aplausos. Algumas músicas já são bem conhecidas. O coro do público no refrão de “Que país é este” impressiona. O Aborto Elétrico, enfim, conquista a UnB. E a banda acaba.

Renato segue assumindo a alcunha de Trovador Solitário. E, só com a craviola Giannini de doze cordas, passa a abrir os shows dos outros grupos da turma. Calmaria acústica antes das descargas elétricas. Não sem desgaste. Quando começa a cantar suas músicas, os amigos o ironizam. Jogam moedas no palco, como se fossem esmolas, e gritam:

— Toca Nelson Gonçalves! Toca Cauby!

Renato não se conforma com a hostilidade proveniente da própria turma:

— Poxa, gente, essas musiquinhas são tão bonitinhas!

Insiste com o Trovador Solitário. Toca “Dado viciado” e “Marcianos invadem a terra”. Esta cita trecho de “Return of the Grievous Angel”, de Gram Parsons (“E o carinha do rádio não quer calar a boca/ E quer o meu dinheiro e as minhas opiniões”) e traz referência a David Bowie (“Será que existe vida em Marte?”),^[33] determinando, ao final: “Ora, se você quiser se divertir, invente suas próprias canções”.

Renato também apresenta “Entre 18 e 21” (“Sexo verbal não faz meu estilo/ Palavras são erros e os erros são seus/ Não quero lembrar que eu erro

também”)[34] e “Eduardo e Monica”,[35] que narra os encontros e desencontros de um jovem casal brasileiro (“Ela falava coisas sobre o Planalto Central, também magia e meditação/ E o Eduardo ainda tava no esquema escola-cinema-clubetelevisão”) antes do descobrimento da paixão (“E, mesmo com tudo diferente, veio mesmo de repente uma vontade de se ver”) e do inevitável *happy ending* da primeira versão:

*Eduardo e Monica então decidiram se casar
Um casamento no oceano
Ou num lugar perto do mar
O mar tá muito longe, um deles lembrou
Vai ser aqui mesmo e assim ficou*

*Foram pra Bahia e hoje Eduardo
Foi parar lá no Banco Central
Cristalina, Sampaio, Rio de Janeiro
E a Monica dá aulas na Escola Normal*

*Eduardo e Monica estão no Lago Norte
Ele projetou a casa e ajudou na construção
Só que nessas férias não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo
Tá de recuperação*

*E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?*

Para escrever “Eduardo e Monica”, Renato tinha se inspirado na própria experiência ao chegar a Brasília e na convivência com um casal de amigos, Fernando e Leonice “Leo” Coimbra. Ele, estudante de Antropologia da UnB, tinha atraído a atenção de Renato com uma imensa coleção de discos comprada em Paris – Traffic, Eric Clapton, os grandes nomes do rock. Ela, com dois filhos, adorava conversar com Renato sobre astrologia, I Ching, destino, temas ausentes da tríade discos-filmes-livros que monopolizava os diálogos da turma punk. Quando a amiga teve tuberculose e ficou meses de

molho, quase todos os amigos sumiram. Renato permaneceu. Levou chocolates, emprestou livros.

No apartamento do casal, na Asa Norte, os três discutiam história antiga, história medieval, história do século XX. Renato se debruçava sobre a vasta coleção de livros de Fernando, entre eles volumes sobre a Primeira Guerra Mundial, alguns ilustrados com fotografias de soldados no fronte, à espera do combate. Homens solitários, morte à espreita.

Nice, irmã de Leo, e seu marido, o estudante de Artes Plásticas Marcelo Beré, também participam dos encontros. Com ela, Renato procura se informar mais sobre quiromancia. Com ele, discute de tudo: poesia, música, arte. Vão ao Cine Brasília ver Greta Garbo. Renato mostra a eles pedaços de letras, anotados em papel de embrulhar pão. Diante do casal, abaixa a guarda que o protege de expor sua intimidade com a turma da Colina. Sente-se à vontade para falar de sexo e compartilhar inquietações, desejos, até fetiches. Segredos de amigos.

Bem mais jovens que os dois casais, Dinho e Helena também passam tardes inteiras com Renato. Para a garota, aficionada por cinema, ele conta passagens das vidas de grandes ídolos de Hollywood.

— Uma vez a Billie Holiday entrou num clube e pediu uma bebida. O garçom se recusou a servir porque ela era negra. Aí uma voz surgiu por trás dele e ordenou: “Você vai servir, sim”. E sabe de quem era essa voz? Do Clark Gable!

Com Dinho, o mais resistente a adotar a cartilha punk, as conversas giram em torno da necessidade quase obsessiva do rapaz de compreender as transformações sociais por meio da música.

— Até que ponto um festival como Woodstock poderia mudar o mundo? Como o Brasil pode mudar, pelas manifestações de massa ou pelas ideologias? Por que os punks não gostam dos hippies, que também fizeram um movimento libertário? Se o punk tem que ser de protesto, como se explicam as letras dos Ramones? Afinal, o que é punk? É um movimento artístico ou político? Por que ninguém para pra pensar sobre isso?

Dinho tem muitas perguntas, e Renato nem sempre tem as respostas. Mas tem o hábito de compartilhar livros com o amigo: *The runaway generation*, que ele tinha lido em 1975, era um retrato da alienação dos adolescentes norte-americanos e havia sido elaborado a partir de entrevistas da autora, Bibi Wein, com meninos e meninas que tinham fugido de casa; já *Kinflicks*, de Lisa Alter – comparado a *O apanhador no campo de centeio*,

por narrar as desventuras de uma jovem rebelde, Ginny –, foi o presente de aniversário de Renato para Dinho em 1981.

O Trovador Solitário leva a sua “Máquina de matar fascistas” (como Woody Guthrie, grande influência de Bob Dylan, batizara o seu violão) para todos os lados. Apresenta-se nos shows organizados na área de lazer no início do Lago Norte, lugar reservado para a construção de uma ciclovia.

Com o slogan “Cultura e verdura”, Silvia Seabra, mãe de Philippe, guitarrista da Plebe Rude, tinha conseguido se reeleger prefeita do Lago Norte. A experiência das prefeituras comunitárias começara em 1977 na quadra de Renato, com a eleição de um funcionário do Banco do Brasil, Márcio Cotrim. Dizia-se que era o único pleito no qual os brasilienses podiam ir às urnas e votar. Silvia Seabra comenta a sua eleição pelos moradores do bairro:

— Como eu me sinto reeleita numa cidade que não elege seus representantes? Como exemplo. É isto que nós estamos tentando ensinar.

O senador mineiro Tancredo Neves amplia o significado da restrição imposta à capital:

— Conheci muitos políticos cassados. Mas cidade cassada só conheço uma, Brasília.

“As eleições diretas vêm aí”, garante João Baptista Figueiredo. Não para o cargo que ele próprio ocupa, mas para a escolha dos governadores dos estados – exceto o Distrito Federal. A confirmação chega em março de 1982, quando o presidente atinge a primeira metade do mandato. No salão verde do Palácio do Planalto, comemora com os auxiliares diretos o terceiro aniversário de seu governo. O ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, escolhido para saudar o chefe em nome dos colegas, destaca a “mão estendida” do general para “semear a paz, ao propor a Lei da Anistia, devolver a liberdade aos presos políticos e fazer retornar à comunhão familiar, no solo da Pátria, banidos e eLivross”. E, após enaltecer os “gestos audazes e constante dedicação” do presidente, Abi-Ackel vaticina:

— Foi no governo de Vossa Excelência que a Revolução de Março completou como que um reencontro com as suas inspirações democráticas.

Figueiredo agradece as “generosas palavras” do ministro e apregoa os seus feitos: o processo de abertura, a concessão de anistia, a garantia de eleições diretas em novembro próximo.

— Não fiz tudo que gostaria, mas fiz tudo que estava a meu alcance. O presidente lembra que começara a governar sob “o trovão do segundo choque do petróleo, que fez o produto repentinamente quadruplicar de preço e soltou o demônio da inflação em quase todos os países do mundo”. Arrisca uma análise do cenário internacional: “A produtividade desandou em todos os quadrantes da terra, trazendo intranquilidade e melancolia a amplos setores da sociedade. O mundo de hoje é um mundo sofrido, um mundo em que predomina o descontentamento. Não posso ser responsabilizado por dificuldades que têm sua origem na grande crise da economia internacional”.

A comemoração de Figueiredo se estende ao rádio e à televisão. Em pronunciamento, revela preocupação com o crescimento populacional do país. Lembra que o Brasil ganhará 9,5 milhões de habitantes apenas durante o seu mandato. “Será preciso alimentar, vestir, educar, dar habitação, garantir a saúde, dar emprego a essa legião de novos brasileiros, com quem teremos de dividir as nossas alegrias e aflições.”

Ao destacar o fato de 56% da população nacional possuir menos de 25 anos, Figueiredo critica os jovens que “mordidos, frequentemente, por vocação contestatória, renegam os valores culturais do passado, como se estes pudessem ser recolhidos, sumariamente, ao cemitério das ideias caducas”. Classifica de “surtos iconoclastas” as manifestações do eterno conflito de gerações e condena “as filosofias e costumes de nosso tempo” que corrompem a juventude, suscitando crise ou subversão de valores. “Não posso calar ante a vaga de desregramento moral que campeia, perante os nossos olhos, de modo desenfreado. Trato, aqui, do afrouxamento dos laços éticos.”

Figueiredo encerra com a proposta de uma cruzada moral e espiritual contra a obscenidade e a pornografia, “infiltradas em toda parte”. “É necessário”, afirma o presidente, “preservar o coração sensível e generoso da mocidade brasileira.”

Após o discurso, o general recebe abraços calorosos de seus 22 ministros, com os quais ergue e bebe uma taça de champanhe.

* * *

Vinho tinto de garrafão e queijo gorgonzola estimulam a conversa do grupo reunido no Adegas. Na cabeceira da mesa do bar, Renato tem doze

peessoas ao seu redor. Discutem cinema, política, teatro, música, astrologia – cena corriqueira para os que já o conhecem. Os recém-chegados, porém, se impressionam com a capacidade de Renato de falar sobre cinco temas diferentes ao mesmo tempo, dar um jeito de relacioná-los e arrematar o raciocínio. Altas horas e muitos goles de vinho depois, um dos integrantes da mesa provoca o ocupante da cabeceira:

— Renato, por que você não adivinha o signo das pessoas que estão aqui?

Ele topa: de onze, acerta oito. E, das três que erra, cita o ascendente de duas. Cresce o seu interesse pelo assunto. Estuda tarô o suficiente para tirar as cartas para os amigos. Indeciso sobre o futuro, Bi Ribeiro foi se consultar com Renato. Tinha ido para o Rio de Janeiro estudar Zootecnia na Universidade Rural, mas, por conta de uma longa greve, voltara para a capital, onde tinha deixado a namorada.

— Será que eu fico no Rio ou volto para Brasília?

Renato pede para ele cortar o baralho. Põe as cartas na mesa e sacramenta:

— Segue o caminho que você já está trilhando.

E assim Bi Ribeiro o fez. Continua morando no Rio de Janeiro, onde volta a tocar baixo e retoma o contato com Herbert Vianna.

Renato também elabora o mapa astral dos amigos. Consulta o horóscopo com regularidade, demonstra imensa vontade de desvendar traços de personalidades por meio do que acredita estar escrito nos astros e nas estrelas. A abordagem não muda. Ao ser apresentado a Leander Motta, pergunta à queima-roupa:

— Qual o seu signo?

— Câncer.

A resposta entusiasma Renato.

— Câncer? Legal, você tem uma ligação forte com a lua... Gostei de você. Tô fazendo mapa astral, quero fazer o seu. Vai lá em casa!

— Onde que é?

— Na 3.

— Legal, eu moro na 8.

— Joia, dá para ir a pé!

Leander mora no bloco G da 108 Sul, um dos primeiros prédios residenciais do Plano Piloto, inaugurado pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Carioca da zona norte, crescera em família musical, ao som de

Radamés Gnattali e Carmen Miranda. Chegara a Brasília com os pais em 1965. Foi estudar na Escola Parque da sua quadra, onde conquistou o título de criança destaque e ganhou um aperto de mão do presidente Médici. Era bom no atletismo. Treinava com outros garotos que demonstravam aptidão para o esporte, como um adolescente de Taguatinga, Joaquim Cruz, futuro campeão olímpico e pan-americano. Na escola, também jogava basquete, o que o fez conhecer Gutje Woortmann. Por meio do baterista da Plebe Rude, passa a frequentar o apartamento dos Manfredini. Mais um na turma.

Leander chega na 303 Sul em um dia frio, a cidade cinza por causa de um nevoeiro. Sobe para o apartamento 202 e encontra um bando de jovens encasacados assistindo ao dono do quarto, de pulôver, discursar sobre diversos temas. Sente-se incomodado com o tom depreciativo de Renato ao falar sobre umbanda e candomblé, “religiões de terceiro mundo”. Leander, que se considera mestiço, enxerga na crítica a reprodução de uma visão estereotipada da classe média. O discurso do colonizador.

Em outros momentos, aditivados pelas mesmas substâncias químicas, as discordâncias ficam em segundo plano. Em uma noite, numa quebrada às margens do lago, Leander ouve Renato jurar que havia tido uma visão: acabara de enxergar, nas águas do Paranoá, o reflexo das colunas das edificações da Roma Antiga.

— Nós somos consequência de tudo o que Júlio César fez. E, como os legionários de Roma, viemos, vimos e vencemos.

No CEUB, em avaliação de desempenho na disciplina Jornalismo Impresso II, os alunos devem escrever trinta linhas sobre uma de duas notícias publicadas nos jornais do dia. A primeira delas é sobre o cessar-fogo nas Ilhas Malvinas, após a guerra entre Argentina e Inglaterra, vencida pela nação europeia e que contribuiu para a deposição da ditadura militar do país sul-americano. A segunda matéria aborda o entusiasmo provocado pela estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Espanha. Renato escolheu a segunda opção e, em formato de poema, escreve a redação “Futebol”.

*Em junho tem Copa do Mundo.
Lá fora a rua é silêncio
As antenas captam imagens
Que o povo engole apressado*

*Rezando por uma vitória.
Os onze são onze Alexandres
E a dança é de onze Nijinskis
Heróis, jogadores: um gol
É tudo que o povo espera.
Vencendo, o povo se esquentava
E esquece; é feliz n'um momento
São todos heróis brasileiros
Os fogos não são só de festa junina –
É gol!*

Outras ideias, porém, ficam guardadas dentro de casa. Em julho de 1982, Renato relaciona reflexões sobre comportamento, batizadas de “Pensamentos primitivos”. Entre elas, inclui a necessidade de antever as consequências de oferecer a outra face no momento certo e também a de filtrar o reflexo das más experiências, “até que deixem uma marca positiva em todos os sentidos”. Utiliza o imperativo para descrever modelos de conduta na convivência social:

Seja cordial e inquisitivo em situações artificiais sem ser artificialmente captado. [...] Apresente suas experiências de vida de forma a provocar um desejo de que outras experiências de vida lhe sejam relatadas ao mesmo nível de troca de informações básicas e agradáveis, mas nem por isso menos importantes.

Renato destaca a necessidade de aprender a “ter coração correto e justo sem cair em injustiças de ponto de vista”, e resume, em letras garrafais, o que deseja com aqueles pensamentos: “Mais luz”.

Insatisfeito com os resultados obtidos com o Trovador Solitário, Renato usa o papel para delimitar seu passado e futuro musical. Descreveu o seu público-alvo: “Música elétrica para corações e mentes jovens”. No complemento da definição, evoca um dos mitos da construção de Brasília para estabelecer a cidade-alvo: “Música elétrica feita para a cidade feita de concreto humano”. Com caneta hidrocor vermelha, relaciona em diferentes idiomas o nome da primeira banda: L’ avortement electrique, Das elektras abordeas, Electric Abortion, O Aborto Elétrico. Renato troca de caneta e,

em azul, escreve as traduções em francês e inglês do nome de seu próximo projeto: Legion Urbaine, Urban Legion. A Legião Urbana.

Renato escapa dos limites do rock. Junta-se ao jornalista Jota Pingo para escrever um musical, *A casa do Caraba*. A parceria é baseada em canções inéditas de Renato, as mesmas gravadas com Pretorius e enviadas para Ginny. Entrega as letras ao diretor, que dá uma “ajeitada poética”.

*Contra todos e contra ninguém
O vento quase sempre nunca tanto diz
Estou só esperando o que vai acontecer
Andando pelas ruas quase escuras
Os carros passam...*

*Fui até a rodoviária comer pastel
Nas ruas têm cheiro de gasolina, vagina
Por toda a plataforma e você não vê a torre
Andando por ruas quase escuras, os carros passam, assam, amassam...*

Uma das músicas originalmente melancólicas, que cita o desencontro amoroso com uma pessoa que “não tem mais nada a ver”, ganha desfecho mais para Plínio Marcos do que para Fernando Pessoa:

*Quase comprei um carro novo, povo
Só por causa de você, nenê
Mas gastei a minha grana, nana
Mas você não quis me ver, filha da puta
Ainda bem, babaca, porque você morreu
E quem sobrou foi eu, quem sobrou foi eu!
Ainda bem, babe, porque você não tem a ver...*

*Aquele dia no cinema, pequena.
Foi tão estranho, banho
De língua na orelha você dava
E meu corpo todo arrepiava*

*Pode sair do apartamento,
Momento*

*Pode sumir, meu bem
Desapareça de vez
Não quero mais talvez
Obsoleta, obsoleta, obsoleta
De você só resta esta buceta*

No coro, os personagens se juntam para gritar: “Buceta, buceta, eu quero esta buceta!”.

Ao final, o trio Caraba, Carabina e Manteiga forma novamente o Coro dos Imbecis para cantar, no ritmo de “Bat Macumba”:

*É do Caraba, ê, ê
É do Caraba, obá!
É lá na casa do Caraba que eu quero morar...*

Ao ver as mudanças que o irmão de Paulo César Pereio fez nas suas letras, Renato toma um susto:

— Agora eu não posso mais mostrar para a minha tia, Pingo!

A peça é encenada de forma despojada em sessão dupla no Galpãozinho, como parte da recreação oferecida aos filhos das participantes da reunião do movimento feminista. O objetivo é estimular a liberação da criatividade infantil por meio da arte – e, na visão de Pingo, a parceria com Renato se encaixa perfeitamente no projeto.

O outro texto encenado naquele dia, *A morte do Incrível Hulk*, tem atores pintados de anilina verde. Termina com uma guerra de farinha e Coca-Cola, grude difícil de remover. As crianças curtem a farra; as mães, ao tomar conhecimento do teor do espetáculo, nem tanto.

A casa do Caraba não representa a única incursão dramatúrgica de Renato. A um amigo próximo, Zé Renato Martins, ele confia a cópia de *A verdadeira organização do desespero*. A peça, de 35 páginas, é precedida por uma restrição (“É expressamente proibido a montagem deste texto sem a permissão por escrito do autor”), um aviso (“Esta não é uma peça original”) e uma recomendação para montagem: inclusão de “filmes, música, luzes e efeitos”. Na epígrafe, um trecho de *Positivismo*, de Noel Rosa:

*A verdade, meu amor, mora num poço
É Pilatos lá na Bíblia quem nos diz*

*E também faleceu por ter pescoço
O inventor da guilhotina, de Paris*

Sem linearidade, o texto tem quatro personagens principais: Robert, Oceano, Vulcão e Plateia.

(Plateia) — Quem é que vai para noite hoje, hein?

(Vulcão) — Que quadra?

(Oceano) — Ela vai para o Lago Norte.

(Robert) — Eu não vou para o Lago Norte hoje.

(Plateia) — Eu mesma sei contar pilhas de histórias de festa.

(Coro) — Creio que a Plateia prefere ver os filmes.

(Vulcão) — Seja sempre o melhor. O que tem tudo. Aquele que quer o que sabe. E sabe onde conseguir. Aquele que não precisa correr para chegar lá porque já é o primeiro.

(Coro) — Não tentarei dizer ou mesmo explicar o que neste palco possa se passar. Só digo e sei que mais uma vez a história vai mudar.

(Vulcão) — Eu sei. Mas eu estou falando que, quando todas as pessoas estão fazendo alguma coisa, todo mundo compartilha. E aí você se sente como se fosse um estranho. Todas as outras pessoas formando um pequeno mundo e você de fora, querendo entrar.

(Robert) — Como as estações mudam...

(Plateia) — As estações talvez, mas as pessoas não.

(Robert) — Eu sei que você me quer. Não adianta tentar esconder. Posso ver nos seus olhos, no jeito bobo de me fazer pensar que você não quer ficar perto de mim. Tentava sempre a perfeição, só para fazer você me ver.

(Robert) — Eu posso fazer o que eu quiser com você, Plateia. Plateia, você está a meu comando. Eu decido suas reações, se você vai gostar ou não.

No final, após frases de efeito, como “Saber é uma coisa que deve ser muito invejada”, “Ninguém pode ser músico sem saber o que diziam os poetas” ou “Eu não sou difícil, eu sou complexo”, a constatação do autor:

E aqui o nosso tempo termina. Continua o tempo de vocês. A desorganização foi verdadeira e o desespero teve aqui a sua vez. Eu venho aqui falar por todos que, como nós, falam entre si e também falarei com

vocês. Não se esqueçam de lembrar: se nossa palavra agradou, que seus aplausos possamos guardar.

Ésquilo, Sófocles, Arthur Miller. Textos clássicos da dramaturgia mundial são analisados por Renato nas aulas da professora Maria Coeli, no CEUB. Ex-aluna de Paulo Emílio Sales Gomes, Coeli ensina cinema e teatro na faculdade. Viúva em circunstâncias trágicas e misteriosas, tem duas filhas e luta pela carreira. Vendera um apartamento e um Fusca para concluir o documentário *A voz do grande rio*, filmado no Rio de Janeiro. O sacrifício impressionara Renato, que, por sua vez, também chamara atenção da professora desde as primeiras aulas. Descobriram afinidades recíprocas. Logo no início da aproximação, Renato contou que tinha uma banda chamada Aborto Elétrico e perguntou, de sopetão:

— Professora, o que você acha que eu devo fazer da minha vida?

— Renato, você seria um dramaturgo brilhante, mas não teria saco para manter uma trupe e repetir o texto noite após noite. Seria um diretor de cinema na linha do Glauber, livre e solto, mas não tem dinheiro para fazer filmes. Você pode, então, fazer o que você está fazendo: rock. Gritar a sua mensagem. Que nem é só sua, aliás.

— Como assim?

— Quando você canta numa banda chamada Aborto Elétrico, você está falando também do medo que todas as mulheres passam todos os dias. É uma declaração feminista.

Renato gosta da resposta e, por essas e outras conversas, Coeli ganha a sua admiração. Ele passa a frequentar o apartamento da professora, na Asa Sul. Fala sem parar e por toda a parte. Começa na sala, avança pelo quarto, vai até a cozinha, volta para a sala, encosta na janela, sempre com um cigarro na mão. Enche a casa de fumaça e certezas. As filhas da diretora já sabiam: quando Renato chegava, não tinha hora para ir embora – e a atenção da mãe estaria voltada somente para ele. Com a mais velha, o visitante trocava ideias sobre os filósofos franceses: Voltaire, Diderot, Rousseau. O músico e a cineasta se unem pelo afeto. Constroem espaço para mútuas confissões. Certa noite, emocionalmente abalados, vão parar no Setor Hoteleiro Sul. Alugam um quarto, cheiram cocaína e caem no choro. Depois, Renato enxuga as lágrimas e canta Elvis Presley para a amiga até o sol decretar o fim da madrugada.

Renato sai da superquadra, atravessa o Eixão e vai parar na 415 Sul. É aniversário do poeta Nicolas Behr. Mesmo sem maior proximidade, os dois viviam se esbarrando por conta de amigos comuns. Tinham dividido o palco em *O último rango* – a participação de Behr consistiu em inusitado canto de uma música africana que aprendera com a mãe, Therèse von Behr. O poeta também já tinha ido ao apartamento de Renato comprar discos, de onde saíra com LPs de Cream, Doors, Grateful Dead, Yardbirds e Jefferson Airplane embaixo do braço. Behr planejara receber seus convidados no apartamento, mas apareceu tanta gente – entre eles, integrantes do Liga Tripa, da Banda 69, do Pessoal do Beijo e do Mel da Terra, os poetas Chico Alvim e Paulo Tovar, e o trio de músicos piauienses Clodo, Climério & Clésio – que a festa não coube na sala, foi transferida para o térreo. Farra embaixo do bloco. Em um cartaz gigante, os convidados deixam mensagens para o anfitrião, que completava 24 anos. Em meio às marcas de batom de algumas moças, Renato consegue espaço para desejar feliz aniversário e deixar um abraço amigo.

Com ou sem a turma, as noites são agitadas. As madrugadas também. Depois das duas, quando boa parte dos amigos punks já está de volta à casa dos pais, Renato continua suas incursões. Às vezes sozinho, às vezes acompanhado, vagueia pelo Setor de Diversões Sul, ponto de convergência de viciados, traficantes, prostitutas e prostitutos. Recrutados do Exército, sem família e sem dinheiro, fazem michê próximo à rodoviária. Soldados da região Sul, identificados em virtude dos traços europeus, sabem que têm grande apelo entre os homossexuais. De forma ostensiva, exibem a virilidade, provocando os clientes que chegam de carro ou a pé. Desejo nascido, desejo rapidamente saciado.

Em casa, Renato não para de escrever. Com caneta hidrocor, faz lista dos rapazes da turma. Separa-os em duas categorias: a dos garotos bonitos (“*cute boys*”), que inclui Beto, Marcelo Bonfá, Adriano e Flávio, e a dos outros, que são quase trinta, entre eles, Dinho, Felipe, Dado, Bi, Pedro, os três Andrés e mais nomes que ele não consegue lembrar. Conclui que “há garotos demais para as dezoito meninas”. E define a necessidade daquela turma:

— Mais garotas!

No rol dos garotos bonitos, o primeiro da lista é o gaúcho Roberto “Beto” Zanettini, cabelos negros e lisos até depois dos ombros. Tinha chegado à turma por meio de Zé Renato Martins, atraído pela beleza do

rapaz da Asa Norte. Calado, jeitão zen, Beto era conhecido pejorativamente pelo apelido de Beto Pastel. Escondia os seus mistérios. Um dia, ao avistar o rapaz caminhando em um descampado, Zé Renato percebe que ele chora compulsivamente. Não revela o motivo das lágrimas e segue em frente. Ao saber do episódio, Renato telefona para Zé Renato. Quer mais detalhes.

— Me contaram que você viu o Beto chorando. Você sabe o porquê?

A notícia tinha chegado na 303 Sul por meio de Bonfá, amigo em comum de Beto e Zé Renato. Um dos integrantes da primeira lista, Marcelo Bonfá morava em Brasília desde 1977. Saiu de Itapira, cidade pequena perto de Campinas, São Paulo, a 173 quilômetros da capital. Aos 11 anos, foi parar na SQN 315, quadra da Asa Norte reservada aos funcionários do Banco do Brasil, como o seu pai. Descendente de italianos, teve o primeiro contato com diferentes culturas brasileiras em Brasília. Até então, nunca tinha visto um nordestino. Na Escola Classe em que foi matriculado, escutou sotaques que jamais havia ouvido. E teve a sensação de entrar em um lugar sem saída.

Já que seria impossível sair dali, tentou se enturmar. Fazia natação na AABB, frequentava forrós, aproveitava as inclinações da Asa Norte para ir e voltar do colégio em cima do *skate*. Não perdia um show na cidade: pediu autógrafo para Moraes Moreira depois da apresentação dos Novos Baianos, curtiu Sivuca na Casa do Ceará e alucinou com a tiração de sons promovida pelo bruxo Hermeto Pascoal.

— Esse cara faz muita doideira!

Quando não dá para sair, nem reclama. Absorto, passa horas desenhando dentro do apartamento. Por meio de Zé Renato, conhece a turma dos punks. Assiste a um show do Aborto Elétrico. Não consegue entender as letras, a não ser a de “Veraneio vascaína”. Identificação. Todo menor que pegava o carro dos pais temia ser abordado pelas viaturas pintadas em quatro cores: preto, branco, cinza e vermelho, com uma listra no meio, como a do time do Vasco. Sirene acionada, os adolescentes fogem pelo eixo, por dentro das quadras, se enfiam nas garagens dos blocos feitos tatus. Perseguição.

Bonfá bate ponto no Cafofo, no Food’s e em outros lugares adotados pelos punks. Passa a usar camisas rasgadas. Mata aula para acompanhar os ensaios do Aborto para *O último rango*. Arrisca-se nas baquetas. Toca com os Metralhas, a banda que André Mueller formara ao voltar da Inglaterra antes de criar a Plebe Rude com Gutje (ex-Blitx 64) e Philippe Seabra.

Toma gosto pela brincadeira. Compra uma bateria Pinguim em São Paulo. Grava fitas com músicas, cola os fones do walkman no ouvido e tenta acompanhar as músicas da banda britânica. Em uma viagem de Gutje, toca com outros grupos da turma – até com o recém-surgido Dado e o Reino Animal, que reunia Loro e Dado Villa-Lobos nas guitarras, Dinho Ouro Preto no baixo e Pedro Thompson no teclado. Até que, durante uma festa no Lago Sul, Renato se aproxima e faz o convite:

— Vamos montar a Legião Urbana?

— Vamos nessa!

Renato expõe o plano traçado para a Legião. Não haveria guitarrista fixo, mas músicos convidados, que se revezariam de acordo com a música, a ser conduzida sempre pelo núcleo baixo-bateria, eventualmente acrescido pelo uso de teclados. Começam a ensaiar no quarto do apartamento dos Manfredini, na 303 Sul. Renato no violão e Bonfá batucando em uma caixa de papelão. Nem precisava tocar o interfone, bastava gritar embaixo do bloco:

— Renato!

— Sobe aí!

Fazem longas *jams* sem saber onde vão parar, no ritmo da pulsação do baixo, da bateria, às vezes do teclado:

— Começa alguma coisa aí que eu faço alguma coisa aqui.

Os dois entram em sintonia musical. Renato se diverte. Gosta do que está fazendo. Pouco tempo depois, assiste a um show da banda Boca Seca, no Lago Norte. Após a apresentação, ele se aproxima do jovem guitarrista, cabelos lisos e rosto imberbe:

— Gostei muito de você. Tô montando uma banda com o Marcelo Bonfá, não tem guitarrista ainda. Você não quer tocar com a gente?

Nascido em Curitiba, o guitarrista Eduardo Lambach é conhecido pelo apelido de Paraná, também pelo fato de ter trabalhado como voluntário em uma barraca no evento mais tradicional da cidade, a Festa dos Estados. Tinha 13 anos quando chegou a Brasília, em 1979. Foi morar no andar mais alto do bloco C da 111 Sul. A mãe, a pianista clássica Suzy Queiroz, dava aulas particulares. Quando Renato passa a frequentar o apartamento de Eduardo para ensaiar, o visitante fica na sala assistindo a Suzy lecionar. Estudantes dispensados, o aluno-ouvinte puxa conversa com a mãe do guitarrista sobre Tchaikovsky, Debussy, Prokofiev, Satie:

— Filho, esse seu amigo é diferente. Conhece em detalhes a vida dos grandes compositores.

Renato, o amigo diferente, grava todos os ensaios da sua nova banda. À noite, a turma ouve as fitas. Alguns fazem duro julgamento ao estilo do guitarrista. Tendo Jimmy Page e Jeff Beck como ídolos, Paraná professa sua fé no virtuosismo.

— É assim que eu extravaso a minha musicalidade.

Nos ensaios, Renato e Paraná se empolgam em músicas como “O cachorro”, entendida pelo guitarrista como uma mistura de punk e progressivo. Bonfá não compartilha o entusiasmo. Acha que a sonoridade, antes predominantemente grave, tinha sido deturpada pela interferência da guitarra. A banda soa datada, com jeitão de anos 1970. Quando convidam Paulo Paulista (“libriano, dezesseis, mora em Brasília há seis meses, gosta de cantar ‘Rock Around the Clock’ e aquela música da Ana Maria que comprou um biquíni”, na definição de Renato) para tocar teclado, Bonfá torce ainda mais o nariz – ele considera o som sub-Phil Manzanera, referência ao tecladista do Roxy Music. Indiferente à contrariedade do baterista, eles continuam ensaiando. Fazem arranjo para “Dado viciado”, que Renato escrevera para o primo Zé Eduardo e tocava na craviola, nos tempos de Trovador Solitário. Também repassam “Química”, a música recusada por Fê para o Aborto Elétrico – chegam a inscrever a composição no Fico, mas ficam de fora das finais. A banda ganha repertório, e já pode ser testada no palco. Renato se entusiasma. Agradece a Deus por ter encontrado pessoas com quem pode trabalhar, “que têm as mesmas ideias que eu tenho e buscam a mesma essência que eu procuro”. E escreve uma variação de frase do imperador romano Júlio César. *Urban legio omnia vincit*. Legião Urbana a todos vence.^[36]

* * *

Fogo no Circo. Banda do Lixo. Fruto da Terra. Lava Pés. Sérgio Moreira. Magos do Sol. Liga Tripa. Aborto Elétrico. O cartaz anuncia as atrações do festival Rock no Parque, em Patos de Minas, cidade mineira a 405 quilômetros de Brasília. Quem desembarca na rodoviária da cidade mineira, após cinco horas dentro de ônibus, é a Legião Urbana, agora com Paulista e Paraná na formação. Parte dos cartazes tem de ser refeita para incluir o nome da nova banda de Renato, por exigência do vocalista.

— Eu não sou do Aborto Elétrico. Nós somos a Legião Urbana.

O produtor Carlos Alberto Xaulim queria bandas de Brasília para o show. Tinha recebido de um amigo residente na capital, Wilson Moraes, as dicas de dois nomes locais: Liga Tripa e Aborto Elétrico. Xaulim ligou para Renato e fez o convite. O produtor avisou que não teria dinheiro para cachê, mas pagaria as despesas de transporte e alimentação.

— Não tem problema, a gente é uma banda pequena. Estamos começando.

O acerto final ocorre no Brasília Rádio Center, prédio no início da Asa Norte, onde Legião e Plebe Rude passam a dividir o aluguel de uma sala de ensaio. Eles recebem as passagens das mãos de Wilson Moraes. O Liga Tripa não foi para Patos de Minas, e quem aparece por lá com a Legião é a Plebe Rude. As duas bandas e mais alguns amigos chegam ao amanhecer. Um dia inteiro sem nada para fazer. Então Xaulim os leva para o parque de exposições. Alguns ficam por lá e outros zanzam pela cidade, sob olhares perplexos dos moradores locais – o figurino punk bem transado de Gutje chama especial atenção. A turma de roqueiros enche a cara, depois cochila no gramado, embaixo de uma arquibancada de concreto. Poeira para todos os lados. Aguardam o início da passagem de som. Todos recebem uma ficha para trocar por uma refeição. Músicos mineiros e brasilienses dividem a mesa. Renato quebra o gelo:

— Oi, tudo bem? Eu sou o Renato, qual o seu nome?

Os mineiros permanecem calados. O gelo não derrete. Do silêncio ao constrangimento.

A noite cai, as pessoas começam a chegar. Hora de fazer a passagem de som. Renato pega o violão e avisa ao técnico responsável pela aparelhagem, Marcos Amorim:

— O show já começou.

Renato convoca os outros três integrantes da Legião. O show, acompanhado com curiosidade pela plateia local, é observado também por dezenas de policiais fardados. A letra de “Música Urbana 2” (“Os PMs armados e as tropas de choque vomitam música urbana”) causa certo mal-estar, mas eles seguem em frente. Depois, a Plebe Rude sobe ao palco. Toca músicas provocativas, como “Vote em branco” (“Imagine uma eleição em que ninguém fosse eleito/ Já estou vendo a cara do futuro prefeito/ Vamos lá, chapa, seja franco/ Use o poder do seu voto, vote em branco/ Seja alguém, vote em ninguém!”) e “Pressão social” (“Há uma espada sobre a

minha cabeça/ É uma pressão social que não quer que eu esqueça/ Que eu tenho que trabalhar/ Que tenho que estudar/ Que tenho que ser alguém/ Que eu não posso ser ninguém”). Ao ver a grande quantidade de policiais, o baixista André Mueller vai até o microfone e agradece a presença de tantos fãs de rock. Ironiza:

— PM quer dizer Patos de Minas?

Philippe Seabra também faz brincadeiras irônicas com o público. Terminados os shows, é hora de pegar o ônibus e seguir viagem de volta. Contudo, ao descer do palco, a Plebe se vê cercada por policiais. Um deles pergunta:

— Vocês são os músicos de Brasília que acabaram de tocar?

Eles confirmam. São detidos e levados para o posto policial montado dentro do parque. Os integrantes das duas bandas têm de mostrar as carteiras de identidade para provar que são do Distrito Federal. Renato se exalta ao defender a liberdade de expressão, mas o discurso é recebido com indiferença pelos policiais. Quando os roqueiros já imaginam que passariam a noite na cadeia, ganham de volta a liberdade, sob uma condição:

— Vão para a rodoviária e peguem o primeiro ônibus de volta para Brasília.

A ordem é prontamente atendida. Na viagem de retorno, relembram o incidente e confessam o medo de tomar botinadas da polícia. Depois, já tarde da noite, Renato senta no fundo do ônibus e começa a inventar vozes, personagens e narrativas. Conta histórias que fazem o tempo passar mais depressa durante o caminho de volta para casa.

Renato ama a noite. Caminhando e cantando da W3 até a sua quadra, chega por volta de três, quatro da manhã. Os pais se aborrecem, mas pelo menos os vizinhos não se queixam com o síndico. Ao ouvir os discos no quarto, bota o som no volume máximo – e ainda canta junto. Carminha sai fechando portas e janelas para não causar mais constrangimento aos outros moradores, já não bastasse aquela pichação AE na portaria. Mas Renato passa pouco tempo em casa. Tem sempre um lugar para ir, um plano a executar, uma experiência para viver.

Além da maconha e do álcool onipresentes nos ensaios, também há cocaína nas festas mais badaladas do Lago Sul. Em uma delas, Renato abandona imediatamente a pista de dança ao avistar a irmã acompanhada de

duas primas, Cláudia e Geórgia. Parte para cima de Carmem Teresa e dispara:

— Como vocês chegaram aqui? Minha mãe sabe que você veio? Com quem vocês vieram? Que horas vocês vão embora? Isso aqui não é lugar para vocês!

Faz questão de isolar a irmã e as primas de qualquer tipo de contato mais profundo com os integrantes da turma. Quando um dos rapazes ousa se aproximar das três garotas, Renato se interpõe e intimida possíveis pretendentes. Também ergue barreiras quando o interesse parte de dentro da própria casa:

— Junior, olha só. Aquele amigo seu, ele é bonitinho...

— Ele tem namorada, não interessa. Ele não é para você.

Longe do olhar da irmã e dos pais, Renato faz na rua o que não arriscaria fazer em casa. Uma noite, com a turma, cheira benzina e entra no Cine Dois Candangos para assistir a *Nosferatu*. Tem alucinações diante do clássico vampiro do filme preto e branco, do cineasta alemão F. W. Murnau.

— Eu estou vendo cores! Eu estou sentindo o cheiro das cores!

Às vezes, mesmo sem inalar nada além do ar seco da capital, entra em órbita. Sai de uma sessão privativa no Itamaraty de *E.T. – O extraterrestre*, o novo filme de Steven Spielberg, totalmente elétrico.

— Esse filme é maravilhoso! E é cheio de referências, de mensagens subliminares. Tem até uma citação a Marx.

André Mueller faz o contraponto:

— Sério? Eu só vi um extraterrestrezinho querendo ligar para casa.

André e Renato, dois dos mais velhos da turma, viviam trocando ideias, discos, livros e farpas. Conversavam sobre anarquismo, discutindo as teorias do russo Bakunin e do francês Proudhon sobre a necessidade da revolução social e da destruição completa do Estado. Discutiam sobre o grupo terrorista Baader-Meinhof a partir da leitura de um livro emprestado por Renato. Escutavam as músicas atmosféricas de Brian Eno e mediam forças sobre o impacto causado pela obtenção de uma cópia de *Metal Box*, o segundo trabalho do PiL. E também compartilhavam um grande amigo, André Pretorius, que, ao voltar pela última vez a Brasília, passa uma semana na casa de cada um deles.

Na temporada inglesa em Sheffield, cidade tão provinciana que os moradores locais nem sequer conheciam lasanha, Mueller testemunhou o começo da carreira do Joy Division e do Cabaret Voltaire. Percebeu que o

pós-punk se encaixava com a sua ideia de rock – abaixo a ditadura das guitarras, baixo e bateria têm idêntica relevância. Foi baseado nessas ideias que formou a Plebe Rude com Philippe Seabra. Quando ganhou o primeiro walkman, André gravou uma fita cassete com o disco *Fear of music*, do Talking Heads. Saiu pela Asa Norte, “Memories can’t wait” nos tímpanos:

*There’s a party on my mind
And I hope it never stops...*

Caminhar e ouvir suas músicas preferidas ao mesmo tempo: festa permanente na cabeça. Nunca se sentiu tão livre. Passa a assinar como André X.

Na sala de ensaios do Brasília Rádio Center compartilhada entre as duas bandas, André, Philippe e Gutje, em tempos de criar o próprio repertório, não perdem a chance de provocar os companheiros de sala: fazem uma música, “Bandas BsB”, que, entre outras mensagens nem um pouco cifradas, cita o maior sucesso do Aborto Elétrico, para ironizar o primeiro grupo de Renato: “Já estou cheio de bandas que perguntam/ Que país é este/ Com instrumentos, mas sem talento”. Mas a Plebe sabe que os inimigos, na verdade, estão do lado de fora da sala. Dentistas, advogados e outros profissionais liberais abrem fogo contra os novos vizinhos, tentam expulsá-los de todas as formas. Aos gritos, exigem silêncio. Um dia, ao chegar para ensaiar, os integrantes das bandas não conseguem abrir a porta. A fechadura tinha sido vedada com cola Durepoxi. Sabotagem. O recado não poderia ser mais claro. Mas eles insistem. Então, gravam a trilha para uma experiência cinematográfica.

Enquanto a Plebe toca suas músicas, Renato narra, de improviso, uma história para o filme que o grupo tinha resolvido fazer em Super-8, *Ascensão e queda de quatro rudes plebeus*. Produção experimental capitaneada por Gutje, o curta-metragem apresenta o novo integrante da Plebe, Jander Bilaphra, e recria com irreverência a trajetória de um grupo de rock a partir de cenas criadas por Mueller. O baixista define o resultado como “puro Glauber Rocha: porra-louquice total”. Além da narração, Renato atua na fita como Manfredo, “caçador de talentos”, empresário que chega, de terno, para assistir a um ensaio do grupo. A saga termina depois que a Plebe vende 1 milhão de cópias, é roubada, perde todo o dinheiro e acaba catando lixo no Eixão – de estrelas a garis.

Após a experiência em Patos de Minas, os próximos shows da Legião ocorrem dentro das quatro retas que delimitam o Distrito Federal. No Estádio do Cave, no Guará, a apresentação no projeto Rock na Arena é “um grande acontecimento tribal”, como define Renato, por reunir, pela primeira vez, todas as bandas da turma: Legião, Blitz 64 e Plebe Rude, além da Banda 69, d’Os Marginais e do recém-criado Capital Inicial, dos irmãos Flávio e Fê Lemos. No fundo do palco, é colocada uma pintura gigante de Elis Regina, que tinha morrido em janeiro, aos 36 anos.

Considerada a maior cantora brasileira, a gaúcha Elis Regina emociona os fãs de seu estado pouco antes de morrer. As relações entre a cantora e os conterrâneos andavam meio estremecidas. Muitos diziam que ela havia se deslumbrado com o sucesso no Rio-São Paulo e esquecido as origens, o próprio sotaque. Contudo, em show no Gigantinho, Elis virou o jogo. Cantou Caetano, Rita Lee, Roberto Carlos, Milton Nascimento e Gilberto Gil como se as músicas daqueles compositores jamais tivessem sido interpretadas pelos próprios autores, somente por ela. Bem-humorada, à vontade, saiu do palco sob uma chuva de aplausos. No jornal *Zero Hora*, o crítico Juarez Fonseca qualificou a apresentação “impecável” e descreveu a reação da plateia à performance da cantora:

O público era quentíssimo, viveu momentos de perfeita interação com Elis. Ela sentiu isso, e gostou muito de ter recebido calor, entusiasmo e boas vibrações. Entregou-se à alegria de cantar e ao final foi aplaudida de pé e prolongadamente, deixando no rosto das pessoas uma expressão aberta e feliz.

A cada entrada no palco do Estádio do Cave, os roqueiros brasilienses ironizam a homenagem da produção a Elis Regina. Eles seguem a máxima de André Mueller: “Tudo que é antigo é nosso inimigo”.

A Legião toca também no VI Concerto da Área de Lazer do Lago Norte, promovido pela administração regional e com shows gratuitos, das 14h até o pôr do sol, de outras oito atrações, a maioria com repertório de MPB. Entre guitarras e violões, a promessa de muitas brincadeiras para as crianças.

Surge, então, a chance de queimar etapas. Renato fica sabendo que Cristiano Menezes, colega de trabalho no *Jornal da Feira*, produziria o primeiro show da banda carioca Blitz em Brasília. Sucesso em todo o Brasil

com a música “Você não soube me amar”, do disco *As aventuras da Blitz*, o grupo liderado pelo vocalista Evandro Mesquita está no auge. Considerada pela imprensa como “a responsável pelo maior ti-ti-ti na música brasileira atualmente”, a Blitz tinha acabado de ganhar a bênção da rainha do rock nacional, Rita Lee. “É um grupo sem pretensões, sem cheiro de jogada. Tem uma guitarrinha ótima que não quer imitar Eric Clapton, ninguém querendo ser Mick Jagger e tem uma coisa de teatro. É tudo muito bom, muito bem”, brinca a cantora.

Renato escreve para Cristiano, pedindo para a Legião tocar na abertura. Conta na carta que seu grupo tem ensaiado todo dia, e convida o jornalista para vê-los tocar, “se você ainda estiver aqui em *shit city*”, para “dançar, gritar e pular”. Enumera as outras atrações do show no bar Caco de Cuia, antes de fazer a autopropaganda: “Vai ter Liga Tripa, Renato Matos e Marcus Rocha – que são ótimos –, mas Legião Urbana é que é”.

Avisa que, para a divulgação da estreia da Blitz em Brasília, Cristiano poderá contar com uma turma “gigante” para colar cartazes e espalhar a notícia do show. Implora, em letras garrafais: “PLEASE, não nos deixe nesse desespero de ficar sonhando com uma coisa impossível”.

Com o desejo de “força”, Renato se despede com mais duas exclamações: “Não vamos desistir nunca! Viva música elétrica!”.

O pedido é parcialmente atendido. A Legião consegue tocar na mesma noite da Blitz no ginásio do clube da Associação dos Servidores Cíveis do Brasil (ASCB), mas não da forma ambicionada por Renato. Sem ter sido anunciado, o grupo sobe ao palco depois da principal atração da noite. O esvaziamento é inevitável, mas Cristiano observa um fenômeno curioso. Muita gente que estava indo embora, já saciada pelas batatas fritas de Evandro e sua trupe, retorna depois de Renato anunciar:

— Boa noite. Nós somos a Legião Urbana e estamos aqui para mostrar que Brasília também faz rock ‘n’ roll!

O show de estreia no Plano Piloto foi também o show de despedida da formação original da Legião Urbana. O vocalista tem outras músicas engatilhadas para a banda, como “Planos do asfalto”, “Provençal das quadras”, “Chantagem” e “O radiador”. Uma delas é um blues à la Janis Joplin com melodia renascentista e que citava na letra a dificuldade de vadiar pelas quadras e não encontrar embaixo dos blocos ninguém para vender maconha. Mas não há mais tempo para desenvolver músicas novas. As divergências entre Bonfá e Paraná ganham corpo, chegam à hostilidade.

Até que Renato toma partido após o guitarrista fazer uma proposta que certamente causaria mais irritação ao baterista:

— Renato, vamos tocar “O cachorro”?

— Não estou mais a fim de tocar isso não, Paraná.

— Ah, é? Então, tô fora!

O vocalista se enfurece com o guitarrista. Fuzila-o com o olhar. O ensaio acaba, e eles deixam Bonfá no final da Asa Norte. Ao se despedir, Renato encara Paraná e sentencia:

— Você vai ver que a gente ainda vai ser muito conhecido.

Com problemas familiares por conta da separação dos pais, Eduardo Paraná resolve deixar Brasília e estudar música no Conservatório de Tatuí, no interior paulista. Ao saber da decisão do guitarrista, Renato comenta com amigos da turma:

— Eu falei pra ele: “Anota aí, Paraná. A gente vai seguir com a banda. Quando você conseguir comprar um carro velho com o dinheiro que ganha com esse jazz rock, a gente já vai ter vendido 1 milhão de cópias”.

A saída do guitarrista Eduardo Paraná é rapidamente resolvida. Renato convida Ico Ouro Preto para substituí-lo e eles começam a ensaiar. O vocalista percebe que a turma, antes restrita ao pessoal da Colina, não para de crescer. Renato evoca a estrutura clássica dos contos de fada para descrever a sua visão de Brasília no final de 1982: “Era uma vez a gente; e depois mais gente, mais gente e mais gente e muito mais gente (e não era tanta gente assim; tem muito mais gente do que tem na verdade); era uma cidade”. Depois de afirmar que seu grupo desceu da Colina “tal qual bandeirantes” (e atribuir a frase “horrível” a Dinho Ouro Preto), define o propósito daquele grupo de jovens:

— Não vamos desistir; só queremos nos divertir. Tá tudo muito bem, tá tudo bom demais, mas realmente não iremos esquecer a música urbana. Se alguém algum dia quiser se lembrar de alguma coisa que se passou por aqui, é só viver a noite, viver o dia. Quem não se esquecer, verá. Somos todos, somos muitos.

Eles nem são tantos assim, mas o suficiente para o estabelecimento de hierarquias. Os que chegam depois são conhecidos como figurantes. Alguns deles são convidados a ir ao apartamento de Renato. Passam horas ouvindo-o falar sobre filosofia, drogas, Platão, Sócrates, história antiga. Depois a palavra muda de orador. É a vez do dono do quarto perguntar o que eles

sentem, como enxergam o mundo, o que acham dos pais. Um dos visitantes, Eduardo de Moraes, percebe que Renato vai até o gravador e vira o lado da fita cassete. Acontece que eles não estavam ouvindo música. Uma das garotas, Adriana Michels, também vê o gravador ligado e pergunta:

— Por que você está gravando o que a gente fala, Renato?

Sem graça, ele responde o que já tinha revelado para outra convidada, Ana Galbinski:

— É para poder contar um dia a história da nossa turma.

Passa por um constrangimento maior quando outra garota da turma avisa que deseja fazer sexo com ele.

— Acho melhor você ir para casa, já é uma da manhã.

Vivamente interessada, ela insiste, com mais ênfase. Tenta um contato físico, mas ele se desvencilha e despista:

— Não, eu não faço essas coisas. Sou católico apostólico romano.

Ico Ouro Preto participa da criação das novas músicas “Ainda é cedo” e “Grande inverno na Rússia”, mas fica poucas semanas com a Legião. A vaga de guitarrista está novamente em aberto. E pior: a banda tem compromissos pela frente, é preciso montar repertório para uma série de shows que seriam produzidos pelos próprios grupos. Renato surpreende, então, ao revelar a Pedro Ribeiro que pensa em chamar Dado Villa-Lobos, se este topasse fazer na guitarra um som na linha do Talking Heads. Durante uma festa, Bonfá encontra Dado e confirma o convite:

— Vamos fazer um som, você está a fim?

Logo em seguida, é a vez de Renato injetar entusiasmo na proposta:

— Vamos fazer, vamos nessa!

Dado aceita. Desiste de ir morar na França com o pai para ficar em Brasília cursando sociologia na UnB e tocando com a Legião.

Longe de ser um virtuose da guitarra, Dado Villa-Lobos tinha começado a aprender tocando sozinho “Stairway to Heaven”, “Smoke on the water” e outros itens da discoteca básica do rock. Duas coisas o impressionaram: ouvir o disco *It’s alive*, dos Ramones, e ver o Aborto Elétrico tocando no Food’s. Nesse show na calçada da lanchonete, viu quando a palheta de Renato caiu no chão, então foi lá e devolveu para o cantor, que a colocou direto na boca.

Ao saber da novidade, Dinho Ouro Preto, o outro morador do apartamento da 213 Sul, tem sua segunda grande decepção. A primeira

tinha sido há alguns meses, quando Bonfá mostrara o nome “Legião Urbana” na parede do bar Papos e Panquecas e revelara:

— É o nome da nova banda do Renato. Eu tô tocando com ele.

Na ocasião, Dinho tentou disfarçar a perplexidade. Gostava de Bonfá, mas ele não ia aos filmes, às exposições, não participava das discussões, não debatia os grandes temas da atualidade. Por que Renato o escolhera? Aquela pergunta ficou meses na cabeça de Dinho. E, antes que ele pudesse encontrar a resposta, eis que surge outra incômoda indagação. Por que, para o lugar de seu irmão, ele tinha convidado alguém que não sabia tocar? Se era assim, por que não ele? Por que Renato não o escolheu? De novo, a frustração. Dinho Ouro Preto não se conforma. Decide que não dá para continuar apenas criando fanzines com o intuito de refletir sobre o papel da polícia (“No Brasil, polícia e povo são duas coisas à parte”), a situação do regime militar (“A ditadura ainda está aí, firme e forte”) e a importância dos movimentos de protesto (“Não que seja algo que pré-estipule todos os passos, mas uma espécie de identificação das contestações em comum”). Dinho quer entrar em uma banda.

Enquanto isso, Dado começa a ensaiar no quarto de Renato, que avisa:

— A gente tem um mês para montar um show.

— Ok, vamos nessa.

Ensaíam todas as tardes. Fazem músicas a toque de caixa. A primeira a ser finalizada é “Ainda é cedo”, que Ico tinha iniciado e Dado conclui. Renato escreve compulsivamente um punhado de novas letras. Consulta cadernos de anotações, recupera frases antigas, cria outras tantas: “Não vá embora/ Fique um pouco mais/ Ninguém sabe fazer/ O que você me faz” (“Teorema”); “Nós somos tão modernos/ Só não somos sinceros/ Nos escondemos mais e mais/ É só questão de idade/ Passando dessa fase/ Tanto fez e tanto faz” (“A dança”); “Sou brasileiro errado/ Andando em separado/ Contando os vencidos/ De todos os lados” (“Petróleo do futuro”); “E a rotina crescia como planta/ E engolia a metade do caminho/ E a mudança levou tempo por ser tão veloz/ Enquanto estávamos a salvo” (“Perdidos no espaço”).

Renato gosta do resultado, gosta da companhia de Dado e Bonfá. Sobre o baterista, comenta com Leo Coimbra que ele é “suave, doce”. Também se orgulha da formação intelectual do guitarrista, fluente em francês: “Ele lê Baudelaire no original”. Os três se concentram nos ensaios. Quase não têm tempo de fazer outros programas, como conferir, na Cultura Inglesa, um dos

dramas mais recentes do sueco Ingmar Bergman, que disse ter feito “um filme de horror” sobre a ascensão do nazismo: *O ovo da serpente*.

Sucesso nacional com mais de 800 mil cópias vendidas do último disco, Rita Lee e Roberto de Carvalho não cabem mais nos ginásios. Retornam a Brasília após nove anos de exílio, provocado por “forças ocultas”, segundo a cantora. Em 1983, chegam à capital federal com equipe de quarenta profissionais para um show no Estádio Peleção. Prometem repartir alegria e amor. Diante de 30 mil pessoas, começam com o hit “Saúde”, e Rita cumprimenta a cidade:

— Que saudade! Viva Brasília! Feliz aniversário!

É sábado, 16 de abril. O clima de celebração roqueira no estádio de futebol batizado com o nome do maior jogador de futebol brasileiro, contudo, logo se anuvia. Um fã consegue subir no palco e é retirado com violência pelos seguranças, que continuam a agressão mesmo distante dos holofotes. O público pressiona o alambrado que protege o palco e consegue derrubá-lo. As pessoas começam a investir contra os seguranças, que revidam. Rita Lee pede calma, mas a situação está fora de controle. A polícia, até então do lado de fora do estádio, é acionada e consegue afastar as pessoas. Rita vê fãs apanhando, manda os policiais se afastarem, mas o comandante do destacamento se nega a retirar seus homens. O show é retomado com “Esse tal de Roque Enrow”, mas logo os músicos têm que parar novamente – danificadas na confusão, algumas caixas de som perdem potência. Pifam. Mesmo assim, a cantora prossegue. “Atlântida”, “Doce vampiro”, “Ovelha negra”, “Mania de você” – esta tem a letra alterada para “A gente faz amor em cima da pia, no mar, no céu, na lua, na delegacia”. Ela tenta fazer piada com a situação, conversa para arrefecer os ânimos. O público, aos gritos, exige que Rita continue a cantar. Então, mais uma invasão de palco, que a polícia não consegue conter. Um fã voa em direção à cantora e tenta beijá-la à força. O segurança o detém. Depois de uma sequência de músicas dançantes, Rita Lee faz um discurso antes de anunciar a próxima canção, “Vote em mim”.

Como em Brasília gravam tudo, vou falar aqui em público. Finalmente, depois de nove anos exilada da cidade, venho propor minha candidatura. Sou candidata a levar alegria ao povo, que já está de saco cheio de política. Para a censura, eu digo: não atrase a vida dos artistas. Manera

Fru Fru. É proibido proibir. Vamos acabar com essa maxiesculhambação. Vote em mim, não vote no Delfim.

Com habilidade, Rita Lee leva o show até o final: “Chega mais”, “Banho de espuma”, “Lança perfume”. Sai do palco sob aplausos. O pior passou perto.

Histórias sobre o show no Pelezão se multiplicam, correm a cidade. Levam o *Jornal de Brasília* a entrevistar a cantora. Afinal, o que Rita achara de sua aventura na capital? Teria ficado traumatizada com o comportamento do público? À repórter Elisabeth Cardoso, garante que não: “Na minha opinião, a extravasão do público foi uma reação de amor, foi tudo de acordo com a cidade, lindo e mágico”.

Rita Lee atribui o início dos conflitos a erros de posicionamento dos policiais e dos seguranças: “Isso gerou o explode-coração da moçada”. E critica novamente a atuação da força oficial: “A polícia entrou numa hora em que não deveria entrar. A gente terminou com muitos instrumentos quebrados por falta de um policiamento correto, que agisse sem violência e na hora certa. Não posso deixar de lamentar, mesmo que com essa afirmação me arrisque a enfrentar mais uma ameaça de exílio dos palcos de Brasília”.

— *Uh-duh!*

Renato improvisa enquanto Dado luta para trocar duas cordas da guitarra. Bonfá dispara na bateria, o baixo pulsa e o vocalista pede para o público gritar, “com raiva e amor singelo, o canto tribal retardado” que serve de quebra-galho:

— *Uh-duh!*

O problema, enfim, é solucionado. Renato agradece (“Valeu, vocês são joia!”), e lembra o episódio da detenção em Patos de Minas antes de anunciar a música que teria provocado a prisão no festival Rock no Parque:

— Agora a gente vai tocar uma música sobre a cidade.

Sob a batida marcial e com intervenção esparsa da guitarra, Renato canta:

Os PMs armados e as tropas de choque vomitam música urbana

[...]

Não há mentiras nem verdades aqui só há música urbana

Manda todo mundo repetir:

Música urbana! Música urbana! Música urbana!

Avisa:

— Eu não vou parar enquanto vocês não estiverem todos cantando!

Provoca o público:

— Vocês têm medo? Vocês não fazem coisas perigosas? Vocês têm medo de cantar? Alguém aqui vê *Jornal Nacional*? Alguém aqui sabe qual é o preço do leite? Vocês têm medo? Eu não vou parar até vocês cantarem juntos. Não vou!

E se esgoela:

— *Música urbana! Música urbana!*

Finalmente, consegue o retorno da audiência. Mas ainda fica insatisfeito com os aplausos:

— Bater palma é fácil, eu quero ver todo mundo cantando junto.

“Música Urbana 2” é tocada no início da apresentação da Legião Urbana na Temporada de Rock Brasiliense. A série de shows, em dois fins de semana consecutivos no teatro da Associação Brasileira de Odontologia (ABO), contou ainda com três grupos. Plebe Rude, XXX (banda de Gerusa Ribeiro, ex-Blitx 64, e de Bernardo Mueller, ex-Vigaristas de Istambul, irmão de André) e a nova banda de Fê e Flávio Lemos, o Capital Inicial, que conta ainda com Loro Jones (guitarra) e Heloísa (vocal). O antigo baterista do Aborto, contudo, sofrera um acidente de motocicleta e não pôde tocar. Frustrado, vai aos shows de cadeira de rodas. Fê é substituído por Boca, músico habituado com o jazz, pouco familiarizado com o tipo de sonoridade que a banda pretende. A insegurança da vocalista e o desencontro da bateria com os outros instrumentos esfriam o público.

Companheiros de ensaios da Plebe e Legião no Brasília Rádio Center, o XXX apresenta músicas como “Eu não aguento mais” (“Eu já não aguento mais/ Esta monotonia/ O tédio está tomando conta/ Como uma epidemia/ Nada de interessante acontece comigo/ Nenhuma aventura, nenhum perigo”), “Vêm aí os skinheads” (“Eles são carecas e usam umas botas que são tão pesadas que até derrubam portas”) e “009” (“Minha língua é coboloide/ Meu aspecto é humanoide/ Não sei como é que pode/ Mas me sinto um mongoloide/ Meu nome é 009/ Meus únicos amigos são os computadores/ As calculadoras são os meus únicos amores”).

O público, porém, parece reagir com maior intensidade à performance da Plebe Rude. Músicas como “Moda” (“Eu sempre tento seguir a moda/ Mas a moda corre mais do que eu/ A moda era não fazer moda/ Ou será que você esqueceu?/ Todo mundo fazendo sua roupa/ Sem haver preferência/ Todo mundo fazendo sua roupa/ Levando o Clodovil à falência”), “Em casa ele é um ditador” (“Toque de recolher à noite/ AI-5 na sala de jantar/ Lei marcial para sua mulher/ É fascismo familiar”), “48 horas” (“Tantos lugares para ir/ Mas só dois dias que posso sair/ Quarenta e oito horas não chegam”), “Sexo e karatê” e “A dança do semáforo” correspondem à expectativa. Afiada pelos constantes ensaios e pela forte presença de palco que inclui duas *backing vocals* (as plebetes), a Plebe arrebatou a plateia.

Alguns integrantes da turma, porém, destacam as novas músicas da Legião. Um deles comenta:

— O Renato é fantástico, não? Como ele trabalha bem os contrastes! “Já estou cheio de me sentir vazio, meu corpo é quente, estou sentindo frio...”

Philippe Seabra, de imediato, retruca:

— Pô, a Plebe também é boa pra cacete!

Mais importante do que o desempenho comparativo das bandas é a própria realização do evento. Cenário, figurino, pôsteres, camisetas, bar, exposição de fotos, fanzines, material de divulgação, tudo tinha ficado por conta de algum integrante da turma – ou de alguém conhecido de algum deles. Dinho, por exemplo, cuidou da iluminação; Maria Coeli, a professora do CEUB que se tornou amiga de Renato, fez os slides da Legião. Fê Lemos produziu todas as outras fotos. A impressão dos cartazes foi bancada pela Ellus, patrocínio obtido por intermédio de Zé Renato Martins, que trabalhava na loja de roupas do Conjunto Nacional.

Renato colabora com a produção dos textos de divulgação. Faz questão de situar tempo e local do início de tudo: 1977, Colina, UnB. E nomeia o inimigo que deveria ser combatido naquela época. “Aparece então o que viria acabar com a pouca identidade que a cidade tinha: a música discoteca. Brasília deixa de ser Brasília e passa a ser o Rio de Janeiro, como o Brasil inteiro. Para quem gostava de rock, esse foi o fim.”

Lembra que, em Brasília, “é bem mais fácil controlar a juventude oferecendo a válvula de escape ideal, e não uma música que faça todos pensarem e questionarem as hipocrisias construtivas de uma sociedade falsa, à beira da autodestruição atômica. Música discoteca não fala desse

feito”. Cita sucessos radiofônicos de Roberto Carlos e Simone para ironizar o descompasso dos ídolos populares com anseios e ruídos de uma nova geração: “A MPB parece estar mais preocupada com a cama e a mesa e com a sensação das cordilheiras. E o pessoal que gosta de fazer letras espertas não gosta de fazer rock no Brasil. O que fazer? Será que todos estão satisfeitos?”. Ele mesmo arrisca a resposta:

Rock é atitude, não é moda. É música da África, não é música africana. Tem no mundo inteiro. Por que não falar o que pensa, sem gramática correta, sem preocupações políticas, pelo menos enquanto você ainda tem tempo e energia?

No texto, Renato também apresenta as quatro atrações da temporada: Capital Inicial, “influenciados por uma multidão de fontes, de Talking Heads a The Cure, e alguns grupos obscuros que estão dando novo impulso à música funk”; Plebe Rude, “a música é rock, sem cabelos voando, sem gelo seco, sem clichês, música para dançar com os pés e com a cabeça”; XXX, “música rápida, elétrica, energética e dançante”; e Legião, “fãs dos Paralamas do Sucesso, Kid Abelha e os Abóbora Selvagens, de todas as bandas de rock de Brasília, de Pistols, Public Image, além dos Ramones e de mais 77 outras bandas”.

Renato aproveita parte desse texto no artigo “Roqueiros colonizados, mas atentos, conscientes”, publicado no dia 22 de abril no *Jornal de Brasília*. Após uma longa introdução, “que se faz necessária para que se possa ter uma visão ainda que incompleta dos motivos pelos quais não tocamos samba, frevo, choro ou rumba”, ele sentencia:

Não é por falta de instrumentos, inspiração ou mesmo vontade de produzir música brasileira, mas apenas uma questão de falta de informação, só isso. Ou melhor, toda a informação que nos foi dirigida nos levou a assimilar um outro estilo, que consideramos tão nosso quanto um sambista carioca considera o seu samba [...].

Ele ressalta o fato de que a sua geração foi bombardeada, desde pequena, pelos meios de comunicação de massa com novidades e estilos que não os do próprio país. Foram ensinados a consumir o que vinha de fora: “Se hoje somos o que somos não é culpa nossa”.

Ainda no artigo, Renato lembra que “tudo é questão de opção” e que, “após dezoito anos de cultura alienígena”, os mais velhos tentaram dizer que o Brasil existe. “Tinha índio, Chico Buarque, maxixe, Geraldo Vandré, *Casa-grande & Senzala* – isso sem falar no povo brasileiro e toda a política de suor, fome, carnaval e mordomias.” Critica os intelectuais que, na mesa do bar, jogam na cara toda a complexidade e beleza da cultura nacional: “Isto é uma insegurança de uma geração mais velha, frustrada, porque não teve permissão para abrir a boca. Nós já estamos aqui no Brasil e ninguém precisa ficar esfregando na nossa cara que precisamos amar nosso país. Estamos atentos, muito atentos”.

Como prova da atenção, Renato destaca que eles adoram o grupo Liga Tripa e rememora o objetivo inicial:

Fazer com que todos se tocassem de tudo, da situação geral, não aceitar de cara as ordens, as ideias e os esquemas. Fizemos isto de coração, e com o coração falamos de nossa cidade, do mundo jovem e de nossas emoções. A tudo isto somamos o nosso ritmo, para todos dançarem e se sentirem bem. Só queremos nos divertir e alegrar quem está nos ouvindo.

O esforço e esmero da turma na produção e divulgação têm efeito. Eles conseguem emplacar grandes reportagens nos jornais locais – só ocupam menos espaço do que a programação do Congresso Internacional de Ufologia. No *Correio Braziliense*, sob o título “Os punks também estão chegando”, Irlam Rocha Lima destaca o fato de Renato ser uma espécie de mentor espiritual dos rapazes, atribuindo à banda mais semelhanças com o Clash que com os Rolling Stones. Na entrevista, Renato ressalta: “Fomos ensinados a consumir o que vem de fora, e se hoje somos o que somos não é culpa nossa. Toda a nossa geração aprendeu a gostar de Beatles, Stones, filmes americanos e coca-cola. Além disso, quando a gente começou a curtir música brasileira, Caetano Veloso estava e Livros em Londres e Gal Costa cantava em inglês”.

O teatro da ABO enche quase todos os dias. A plateia, tão ou mais produzida do que os roqueiros. Muitos buscaram os figurinos no Mercado das Pulgas, brechó frequentado por um público eclético: do ex-ministro Golbery do Couto e Silva, sempre à procura de livros raros, até roqueiros atraídos pelas dezenas de bótons de Durepoxi com nomes de bandas que

ficavam pregados em uma camiseta branca estendida do lado de fora da loja – espécie de estandarte punk.

Mas algo ainda incomoda Renato durante os shows da Legião: a apatia da plateia. O vocalista lembra o público dos percalços para garantir a realização do evento:

— Vocês não sabem o sacrifício que foi arrumar a luz, o som, o Ecad, censura, ordem dos músicos, sindicato... E ninguém abre a boca!

Avisa que vai cantar “Teorema”, uma música que permitirá a plateia ficar sentada, balançando a cabeça, “que nem as velhinhas do Silvio Santos”. Na sequência, anuncia uma música de amor “muito profunda, que exige respeito e reverbe [efeito de eco] na mesa”. O baixo, mais grave do que nunca e afinado com a bateria em andamento seco e cortante, conduz a melodia e ele começa:

*Uma menina me ensinou quase tudo que eu sei
Era quase escravidão, mas ela me tratava como um rei*

Enfim, satisfeito com a receptividade, agradece:

— Vocês são joia.

“Ainda é cedo”, a tal “música de amor muito profunda e que exige respeito”, já tinha sido apresentada em primeira mão para um antigo morador da Asa Sul que retornara a Brasília. Hermano Vianna, irmão de Herbert, agora guitarrista e vocalista dos Paralamas, estava reunindo informações para escrever uma reportagem sobre a cena local, encomendada pela revista carioca *Pipoca Moderna*. Ligado ao núcleo criador da publicação, que incluía a jornalista Ana Maria Bahiana, Hermano vivia comentando o fato de o punk ter criado raízes “na terra da burocracia e das utopias”.

Em festa na embaixada de um país árabe, no Lago Sul, Hermano encontra-se com todos, menos Renato. Um dos integrantes da turma avisa, em tom misterioso:

— Olha, o Renato é um cara muito difícil, não sei se ele vai aparecer.

Mas o cara difícil aparece na festa, mais tarde, e deixa claro para Hermano o motivo da aparição:

— Não saio mais de casa, só vim porque sabia que você estaria aqui.

Começam a conversar. Reencontram-se no dia seguinte, quando as quatro bandas da cena – Legião, XXX, Capital e Plebe – fazem um show

para o jornalista na casa dos Lemos, no Lago Norte. No batismo de fogo, Renato avisa para Dado, que nem sequer tinha ensaiado “Ainda é cedo”:

— Faz uns barulhinhos aí.

Dado obedece e toca nos harmônicos da guitarra. No fim, Renato entrega a letra a Hermano, com um aviso:

— Essa música ainda não tem nome.

Mas o convidado já conhecia boa parte do repertório das bandas a partir de fitas levadas por Pedro Ribeiro, irmão de Bi, o baixista da banda de seu irmão. O enviado da *Pipoca Moderna* detém o olhar nos integrantes das bandas e nos amigos que assistem aos shows. Eles se vestem com estilo, de forma parecida. Hermano percebe o que não é possível enxergar nos cassetes. Ali, diante dos seus olhos, há uma turma. Existe uma cena. Nota também que, apesar de algumas afinidades com o Talking Heads, o seu gosto musical particular era bem mais diversificado do que o daquele pessoal. Eles tinham se fechado no rock britânico e norte-americano do pós-punk. Alguns só conversavam entre si em inglês e achavam isso o máximo – Hermano achava aquilo meio bobo.

No domingo, o irmão de Herbert acompanha um ensaio da Legião no Brasília Rádio Center e faz uma longa entrevista com o vocalista. Renato, com convicção, traça os próximos passos da carreira. Mostra como serão as capas dos discos da sua banda, até os desenhos dos encartes. Repassa também um organograma que tinha preparado com a história do rock brasiliense.

O texto de Hermano Vianna, com o título “Ai de ti, Brasília”, é publicado em um número da revista que traz o Kiss na capa. Começa com uma curiosidade: “Quem diria! Os primeiros punks brasileiros nasceram em Brasília, à sombra do poder, e eram quase todos filhos de figuras importantes do governo federal”. Avisa aos punks paulistas e cariocas que eles podem ficar com raiva, “mas não posso fazer nada se desde 1977 alguns brasilienses adotaram ideias, roupas e comportamentos punks”. Ao questionar os moradores da capital quem tinha a verdade do punk, ouviu a resposta: “Punk não é uniforme, cara, é revolta. E revolta não é privilégio do proletariado paulista ou do subúrbio carioca. Punk é uma revolta sem planos de guerra detalhados, sem líderes estrategistas”.

No artigo, Hermano conclui: “Não é por um acaso que os brasilienses, anatem o que eu estou dizendo, fazem o rock mais ousado deste país”. O jornalista também repassa de forma crítica as polêmicas envolvendo a nova

capital desde a sua criação: “Odiada por alguns, um sonho frustrado para outros, sua arquitetura continua a ser o símbolo máximo da ânsia modernista da alma brasileira (desde quando o Brasil tem alma?). Somos modernos e está acabado: vejam a capital que construímos”.

Lembra que a característica principal da população brasiliense é a transitoriedade. “Poucas são as pessoas que vão morar lá para sempre [...]. Nada, exceto a mesquinha da grande política nacional, tem continuidade em Brasília.” Mas, adverte, a situação começa a mudar. Destaca o surgimento de um sotaque próprio, “mistura incrível de entonações paulistas, cariocas, goianas, gírias de todos os lugares do país”, e a atividade de um grupo de artistas que produz filmes, poesia, música e teatro sobre a cidade. Ao identificar um número surpreendente de grupos de rock já formados, sentencia: “Curiosa e sorrateiramente, Brasília adquire o título de capital brasileira do rock ‘n’ roll”.

O artigo também apresenta a história do Aborto Elétrico, citando a letra de “Geração coca-cola”, e enumera os grupos de rock mais interessantes da cidade: Capital Inicial, Legião Urbana, XXX e Plebe Rude. Sobre o líder da Legião, Hermano atesta:

Renato, dono de uma voz poderosa, é o primeiro grande cantor do rock nacional. Também letrista de grande originalidade, seus temas e imagens são uma reação direta às metáforas estúpidas que dominaram a nossa música popular em todo o decorrer dos anos 1970.

No final, o jornalista lembra que o rock nacional atravessa um momento de grande excitação. “Mas escutar o tão propagandeado som destes novos grupos é, com raríssimas e honrosas exceções, uma grande decepção. A música é velha, sem pique, uma sucessão interminável dos mais mamados clichês, dos mais repetidos chavões”, critica, qualificando como um “alívio no meio de um clima estéril” o surgimento das bandas brasilienses.

“Brasília, famosa pelo tédio que acompanha seu cotidiano e pelas maquinações engenhosas do totalitarismo versão tupiniquim, produz uma música surpreendente. Guerrilha sonora no Planalto Central? Nada disso, Brasília ainda é o cenário ideal para a ficção científica”, garante Hermano, antes de concluir com uma frase de efeito: “O cerrado contra-ataca”.

A repercussão da Temporada de Rock Brasiliense, a reportagem de Hermano Vianna e a contratação dos Paralamas pela EMI-Odeon avivam o interesse pelo rock produzido na capital. Em julho de 1983, Legião Urbana e Capital Inicial tocam no Circo Voador, abrindo para Lobão e Os Racionais. Antes do show, porém, há muito trabalho (e diversão) pela frente. Juntam-se à turma dos Paralamas e conhecem o baterista, João Barone. Saem para beber em um pub da zona sul carioca. Ao sair do Cochrane, após infindáveis rodadas de cerveja e uísque, um grande susto. Na rua das Palmeiras, fumam um baseado quando, de bobeira, resolvem sair correndo. Esbarram em uma dupla de policiais que, por sorte, demonstra estar tão alcoolizada quanto eles, liberando-os sem maiores problemas.

Percorrem os jornais para divulgar a apresentação. Na redação de *O Globo*, Renato encontra uma das jornalistas que mais admira, Ana Maria Bahiana, e devora as impressões da repórter sobre a turnê *Serious moonlight*, de David Bowie, que ela acabara de assistir. No *Jornal do Brasil*, é entrevistado por Jamari França, que considera Renato “o rei do rock ‘n’ roll”. Na reportagem de Jamari, Renato repassa fatos marcantes na sua trajetória – Rockonha, Aborto Elétrico – e afirma que a Legião enfrenta um desafio: a busca de uma linguagem e um estilo que aproximem o experimental do pop sem cair no pasteurizado ou em soluções fáceis.

Para o Capital Inicial, o desafio é outro. Dinho Ouro Preto faz seu segundo show como vocalista da banda (o primeiro tinha sido um mês antes, na Concha Acústica da UnB). No repertório, canções novas misturadas com outras dos tempos do Aborto Elétrico. Entre elas, “Música urbana”, criada na última passagem de Pretorius por Brasília e resgatada sob insistência do novo vocalista, que a escutou no ensaio. Contudo, Dinho achou que a letra estava incompleta, precisava de uma segunda parte. De um orelhão no Conjunto Nacional, liga para Renato e faz a encomenda. Fica perplexo quando ouve os versos ditados de bate-pronto:

*Tudo errado, mas tudo bem
Tudo quase sempre como eu sempre quis
Sai da minha frente que agora eu quero ver
Não me importam os seus atos
Eu não sou mais um desesperado
Se eu ando por ruas quase escuras
As ruas passam*

Mais uma música para o repertório do Capital. Dinho e Fê também começam a compor juntos. Um dos primeiros resultados da parceria é “Muito à toa”: “Quanta coisa mudou que diferença de clima/ Cadê o prazer de estar com tudo em cima”. Assim, com novas e velhas armas a tiracolo, as bandas de Brasília começam a descer do Planalto Central. Desembarcam nas duas maiores cidades brasileiras. Encontram aliados.

Fernanda Pacheco trabalha como programadora de shows do Napalm, casa noturna moderninha no centro de São Paulo, na rua Marquês de Itu, próximo ao Minhocão. Lá os punks trabalham, mas não podem tocar para não afugentar a clientela *new wave*. A programação alterna exibição de videocliques na TV e shows ao vivo de bandas locais. Um dia, Fernanda recebe a visita de André Villar, primo de Fê e Flávio Lemos.

— Eu queria entregar uma fita do pessoal de Brasília, para ver se dá para eles tocarem aqui.

Ela acha o rapaz meio maluquinho, mas recebe o cassete com seis músicas, duas de cada banda: Legião, Plebe e Capital. Gosta mais da primeira, apesar de ser a gravação mais precária. Liga para o número anotado no *release* recebido. Renato atende, e agendam dois shows. Depois, em outro telefonema, Renato estica a conversa e descobre afinidades musicais com a produtora paulistana.

— Você gosta de Young Marble Giants? Achei que só eu conhecia e gostava...

Passam horas no telefone até Renato confessar que eles tinham pensado em dar um golpe no Napalm. Como Maria Juçá, do Circo Voador, havia convidado a banda para tocar no mesmo fim de semana no Rio de Janeiro, planejaram pegar o dinheiro da primeira apresentação e, ainda de madrugada, se mandar para a capital carioca.

— Mas aí eu fiquei com pena, achei que seria sacanagem com você.

Quando os brasilienses chegam para passar o som, caem de paraquedas em uma briga do dono da casa, Ricardo Lobo, com as bandas locais. Os grupos paulistanos – Mercenárias, Titãs, Ultraje a Rigor, Rapazes de Vida Fácil, Azul 29 e Voluntários da Pátria – querem que o Napalm pague para filmar e exibir os shows. O problema vira um impasse e, em solidariedade aos colegas de guitarra, a Legião também não permite a filmagem.

Os brasilienses tentam se enturmar, mas não seria tão fácil: ali estavam punks de verdade. Vestido com camisa social pichada com o nome do

Capital Inicial, Dado Villa-Lobos vai até um boteco próximo ao Napalm. Ao vê-lo entrar, uns vinte caras se viram e o encaram sem muito jeito de novos amigos. Dado se aproxima de um deles e quebra o gelo, entregando convites para o show. O que recebe o convite trabalha na bilheteria da casa. Seu nome é Clemente, e ele também tem uma banda, Os Inocentes.

Outros punks aparecem para conferir o primeiro show da Legião em São Paulo. Não há mais do que cinquenta pessoas no Napalm. Renato vai até o microfone e anuncia:

— Boa noite, nós somos a Legião Urbana, de Brasília!

Os punks, desconfiados, ficam de costas para o palco. Entre uma música e outra, exigem:

— Filho de general! Toca mais forte, filho de general!

Filhos de bancários e diplomatas, os roqueiros brasilienses se surpreendem com os gritos. Um dos punks é Redson Pozzi, vocalista do Cólera. Assiste apenas a uma parte do show:

— Tá muito calor, vou ficar do lado de fora.

Antes de sair, porém, Redson nota que, para o pessoal de Brasília, o punk está muito mais ligado à atitude do que à sonoridade. Repara também no contraste do timbre rascante e simples do trio com a voz de barítono de um cantor que, ainda por cima, carrega de dramaticidade a própria performance. Um Cauby Peixoto enfronhado no meio de ruídos e coturnos.

O show chega ao fim sem surpresas, a não ser o início do romance entre Dado e Fernanda. A Legião ganha outro forte motivo para voltar para São Paulo, o que acaba acontecendo. Retornam para tocar na danceteria Rose Bombom, na Oscar Freire, endereço chique dos Jardins. Renato bebe muito antes de subir ao palco e se apresenta em estado lastimável. Dado fica surpreso, pois nunca tinha visto o vocalista beber daquele jeito antes de tocar. Aos poucos, a Legião vai conhecendo os integrantes do cenário roqueiro paulistano: Edgard Scandurra, Guilherme Isnard, Nasi Valadão, Celso Pucci, Alex Antunes, Marcelo Rubens Paiva. Escritores, produtores, músicos, jornalistas, músicos-jornalistas. Os músicos brasilienses dormem no apartamento de um, descolam pratos de bateria emprestados de outro. São acolhidos. Mas se intimidam com o ritmo frenético da cidade e com o modo de vida daquela turma. Os paulistanos moram sozinhos, bebem sem ninguém para regular, pagam as próprias contas, experimentam drogas pesadas, fazem sexo sem disfarces. Os brasilienses se sentem como irmãos

mais novos daquele bando de jovens adultos. Adolescentes recém-chegados à metrópole.

Depois de reunir 15 mil pessoas em Brasília para assistir ao show *Extra*, no Ginásio de Esportes, Gilberto Gil conta como nasceu o seu mais novo sucesso, “Punk da periferia”.

Os punks podem ser vistos como uma certa saliência no terreno social, protuberância na planície. Minha música é sobre o próprio exibicionismo contido na atitude punk [...]. Aquela coisa dos rebeldes sem causa, típico dos grandes centros urbanos, os filhos da poluição: por que é que essa gente se mostra tanto?

O termo “punk”, que aparece na obra de Shakespeare e na boca de James Dean em *Juventude transviada*, escapa da esfera musical. Ganha as ruas, vira gíria, sinônimo de clima pesado, de radicalismo na atitude. A montagem local de *Você tem uma caneta azul prá prova?*, peça de Fernando Villar que promete mostrar “a educação/repressão vista pelos filhos de 64”, é elogiada pela crítica não só por revelar “uma fotografia da cabeça da juventude” mas por trazer à tona a “estética punk do planalto”. A estética também chega às passarelas: o Mercado das Pulgas promove no Centro de Convenções um desfile de roupas e acessórios que vai de Chaplin a Sid Vicious, entremeado por performances de bandas locais. E também está nas livrarias, graças ao livro *O que é punk*, de Antônio Bivar, pela coleção *Primeiros Passos*, da editora Brasiliense. No livrinho, Clemente, dos Inocentes, horroriza os fãs da MPB ao traçar os objetivos do movimento punk brasileiro.

Nós estamos aqui para revolucionar a música popular brasileira. Vamos pintar de negro a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer.

Cinco anos depois do surgimento do Aborto Elétrico, a versão candanga do fenômeno intriga também os jornalistas. Na reportagem “Punks da capital: Movimento que começou no Lago só agride com música”, a repórter Maria do Rosário Caetano vai atrás de Renato para tentar compreender a ramificação brasiliense do fenômeno. “Se Antônio Bivar é o

teórico do punk paulista, Renatinho é o teórico do punk brasiliense”, compara. Encontra o vocalista da Legião no Setor de Rádio e Televisão Sul. “Aos 23 anos, ele se divide entre a atividade de agitador cultural, músico, jornalista e locutor de rádio FM, onde gasta seu inglês impecável”, observa em tom didático. Renato afirma que o punk apareceu no Brasil por falta de opções de músicas para jovens. A repórter o interpela: “Você não está simplificando as alternativas musicais do país?”. “Não. O lance, antes da abertura política, era o jovem escolher a sua lavagem cerebral: a MPB ou a *discotheque*”, responde.

Renato lembra os discos censurados – cita *Milagre dos peixes*, de Milton Nascimento – e a necessidade de Chico Buarque driblar as proibições camuflando mensagens, como em “Apesar de você”. “Nós, jovens, gostamos de ação, muita energia. O samba tem sua energia, mas fica restrito ao carnaval. E a MPB virou um tédio. Só o rock passou a nos interessar.”

Quando questionado sobre a suposta agressividade de integrantes do movimento, Renato fala da própria turma, levando em conta a disposição geográfica do Plano Piloto e das cidades do Distrito Federal:

Somos o núcleo do movimento. Em torno de nós gravita a turma, nossos amigos mais próximos, que vai às nossas festas, dá força na organização dos shows. E há algum tempo vem surgindo o que chamamos satélites, e agora, a chegada da periferia, que é uma moçada que gravita em torno dos satélites. É nesta parte do movimento punk que estão se verificando atos de violência [...]. Eles estão pegando dos punks só o valor da imagem. Se percebessem nossas propostas, saberiam que somos a tribo mais dócil do mundo.

A repórter, então, quer saber se essa é uma visão individual ou “se todos os punks também pensam assim”. A resposta do “teórico do punk brasiliense” é desconcertante: “Para dizer a verdade, não me considero punk. Quem gosta de rótulo é remédio. O que nós queremos é desmascarar todas as mentiras”.

A entrevista ocorre em um estúdio da rádio Planalto FM, local do novo trabalho de Renato como locutor. Tinha sido contratado por meio de teste. À procura de locutores com facilidade na pronúncia de nomes estrangeiros, a rádio colocou um anúncio nos classificados. Apareceram quase quinze

candidatos. Renato foi o terceiro a ser avaliado por uma comissão que incluía o diretor executivo da emissora, Ari Cunha Filho, e Geraldinho Vieira, diretor de jornalismo, que já conhecia o candidato do *Jornal da Feira*. Quando Renato começou a falar, Ari pediu para ele parar e avisou:

— É esse aí. Pode dispensar os outros.

A chave do sucesso para a contratação tinha sido a pronúncia de inglês, absolutamente perfeita. Além disso, Renato decide ignorar o roteiro e, em vez de anunciar “a próxima música”, opta por “a próxima canção”.

— “A próxima canção” é muito mais elegante do que “a próxima música”. Pode começar a trabalhar hoje?

Renato passa a apresentar, de segunda a sexta, ao meio-dia, o programa *Primeira Classe*, “para um merecido relax na hora do almoço, com todo o estilo e a classe dos maiores nomes do jazz”. Entre os selecionados, Dave Brubeck, George Benson, Alberta Hunter, Count Basie e Sarah Vaughan. Após a primeira semana de trabalho, Renato surpreende Ari Cunha Filho com uma proposta:

— Eu conheço muito sobre Beatles, queria gravar um programa para o senhor ouvir e, quem sabe, colocar no ar.

A proposta é aceita e, após escutar os cinco primeiros minutos, o diretor ordena:

— Vai ao ar já no próximo domingo.

Com apresentação e produção de Renato, o programa *With the Beatles* é veiculado às nove da manhã. Renato reforça as opções com itens raros do próprio acervo. O locutor roqueiro logo se enturma na rádio. Apesar de algumas manias, é querido por todos – inclusive pelos operadores, a quem orienta e ajuda, até financeiramente. Só perde a calma quando Ari, por conta do sucesso de “Punk da periferia”, de Gilberto Gil, resolve chamá-lo de punk.

— Seu Ari, eu não sou punk, não!

Por conta dos compromissos com shows da Legião em São Paulo e no Rio, Renato começa a se ausentar do trabalho com frequência cada vez maior. Até que, num sábado, após retornar de mais uma viagem, ele comunica ao diretor:

— Eu vim pedir demissão, porque nós fomos contratados pela EMI-Odeon.



G•E•R•A•Ç•Ã•O

CoCa - CoLa

QUANDO NASCEMOS FOMOS PROGRAMADOS A RECEBER
O QUE VOCÊS NOS EMPURRARAM COM OS ENLATADOS DOS
USA DE NOVE ÀS SEIS DESDE PEQUENOS NÓS COMEMOS
LIXO INDUSTRIAL COMERCIAL MAS AGORA CHEGOU A NOSSA
VEZ VAMOS CUSPIR DE VOLTA O LIXO EM CIMA DE VOCÊS.

SOMOS OS FILHOS DA REVOLUÇÃO SOMOS BURGUESES SEM
RELIGIÃO NÓS SOMOS O FUTURO DA NAÇÃO GERAÇÃO COCA-COLA

~~Depois~~ Depois de vinte anos na escola não é
difícil aprender todas as manhas do seu jogo
sujo. Não é assim que tem q. ser?

Vamos fazer nosso dever de casa

E aí então vocês vão ver

Suas crianças derrubando reis

Fazer comédia no cinema

com as suas leis.

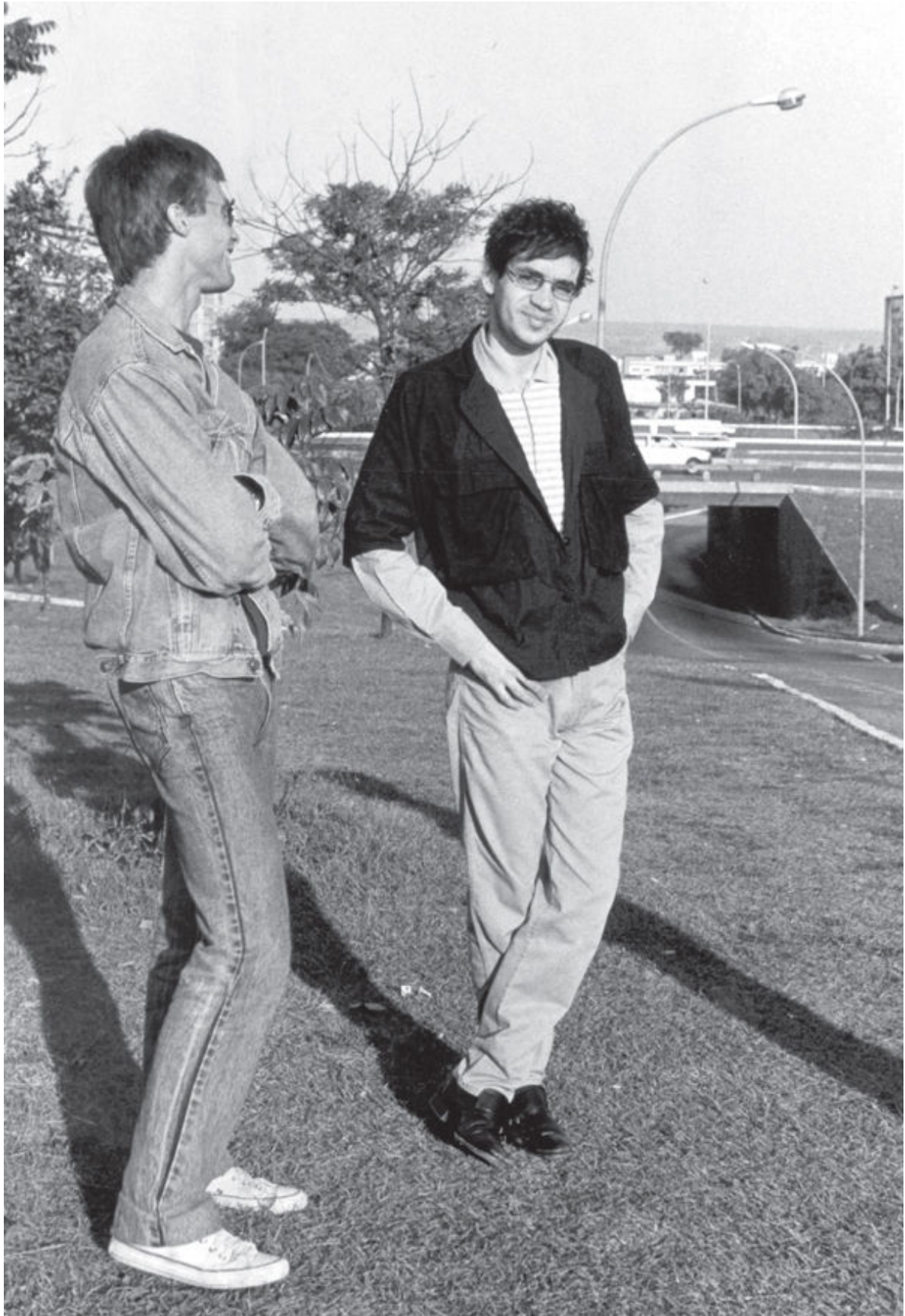
VRBANA LEGIO OMNIA VINCIT

- 1 - PATOS DE MINAS, Festival de Rock
- 2 - GUARÁ, Estádio do Cavé
- 3 - CICLOVIA, VII concerto do Lago Norte
- 4 - ASCB, Blitz
- 5 - Temporada de Rock, ~~sábado~~ sábado
- 6 - domingo
- 7 - sexta
- 8 - domingo
- 9 - QL 8 Sul, party
- 10 - III Festival de Windsurf, Lago Formosa.
- 11 - Expoarte VIII Teatro Galpão (UnB).



Plans:

Line Centro S. Francisco (June)
Rio de Janeiro. (July)



***de dia
corro com meus medos
à noite
passeio com meus sonhos***

NICOLAS BEHR

— Junior, telefone pra você!

Carminha chama o filho, que pega o telefone. Ligação do Rio de Janeiro. Do outro lado da linha, o diretor-artístico da EMI, Jorge Davidson. Ele ouvira falar de Renato durante as gravações do primeiro disco dos Paralamas do Sucesso. Quando o trio tocou “Química”, Davidson perguntou a Herbert:

— Essa música é tua também?

— Não, essa música é de um amigo meu de Brasília. Ele é tudo o que eu gostaria de ser.

Herbert e Bi falam mais sobre Renato, Legião, Plebe e Capital, a cena brasiliense. Contam que “Ainda é cedo”, música que os Paralamas tinham começado a tocar nos shows, também era de Renato. Idem “Veraneio vascaína”. Incluem no disco “O que eu não disse”, nascida de harmonia criada por Herbert, desenvolvida por Barone, letra esboçada por Renato e formatada pelo guitarrista.

*Não importa o castigo
Preço dessa confissão
Se você não me esquecer
Eu me rendo ao perigo
Da tua doce invasão*

E o que mais acontecer

Bi Ribeiro, então, descola com Pedro uma fita com gravações caseiras de Renato cantando e tocando violão. Depois de escutar o cassete, Jorge Davidson liga para Brasília e convida Renato.

— Você não quer vir ao Rio?

Renato não demonstra surpresa com o convite. Comunica aos outros integrantes da banda e eles seguem para a capital carioca. Na sede da gravadora, em Botafogo, assinam um contrato padrão: um disco, com opcional de mais três. Antes, porém, gravariam três músicas com o produtor Marcelo Sussekind, guitarrista da banda de hard rock Herva Doce, e responsável pelo primeiro LP dos Paralamas. Eles ficam no Rio em hotel bancado pela gravadora. Algumas horas depois do *check-in*, Renato liga para Davidson. Quer saber se o achocolatado do frigobar do quarto também é por conta da empresa.

A EMI atravessa um momento de transição. Com a perda de nomes importantes da MPB, tem dificuldades para enfrentar a grande rival, Polygram. Tinha acertado na contratação da Blitz, mas precisa de mais nomes. Não dá para viver exclusivamente do Queen – a banda de Freddie Mercury representa 10% do faturamento mundial da companhia – nem de Gonzaguinha, o grande campeão de vendas do momento. Quando encontra o filho de Luiz Gonzaga no pátio da gravadora, Davidson mostra algumas letras de seus novos contratados. Ao ler os versos de “Geração coca-cola”, o autor de “Explode Coração” demarca a diferença de enfoque das duas gerações:

— É direto isso aqui, não? Não tem mensagens cifradas.

Para a EMI, lançar bandas de rock é um negócio incerto, mas potencialmente lucrativo: como a companhia possui estúdio e os artistas tocam os próprios instrumentos, não há gastos com a contratação de músicos. Renovação sem custos exorbitantes. A Legião grava uma nova demo. A produção é do carioca Rick Ferreira, guitarrista que tinha trabalhado com Raul Seixas, seu amigo de infância. Não funciona. Renato se queixa a Davidson:

— Pô, tio, a gente fala de uma sonoridade e ele não entende. Ele não conhece nem U2.

Rick Ferreira, autor do solo de canções marcantes de Raul como “Quando acabar o maluco sou eu”, também reclama:

— Os caras não sabem tocar!

Tensão, frustração, impasse. A banda entende que a EMI deseja suavizar a sonoridade do grupo, com uso acentuado de violões, em modelo padronizado pela indústria fonográfica dos Estados Unidos. Na opinião de Dado, eles querem menos Talking Heads, mais Bob Seger. Bonfá se irrita:

— Meu negócio é banda inglesa, não gosto do som americano! Esses produtores têm ideias demais e aqui não cabe ideia nenhuma!

Decidem voltar para Brasília. O clima só não azeda de vez porque eles conhecem Mayrton Bahia, gerente de elenco da gravadora. Atravessam a noite conversando. Com a experiência de quem tinha trabalhado com artistas tão diversos quanto Elis Regina, Djavan e 14 Bis, o tranquilo niteroiense mapeia o caminho das pedras e dá dicas de como sobreviver com integridade dentro de uma grande gravadora.^[37] Um pouco menos inseguros, os integrantes da Legião voltam à capital, à espera do chamado para a gravação do primeiro LP.

O tempo passa, o impasse continua. A vida segue. Dado planeja deixar o apartamento que divide com Dinho Ouro Preto na 213 Sul e ir morar com Fernanda Pacheco, recém-chegada de São Paulo, na Asa Norte. Renato, cada vez mais frustrado, chega para a namorada do guitarrista e pede para ela cobrar uma definição da gravadora:

— Você quer ser nossa empresária? Então você vai ligar agora para a EMI e vai esculachar com eles. Manda chamar o Mayrton Bahia e avisa que a gente não vai gravar do jeito que eles estão querendo, dá uma dura nele!

Em Brasília, aproveitam o hiato para ir até as cidades-satélites. Já tinham percorrido algumas delas, em companhia do violeiro Beirão e de outros artistas locais. Vão a Taguatinga e tocam duas vezes no mesmo mês no Teatro Rolla Pedra. Dado, em São Paulo com Fernanda, fica de fora de uma das datas. Bonfá e Renato seguram a apresentação até o fim – baixo, bateria, voz e teclado – e mostram ao público de Taguatinga, pela primeira vez, “Soldados”. O segundo show no Rolla Pedra ocorre três dias depois da maior frustração política da história recente do país: a rejeição de emenda constitucional que permitiria a todos os cidadãos brasileiros eleger o Presidente da República. Por uma diferença de 22 votos, após cinco meses de campanha popular, o Congresso Nacional desfez o sonho das Diretas Já.

O dia 25 de abril tinha sido um dos dias mais tensos da capital federal, novamente sob estado de emergência, como em outubro de 1983. O presidente João Baptista Figueiredo, ao decretar as medidas que

suspenderam por sessenta dias a liberdade de reunião e associação, alega: “Temos que preservar a ordem pública na área do Distrito Federal, ameaçada por perturbação”.

Na prática, o objetivo é esfriar o clima e impedir a pressão popular em cima dos parlamentares. “Uma coisa nós temos que meter na cabeça: o Poder Legislativo não pode ser constrangido”, afirma o porta-voz da presidência, Carlos Átila.

“Esta é uma medida que envergonha a nação. Usurpa o direito do povo de ir a Brasília, de se reunir pacificamente”, critica o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. As entradas do Distrito Federal ganham barricadas. Ônibus que chegam de outros estados são detidos e revistados. Philippe Seabra, que regressa de um trabalho escolar com outros alunos da Escola Americana, está em um deles. Militares armados entram no ônibus, procurando manifestantes. Intimidam os passageiros.

Enquanto isso, no Plano Piloto, estudantes incitam os colegas a deixar as salas de aula e aderir às manifestações. Gritam pelos corredores dos colégios.

— Vamos para a Esplanada! Hoje é o dia das Diretas! Vamos para a Esplanada!

Ao constatar o progressivo esvaziamento, alguns colégios liberam os alunos. No Objetivo, eles saem de seis em seis, sob vigilância policial. Nas ruas, o choque. Bombas de gás dispersam manifestantes na W3, atingem os secundaristas que saem do Elefante Branco e de outras escolas. Policiais avançam nos carros com adesivos pró-Diretas colados nos vidros. Os estudantes ocupam o gramado em frente ao Congresso e formam, com a aglomeração dos próprios corpos, a palavra “Diretas”, enquanto gritam: “Um, dois, três, quatro, cinco mil. Queremos eleger o presidente do Brasil!”. Dinho Ouro Preto e Dado Villa-Lobos estão entre eles. Chegam no meio da tarde e se juntam ao protesto.

A reação é imediata, e iniciada pessoalmente pelo general Newton Cruz, comandante militar do Planalto, oficial escalado pelo presidente Figueiredo para garantir a execução das medidas de emergência. Do gabinete no Ministério do Exército, Cruz escuta o barulho ensurdecido do buzinaço pró-Diretas. Vai à janela. Vê dezenas de carros, fitas amarelas na antena e bandeiras do Brasil nas janelas, em direção ao Congresso. Desce e ordena a um sargento que atravesse um ônibus no meio da pista, para impedir a passagem dos carros. Não há mais como avançar. O general, então, pega o

seu bastão de comando – assemelhado a um chicote – e golpeia os capôs dos veículos. Transtornado, olhos de ódio, não para de gritar:

— Vocês vieram me desmoralizar perante a minha tropa? Estou aqui! Estou aqui!

Carros chicoteados, os motoristas param de buzinar. O general manda, então, prender os manifestantes que usam camisetas amarelas. Ao ver a chegada de outra passeata, autoriza o uso de bombas de gás lacrimogêneo. Em meio à nuvem de gás, enxerga um grupo de estudantes de braços dados, que, mesmo com os olhos irritados, insistem em gritar:

— O povo unido jamais será vencido!

O general retruca e identifica os líderes da manifestação:

— Que povo unido que nada, vocês estão presos!

Manda os estudantes serem conduzidos até o QG do Exército. Mais tarde, ao cogitar um possível desgaste político do presidente Figueiredo por conta de seus atos, Newton Cruz manda soltar os jovens. Seis dos carros golpeados pelo general ficam abandonados em frente ao Ministério do Exército. Um jovem fura o cerco, sobe na cúpula do Senado e, lá no alto, agita a bandeira do Brasil. Dinho e Dado vão embora ao anoitecer, ainda a tempo de ver o Congresso Nacional cercado por soldados e tanques.

A noite chega. Com ela, a violência oficial. A tropa de choque da PM invade o Centro Educacional Ave Branca (CEAB), em Taguatinga, à procura dos estudantes que incitaram colegas a abandonar as aulas. Retiram os alunos à força. Quem resiste é jogado no chão. Toma chutes e golpes de cassetete. Mulheres passam mal e são levadas para o hospital. Uma das estudantes reconhece um dos policiais. É o seu irmão. Ele grita:

— Corre, porque senão você também apanha!

No Plano Piloto, patrulhinhas da PM ziguezagueiam pelos eixos e quadras. Mantêm a população sob vigilância durante a sessão no Congresso. Após o anúncio do resultado da votação da emenda Dante de Oliveira, o público que lota as galerias mergulha no silêncio. Ouve-se um grito: “A luta continua!”. Depois, novamente o silêncio. Brasília, a cidade que amanheceu vestida de amarelo, vai dormir de luto.

Toda crise gera uma oportunidade. Ao saber da indefinição quanto ao produtor do disco de estreia da Legião, o jornalista carioca José Emílio Rondeau se oferece para o trabalho. Sua experiência era quase nula, tinha coproduzido apenas o segundo disco dos punks baianos Camisa de Vênus.

Mas já conhecia a Legião por meio das fitas toscas de capinhas estilizadas recebidas pela mulher, Ana Maria Bahiana, e de um amigo jornalista, Tom Leão. Ficara especialmente impactado com as letras e com a voz. Conhecia o tipo de música que eles faziam e intuía onde eles queriam chegar, e tinha certeza que poderia ajudá-los a atingir o objetivo. A gravadora escala um engenheiro de som experiente, Amaro Moço. Mayrton Bahia, mesmo envolvido com o terceiro disco da Blitz, decide assumir a direção de produção. Banda e gravadora estão prontas para tentar outra vez. A Legião desembarca no Rio com um integrante a mais. Tem agora um baixista, cujo apelidos são Negrete e Billy. E o nome, Renato.

Filho de sargento, o carioca Renato Rocha tinha chegado a Brasília no primeiro dia de 1970, aos 10 anos. Na infância, pegava a bicicleta e saía de sua quadra, a 306 Norte, desbravando os ermos da cidade. Cruzava córregos e deparava-se com animais silvestres: lobo-guará, araras, carcará, roedores. Aventuras menos perigosas do que as batalhas entre as quadras da Asa Norte. Para enfrentar a turma da 312, o pessoal da 306 se armava com correntes e pedaços de madeira, fazia zarabatanas com canudos de antena e agulhas recolhidas no lixo de clínica hospitalar. Tática de guerrilha.

Negrete gostava de jogar vôlei, andar de skate, fazer capoeira, participar de torneios de queda de braço. Além da intensa atividade física, curti música. Aos seis anos, já dominava o acordeão. Na adolescência, passou a curtir rock pesado: Canned Heat, Black Sabbath, Uriah Heep, Led Zeppelin. Um dia lhe disseram:

— Você é negro, não gosta de escola, não toca samba, não joga bola? Vai ser lixo.

Negrete se insurgiu. Por que tinha que tocar música brasileira? Por que Brasília tinha que copiar o Rio de Janeiro? E por que os baixistas tinham que ficar em segundo plano? Ao menos para a terceira indagação, vislumbrou a resposta ao ver Stanley Clarke e Jaco Pastorius em ação. Passa a frequentar a Colina, monta a banda Metamorfose e acompanha a trajetória do Aborto Elétrico. Não é trabalhoso ser punk, basta usar sempre a mesma calça e o mesmo par de tênis. Ao conhecer o baixista, Renato Manfredini Junior pergunta o signo e o ascendente dele. Gosta das respostas, gosta de Negrete. E conta que estava temporariamente impossibilitado de tocar baixo, pois tinha cortado o próprio pulso.

Frustrado pelo impasse com a EMI, Renato vive dias infelizes em Brasília. Aos amigos próximos, conta que aumentaram os desentendimentos

com os pais, brigas pesadas e constantes. Ao saber que a mãe havia proibido Carmem Teresa de sair com as primas, resolve interceder:

— Mãe, deixa as meninas irem para a festa!

— Não, Junior, elas não vão sair!

Furioso, ele corre para o quarto. Alguns minutos depois, Carminha ouve o grito:

— Mãe, vem aqui! Me ajuda!

Ao entrar no quarto do meio, Carminha vê o filho sangrando. O corte no pulso esquerdo faz o sangue esguichar no carpete. Mais assustado do que desesperado, Renato toma o cuidado de direcionar o sangramento para a lixeira de cortiça. A irmã e as primas também correm para ver. Geórgia tem um ataque de choro e se descontrola. A dona da casa não se abala. Furiosa com a atitude do filho, considera o ato uma grande molecagem. Vai até o quarto e desperta o marido:

— Renato, acorda. Temos que ir para o hospital!

Tentam estancar o sangramento e seguem para o hospital mais próximo. O atendimento demora. A irmã e as primas se exasperam, à espera de notícias. Quando voltam, já é madrugada. Renato, de suturas no pulso, está todo enfaixado. Por pouco, o corte não atingiu os nervos da mão. Mas não pode voltar a tocar imediatamente, e a Legião tem uma gravação à vista — daí o convite a Negrete.

O baixista faz dois ensaios com Dado e Bonfá na casa da mãe do guitarrista, na Península dos Ministros. É aprovado. Ao desembarcar no Rio, apenas com quarenta centavos no bolso, percebe que esqueceu a mala no ônibus. Primeiro vacilo.

Acompanhadas por alguns amigos, como Pedro e Bi Ribeiro (o qual emprestara o baixo para Renato gravar “Ainda é cedo” na demo produzida por Marcelo Sussekind), as gravações não transcorrem em clima de total tranquilidade. Logo de manhã, antes de chegar à EMI, Renato bebe doses de conhaque e, em tom de brincadeira, reclama:

— Estão botando cachaça no meu Dreher!

Ressabiado com as interferências dos últimos produtores, Marcelo Bonfá se desentende também com Rondeau. Durante a gravação de “Ainda é cedo”, o baterista reclama do produtor, que vira para o vocalista e avisa:

— Juninho, assim não dá!

Vai embora. Renato segue Rondeau e consegue convencê-lo a voltar. Depois, censura Bonfá com o olhar, sabia que a situação se complicaria de

forma irreversível caso mais um produtor abandonasse o barco por conta de divergências com a banda. Não que isso incomode o baterista:

— A gente tem que fazer o som que a gente quer. Eu quero chutar o balde.

A experiência do técnico Amaro Moço ajuda a salvar o balde dos chutes de Bonfá. Tijucano, morador do Encantado, Moço tinha entrado na gravadora em 1978 como auxiliar de estúdio. Logo no segundo trabalho, pegou pela proa a gravação de um arranjo complicado do violonista Dori Caymmi, acompanhado por oito violinos, dois violões e dois violoncelos. Deu conta do desafio. Passou a ser escalado para outros trabalhos igualmente delicados, como gravações de Nana Caymmi, Ângela Maria e Cesar Camargo Mariano. Ao chegar para o disco da Legião, de cara avisou:

— O negócio é o seguinte, vocês já passaram por todos os técnicos da companhia, não vou ser mais um. Eu estou aqui para fazer o meu trabalho.

E assim o faz. Quando consegue a sonoridade desejada para a bateria, a banda comemora:

— Tio Amaro tirou o som da batera. Tio Amaro é o cara!

O que não impede o surgimento de novas reclamações por parte de Bonfá.

— Pô, não gostei do meu som!

O técnico de som retruca:

— Então, você tem que tocar melhor.

Para que Amaro Moço entenda melhor o tipo de som que a banda persegue, Renato leva um disco da banda inglesa The Smiths para o estúdio. Mostra algumas faixas da dupla Morrissey-Marr para o técnico:

— Os timbres que eu gosto estão aqui.

A dupla citada por Renato teve como artífice um inglês apenas dez meses mais velho do que ele. Nascido em Manchester em maio de 1959, Steven Patrick Morrissey começou a ter a vida transformada em 1972 quando se encantou com os shows de Roxy Music, Mott the Hoople e Lou Reed. No ano seguinte, descobriu o *glitter* feroz do New York Dolls – e nunca mais foi o mesmo: “O fato de eles se vestirem de mulher só reforçava o fato de que era a banda mais corajosa da terra. Para eles, a vida nunca era sombria o suficiente; era tudo sempre contra nós, nunca com ou para nós. O objetivo era apenas ser”.

Em 1982, ao conhecer o jovem guitarrista Johnny Marr, Morrissey propôs que os dois formassem uma banda. Como nome artístico, o cantor

decidiu utilizar apenas o sobrenome, procedimento inusitado no pop, mas deliberadamente engendrado para evocar os compositores de música erudita – Beethoven, Mozart, Bach. Mas como se chamaria o grupo? Morrissey escolheu The Smiths, “um nome atemporal, que não corria o risco de ficar datado ou atrelado a algum movimento efêmero”. Marr topou. O guitarrista convidou o baixista Andy Rourke e o baterista Mike Joyce. Depois de semanas de ensaio em uma sala no centro de Manchester, a banda estava pronta. “Nosso som avançou em progressão geométrica: bateria detonadora, linhas de baixo combativas, cordas explosivas. Por cima de tudo, eu me sentia livre para pintar a tela que eu desejava. Foi um presente de Jesus”, descreveu o vocalista, antes de sentenciar: “Pela primeira vez na minha vida, o futuro é mais importante do que o passado”.

Na gravação dos vocais do primeiro disco da Legião, um desafio adicional: as bruscas variações dos tons graves para os agudos. Dificuldade inexistente, por exemplo, para os intérpretes de samba. O problema é solucionado com a instalação de dois microfones: um colado à boca, outro quase perto do teto.

Ao gravar “Geração coca-cola”, Renato se supera. Canta com raiva os versos que escrevera quase uma década atrás, ainda no governo Geisel:

*Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração coca-cola!*

O contracanto de “Geração” é registrado com o uso dos dois microfones. São apenas três *takes* captados pelos caríssimos microfones alemães valvulados. O resultado impressiona. O produtor José Emílio Rondeau dança, pula, canta junto. Tem um sorriso imenso na face. Mesmo para quem não conhecia a banda nem seu vocalista, a gravação deixa transparecer um duplo acerto de contas: com o tempo e com a história.

Quase todas as músicas já estavam prontas antes de a Legião entrar em estúdio. A exceção é uma faixa que nasceu de madrugada. Entre um cochilo e outro, Bonfá percebe a inquietude de Renato. O cantor não para de acionar o teclado até encontrar o que está procurando. É quando grava a base da música que será batizada com o título “Por enquanto”.

Para a gravação de “Será”, Renato transmite a orientação:

— Quero uma música que atinja todo mundo. Só vou ficar feliz se essa música tocar nas rádios AM.

Rondeau tem a mesma opinião. Acha que “Será” contém o segredo das grandes músicas pop: enxuta, precisa, contagiante, imediatamente assimilável, e ainda acaba antes do momento esperado. Deixa o ouvinte querendo mais. Por isso, a canção pede tratamento especial. O produtor convence Renato a, ao menos nessa faixa, deixá-lo aplicar eco na voz — queria o efeito em toda as músicas, mas o vocalista tinha sido inflexível. Para imprimir tom épico, pede para o cantor lembrar das lições de piano e tocar glockenspiel, instrumento parecido com o xilofone, utilizado por Bruce Springsteen em “Born to Run”. A letra de “Será” começa com versos idênticos aos de “Say Hello, Wave Goodbye”, gravada em 1981 pela dupla tecnopop inglesa Soft Cell: “Tire suas mãos de mim/ Que eu não pertenço a você”.^[38] E o que parece ser apenas mais uma canção de desencontro amoroso, ou reflexões sobre os efeitos da ditadura militar (“Nos perderemos entre monstros/ Da nossa própria criação?/ Serão noites inteiras/ Talvez por medo da escuridão”), traz embutido nos primeiros versos um recado incisivo para a própria gravadora: “Não é me dominando assim/ Que você vai me entender”.

“Será” passa por quatro mixagens diferentes. Perde peso, ganha mais apelo. É a última faixa a ser mixada. *Legião Urbana*, o disco, está pronto.

Ao ouvir o LP, o produtor faz a autocrítica, acredita que exagerou na dose de teclados em “Por enquanto”. Além disso, deveria ter insistido para a banda concluir uma música que tinha tudo para ser o primeiro *single* do álbum, mas eles nem sequer chegaram a finalizar a canção. Contudo, estava certo de que o disco tinha potência para marcar a história do rock brasileiro. Ana Maria Bahiana é convidada por Renato para escrever o *release*. Aceita. Estava em sintonia com o cantor desde os primeiros encontros para discutir o LP, no apartamento do casal, no Leblon. Têm longas conversas. Sobre rock, ou melhor, sobre Brian Wilson. Preferem papear sobre literatura, filosofia, misticismo, tarô, astrologia. Para Bahiana, Renato é um lírico puro. Mesmo o conhecendo cada vez melhor, ela guarda a primeira impressão: como o dono de uma voz poderosa, capaz de escrever letras tão afiadas, poderia parecer pessoalmente tão frágil?

Dado Villa-Lobos nunca tinha passado por tempos tão agitados quanto aqueles entre a sua entrada na Legião Urbana e o lançamento do primeiro disco. Com as constantes viagens a São Paulo e Rio, desiste de vez do curso de ciências sociais na UnB. Muda novamente de endereço, deixando o apartamento na 410 Norte e passando a ocupar a casa de seus pais no Lago Sul. No quarto de empregada, eles começam cedo, ensaiam o dia inteiro, tentam ampliar o repertório. Um dia, Renato chega com a letra de “1977”, canção escrita nos tempos de Brasília Rádio Center:

*Todos os dias quando acordo de manhã
Não tenho mais o tempo do dia que passou
Mas tenho muito tempo para acabar com essa indecisão
De ter a sinceridade em perigo*

*Todos os dias tento chegar em algum lugar
Só pra depois dizer que não quero ficar lá
Não é coincidência essa minha indiferença
É que está me faltando um motivo*

*Responsabilidade
Me deixa sem saber
Qual é a interferência
Ou como deve ser*

*Todos os dias, quando deito pra dormir
Fico pensando em todas as coisas que eu não fiz
Quando penso no futuro
É sempre com uma leve preocupação
De não lembrar qual foi o aviso*

*Todos os dias quando eu tento esquecer
Todas as coisas que eu não quero mais fazer
É só inconsequência
O tempo continua com ou sem ação
E não consigo ficar indeciso*

*Pontos de referência
Perdi meu referencial*

*E quase como sempre
Não foi proposital*

*1977 – Quero ficar na cidade ou não
1977 – Quero ficar nessa idade ou não*

Sob o título “Setenta e sete”, a música tinha sido submetida à censura e liberada em setembro de 1984.^[39] Avaliadas na mesma época, outras letras de Renato não têm a mesma sorte. “Baader-Meinhof Blues” é uma delas. “O autor prega violência, inconformismo, descrença no próximo, individualismo e critica a Justiça, concluindo, com versos dúbios, seus sentimentos em estreita relação com o poder. Em face das mensagens negativas de pregação tendenciosa-anarquista, não toleráveis à veiculação irrestrita, sugerimos a não-liberação”, recomenda Aldmeriza Cristina, uma das responsáveis pela avaliação.

“Baader-Meinhof Blues” passa, então, pelo crivo de uma segunda turma de censores. “A presente letra musical fala da insensibilidade ante a violência, como característica comportamental do mundo moderno, em um meio social urbano de grandes centros, bem como fala da escassez do espírito de fraternidade nos dias de hoje, das falhas humanas refletidas na Justiça e do processo de alienação e massificação cultural, gerado pela televisão”, analisa o censor Ivan Batista Machado, que tem o cuidado de sublinhar as partes da letra que mais chamaram sua atenção: “A violência é tão fascinante”, “Essa justiça desafinada é tão humana e tão errada”. “Em relação ao título Baader-Meinhof, tem-se a dizer do ex-grupo alemão, de contestação, exterminado, que possuía características contra-fascistas das estruturas ideológicas, políticas e econômicas do mundo moderno”, prossegue. “Face ao tema explorado, embora não se depreenda nenhuma proposta de apologia ou indução a sectarismo político, o que entretanto nos leva a solicitar à digna chefia a respectiva gravação da letra musical em epígrafe, para procedermos na íntegra uma avaliação censória plena, justa e segura”, conclui o técnico da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), utilizando 46 palavras para dizer que recomenda a audição da música antes de liberá-la.

Baseado no mesmo princípio da necessidade de avaliação “plena, justa e segura”, Batista Machado também solicita a gravação de “Tédio (com um T bem grande pra você)”. Ele observa: “Não obstante a presente letra musical

abordar em sua narrativa sobre o grande tédio de se viver no ócio, sem dinheiro e ainda por cima em Brasília, observamos que o T bem grande aludido em seu título e letra musical refere-se ao vocábulo tédio”.

“O reggae” também tem a radiodifusão vetada. Dos sete censores que examinaram a gravação, quatro recomendam a interdição. “O criminoso é mostrado como vítima do sistema social vigente [...]. É vítima do sistema policial, enfim, diz-se perdedor de uma batalha, mas que na realidade a guerra ainda não está decidida. Uma ameaça declarada”, justifica um dos censores. “O brado dos malfeitores unidos, cantados pelos criminosos, poderá até servir de hino do marginal. Posto que é uma apologia do crime e ao criminoso, indefesa vítima do mundo que o cerca. Todavia, sempre houve injustiças neste terreal mundo, perfeição somente é esperada no reino de paz e amor de Deus”, conclui.

Os defensores da liberação contra-argumentam. Recomendam a liberação: “Embora contenha mensagem generalizada de crítica ao sistema social, o autor preocupa-se, sobretudo, em denunciar a falta de coerência na preparação do homem para sua realidade de vida, questionando os padrões de conduta impostos pela família, escola, meios de comunicação e autoridades em geral”. A proibição permanece, e o recurso apresentado pelo advogado da gravadora é indeferido.

O mesmo ocorre com “Dado viciado”. Submetida à censura no mesmo processo de “Eu, você e o sofá” e “Caixinha de mistério”, ambas de Odair José, a música que Renato escrevera para o primo descreve “a situação deprimente de um viciado em drogas, ao mesmo tempo em que o agride através da condenação”, opina um dos censores. “Não obstante expor a depressão de todo um contexto de um viciado em drogas, é possível de suscitar interesse pelo uso e consumo de substâncias entorpecentes”, alerta outro técnico da divisão da Polícia Federal. A música é vetada. “Eu, você e o sofá” e “Caixinha de mistério” são liberadas.

A tesoura da censura não poda apenas a Legião. “Se você sabia”, do grupo paulistano Ultraje a Rigor, ganha o carimbo “Vetado” pelo fato de oferecer “conteúdo malicioso e emprego da expressão ‘sacaneou’ de significação grosseira”. Outra composição de Roger Rocha Moreira, “Inútil”, “fere a dignidade do povo brasileiro, tachando-o de inútil, seres completamente desnecessários”, segundo os censores. “A mensagem principal transmite a ideia de que a inutilidade do brasileiro configura-se na falta do poder aquisitivo da massa”, interpretam. E, para agravar, a primeira

estrofe (“A gente não sabemos escolher presidente/ A gente não sabemos tomar conta da gente/ A gente não sabemos nem escovar os dente/ Tem gringo pensando que nós é indigente”) transmite a ideia de que “devido à falta de autonomia do brasileiro, quem manda no Governo e no povo em geral é alguma potência estrangeira”. Solange Hernandez, diretora da DCDP, acolhe os argumentos dos subordinados em relação a “Inútil”: “A temática exterioriza mensagem contrária aos interesses nacionais”. Decide pela não liberação.

Após o indeferimento de dois recursos, “Inútil” só é liberada em audiência do Conselho Superior de Censura, quando os integrantes acompanham a opinião do relator Geraldo Sobral Rocha: “A motivação para o veto da censura é nítida e confessadamente política. Não há, em qualquer estrofe ou verso, causa para o veto”, lembra Sobral. Blitz, Leo Jaime, Cazusa... nenhum deles passa ileso pelo crivo da censura. A substituição de algumas palavras, contudo, pode ser o suficiente para alterar o veredito. Ao trocar a frase “Bete tão bonita, gostosa, era o tesão da escola” por “Bete tão bonita, cheirosa, era sempre a atenção da escola”, o grupo baiano Camisa de Vênus consegue liberar a música “Bete morreu”.

A banda paulista Titãs, por sua vez, já tinha sido advertida pela própria gravadora desde o primeiro disco sobre a dificuldade de obter a liberação para uma das composições, “Bichos escrotos”. “Não vai passar”, era o que diziam para o guitarrista Tony Bellotto. A mesma recomendação fez a banda arquivar uma música de Sérgio Britto, “Charles Chacal”. “Fala de um assassino que tem prazer em matar as pessoas? Nem adianta mandar, não passa de jeito nenhum.”

A expectativa da Legião pelo lançamento do primeiro disco aumenta. Renato liga para o Rio quase diariamente, quer saber detalhes sobre a prensagem do álbum. Quase tem um ataque ao saber que o som ficou sem peso, deformado. Mayrton Bahia, que tinha assumido o compromisso de fazer a sonoridade do grupo ser respeitada pela gravadora, manda refazer o corte do acetato e volta a garantir:

— Ninguém vai meter a mão para mudar nada.

O cantor tenta driblar a ansiedade retomando contato com os amigos. Ao responder uma carta de Ico Ouro Preto, radicado na Europa, conta que passou quase dois meses fora da cidade gravando o primeiro disco da Legião. Trocam informações sobre astrologia, apesar da ressalva do

missivista: “Faz muito tempo já que não me concentro nesses assuntos esotéricos, por causa do conjunto e outros interesses”.

Escreve também para Alex Antunes, jornalista e músico que tinha conhecido em São Paulo. Manda gravações do Bauhaus e faz um gracejo, dizendo que as bandas pós-punk prediletas do amigo são Matthew Locke (1621-1677) e George Gershwin (1898-1937).^[40] Renato pede a Antunes para ter cuidado com as críticas ácidas, niilistas: “Se você se delongar demais em intelectualismos neofascistas sua credibilidade vai para o buraco”. Ao final, deixa uma sugestão: “Seja positivo!”.

Os frequentes shows no Rio e em São Paulo, além da gravação do disco, rendem reconhecimento da imprensa local. Na reportagem “A utopia de Brasília para as massas”, o jornalista Celso Araújo afirma que as bandas de rock são a mais feroz resposta do vazio cultural da capital. Descreve o que viu ao acompanhar o show dos brasilienses no Circo Voador: “A Lapa perdeu um pouco de sua maquiagem nostálgica e os fantasmas chorões de outrora; os garotos gritam a plenos pulmões, são pequenos e endiabrados Maiakóvskis, empunhando guitarras como espadas de raio laser e versos incendiários”.

Araújo entrevista os integrantes da Legião, da Plebe e do Capital. Descarta rusgas sérias entre as bandas: “Ao contrário do que andaram publicando por aí, eles se amam, se adoram”. Dá voz aos músicos. De Philippe Seabra, registra uma declaração de autoconfiança: “O único rock vivo do Brasil somos nós, cara! Os outros são uns vendidos”.

De Renato, o jornalista pinça frase com referências históricas: “É algo como a garotada da Villa Rica, os inconfidentes. Eles eram artistas e o que eles podiam fazer era escrever poemas. Na década de 1920, isso ficou com os pintores. Agora é o videoclipe e o rock”.

Entusiasmado, o correspondente profetiza: “Nos quintais do Poder não haverá mais sossego. A zorra sonora, pacífica e vibrante dos rapazes servirá como antídoto às normas, à repressão e aos códigos de uma cidade controlada, de funcionários públicos e distâncias infinitas para o resto do país”.

Em outra parte da reportagem, sob o título “O autorretrato antioficial”, Araújo agrupa citações de letras: “Proteção”, da Plebe Rude (“Tanques lá fora, exército de plantão/ Apontados aqui para o interior/ E tudo isso para sua proteção/ Para o governo poder se impor”), escrita por Philippe, a partir de sua experiência no dia da votação das Diretas; “Luzes da cidade” (“O

peso da cidade me deixa sem ação/ Preso na cidade não há como fugir”) e “Psicopata”, ambas do Capital Inicial. Da Legião, escolhe “Baader-Meinhof Blues”. Celso Araújo encerra a reportagem com uma certeza que evoca o escritor francês André Malraux: “Pronto: Brasília, uma cidade sem história, mas antiga, devolveu ao País o suor de seus filhos. Pode vir a ser novamente a capital da esperança”.

Na capital, o momento é de expansão – de bandas, da turma, das drogas. A UnB, em evento batizado de “Encontro New Rock”, abre as portas para um punhado de grupos: Escola de Escândalo (novo nome do XXX, de Bernardo Mueller e Geraldo Ribeiro), Finis Africae, Detrito Federal, Mantenha Distância e Espaçonave Guerrilha. Os frequentadores do Adega têm agora um ponto de encontro só para eles. O Radikaos, bar na 105 Norte, atesta: “Satisfação garantida ou seu dinheiro de vodca”. Com dezenas de novos integrantes e divisões em subgrupos, a turma se multiplica. No Gilbertinho, no Lago Sul, a diversão é ficar no estacionamento tomando choque elétrico em poste. Entre quatro paredes, consomem muita cocaína. Recebem ácido por meio dos malotes do corpo diplomático. Trocam garrafas de uísque por tijolos de maconha. Um dos jovens vai parar no hospital após beber loló. Outro sai à procura de cogumelos nas pistas do Eixão. Brasília fuma, Brasília cheira, Brasília se embriaga, Brasília alucina.

Renato acompanha alguns amigos nas incursões etílicas e alucinógenas, mas sai cada vez menos de casa. Liga para Alfredo Nunes, divulgador da EMI. Quer saber se o disco já chegara ao escritório da gravadora, no Edifício Gilberto Salomão. Quando a resposta é, enfim, positiva, corre para o Setor Comercial Sul, a poucas dezenas de metros da primeira sede da Cultura Inglesa. Para Bonfá, o resultado final é muito comportado. Mas se conforma:

— Esse disco é o resultado de várias limitações e de várias ousadias.

Dado Villa-Lobos acha o LP “aceitável”. Considera as guitarras “mais ou menos”, com exceção de “Soldados”, “Teorema” e “Baader-Meinhof Blues”.

— No final das contas, é o que tem de ser.

Legião Urbana
MITOLOGIA E INTUIÇÃO
The Studio Sessions Report.

i/COMPLETE BASIC TRACKS

Daniel Na Cova dos Leões Δ
Tempo Perdido Δ
Eduardo e Monica Δ
Andrea Doria Δ^{*}
Quase Sem Querer Δ^{*}
New Songe II C
Metrópole C
Fábrica C
"Índios" C
Música Urbana #2 Δ
Química Δ

ii/RECORDED OUTAKES

Mitologia e Intuição
"O Grande Inverno Na Rússia"
Canção da Independência Δ^{*}
Farofa Caboclo Δ
A Canção do Senhor da Guerra Δ
May Two C
Mariane C
Rattador Blue Δ
Eu Sei Δ
Boomerang Blue Δ
Mercenários Invadem A Terra Δ
Central do Brasil C

iii/ROUGH TRACKS
NO RECORDED VERSION/SEE BELOW:

Songe One C
Anúncio de Refrigerante C
Azul C
Rocker C
Los Inca C
* Planos do Asfalto ideia C
* Diamante de Vidro C
Covallaria Rusticana Δ
* MUSIC INCOMPLETE.

Key to Track Listing:

Δ LYRICS COMPLETE
Δ^{*} LYRICS COMPLETE, POSSIBLE
MINOR CHANGES.

C WRITE NEW LYRICS.
(C IF SONG IS STRUCTURED)



EMI-ODEON

Fonográfica, Industrial e Eletrônica Ltda.

Rua Mena Barreto, 151 - CEP 22.271
Caixa Postal 2752 - CEP 20.001
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefone: 286-1212
Endereço Telegráfico: Turntable
Telex: 2123678 - ODEO BR



O REGGAE

Autores: RENATO RUSSO e MARCELO BONFÁ
Canta: LEGIÃO URBANA

AINDA ME LEMBRO AOS TRÊS ANOS DE IDADE
MEU PRIMEIRO CONTATO COM AS GRADES
O MEU PRIMEIRO DIA NA ESCOLA
COMO EU TIVE VONTADE DE IR EMBORA
FAZIA TUDO QUE ELES QUISESSEM
ACREDITAVA EM TUDO QUE ELES ME DISSESSEM
ME PEDIRAM PARA TER PACIÊNCIA
FALHEI, GRITARAM: "CRESÇA E APAREÇA!"

CRESCI E APARECI E NÃO VI NADA
APRENDI O QUE ERA CERTO COM A PESSOA ERRADA
ASSISTIA O JORNAL DA TV
E APRENDIA A ROUBAR PARA VENCER

NADA ERA COMO EU IMAGINAVA
NEM AS PESSOAS QUE EU TANTO AMAVA
MAS, E DAÍ?, SE É MESMO ASSIM
VOU VER SE TIRO O MELHOR PRA MIM

ME AJUDA SE EU QUISER
ME FAZ O QUE EU PEDIR
ME FAZ O QUE EU QUISER
MAS NÃO ME DEIXE AQUI

NINGUÉM ME PERGUNTOU SE EU ESTAVA PRONTO
E EU FIQUEI COMPLETAMENTE TONTO
PROCURANDO DESCOBRIR A VERDADE
NO MEIO DAS MENTIRAS DA CIDADE
TENTAVA VER O QUE EXISTIA DE ERRADO
QUANTAS CRIANÇAS EU JÁ TINHA MATADO

VETADO

Uma Companhia THORN EMI

(segue)



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



PARECER Nº 1111 / 84

TÍTULO: "DADO VICIADO" - de Renato Russo

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: NÃO LIBERAÇÃO

Prot. 002183/84-DCDP

Composição lítero-musical que descreve a situação deprimente de um viciado em drogas, ao mesmo tempo em que o agride através da condenação. Tema e estrutura inadequados à divulgação. De acordo com os termos contidos no Art. 9º do Decreto 78.992/76, propomos NÃO LIBERAÇÃO.

Brasília, 28 de março de 1984.


Edite K.N. Pereira
Mat. 2.415.783

***Não importa que alguns guardem
vestígios
disso e outros não; mais tarde,
todos
aprenderão a conviver consigo
próprios. O
perigo reside apenas na idade de
transição.***

O JOVEM TÖRLESS, Robert Musil

Capa imaculadamente branca, foto preto e branco, estética minimalista. *Closer*, do Joy Division? Não. *Legião Urbana*. Não fosse o índio atravessado por flecha em alto relevo e o nome da banda em português, a capa do primeiro disco da Legião poderia ter sido concebida pelo designer Peter Saville e considerada mais um lançamento da gravadora independente Factory, a mesma do New Order, banda surgida das cinzas do Joy Division depois que Ian Curtis se matou, em 1980. A recepção à estreia da Legião é tão discreta quanto o invólucro. No primeiro mês, apenas 1.200 cópias vendidas. O Brasil está de olhos e ouvidos atentos para outras guitarras.

O Rock in Rio, realizado entre 11 e 20 de janeiro de 1985, insere o país no circuito dos shows internacionais. Queen, Scorpions, Yes, B-52's, James Taylor se revezam no palco de 5,6 mil metros quadrados. Na parte nacional, Alceu Valença, Erasmo Carlos, Rita Lee, Gilberto Gil. Das bandas de rock surgidas nos anos 1980, são escaladas Barão Vermelho, Paralamas e Kid Abelha. Marcelo Bonfá não se conforma:

— A gente merece tocar! Isso é marmelada!

A revolta vira farra quando o baterista descola um lugar no ônibus dos Paralamas e, em companhia de uma turma imensa, vai ao show de Nina Hagen.

A apresentação de Kid Abelha e Os Abóboras Selvagens é anunciada pelo ator Kadu Moliterno, do seriado-sensação “Armação Ilimitada”, como “o primeiro show da democracia brasileira”. Paula Toller entra no palco com a bandeira do Brasil. Tudo por conta da eleição presidencial, a primeira em duas décadas no país. Ex-primeiro-ministro de Jango, o mineiro Tancredo Neves derrota o candidato governista Paulo Maluf. O país entra em euforia. Tempos de esperança, como canta Lulu Santos no palco do festival: “Eu quero um novo começo de era/ De gente fina, elegante e sincera/ Com habilidade pra votar em uma eleição”.

“Pro dia nascer feliz”, do Barão Vermelho, ganha instantaneamente o status de hino da volta da democracia, e o vocalista da banda, Cazuza, é aclamado pela crítica. Quando os Paralamas do Sucesso tocam, ainda é de tarde. De cara, apresentam o hit do momento: “Óculos”, do segundo LP, *O passo do Lui*. Em quarenta minutos, emendam treze músicas. Entre elas, “Cinema mudo”, “Vital e sua moto”, “Patrulha noturna” e “Química”. Antes de tocar “Inútil”, do Ultraje a Rigor, Herbert discursa:

— Ontem foi escolhido o novo presidente do Brasil, e a gente vai ver aquela careca na TV por algum tempo. Mas a gente espera que alguma coisa de bom seja feita. Já que a gente não sabemos escolher presidente, já que escolheram pela gente, a gente vai tocar uma música de um grupo de São Paulo genial.

Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone saem consagrados do Rock in Rio.

O festival é a centelha que faltava para o rock nacional pegar fogo. Uma nova geração aparece para dividir espaço com Blitz, Barão Vermelho e Kid Abelha. Em dois meses, dez LPs – em sua maioria, discos de estreia lançados por gravadoras como CBS, WEA e EMI-Odeon – chegam ao mercado. “O fenômeno é o mesmo da jovem guarda. Vão aparecer muitos grupos e cantores, mas ficarão somente os bons”, aposta André Midani, da Warner. Compara a onda “aos festivais de 1968, quando bastava uma música estar classificada para todo mundo querer contratar”. Diretor de marketing e repertório da EMI-Odeon, Beto Boaventura também faz uma análise da cena: “Talvez os artistas consagrados da música popular já

tenham chegado ao seu auge, embora ache que vão ter sempre seu espaço. Mas o certo é que a garotada tá querendo uma coisa nova”.

Em artigo no *Jornal do Brasil*, o próprio Renato comenta o fenômeno e o crescente incômodo provocado pelo monopólio das guitarras nas rádios:

Ao contrário do que muitos pensam, o jovem não está ouvindo mais rock por causa de um esperto golpe nas gravadoras, promoções de rádio ou empresários espertos. Sempre se ouviu rock. O que acontece é que agora temos mais acesso à informação. Estamos em 1985 e não existe mais o preconceito contra o rock cantado em português. É uma outra visão, uma sensibilidade mais aguçada, uma força crítica que vem do coração que faz com que novas bandas estejam aumentando o seu público dia a dia, excessos mercadológicos ou não.

As primeiras críticas ao disco da Legião entusiasma a banda e a gravadora. Jamari França, do *Jornal do Brasil*, destaca o trabalho de guitarra, “um dos mais criativos do rock nacional”, e as letras “pessoais e políticas”, e afirma que o álbum “dá novos direcionamentos ao Rock Brasil”. Na *Folha de S.Paulo*, a avaliação do disco divide espaço com a análise do álbum *Ao vivo no Mosh*, do obscuro Smack. Para o crítico José Augusto Lemos, há em *Legião Urbana* “sangue e soda cáustica em doses mais que suficientes para lavar o pop nativo de seu bom mocismo, seu laquê, seu bronzado”. E, após citar a “influência nítida de Joy Division”, elege como ponto alto “a obra-prima ‘Ainda é cedo’, que psicografa um casal com tal lirismo anticomplacente que poderia ser cantada por Roberto Carlos e ainda lascar o coração”. No *Jornal da Tarde*, Antônio Carlos Miguel se refere às letras que conseguem “traçar um contundente perfil da juventude que cresceu sob a sombra do regime de 64”, destaca a voz “empastada e forte, que difere de tudo que rola no nosso rock” e aposta: “Radicais, coerentes, os rapazes da Legião Urbana abrem uma nova frente para o rock brasileiro, a das posturas política e existencial”.

A essa altura, todas as festas brasilienses – nas superquadras, nas mansões do lago, nas chácaras da zona rural, nas cidades-satélites – incluem o disco da Legião na trilha sonora. Carmem Teresa sente orgulho e incômodo.

— É muito esquisito estar dançando e, de repente, entrar uma música com o seu irmão cantando.

Dentro de casa, a reação é de alegria pela realização do filho, mas também de apreensão. Carmem comenta com os pais:

— Será que vai dar certo? É tudo tão efêmero nesse tipo de música. Pode ser outro “Ursinho Blau Blau”...

Embaixo do bloco B, o irmão de Carmem toca o interfone do 503. Paulo César de Lima, um dos filhos do dono do apartamento, é quem atende.

— Oi, Paulo! Aqui é o Renato, tudo bem? O pessoal tá aí?

— Tá, sim.

— Posso subir, então? Tenho uma coisa pra entregar pra vocês.

— Claro.

Renato sobe e presenteia a família de Luiz Gustavo, o primeiro amigo brasiliense, com o primeiro disco da Legião.

O cantor circula pela noite da cidade. Já tinha bebido muito no Arabesque, bar próximo ao Beirute, quando resolve fazer discurso em local inusitado: em cima da mesa. Lá do alto, engata palavrório confuso sobre a situação do Brasil. O pessoal das outras mesas, irritado com a falação descontrolada, amassa guardanapos de papel e arremessa no alvo ébrio:

— Sai daí, maluco! Para de encher o saco!

Renato é vaiado. O jornalista Irlam Rocha Lima o retira de cima da mesa para evitar humilhações ainda maiores. Mete o cantor no carro e o deixa na 303 Sul. Irlam volta ao bar, ainda a tempo de encontrar alguns dos que tinham hostilizado o vocalista da Legião.

— Sabe o cara que vocês vaiaram e xingaram agora há pouco? É o cantor dessa banda nova que tá tocando no rádio o tempo todo. Vocês vaiaram o Renato Russo!

No teatro da Escola Parque, no coração da Asa Sul, a Legião faz o show oficial de lançamento do primeiro disco. Corre pela turma a informação que a banda vai se mudar em definitivo para o Rio de Janeiro. As músicas são apresentadas em clima de comoção. Há lágrimas nos rostos dos amigos e dos fãs.

Renato também divide o palco da Sala Funarte com a cantora paulistana Cida Moreira. A sala está superlotada, e é preciso abrir os portões. Dezenas de pessoas que não conseguem entrar escutam do gramado em frente à Torre de TV os dois reinterpretação “Summertime”, de Gershwin. São ovacionados. Irlam Rocha Lima escreve reportagem sobre o bem-sucedido

encontro do roqueiro com a cantora. Renato gosta do que lê. Passa na redação do jornal e deixa uma sacola com dois presentes para o repórter: uma camisa da Company e um LP *Legião Urbana*, ainda sem masterização final.

Os ensaios para a primeira turnê nacional são realizados na casa dos pais de Dado. Inclusive durante o carnaval, quando o guitarrista recebe o escritor Marcelo Rubens Paiva como hóspede. Envolvido na escrita do segundo livro, Marcelo queria escapar do ziriguidum, e sugeriu à namorada, Fernanda Andrade, que conhecia as bandas brasileiras dos tempos de trabalho no Rose Bombom, irem para Brasília.

Lugar melhor para fugir da folia não poderia existir, pensou o escritor. Estava certo. Só não imaginava que seria acordado às oito da matina pelo início dos ensaios da Legião. Brinca com os músicos:

— Ainda é cedo, gente!

Ainda sonolento no café da manhã, Marcelo nem responde direito quando Renato pede ajuda para finalizar uma canção. O cantor tem dificuldades para prosseguir a letra a partir dos versos iniciais de “Setenta e sete” (“Todos os dias quando acordo de manhã/ Não tenho mais o tempo que passou”). Consulta pedaços de papel com anotações esparsas, à procura de inspiração para as partes restantes. E Dado, para desespero de Marcelo, passa o dia inteiro ensaiando a introdução da música “Tempo perdido”.

O escritor e os integrantes da banda tinham se conhecido em 1983, em São Paulo. Marcelo tinha acabado de lançar *Feliz ano velho*, livro que deu voz a uma geração que buscava a contestação do regime militar pela cultura, não pela luta armada. E que assumia a influência da cultura pop norte-americana: filmes, música, quadrinhos, desenhos animados – até o Batman balofo do seriado de TV. Identificação total com o pensamento do líder da Legião. Nascia não só uma amizade, mas também uma reciprocidade. Nos shows, os integrantes da banda usavam camisetas com a frase “Feliz ano velho”, e nas sessões de autógrafos Marcelo pregava no peito um adesivo da Legião Urbana.

Em agosto de 1985, doze anos depois de chegar a Brasília com os pais ao entardecer, Renato volta a morar no Rio de Janeiro. Retorna à rua Maraú, na Ilha do Governador, onde passara boa parte da infância. Leva mais livros do que LPs. Faz uma reforma, cria um ambiente isolado, onde instala grade, banheiro e cortinas – sempre fechadas. Ouve Smiths direto – e, em alto volume, canta junto com Morrissey. Retoma o contato com a tia Socorrinho,

a fã de Elvis Presley que sempre incentivou a carreira do sobrinho – chegara a inscrever duas músicas do cantor no festival MPB 80, da Globo, mas nenhuma fora selecionada. Renato também volta a conviver com os avós e primos. Mas está em outro fuso horário, passa a noite fora, chega ao amanhecer, dorme a manhã inteira. Só é acordado pela avó, Leontine:

— Juninho, trouxe a sua vitamina de banana!

Instala teclado e gravador de quatro canais no seu canto. Para o primo Carlos Alexandre, toca “Por enquanto”. Ao avô, mostra as letras de teor político. No elogio, José Mariano aproveita para puxar a orelha do neto:

— Você não precisa beber para escrever essas letras maravilhosas.

O álcool não é o único vício. Fuma o tempo inteiro, deixando marcas de cigarro por toda a casa. Cocaína também é de uso constante. Por conta da Legião, passa pouco tempo na Ilha do Governador. Fernanda Pacheco marca seguidos compromissos para a banda. Fazem televisão, vão aos programas do Chacrinha e do Faustão. Percorrem o circuito de danceterias no Rio e em São Paulo – Mamão com Açúcar, Metrópole, Mamute, Manhattan, Rádio Clube. O valor do cachê é dividido pela empresária, que repassa aos integrantes em dinheiro vivo: quatro pilhas de notas em cima da cama do quarto do hotel.

As rádios, depois da execução de “Será”, passam a tocar também “Ainda é cedo”, “Geração coca-cola” e “A dança”. Com isso, a vendagem ultrapassa as 5 mil cópias previstas inicialmente pela EMI-Odeon. A gravadora contrata também a Plebe Rude.

Depois de se mudar para São Paulo, lançar compacto pela CBS e aguardar o sinal verde para a gravação de um disco, o Capital Inicial se acerta com a Polygram. Em Brasília, a coletânea independente *Rumores*, produzida pela loja local Sebo do Disco, reúne Escola de Escândalo, Finis Africae, Elite Sofisticada e Detrito Federal, que chamam atenção da crítica nacional. “[O disco] Confirma que é do Planalto Central que rolam os sons mais radicais do nosso rock. Retrato de um Brasil novo e revoltado, cosmopolita e contraditório”, escreveu Antônio Carlos Miguel no *Jornal da Tarde*.

Na capital paulistana, a Legião tem show marcado no clube Juventus. Na passagem de som, Renato reencontra o amigo Redson Pozzi, vocalista e guitarrista do Cólera. Câncer com ascendente em áries e lua em capricórnio, o punk paulista adora astrologia. Diverte-se quando Renato aborda um desconhecido e tenta adivinhar o signo dele:

— Você é de peixes, né?

— Sou, sim. Como você sabe?

Além de astrologia, Redson tem outras afinidades com Renato. Compartilha, por exemplo, a indignação com a baixa qualidade das traduções brasileiras de livros e das legendas dos filmes. Renato quer saber como anda o Ataque Frontal, selo independente criado pelo cantor do Cólera. Estimula o amigo punk. Trocam ideias, aproveitam as raras possibilidades de encontro. Os paulistanos raramente apareciam em Brasília. Surgem mais na tela do que no palco. Exibido no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, vencido pelo estreante Murilo Salles com o drama *Nunca fomos tão felizes*, o curta-metragem *Punks* abre espaço para as falas de integrantes do Olho Seco e do Ratos de Porão, revelando para a plateia brasiliense que muitos punks paulistanos trabalham como *office boys*, ganhando menos de um salário mínimo. “Punk é pobre”, define um dos entrevistados. Não na capital federal.

Durante o show no Juventus, enquanto espera Dado afinar a guitarra, Renato decide tocar “uma música de violão”, dedicada ao Cólera.

— Esta a gente nunca toca. Vai ser a primeira, e talvez a última vez que vou tocar essa música. Vamos ver se sai... — E começa a entoar “A canção do senhor da guerra”:

Existe alguém esperando por você

Renato esquece a letra duas vezes, mas consegue chegar ao refrão:

O senhor da guerra não gosta de crianças

O senhor da guerra não gosta de crianças

Contente, agradece ao público:

— Saiu, obrigado!

* * *

Mais de vinte anos depois de se espantar com a imensidão da sala do apartamento funcional cedido ao seu pai e de fazer carrinhos de rolimã para descer as rampas das superquadras na Asa Sul, Sérgio Britto retorna a Brasília. O filho de Almino Affonso, ex-ministro de João Goulart, está na cidade para mais um show dos Titãs. Após a apresentação, Renato vai ao

camarim da banda paulistana. Mesmo sem intimidade, eles já se conhecem dos tempos das danceterias e dos clubes de São Paulo. O brasiliense elogia a performance do grupo e puxa conversa com Britto:

— Quando você vai tocar teclado, você canta de olho fechado, como eu!

O guitarrista Tony Bellotto se surpreende com os elogios. Não achava que o vocalista da Legião curtia o som da banda, mistura anárquica de punk rock, brega, jovem guarda e outros estilos. Tinha visto Renato no palco pela primeira vez em São Paulo. E ficou muito impressionado não só com a performance, mas com a transfiguração. Ao cantar, aquele sujeito largado, nada atraente, parecia incorporar Elvis, Jim Morrison e Ian Curtis ao mesmo tempo. Conversando com ele depois do show, notou a abissal diferença do tom de voz: grave no palco e aguda, quase infantil, fora dele. Ao contrário do líder do Barão Vermelho, Cazuza, que, conversando ou cantando, parecia sempre a mesma pessoa. Bellotto percebeu também que, sob os holofotes, Renato tinha total controle da relação entre o artista e o público. Ao sair de cena, contudo, parecia inseguro, inquieto, insatisfeito.

Os Titãs já andavam trocando figurinhas sobre as bandas de Brasília. No intervalo de uma gravação do *Programa do Bolinha*, Paulo Miklos emprestou o walkman para Bellotto:

— Ouve isso aqui!

*Tire suas mãos de mim
Que eu não pertenço a você*

— Caralho! Isso é muito forte!

*Não é me dominando assim
Que você vai me entender*

* * *

Em seu apartamento na Asa Norte, Cássia Portugal aumenta o volume do rádio. Presta atenção na música e gosta do que ouve. Fica intrigada:

— Quem é esse cara com esse vozeirão lindo? Parece o Jerry Adriani.

O locutor informa:

— Essa foi “Será”, com a Legião Urbana.

A música toca de novo, dessa vez durante uma reportagem de telejornal que anuncia o show da banda na cidade. O marido chama a atenção de

Cássia:

— Olha aí, eles estão tocando aquela música que você gosta.

Cássia olha para a TV e toma um susto. De imediato, reconhece o colega da faculdade. Tem um sobressalto, o coração dispara. Em lágrimas, exclama para o marido:

— É o Renato, o meu amigo do CEUB! É um de nós!

Cássia vai ao show com os dois filhos e fica distante do palco, montado no salão de festas do clube. Pensa em ir falar com Renato no camarim, mas desiste no meio do caminho. Ao voltar para casa, se arrepende. Dorme mal, acorda agitada. Lembra dos tempos que dava carona para Renato do CEUB até a 303 Sul: “Quantas vezes parei embaixo daquele bloco?”.

Pega a lista telefônica e, sem dificuldades, encontra o telefone dos Manfredini.

— Eu queria falar com o Renato...

— Pai ou filho?

— O filho.

Depois de alguns instantes de silêncio, a confirmação:

— É ele.

O silêncio se transfere para o outro da linha. Cássia hesita um pouco antes de se identificar.

— Oi, Renato. Aqui é a Cássia, uma antiga amiga sua do CEUB. Não sei se você lembra de mim...

Renato a interrompe:

— Vai à merda, Cássia! Como é que não vou lembrar? Cadê você, garota? Por que não foi no show ontem? O pessoal todo apareceu lá. Por que você não foi me ver?

Falam ao telefone por quase uma hora. Matam a saudade. Entre amenidades e brincadeiras, ela pergunta como está a vida de roqueiro.

— Não sei quanto tempo vai durar o sucesso, mas estou curtindo demais!

O sucesso pode ser medido também pela súbita necessidade de ocupar espaços maiores. Se, no início do ano, a Legião tinham tocado no teatro da Escola Parque e na Sala Funarte, agora já encaravam o Ginásio de Esportes, a maior arena da cidade. Em um domingo, Legião, Plebe Rude e Ultraje a Rigor atraem 10 mil pessoas ao local. A apresentação da Legião transcorre sem problemas. “Ainda é cedo” é apresentada como “uma música para todas as meninas”, e “Perdidos no espaço” como “uma música sobre ácido”.

Até que, durante “O reggae”, Renato percebe uma briga generalizada em frente ao palco. Improvisa um pedido entre a primeira e a segunda estrofe da letra:

— Parem de brigar, parem de brigar, vamos todo mundo cantar.

Repete onze vezes o apelo, sem resultado. A porrada continua. Perde a paciência. Esquece a melodia original e dá um grito:

PAREM DE BRIGAR, SEUS BABACAS!!!

O grito sufoca a briga. Renato segue com “Conexão amazônica” (“nossa música antidrogas”) e depois anuncia “Soldados”, “dedicada a todo mundo que nunca quis servir o Exército”.

As Forças Armadas estão de luto. Em 9 de outubro de 1985, aos 79 anos, morre, no Rio de Janeiro, o general Emílio Garrastazu Médici, terceiro presidente do regime militar. O presidente José Sarney voltava de Foz do Iguaçu quando foi informado da notícia, e manda o Boeing presidencial desviar a rota para o aeroporto do Galeão, para ir ao velório. Contudo, conversando com alguns ministros, muda de ideia e anuncia a contraordem:

— Vamos seguir para Brasília.

Sarney decreta luto oficial de oito dias e autoriza a União a cobrir as despesas funerais do ex-presidente, com direito a honras de Chefe de Estado. Mas não vai ao enterro, mantém sua agenda, incluindo o lançamento do selo dos Correios em homenagem póstuma ao seu companheiro de chapa de Aliança Democrática, Tancredo Neves. Ao velório, no Clube Militar, comparecem os ex-presidentes Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo e muitos ex-ministros. Entre eles, o antigo chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Carlos Alberto Fontoura, que destaca o maior feito de Médici nos tempos de Presidente da República: “Ele conseguiu uma grande vitória contra o comunismo internacional no Brasil”. O historiador Hélio Silva estabelece o contraponto e lembra que, com a morte do general, “apaga-se a principal testemunha do período mais cruel dos anos de ditadura”. “O sistema ordenava uma repressão violenta e encontrou em Médici um soldado fiel”, completa.

O caixão com o corpo do general é levado para o Cemitério São João Batista em carros blindados Urutu. O cortejo percorre as praias do Flamengo e do Botafogo sem causar problemas no trânsito nem despertar comoção popular. Sob a salva de 21 tiros de canhão, o caixão desce ao

jazigo. Poucos minutos antes de a sepultura ser lacrada, o repentista Gauchito homenageia o contrerrâneo:

*Adeus, Presidente Médici
Que fez coisa mais de mil
Que fez um novo Brasil
E da Esportiva fez sucesso
Abriu a Transamazônica
No sertão amazonense
Foi um grande rio-grandense
Que redobrou o progresso*

Antes de iniciar mais um show da Legião Urbana no Circo Voador, no dia seguinte à morte de Médici, Renato faz um pronunciamento aos fãs:

— Muitas vezes eu penso que só morre gente boa, gente que faz bem ao mundo. No entanto, a morte de um ditador me conforta, e, creio, conforta todas as pessoas que sonham com um Brasil livre e bonito. Então, vamos fazer deste show a celebração da morte de mais um fascista.

Os jornais contam que o general Emílio Garrastazu Médici morreu após dezoito meses de debilidade física progressiva. Quando chegou ao hospital pela última vez, apresentava febre, pneumonia aguda, sintomas de embolia pulmonar e crise de hipertensão arterial. Teve, então, insuficiência renal aguda, o que provocou a falência múltipla dos órgãos. Desde agosto de 1984, o ex-presidente sofria as consequências de um acidente vascular cerebral (AVC). Mergulhou na inconsciência. Não soube da derrota do candidato governista Paulo Maluf no Colégio Eleitoral, da agonia e morte de Tancredo Neves, da posse de José Sarney, da tumultuada instauração da Nova República. O derrame deixara graves sequelas. O general ficou com um dos lados do corpo, o direito, inteiramente paralisado, sem chance de recuperação.

Renato exulta de felicidade. A revista *Bizz*, a mais importante do país no segmento pop, divulga a lista dos melhores de 1985, e a Legião é eleita o melhor grupo de rock, o melhor vocalista e o disco do ano. Os críticos também citam o grupo em quase todas as listas individuais de melhores músicas. A banda recebe convite da Rede Globo e participa do programa *Mixto Quente*, gravado em palco montado na Praia da Macumba, zona oeste

do Rio. “Não é *playback*, como no Chacrinha”, avisa o jornalista Paulo Pestana, citando as três bandas de Brasília que estarão na tela da Globo: Escola de Escândalo, Plebe Rude (“*outsiders* que vêm da *high society*, rejeitados por escolha própria”) e Legião Urbana, que tocará “Petróleo do futuro” e “Soldados”. “O grupo já não pode mais ser considerado como brasiliense: já conquistou o Brasil todo através de um trabalho que pouco tem a ver com o rock brasileiro, este de ideias curtas e cabelos coloridos, com uma postura política bem definida e uma preocupação social que vai muito além das juvenilidades habituais dos roqueiros deste varonil Brasil”, ironiza Pestana.

O fenômeno das guitarras no Planalto continua a ser objeto de análise dos grandes jornais. Na reportagem “O rock candango invade o país”, da *Folha de S. Paulo*, Márcia Álvaro lembra que o Distrito Federal, recorde de maior densidade de piscinas por metro quadrado, também supera outras unidades da federação em número de bandas de rock. “Mais de 250 conjuntos, dos quais pelo menos vinte têm repertório próprio, ensaiam regularmente e se apresentam em espaços na capital. Isso só seria possível em Brasília: estrutura urbanística de grandes espaços, superquadras e vida setorizada e a diversidade de culturas, regionais e de outros países”, justifica a jornalista.

Renato, por sua vez, está de olho na produção dos colegas. Entusiasma-se com “Educação sentimental”, do Kid Abelha. Comenta com Jorge Davidson:

— As pessoas ainda não perceberam, mas eles dizem as mesmas coisas que eu, só que de uma maneira um pouquinho diferente.

Ao ver um pôster dos Paralamas na gravadora, deixa escapar, em tom maroto:

— Se eu fosse o vocalista, seria a maior banda do Brasil.

A Legião Urbana entra novamente em estúdio. Dessa vez, eles têm o respaldo da vendagem de 80 mil cópias do disco de estreia. Mudam de patamar. Ganham maior tempo de gravação e a dedicação exclusiva de Mayrton Bahia. Renato percebe que a gravadora quer mais da mesma fonte do primeiro disco. Recusa a fórmula:

— Não vamos fazer um segundo *Legião Urbana*. Não quero ser classificado como banda punk para o resto da vida. É hora de abrir o leque de opções.

Renato inicia o processo de convencimento dos colegas da banda e das gravadoras para redirecionar a sonoridade da Legião.^[41] Para Dado Villa-Lobos, a “catequese” inclui uma fita cassete (“*Acoustic songs*”) com músicas de Paul McCartney, Cat Stevens, George Harrison e Buffalo Springfield (“*On the way home*”)^[42]. Prepara também um livreto descrevendo as faixas e as possibilidades de execução radiofônica de cada uma das músicas: “Eduardo e Monica” (“*Hit single* fortíssimo e imediato”), “Tempo perdido” (“Densa demais para o *airplay* extensivo”), “Índios” (“Indiscutivelmente, a última faixa do disco”).

A proposta inicial do líder da Legião era ambiciosa. Um disco duplo, *Mitologia e Intuição*, com 24 faixas: muitas novas, outras dos tempos de Trovador Solitário, temas instrumentais, vinhetas, regravações. Inclui na lista “Faroeste caboclo”, “Canção da independência”, “Domingo na churrascaria”, “Planos do asfalto”, “Mariane” e “A canção do senhor da guerra”. Chega ao requinte de indicar a ordem das faixas, algumas ainda não finalizadas, e os *out-takes*: “Vento no litoral”, “Eu sei”, “Los incas” e “Boomerang Blues”. A gravadora rejeita, alegando que encareceria o produto. Mesmo assim, eles finalizam gravações do que não será aproveitado no disco. Uma versão para “Juízo final”, de Nelson Cavaquinho e Élcio Soares, chega a ser mixada, mas não é aproveitada. Dado lamenta, pois tinha gostado do resultado, em especial da “levada pós-punk” da segunda parte da gravação. Antes de gravar o vocal para versos como “Quero ter olhos para ver a maldade desaparecer”, que considerava próximos ao estilo de Ian Curtis, Renato brincou no estúdio:

— Agora vocês vão ver que eu também canto samba.

Mas nem sempre as gravações são descontraídas. Bonfá, ainda longe da plena adaptação ao Rio, sente-se meio perdido. Não consegue tocar direito. Muitas músicas surgem dentro do estúdio. A linha de baixo de “Daniel na cova dos leões” é criada por Negrete durante as sessões. “Índios” (cujas aspas no título remetem a “Heroes”, de Bowie) e “Andrea Doria” (que “herda” em um dos versos o título de uma das canções que ficaram de fora do álbum duplo, “Diamante de vidro”) também surgem naquele momento, naquele lugar. Com a ajuda decisiva de Mayrton Bahia, exploram todos os efeitos disponíveis, tentam criar ambiências, arriscam tudo no estúdio. O produtor se admira com o processo “muito particular” de criação.

— Primeiro eles fazem uma levada musical, uma base instrumental em cima do que eles querem fazer. Uma música mais rápida, outra mais lenta...

Depois o Renato ouve aquele instrumental e imagina que tipo de texto ele gostaria de falar com aquele som. Aí ele faz as letras livremente, sem melodia, sem métrica definida. Depois vai para o estúdio e tenta cantar aquela letra em cima daquela base, só aí começam a surgir as melodias originais. “Índios” é um exemplo típico desse método.

Algumas letras são elaboradas ao extremo. Para escrever “Acrilic on Canvas”, Renato consultara a irmã e o amigo brasileiro Marcelo Beré. Ambos conheciam técnicas de pintura. Quando leu a letra inteira para Beré, ele apontou uma incongruência:

— Porra, Renato! Não é assim, não se mistura acrílico. O solvente é água. É melhor você chamar de “Oil on Canvas”.

— Eu vou chamar de “Acrilic on Canvas”. Isso é licença poética: a minha tinta acrílica eu dissolvo como quiser.

Outras letras são finalizadas dentro do estúdio. Renato se exaspera, diz que não quer se repetir. Amaro Moço tenta acalmá-lo:

— Não esquentar, não, Renato. É como já cantou o Milton Nascimento, qual a palavra que nunca foi dita?

Com pequenas alterações, o verso de “Paula & Bebeto” lembrado por Moço é citado na letra de “Quase sem querer”, que traz ainda uma frase (“És um dos deuses mais lindos”) de “Oração ao Tempo”, gravada por Caetano Veloso em 1979 no LP *Cinema transcendental*. Ao final das sessões, o técnico ganha um presente do cantor: a trilha sonora de *A cor púrpura*, drama de Steven Spielberg.

Se no primeiro disco o conteúdo é majoritariamente político, o segundo vem envolto no lirismo. Antes, a explosão; agora, a introspecção. A capa é ainda mais *clean* do que a da estreia, nada de fotos nem grafismos. O que era branco ficou ocre. Renato continua a cantar a necessidade do enfrentamento, mas passa a destacar os conflitos nascidos na esfera da intimidade. Sexo, amor, ciúme, amizade, desilusão. As letras mencionam as promessas desfeitas, os planos estilhaçados, as dores do crescimento, a juventude em estado febril. A suavidade dos violões entrelaça a energia das guitarras. No encarte, um casal se abraça na praia; na música, um casal se encontra no parque. *Dois*.

O primeiro *single*, “Tempo perdido”, chega às rádios em 24 de junho de 1986, dia de São João. A letra, como indica o título, revisita a temática da caudalosa obra-prima *Em busca do tempo perdido*, do francês Marcel Proust: as possibilidades de permanência da memória. “Todos os dias/

Antes de dormir/ Lembro e esqueço como foi o dia”.[43] Já a sonoridade é imediatamente comparada aos Smiths. Renato discorda, mas não se sente ofendido. “Digam o que quiserem, eles são ótimos e o Morrissey é incrível”, aquiesce. “A gente sempre foi assim, desde os primeiros ensaios, quando não se ouvia falar em Smiths: bateria reta, baixo marcante e guitarra com acorde distorcido ou dedilhado em contraponto aos violões”, completa Dado. Aumenta a expectativa para o disco.

O Capital Inicial também aguarda com ansiedade o lançamento do primeiro LP, gravado em São Paulo no início de 1986. “Música urbana”, assinada por Renato, Fê, Flávio e André Pretorius, ganha alta rotação nas rádios. Quase uma década depois do encontro na Colina, o Aborto Elétrico alcança o Brasil inteiro.

Pretorius não tem condições de acompanhar o sucesso da música que ajudou a escrever. A separação de Ginny e o vício em heroína (que traz a sensação de “orgasmo permanente”, como descreve em carta para o amigo André Mueller) o afastam cada vez mais do país. Continua, contudo, sintonizado no rock. Na temporada norte-americana, em companhia de Alex de Seabra, assiste a shows de Adam and the Ants, Gang of Four e Comsat Angels.[44] Participa ativamente da cena hardcore da cidade. Descobre as possibilidades da bateria eletrônica. Arrisca novas composições, agrupando-as sob a alcunha de *Radio Leukemia*, e envia a fita para André Mueller. Em cartas, relaciona as saudades do Brasil: estar com os amigos, comer Sonho de Valsa, assistir aos *Trapalhões*. Vai para a Alemanha passar uma temporada com a avó, em derradeira tentativa de desintoxicação. Segue para Berlim, a mesma cidade de Christiane F.. De três em três meses Ginny liga para a Alemanha em busca de notícias. Em uma das ligações, a avó de Pretorius não deixa a interlocutora falar. Ao identificar a voz da ex-mulher do neto, repete apenas uma frase:

— *Andre is dead. Andre is dead. Andre is dead.*

O “orgasmo permanente” de André Pretorius é citado na letra de “Seu jogo”, uma das faixas de *O concreto já rachou*. Produzido por Herbert Vianna, que participa da faixa *Minha renda*, o miniLP da Plebe Rude ganha críticas superlativas (“As canções são verdadeiras polaroides políticas”, atesta José Emílio Rondeau, na *Bizz*) e show de lançamento na festa *Grana, Fama e Você*, que superlota (2,5 mil pessoas) a Danceteria Zoom, no Lago Sul. Renato assina o *release*. “Este primeiro trabalho do grupo irá

surpreender a todos aqueles que ainda se recusam a ouvir e respeitar o que os jovens conscientes estão dizendo: a Plebe Rude consegue transmitir suas impressões sobre o que existe e acontece, de forma direta. As letras contêm observações e detalhes que são verdadeiros achados: os erros ficam expostos, eles falam o que os outros têm medo de dizer”, ressalta, antes de destacar dois versos de “Minha renda”.

*Você é músico, não é revolucionário!
Faça o que eu te digo que te faço milionário!*

O rock brasileiro está nos cadernos culturais dos jornais, nas revistas especializadas, nos programas de TV, nas rádios, nas pistas das danceterias. O Brasil já os trata pelo primeiro nome: Capital, Plebe e Legião. Com intimidade, com cumplicidade. Cogita-se até mesmo uma excursão conjunta dos três grupos (além do Detrito Federal) pela Europa, com shows em Bruxelas e Berlim.

Ao ler nos jornais sobre o sucesso das bandas da cidade onde passou parte da juventude, Ney Matogrosso não se surpreende. Pelo contrário, acha o movimento perfeitamente coerente com os descaminhos da capital federal e do país pós-golpe militar de 1964. Acredita que, depois de vinte anos de ditadura, a única forma de expressão possível no Planalto teria que estar impregnada de contestação. “Aborto Elétrico, Plebe Rude, Legião Urbana... Esses nomes são fortes, são ótimos!”

O ex-vocalista do Secos & Molhados acompanha de perto o rock nacional. Teve um relacionamento intenso com Cazuza, vocalista do Barão Vermelho, e participação decisiva na carreira da maior banda brasileira do momento, RPM – Revoluções por Minuto. Assim como a Legião, o quarteto paulistano possui na formação um cantor nascido no Rio de Janeiro, que toca baixo e escreve as letras. Paulo Ricardo de Medeiros. PRM. Ex-SQS 209-E-101. Ex-morador de Brasília.

Baixinho, tímido e míope, Paulo Ricardo sofreu horrores ao aterrissar no Plano Piloto em 1974. Filho do engenheiro militar Waldeck Medeiros, saiu das praias de Florianópolis e caiu em uma superquadra inteiramente reservada aos oficiais do Exército. Observava os ônibus verde-oliva parados à espera dos militares, como se fosse transporte escolar. Passou dificuldades na adaptação na escola. Na quadra, tem mais motivos para temer: brigas na

quadra de esporte, postes quebrados, roubo de toca-fitas dos carros. Suas impressões iniciais são aterradoras. O primeiro corte é o mais profundo.

Descobre a música aos 12 anos, quando vê Rita Lee durante a turnê *Fruto proibido*, no ginásio do Marista, colégio ao lado de sua escola, o Pio XII. Começa a mapear a cidade. Em busca de histórias em quadrinhos, pedala da Asa Sul até o aeroporto. Na fervilhante W3, compra o primeiro disco, *Help!*, dos Beatles. Descobre o rock progressivo. Passa as tardes lendo, desenhando, escutando seus novos discos: Uriah Heep, Slade, Genesis, Led Zeppelin. Fones no ouvido, cabeça cheia de planos. Quer ter uma banda de rock. Surge uma chance. Com o amigo Ismael, filho de oficial da Marinha, monta o Prisma, cujo nome une as iniciais dos dois fundadores.

O pai de Paulo Ricardo é transferido novamente, e o jovem tem de ir para São Paulo. No início de 1978, volta à capital para estudar violão clássico no Curso de Verão da Escola de Música de Brasília. Percebe que a cidade está diferente, vive uma ebulição pós-hippie. Quer entrar naquela atmosfera, entrar na dança. Cogita se mudar por conta própria, tem tudo traçado na cabeça. Então, conhece o tecladista Luiz Schiavon e começam a tocar, permanecendo na capital paulista.

No inverno de 1986, o RPM de Paulo Ricardo e Luiz Schiavon está no topo. O segundo disco, *Rádio Pirata Ao Vivo*, com o registro do show dirigido por Ney Matogrosso, chega às lojas com 250 mil cópias já vendidas. No repertório, os sucessos da estreia – “Revoluções por minuto”, “Rádio Pirata” – e apenas duas músicas inéditas: a instrumental “Naja” e a política-apocalíptica “Alvorada voraz”. As rádios não cansam de tocar a versão de “London, London”, de Caetano Veloso, e a balada “A cruz e a espada”.

Impulsionada pela euforia econômica trazida pelo Plano Cruzado, a indústria fonográfica extrai ouro na mina do rock. Os Titãs dão uma guinada na carreira e lançam *Cabeça dinossauro*, álbum de espírito punk, com ataques às instituições – família, igreja e Estado. Em um mês e meio, os Paralamas vendem 300 mil cópias do terceiro disco, *Selvagem?*, tendo na capa uma foto de Pedro Ribeiro, irmão de Bi, em um dos acampamentos da turma em Brasília. O disco do Capital Inicial, com fotografias do encarte assinadas por Ico Ouro Preto, também vende bem de cara. Além de “Música urbana”, há outras duas músicas dos tempos do Aborto Elétrico: “Veraneio vascaína” e “Fátima”.

A crítica reserva elogios ao segundo passo da Legião. Para Luis Antônio Giron, da revista *Veja*, “*Dois* é um LP maduro, que mostra como o grupo soube evoluir musicalmente e manter a consistência poética de suas canções”. Já Apoenan Rodrigues, da *IstoÉ*, afirma que a Legião “acaba de cavar uma brecha decisiva entre os melhores grupos nacionais” graças às “aguçadas observações sobre as descrenças da vida, as injustiças sociais ou o gosto amargo de uma paixão que passou, registradas em sensíveis letras”. Na crítica da *Folha de S.Paulo*, Heinar Maracy tece elogios e senões. Primeiro, afirma que a Legião é um grupo “sério, sóbrio e respeitável”, mesmo tendo nascido na “capital dos políticos”. Acha o disco “denso sem ser rebuscado, limpo, mas muito pessoal, impossível de se assimilar num gole só”. Para Maracy, Renato teria abandonado a “coloquialidade bregomântica e a retórica zangada que quase os transformou na Legião da Má Vontade por um discurso mais reflexivo e poético”, e aponta como ponto baixo do disco a faixa “Índios”, “poema que parece ter sido musicado à força”.

Outros críticos tecem comentários sem ressalvas. “*Dois* é um verdadeiro manifesto de modernidade, sensibilidade e garra. Sem exagero. Estamos diante de uma obra-prima, um disco ainda mais perfeito que o primeiro LP, mas suficiente para a maturação completa do grupo”, afirma Paulo Pestana, do *Correio Braziliense*. Para José Augusto Lemos, da revista *Bizz*, “a cada audição motivada pela incerteza do descrédito inicial, foram saltando aos ouvidos os detalhes, o espectro emotivo que alcança ternura e ódio, música em palavras que vêm das entranhas”.

Para o lançamento de *Dois* no Rio, a banda marca dois fins de semana consecutivos na casa noturna Noites Cariocas, no alto do Morro da Urca. “Não queremos tocar ‘Geração coca-cola’”, avisa Renato no *Jornal do Brasil*. Ele também descarta parafernália tecnológica, grandes efeitos de luz e som. “Fico meio confuso com equipe grande, e gostamos de cuidar da nossa privacidade, das nossas coisas individuais. O importante é que o público nos veja como quatro amigos que gostam de estar juntos. E que, por coisas do destino, tocam juntos”, complementa em *O Globo*.

No caminho para o show, ainda na saída da Ilha do Governador, Renato testemunha um acidente automobilístico. Comenta com o primo, Carlos Alexandre:

— É por isso que eu não dirijo.

Ônibus é o transporte que ele mais usa para se deslocar no Rio. Foi dentro de um que surgiu a inspiração para “Central do Brasil”, tema instrumental de tom caipira que acentua a suavidade do segundo disco. A segunda semana de shows no Morro da Urca atrai menos público. Dá para ver o show com os cotovelos no palco, até esticar o pescoço e ler a *setlist* presa no chão com fita crepe. Mas quem vai se emociona, mesmo os que acompanham a banda desde o início. Caso de Fê e Flávio Lemos, do Capital Inicial, embevecidos com uma das músicas novas, “Tempo perdido”. Radicados em São Paulo, os irmãos Lemos pouco encontram Renato, somente em ocasiões especiais, como quando o vocalista da Legião foi um dos padrinhos do casamento de Fê com a amiga Inês, no Rio Grande do Sul. Em um encontro com Flávio em um hotel na zona sul carioca, Renato citou um trecho de “Quase sem querer” (“Às vezes o que eu vejo quase ninguém vê/ E eu sei que você sabe quase sem querer/ Que eu vejo o mesmo que você”) para exprimir o momento vivido pelas bandas. Cazuza e Paula Toller também aparecem no camarim no show na Urca. A Legião se enturma.

O ano de 1986 vai chegando ao fim, mas há um importante compromisso a cumprir: gravar uma participação no programa *Chico & Caetano*. Exibido nas noites de sexta-feira na TV Globo, depois da novela *Selva de pedra*, o musical comandado pelos dois maiores nomes da MPB estreara em abril do mesmo ano com Rita Lee, Maria Bethânia e Luiz Caldas. Caetano Veloso e Chico Buarque estavam afastados de apresentações regulares na TV – o autor de “A banda” não subia em um palco havia onze anos. “A televisão se desinteressou um pouco pela música”, afirma Caetano. “Uma pode viver muito bem sem a outra, mas também podem ter uma ótima convivência.”

Logo na estreia, problemas com a censura. O diretor da Divisão de Censura da Polícia Federal, Coriolano Fagundes, veta o número em que Caetano, Chico, Rita Lee e Bethânia cantam “Merda”. “Não se pode mandar a nação inteira à merda em cadeia nacional”, justifica. E completa: “O uso da palavra merda oito vezes representa uma ofensa e uma grosseria”. Nas edições subsequentes, sem polêmica, Chico e Caetano recebem Astor Piazzolla, Tom Jobim, Paulinho da Viola, Jorge Ben, Paralamas, Cazuza, Beth Carvalho e Elza Soares. Em 15 de agosto, Paulo Ricardo causa *frisson* ao dividir os vocais com Caetano, de bigodinho, em “London, London” e ter os ombros languidamente elogiados pelo

compositor. O baiano Marcelo Nova, do Camisa de Vênus, recusa o convite da produção. “Não vou participar de *Namoro na TV*”, ironiza.

A última edição, no dia 26 de dezembro, tem cinco convidados: o cubano Silvio Rodríguez, Gilberto Gil, Evandro Mesquita, João Donato e Legião Urbana. Renato entra todo de branco, vestindo uma camiseta da Plebe Rude: “Vai entrar pro currículo, vai ser joia”, anuncia, antes de cantar “Ainda é cedo”. Enquanto Renato faz sua dança característica – pulos suaves e mãos agitadas num misto de Ian Curtis e Morrissey –, Caetano comenta com a mulher, Paula Lavigne, o desempenho do convidado. O outro apresentador assiste calado, olhos atentos à performance do vocalista.

Em dezembro de 1986, Renato Russo canta e o Brasil escuta. Chico e Caetano observam.

Em entrevista para o *Jornal de Brasília*, a repórter Cynthia Rosa pede a Renato para comparar o rock nacional e a Tropicália. Ele rechaça:

— Deus me livre! Não tem nada a ver, é exagero. Caetano é o máximo, a gente ainda está começando. Depois que eu tiver vinte discos gravados, aí se pode comparar.

Durante a entrevista com a Legião Urbana, publicada no dia 21 de dezembro de 1986, só quem fala é o vocalista. Dado, Bonfá e Negrete saem de fininho e vão encarar um sanduíche no Conjunto Nacional. O cantor conta que aproveitará os últimos dias do ano para rever a família e os amigos e matar “a saudade da cidade mesmo, que eu gosto muito”.

Renato lembra que, quando eles começaram, quase dez anos antes, só sabiam, no máximo, três acordes. “Então toda música nova saía que nem ‘Geração coca-cola’”. À repórter, descarta gravar em inglês (“Minha língua é a língua portuguesa”), garante que o contrato com uma multinacional da indústria fonográfica não mudou o *modus operandi* da banda (“A gente não está no esquema. O esquema é que procura a gente”) e critica o comportamento de uma parte da juventude brasiliense:

Brasília fascista? Total! Eu conheço muito bem essa raça, conheço muito bem meu eleitorado. A gente já passou por certas coisas... Esses boyzinhos com revólver... É um saco! Ficam esses parasitas vivendo dos outros, em cima da corrupção, não tem nada a ver.

A Legião tinha acabado de fazer três shows na cidade. A ideia inicial era voltar à capital federal para uma série de concertos no Plano Piloto e nas cidades-satélites, uma miniturnê pelos quatro cantos do Distrito Federal. Um ginásio em Ceilândia, a maior das cidades do DF, chegou a ser reservado, mas posteriormente descartado por problemas de infiltração no teto e de drenagem. A idealizada turnê que percorreria os 5.779,999 quilômetros quadrados do Distrito Federal, contudo, acabou sendo reduzida aos 2,8 quilômetros que separam o Teatro Nacional do Ginásio de Esportes. Depois de delicada negociação com a Fundação Cultural, conseguiram a Sala Villa-Lobos, o palco mais nobre da cidade, para os dois primeiros shows. O preço do ingresso também era apenas para nobres: duzentos cruzados. Renato foi questionado sobre o valor durante entrevista a Adriana Moraes, na TV Brasília: “Vocês cobraram esse valor porque é o preço do sucesso, Renato?”. “Primeiro que eu nunca vou cobrar ingresso caro por causa do sucesso. Até porque não acho que é sucesso, é reconhecimento. E é um bom lugar, tem o custo da produção, e eu não acho caro. Quem não tiver como pagar, pode ir ao Ginásio de Esportes e pagar quarenta cruzados”, refutou o vocalista.

A conversa com a apresentadora, ex-aluna de Renato na Cultura Inglesa, acontece no Cine Brasília dois dias antes do show na Sala Villa-Lobos. Tendo ao fundo os cartazes da Mostra Ingmar Bergman e de *Hannah e suas irmãs*, de Woody Allen, Renato repassa de forma didática o início da banda. Adriana pergunta sobre eventuais divergências internas: “Vocês se dão bem?”. “Super! A gente está superjunto o tempo todo, mas só os quatro sabem o que está acontecendo. É como se fôssemos primos”, responde o cantor.

Quando questionado sobre o método de criação da banda, Renato ressalta as etapas do processo (“Ao contrário do que muita gente pensa, a música vem antes, só depois escrevo a letra”) e define seu papel na Legião: “Eu funciono como um catalisador”.

Com um cigarro aceso na mão esquerda durante quase toda a entrevista, ele responde de forma provocativa à possibilidade de ter ficado ressentido com o tratamento dispensado pela cidade à Legião antes de a banda gravar o primeiro disco: “Da Legião todo mundo gosta, mas quero ver quem dá apoio para as bandas que estão aqui agora, tipo Arte no Escuro e Escola de Escândalo”. Renato também comenta o assédio dos fãs durante as turnês: “É legal, só não gosto quando ligam para nosso hotel às nove da manhã e

ficam muito surpresos porque a gente está dormindo”. Em outra parte da conversa, já nos fundos do cinema, ele aparece deitado em um banco de concreto, lânguido, com a barriga de fora.

Depois de revelar novamente o desejo de ser cineasta, revisita o tema de “Conexão amazônica” e critica a acomodação das cabeças pensantes da cidade:

Em vez de ficar no Beirute discutindo dogmatismo sintético-dramático na obra de Godard, faz que nem o Damata, passa o filme pra galera! Em vez de ficar discutindo Andy Warhol ou a linguagem do vídeo dentro da estética pós-modernista dos anos 1980, porque você não pega a sua câmera? Faz que nem a Maria Coeli, vá filmar!

E cita ainda, como exemplos de gente que faz arte na cidade, Fernando Villar, diretor teatral, Márcia Duarte e Luiz Mendonça, do grupo En-Dança, e Marcelo Beré, que tinha criado o grupo Udi Grudi. “Eles dão ânimo e energia para outras pessoas. E é tão bom a gente fazer alguma coisa... A vida fica mais legal!”

* * *

Descontraídos, Bonfá, Negrete e Dado conversam nas coxias da Sala Villa-Lobos pouco antes de pisar no palco. Renato está menos relaxado, anda em círculos. Vem a deixa da produção, é hora de entrar. Bonfá dá dois tapinhas nas costas do vocalista. Os quatro entram em cena. De camisa listrada e calça jeans, Renato segue até o microfone. Está novamente na maior sala do Teatro Nacional, mas dessa vez não ocupa uma das poltronas de veludo verde ao lado do pai para assistir a orquestras internacionais executarem peças de Mozart, Beethoven e Chopin. Luzes no cantor. Com “Que país é este” inicia o primeiro de uma série de três concertos para a juventude da capital do rock, dos protestos. Do rock de protesto.

Quinze dias antes dos três shows da Legião Urbana, Brasília tinha assistido a um espetáculo de tensão, fúria e fogo. Organizações sindicais tinham convocado manifestação para protestar contra o novo pacote econômico do governo Sarney. Conseguem mobilizar estudantes, funcionários públicos, até donas de casa para se postar em frente ao Ministério da Fazenda. No final da tarde, os primeiros conflitos, quando os manifestantes são impelidos pela polícia a deixar a Esplanada. São

empurrados, espancados pelas tropas da PM e do Exército. Recuam até a rodoviária, onde não há policiamento – erro estratégico das forças oficiais. Por uma hora e meia, os manifestantes queimam 27 viaturas policiais e cinco ônibus. Destroem cabines de despachantes, bancas de jornal, uma charutaria e uma lanchonete. Também saqueiam e incendeiam um supermercado. No início da noite do dia 27 de novembro de 1986, Brasília queima.

A Polícia Militar aparece e os autores do quebra-quebra abandonam a rodoviária. Seguem em direção ao Conic. Arremessam pedras nas vitrines das lojas e incendeiam o Banco Safra. Danificam equipamentos de telex e de telegrafia dos Correios, além de onze prédios públicos. A ordem só começa a ser restaurada cinco horas depois do início do tumulto. Trinta e quatro pessoas são presas. No início da confusão, o presidente José Sarney e seus assessores diretos, além de autoridades do primeiro escalão do Governo do Distrito Federal, rezavam na Catedral, protegidos por tropas. Era o Dia de Ação de Graças. Foi a Noite do Badernaço.

— Soube do horror em que eles transformaram Brasília há quinze dias. Eles tinham mais é que fazer um trabalho como o dos bombeiros e buscar preservar a paz, ao invés de promover a violência.

No terceiro e último show de lançamento de *Dois* no Distrito Federal, no Ginásio de Esportes, Renato critica duramente o comportamento das autoridades políticas brasileiras. Também dispara farpas contra o preconceito racial (“O Brasil não é a TV Globo”) e adverte os fãs:

— Vocês têm que usar a liberdade de que estão desfrutando agora. Quem foi jovem antes de nós, há uns dez anos, foi preso, torturado, e uns até sumiram.

Vinte mil pessoas superlotam o ginásio. “Desde a década de 1970, quando shows como os do Secos & Molhados, Doces Bárbaros, Roberto Carlos e Milton Nascimento levaram multidões ao ginásio, não se via tanta gente naquele local”, observa o jornalista Irlam Rocha Lima. Há invasão de público em dois setores, e pessoas juram ter visto uma menina cair da arquibancada e ser levada para o hospital. A Legião abre o show com “Que país é este”. Depois, apresentam as faixas do *Dois*. Antes do hit do momento, “Tempo perdido”, o vocalista faz nova advertência aos fãs:

— Nunca se esqueçam, o futuro é nosso, e não deles.

“Eduardo e Monica” é cantada em coro. Outro grande sucesso do *Dois* é cobrado pela plateia. O vocalista se irrita:

— Se continuarem insistindo, não canto “Índios”.

O público, entusiasmado, entoia o grito de guerra da banda baiana Camisa de Vênus:

— Bota pra fuder! Bota pra fuder! Bota pra fuder!

De bate-pronto, Renato reage:

— Nós somos a Legião. Quando eu quero botar pra fuder, é com uma pessoa muito especial, no meu quarto.

— Dado e o Reino Animal, Escola de Escândalo, SLU, Angra 2, Vigaristas de Istambul, Chaka Chaka na Butchaka, Diamante Cor-de-rosa, Metralhas, Kaos Konstrutivo, Blitz 64, Aborto Elétrico, Mantenha Distância, Peter Perfeito e Suas Linhas Arrojadas, Arte no Escuro, Gestapo, Elite Sofisticada, é claro, XXX. Esqueci alguma? Finis Africae, Capital Inicial, Plebe Rude!

A lista de bandas brasilienses que Renato relaciona durante o show refere-se apenas àquelas que ele acompanhou de perto, no início dos anos 1980. Na metade da década, já existem duzentos grupos de rock catalogados pela Fundação Cultural do Distrito Federal. A Funarte promove a terceira temporada destinada às bandas iniciantes. Volta e meia aparecem Paralamas, Engenheiros do Hawaii, Biquini Cavado, Kid Abelha, Ira!, Titãs... Não há um fim de semana sem um show de rock na cidade. O monopólio das guitarras incomoda. O diretor da Fundação, Reynaldo Jardim, lança a provocação:

— O que o jovem sabe fazer além do rock?

Jardim organiza o Encontro da Juventude Candanga para mapear a produção da geração nascida e criada na capital, “além do protesto”. Enquanto a explicação não chega, o fenômeno é esmiuçado em discussões teóricas, que incluem citação ao filósofo Marshall McLuhan: “O rock é a expressão da oralidade contemporânea”. O poeta Nicolas Behr arrisca: “Brasília é uma cidade que incita à subversão. E o rock é pura subversão, é a explosão da vontade de dizer não. Talvez até pelo seu traçado, a cidade massifica muito e as pessoas não encontram meios de dizer que estão vivas”.

O jornalista Severino Francisco lembra que, inicialmente, muitos programadores de rádio se recusaram a tocar as músicas da Legião. Tinham

medo que os ouvintes não compreendessem as letras. Cita “o estado de emergência existencial” dos novos grupos. “O que está em jogo é uma nova sensibilidade urbana”, destaca o jornalista.

Daqui para a frente, o urbano no Brasil não pode ser lido mais apenas pelo PIB, pelo número de supermercados, pelo número de telejornais ou pela estatística de geladeiras vendidas. O urbano moderno brasileiro passa a ser também uma sensibilidade.

Finis Africae, uma das bandas brasilienses citadas por Renato no show, ganha o apadrinhamento do cantor.^[45] Por influência da Legião, a EMI-Odeon lança, em 1987, o miniLP *Finis Africae*, com músicas conhecidas no circuito underground brasiliense e carioca como “Armadilha” e “Máquinas”. Um dia, durante os ensaios para a gravação do disco, Renato aparece no estúdio. Aconselha o vocalista Eduardo Moraes e os outros integrantes:

— Por favor, façam um disco de big hits! Tem que ser um atrás do outro, para que toquem todos na rádio. Depois, no segundo disco, vocês colocam aquelas que vocês gostam, mas têm dúvidas se os outros vão gostar.

* * *

Em dezembro de 1986, Brasília já ocupa o terceiro lugar em casos de aids no Brasil. Perde para Rio de Janeiro e São Paulo, dividindo a posição com o Rio Grande do Sul. A primeira ocorrência da síndrome da imunodeficiência adquirida no Distrito Federal tinha sido comunicada aos órgãos governamentais de saúde em 24 de maio de 1985. A mais recente, em 21 de novembro de 1986, totalizou oito casos. No mundo, a doença é tratada como epidemia, especialmente após a morte do ator Rock Hudson. Místicos garantem: “É a peste da Era de Aquário”. Em menos de cinco anos, a doença tornou-se a principal *causa mortis* de homens novaiorquinos na faixa dos 30 aos 39 anos. O médico e pesquisador inglês John Seale, da Royal School of Medicine de Londres, faz um prognóstico sombrio: “O nível de destruição do vírus é avassalador. Estamos caminhando para uma catástrofe mundial”. Não há perspectiva de cura.

A Legião Urbana começa a arrastar multidões pelo Brasil. Em ginásio lotado, no Recife, Renato brinca com a plateia logo no início de “O reggae”. Simula a voz de um homem mais velho, uma autoridade qualquer, e improvisa um discurso para o personagem:

— Vamos tomar as medidas necessárias para firmar a democracia brasileira. O que nós prometemos, estamos tentando cumprir. Estamos do lado de vocês em manter os valores reais, os valores firmes e corretos da tradição brasileira. Precisamos honrar a família brasileira. Aqueles escurinhos vão ser expulsos do prédio. Aquela mãe solteira que denigre a moral do nosso prédio será devidamente expulsa. Aquela família que tem aquele jovem maconheiro também será colocada no seu devido lugar. Isso sem falar naqueles comunistas. Piores do que eles, só o pessoal da Seichonno-ie.

A multidão dá risada. Renato prossegue, fazendo referência à Assembleia Nacional Constituinte, instaurada em Brasília para preparar e aprovar a nova Carta Magna do país:

— Vocês sabem que, como diz a Constituição, inclusive que nós estamos escrevendo, todo crime é puro, até mesmo os crimes gratuitos, se o fim é limpar o que é sujo. Há muita coisa de sujo na sociedade brasileira, a começar por esses jovens que estão aqui quando deveriam estar em casa assistindo a televisão em vez de estar aqui se drogando. Essas moças, essas meninas, de 13, 14 anos junto com esses machos suando, fedendo, meu Deus do céu, onde vamos parar? É por isso, então, que vamos pedir o apoio de todas as famílias corretas e sinceras para exterminar todo o mal que se instalou como um câncer na sociedade brasileira.

Está especialmente bem-humorado diante do público pernambucano:

— Eu me amarro em fazer isso, sabia? Eles te ensinam a tocar igual, fazer Chacrinha, tocar bonitinho, mas é superlegal tocar pra vocês. Isso é superlegal, saca? Ninguém tem que fazer nada como eles mandam fazer, não. Tem que fazer como você quer. Então, vamos lá.

No meio de “Eduardo e Monica”, porém, o estado de espírito do cantor muda bruscamente, quando avista uma briga no meio do público. Transtornado, interrompe a música e começa a gritar:

— E o que é isso aí? É bem a merda de país em que a gente tá. Quer provar que é homem? Faz como os rapazes daqui que estão junto com a namorada. É foda, cara. Como eu vou lembrar da letra se tem aquele bando

de gente ali? Acende a luz mesmo! O câncer está entre vocês. O câncer está entre nós, os jovens. É por isso que o país não vai pra frente.

A plateia reage, gritando “Bota pra fuder”:

— Vocês gostam de botar pra fuder, não é?

Então, Renato perde o controle de vez:

— Aí começa essa babaquice! O país tá botando pra fuder. Puta que pariu, o que é isso, é performance? E fiquem rindo, porque vocês não sabem o que o sul do Brasil pensa de vocês. Eu sei porque sou de Brasília! Não sou do Rio nem de São Paulo. E eu descobri o que o Rio e São Paulo pensam do resto do país. E é uma pena, uma pena. Porque vocês são bonitos, são lindos. Esse lugar aqui é muito legal. Assim como Brasília é legal, Belém é legal, Salvador é legal, Porto Alegre é legal, sabe? Mas aqui só dá Rede Globo e vocês só sabem copiar isso. Tipo assim, só é legal o que Rio e São Paulo dizem que é legal. Só por causa disso.

Inicia “A canção do senhor da guerra”. No refrão, para de tocar o violão e canta, à capela:

O senhor da guerra não gosta de crianças

Volta a discursar:

— Será que a gente pode voltar agora? Para falar sobre violência, é tão fácil, não tem problema nenhum. Mas para falar do jeito como as pessoas se gostam, sempre tem interferência. É foda!

Retoma “Eduardo e Monica”. Depois, comenta a letra:

— Eles existem de verdade. Tem problemas, mas são poucas as pessoas que conheço que chegam perto de ser que nem eles. Se abraçaram e se beijaram e mandaram todo mundo à merda, porque o importante é você e quem você ama, sacou?

Em abril de 1987, no auge da carreira, quase 1 milhão de cópias vendidas dos dois discos, Renato anuncia que deseja parar de fazer shows, gravar álbuns e tomar drogas.

— Preciso funcionar com os pés no chão.

O sucesso escapara do seu controle, reconhece. Afirma para Isa Pessoa, em *O Globo*, que a Legião Urbana é uma banda que “trabalha com ideias, não com imagens”. Recusa a massificação. “Se a gente deixar rolar, daqui a pouco tem camisetinha, broche, adesivo, tudo com a nossa cara.” Sente-se

pressionado pela gravadora a preparar logo um novo álbum. Decide se recolher, ficar mais tempo na Ilha do Governador, mais próximo à família. “O público esqueceu Elvis Presley, quando ficou dois anos no Exército, sem tocar? Ou esqueceu Jerry Adriani? Rock é sintonia”, afirma.

Já envolvido com a cocaína, Renato afirma que não deseja ficar usando drogas, “a ponto de perder o fio da meada”: “Tudo que é excesso não presta. Excesso de discos vendidos ou excesso de talento, que não é meu caso”.

Ao *Jornal do Brasil*, queixa-se da fama adquirida em menos de três anos: “Quando você faz sucesso com uma banda de rock ‘n’ roll, você tem que conviver justamente com as pessoas de quem queria fugir ao fundar uma banda de rock ‘n’ roll”. Constata uma “empatia trocada”: o boyzinho que ia aos shows cantar “A dança” (“Tratando as meninas/ Como se fossem lixo”) voltava para casa e batia na namorada. Avisa que, mesmo se sair temporariamente de cena, não deseja perder o contato com os fãs, “que escrevem cartas lindas”. Planeja criar uma linha direta de comunicação, o Correio da Legião.

Não leva o plano adiante, mas é para os fãs que idealiza “um presente de Natal”, um terceiro disco que, na verdade, poderia ter sido o primeiro. Ao perceber que as novas músicas ainda levariam muito tempo para emergir, Renato encontra na própria história o escape para o futuro. Escava o passado. Durante duas semanas de outubro, gravam músicas da época do Aborto Elétrico, do Trovador Solitário e do início da Legião Urbana. Repertório conhecido, a banda se dá ao luxo de deixar as horas passarem dentro do estúdio – até jogam vôlei lá dentro.

Com apenas duas músicas novas – “Angra dos Reis” e “Mais do mesmo” –, *Que país é este 1978/1987* chega às lojas no início de dezembro, no mesmo mês em que o Plano Piloto de Brasília é declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco e o tombamento faz Lucio Costa refletir: “A cidade, que primeiro viveu dentro da minha cabeça, se soltou, já não me pertence, pertence ao Brasil”. No encarte de *Que país é este*, Renato explica:

São nove canções em versões originais de estúdio, que hoje soariam deslocadas, por tudo que já passamos juntos, de dois anos para cá. Não há mais inocência e vai-se longe o tempo onde “Que país é

este” era um perigoso grito de rebeldia: hoje resta a lembrança nostálgica de um tempo que dificilmente vai voltar.

Discorre sobre cada uma das faixas. A respeito da faixa-título, afirma que não tinha sido gravada antes “porque sempre havia a esperança de que algo iria realmente mudar no país, tornando-se a música então realmente obsoleta. Isso não aconteceu, e ainda é possível se fazer a pergunta do título, sem erros”. Critica os ataques de pessoas que dizem ser o rock “uma imposição, uma ditadura, um sistema estético com a intenção de embotar a cabeça do jovem”, pois, “ao ficar com aquele bate-estaca o dia inteiro na cabeça, você se esquece da realidade que o cerca, de coisas realmente importantes”:

Preste atenção à letra de “Que país é este”. Não nos parece coisa de gente que se esqueceu da realidade que a cerca. Comparar o rock com a ditadura? Que país é este?

A reação ao disco não é unânime como a alcançada por *Dois*. Em *O Globo*, Tom Leão elogia: “Qual é o grupo que não gostaria de criar um disco assim, com os tesouros do repertório e com o objetivo maior de agradar seu público?”. O mesmo caminho segue o crítico Arthur Dapieve, no *Jornal do Brasil*.^[46] Reconhece que *Que país é este 1978/1987* está abaixo da unidade conceitual de *Dois*, mas ressalta: “[O disco] espelha a trajetória do grupo, do social ao pessoal, sem perda da perspectiva política de ambas as dimensões”. Já na *Folha de S.Paulo*, Mario Cesar Carvalho faz críticas incisivas. Classifica o LP como “esquálido” e acusa a falta de “certa elaboração musical nas letras propositalmente simples e diretas”. Detecta “sinais de crise” na Legião Urbana. Considera a letra de “Que país é este” “quase débil”: “O resgate arqueológico que a banda tenta promover com o novo disco remete a uma certa inocência juvenil, uma época em que os grupos imaginavam que poderiam chacoalhar as estruturas viciadas no mundo pop com três acordes de guitarra, uma bateria primitiva e muito espontaneísmo nas letras”.

Mesmo com a descrença de parte da crítica, as vendas logo decolam. O LP chega ao primeiro lugar das paradas, com 240 mil cópias vendidas. Aos que classificam o disco como “antologia caça-níqueis”, Renato rebate: “Isso é pra explicar de uma vez por todas que não gravamos músicas antigas só

pra ganhar dinheiro. Tivemos cuidado com o produto, da capa ao papel. O público tem inteligência, ele escuta a Legião sem jabá”.

“Tenho pavor de me repetir. Não estou a fim de falar de enchentes, aids, governo. Quero cantar canções de amor. Já desisti de fazer músicas para salvar o mundo. ‘Eduardo e Monica’ estão divorciados.”

No encarte, Renato explica que três canções ficaram de fora da antologia: “A canção do senhor da guerra”, “O Grande Inverno da Rússia” (por ser “experimental demais”) e “Dado viciado”. Segundo o vocalista, as ausências possibilitaram a inclusão de uma música anterior a “Eduardo e Monica”, que seguia a mesma linha: “uma história completa com personagens, começo, meio e fim”.

“Faroeste caboclo”, música de nove minutos e 159 versos, torna-se o mais improvável hit radiofônico da história da indústria fonográfica brasileira. Ao narrar a paixão e morte de João de Santo Cristo, saga conhecida da turma da Colina desde o início da década e apresentada pela primeira vez fora do Distrito Federal em 1983, no Morro da Urca (“sob vaias iniciais dos punks”, frisa o vocalista no encarte), Renato move montanhas. As rádios que tocam no início da noite as canções mais pedidas pelos ouvintes são obrigadas a tomar uma decisão drástica: cortar três músicas para acomodar “Faroeste”. Quando faltam dez minutos para as sete da noite, não adianta girar o *dial*. É impossível desviar de Santo Cristo, Maria Lúcia, Pablo, Jeremias, luzes de Natal, generais de dez estrelas, lote 14, Winchester 22, sangue, perdão. Renato Russo é a voz do Brasil.

“Moramos na cidade, também o presidente...” Enquanto o jovem de classe média que não tinha gasolina, carro nem “nada de interessante para fazer” patinava no tedioso Plano Piloto do final dos anos 1970, João de Santo Cristo percorria os quatro cantos do Distrito Federal à caça de seu destino. Talvez os dois tenham se esbarrado em uma das festinhas da cidade, mas dificilmente foram vizinhos. O primeiro morava em uma superquadra; o segundo vivia nas cidades-satélites. Personagens criados por um autor recém-saído da adolescência, ambos surgem da observação de uma das características inerentes à capital: a dualidade da vivência cotidiana dos habitantes com a sede do poder constituído.

[...]

Ver o mar, como diz Santo Cristo, é o desejo de todo brasileiro que mora no interior. Vontade representada, por exemplo, na última sequência

de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, o longa-metragem de Glauber Rocha que provocou comoção, em 1964, no Festival de Cannes, do qual saiu com o epíteto de *western* terceiro-mundista. O sonho de João de Santo Cristo começa onde o cineasta baiano termina o seu faroeste: no oceano. O desejo inicial do personagem criado por Renato, contudo, nada tem de alegórico, pois já nasce imiscuído nas tentações ofertadas pelo meio de comunicação mais popular do país (“Ele queria sair para ver o mar/ E as coisas que ele via na televisão”). De Glauber até Renato, o Brasil mudou: o sertão virou mar, o cinema virou televisão. E é neste país contraditório e assimétrico, capaz de plantar simultaneamente as sementes da esperança e do ressentimento, que João de Santo Cristo traça itinerário de espelho e corte, de vida e morte.

[...]

O cenário do enfrentamento de Jeremias e João de Santo Cristo é apresentado inicialmente por meio da visão mitificada de terceiros (“Neste país lugar melhor não há”), depois pela impressão de encantamento do recém-chegado: “Meu Deus, que cidade linda”. Brasília, capital da esperança. Representantes da sociedade local desmoronam a expectativa do migrante: pela influência dos “boyzinhos da cidade”, comete roubos; de oficiais mais graduados do Exército, recebe a proposta de promover atentados contra colégios e bancas de jornal. Aqui não há nuances. Os vilões vestem camisas de grife, furtam, usam farda, prendem e mandam prender. A fantasia ufanista, alimentada diariamente pela “A voz do Brasil” (“O noticiário que sempre dizia que o seu ministro ia ajudar”), é desfeita pela realidade: para sobreviver dignamente, só à margem da lei. Brasília, capital da desilusão. Não foi só você, Maria Lúcia, que feriu João.

O duelo de Santo Cristo com Jeremias, previamente anunciado pela televisão, atrai gente de todo o tipo. Populares agitam bandeirinhas, ambulantes vendem sorvete, repórteres se posicionam, todos querem testemunhar o derramamento de sangue. E, antes espectador, João agora está na condição de protagonista do espetáculo. A violência, ao vivo ou filtrada pelas lentes das câmeras, fascina e distrai. *That’s entertainment*.

Ao fim do duelo, há três corpos estendidos no chão: João, Maria Lúcia e Jeremias. A sede de sangue é momentaneamente saciada. De imediato, começa a mistificação do herói torto. Morre o homem, nasce a lenda. Só que não há ressurreição no fim da via-crúcis. Tudo é dor. Então, em uma frase-epitáfio, Renato sintetiza a tentativa fracassada de união das duas

Brasílias, as cidades dos anônimos e a sede do poder: “Ele queria era falar pro presidente/ Pra ajudar toda essa gente/ Que só faz sofrer”. João tomba sem alcançar seu objetivo. Desaparece sem encurtar a distância entre os lotes da Ceilândia e os palácios de Niemeyer. Permanece intocado o abismo entre a poeira e o mármore.^[47]

Submetida à censura, “Faroeste” tinha sido inicialmente vetada para radiodifusão por apresentar “referências sobre drogas, violência gerada por conflitos entre traficantes e linguagem vulgar e grosseira”, conforme apontou a técnica Edite Pereira, em novembro de 1987. Sua colega, Viviane Mendonça, foi mais condescendente: “Há várias referências a drogas que, no entanto, não são apologéticas. A mensagem final relativa a esse tema vem a ser positiva já que durante certo tempo, ele, apaixonado, reabilita-se vindo a morrer num duelo com o adversário”, opina, sugerindo a liberação “com veiculação restrita”.

Apesar de proibida para radiodifusão, a saga de João de Santo Cristo consegue a proeza de se autoliberar. Os pedidos insistentes dos ouvintes fazem a música chegar às rádios com supressões em trechos por conta de palavrões (“cu na mão”) e expressões populares (“Comia todas as menininhas da cidade”), devidamente sublinhados pelos técnicos da Censura. Logo o épico passa a tocar integralmente em várias emissoras pelo país. Alertada pela Superintendência Regional do Rio Grande do Norte, a divisão da Polícia Federal envia telegrama à EMI e comunica que a gravadora tinha sido multada por infringir a proibição estabelecida.

A música tem poder de transformação. Ex-colega de Renato da Cultura Inglesa, Humberto Adami ouve “Faroeste caboclo” no interior da Bahia, para onde tinha se mudado por conta do trabalho no Banco do Brasil. Sente incomum alegria ao reconhecer na letra os lugares onde ele cresceu, as histórias que ouvira falar quando era apenas mais um jovem do Distrito Federal. O advogado Adami reencontra o adolescente Piolho.

Ao escutar “Faroeste” tocando nas rádios, Aldo Justo se entusiasma: “Isso é um repente rock ‘n’ roll!”. O integrante do Liga Tripa percebe que, naquela música da Legião Urbana, Renato tinha conseguido colorir o rock com tintas brasileiras. O autor concorda, conta a jornalistas que deve a estrutura da música tanto a “Hurricane”, de Bob Dylan, quanto a “Domingo no parque”, de Gilberto Gil.^[48]

Um dia, na EMI, Renato vê o 14 Bis em estúdio preparando a gravação do disco *Sete*. Não resiste e entra para acompanhar os ensaios. Escuta Flávio Venturini, o autor de “Nascente”, às voltas com um tema instrumental, levado apenas com vocalizações, ainda sem letra. Aproxima-se, citando a primeira banda do cantor e compositor mineiro.

— Eu curto seu trabalho desde os tempos de O Terço. Adoro aquele disco, *Criaturas da noite*!

Renato pergunta se pode escrever a letra para aquele tema. Venturini concorda e entrega a base da música para ele. Três meses depois, recebe os versos do compositor brasiliense. Assim, nasce “Mais uma vez”. Logo no início, uma referência à “Juízo final”, de Nelson Cavaquinho, canção que a Legião gravou e não incluiu no disco *Dois*. “O sol há de brilhar mais uma vez” é convertido para “Mas é claro que o sol/ Vai voltar amanhã/ Mais uma vez, eu sei”. Em ambas as composições, prevalece a certeza dos autores de que, apesar de existir “gente que machuca os outros”, o bem vencerá o mal. “Quero ter olhos para ver a maldade desaparecer”, pede Cavaquinho. “Quem acredita sempre alcança”, atestam Manfredini e Venturini. A música é finalizada a tempo de ser incluída no sétimo álbum do 14 Bis. Torna-se o maior hit do disco.

* * *

Dinho Ouro Preto está na casa de Dado Villa-Lobos. O Capital Inicial acaba de lançar o segundo LP, *Independência*. Renato aparece por lá e provoca: “Eu quero ver como vai este disco, agora que vocês não têm mais o melhor letrista”. Refere-se ao fato de as faixas de maior destaque do primeiro LP – “Fátima”, “Música urbana” e “Veraneio vascaína” – serem ainda dos tempos do Aborto Elétrico. Dinho engole em seco. As rádios começam a tocar a faixa-título do álbum. O grupo recebe um convite irrecusável. Fazer a abertura da primeira turnê de Sting pelo Brasil, inclusive em Brasília. Vinte anos depois de conhecer The Police em uma festa na casa de Fê Lemos, Dinho dividiria a noite com o ex-vocalista da banda inglesa. No palco montado em cima do gramado do Estádio Mané Garrincha, Dinho Ouro Preto encara um público um tanto indiferente. Tenta conquistar a adesão da plateia, cuja grande maioria está à espera de Sting.

— Eu quero ver essas mãos! Essa vai mais ou menos assim, ó...

A Legião Urbana recusa o convite para tocar no Hollywood Rock, festival que mistura atrações nacionais e estrangeiras no mesmo palco. Os organizadores oferecem uma noite exclusiva para a banda, mas a proposta é rechaçada por Renato.

— Para isso, tem o Capital Inicial.

As rádios não param de tocar “Independência”, o novo sucesso de Loro, Dinho, Fê, Flávio e Bozo Barretti, o tecladista paulistano que tinha se juntado ao grupo e reforçado a tendência pop da banda.

*Procuramos independência
Acreditamos na distância entre nós*

Após quase dois anos sem tocar no Rio de Janeiro, a Legião Urbana encerra o segundo festival Alternativa Nativa – Lobão e a dobradinha Leo Jaime/Kid Abelha tinham tocado nas noites anteriores. No ginásio do Maracanãzinho, o quarteto começa com “Que país é este” e termina com “Teorema”. No bis, “Angra dos Reis” e, novamente, “Que país é este”. Ao longo do show, o inesperado de sempre: citações (Clash, Stones, Bryan Ferry), comentários pontuais sobre fatos da atualidade (“Todo mundo tem direito de amar quem quiser, e não morrer esfaqueado por um surfista calhorda”, brada, em referência ao assassinato do teatrólogo Luiz Antônio Martinez Corrêa), frases provocativas (“Eu quero dinheiro”, durante “Química”) e declarações impositivas:

— Exija eleição! É só com a gente votando que a gente pode mudar alguma coisa!

Na plateia, Fernando Gabeira e integrantes do RPM, do Barão Vermelho, do Ultraje a Rigor e da Plebe Rude. Gabeira se impressiona com o carisma do cantor. Nota que as letras refletem o envolvimento e desencanto da classe média com a democracia. Ao conhecer Renato pessoalmente, se surpreende: acha que ele é “completamente diferente” do que tinha visto em cima do palco.

No *Jornal do Brasil*, sob o título “Legião exorciza a nação”, Arthur Dapieve chama atenção para o comportamento do vocalista (“no modo como incorporou os demônios da nação, se atirando ao chão, rastejando convulsionado”) e do público (“a plateia repassa os sucessos em êxtase religioso”), qualifica o show como “excepcional” e constata: “E, após os recentes shows de Titãs e Paralamas, é hora da encastelada MPB pôr a viola

no saco e os ridículos preconceitos de lado e reconhecer que a voz deste país (?) é hoje um aborto elétrico”.

O jornalista cita a inscrição em uma faixa estendida na arquibancada: “Que Sarney é este?”. A mensagem do fã da Legião mostra que a popularidade do Presidente da República despenca entre os jovens. O desgaste do fracasso de mais um plano econômico e a consequente volta dos altos índices de inflação fazem Sir Ney, alcunha concedida por Millôr Fernandes, amargar a impopularidade. A turma do jornal carioca *O Planeta Diário* não perdoa e elege como alvo preferencial o presidente não eleito pelo voto popular. “Depois da China, Sarney irá à merda; vai construir a Grande Muralha Norte-Sul”, “Sarney vende Roseana para casal israelense”, “Sarney se queixa à defesa do consumidor: deputados comprados vieram com defeito” (referência à denúncia de compra de votos no Congresso para ampliação do mandato presidencial de cinco para seis anos), “Patriotas se fodem de verde e amarelo – deputado mais vendido receberá disco de ouro no Chacrinha”.

O power trio Cláudio Paiva-Hubert-Reinaldo brinca também com a fama de intelectual do vocalista da Legião, ao atribuir ao cantor uma das estatuetas do fictício Grande Prêmio Planeta de Música Popular Brasileira: “O vencedor na categoria Melhor Letrista foi o roqueiro Renato Russo que, mesmo depois de lobotomia, continua sendo considerado o maior cérebro do rock-Brasil”.

O cerebral Renato, que no show do Maracanãzinho tinha ironizado o bordão do presidente ao se virar para o público e falar “Brasileiras e brasileiros”, não cabe mais nas páginas roqueiras. Vai parar na capa do prestigioso suplemento *Ideias*, do *Jornal do Brasil*, sob o título “O Legionário da Ética”. O vocalista conta ao repórter Luiz Carlos Mansur que adora Fernando Pessoa e William Burroughs e lembra da fase em que lia muito Thomas Mann, o autor de *A montanha mágica*. Contudo, Renato externa a preocupação de evitar o pedantismo: “Eu não fico em casa trancado lendo Mann, não é só isso”. Gosta da edição e agradece ao jornalista pela oportunidade de falar sobre literatura. Na mesma época, em outra entrevista, é instado a fazer uma radiografia da situação atual do país. Renato lembra que as críticas não podem recair apenas nas costas do atual ocupante do Palácio do Planalto: “Não adianta ficar xingando o Sarney. Na verdade, os culpados pela situação do país somos nós! Por exemplo, como a

nova geração vai ter respeito pela mais velha, se esta a ataca e está cheia de preconceitos?”.

A crítica tem endereço certo: o poeta Ferreira Gullar. Renato tomou conhecimento que, instado a opinar sobre a geração dos anos 1980, o autor de “Poema sujo” teria declarado que os jovens faziam parte de “uma geração sem caráter”. Inconformado, o vocalista da Legião se refere seguidas vezes à opinião de Gullar. Em entrevista a Renato Lemos Dalto, do jornal catarinense *O Estado*, contra-ataca:

O movimento das esquerdas dos anos 1960 não deu em nada. Agora tem que tentar um novo caminho, sem ter nenhuma saída: o povo está sem educação, sem alimentação, e a estrutura política está totalmente sem base ética. Não tem modelo, não tem referencial, nem mentores que indiquem o caminho. Porque as gerações anteriores, além de totalmente desiludidas, jogam toda essa desilusão nos próprios jovens. Um cara como Ferreira Gullar dizer que a geração de roqueiros é uma geração sem caráter é de perder a confiança. O Baden Powell também falou isso. E eram pessoas que eu respeitava. Então, em quem é possível confiar? Em Caetano Veloso, mas ele está fora disso.

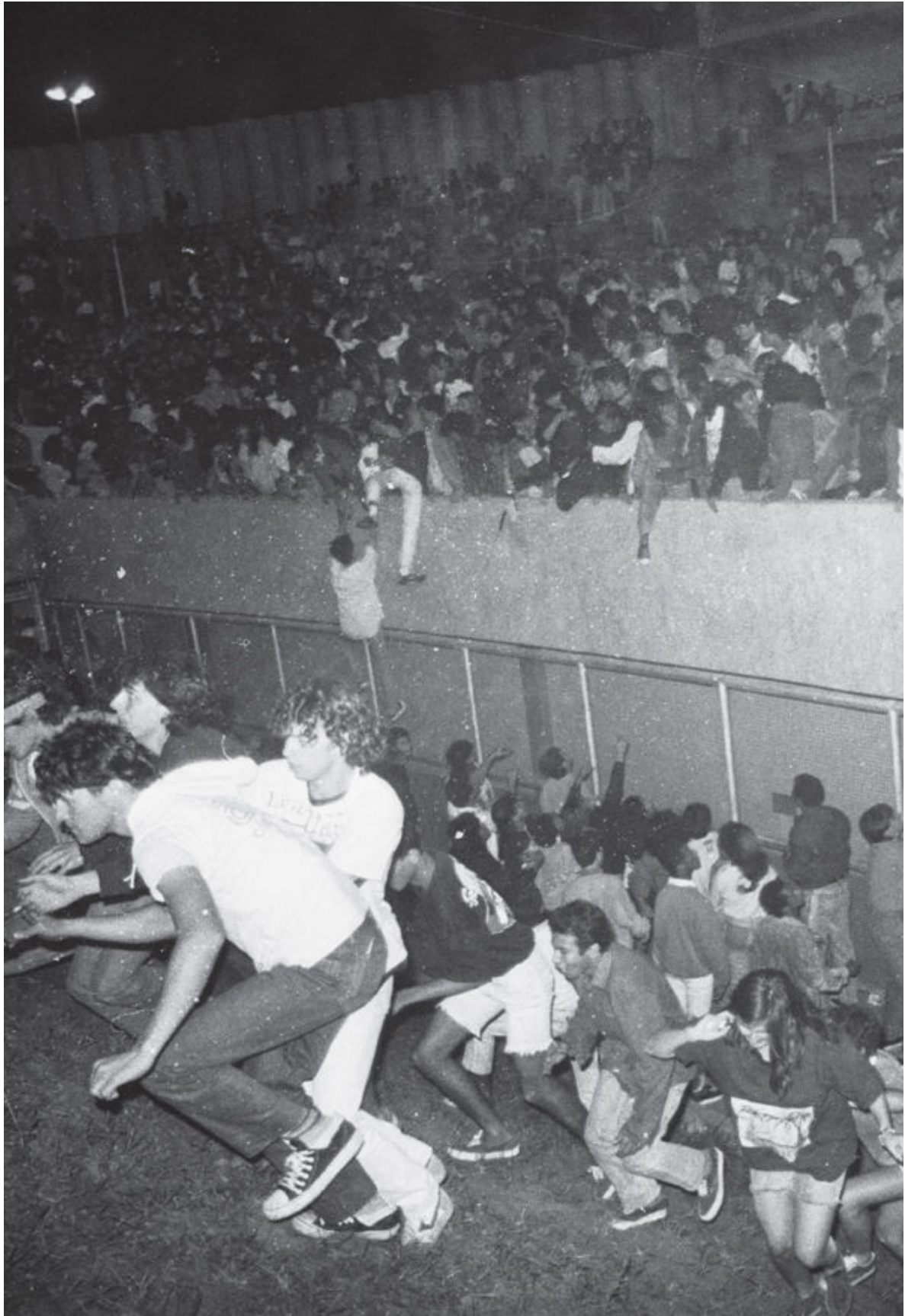
Convidado por Hermano Vianna, Renato vai a uma festa na casa da atriz Regina Casé. Pouco à vontade entre os muitos convidados, o vocalista da Legião parece intimidado. Não vê nos amigos da anfitriã nenhuma disposição para enturmá-lo. Pior, acha que os amigos e a irmã que tinha levado consigo são esnobados pelos que já estão na casa da atriz. Renato começa a beber sem parar. Esbarra em móveis, quase quebra objetos. Até que vê Ney Matogrosso e Caetano juntos. Chega perto de ambos e os arrasta até um dos quartos. Fecha a porta e encara os dois cantores. Ambos não têm a menor ideia do que está por vir. Renato, então, começa a cantar Elton John: “Rocket Man”, “Goodbye Yellow Brick Road”, “Candle in the Wind”, entre outras canções. Emenda um hit atrás do outro. Espera ser acompanhado, algum tipo de reciprocidade. Não é correspondido. Constrangido, Renato balbucia desculpas e abre a porta. Antes que o cantor mude de ideia, Ney e Caetano deixam o quarto. Renato sai frustrado da festa.

A Legião Urbana faz duas apresentações no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, com ingressos esgotados. Nas entrevistas de divulgação dos shows, Renato simplifica as razões do sucesso: “Apenas me esforço um pouco e, neste país, ninguém se esforça pra nada”. Também critica o estado das coisas na música popular brasileira: “Que MPB é essa em que não se ouvem chorinhos nas rádios, Paulinho da Viola não tem gravadora e Luiz Melodia fica um tempão sem gravar?”.

Ladeado por dois telões de sete metros, Renato comanda o espetáculo. Na primeira noite, durante “Geração coca-cola”, incentiva os fãs a destruir os displays da Pepsi, patrocinadora da turnê. “É multinacional!”, justifica. No segundo show, uma garrafa de cerveja é arremessada e por pouco não atinge a cabeça de Bonfá. Interrupção de trinta minutos. Recomeçam apenas após a intervenção da Polícia Militar, já com as luzes do ginásio acesas.

O próximo compromisso é em Brasília.





***E mergulhando a cabeça no
travesseiro levava consigo a
imagem
do que viera construindo e que
sentia escapar dos dedos.
Tentava agarrar, com os olhos
cegados pela pressão, os pedaços
de sua ordem que desmoronava,
mas compreendeu o inevitável.
Inerte, corpo morto, prostração.
Dormia.***

***RÉQUIEM PARA UM SOLITÁRIO,*
Samuel Rawet**

O que ocorre em Brasília e fere nossa sensibilidade é essa coisa sem remédio, porque é o próprio Brasil. É a coexistência, lado a lado, da arquitetura e da antiarquitetura, que se alastra; da inteligência e da anti-inteligência, que não para; é o apuro parede-meia com a vulgaridade, o desenvolvimento atolado no subdesenvolvimento; são as facilidades e o relativo bem-estar de uma parte, e as dificuldades e o crônico mal-estar da parte maior. Se em Brasília esse contraste avulta é porque o primeiro élan visou além – algo maior.

LUCIO COSTA, 13 DE JANEIRO DE 1988

Tempo e espaço. Duas dimensões que, de repente, se fundem. Dez anos após o primeiro encontro, Lady Cynthia Muldoon e Inspector Hound estão nas nuvens. Denise Hamú e Renato Manfredini Junior, os intérpretes dos personagens de Tom Stoppard na montagem no Teatro Galpãozinho, pegam o mesmo voo para Brasília. Ainda no Rio, ao reconhecer a amiga, Renato troca de lugar e senta ao lado dela. Barba cerrada e sacola de couro, conta o motivo da viagem: apresentação única da Legião Urbana no Estádio Mané Garrincha. Repete para Denise o que dissera à mãe, antes de embarcar:

— Estou superfeliz. Esse vai ser o show da minha vida!

A expectativa na cidade também é imensa. Os jornais anunciam um show de rock com dez toneladas de som, “o maior acontecimento musical do ano na capital federal”. Uma rede de sapatarias vende ingressos inclusive em Goiânia: Cz\$ 300 (arquibancada), Cz\$ 500 (gramado e geral) e Cz\$ 1 mil (cadeira). Ao contrário do show de Sting, quando o palco ficou perto de uma das traves, dessa vez o tablado de 28 metros será armado no lado oposto ao das arquibancadas e cadeiras. A secretaria de segurança do governo local alardeia a montagem de um “grande esquema de segurança”. Terminado o espetáculo, haverá ônibus direto da rodoviária para todas as cidades-satélites do Distrito Federal.

No *Jornal de Brasília*, sob o título “Os caminhos para um show feliz”, o repórter Militão Ricardo, ex-integrante da Banda 69, lembra que mais de setecentas pessoas, entre serviços de segurança e assistência médica de emergência, trabalharão na noite. “Não há motivos para preocupações maiores com a segurança”, assegura a reportagem. “Se todos forem ao estádio pensando apenas em se divertir e assistir ao show em grupo, respeitando o próximo e evitando a violência, será um dos maiores e mais belos acontecimentos da história de Brasília”, emenda Militão, antes da advertência final: “Está nas mãos de cada um esta responsabilidade. Boa festa”.

No mesmo jornal, a previsão do horóscopo para o signo de áries indica um dia de “sensibilidade muito forte” e instrui: “Mostre toda a sua personalidade ao encaminhar problemas de pessoas que dependam de você em termos afetivos e pessoais”. O quadro astrológico revela “mudanças em sentimentos, convivência e vontade, todas altamente favoráveis ao nativo”, segundo o astrólogo Max Klim. Já no *Correio Braziliense*, Geraldo Seabra prevê que, de manhã, o nativo de áries “vai se sentir um pouco tenso”. As

coisas mudarão, porém, ao longo do dia: “De tarde e de noite o clima vai ser de alegria”.

Não há outras atrações capazes de desviar as atenções da Legião, a não ser a participação de Flávio Venturini e Toninho Horta na festa Atlântico Sul, Zona da Paz. Nem os cinemas oferecem uma programação especialmente atraente. No Cine Brasília, o cult *Betty Blue* divide a tela com as atrações da Mostra de Cinema Suíço. No circuito comercial, *Uma noite de aventuras*, *A hora do pesadelo 3*, *Presente de grego*, *Adeus, meninos* e *Peggy Sue*. Renato, seu passado o espera.

A banda recebe tratamento vip. A gravadora traz dois diretores para assistir aos seus contratados e empresta um carro Passat para Bonfá. O baterista faz questão de levar os pais. Está tranquilo. Para ele, gravar o terceiro disco tinha sido tão relaxante quanto uma massagem depois da sauna. Renato ocupa uma suíte do chique Saint Paul, no Setor Hoteleiro Sul. Na noite anterior, jantara com a irmã e um dos produtores do show, Fernando Artigas, em outro sofisticado endereço da cidade, o Piantella, no início da Asa Sul. Além de ser um dos responsáveis diretos pela produção, Artigas conhece bem o cantor. Acompanha Renato desde os tempos do Aborto Elétrico. É da turma. Foi com ele que o vocalista tinha discutido, no *réveillon*, a ideia de promover um show grandioso da Legião Urbana em Brasília. Artigas cogita novamente o Nilson Nelson, mas lembra que o ginásio superlotou no lançamento de *Dois*, em dezembro de 1986.

— Eu quero muito fazer, mas no ginásio não dá, é muito pequeno.

— Então, vamos para o estádio.

Renato pede que a Agora Eles, produtora de Artigas e dos irmãos Rodrigo e Marcelo Amaral, preparem uma megaestrutura, compatível com a utilizada pelas bandas norte-americanas mais populares do momento.

— Quero que você embrulhe o estádio para presente, que nem Bon Jovi. Esse vai ser o show da minha vida.

Para entregar o presente embrulhado conforme a encomenda, a produtora brasiliense tem que enfrentar inicialmente a resistência de Rafael Borges, empresário da Legião desde o ano anterior, 1987, que preferia trabalhar com empresas de maior porte, como a WTR. A própria banda pede para Borges priorizar “o pessoal de Brasília”. O desejo dos “legionários”, como o empresário chama os integrantes do grupo, é atendido.

Durante a passagem de som, o empresário faz uma rápida vistoria e considera a estrutura “um pouco vulnerável”. Borges também acha o palco, a 2,10 metros de altura, muito baixo. Artigas alega que o pedido partira do próprio Renato, que não queria ficar distante do público. Ao final do teste da aparelhagem, o vocalista chega perto do amigo-empresário e observa:

— Realmente, parece Bon Jovi. Mas tenho medo que possa virar “Gimme shelter”.

Escrita por Jagger/Richards e lançada como faixa de abertura do disco *Let it bleed*, a música dos Stones batizou o documentário sobre o fatídico show de Altamont, na Califórnia, em 1969, no qual um fã foi assassinado pelos Hell’s Angels, contratados para fazer a segurança. Logo no início da letra, Mick Jagger avisa: “Oh, a storm is threat’ning/ My very life today”. [49] No céu do Planalto Central, porém, não há previsão de nuvens carregadas. Pelo contrário, o dia será quente e de baixa umidade, perspectiva zero de chuva. À noite, a temperatura cai. Bem antes de a banda sair do hotel com nome de santo em direção ao estádio com nome de craque, o clima esquenta.

Ônibus que circulam próximos ao local do show têm os vidros quebrados. Os estilhaços se espalham no asfalto. Na bilheteria e nas entradas, as filas se embolam, viram conglomerados, não há como enxergar o início nem o fim. A revista dos seguranças é feita de forma desordenada, causando mais confusão. Empurra-empurra, deixa-disso, sai-daqui, você-sabe-com-quem-tá-falando, ah-é-vamos-ver. Os portões abrem, os fãs correm para o gramado. O tumulto os segue.

Dentro do estádio, a tensão se multiplica. Muitos que tinham comprado o ingresso mais barato, para arquibancada, pulam no fosso para tentar chegar ao gramado. Policiais usam cães para impedir a invasão – um pastor alemão parte para cima de uma garota. Para manter a ordem, a polícia joga os cavalos em cima das pessoas. Gritos, correria, clarões. Desorientados e enfurecidos, os cães avançam nos fãs. Mais correria, mais gritos, alguns desmaios. No placar luminoso, alheio à confusão, piscam as mensagens “Governo Sarney - Tudo pelo Social” e “Legião - Orgulho de Brasília”, ambas preparadas pelo administrador do estádio, o maranhense Hezir Espíndola, conterrâneo do Presidente da República. Antes de voltar para o seu lugar, a tribuna de honra, Hezir quer levar as filhas para fazer uma foto com a banda. Não há mais tempo nem clima para tietagem. Entre uma

confusão e outra, o coro “É Legião, é Legião, olé, olé, olé!” ganha o acréscimo raivoso:

— Toca logo aí, porra!

Integrantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) circulam pelo gramado com faixa pregando a saída de José Sarney e do governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira. Não conseguem caminhar mais de cinquenta metros: um oficial da Polícia Militar rasga a faixa. No horário marcado para o início da apresentação, ainda há muita gente do lado de fora do estádio, e a produção manda abrir os portões. Milhares correm para cima dos milhares que já estão lá dentro. “Tá na hora, tá na hora, tá na hora.” Os produtores comunicam à banda que eles terão de permanecer por mais tempo no camarim. Renato se inquieta. O público se irrita. O espetáculo vai começar.

* * *

— Boa noite, Brasília.

Boa noi-tê!

— Tudo em cima?

Sim!

— A gente vai se divertir?

Va-mos!

— Legal!!

Dado, Negrete e Bonfá tocam os primeiros acordes de “Que país é este”. É o suficiente para a plateia quicar no andamento marcado pela bateria. Renato inverte a ordem original e começa pelo refrão, como já havia feito algumas vezes em outros shows da nova turnê:

Ô, ô, ô, que país é esse, que país é esse, que país é esse?

Nas favelas, no Senado...

Começa a contar, então, a primeira fábula da noite.

— Então, nós estamos no céu...

Narra a história de três anjinhos designados por Deus para proteger três países diferentes. Um fica sabendo que vai para o México, o segundo para a Tchecoslováquia. O terceiro anjinho, depois de receber um cartão com o seu destino, se encolhe num canto, chorando. Ao ser perguntado sobre o país

para o qual seria enviado, grita, desesperado: “Pro Brasil, não! Pro Brasil, não!”.

Que país é esse? Que país é esse?

Renato emenda o refrão com a terceira estrofe:

*Terceiro mundo se for
Piada no exterior...*

A plateia delira.

Em vez de voltar aos primeiros versos, ele cita o refrão de “Desordem”, letra escrita por Sérgio Britto para o mais recente disco dos Titãs, *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Lança uma pergunta para as 50 mil pessoas:

Quem quer manter a ordem? Quem quer criar desordem?

Repete as duas perguntas, antes de improvisar:

*Deitado eternamente em berço esplêndido... Só que o berço esplêndido
é feito de plástico barato!*

Pergunta novamente, por quatro vezes:

Que país é esse?

A plateia responde, em clima de catarse:

É a porra do Brasil!

Fim da primeira música. Renato pega o violão para tocar outra antiga, dos tempos de Trovador Solitário. “Eu sei” é dedicada a “todas as meninas que ficam no telefone de tarde e a mãe reclama”. Antes, Renato imita duas vozes femininas para simular o diálogo entre uma adolescente apaixonada e a mãe repressora:

- Você tá pensando que isso aqui é a Telebrasília? Larga o telefone!
- Mas eu só estou falando com o Robertinho...

As fãs, envoltas na cumplicidade, gritam os versos. Fazem o contraponto agudo para o tom grave de Renato. Lágrimas na plateia.

Não quero lembrar que eu erro também...

A terceira música, “Quase sem querer”, é dedicada “ao pessoal da 308 Norte, onde quer que vocês estejam”. Um dos hits radiofônicos do álbum *Dois* ganha coro, predominantemente feminino.

*Tenho andado distraído
Impaciente e indeciso...*

É o momento ternurinha do show. A tensão inicial parece ter se dissipado, apesar dos inevitáveis empurrões e pisoteios entre os que ocupavam o gramado.

Então...

— Quem é que usa drogas aqui?

Eu! Uh!

— Esse show está sendo filmado pela Polícia Federal e quem levantou o dedo vai daaaaançar!

Ih...

— Capital brasileira do consumo de drogas, hein...

A plateia reage com aplausos cúmplices e gritos ao reconhecer a introdução de “Conexão amazônica”. Recomeça o pula-pula, no ritmo da bateria sincopada.

*Os tambores da selva já começaram a rufar
A cocaína não vai chegar
Conexão amazônica está interrompida
Yeah, yeah, yeah!*

No meio da música, Renato conta outra historinha em tom de fábula perversa, dessa vez inspirada em fatos reais:

— Aqui em Brasília, eu conheço uma galera que era conhecida como Clube da Criança Junkie...

Êê!

— Eles começaram cedo. Com 13 anos, estavam cheirando cooolaaa...

Êêêê!

— Com 14, continuavam a cheirar cola. E cheiravam benzina também, limpa-tipo e loló...

Êêêêê!

— Com 15, descobriram a maconha...

ÊÊÊÊÊ!

— Com 16, começaram a beber pesado. Com 17, cheiraram a primeira fileira...

Eêêêêê!

— Com 18, tomaram Á-CI-DO!!!

Eêêêê!!

— Com 19, metade deles teve o primeiro colapso nervoso...

Ihhhhhh...

— Um morreu. Dois pararam. Três passaram no vestibular e se casaram.

Ahhhhhh...

— Mas teve um que não morreu. Ele ficou assim, ó!

De forma grotesca, Renato imita um portador de deficiência mental.

— Uh, uh, uh! Ele não pôde vir ao show...

Nesse momento, um homem sobe no palco e agarra Renato. Maior e mais forte, não tem dificuldades para dar uma gravata no pescoço do cantor, que tenta se desvencilhar com golpes de microfone. Aturdidos, Bonfá e Dado param. Negrete continua a tocar. O som grave do contrabaixo é a única trilha daqueles instantes de perplexidade.

Assistindo ao show bem perto do palco, a amiga Leo Coimbra vê a cena e grita:

— Meu Deus, ele vai matar o Renato!

Carmem Teresa também se desespera com o ataque. Conhece muito bem o irmão. “Ele vai entrar em pânico, ele vai entrar em pânico.” Os seguranças correm para o palco e conseguem retirar o invasor. Ainda assustado, Renato tenta se recompor. Faz blague, relacionando o incidente com a história que acabara de contar:

— Ficou assim, ó!

Instantes depois, menos perplexo e mais enfurecido, ele comenta em tom *blasé*:

— Eu disse que essa era uma cidade estranha... Ahn... Ahn...

E toma emprestado o refrão mais famoso da história do rock para desabafar, ainda dentro do ritmo marcial de “Conexão amazônica”:

I CAN'T GET NO SATISFACTION!!!

Bonfá acelera a bateria e Dado recomeça a tocar. Renato continua a evocar Jagger/Richards:

*Oh, no, no, no
Hey, hey, hey, that's what I say!
I can't get no satisfaction but I tried, and I tried, I tried*

E volta à letra de “Conexão amazônica”. A interjeição do refrão é reproduzida com contundência:

*Yeah, Yeah, Yeah!
E você quer ficar maluco e sem dinheiro e acha que está tudo bem*

Renato observa detidamente o público. Com ironia, comenta:
— É legal, tá todo mundo se matando aqui na frente, ó!
Recorre, então, aos Beatles:

It's been a hard day's night, and I've been working like a dog...

E murmura:

— *Feel alright, feel alright, feel alright...* Existirmos, a que será que se destina?

Ao começar a declamar a letra de “Cajuína”, de Caetano Veloso, Renato diminui o volume da voz. A bateria, então, desacelera e “Conexão amazônica”, com quase onze minutos de duração, chega ao final. Na sequência, Renato anuncia “O reggae”, “uma música sobre a escola”. Demonstra que não esqueceu a agressão:

— Aquele carinha que subiu no palco devia ter algum problema no colégio.

Acompanhada por palmas ritmadas e as interjeições típicas do ritmo jamaicano, Renato faz o público repetir:

— Ô, ê, ô!

“O reggae” parece trazer a paz novamente ao Mané Garrincha.

*Vocês venceram essa batalha
Quanto à guerra, vamos ver*

Depois, sem papo, ele anuncia outra faixa do primeiro disco, “A dança”:

*Você com suas drogas
E as suas teorias
E a sua rebeldia
E a sua solidão
[...]
Mas você nunca dançou
Com ódio de verdade*

O ritmo é o pós-punk. Depois, vem a sinuosa “Daniel na cova dos leões”, cantada em uníssono e seguida por “Ainda é cedo”, em cadência acelerada. O cantor mantém a interpretação em tom contrito até se soltar no refrão:

E eu dizia ainda é cedo, cedo, cedo! Oh...

Dado capricha na execução dos “barulhinhos” criados por Ico Ouro Preto, em sua breve passagem pela Legião. Mas Renato já não ouve mais nada, está de olho na confusão bem em frente ao palco. O vocalista dá alguns passos à frente e dispara contra um segurança:

— Para, agora! Solta ele! Solta ele! Tu leva o microfone na cabeça, não tem que dar porrada, não! Que história é essa de mão na cara?!

E emenda:

— Ê cidade babaca...

Parte do público grita:

É Legião! É Legião!

Renato continua, vociferando diretamente para o segurança:

— Mão na cara é sacanagem! Numa boa, numa boa, mão na cara é sacanagem! É por isso que a gente só volta aqui de ano e meio em ano e meio. Não dá para se divertir, porra!

A banda continua tocando. Dado percebe que não há muito o que fazer, sentia que o show era secundário diante das demonstrações de hostilidade. “Fodeu, os caras vão invadir o palco, quebrar tudo e nos massacrar”, pensou. Renato tenta se concentrar no teclado. Ainda furioso, arrasta a mão

com violência por cima de todas as teclas. E começa a cantar “Gimme shelter”:

*Oh, a storm is threat'ning my very life today
If I don't get some shelter, oh yeah, I'm gonna fade away
War, children, it's just a shot away...*

Emenda com outro clássico do rock, “Stairway to heaven”, do Led Zeppelin:

*There's a lady who's sure all that glitter is gold
And she's buying a stairway to heaven
[...]
Oh, it makes me wonder*

Pula mais uma década e chega aos anos 1980. Recorre ao apelo soturno de Andrew Eldritch, vocalista da banda inglesa The Sisters of Mercy:

*I hear your calling, Marian
Across the water, across the wave
I hear your calling, Marian
Can you hear me calling you to
Save me, save me from the grave.
Marian, there's a weight above me
And the pressure is all too strong
[...]
Marian, I think I'm drowning
This sea is killing me*

Então volta para os versos finais de “Ainda é cedo”, agora acrescidos de outro refrão beetle:

She loves you, yeah, yeah, yeah...

Bombinhas de São João são arremessadas no palco e estouram bem perto dos integrantes da banda. Renato não perdoa e invoca os seguranças:

— Da próxima vez, a gente vai acender as luzes e vai embora. Aqui tem segurança o suficiente para dar porrada em todo mundo, entendeu? Numa

boa, falou? Numa boa...

Em tom professoral, resolve punir o público pelo mau comportamento:

— Só por causa disso, a gente vai pular as próximas três músicas!

Gritos de “Nãooo”, “Ahhh!”. Parte da plateia xinga. Renato retruca:

— Vocês, então, que falem para quem está tacando coisa para dar uma geral. Se o cara está ao seu lado, dá esporro! Quem foi o babaca que tacou? Quem tá do lado viu! Então, dá esporro!

E desembesta a falar:

— Qual é? Não vai atingir a maioria, não? Vai ficar sempre nessa merda? A gente já está com a vida feita, está numa boa. A gente trabalhou e conseguiu. Mas ficar tacando bombinha em Legião Urbana, meu irmão? Isso é estar muito sozinho.

Inconformado, continua:

— Eu sei qual é a desse cara, entendeu? Os amigos dele riem nas costas dele. Ele fica tocando punheta em casa, sozinho em casa, porque não consegue mulher. Aí vem tacar coisa em show, que pobreza, sacou! Vocês sacaram, não sacaram?

Renato pega o violão e afina o instrumento. Gritos na plateia, totalmente em convulsão.

Stop!

Renato, então, começa os acordes de “Faroeste caboclo”. A plateia acompanha com palmas e canta em coro.

*Não tinha medo o tal de João de Santo Cristo
Era o que todos diziam quando ele se perdeu...*

O autor da saga faz pequenas mudanças no ritmo da própria música. A plateia percebe e o aplaude antes do fim, ainda na penúltima estação do martírio de João de Santo Cristo:

*Jeremias, eu sou homem, coisa que você não é
E não atiro pelas costas, não*

A banda corre atrás. Dado dispara um solo, Bonfá e Negrete aceleram, Renato ataca o violão. O final, depois de quase onze minutos, é catártico.

Renato anuncia a próxima música, sem entusiasmo: “Tempo perdido”. A interpretação é correta, porém fria.

*Sempre em frente
Não temos tempo a perder
[...]
Temos todo o tempo do mundo...*

A plateia se esgoela no brado final:

Somos tão jovens...

Renato, porém, está bem distante do tom de celebração do início do show. Faz o último discurso da noite:

— Agora a gente vai tocar uma música, que é muito importante pra gente. Que diz muita coisa sobre as coisas que a gente acredita. É sobre as coisas que estão acontecendo hoje em dia. E que de repente a gente para e vê que tem certas coisas que não adianta fazer absolutamente nada. Se o barco está afundando, vamos afundar todos juntos. Eu sinto muito.

Anuncia “Será”:

— Essa é para todos nós.

*Brigar pra quê, se é sem querer
Quem é que vai nos proteger?
Será que vamos ter que responder
Pelos erros a mais
Eu e você?*

Cinquenta e oito minutos depois do início do show, Renato, Bonfá, Negrete e Dado deixam o palco. Sem boa-noite nem bis, a Legião Urbana sai de cena.

O público, incrédulo, espera a banda voltar. Aguarda cinco, dez, vinte minutos. As luzes se acendem. O jornalista Irlam Rocha Lima se posiciona na saída do camarim para tentar uma palavra dos integrantes da banda. Só consegue ouvir o empresário, Rafael Borges. Pergunta se o grupo não se precipitou ao deixar o palco após tocar por menos de uma hora:

— Que nada, show de rock é assim mesmo. Os Pistols faziam exatamente isso na Inglaterra, tocavam por vinte minutos e ninguém

protestava. Isso é que é punk rock!

Ao se dar conta que a noite acabou, o público converte indignação em destruição. Garrafas e sapatos voam e despenham no palco. Os mais irados arrancam as cercas metálicas que protegem o tablado reservado aos músicos e avançam nos equipamentos. Com golpes de cassetete, a polícia os dispersa. Outros botam fogo nas lonas usadas para proteger o gramado. A fumaça sobe. Os seguranças tiram as camisas de identificação e se dispersam. No chão, abandonadas, dezenas de bandanas com o nome Legião.

Do lado de fora, o distúrbio recomeça, com apedrejamento dos ônibus. Pedacos de vidro, cortes profundos, sangue no asfalto. A emergência dos hospitais próximos fica repleta: quatrocentos atendimentos médicos, quase duzentas pessoas feridas, a maioria com suspeita de fratura ou sangramentos provocados por objetos cortantes. Na delegacia da Asa Norte, o movimento também não para de aumentar ao longo da madrugada: já são 58 presos, sem contar a apreensão de 150 tubos de loló e um revólver calibre .22. O delegado Antônio Antenor Siqueira desabafa:

— Esta delegacia virou um inferno.

O vaivém é intenso no lobby do hotel Saint Paul, onde estão hospedados os músicos e convidados da EMI-Odeon. Renato chega e sobe direto para a sua suíte. Consome cocaína e fica ainda mais agitado. Conversa com jornalistas de outros estados, repassa fatos e lendas candangas para tentar explicar o que acabara de ocorrer.

— Essa cidade deixa as pessoas malucas! Aconteceram coisas terríveis aqui em Brasília, só que ninguém sabe. Muita gente morreu durante a construção. Mas, para ocultar os cadáveres, os candangos eram misturados com concreto.

Bate, então, nas paredes do quarto do hotel:

— Deve haver candango morto aqui!

Com os amigos, lembra o tarô que consultara poucas horas antes de seguir para o Mané Garrincha.

— Eu sabia! Vocês viram qual foi a carta que saiu? Era a Torre.

Tem dificuldade para repousar. Deita, mas descarta o escuro. Pede para duas amigas, Ana Paula e Cíntia, deixarem as luzes acesas. Elas ensaiam uma brincadeira com a letra de “Tempo perdido”, mas logo desistem. Algumas horas depois, Renato decide voltar para a sua quadra. Como

Renato Manfredini e Carminha estão temporariamente morando no Rio de Janeiro, acha que lá encontrará maior tranquilidade, ao lado da irmã e das amigas. Engano.

O telefone do apartamento 202 dispara. Ligações anônimas: xingamentos, promessas de porrada, ameaças de morte. Assustada, Carmem Teresa pede ao porteiro que redobre a atenção e não deixe ninguém subir sem tocar o interfone. Renato desliza na banheira, tenta relaxar. Ao sair do banho, segue para o quarto dos pais. Dorme, mas não descansa.

“Legião, não voltem mais.” Com o dia claro, é possível ver a pichação no muro do posto de gasolina em frente ao bloco da família Manfredini. Renato se enfurece, desabafa com a amiga Leo:

— Eu nunca mais volto aqui.

No início da manhã, a notícia dos tumultos já circula nas redações de jornais e televisões. De plantão na sucursal de *O Globo*, Letícia Borges liga para o apartamento da 303 Sul. Só é atendida depois que se identifica como uma ex-colega de colégio. Quer ouvir a versão de Renato.

— Leticinha, do Marista? Claro que eu lembro! Pois é! Você me conhece, acha que eu faria isso que estão dizendo?

E estão dizendo, mesmo. Poucas horas depois do último acorde de “Será”, a informação de um novo badernaço na capital percorre o Brasil. Fala-se em quebra-quebra, brigas do cantor com o público, até mortes dentro do estádio. O julgamento dos envolvidos no episódio está em pleno andamento e, pela reação da audiência, não será difícil prever o veredito.

Em um show na Discoteca Zoom, o vocalista do Engenheiros do Hawaii, Humberto Gessinger, ironiza o episódio e ganha aplausos. O DJ Elyvio Blower é vaiado e xingado quando toca “Faroeste caboclo” na matinê – ninguém quer saber de João de Santo Cristo na pista de dança.

Pela primeira vez na história da cidade, o rock salta das páginas do noticiário cultural para as manchetes dos jornais. “Legião Urbana foge e show vira badernaço” é a capa do *Correio Braziliense* da segunda-feira. O secretário de redação do jornal, Renato Riella, assina um artigo indignado na primeira página:

O princípio de tudo foi a ganância. Os organizadores do show e a própria banda quiseram ganhar num dia o que poderiam faturar em quatro dias de espetáculo num lugar ideal. Resultado: expuseram a

juventude de Brasília a um frio de doze graus e proporcionaram um minibadernaço aos primeiros minutos de domingo.

No mesmo dia, o tom da primeira edição do *DFTV*, da Rede Globo, é unidimensional: críticas pesadas ao comportamento do grupo, reforçadas por imagens do tumulto. A edição noturna do telejornal é mais branda graças à entrevista realizada à tarde com Renato pelo amigo Geraldinho Vieira, que trabalha na emissora.

A onda de revolta se espraia e chega ao meio de comunicação diretamente responsável pelo sucesso da Legião Urbana: o rádio. As emissoras locais decidem banir a banda de suas programações. Dizem ter recebido muitas ligações de ouvintes exigindo o boicote. Alguns deles, inclusive, queriam saber o endereço da família Manfredini para tomar satisfações pessoalmente com o cantor. “Ordens superiores” de uma rádio de Taguatinga determinam a exclusão de “Faroeste caboclo” da programação por um mês. Na frente de uma emissora do Plano Piloto, fãs se reúnem para queimar os LPs do grupo. A charge do jornal mostra um DJ que, ao receber a ordem “Não toque as músicas da Legião Urbana”, joga o disco da banda no lixo. Na mesma página, um conselho para os nativos de áries: “Não alimente ilusões a respeito de seus assuntos profissionais”.

Nos bares, nas escolas, nas repartições e nas ruas, em todos os lugares não se fala em outra coisa. Os fãs se dividem, em clima de Fla-Flu.

“Eles fazem sucesso lá fora e, quando retornam, fazem um papelão desses!”

“A atitude da banda foi ótima, tem pessoas que deveriam estar no zoológico...”

“É preciso que Renato Russo admita que seu comportamento foi autoritário, elitista, megalomaniaco e fascista!”

“Ninguém aguenta tanto vandalismo. Eu, se fosse eles, não voltaria nunca mais.”

“Eles nasceram aqui, cresceram aqui como grupo, e agora o Renato vem dizer que a gente não tá com nada, que a gente não tem nada a ver?”

Até os colunistas sociais palpitam sobre o ocorrido. Na seção Ti-ti-ti, do *Jornal de Brasília*, a socialite Consuelo Badra classifica o show “um desastre, um show de brutalidade que começou pelos próprios artistas”. “Os músicos da Legião Urbana moraram aqui, não estão com essa bola toda,

precisam aprender a respeitar seus semelhantes”, critica, antes de deixar a sua sugestão: “Mudem de nome, rapazes!”.

A tormenta no Planalto não passa. Pelo contrário, chega ao Rio de Janeiro acrescida de componente oficial. “Brasília processa Legião”, informa *O Globo*, três dias depois do show. A reportagem conta que o Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação do Distrito Federal (Defer) planeja entrar na Justiça para recuperar o prejuízo estimado em Cz\$ 10 milhões. E abre espaço para comentários de outros roqueiros. Herbert Vianna analisa:

O Renato Russo é o guru de uma geração. Não à toa, durante as mais recentes manifestações de estudantes, as músicas da banda eram as mais cantadas. Sem dúvida, é a banda mais poderosa que há. Eles vão direto ao anseio da multidão. É um fenômeno e me admira que não tenham percebido isso antes.

Na mesma reportagem, o jornalista César Motta entrevista Renato. O cantor afirma ter atrasado a entrada no palco a pedido da produção e que tinha conhecimento do clima de tensão, com as depredações de ônibus ainda na rodoviária. Mesmo assim, garante ter subido ao palco “de ótimo humor”: “A violência, esta loucura toda, as pessoas trazem de casa. Só posso concluir isso”.

Em outras palavras, repete o teor da declaração a Celso Araújo, do *Correio Braziliense*. A entrevista ocorre no apartamento da 303 Sul, onde o repórter o encontra “deitado e embrulhado como alguém que saiu de uma guerra fria”. “Eu não vou fazer milagres e mudar a insatisfação geral das pessoas com um show”, afirma o vocalista.

Renato conta também que subiu ao palco “totalmente feliz”, mas logo detectou “uma massa cinzenta hostil”. Segurou até onde conseguiu, garante. Lembra dos momentos de pânico, quando um desconhecido subiu ao palco e, “com bafo de loló”, se atracou com ele: “Cheguei a sentir a morte próxima de mim”.

A entrevista é ilustrada com uma fotografia do muro pichado em frente ao bloco. Não chega a ocupar a página inteira do jornal. Divide espaço com assuntos de cinema – a publicação da lista da Cinemateca Brasileira dos trinta melhores filmes nacionais de todos os tempos (vencida por *Limite*, de Mário Peixoto) – e de literatura – reportagem sobre o romance recém-

lançado *A glória do pária*, no qual o escritor francês Dominique Fernandez narra a história de um casal de homossexuais que é assombrado pela chegada invisível da aids: o quarentão Bernard e o jovem Marc, de 25 anos, “um filho de 1968”, contaminado pelo vírus HIV.

A procura aos culpados pelos incidentes continua. Os pais de Marcelo Bonfá, decepcionados, comentam com o baterista.

— Meu filho, a culpa foi de vocês, não?

Dado Villa-Lobos, por sua vez, prefere ficar quieto. Tinha voltado para o Rio de Janeiro no primeiro voo. Fala com Renato rapidamente pelo telefone, depois se recolhe em seu apartamento. Constata, com misto de ironia e pesar: “As coisas mudaram. Finalmente, somos uma grande banda de rock”.

Enfurnado no apartamento dos pais, Renato quer voltar para casa. Os amigos, então, montam um estratagema para levá-lo com segurança até o aeroporto. Para evitar surpresas desagradáveis na saída, resolvem deixar o bloco pela entrada da garagem. Convocado para auxiliar na operação, o judoca Murilão Azevedo desce para se certificar de que está tudo bem. Tem uma surpresa: uma garota escondida embaixo do carro, em busca de um autógrafo. É dispensada. Renato, então, pode sair do apartamento. Toma o elevador e entra no carro. Ana Paula dirige. Murilão, Cíntia e Carmem Teresa também estão no carro. Sobem a rampa, pegam à esquerda, depois entram à direita e deslizam até o eixo. Levam menos de quinze minutos para chegar ao aeroporto. Murilão acompanha Renato até a entrada da sala vip, onde o cantor permanece até o embarque. Voa de volta para o Rio de Janeiro. Está salvo.

Brasília procura os culpados. Ao divulgar o inventário do caos, o Governo do Distrito Federal amplia a ofensiva contra a banda. “Foi a maior depredação da história do estádio e um desrespeito à comunidade brasiliense”, brada Hezir Espíndola. Não para por aí. Nota assinada pelo secretário de Comunicação Social, Osvaldo Peralva, informa que os “lamentáveis incidentes” seriam “objeto de minucioso relatório” a ser divulgado pelo governador José Aparecido, por meio da Secretaria de Segurança Pública. De antemão, porém, já é possível revelar o nome dos culpados: “Seus protagonistas, como está evidente no levantamento já concluído, foram os participantes do show Legião Urbana (sic) e parte do público excitado, que com eles se desentendeu”. O comunicado enaltece as ações dos oficiais fardados: “Os policiais, muitos deles alcançados pela

onda de violência que se desencadeou, conseguiram evitar consequências mais graves, com a ação do esquema preventivo montado contra eventual desordem”. A nota destaca ainda que as polícias Civil e Militar foram mobilizadas “para a manutenção da ordem e tiveram a prudência de não intervir num ambiente de exaltação generalizada”.

A versão oficial é rechaçada nas seções de cartas dos jornais. “Hipocrisia tem que ter limite. Colocar toda a culpa do ocorrido no artista que comeu muita mediocridade no cerrado antes de conquistar um lugar ao sol é indigência mental”, opina o fã Wilson Tadeu, morador do Cruzeiro Velho. Ele lembra um incidente parecido ocorrido em Goiânia. “Caetano Veloso mandou todo o público para aquele lugar, por motivos semelhantes aos de Renato Russo. Mas nem por isso Caetano deixou de ser quem ele é. Quanto ao público, continua lá...”, ironiza.

“Que país é este que coloca nas ruas uma polícia despreparada, violenta e incontrolável? A prepotência e violência policiais já são lugar-comum e aquilo que se teme, no Brasil, é a opressão enfurecida de nossos ‘protetores’”, questiona o estudante Sidarta Ribeiro, ao relatar que a namorada foi parar no hospital, antes mesmo do primeiro acorde, em razão de um corte profundo na cabeça após ter sido arrastada por um cavalo da polícia.

Alheios às contestações, os órgãos oficiais removem as guitarras na base da canetada. Por meio da Instrução Normativa 001/88, baseada no inciso II do artigo 22 do Decreto nº 1.243/73, fica proibida a locação de qualquer uma das instalações do Centro Desportivo Presidente Médici (estádio e ginásios) para “show de rock”. “Afixe-se e cumpra-se.” O show de Moraes Moreira, marcado para o mesmo dia em que foi divulgada a proibição, é mantido pelo fato de, “apesar de ter um público predominantemente jovem, o artista mistura o rock com a música popular brasileira”.

Uma semana depois, Brasília está mais calma. Há uma grande movimentação apenas na Câmara dos Deputados, onde se realiza o congresso de fundação do partido político formado a partir de dissidência do PMDB. Autodefinido como de tendência centro-esquerda, tem como símbolo um animal: o tucano. Falta, porém, escolher o nome. Os participantes do congresso terão que escolher entre duas opções: Partido Democrático Popular (PDP) ou Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

* * *

A música volta a agitar os palcos. Depois de chamar atenção no Bom Demais e em outros bares da Asa Norte, a cantora Cássia Eller se apresenta pela primeira vez no sofisticado restaurante Entrecôte, no Lago Sul. Cantava Beatles, MPB, blues. Arrebata a plateia, que, aos berros, exige bis. Ainda no Centro Comercial Gilberto Salomão, a Zoom anuncia show da banda Reflexu's, de Salvador, sucesso com a música "Madagascar Olodum". O jornalista Irlam Rocha Lima observa: "A discoteca, que já esteve lotada quando recebeu Eva e Chiclete com Banana, certamente não conseguirá absorver o público. Todos da cidade já estão entrando no clima baiano".

A cidade também recebe Tom Jobim, quase trinta anos depois da primeira visita do compositor da "Sinfonia da Alvorada". Por conta da composição que assinou com Vinicius de Moraes, Jobim é homenageado pelo governador José Aparecido com a Medalha do Mérito Alvorada. Não sabe dizer, porém, se Brasília cumpriu as expectativas criadas durante a construção. Logo após a cerimônia, Jobim desmente a notícia de que estaria se mudando em definitivo para os Estados Unidos, por estar em profundo desgosto com o Brasil: "As pessoas gostam de destruir. Eu não vejo o Brasil tão mal assim. O país atravessa uma fase negativa, mas as coisas devem ser positivas, pois para a frente é que se anda. Olha, isto aqui é Brasil também...".

E exhibe o seu mais recente LP, *Passarim*. Também são homenageados o ator Joel Barcellos, o arquiteto Oscar Niemeyer e o cineasta Vladimir Carvalho. O documentarista, também professor da UnB, está com um novo projeto em andamento – uma ideia que sugerira aos alunos e eles não levaram adiante: fazer um filme sobre o movimento roqueiro da cidade.^[50] Queria entender como, após temporada no exterior, os filhos de diplomatas e professores universitários tinham abraçado as guitarras e formado bandas de rock. O contato não era difícil, conhecia bem os pais de alguns deles, seus colegas no campus. Carvalho já tinha registrado um show da Plebe Rude, o casamento do vocalista Philippe Seabra no Santuário Dom Bosco ("em vez de calça rasgada, smoking risca de giz") e a apresentação do Capital Inicial na abertura para Sting, seguida pelo café da manhã dos irmãos Fê e Flávio Lemos na casa dos pais, no Lago Norte. Toda vez que surgia uma oportunidade, Vladimir tentava aproveitá-la. Foi assim que

filmou parte do show da Legião Urbana no Mané Garrincha. E foi assim também que, meses antes do show, filmara uma entrevista com Renato na UnB.

— Como pintou, então, a música de protesto no rock de Brasília?

— No rock de Brasília? Não considero que a gente faz música de protesto.

— No início não foi?

— Não era protesto. Não era rebelde. Era, simplesmente. A gente fazia músicas sobre as coisas que aconteciam. A gente estava fazendo o que a gente sentia, entende? Como a nossa base era aqui, na Colina da UnB, a gente via uma certa hipocrisia, porque era na época da reabertura, da redemocratização, e continuavam as tropas de choque aqui e tudo. Então a gente falava das coisas da gente, do que a gente sentia, mas a gente não tem só música política, tem uma coisa, sabe, como era a vida da gente: as festas, as meninas...

— É verdade que vocês não se anunciam mais como banda de Brasília?

— Legião sempre vai ser banda de Brasília. Quem fala isso são outras bandas. Legião é Brasília. De Brasília. A música que está tocando nas rádios, que está em primeiro lugar, fala de Planaltina, Taguatinga, fala de tudo. “Que país é este” tem o prisma de Brasília.

— Você vai continuar fazendo rock para sempre?

— Não!

— Que vai fazer, então?

— Se eu soubesse escrever o futuro... Eu não sei. Eu não sei.



***I am that stretch of sand that the
sea never reaches
[Eu sou aquela faixa de areia que
o mar jamais alcança]***

Morrissey

Meses depois do show no Estádio Mané Garrincha, Renato é cercado por fãs. Bem-humorado, aponta para um deles e comenta:

— Nossa, ele é a cara do Sérgio Britto! Ouve um grito:

— Gênio!

— Não! Eu não sou gênio! Eu não sou gênio. Eu não sou gênio.

— Eu acho!

— Não, por favor! Isso, não! Eu fico trancado em casa por causa disso! Eu tenho muita sorte e já trabalhei muito. Mas gênio, não! Eu tenho jogo de cintura.

— Sob um certo ponto de vista, você é gênio...

— Não, eu sei me virar, sabe? Eu sou rato no chinês. Na hora certa, eu sei fazer a coisinha certa.

— Eu sou galo.

— É?! O negócio é mais você saber se virar. Tem horas que dá certo, tem horas que não dá. A gente sofre muito para fazer as coisas. Quando pega o resultado final, parece que é fácil, mas é resultado de muito trabalho.

— Às vezes, não dá certo!

— Ih, eu que o diga! Esse novo disco, cara! A gente tá suando, suando mesmo... Gênio não precisa fazer força. Mozart era gênio. Obrigado pelo toque sobre o cigarro. Eu sei, eu preciso parar. Mas eu sou muito nervoso. Tá bom, rápido... Uma foto e eu vou embora!

*Soothe the young man's sweating forehead
Touch the naked stem held hidden there*

Tradutor de Shakespeare e outros clássicos ingleses, Millôr Fernandes recebe uma encomenda profissional: traduzir uma letra do vocalista da Legião Urbana. Aceita o trabalho não só pelo dinheiro, mas também porque gosta da música e do comportamento do autor dos versos. Ao ler pela primeira vez “Feedback song for a dying friend”, fica intrigado:

— Como é que um cara que escreve tão bem em inglês me pede para botar esses versos em português?

Encara o desafio. Percebe alguns jogos de palavras, como no duplo significado de “feedback” (além da acepção original, “retorno”, a palavra também designa o efeito de microfonia em shows). Recusa a palavra “moribundo” como sinônimo de “dying friend”. Opta por “à morte”, para sair do tom doentio e ir para o metafísico:

— Afinal, todos estamos à morte.

Conversa por telefone com o autor. Durante a ligação, Renato faz um comentário no idioma original do poema. Millôr acha que o inglês do cantor é melhor do que o dele. Lê a tradução, acompanhada atentamente e sem objeções pelo vocalista.

*Minhas mãos buscam se impor
Todo conhecimento do jorro viril do meu senhor
O gosto perfumado que retém minha língua
É engano instalado e não desfeito*

Ao escutar esse trecho, Renato deixa escapar um sorriso e comenta:

— Meu Deus, eu escrevi isso?

“Canção retorno para um amigo à morte” é impressa no encarte prateado de *As quatro estações*, o novo disco da Legião Urbana, agora oficialmente um trio. Em janeiro de 1989, depois de seguidas faltas durante o processo de composição do novo repertório, Negrete é dispensado.^[51] Renato lhe comunica:

— Acabou pra você. Você está fora da banda.

A decisão tinha sido tomada no final de 1988 por Renato, Dado e Bonfá. Irritados com as ausências sem justificativa, tomaram a decisão em conjunto: “Não dá mais para o Negrete”. Para evidenciar a saída do

baixista, fizeram questão de que a capa do disco tivesse uma imagem de cada um dos três. Assim foi feito. Com produção de Mayrton Bahia, impulsionado pelo improvável single “Há tempos” e depois pela balada “Pais e filhos” (com *riff* introdutório semelhante ao do hit radiofônico “Fast car”, de Tracy Chapman, e a parte final inspirada em “Pale blue eyes”, do Velvet Underground), *As quatro estações* chegou às lojas em outubro de 1989. Dado Villa-Lobos, enfim, está satisfeito, considera o LP recém-lançado o trabalho musicalmente mais elaborado da Legião Urbana.^[52]

Mayrton Bahia está aliviado, conclui um trabalho que parecia impossível de ser finalizado: “Monte Castelo”, “Pais e filhos” e “Eu era um lobisomem juvenil” só ganharam versão definitiva na hora da mixagem.

Entre o lançamento do disco e o início da nova turnê, Renato viaja. Vai para os Estados Unidos, passa semanas entre Nova York, Los Angeles e San Francisco. Na volta, com a mala cheia de discos, procura Dado Villa-Lobos e mostra as aquisições. Entre elas, o recém-lançado álbum de estreia da banda inglesa The Stone Roses, aclamado pela crítica britânica. Renato se entusiasma ao apresentar a banda de Ian Brown e John Squire ao guitarrista:

— É tipo rock inglês, mas é pista, é dançante também. Olha que incrível!

Com a saída de Negrete, a Legião toma a decisão de crescer no palco. Pela primeira vez, recruta músicos de apoio para acompanhá-los nos shows. Para a turnê de lançamento do novo disco, a banda tem reforços: para o baixo, em vez de Mingau (ex-Banda 365 e o preferido de Dado), é escalado Bruno Araújo, amigo de Bonfá. Os violões ficam a cargo de um carioca de Jacarepaguá, que Renato conheceu em uma festa na casa de Leo Jaime e logo descobriu afinidades musicais: Fred Nascimento. Nascido em 1957, Fred tinha participado da efêmera banda Rosa Púrpura e conhecia muito de rock inglês, uma das maiores influências da Legião. Mas o que impressionou mesmo Renato foi uma coincidência que o vocalista notou ao observar Fred dedilhando o violão logo nos primeiros ensaios:

— Você dedilha só com o indicador e com o polegar, igual a mim. Você faz bico de papagaio!

Completando o time, o mais conhecido dos músicos: Mú Carvalho, um dos integrantes de A Cor do Som, banda que conquistou milhares de fãs na virada para os anos 1980, entre eles um adolescente de 14 anos, Dado Villa-

Lobos. Quando soube que Mú estava disponível, Dado aproveitou a oportunidade de reviver o próprio passado.

Em 16 de março de 1990, durante os ensaios, explode a notícia de que o principal item do pacote engendrado pela equipe econômica de Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito por voto direto depois do fim da ditadura militar, era o inédito bloqueio da poupança dos que possuíam saldo superior a 50 mil cruzados novos (valor equivalente, à época, a US\$ 1.250). No dia anterior, ao tomar posse no Congresso, Collor havia prometido implementar um “projeto de reconstrução nacional”, cuja finalidade maior seria “libertar o Brasil da vergonha da miséria e da injustiça” e liquidar a inflação, “câncer social”, logo no primeiro ano de governo. Dentro desse projeto, decidiu pela mudança do nome da moeda – de cruzados novos para cruzeiros – e pelo confisco, que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, tentou explicar em confusa entrevista coletiva: “Não há nenhuma penalização de milhões de brasileiros que ganham menos do que cinco salários mínimos e aos pequenos poupadores. Ganha a sociedade brasileira, perdem os que ganharam com a inflação nos últimos anos”.

Renato se revolta, tinha dinheiro guardado no banco para realizar um antigo sonho, comprar um imóvel em Ipanema. Desabafa com os integrantes da banda:

— Eu vou recuperar cada centavo que esse desgraçado me tirou e vou comprar meu apartamento.

A turnê começa pelo Triângulo Mineiro. Mú desempenha papel importante, com direito a solo, em músicas como “A dança” (na qual Renato insere a frase “Não deixe a guerra começar”, de “A canção do senhor da guerra”) e na parte final de “Se fiquei esperando meu amor passar”.^[53] Já Fred Nascimento foi fundamental para deixar Renato mais à vontade no palco e também para encampar as subversões na *setlist*, como em Manaus. Pouco antes de entrar em cena, o vocalista decidiu transformar o show em uma grande *jam session*, incluindo “A whiter shade of pale”, sucesso nos anos 1960 com o grupo Procol Harum, que Fred sabia tocar e logo repassou aos outros músicos.

No início da apresentação na cidade mineira de Poços de Caldas, Renato anuncia que vai cantar uma música do primeiro álbum. Enquanto a banda toca “Ainda é cedo”, ele deixa o palco. Dado estranha, continua tocando, mas nada de o vocalista voltar. O guitarrista desliga o instrumento, também

sai de cena e vai correndo para o camarim. Na autobiografia *Memórias de um legionário*, ele descreve o que viu da seguinte maneira:

Quando entrei no camarim, vi o Renato caído no sofá e o Rafael diante dele, sem ação. Eu imediatamente falei ao nosso empresário: “Cara, um carro agora! Santa Casa já”. Conseguimos um carro, e partimos para o hospital com o Renato. Ele estava com a pressão 21 por 18 e muita cocaína no sangue, mas foi medicado e tudo correu bem.

Renato logo se recupera. Mas os que esperavam o reinício da apresentação, enfurecidos, só se acalmam quando ficam sabendo que os ingressos serão devolvidos e haverá um novo show no dia seguinte. O comportamento do cantor, “ciclotímico e imprevisível” na definição de Dado, torna cada show uma experiência diferente, marcante. Para os integrantes da banda, da equipe técnica e para os fãs. O vocalista não tem receio de se expor diante do público. Em maio, durante show no Gigantinho, em Porto Alegre, usando o bigode que se tornaria marca registrada de seu visual na turnê, Renato dedica a música “Meninos e meninas” a um ex-namorado.^[54] Já no dia 7 de julho de 1990, o foco do vocalista não está no espelho nem no público. No Jockey Club carioca, diante de mais de 40 mil pessoas, Renato entra no palco e, antes do primeiro acorde, começa a falar:

— Boa noite, Rio de Janeiro. Eu quero falar algumas coisas aqui. Eu vou falar de mim. Eu tenho mais ou menos 30 anos. Eu sou de áries. Eu nasci no Rio de Janeiro. Eu gosto da Billie Holiday e dos Rolling Stones. Eu gosto de beber pra caramba de vez em quando, também gosto de milk shake. Eu gosto de meninas, mas eu também gosto de meninos. Todo mundo diz que eu sou meio louco. Eu sou cantor numa banda de rock n’roll. Eu sou letrista e algumas pessoas dizem que sou poeta.

De colete e camisa branca, o cantor prossegue:

— Agora vou falar de um carinha. Ele tem 30 anos. Ele é do signo de áries. Ele nasceu no Rio de Janeiro. Ele gosta da Billie Holiday e dos Rolling Stones. Ele é meio louco, ele gosta de beber pra caramba. Ele é cantor numa banda de rock. Ele é letrista e eu digo: ele é poeta. Todo mundo da Legião gostaria de dedicar esse show ao Cazuza.

Agenor de Miranda Araujo Neto, o Cazuza, tinha morrido na manhã daquele sábado, aos 32 anos, no apartamento dos pais, em Ipanema. O ex-vocalista do Barão Vermelho não resistiu a um choque séptico provocado pela aids, contraída havia cinco anos. Seu corpo, em caixão levado pelos companheiros da banda, foi sepultado às quatro da tarde no Cemitério São João Batista. “O Brasil perde um dos maiores talentos da nova geração da música brasileira”, informou o apresentador Sérgio Chapelin, na abertura do *Jornal Nacional*. “Foi um bravo”, disse o pai, João Araújo, muito emocionado. “O Cazuza deixa uma lição de vida generosa com os amigos e ao mesmo tempo deixa uma lição de combatividade e de resistência”, opina o jornalista Fernando Gabeira, referindo-se ao fato de o cantor, ao assumir publicamente a condição de portador do vírus HIV, ter se tornado um símbolo da luta contra a doença e contra o preconceito. Ainda no *Jornal Nacional*, Chapelin complementa: “Mesmo enfraquecido, ele não parava de compor: deixa catorze músicas inéditas, já gravadas. São os últimos trabalhos de um poeta que sempre retratou, em letra e música, a sua geração e o seu país”.

No palco montado no hipódromo da Gávea, logo depois da homenagem a Cazuza, Renato canta “Há tempos”. Depois de fazer uma pequena alteração na letra (“E hoje o dia é tão bonito” vira “E a noite é tão bonita”), Renato grita:

— Olha a lua!

A lua cheia ilumina a banda e o público.

“Bem-vindos aos anos 1970!” Assim é apresentado no encarte o disco *V*, lançado em dezembro de 1991. A longa duração das faixas, quase todas com mais de cinco minutos, e a frase impressa no encarte fazem a crítica considerar *V* o “disco progressivo” da Legião. Uma das exceções é o primeiro single, “O teatro dos vampiros”, que Renato diz ter sido influenciado pela televisão (“Olhem as iniciais, T e V!”, declarou em entrevista, citando também *Vamp*, novela das sete que fazia sucesso à época) e pela aguda crise política e econômica (“Vamos sair/ Mas não temos mais dinheiro/ Os meus amigos todos estão procurando emprego”) em que o Brasil mergulhara depois da posse de Fernando Collor.

Quase acreditei na sua promessa

E o que vejo é fome e destruição

Os versos da épica “Metal contra as nuvens” também refletem a visão desencantada do letrista em relação ao governo vigente. Já “Vento no litoral”, chamada pela banda de “nossa Pink Floyd” e nascida de base criada por Marcelo Bonfá, sugere um relacionamento frustrado, narrado por alguém que sofre a ponto de adoecer por amor.

Renato fica especialmente satisfeito com os versos, acredita que é o seu trabalho mais consistente como letrista. Não recorre a aditivos para gravar o disco. Inteiramente sóbrio, se reaproxima de Dado, passando a encontrá-lo também socialmente, nos fins de semana. “Eu e o Renato estávamos muito próximos, foi talvez o período mais intenso de nossa amizade”, comenta o guitarrista em seu livro. Com referências diversificadas, mas ainda assim com densidade perceptível logo na primeira audição, *V* ocupa lugar de destaque na discografia da Legião.^[55] Mas chega a hora de se preparar para voltar à estrada. E, novamente, de escalar os músicos para reforçar o trio.

Os ensaios para a turnê de lançamento do disco *V* ocorrem em estúdio de gravação da EMI, no bairro de Botafogo, privilégio que poucos artistas da gravadora usufruem. Um dos músicos contratados, o tecladista Carlos Trilha, se impressiona ao ver que toda a estrutura de show está montada no estúdio: amplificadores, monitores, mesa de som. Indicado por Mú Carvalho para substituí-lo em algumas datas, Trilha chega ao estúdio na hora marcada. Poucos minutos depois, vê o vocalista da Legião. De bermuda e chinelos, caderno e caneta nas mãos, o cantor o cumprimenta:

— Oi, eu sou o Renato. Você deve ser o Carlos, certo?

Ansioso, Trilha confirma e avisa:

— Estou com tudo pronto, já tirei todas as músicas.

Renato o interrompe:

— Que bom, mas nem precisa se preocupar. A gente vai ficar meses aqui.

Nascido em janeiro de 1970, o catarinense Carlos Trilha Muller tinha chegado ao Rio de Janeiro por indicação do saxofonista Leo Gandelman. Tocara na banda de Leo Jaime, depois fizera alguns shows com o Kid Abelha. Estava sem trabalhar havia seis meses quando, morando na casa de amigos, Mú Carvalho o encontrou e disse que não poderia fazer todos os shows da turnê da Legião. Só que havia um problema: a banda estava bem distante das preferências musicais do tecladista, que tocava em Florianópolis com a banda Tubarão, de sonoridade mais próxima aos Rolling Stones.

Por isso, antes do primeiro ensaio, Carlos Trilha caprichou no dever de casa: “tirou” em seus teclados os timbres usados no disco, o que facilitou o entendimento com os integrantes da banda. Percebeu também uma coincidência entre ele e o vocalista: “Renato estudou piano no mesmo método que eu, tocava da mesma forma que eu tocava quando criança. Ele gostava de tocar simples”.

Dado e Bonfá chegam, e também os outros músicos de apoio, Fred Nascimento e Bruno Araújo, que tinha gravado as linhas de baixo de V. Começam a ensaiar “Vento no litoral”, mas não avançam. Renato se irrita, faz um discurso cobrando seriedade e dedicação dos músicos. Bonfá sai da sala, Renato continua a reclamar, afirma que o ensaio não era hora de aprender a música. Acaba também deixando o local. Os músicos repassam a harmonia, o baterista retorna e eles recomeçam. Conseguem se entrosar. Só depois de perceber o avanço, Renato volta para o estúdio e solta a voz.

Lembra que o plano era ficarmos bem?

Mas aquela formação não duraria muito tempo. Ao chegar para um dos ensaios, Renato reclama de Fred, por este não ter passado o som do violão. A cobrança é o estopim para um forte e inesperado desentendimento entre o violonista e o baixista Bruno Araújo, que trocam socos dentro do estúdio. “Briga de irmão”, amenizaria posteriormente Fred: “O clima já estava ficando muito ruim”. Com ou sem fraternidade, o episódio faz Renato decidir pela demissão sumária de ambos, justificada da seguinte forma:

— Eu não aguento mais olhar na cara do Fred e do Bruno.

Os postos de Fred Nascimento e Bruno Araújo são ocupados, respectivamente, por Sérgio Serra (ex-Ultraje a Rigor) e Tavinho Fialho.^[56] Nos ensaios, além do repertório do disco, eles experimentam arranjos diferentes para canções antigas, como “A dança” e “Música urbana 2”, além de arriscar covers inusitados, como “Concrete jungle”, de Bob Marley, e “Down so low”, do repertório da cantora Linda Ronstadt.

Antes do início da turnê, a MTV convida a Legião para gravar um especial acústico na boate Hippodromo, em São Paulo. Nada de esquema de superprodução, como se tornaria a marca registrada do formato a partir da segunda metade dos anos 1990. Instrumentos desplugados, apenas dois violões e percussão. Bonfá não quer ficar restrito a bongôs e pandeiros, mas é voto vencido. Dado e Renato ensaiam durante uma semana no

apartamento do cantor, em Ipanema. Repassam “Baader-Meinhof Blues” e fazem novo arranjo para “Índios”. Estão prontos. Em 28 de janeiro de 1992, cercado por fãs, Renato anuncia no início da gravação:

— A gente decidiu fazer o seguinte, tocar uma música de cada disco, algumas do disco novo e depois a gente tem umas surpresas pra vocês.

Entre as surpresas, estavam as regravações de algumas das músicas favoritas de Renato: “On the way home” (do Buffalo Springfield, acrescida de trecho de “Rise”, do PiL), “Head on” (de The Jesus and Mary Chain) e “The last time I saw Richard” (de Joni Mitchell e dedicada à Carmem Teresa, que descobrira discos essenciais da cantora canadense, como *Blue* e *Hejira*, por meio do irmão). A surpresa maior, porém, nasce de imprevisto: enquanto Dado Villa-Lobos troca as cordas do violão, Renato decide cantar “Hoje a noite não tem luar”, da *boy band* porto-riquenha Menudo, febre entre as adolescentes, e que Renato também curtia.^[57]

— É cafona, mas também é bonito.

Entre uma música e outra do acústico, Renato faz gracejos e comentários espirituosos sobre os vacilos do trio: “A gente ensaia, depois esquece”. Avisa que não quer repetir a interpretação de “Pais e filhos”.

— É difícil cantar duas vezes a mesma música, não sou profissional — diz antes de se autoironizar pelo “ataque de prima-donice”. Ainda em tom de brincadeira, pede aos que assistem à gravação: — Ô gente, compra o disco, ajuda! Enquanto não chegar a 250 mil cópias, a gente não vai fazer show. Se não, vai ficar um bando de gente lá gritando pra tocar “Ainda é cedo”, e a gente quer tocar as músicas novas.

A vendagem do disco ia bem, mas mesmo assim a turnê de V demorou a começar. Para transportar pelo país uma banda com o porte e as idiossincrasias da Legião, era necessário montar uma operação complexa — e dispendiosa —, a começar pelos músicos convidados, que ganhavam o triplo, às vezes até o quádruplo, do estipulado pela tabela do Sindicato dos Músicos para ficar à disposição da banda. Na véspera do início das viagens, o tecladista Carlos Trilha, marinheiro de primeira viagem com a Legião, se assusta ao contar 55 pessoas em uma reunião geral. Fica ainda mais perplexo durante o seu batismo no palco. Nem as mais potentes caixas de som conseguem superar a reação da plateia:

— Até a terceira música eu não conseguia ouvir nada, apenas os gritos. Virava uma massa sonora. E as pessoas tentavam o tempo inteiro subir no palco. Os seguranças iam retirando duas de cada vez, uma em cada braço.

Logo depois do show, ele e os outros músicos contratados são convocados para uma reunião com Renato. O vocalista não tinha gostado nada da postura deles. Trilha é advertido por ter puxado palmas, e Serra recriminado por ter se ajoelhado para fazer um solo.^[58] O rigor exigido por Renato em relação ao que acontecia no palco, contudo, não se refletia fora dele. O cantor bebia de forma descontrolada, como rememora Dado Villa-Lobos em sua autobiografia:

O Renato tinha voltado a ser aquele cara insuportável, egoísta, manipulador e sistematicamente alcoolizado. Não havia nenhuma sintonia entre nós naquele período, pois ele havia entrado em uma onda etílica como eu nunca tinha visto, a ponto de ficar horas e horas com um copo grande (daqueles nos quais se bebe suco de laranja) de Cointreau na mão. E por que essa bebida, especificamente? Porque é álcool, mas ao mesmo tempo, glicose – o que era fundamental [...]. Enquanto tivesse pó ou álcool, ele não parava. Naquele momento, parecia que o verdadeiro show dele não era no palco, mas no quarto do hotel.

As apresentações em capitais nordestinas foram especialmente atribuladas, o vocalista parecia ficar mais suscetível ao perceber que Dado e Bonfá aproveitavam os intervalos para ir à praia ou passear com as respectivas famílias. Depois de um show em Natal, e de mais uma cena de descontrole de Renato, todos perceberam que não haveria como seguir em frente. Foram canceladas as datas previstas para Manaus, Belo Horizonte e outras capitais. Turnê oficialmente abreviada, Dado desabafa com Renato:

— Pra mim chega! Perdeu a graça e a razão de ser, isso aqui está uma merda, e você se perdeu. Vamos encerrar o circo, não subo mais num palco nessas condições, se liga e vá se cuidar.

Para compensar a frustração e tentar recuperar o prejuízo financeiro pelos shows cancelados, chega às lojas, em dezembro de 1992, um antigo desejo de Renato: um álbum duplo da Legião Urbana. *Música para acampamentos* é uma coletânea de gravações pinçadas do *Acústico MTV*, de apresentações para rádios e do show no Estádio Palestra Itália, em São Paulo. O mimo para os fãs foi uma forma de a banda ganhar fôlego para iniciar a pré-produção de um novo disco. Mas Renato já tinha outros planos. Antes de começar a realizá-los, porém, precisa cuidar de si mesmo.

Em abril de 1993, Renato decide se internar no centro de tratamento Vila Serena, no bairro carioca de Santa Teresa, e passa a seguir o programa dos Doze Passos, um dos fundamentos do processo de recuperação criado e divulgado pelos Alcoólicos Anônimos. Como parte do plano de tratamento, Renato escreve todo dia. Revolve o passado, reflete sobre o presente, especula sobre o futuro. E também escreve para si mesmo, fracionando a personalidade a partir do primeiro e do último nome. Na troca de correspondência, Junior envia telegrama para Renato: “Que bom que aquele monstro foi embora. Vamos ser felizes de novo?”. Via fax, Renato responde para Junior: “Que bom que você está comigo novamente [...]. Agora eu cresci um pouco e tenho responsabilidades de adulto [...]. Você é minha Luz, eu sou sua Consciência. Juntos sei que vamos conseguir”.[59]

Meses depois do encerramento precoce da turnê do disco V, Trilha descansava em seu apartamento em Copacabana quando o telefone tocou:

— Eu queria falar com o Carlos, por favor.

— É ele.

— Trilha? Aqui é o Renato. Podemos conversar?

Marcaram de se encontrar no dia seguinte no apartamento do cantor. Descalço, de bermuda e camisa florida, Renato abre a porta.

— Aceita um cappuccino? – oferece o vocalista, antes de iniciar a conversa.

Enquanto prepara a bebida na cozinha, o cantor explica o motivo do encontro. Gostaria de contribuir com o movimento Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, criado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Planeja realizar um recital na casa do ator Marco Nanini. O público seria reduzido, mas abastado, disposto a pagar valores substanciais para assistir a uma apresentação intimista que obedeceria a seguinte dinâmica:

— Você no piano e eu cantando canções em inglês que eu sempre quis cantar. Aceita?

Renato não tinha dúvidas de que Trilha iria aceitar o convite. Tanto que, depois do “sim”, já entrega o dever de casa:

— Preparei umas fitas para você ir aprendendo as músicas e tirar o repertório.

Nos cassetes, 48 músicas de origens diversas, devidamente identificadas com os títulos das faixas e os nomes dos compositores. A missão de Trilha:

aprender e copiar os arranjos para que eles pudessem começar a trabalhar juntos. Uma semana depois, o tecladista volta para o primeiro ensaio. Avisa que conseguiu programar no teclado 12 das 48 canções. Renato vai até o banheiro e, enquanto lava as mãos, grita uma proposta:

— Tive uma ideia melhor. Quero gravar isso. Vamos fazer um disco em vez do show?

O tecladista não hesita. Sabe a importância da proposta que acaba de receber: considera o convite capaz de mudar os rumos da sua vida profissional, até então incipiente, com longos períodos de ociosidade. São meses de ensaio no apartamento da rua Nascimento Silva, com rotina bem definida: Carlos Trilha chega por volta das três da tarde, Renato prepara um cappuccino, acende incenso, e eles começam a trabalhar. O cantor não alivia para o jovem instrumentista. Todo dia quer saber o número de canções que o tecladista conseguira aprender:

— Quantas você fez hoje?

Em tom de brincadeira, mas com fundo de verdade, chega a dizer:

— Lembre-se, o seu futuro depende disso, Trilha.

Os desafios para reproduzir a harmonia de algumas canções, em especial a dos *standards*, são bem espinhosos. “Say it isn’t so”, de Irving Berlin, é a mais difícil: “Everyone is saying/ You don’t love me/ Say it isn’t so”. A letra escrita no início dos anos 1930 já havia sido regravada por diferentes intérpretes – Billie Holiday, Julie London, Aretha Franklin –, mas sua inclusão e de todas as outras canções tinha motivo especial. Para Renato, o disco continha várias leituras e significados, um deles extremamente pessoal: a tentativa de superar o fim do relacionamento com o norte-americano Robert Scott Hickmon. “Algumas dessas canções eram as nossas canções”, reconheceu durante a divulgação do trabalho. “O disco inteiro é como uma carta de amor, de um homem para outro homem”.^[60] O título homenageia os 25 anos do episódio ocorrido em Nova York, quando a polícia invadiu o Stonewall Inn, bar frequentado por homossexuais no Greenwich Village, e os clientes se insurgiram contra o abuso policial – a reação representou um marco na luta pela igualdade dos direitos civis. Renato aproveita o lançamento do disco para encampar publicamente o discurso em defesa das minorias, como explicou ao repórter Paulo Reis, do *Jornal do Brasil*:

Essas canções em inglês fazem parte de vários momentos da minha vida [...]. O amor gay não é só o lado físico, e o disco fala justamente disso. As pessoas têm o direito de se expressar, de mostrar que existe amor, ternura e carinho e amizade entre elas. O modelo hétero oprime as pessoas. Está na hora de se respeitar os direitos dos que têm sensibilidades diferentes.

O assunto já frequentava as entrevistas do cantor desde 1989, quando declarou sua “pansexualidade” ao *Jornal do Brasil*. Já para José Augusto Lemos, da revista *Bizz*, Renato foi mais claro: “Eu sei que sou assim desde que eu me lembro, desde os três, quatro anos de idade. Eu sempre gostei de meninos – eu gosto de meninas também, mas eu gosto de meninos. Como é que não é natural se sou assim desde os quatro anos?”. Ao jornalista Daniel Stycer, da revista *IstoÉ*, Renato é ainda mais direto no momento em que o repórter pergunta quando o entrevistado assumiu publicamente a homossexualidade:

Foi em 1988. Faço parte de uma minoria, que não é tão minoria assim, ainda mais neste país. Me considero pansexual, mas sou o que as pessoas chamariam de homossexual. Chegam pessoas pra mim e dizem: “Não, Renato, você não é gay, você não desmunheca”. Tá bom. Desde quando eu preciso botar uma peruca e sair rebolando? Isso porque somos uma sociedade católica, machista e falocrata [...]. Isso faz parte da minha vida, não é um problema. É importante falar sobre isso. Se eu fizesse parte de outra minoria e se existissem coisas que me incomodassem, acho que, tendo a posição de artista, eu falaria. Não é para ser politicamente correto ou para chamar atenção. Já tive namorada, tive um filho, mas gosto de hoje poder cantar uma música do Bob Dylan dizendo “If you see him” (“Se você o vir”) em vez de “If you see her” (“Se você a vir”).

A referência é a uma das regravações incluídas em *The Stonewall Celebration Concert*: “If you see her, say hello”, de *Blood on the tracks*, tratado sobre a desilusão amorosa lançado em 1975 e aclamado pela crítica como uma das obras-primas de Bob Dylan. No eclético repertório desse novo disco, Renato alterna *standards* com composições contemporâneas (“Cathedral Song”, de Tanita Tikaram, e “Cherish”, de Madonna). Algumas

músicas inicialmente selecionadas ficam pelo caminho, entre elas escolhas inusitadas – “Wuthering heights”, dos trinados agudíssimos da inglesa Kate Bush, e “Bette Davis Eyes”, hit nas rádios FM no início dos anos 1980 na voz rouca da norte-americana Kim Carnes – e outras que havia tempos ele queria cantar, como “Down so low”, de Linda Ronstadt. “Essa ele cantava igualzinho, uma oitava abaixo dela”, lembra Carlos Trilha. Uma das que ficaram até o fim foi sugerida por Carmem Teresa, a partir da lembrança de um cantor que ela gostava por “culpa” do irmão:

— Junior, por que você não grava “And so it goes”, do Billy Joel? A música é linda, e vai cair muito bem na sua voz.

Ele acata a sugestão.

Durante os ensaios, ao descobrir que Carlos Trilha não tinha uma base musical tão sólida quanto a dele, Renato entrega discos e livros, mas sempre acompanhados de expressa recomendação:

— Esse aqui é presente. Esse aqui é trabalho.

Entre os presentes, CDs de bandas de rock de diferentes décadas: The Rascals, Traffic, Roxy Music. Na cota do trabalho, entram discos de música erudita e óperas, gênero musical que o tecladista nunca escutou com atenção – nem gostou. Mas os discos e livros também tinham um preço: dias depois, Renato ligava para perguntar a opinião de Trilha sobre o que recebera. Por isso, o tecladista resume o período de aprendizado antes das gravações de *The Stonewall Celebration Concert* da seguinte maneira:

— Minha vida musical virou uma faculdade.

As gravações no estúdio Discover avançam rápido. Renato canta uma primeira vez, em espécie de aquecimento, e escuta o resultado. Depois, canta de novo. E só. Pouquíssimos *takes*. E sem edição, sob a seguinte certeza:

— Emoção não se repete.

Um fator é decisivo para dispensar muitos *takes* da mesma música, observa Carlos Trilha: “Impressionante como ele conseguia afinar mesmo quando não conseguia se ouvir. E a afinação vinha com uma potência de voz incrível. Nunca vi nada parecido. Nem perto”.

Ao término da gravação, Renato pede uma cópia em fita e leva o produto do dia de trabalho. Algumas vezes, depois de escutar em casa o que tinha feito no estúdio, recomeça no dia seguinte com argumento desconcertante, que repetiria com maior frequência nas sessões de

Equilíbrio distante e, de forma mais áspera, no tenso processo de gravação de *A tempestade* ou *O livro dos dias*:

— O som tá lindo, mas a música não é nada disso.

Poucas pessoas acompanham com regularidade as gravações de *The Stonewall Celebration Concert*. Além dos técnicos de gravação do estúdio Discover, apenas um antigo fã, que tinha se tornado bem próximo dos integrantes da banda: o assistente pessoal de Renato, Reginaldo Ferreira.

Natural de Duque de Caxias, a história de Reginaldo com a Legião tinha começado como a de milhares de fãs. Ao escutar pela primeira vez “Andrea Doria”, de imediato reparou: “Essa banda é diferente”. Aficcionado também pelos Smiths, foi por meio de contato com Giulliano Fernandes, do fã-clube da banda inglesa em Brasília (posteriormente vocalista e guitarrista da *guitar band* candanga Low Dream, elogiada por Renato), que comprou o ingresso e pôde assistir à conturbada apresentação no Estádio Mané Garrincha. Reginaldo dormiu no apartamento da família de Giulliano na Asa Norte, conheceu as gravações do Trovador Solitário que circulavam em fitas cassetes na capital. Os dois jovens fãs dos Smiths se encontraram novamente em um show da Legião no Maracanãzinho, foram ao delírio quando Renato citou trecho de “Bigmouth strikes again” no meio de “Que país é este”. A admiração de Reginaldo pelas músicas da Legião o fez montar o fã-clube “Por Enquanto”. Automeado presidente do fã-clube, Reginaldo insistiu tanto que conseguiu marcar uma entrevista com o ídolo na casa da rua Maraú, na Ilha do Governador. Depois de noventa minutos de conversa, Renato deixou escapar:

— Ah, tenho mais uma coisa para falar. O Negrete saiu da banda!

Diante do silêncio de Reginaldo e dos dois amigos que o acompanhavam, o cantor reagiu:

— Vocês nem ligaram? Achei que as pessoas iam se importar mais!

Tempos depois, quando soube que Dado Villa-Lobos iria inaugurar uma loja de discos, Reginaldo não hesitou, lembrando as palavras de Renato dizendo que era preciso acreditar nos próprios sonhos. Descolou um convite para a inauguração e se apresentou ao guitarrista. Ofereceu-se para trabalhar como *roadie*. Para sorte de Reginaldo, o assistente de palco de Dado estava voltando para Brasília. O fã da Legião ganhou uma chance. Foi efetivado pouco antes do início da turnê do disco V. Depois, o empresário Rafael Borges o comunicou:

— Você agora vai ficar com o Renato.

Passou a acompanhar o vocalista também em seus projetos individuais. Reginaldo fazia de tudo um pouco na produção de *Stonewall*. Aluguel de equipamentos, afinação de instrumentos, repasse das notas fiscais com os gastos para a gravadora... Não deixava faltar dois itens indispensáveis para o cantor: cigarros mentolados e dropes de anis. Certo dia, depois de ir até Ipanema para entregar uma craviola ao dono do apartamento, Reginaldo foi surpreendido com um pedido de Renato:

— Você me dá uma carona até o estúdio?

Reginaldo lembrou do estado lastimável de seu carro, um Fusca com assoalho cheio de avarias. Tentou dissuadir Renato, que não dirigia, só andava de táxi:

— Tem certeza? Eu tô de Fusca.

O vocalista reagiu:

— E Fusca não é carro? Ou você não quer me dar carona?

— Não é bem isso...

Renato não o deixou terminar a frase.

— Então, vamos!

Assim foi feito. Ao entrar, Renato olhou bem para o interior do carro e viu o estrago. Pareceu especialmente preocupado enquanto contornavam a Lagoa Rodrigo de Freitas. Ficou em silêncio. Quando chegaram ao estúdio, o passageiro desceu do Fusca, virou-se para o motorista e aconselhou, em tom imperativo:

— Você precisa comprar um carro novo!

Reginaldo também escutou de Renato o mesmo conselho que o vocalista não cansava de repetir para o tecladista Carlos Trilha:

— Você tem que ter método. Não precisa ser igual ao meu, cada pessoa tem um jeito de fazer as coisas. Mas crie o seu próprio método.

Muito polido no trato com os envolvidos na gravação de *Stonewall*, Renato se mostrou bem-humorado durante todo o trabalho. Só perdeu a calma um dia ao ver passar na TV uma campanha do Ministério da Saúde que, para estimular a prática do sexo seguro, dizia sem meias-palavras: “Aids mata”.

— Essa propaganda é horrível!

The Stonewall Celebration Concert é lançado em 1994, quando a Legião se prepara para voltar aos palcos para divulgar o disco *O descobrimento do Brasil*, impulsionado por uma música que Renato, depois

de encher um copo de Cointreau, tinha mostrado em seu apartamento a Reginaldo Ferreira:

— Senta aí, deixa eu te mostrar uma letra que eu acabei de escrever.

No caderno entregue ao fã-assistente, anotados à mão e divididos em cinco partes, estão os versos de “Perfeição”.

Gravado em uma fazenda perto de Niterói e dirigido pelo fotógrafo Flavio Colker, o videoclipe de “Perfeição” permanece por semanas no primeiro lugar do Top 10 da MTV Brasil. Os fãs não só tinham gostado das imagens como aproveitavam a rara chance de pedir à emissora um clipe recente da Legião – nenhuma das faixas do disco V ganhara tradução visual, devido à aversão dos integrantes ao esforço e tempo gastos na produção de vídeos. A estética das imagens de “Perfeição” refletia também o conceito visual da capa do álbum, com os três integrantes com roupas que remetiam à época do descobrimento do país e fotografados no meio de pedras, plantas e flores. A capa do disco, por sua vez, refletia o desejo deliberado da banda em driblar a desesperança coletiva. “A gente precisa descobrir o Brasil, mostrar que o país não é exatamente essa coisa ruim que a gente está vendo”, insistiu Renato, durante entrevistas de divulgação, em 1993.

Era preciso mostrar um Brasil além de um “aglomerado de calamidades”, como resumiu Dado Villa-Lobos ao apontar o “sentido filosófico” do disco:

Nós queríamos apontar para a possibilidade de ver o país de um outro jeito, por um outro ângulo. Pretendíamos descobrir e exibir para as pessoas um país diferente, que coexistia ao lado daquele comandado pelas elites corruptas. Mostrar que, longe dos noticiários, existia um Brasil genuíno, autêntico, composto de pessoas simples e honestas que tocavam a sua vida mesclando esforço, coragem e amor.

Ainda no livro *Memórias de um legionário*, Dado Villa-Lobos destaca a sonoridade em *O descobrimento do Brasil*, mais variada do que o usual da Legião. Em parte, pela utilização de outros instrumentos e alternância dos papéis de cada um: Bonfá tocou teclado, Dado experimentou o bandolim, até Renato resolveu se aventurar na cítara em “Love in the afternoon” e “Só

por hoje”, invocando para a sua decisão um dos integrantes dos Rolling Stones:

— Se o Brian Jones conseguiu, eu consigo.

Outro motivo da variedade sonora estava na absorção de influências contemporâneas que ultrapassavam o pós-punk britânico, tão decisivo no início da carreira da Legião. Marcas registradas de bandas do rock inglês e norte-americano de projeção no início dos anos 1990 – The Stone Roses, Sonic Youth, Nirvana – aparecem em faixas como “A fonte”, “Do espírito” e “La nuova gioventù”. “Os timbres de guitarra e as levadas de bateria confirmam tais referências”, aponta o guitarrista. Nada, porém, que altere substancialmente as características da Legião, como antecipa Renato em entrevista ao *Correio Braziliense* quase um mês antes da chegada do disco nas lojas: “Nós somos *mainstream*, temos responsabilidade com o público. Não quero sacanear o público. O V é o máximo que pudemos chegar em termos de ousadia”.

Na mesma entrevista, Renato discorre sobre os versos que acabou de escrever. Afirma que as novas letras “são meio bregas, falam de amor, da situação do país, de Perséfone, Eros e Tânetos” e explica, antes de comparar: “Todas as letras são em português e tem muitas músicas para as crianças entenderem. Tipo, não é Leonard Cohen, está mais para Beatles, entende?”.

O carro-chefe, porém, continua sendo a música que Reginaldo Ferreira conheceu antes de outros fãs: “Perfeição”, de versos mais recitados do que cantados, declamados publicamente pela primeira vez por uma grande amiga de Renato, a atriz Denise Bandeira, na Semana da Arte Contra a Fome, no Rio de Janeiro.

*Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e a sua corja de assassinos
Covardes, estupradores e ladrões*

“Rock pesado, meio suingado”, na definição do autor e intérprete, “Perfeição” é urdida de forma a desembocar no último verso, que explica o título da música.

Venha, que o que vem é perfeição

A divulgação de *O descobrimento do Brasil* leva a banda a participar do programa de entrevistas de Jô Soares. Além de ganhar o CD, Jô é presenteado com um kit promocional incluindo fotos de flores e imagens bucólicas, assinadas por Flavio Colker. De chofre, o apresentador pergunta ao vocalista:

— Você é um lírico?

— Romântico.

— Gostei da distinção. Muita gente confunde lirismo com romantismo. O romantismo tem uma conotação de tragédia que o lirismo não tem.

— É verdade.

— Você é um trágico, um romântico trágico?

Para enfatizar, Renato repete:

— Romântico. Romântico. Romântico.

Jô Soares, então, muda de assunto e mostra a capa do novo disco. O trio anuncia uma série de apresentações antes do começo da Copa de 1994, e Jô pergunta se haverá outras. Renato explica que não é fácil para ele manter uma rotina extensa de shows e fala sobre a dependência química: “Ainda bem que resolvi”. Revela que frequenta um grupo de autoajuda, mas prefere não dizer o nome. O apresentador, então, cita os Alcoólicos Anônimos. Renato demonstra contrariedade, mas continua a explicação:

— Eu *tava* seguindo o caminho do Kurt Cobain, aquele rapaz do Nirvana. Muita depressão. É uma doença primária, crônica, progressiva e fatal.

“Aquele rapaz do Nirvana” fora encontrado morto em sua casa no dia 5 de abril de 1994. Deixara uma carta de despedida endereçada a um amigo de infância imaginário. Em letras miúdas, quase infantis, Cobain confessa:

Faz muitos anos agora que não sinto entusiasmo ao ouvir ou fazer música, bem como ao ler e escrever. Minha culpa por isso é indescritível com palavras. Por exemplo, quando estamos nos bastidores e a luzes se apagam e o rugido maníaco da multidão começa, isto não me afeta do modo como afetava Freddie Mercury, que parecia amar, saborear o amor e a adoração da multidão, algo que eu totalmente invejo e admiro. O fato é que eu não posso enganar vocês, nenhum de vocês. Simplesmente não é justo para vocês nem pra mim [...]. Deus, acredite em mim, eu gosto, mas não é o bastante.

Ainda na despedida, Kurt Cobain conta que precisava ficar “ligeiramente entorpecido” para recuperar o entusiasmo dos tempos de criança, e constata: “Eu sou sensível demais”. No final da carta, o roqueiro de 27 anos cita um verso de “My, my, hey, hey (Out of the blue)”, do canadense Neil Young: “It’s better to burn out than fade away”.[61] A morte precoce impressiona Renato, que se refere ao destino de Cobain em diversas entrevistas, quase sempre comparando sua depressão à enfrentada pelo líder do Nirvana.

Para fazer a turnê, a banda convoca novamente o tecladista Carlos Trilha e o violonista Fred Nascimento, perdoado do episódio do desentendimento com Bruno Araújo que tirara ambos da excursão do V. O violonista é um dos poucos músicos profissionais que acredita ter decifrado um dos segredos do sucesso da Legião:

— O Renato viu que eu descobri que a forma de utilizar o violão no som da Legião é muito brasileira. Vem muito da tradição da viola, ainda que inconsciente. Por isso, provoca tanta identificação. Todo mundo que vai tocar Legião, mesmo músicas como “1965 (Duas tribos)”, tem que se imaginar fumando um cigarro de palha, em frente a uma casinha de sapê.

No baixo, um reforço: o carioca Gianfranco Fabra, filho de italianos, nascido e crescido no bairro de Botafogo, também o seu clube de coração. Fabra, que encurtou o nome para Gian por sugestão do tecladista Maurício Barros (com quem havia tocado na efêmera banda Buana 4, do único hit “Eu só quero ser feliz”, tema de abertura da novela *Top Model*), foi escolhido de forma curiosa. Conheceu Renato em uma festa, descobriram afinidades musicais e o vocalista disse que poderia ser uma boa tê-lo no palco. Mas logo avisou:

— Não sou eu quem decide. Na Legião, é assim: eu escolho o tecladista, o Dado escolhe quem vai tocar violão. Quem escolhe baixista é o Bonfá.

Gian Fabra, então, marca um encontro com o baterista. Conversaram, “levaram um som”, mas nada de convite oficial. Fabra só soube que tocaria com a Legião por meio de um telefonema do empresário Rafael Borges.

— Olha, você foi escolhido.

Na preparação para a turnê, Gian Fabra passa a conviver com duas marcas registradas de Renato, sinônimos de alívio e de temor. Quando o cantor considera que a banda encontrou o “espírito” da música, avisa:

— Veio!

Já quando as coisas não vão bem, Renato grita no microfone apenas uma palavra. E a menção dessa palavra em inglês era “terrível”, na definição do baixista, pois quase sempre vinha acompanhada da repetição da única vogal e de uma forte reclamação:

— Stoooooooooop!!!

“Tenho uma curiosidade extrema em saber quem são os nossos fãs atuais e também se a gente vai segurar a onda de voltar a tocar ao vivo.” Em entrevista publicada no caderno “X-Tudo” do *Correio Braziliense*, Renato assume a incerteza em relação à longevidade da turnê de lançamento de *O descobrimento do Brasil*. Rescaldada pelos problemas que abreviaram a excursão de V, a banda confirma poucas datas antes da Copa do Mundo de 1994, em Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Brasília é novamente descartada. “Quem sabe em um futuro próximo... Falar isso é mais educado do que responder não em definitivo”, justifica o vocalista. A primeira data, na cidade paulista de Valinhos (perto de Campinas), é 21 de maio. Ao jornal do Distrito Federal, Renato conta que os shows começarão com “Mais do mesmo” e “não vão ter três horas de duração como antes, parecia o Led Zeppelin”. Sem falsa modéstia, avisa aos fãs incautos: “Não adianta pedir, porque não estou a fim de tocar ‘Faroeste’, ‘Ainda é cedo’, ‘Geração coca-cola’, ‘A canção do senhor da guerra’ e outras que poderiam ser um show completo”.

Poucas horas antes do show, na entrada do hotel Royal Palm Plaza, onde os músicos da banda e duas dezenas de integrantes da equipe estão hospedados, o clima não é de euforia. Muito pelo contrário. Poucas palavras, muito silêncio. Renato parece se surpreender ao ser abordado pelo repórter do *Correio Braziliense* que o entrevistou por telefone para a reportagem “Pé na estrada”, publicada naquele dia.

— Você saiu de Brasília só para escrever sobre essa apresentação? Sério?

Renato veste a roupa escolhida como figurino da turnê: calça preta, bata branca e botas. Quando é provocado a descrever o seu estado de espírito antes do concerto, define:

— Estou ansioso e, ao mesmo tempo, entediado.

Marcelo Bonfá tenta descontrair o ambiente, destacando que seria interessante começar a turnê no mesmo estado de sua cidade natal, Itapira:

— Não sei porque calhou de começar aqui, mas é bom, porque o público do interior paulista é um dos melhores do Brasil.

Enquanto isso, no ginásio, o público os aguarda com ansiedade, dançando e cantando o sucesso do momento, “Fim de semana no parque”, dos Racionais MC’s. Cansados de esperar, os fãs começam a gritar: “É Legião, Legião, olê, olê, olê!”. Só param de se manifestar quando percebem a movimentação no palco. Um a um, ao som de música clássica, os integrantes aparecem. Renato é o último a entrar, e já entra cantando “Mais do mesmo”:

Ei, menino branco, o que é que você faz aqui

Os gritos se multiplicam no ginásio esportivo. A catarse provocada pela entrada dos integrantes da banda acentua a dificuldade de acertar o som em um local inadequado para espetáculos musicais. Gian Fabra é um dos que não consegue escutar nada, sequer o som da bateria. O ruído da multidão embola com o som dos instrumentos e da voz. Renato se irrita, faz sinais com as mãos, recorre ao verso do refrão de “Smells like teen spirit”, do Nirvana:

Here we are now, entertain us

Depois de “Perfeição”, ele critica a péssima acústica no ginásio:

— Não estou ouvindo nada, tem muito grave aqui no palco. Vocês vão ter que ter paciência, porque vamos ter que passar o som agora, tocando “Ainda é cedo”.

A insatisfação do vocalista se faz evidente em outros momentos do show. Parece se entusiasmar apenas com as novas músicas, apanha o pandeiro para acompanhar “Vinte e nove”. Na segunda parte da apresentação, mais relaxado, Renato dedica “Giz” aos namorados, avisa que voltará a cantar “Eduardo e Monica” depois de muito tempo e, antes de emendar duas músicas do disco de estreia, anuncia:

— Essas [“Petróleo do futuro” e “Baader-Meinhof Blues”] são do tempo em que ainda se acreditava que era possível mudar o mundo.

No bis, durante “Será”, um fã consegue subir ao palco e se joga aos pés de Renato. Horrorizado, o vocalista grita:

— Não faça isso!

Depois de duas horas, sem tocar as 31 músicas ensaiadas, a banda se despede com “Pais e filhos”, entoada em uníssono pelos quase 5 mil presentes. Renato, Bonfá e Dado distribuem flores para o público e saem de cena. Fora do palco, o clima está bem distante da serenidade. De volta ao hotel, em reunião de avaliação, a cobrança do vocalista atinge nível máximo, como lembra Gian Fabra: “Naquela noite, o Renato deu um ataque”.

Os fãs, contudo, não pareceram se importar tanto com a sofrível qualidade sonora. A estudante Renata Christine, 14 anos, aos prantos, declara ao repórter do *Correio* na saída do ginásio: “O Renato é lindo demais, é o amor da minha vida! Ele tem que casar comigo!”. Mais calmo, o bancário Silvano Livotto, 22 anos, lamenta a ausência de “O mundo anda tão complicado” na *setlist*, mas se diz satisfeito: “Legião veio para ficar pelas décadas. Para mim, é eterno”.

Em entrevista ao repórter Alexandre Matias, ainda no hotel, Renato parecia mais tranquilo depois da reunião. Já passava das duas da manhã quando ele detalhou ao jornalista os motivos de sua insatisfação, mas a utiliza como exemplo da tentativa de agir com menos agressividade: “Nesse show de hoje, por exemplo: o som estava um caos, tudo estava um horror, e o público, superlegal. O lugar tinha uma reverberação brutal. O público berrava muito, o engenheiro de som teve de aumentar tudo, desequilibrou. No começo era só ‘bum-bum-bum’ e eu berrando, não dava para ouvir os detalhes. Mas, se fosse em outra época, eu teria ficado tão preocupado que ia beber, tomar um porre, falar: ‘Nunca mais vou fazer show’, nhem-nhem-nhem... Isso agora não existe mais. Há uma tranquilidade, uma serenidade que esse disco trouxe, e acho que as músicas refletem isso”.

Na mesma entrevista ao *Diário Pirata* (suplemento juvenil do *Diário do Povo*, de Campinas), Renato volta a comentar o período do disco V e o relaciona com a depressão enfrentada por Kurt Cobain: “Eu estava me destruindo e, em vez de me matar com um tiro na cabeça, preferi procurar ajuda. Eu era jovem e acabei entrando num beco sem saída. Isso foi me consumindo, eu ficava deprimido e não sabia o porquê. E isso é estranho porque, se eu achar um dia que as coisas não valham a pena, quero estar com a cabeça no lugar, não com o corpo cheio de toxinas”.

Matias, então, pergunta sobre o futuro da Legião. Renato responde: “Eu não tenho ideia. Eu não vejo como a gente vai seguir o que está fazendo

sem se repetir. Depois de ‘Perfeição’, eu vou escrever o quê? Depois que você fala ‘Vamos celebrar a estupidez humana’, o que você vai falar?”.

Durante a miniturnê de *O descobrimento do Brasil*, as cobranças do vocalista em relação aos outros músicos e à equipe são constantes, sempre no mais alto nível de exigência. Certa vez Renato se aproxima do baixista para reclamar:

— Hoje você errou duas notas!

Gian Fabra começa a rir, e a reação deixa Renato ainda mais irritado. Para não errar a progressão de acordes de “Vento no litoral”, que não conseguia memorizar, o baixista levava para o palco uma folha de papel que, discretamente, dava um jeito de consultar. Até o dia em que Renato flagrou a “cola” e o interpelou:

— O que é isso? Não acredito!

Fabra inventa uma saída:

— Qual o problema? Paul McCartney também faz isso nos shows!

Desconfiado, Renato retruca:

— Paul faz isso? Nunca soube... Tudo bem, mas trate de decorar a música!

Gian Fabra respira aliviado. Dessa vez, escapou. Fora do trabalho, porém, a relação de ambos era bem mais amistosa. O baixista tinha conquistado a confiança de Renato, a ponto de se consolidar como um dos interlocutores dos telefonemas da madrugada que volta e meia o cantor disparava para um grupo seletivo de amigos. Se tocava o telefone às três da manhã, Gian já sabia quem era. Ficavam de papo até as cinco, seis da manhã, “conversas maravilhosas” sobre cinema, música, literatura. E também sobre a confusa vida amorosa do cantor. “O Renato se enrolava muito com os namorados. Ele era muito romântico, e por isso sofria. Sofria muito. Conhecia um cara num dia, no outro já estava romanceando o relacionamento com esse cara. Eu o alertava: ‘O cara tá se aproveitando, deixa de ser bobo, Renato’. E ele só dizia: ‘Eu não sei por que isso acontece comigo’.”

A passos lentos e estudados, pressionada pela iminência da Copa dos Estados Unidos, a excursão de *O descobrimento do Brasil* prossegue. No fim de junho, para divulgar a apresentação em Belo Horizonte, Renato conversa com a imprensa mineira. Ao *Diário da Tarde*, ao ser perguntado sobre a nova safra de grupos nacionais, ele elogia a banda local Pato Fu

(“Gosto muito, muito, me identifico com o trabalho deles, quando a gente era mais jovem, ainda da turma de Brasília, nós éramos exatamente assim”) e ainda Raimundos, Chico Science & Nação Zumbi e “as bandas de Brasília”. Ao final da resposta, ele inverte os papéis e pergunta à repórter Neide Magalhães:

— Como é que está o tempo aí?

— Instável.

— Será que vai chover?

— Espero que não, mas as noites estão frias...

— Tudo bem, eu estou levando meu cachecol!

O concerto no Parque das Mangabeiras é considerado um dos pontos altos da miniturnê. “Um showzaço, a gente tocou muito naquela noite”, lembra Gian Fabra. Mas nem sempre as coisas acontecem como o planejado. Durante a passagem de som, Renato avisou que iria começar a cantar um clássico dos Stones e, ao perceber a indecisão dos músicos, critica:

— Que banda de rock é essa que não sabe tocar “Jumpin’ Jack Flash”?

Em outubro de 1994, a banda se prepara para as datas mais aguardadas da turnê, no Metropolitan, no Rio de Janeiro. Durante os ensaios, o posicionamento da bateria desencadeia mais uma reclamação de Marcelo Bonfá e mais uma discussão com Renato. Gian Fabra entra na conversa, ressaltando que a bateria não poderia ficar atrás da linha de luz. É o suficiente para Renato o fuzilar com o olhar e dizer:

— Fique com seu amiguinho, Marcelo Bonfá.

Irritado, Renato abandona a passagem de som. Vai embora, volta para o apartamento, em Ipanema. À noite, liga para Gian Fabra, pede desculpas e reconhece:

— Tô muito nervoso, esses shows são muito importantes.

Entre os pontos altos da minitemporada no Metropolitan, há “Que país é este” em versão ainda mais potente, acrescida dos versos de “Cajuína”, de citações irônicas a atrações da TV (“Criança levando prego no olho é a videochinelada do chinelão”, referência direta às videocassetadas do Faustão e ao tema de um quadro do programa do Gugu Liberato) e do refrão de “Aquele abraço”, de Gilberto Gil.^[62] Mesmo os imprevistos, que fazem Renato recorrer ao temido “Stop!”, são revertidos em potência. É o caso de “1965 (Duas tribos)”, interrompida depois de Renato se confundir, admitir a desconcentração e constatar, antes de voltar com força total:

— Fica difícil cantar que o Brasil é o país do futuro.

Em 14 de janeiro de 1995, a Legião tem mais uma data a cumprir da turnê de *O descobrimento do Brasil*, na casa noturna Reggae Night, em Santos. Depois de ser atingido por uma lata de cerveja durante “Metal contra as nuvens”, Renato se enfurece. Desnorteadado, se joga no chão e assim permanece. Fred Nascimento tenta distrair o público tocando “Faroeste caboclo”, e os fãs o acompanham. Deitado, Renato consulta o relógio. No fim, ele fala:

— Eu tenho certeza que vocês não querem esse tipo de show.

De novo, recorre a “Smells like teen spirit”, quase cuspidando os versos “Here we are now, entertain us/ I feel stupid and contagious”. Depois, comenta:

— Porra, vocês não aprendem nunca!

A banda sai do palco. Não volta.

Quase um ano depois, em dezembro do mesmo ano, Renato tentaria explicar ao repórter Gabriel Bastos Júnior, de *O Estado de S. Paulo*, o motivo do imenso desgaste antes, durante e depois dos concertos (ele não gostava de usar a palavra “show”):

Não tem uma transformação. Eu subo no palco para cantar as músicas. Sei que é uma bobagem dizer isso, mas para mim o palco é sagrado. O que dificulta é a expectativa do público e a nossa responsabilidade. E ter de cantar as mesmas músicas sempre. Não tem um show que a gente não cantou “Será”. Você tem de passar por cima de um tédio existencial que tem com o material e cantar “Será” como se fosse a primeira vez. Isso desgasta.

Sobre o público da Legião, ele comenta: “Eles têm um perfil que eu acho muito bonito. São pessoas que não são racistas, não são fascistas, que buscam uma determinada ética frente ao mundo complicado que têm. Fico feliz de tentar trabalhar com o que acredito e o que acredito passar na música”.

Mas o público da Legião nem sempre conseguia o que queria. E por um motivo simples, como resume Renato a Gian Fabra, depois que este aproveita um momento menos tenso para apontar uma aparente contradição no discurso do vocalista:

— Renato, você fica repetindo o tempo inteiro “A Legião são vocês, a Legião são vocês”. Mas, se é isso mesmo, por que você não atende nenhum pedido de música durante os shows?

Imperturbável, Renato esclarece:

— A Legião são os fãs. Mas as músicas e os shows são meus.

O gravador está ligado à frente do vocalista da Legião Urbana. E ele não para de falar:

As quatro estações, na verdade, foi uma resposta ao *Que país é este*, que foi uma turnê de shows muito violentos, problemas em Brasília. Aí resolvemos mudar e falar de outras coisas. Na verdade, falei as mesmas coisas que sempre falava, mas usando outras imagens. É que as pessoas não prestam atenção, mas “Pais e filhos” é uma música sobre suicídio [...]. Já para o V decidimos fazer um disco completamente lento. Pelo que estava acontecendo com nossa vida, com o Collor etc., a gente não estava conseguindo fazer música pra cima.

Tenho dificuldade para escrever as letras novas porque não tenho mais contato com jovens hoje em dia. Até bem pouco tempo, até *As quatro estações* ou o V, eu ainda tinha um certo vislumbre, mas as pessoas mais jovens que conheço já estão com 22, 23 anos. Não convivo com ninguém que tenha 14 anos. Desde o aparecimento do *videogame*, da internet, dos computadores... Esse é um outro mundo.

A gente sempre falou de uma experiência nossa, de uma classe média urbana, mesmo. Essa concepção que aparece nas letras sempre é ligada no rito de passagem da adolescência para o mundo adulto.

Quando você está no segundo grau já consegue perceber que o mundo é completamente diferente. Que existe a hipocrisia, o mais forte, que as pessoas se usam umas às outras, que você tem que ser esperto, inteligente, tem que saber se virar.

Metade do que acho legal de escrever letra de música e de escrever para a Legião é inventar o meu pequeno universo.

Quinze anos de carreira, setenta canções gravadas, mais de vinte parceiros e duas bandas no currículo (Kid Abelha e os Abóboras Selvagens e Heróis da Resistência), o carioca Carlos Leoni Rodrigues Siqueira queria fazer um livro nos moldes de *Dentro do Rock*, do norte-americano Bill Flanagan, em que o jornalista da *Musician* conversara longamente com nomes como Bob Dylan, Paul Simon e Lou Reed para revelar o processo criativo de cada um deles.

Leoni decidiu seguir o mesmo caminho. Listou os entrevistados: Roberto Frejat, Marina Lima, Lobão, Nando Reis, Adriana Calcanhotto, Samuel Rosa, entre outros. Começou com Herbert Vianna, planejando deixar Renato Russo por último. Achava que tinha de se preparar melhor, pela pouca intimidade com a obra do cantor, especialmente com os três últimos álbuns – *As quatro estações*, *V* e *O descobrimento do Brasil*. Além disso, não se considerava um amigo próximo do entrevistado. Encontraram-se algumas vezes no meio da década de 1980, quando Leoni ainda usava camiseta do Joy Division. Mas, depois, perderam o contato.

Renato marca a entrevista no estúdio Discover, no Jardim Botânico, onde prepara o segundo disco solo com Carlos Trilha. Leoni faz o dever de casa antes do encontro. Atenta para um elemento intrigante. Ao ouvir os discos recentes da Legião, percebe que o grupo já não escreve mais tantas canções no formato pop tradicional – parte A, parte B e refrão –, como eram “Será” e “Que país é este”. Mesmo assim, sem um refrão para repetir, o público repete letras quilométricas, como as de “Há tempos” e “Perfeição”. Para o compositor-entrevistador, trata-se de um caso único em sua geração.

Conversam durante três horas. Quando chega o momento de relacionar os compositores prediletos, Renato cita Dylan, Brian Eno, Brian Wilson, Neil Young, Scott Walker, Leonard Cohen, Bowie, Morrissey e Johnny Marr. “E, claro, Lennon e McCartney: são *hors-concours*.” De novo, destaca o vocalista e guitarrista do Nirvana: “Kurt Cobain era maravilhoso. Letra e música”.

Entre os brasileiros, relaciona Caetano, Chico (“Tem coisas excepcionais”), Beto Guedes (“O problema é que ele tem aquela voz”), Lô Borges e Milton Nascimento. Afirmo que se identifica muito com os mineiros, mas não consegue explicar o porquê. Cita “Fórmula do amor”, do próprio Leoni e do Leo Jaime, entre as músicas em português que gostaria de regravar. No final, Renato demonstra insatisfação:

— Só isso? Eu queria falar mais... Deixa eu ver suas perguntas. Arranca das mãos de Leoni o roteiro que o entrevistador tinha preparado. — Essa eu respondi? Tem certeza? Acho que não, hein? Vou responder de novo!

Leoni pega outra fita e aciona novamente o gravador. Então, volta para casa. Demora quase uma semana para editar a íntegra da conversa. São mais de setenta páginas de transcrições. No dia do aniversário de Renato, liga para cumprimentá-lo.

— Estava mesmo pra te ligar! Nos meus compositores preferidos eu citei o Elton John?

— Não.

— Então coloca o Elton John. Eu tinha falado Sting. Você tira ele, diz que ele é um bolha e coloca o Elton John, o Paul Simon e o Lou Reed.

Letra, música e outras conversas chega às livrarias em 1995. Na introdução do capítulo dedicado a Renato, Leoni comenta que a entrevista foi “muito mais fácil, fluente e divertida” do que poderia supor, por ter sido com “uma pessoa do bem, preocupada com valores morais e éticos, que não se rendeu ao cinismo”. O músico-autor detalha o que mais o impressionou: o método de trabalho da banda.

A partir do segundo disco os arranjos nascem sempre antes das canções, o que explica os milhões de variações da melodia e os formatos atípicos. As canções começam em estúdio (seja de gravação, seja nos estúdios pessoais de cada um da banda), normalmente pela bateria, depois vêm a linha de baixo, o teclado, o violão, a guitarra e o que mais entrar no arranjo. Depois disso define-se o formato. Quantas vezes entra tal parte, quantas entra a outra, quando volta para a primeira, até estar definido. Até aí o Renato não cantou uma nota, nem escreveu uma sílaba. Eles gravam uma fita com diversas bases e decidem quais vão entrar no disco, provavelmente já sabem a ordem em que vão entrar. Só então o Renato pega aquelas bases e vai para casa colocar melodia e letra só nas escolhidas. Detalhe: a regra número um é a de não alterar o formato que está na fita. Se a parte A se repetir cinco vezes na primeira vez e seis na segunda, ele escreve letra para onze partes As, que não precisam ter a mesma melodia. As outras bases ficam guardadas esperando a sua chance no próximo trabalho. É estranho,

mas é um método. Isso é tipicamente Legião Urbana, é quase uma forma exclusiva deles. Crianças, não tentem fazer isso em casa!

Renato Russo vai ao lançamento do livro de Leoni e combina de encontrar o autor com mais assiduidade. Trocam ligações. Em uma delas, o vocalista da Legião, satisfeito com o resultado, mas um pouco frustrado pela discreta repercussão de *Letra, música e outras conversas*, encomenda maior empenho na divulgação. Em outro momento, Leoni telefona, mas Renato mal consegue falar. Não para de tossir e encerra a conversa. Recuperado, deixa um recado na secretária eletrônica desculpando-se pelo acesso de tosse e pedindo para Leoni ligar de volta quando pudesse. Em viagem, Leoni não escuta o recado no mesmo dia nem retorna de imediato. Deixa para depois. Mas guarda na memória um comentário espirituoso de Renato sobre a incerteza de êxito comercial do novo trabalho: “Daqui a dez anos, vão comentar: ‘Onde estará Renato Russo, que tinha uma carreira tão sólida até o lançamento de seu segundo disco solo?’”.

Renato refere-se à *Equilíbrio distante*, lançado em dezembro de 1995. Citado como a “minha conexão Jerry Adriani” pelo cantor em entrevistas de divulgação, o segundo disco solo começou a ser engendrado depois que Renato comprou oito CDs de pop italiano contemporâneo e, ao prestar atenção nas letras, achou a temática parecida com a da Legião: canções de amor com fundo social, de indivíduos pautados pela ética pessoal, “tentando resolver as coisas do mundo”. Tinha cogitado outros projetos, como a regravação do repertório do inglês Peter Hammill, da banda Van der Graaf Generator, ícone do som progressivo, mas optou em definitivo por “The Italian Album” (como anotou em um de seus cadernos) ao perceber que poderia homenagear também os 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes do país europeu no Brasil, entre eles os bisavós:

— Faz parte da minha história.

As reações iniciais ao novo projeto não foram exatamente de entusiasmo. No camarim do Metropolitan, em um dos shows da turnê de *O descobrimento do Brasil*, Renato tinha avisado ao parceiro de *The Stonewall*:

— Já sei qual vai ser o meu trabalho novo!

Trilha se entusiasmou.

— Estou louco para começar a gravar um disco de músicas bregas italianas! — revelou Renato.

Trilha gelou.

Já Dado Villa-Lobos, que também ficou sabendo da decisão de Renato naquela noite, não soube muito o que dizer:

— Em italiano?! É? Interessante...

A decisão de Renato surpreendeu até os que conheciam a música italiana contemporânea. Filho de siciliano, com muitos primos no país de origem do pai, o baixista Gian Fabra tomou um susto com uma das escolhas e tentou alertar o cantor:

— Renato, você vai gravar Laura Pausini? Você sabe quem ela é? Ela é tipo a Angélica da Itália!

— Eu sei. E a música que vou gravar é linda.

Quando foi para a Itália com a assessora de imprensa Gilda Mattoso em viagem bancada pela gravadora, Renato já estava com o repertório praticamente definido. Ex-esposa de Vinicius de Moraes e com livre trânsito na MPB, Gilda falava fluentemente o italiano. Além de ter morado no país, tinha contatos de músicos, produtores e cantores locais. Achou que Renato gostaria de conhecê-los, como explicou posteriormente ao site *Bahia Notícias*: “Viajei pensando nos *cantautori* [cantores e compositores] como Lucio Battisti, Lucio Dalla e tal, mas o Renato queria música comercial italiana”. De toda forma, Gilda o ajudou a manter encontros com personalidades do meio musical do país e a escavar o próprio passado. Foram até Cremona, na província da Lombardia, onde Renato queria encontrar a certidão de casamento dos avós para tentar obter o passaporte europeu. Em Sesto Cremonese, um lugarejo perto de Cremona, conseguiu o documento. Ficou exultante. Fim da viagem, hora de entrar em estúdio.

Diferentemente de *The Stonewall Celebration Concert*, projeto intimista da concepção à gravação, o “álbum italiano” exigiu muito mais do intérprete e do tecladista, que assinam em conjunto produção, realização e arranjos. Nas entrevistas de divulgação, Renato explicou: “Tentei trabalhar numa linguagem que não domino: música romântica para consumo popular. Fazer um disco romântico e lírico, mas nas convenções da música pop. O rock não tem regra, você faz o que der na telha”.

O tecladista complementa: “No formato pop, tudo é mais sutil, as nuances aparecem: a voz fica muito exposta”.

E o registro da voz de Renato foi um dos percalços que levaram a feitura de *Equilíbrio distante* se arrastar por nove meses. Depois de ouvir o que cantara, Renato não ficou satisfeito. Reclamou do estúdio Discover, disse que havia problemas de equalização, culpou até os microfones, que teriam deixado a sua voz em um timbre diferente. Exigiu recomeçar praticamente do início, agora no estúdio da Som Livre, em Botafogo. A gravadora concordou. Contrariado, Trilha acatou a decisão. Para ele, no entanto, o motivo do descontentamento era outro: “A verdade é que a voz dele não estava boa naquelas sessões. Ele cantou mal. Tanto é que os microfones eram os mesmos”.

Renato também se mostrou inseguro com a sua pronúncia. Ao contrário do inglês impecável que exibira em *The Stonewall*, dessa vez não dominava o idioma. Teve especial dificuldade para pronunciar os “Es” finais. Trilha então recorreu à cunhada, que dava aulas de italiano. Ela foi até o estúdio e fez correções pontuais, além de observações que deixaram o cantor mais à vontade para fazer “uma espécie de mímica”, como definiu posteriormente.

A banda montada por Trilha para acompanhar o cantor também passou por mudanças. Entraram músicos experientes, como o consagrado baixista Arthur Maia e o violonista carioca Cláudio Jorge – este convocado para o arranjo bossa-nova que uniu “Wave” (Tom Jobim) com “Come fa un’onda”, tradução de Massimiliano de Tomassi, que Renato conhecera na Itália, para “Como uma onda” (Lulu Santos/Nelson Motta). A junção nasceu de uma vontade – incluir a versão de uma música emblemática brasileira e/ou uma pop bem conhecida – e de uma posterior indecisão de Renato, como lembra Trilha: “Quando tocamos ‘Como uma onda’, Renato teve a ideia de tentar a melodia de ‘Wave’ como introdução, e encaixou perfeitamente. Foi também uma forma de mostrar como é brasileira a música pop do Lulu. Ele dizia que as duas músicas eram a mesma coisa. Mesma atmosfera, mesma intenção, só mudava a melodia, não se decidia qual usar. Decidiu misturá-las, achei uma grande sacada”.

A “grande sacada” ganha explicação de Renato em entrevista ao canal GNT. Depois de classificar “Como uma onda” de uma das grandes músicas do cancionário pop brasileiro, o cantor revela um receio e uma intenção:

Tenho um pouco de medo da música popular brasileira: eu respeito demais. Isso [o *medley*] foi um primeiro passo, de pegar Antonio Carlos Jobim e gravar a minha versão, foi uma primeira tentativa. E

fecha a concepção toda, não fica sendo simplesmente italiana: a música encaixa direitinho na história que o disco tá contando. E também porque Jobim é o máximo, né?

Ao lado de Trilha, o cantor fala que “para o futuro” pretende regravar Caetano Veloso e gravar “outro repertório” em português. Considera “Wave” uma música especial, por lembrar o Rio de Janeiro. E cantarola um dos versos para exemplificar:

Da primeira vez era a cidade...

Inclusões inusitadas, exclusões igualmente surpreendentes. “Ti chiedo onestà”, por exemplo, ficou de fora de *Equilíbrio distante* por motivo banal. “Io stasera lo sai”, primeira parte do verso inicial, soava em português como “Essa cera não sai”, o que nada tinha a ver com o significado original (“Eu, esta noite, você sabe”). Bastou Renato escutar o que Trilha tinha acabado de cantarolar para determinar:

— Pronto, essa música acabou de sair do disco!^[63]

Outros imprevistos nada têm de prosaicos. Um dia, antes de mais uma sessão de gravação, Carlos Trilha recebe uma ligação do empresário Rafael Borges:

— O Renato não vai para o estúdio. Pediu para você adiantar o que pode.

Nem Carlos Trilha nem Reginaldo Ferreira são informados sobre o verdadeiro motivo da ausência. Além da indecisão sobre o conceito do novo disco solo, Renato estava emocionalmente abalado por outra desilusão amorosa, como contou ao repórter Luiz Henrique Romanholli, de *O Globo*: “Comecei a questionar se devia estar fazendo esse disco. No meio do caminho eu me separei e entrei em parafuso”. Na reportagem “A busca do equilíbrio”, Renato revela que, ao retornar de uma visita à família em Brasília, não resistiu à passagem do carrinho de bebidas servidas no voo e bebeu muito, e até tentou tirar a roupa no avião. Deu vexame e ficou ainda mais deprimido, alternando ataques de pânico e ansiedade. “Sou um pouco sensível, tenho tendência à melancolia. Eu vivo sozinho, moro sozinho. Tenho excelentes amigos, mas tem aquele dia que a gente quer um xodó, um carinho.”

Ao voltar de carona para casa com Reginaldo (que, para alívio de Renato, tinha trocado o combalido Fusca por um espaçoso Del Rey), o cantor foi mais direto em sua confidência:

— Todos os meus amigos estão casados ou têm alguém. Estou cansado de ficar sozinho.

Mesmo fruto de processo atribulado, *Equilíbrio distante* saiu caprichado. O esmero se reflete no projeto gráfico criado por Renato e Egeu Laus: reproduções de pinturas de anjos renascentistas e créditos escritos em italiano. Músicas como “La solitudine” e “Strani amori” (esta impulsionada por videoclipe com temática homossexual) tocam sem parar nas rádios FM, mesmo entre as que jamais veicularam o repertório da Legião Urbana. Renato conquista uma fatia expressiva de fãs mais velhos – além de pais e filhos, agora também avôs e avós cantam Renato Russo. Intérprete original de “La solitudine”, Laura Pausini se torna conhecida no Brasil e realiza turnês promocionais pelo país. Cantores brasileiros tarimbados, como Zizi Possi, aproveitam a onda e lançam CDs em italiano.

Ainda que surpresos, críticos musicais como Mauro Ferreira recebem de maneira favorável o lançamento. “É um disco solo tão refinado quanto popular”, aponta Ferreira, comparando *Equilíbrio distante* com o álbum em que Caetano Veloso interpreta músicas em espanhol: “É um *Fina stampa* à italiana. Da mesma forma que Caetano lustrou o cancionero latino, Russo dá um trato no brega italiano, escapando do trivial sem camuflar o formato quadrado das canções”. O êxito inesperado de *Equilíbrio distante*, mais de um milhão de cópias vendidas, leva Dado a comentar com o vocalista da Legião:

— Você, hein? Ídolo do rock, contestador, vendendo milhares de cópias de um disco de música brega italiana?! Pô, Renato, você é foda!

Renato apenas sorri.

As idas de Renato a Brasília se tornam esparsas. Vai principalmente visitar o filho, nascido em 1989. Desde o primeiro ano de vida, Giuliano Manfredini deixara o Rio para morar com os avós no Distrito Federal. São os desenhos do garoto que estampam a capa de *Equilíbrio distante*. Renato fala pouco sobre o filho, muito menos sobre a mãe do “guri”, como Carminha Manfredini costuma se referir aos meninos, de forma carinhosa. Em rara vez que toca no assunto publicamente, o cantor diz, em entrevista, que a vinda de Giuliano “foi um acidente, um belíssimo acidente que

mudou minha vida”. Dizia não ter como cuidar do filho naquele momento da vida, então preferia vê-lo com os avós: “Giuliano precisa de uma boa base, porque, na nossa sociedade, não existe espaço para uma criança filha de um roqueiro gay”.

Quando vai a Brasília visitar o filho e os pais, sai pouco do apartamento na Asa Sul. Exceções são as visitas aos amigos próximos – acompanha Leo Coimbra em tarefas cotidianas, como buscar os filhos da amiga no final da tarde no Colégio Mauricio Salles de Mello, na Asa Norte. Renato é reconhecido por algumas crianças na entrada da escola, dá autógrafos. A noite chega e eles caminham até a quadra de Leo. Um momento de paz. Não por muito tempo.

Em uma das noites na capital, Renato vai parar na porta do Gate’s, pub no início da Asa Sul. Mesmo bêbado, Renato entra. Lá dentro, ordena:

— Alguém me dá um microfone, agora!

A apresentação do grupo de jazz é interrompida.

— Toca um blues aí que eu vou cantar!

Os músicos obedecem, mas o resultado é constrangedor. Renato ganha vaias. Furioso, xinga a plateia, que devolve e exige a sua saída. Ele tropeça e, sob apupos e risadas, sai do palco engatinhando. No jornal do dia seguinte, a descrição do vexame é impressa sob o título “A última do Russo”. Em Brasília, ele sempre é notícia.

Ainda na cidade, passa o *réveillon* em uma mansão no Lago Sul. Quando chega na festa, procura se enturmar, mas ninguém dá atenção. Boa parte dos convidados já está embriagada, acelerada ou entorpecida. Renato pede para um deles:

— Me arruma alguma coisa?

— Não te conheço, rapaz.

— Como não me conhece? Eu sou o Renato Russo.

— Ahn?

— Renato Russo, quer ver minha carteira? Olha aqui!

Estende a carteira de identidade de Renato Manfredini Junior.

— E daí? Comigo você não vai conseguir nada.

Esnobado, Renato se afasta.

Em outra ocasião, contudo, a virada de ano tinha sido amena e amorosa. Foi quando a família Manfredini decidiu voltar a Nova York três décadas depois da última visita à cidade, dessa vez em maior número. De manhã, enquanto Renato dormia no Mayfair Hotel e Giuliano ficava sob os

cuidados de uma babá, os pais e a irmã passeavam por Manhattan. Depois do almoço, todos se encontraram para ir aos museus – no Metropolitan, o cantor não resistiu e comprou um aparelho de chá com os personagens de *Alice no país das maravilhas* – e assistir aos musicais em cartaz na Broadway. Em um deles, Carmem Teresa flagrou o irmão com os olhos fixos no palco, cantando os versos de “Embraceable you”, escritos por Ira Gershwin em 1928:

*Embrace me, my sweet embraceable you
Embrace me, you irreplaceable you
Just one look at you
My heart grew tipsy in me
You and you alone
Bring out the gypsy in me*

A expressão no rosto de Junior era de encantamento. Fazia frio fora do teatro, mas não havia neve. Faltavam poucos dias para a chegada de um novo ano.

Satisfeito com o resultado de *Equilíbrio distante*, Renato comenta com Reginaldo Ferreira que gostaria de fazer um disco com músicas brasileiras, muitas de cantores e compositores mineiros do Clube da Esquina. Cita Beto Guedes e Lô Borges e avisa que até mesmo definiu o repertório. Depois brinca:

— Imagina aquelas músicas lindas com o meu vozeirão.

O assistente tinha se tornado uma das raras pessoas de total confiança do cantor. O que não o impedia de ser alvo de cobranças curiosas:

— Reginaldo, você leu a minha entrevista na *Bizz*?

— Eu, não, Renato. Tô todo dia com você, já sei o que você vai dizer.

— Como assim? Você não é mais meu fã? Vou comprar a *Bizz* e você vai ler!

Dito e feito. O ídolo não apenas comprou a revista, como cobrou a leitura do antigo presidente do fã-clubes “Por Enquanto”.

Em outra ocasião, Reginaldo foi até o apartamento do cantor para atender a uma convocação: arrumar os discos do dono da casa em ordem alfabética. Teria que ser pelo nome do artista, orienta Renato. A missão é árdua, são milhares de CDs e LPs na estante montada no quarto que serve

de escritório. Diariamente, Reginaldo se dedica à tarefa. Em uma das pilhas de CDs, o fã dos Smiths bate os olhos em “Interlude”, single em que Morrissey divide os vocais com outra personalidade marcante dos anos 1980, a cantora Siouxsie Sioux. Ao perceber o interesse do assistente pelo compacto lançado em agosto de 1994, jamais vendido no Brasil, Renato comenta, maroto:

— Ah, achou! Esse você quer, certo? Pode levar.

O dono da coleção informa que Reginaldo também pode ficar com os títulos em vinil que estivessem repetidos em CD. Assim, o assistente leva para casa LPs de Leonard Cohen, King Crimson, Emerson, Lake & Palmer, entre outros. Uma semana depois, a tarefa está concluída.

Fila de velhinhos desmaiando para receber o dinheiro da aposentadoria, crianças armadas fumando crack, inundações, chacina de sem-terra no Pará. Renato não gosta do que vê nos telejornais. O país o deprime. Dentro de seu apartamento, mantém as cortinas fechadas e o ar-condicionado ligado o tempo inteiro. Escuta rock progressivo e música erudita. Arrisca o confronto com o passado. Vai ao show que esperou mais de duas décadas para assistir: Emerson, Lake & Palmer no Canecão. Depois de beber vodca, decide que dará um jeito de conhecer os músicos no fim da apresentação. É esnobado pela produção estrangeira. Renato tenta forçar a entrada, mas os seguranças o impedem e o arrastam até o estacionamento. O cantor é xingado. Perde o controle e sai gritando do local. Tenta esquecer a frustração e segue para a boate Le Boy, mas lá também é barrado. A noite não podia ter acabado pior.

Em entrevista, o cantor assume a própria fragilidade e define a dependência como “uma doença crônica, primária, progressiva e fatal”. “Eu não sou sem-vergonha, louco, nem depressivo, nem melancólico. Sou dependente químico”, afirma à repórter Maria Helena Passos, em entrevista à revista *Marie Claire*, acrescentando: “Por trás de todo dependente está sempre um perfil psicológico sensível e inteligente”.

Na matéria intitulada “Roqueiro brasileiro”, Renato repassa o seu histórico. Além do álcool, admitia o vício em tranquilizantes e heroína – esta utilizada em companhia de Scott Hickmon, sua última grande paixão. Conta que conheceu Scott, “mochila nas costas, bonito, atitude de coitadinho”, em Nova York, no ano de 1989, e logo se apaixonou. Renato queria parar de beber, e Scott tentava largar as anfetaminas. O vocalista da

Legião convenceu-o a se mudar para o Rio, e foram morar na Nascimento e Silva – Scott até pintou as paredes do apartamento. Também passaram um tempo juntos no Hotel Marina, dividindo um quarto e a heroína. O cantor o apresentou aos amigos e o levou como seu acompanhante à entrega do Prêmio Sharp. Estava radiante.

Logo, porém, a união desmoronou. Loiro e de porte atlético, o americano passou a se relacionar com mulheres, porque, segundo Renato, “achou que podia passar por heterossexual” no Brasil. Fizeram terapia, mas não adiantou. Scott voltou para os Estados Unidos. Renato passou semanas “bebendo, escrevendo cartas de amor e ouvindo músicas tristes, e depois entrei fundo na heroína, me sentindo o mais triste e injustiçado dos humanos”, escreveu. Quando não abria a porta para os diversos garotos de programa que contratava para farras de até três noites (“decadência gay absoluta”, em suas próprias palavras), Renato ia dormir sozinho.

Não queria mais sair de casa. Tinha sido particularmente difícil atender ao convite da Plebe Rude, agora reduzida ao duo Philippe Seabra e André X, para participar do disco *Mais raiva do que medo* e gravar com eles a primeira música da banda, escrita em 1981, “Pressão social”. Renato chega para a gravação acompanhado por jovens desconhecidos, os quais hostiliza e humilha. Dentro do estúdio, grita frases desconexas. Canta “Lithium”, do Nirvana:

*I'm so happy 'cause today
I've found my friends
They're in my head
I'm so ugly, but that's okay 'cause so are you*

Renato repassa a letra de “Pressão social”. Implica com a frase “Que a minha vitória é a derrota de alguém” e, de forma enfática, contesta:

— Mas a minha vitória não é a derrota de alguém!

O impasse só é resolvido depois de alguma conversa e muita paciência.

Surge, então, um novo convite. Paulo Ricardo, em carreira solo, o chama para dividir os vocais na recriação de um dos maiores sucessos do RPM.

— Renato, vou regravar “A cruz e a espada” com outro arranjo. Adoraria ter você cantando comigo.

Renato topa, gosta especialmente da balada. Mas impõe uma condição a Paulo Ricardo:

— Só se você me pegar aqui em casa.

Condição aceita, Paulo Ricardo vai buscá-lo. De camisa florida, bermuda e sandália, Renato espera embaixo do prédio da rua Nascimento e Silva. Vão direto para o estúdio. Renato grava alguns *takes* antes de se dar por satisfeito.

*Havia um tempo em que eu vivia
Um sentimento quase infantil
Havia um medo e a timidez
Todo um lado que você nunca viu*

Depois, escuta a versão do ex-RPM para “Tempo perdido”.

— Adorei! Quer apostar comigo que vai ser primeiro lugar nas rádios?

No caminho para Ipanema, já de madrugada, os dois cantam enquanto percorrem as ruas da zona sul do Rio. Dentro do carro, gritam os versos de “Dancing with the Moonlit Knight”, faixa do álbum *Selling England by the Pound*, de 1973.

*“Can you tell me where my country lies?”
[...]
Citizens of Hope & Glory,
Time goes by – it’s the “time of your life”*

Alta noite carioca, dois fãs do Genesis dançam com o cavaleiro enluarado.

Renato não quer saber de aparições públicas. Tanto em Brasília quanto no Rio, correm boatos de que ele está com aids. Confirma o diagnóstico apenas para os amigos muito próximos.^[64] De madrugada, tem ataques de choro e pânico em conversas ao telefone. Diz que tem dificuldades para respirar. Emagrece muito. Toma Prozac para tentar superar a depressão, agravada após a separação de Scott. Passa ainda mais tempo dentro do apartamento em Ipanema.

Depois de presentear Carlos Trilha com discos de música clássica e um exemplar do livro *Bom-crioulo*, Renato avisa que a produção de um novo

trabalho solo, uma ópera baseada na obra de Adolfo Caminha, terá de esperar:

— A gente vai parar um pouco de trabalhar.

Quando o tecladista vai visitá-lo, Renato aponta para a estante de CDs dispostos em ordem alfabética e avisa:

— Pode pegar o que quiser.

Cada vez mais recluso, Renato anota ideias esparsas, cogita um disco de conteúdo “romanticamente político”. Faz versões diferentes para música de título definido, “Setor de Diversões Sul”. Em uma dessas versões, imagina dois de seus personagens, Eduardo e Monica, salvando um terceiro: Renato Russo, “um drogado”. Rascunha a letra:

*Nesta cidade não tem nada pra fazer
Só beber num bar ou coisa pior (do que beber)
Eu fico aqui com as putas, as bichas e os travestis
Onde posso me esconder
Onde posso me esquecer
Onde ninguém me faz perguntas
E ninguém sabe (quer saber) quem eu sou*

*Tropeço pela escada
Vômito, caio pelo chão
Ficar amigo dos mendigos
(Tudo parece) Isso pra mim é diversão
Felicidade é uma garrafa na mão*

Setor de Diversões Sul

*Mas aí uma grande amiga
Aparece no meu bar
Tô jogado na calçada
Ela veio me explicar
Eu e o Eduardo
Ligamos pra você
Disseram que você saiu zoadado
E eu pude entender
Eu disse: Monica me deixa aqui
Não tenho outro lugar pra ir, me sinto tão sozinho*

*E ela disse: você está construindo seu fim
Em breve você vai ter se destruído
Não há felicidade aqui
Entre putas e travestis
Esse é um mundo muito triste*

Planeja incluir um poema de Nicolas Behr cantado pelo Liga Tripa (“Nossa Senhora do Cerrado/ Protetora dos pedestres/ Que atravessam o Eixão/ Às seis horas da tarde”). Entra em estúdio, grava a voz-guia de “Travessia do Eixão”, mas a nova música não é finalizada. Ficam as anotações, os fragmentos de lembranças dos tempos de intensa vivência das quadras, dos blocos, dos números e das asas.

*Fui da 113 até a 202
Não tinha nada lá
Desci até a L2
Inc. N. Sra do Cerrado
About Liga Tripa, boredom
Nosferatu, benzina, sex
Para ver o Liga Tripa passar
Find Nichola’s stuff*

Ao lado, anota: “Lago Norte, admirável mundo novo”. E recupera o título de um longo texto que escrevera no início dos anos 1980, “L’Hospital”, para batizar a parte que reflete sobre Brasília:

*Não vai dar em nada
Minha cidade
Minha ferida aberta
O que quero encontrar
Em breve,
breve, breve*

As referências à cidade no novo disco, porém, ficam resumidas a “Dezesseis”, em que volta a um de seus temas prediletos: a inconsequência juvenil.

“A juventude é um período tão difícil que é um alívio quando termina”, conta para a jornalista Teresa Albuquerque, do *Correio Braziliense*, em

entrevista marcada para falar sobre os dez anos do lançamento do *Dois*. No dia 28 de junho de 1996, Teresa é recebida pelo cantor em seu apartamento, decorado de forma sóbria e tradicional, com móveis de madeira nobre, em estilo vitoriano – um lar mais para Emily Brontë do que para Johnny Rotten. A repórter nota que o dono da casa está muito magro. O cabelo, ralo e irregular, acentua a mudança na aparência. A conversa demora a engrenar. Renato dá respostas curtas e evasivas sobre o segundo álbum da Legião: “Foi o disco que realmente nos colocou no mapa, mas eu não lembro a época, eu usava muita droga”. Recusa-se também a assumir o papel de liderança de sua geração: “Eu não encabecei nada”.

Aos poucos, o clima se distende e Renato revela estar “no meio de uma depressão clínica”, acentuada pela exaustão trazida pelo fim das gravações de mais um disco da Legião e por diversos fatos ocorridos nos últimos meses no Brasil. Cita, indistintamente, as enchentes no Rio, a morte trágica dos Mamonas Assassinas, a briga pública de medalhões da MPB – Caetano, Gil e Paulinho da Viola haviam rompido em virtude do repasse de valores diferentes de cachês para shows no *réveillon* do Rio (“Tirou a mágica da amizade que eu acreditava existir entre aquelas pessoas, foi uma grande decepção”). Sobre o país, a repórter tenta uma resposta direta: “Do que você gosta, Renato?”. “De nada. Só dos meus amigos, da minha família e de onde há amor e perdão. Eu acho que nós estamos nos destruindo. É uma pena, a gente realmente achava que iria mudar o mundo”, responde.

Afirma que ele e os demais integrantes da Legião, após o primeiro disco, não tiveram tempo de crescer: “Saímos de Brasília direto para o sucesso”. Sobre o começo da carreira, deixa escapar mágoa em relação aos antigos companheiros do Aborto Elétrico: “Eu estava sendo usado. Não reconheceram meu talento nem minha força de vontade. Eu detesto ser rejeitado”. Ao transportar as mágoas para o tempo presente, sentencia, dessa vez sem identificar o alvo: “Faço o que tenho que fazer, mas não vou ser chicoteado como um cavalo morto. Não admito que invadam a minha vida, digam o que eu sinto, o que eu sou e o que eu devo fazer”.

Comenta ainda que o álbum da Legião que acabara de gravar será “extremamente melancólico, não é a dança da garrafinha”. Quer falar sobre ética, amor e perdão.

“Continuamos tentando ser sinceros.”

“Mas por que tentando, Renato?”

“Porque é muito difícil.”

Renato descarta a hipótese de realizar uma turnê para lançamento do disco seguinte. “Não consegui um jeito de ser profissional e cantar toda noite”, reconhece. Os planos para o futuro se resumem a uma pausa para o corpo: “Descansar. Pelo tempo que for necessário”.

Pouco mais de uma hora depois, compromisso perto do fim, oferece “um chazinho, um cafezinho” à jornalista e comenta: “Tentei dar uma ótima entrevista...”.

A noite chega e, sob chuva fina, a repórter deixa o apartamento.

Uma semana depois, Renato abre novamente a porta de casa para uma entrevista. Recebe Marcelo Fróes, do *International Magazine*. Advogado de formação, o beatlemaníaco Fróes já havia entrevistado o vocalista da Legião duas vezes para o tabloide mensal. Eles se conheceram nos corredores da EMI no início dos anos 1990, quando Marcelo Fróes mantinha contato com a gravadora para projetos relacionados aos Beatles e conseguiu estabelecer vínculo com figuras essenciais na história da banda inglesa, como o produtor George Martin. Renato e Fróes tinham se aproximado depois que este, ao propor concerto com um *crooner* brasileiro sob a regência de Martin, mostrou a Renato um fax do produtor no qual ele comentava sobre o vocalista da Legião que conhecera por meio de um exemplar de *The Stonewall Celebration Concert*, enviado por Fróes: “*He sings beautifully*”.

Na mesma folha de papel enviada de Londres, George Martin observava que o tom grave da voz de Renato não era adequado para cantar alguns clássicos dos Beatles, como “I am the walrus”. O projeto não vingou, mas o vocalista da Legião ficou tão satisfeito com o comentário do produtor que pediu cópia do fax e, ao tê-la em mãos, decidiu retribuir a cortesia presenteando Marcelo Fróes com três CDs – um de Elvis Costello, um de Bachman-Turner Overdrive e um de Harry Nilsson – de sua coleção.

Ao entrar no apartamento, Fróes encontra um Renato enfraquecido e com a aparência descuidada. O anfitrião tinha deixado de aparar a barba, o que leva a se comparar ao Pé Grande:

— Você me coloca assim como Big Foot, entendeu? “Ninguém nunca o viu, mas nesta noite eu tive a chance.” Você descreve como é que eu estou com a barba cheia, completamente jogado e não sei o quê.

O entrevistador pergunta como Renato está. A resposta é sucinta:

— Ah, eu tô complicado. E eu não quero falar sobre isso.

Ao longo da conversa, Renato volta a opinar sobre a morte de Kurt Cobain (“Ele não teve como escapar daquela tragédia”), brinca de mostra-e-esconde em relação às faixas do novo disco da Legião, divaga, muda de assunto, cita provérbios, divaga novamente, solta frases de efeito: “O que a gente precisa é de decência, sabedoria, comida e trabalho pras pessoas”. No meio de uma resposta, orienta o entrevistador (“Esta matéria é sobre a Legião Urbana. Não se esqueça, por favor. Ninguém vai ter isso no mundo”), mas, logo em seguida, reconhece que está exagerando “que nem uma bicha boba”. De forma indireta, parece responder aos boatos cada vez mais fortes de que está muito doente: “Eu quero que essas pessoas que se preocupam comigo vão às favas; que elas se preocupem com a minha música. Se alguma coisa vai ficar, vai ser a minha música. A nossa música, o nosso trabalho”.

O disco que Renato citou como “extremamente melancólico” na entrevista à Teresa Albuquerque é *A tempestade ou O livro dos dias*, o primeiro produzido por Dado Villa-Lobos a partir de uma recomendação incisiva de Renato:

— Toma logo a frente desse negócio.

Dado aceita, tinha trabalhado na produção dos lançamentos da Rock It!, gravadora independente que fundara com André Mueller a partir da loja de discos que tinham inaugurado. Sabia também que a forma de a banda compor e gravar era “muito íntima, muito particular”, poucos produtores dariam conta da missão. Carlos Trilha é convocado para auxiliar no trabalho em estúdio. Transcreve gravações caseiras com as ideias musicais de Marcelo Bonfá. Toca teclado, baixo e ajuda o guitarrista no trabalho.

Renato registra a voz-guia das canções, depois para de ir ao estúdio. Recebe diariamente as fitas com o resultado. Dispara telefonemas de madrugada para discutir com Dado, às vezes de forma áspera, as soluções encontradas pelo guitarrista. O tecladista também não escapa, e passa a ter ataques de pânico ao escutar o toque do telefone, por volta de duas da manhã. Depois de muito escutar sem nada dizer, um dia Trilha perde o controle. Confronta o cantor, dizendo que é fácil avaliar e criticar a distância. Questiona Renato pela ausência, e a resposta o desnorteia:

— Eu estou doente, porra!

O desabafo faz Carlos Trilha abaixar a guarda e ficar na linha telefônica com o interlocutor até o dia amanhecer.

Ao perceber a fragilidade dos registros da voz-guia, Dado tenta convencer Renato a refazer algumas gravações, mas ele não aceita.^[65] Muito contrariado, o cantor retorna ao estúdio para regravar um dos versos do primeiro single, “A via láctea”, cuja gravação da voz-guia tinha sido danificada, sem possibilidade de recuperação. Faz a regravação, depois decreta:

— Chega, não aguento mais.

Versos de “A via láctea” podem ser interpretados como pistas do delicado estado de saúde do autor: “Hoje a tristeza não é passageira/ Hoje fiquei com febre a tarde inteira”. O mesmo ocorre na música de abertura, “Natália”, em que Renato cita “doenças incuráveis” e constata: “Quando tudo é solidão/ É preciso acreditar num novo dia/ Na nossa grande geração perdida”.

Entre as outras faixas, uma referência ao cinema europeu (“L’ Aventura”, mesmo título de um filme de Antonioni), a visão pessimista do momento enfrentado pelos jovens (“A juventude está sozinha/ Não há ninguém para ajudar”, em “Aloha”), a história trágica de um jovem brasileiro aficionado por pegas (“Dezesseis”) e um acerto de contas com os amigos, com a família, com a vida (“Esperando por mim”, a preferida de Dado Villa-Lobos, que se emociona com o vocal “lindo” do amigo).

Uma surpresa: para a parte final da letra de “Música ambiente”, Renato resgata o trecho de uma música que cantava bem antes de existir a Legião Urbana, quando ele e André Pretorius tinham todo o tempo para passar as tardes tocando violão e gravando fitas. Na faixa de *A tempestade*, os versos entoados de forma alegremente ingênua pelos dois jovens amigos em Brasília no final dos anos 1970 ganham novo significado, parecem representar o último pedido de um deles, aquele que dizia em inglês que seria uma estrela muito famosa, cuja luz não era mais assombrada pela fama, mas pela iminência da escuridão:

*E quando eu for embora
Não, não chore por mim*

No encerramento do álbum, uma canção-síntese, “O livro dos dias”, na qual Renato pede “carinho, força e cuidado”, e constata:

Meu coração não quer deixar

Meu corpo descansar

Ao encerrar as gravações, exausto, o vocalista afirma:

— Pronto, agora não tenho mais o que botar pra fora.

Para *A tempestade*, cujo título alternativo (*O livro dos dias*) é o preferido de Dado e Bonfá, Renato seleciona quinze músicas e escolhe para o encarte uma frase de Oswald de Andrade, retirada do livro *Serafim Ponte Grande*, capaz de servir como epígrafe e epitáfio: “O Brasil é uma república federativa cheia de árvores e gente dizendo adeus”.

Encerrada a mixagem, Renato pergunta a Reginaldo Ferreira qual deveria ser o single do disco. O assistente cita sua faixa predileta, “Esperando por mim”. Renato retruca:

— Não. Vai ser “A via láctea”. Tem mais a ver com o meu momento.

Dado, Bonfá e Renato decidem guardar faixas para mixar e masterizar em outro momento. Assim, como já ocorrera com *Dois*, o álbum duplo inicialmente planejado pela Legião é fracionado em dois discos. O vocalista convida os colegas para escutar *A tempestade* em seu apartamento. Muito magro, o anfitrião parece satisfeito com o que sai das caixas de som:

— Nossa, o som tá lindo.

Quando eles chegam aos momentos em que o vocal fraqueja, como em “A via láctea”, Renato desencoraja qualquer ressalva ao afirmar:

— Essa voz tá linda.

Nenhum dos presentes o contesta.

Em entrevista por telefone ao jornalista Ricardo Alexandre, publicada em *O Estado de S.Paulo* no dia 26 de setembro, Renato afirma que *A tempestade* “ficou mais pop” do que os discos anteriores da Legião. Novamente comenta fatos que dominaram o noticiário nacional nos últimos meses. Destaca o acidente aéreo que matou todos os integrantes dos Mamonas Assassinas, colegas de gravadora, lembrando que todos na EMI ficaram “arrasados” com a tragédia: “Eu fiquei muito surpreso que ninguém tenha notado a importância deles como evento cultural brasileiro. É a mesma coisa que morrer algum dos Secos & Molhados e ninguém falar nada, só falar da multidão no enterro. Foi horrível, de qualquer forma”.

O choque de Renato não tinha ficado apenas na retórica. No dia seguinte ao acidente na Serra da Cantareira, ele mandou publicar um

anúncio de página inteira nos jornais cariocas com a seguinte mensagem de despedida: “Adeus, Mamonas. Um abraço sincero da Legião”.

“Este disco novo, dizem, está tão melancólico, tão triste, tão não-sei-o-quê, que está perfeito para todos esses problemas que a gente está tendo de enfrentar.”

A entrevista servira como senha para a reconciliação de Dado e Renato, que estavam sem se falar havia uma semana por causa de uma briga no fim dos trabalhos em *A tempestade*. Dado tomou a iniciativa de ligar para o vocalista, avisando sobre o interesse do jornalista em entrevistá-lo. Renato concordou e, encerrada a conversa pelo telefone, ligou para comentar algumas passagens com Dado, selando o degelo. Durante a entrevista, Ricardo Alexandre tenta saber se Renato queria falar sobre a depressão. A resposta é seca: “Não”. Na abertura do texto, publicado meses depois do telefonema, Alexandre destaca a sugestão de Dado para que as conversas sobre *A tempestade* fossem realizadas em separado, para evitar que Renato monopolizasse a fala. O jornalista lembra que “não é toda hora que os muitos fãs da Legião têm a chance de ouvir o novo disco da banda” e, antes de reproduzir os trechos mais importantes das entrevistas com os dois integrantes, avisa: “Não, não perguntamos se Renato está com aids”.^[66]

Concluída a assistência de produção em *A tempestade*, Reginaldo Ferreira continua em contato direto com Dado Villa-Lobos, que o contrata para cobrir as férias no escritório da Rock It!. Nesse período, Reginaldo sabe de Renato o pouco que o vocalista tinha lhe dito, sobre uma forte depressão. Liga para o apartamento da Nascimento e Silva, querendo saber se o cantor está bem. A resposta o intriga:

— Eu ainda não defini sobre o masculino e o feminino no disco.

Reginaldo não entende o que Renato quer dizer. Deseja melhoras e desliga.

* * *

Pouco antes de selecionar quinze faixas para *A tempestade* ou *O livro dos dias*, Renato conversa com a irmã pelo telefone.^[67] Revela que não assiste mais ao *Jornal Nacional*:

— Não quero mais ver, fico muito deprimido!

Carmem Teresa percebe o abatimento do outro lado da linha e prefere estimular possibilidades de futuro:

— Junior, se a Legião não está te dando mais o mesmo prazer, por que você não vai fazer outra coisa?

— Mas tem os meninos da banda...

— Você pode ir parando aos poucos. Você poderia voltar a ser professor, mas não só de inglês. De filosofia, de história da arte...

— É mesmo, Carmem Teresa. Eu gostava muito de dar aula.

Também conversam sobre o mais antigo sonho de Renato: fazer cinema. Quando foi morar no Rio, montara o grupo ASA (Amigos da Sétima Arte), com a participação de amigas como Denise Bandeira e Ana Beatriz Nogueira, para assistir a filmes semanalmente e discuti-los depois da exibição. Na conversa com a irmã, Renato se anima e elabora uma relação dos filmes que tem na cabeça. São mais de vinte ideias, entre elas algumas histórias de amor que tinha contado para a irmã quando os dois eram crianças, como a paixão de Apolo e Dafne, “dois jovens lindos, numa floresta europeia medieval”. Cogita adaptações de clássicos da literatura brasileira – *Encontro marcado*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Capitães de areia*. Pensa ainda em levar às telas duas de suas canções mais conhecidas: “Faroeste caboclo”^[68] e “Eduardo e Monica”. Ou contar a história da banda: *Legião’s movie*.^[69] Quer ser diretor. Três anos antes, tinha vivido uma breve e intensa experiência como ator.

Em 1993, Helena Lemos, irmã dos integrantes do Capital Inicial, resolveu filmar no Rio de Janeiro o curta-metragem *Feeling gravity’s pull* (“Sentindo a força da gravidade”), trabalho de conclusão de curso na Escola de Cinema de Londres. Falado em inglês, o filme mostrava as diferentes reações de um casal que presencia o afogamento de um desconhecido na praia. Os protagonistas eram a brasileira Tetê Tillett, amiga de Herbert Vianna, e um jovem alemão, Olin Roenpage. Para o terceiro papel, Helena teve uma ideia, mas ficou receosa em levá-la adiante. Conversou com o diretor de fotografia, o mexicano Ricardo Padilla:

— Eu conheço um cara que fala inglês maravilhosamente bem, e é um bom ator. É um amigo meu, o Renato.

— Por que você não o convida, então?

— Ah, porque ele agora é superfamoso, não sei se vai topar.

— Mas tenta, mesmo assim.

Helena ligou para a casa de Renato, mas ninguém atendeu. Na secretária eletrônica, um trecho de “Bron-Yr-Aur”, do Led Zeppelin. Helena sorriu, lembrando os tempos de *Rock é rock mesmo*, no Teatro da Escola Parque. Pegou o seu disco e, como se devolvesse os sinais de fumaça, gravou uma resposta ao som da mesma faixa do disco *Physical graffiti*. Algumas horas depois, o telefone tocou:

— Oi, Helena! Você me ligou?

Helena fez o convite e combinou de ir ao apartamento dele, em Ipanema, deixar o roteiro. Após uma pequena visita guiada para Renato mostrar seus objetos favoritos da decoração, ela contou, em linhas gerais, a ideia do filme: Marian e Colin, um jovem casal, testemunham um afogamento na praia; o corpo fica estirado na areia, coberto apenas por uma canga e cercado por folhas de palmeira; o cadáver não provoca nos demais banhistas nada além de indiferença; o casal, porém, fica perturbado com a visão e, à noite, sonha com o episódio.

Renato ouviu a descrição e prometeu uma resposta. Pouco tempo depois, ligou para Helena:

— Olha, eu li o roteiro e fiquei impressionado com o personagem.

— Você quer fazer, então?

— Eu quero fazer, sim, Helena. Eu preciso fazer.

Participação acertada, eles combinaram os detalhes. Como o papel era pequeno, Renato não precisaria ficar mais do que algumas horas à disposição na praia de Copacabana.

Por volta de meia-noite, ele chegou ao set em companhia da amiga Ana Paula Camarinha. Não teve dificuldades para localizar a equipe: era noite de lua cheia. Já na areia, perto do mar, repassou o texto com Helena. Tinha as falas praticamente na ponta da língua.

Helena percebeu que, para enfatizar as frases do personagem, Renato acrescentava pausas dramáticas não previstas no script. Mais: com variações na modulação e na entonação da voz, impregnava as palavras de inesperada melodia:

— *I was way out there... and it was sunny... and lots of people were watching me, and they had to cover their eyes because of the sun...*

Renato tirou a camisa e os óculos para duas cenas. Na primeira, ele aparece em pé, ao lado do protagonista, Colin, também em trajes de banho. Na sequência, está sentado na areia, em frente a uma fogueira.

Depois de alguns *takes*, a diretora, satisfeita, deu por encerrada a filmagem. Despediu-se de Renato, que voltou para casa com Ana Paula. Helena retornou a Londres para a finalização do curta. Mostrou *Feeling gravity's pull* aos professores e foi aprovada. Tetê, a protagonista, teve a ideia de exhibir o filme durante uma festa na boate Dr. Smith, em Botafogo.

Acompanhado de um grupo de amigos, entre eles a atriz Betty Faria, Renato chegou à festa. Estava bastante agitado. Já de madrugada, a música mecânica foi interrompida e Tetê anunciou o início da projeção. Luzes apagadas, olho na tela.

Na praia, um casal vê um homem ser puxado pela correnteza. Pouco depois, o cadáver aparece na areia. Sete pessoas e dois cachorros se aproximam, observam o corpo rapidamente e se afastam.

A mulher, Marina, comenta com o namorado, Colin:

— Se ele tivesse amigos aqui, eles estariam chorando agora e nós ficaríamos tristes. Talvez ele nem tivesse morrido. Os amigos teriam ficado de olho nele, teriam feito algo. Nós ficamos só olhando.

Nuvens pesadas encobrem a praia.

À noite, Marina sonha. Está de volta à praia, diante do cadáver, em meio a uma roda de violão. O cantor, interpretado pelo compositor carioca Alvin L., um dos parceiros de Renato na balada “Belos e malditos” (gravada pelo Capital Inicial), começa a tocar a música de abertura do filme *O fantasma do paraíso*, dirigido por Brian de Palma em 1974. Em ritmo de luau, Marina acompanha Alvin na trágica saga de Eddie, jovem popstar que decide se matar para se tornar reconhecido, vender mais discos (“Uma morte bem divulgada faria seu disco póstumo atingir o topo da parada”) e, desta forma, bancar a cirurgia que salvaria a vida de sua irmã, Mary Louise:

*When a young singer dies, to our shock and surprise, in a plane crash
or flashy sports car*

He becomes quite well known

*And the kindness he's shown has made more than one post-mortem star
[...]*

We'll remember you forever, Eddie

Thru' the sacrifice you made

We can't believe the price you paid

For love^[70]

Assustada, Marina acorda. Olha para o lado e vê que o namorado continua dormindo.

Colin sonha.

É noite em Copacabana. Ele caminha na praia e chega perto do mar. Nuvens encobrem a lua. Um homem desconhecido aparece, na penumbra, em primeiro plano; ao fundo, as luzes dos postes da avenida Atlântica.

Renato, o desconhecido, dá um sorriso amistoso, algo desconcertado, para o jovem estrangeiro de traços finos, cabelos lisos caindo sobre a testa. Colin acende um cigarro.

Renato puxa conversa, com olhar maroto, mantendo o sorriso no canto do rosto.

— *It's nice to have the beach all to ourselves, isn't it?*

— *Kind of creepy, though, lonely... What with that guy drowning and all.*^[71] Renato encara Colin e continua a conversa:

— *It's strange that you should mention that. I just woke up. I was dreaming...*^[72]

Então cerra os olhos, ergue os braços e aponta para o oceano:

— *I was way out there and it was sunny...*

And lots of people were watching me...

And they had to cover their eyes because of the sun...

And I had sea foam all over my lungs.

And I was like a feather, and I was being drawn by the tide under the current.^[73]

Renato balança a cabeça seguidas vezes. Inclina a mão direita para baixo, em movimento suave e contínuo, simulando a trajetória que uma pessoa faz quando se afoga.

— *And they just stood there, and no one really cared... They were just watching me.*^[74]

Agora, Renato aparece sentado na areia, em frente à fogueira. Pesaroso, constata:

— *I was out there, floating and stuff, and even the birds, even the clouds were making fun of me.*^[75]

Cabisbaixo, Renato faz uma longa pausa. Deixa a areia escorrer de uma mão para outra. Ergue a cabeça e encara a câmera para proferir as últimas frases de seu personagem, o Homem Afogado:

— *They knew I'd never go back... and now I'm a dream. And I don't feel like a dream.*^[76]

Renato submerge.

No dia 8 de outubro de 1996, o empresário da Legião, Rafael Borges, liga para Dado Villa-Lobos e pede:

— Cara, vamos lá ver o Renato.

Ao chegar ao apartamento em Ipanema, é Renato Manfredini, o pai, quem abre a porta. Dado tem um choque ao entrar no quarto do dono da casa. Sob lençóis brancos, vê o cantor deitado de bruços, “com o corpo esquelético como o de um prisioneiro judeu no holocausto”. O médico que acompanhava Renato pergunta ao paciente:

— Quem é esse aí?

Renato se vira e responde, antes de deitar novamente de bruços:

— É o guitarrista da minha banda.

Dado não aguenta. Vai ao banheiro, chora muito. Antes de ir embora, o guitarrista pergunta ao médico o que pode ser feito. A resposta é direta:

— O quadro é esse, não tem jeito.

“Tchau.” Assim o cantor se despede do integrante que escolhera para sua banda. Enquanto isso, no escritório da Rock It!, Reginaldo Ferreira estranha a ausência do dono da gravadora, sempre o primeiro a chegar. O funcionário pergunta à esposa do guitarrista:

— Fernanda, você sabe do Dado?

— Ele foi visitar o Renato.

— Ah, que legal, ele tá melhor?

— Não, Reginaldo. O Rafael ligou e avisou que o Renato está muito mal.

Aflito, Reginaldo aguarda o retorno do guitarrista. Ao chegar, Dado passa direto e se tranca na sala do escritório. O assistente bate na porta, entra e pergunta como está o cantor. Em lágrimas, Dado responde ao antigo presidente do fã-clubes “Por Enquanto”:

— Renato está morrendo.

Em setembro, Renato Manfredini saiu de Brasília para ficar o tempo inteiro com o filho. Quando Reginaldo liga para saber notícias, seu Renato responde:

— Agora ele está dormindo, mas não atende mais o telefone.

Pouco depois da visita de Dado Villa-Lobos, a angústia toma conta de Carminha Manfredini. Tinha permanecido em Brasília, cuidando do neto,

enquanto o marido acompanhava o primogênito no Rio e dava notícias por telefone. Ela sabia que o filho não estava bem, nunca mais tinha ligado de madrugada para saber o que a mãe tinha a dizer sobre as letras que acabara de escrever. Mas, naquele 9 de outubro, o coração de Carminha amanhece especialmente apertado. Quer antecipar a ida ao Rio, marcada para o dia 11. O marido a demove:

— Ele está bem, não precisa vir agora.

Mesmo contrariada, Carminha aquiesce.

Pouco antes das duas da manhã, já no dia 11 de outubro, o telefone toca no apartamento dos Manfredini na Asa Sul. A dona da casa atende. Do outro lado da linha, com voz calma, o marido lhe comunica:

— Carminha, o Junior acabou de falecer.

A esposa tem um acesso de fúria. Em lágrimas, grita:

— Você não podia ter feito isso comigo, Renato!

— Desculpe...

— Eu botei ele no mundo! Eu tinha que estar nessa hora, queria estar junto dele, segurar a mão dele.

O marido silencia.

A esposa pega o primeiro voo para o Rio de Janeiro e vai direto a Ipanema. Os médicos garantem a Carminha que não houve dor no momento da morte de Renato Manfredini Junior, 36 anos. Então, pai e mãe se juntam e velam o corpo do filho.

A notícia da morte de Renato Russo, vocalista da Legião Urbana, por complicações decorrentes do vírus da aids, percorre o Brasil nas primeiras horas de 11 de outubro de 1996.^[77] Chega a um parque de diversões montado no município baiano de Euclides da Cunha, a 314 quilômetros de Salvador. Um dos funcionários do parque, Luís Araújo, 22 anos, não acredita no que acaba de ouvir. Folheia as dezenas de reportagens que guarda sobre a Legião. Sai do alojamento e vai até um dos brinquedos, o trem fantasma. Abre a porta e entra na atração do pequeno parque. Tira uma fita cassete do bolso e a coloca no aparelho de som. Aperta o *play*.

No volume máximo, a voz de Renato reverbera no escuro. Abafa o estampido do tiro disparado por Luís na própria cabeça. Na carta de despedida encontrada pelo irmão mais novo, o fã afirma que sua vida “não tem mais sentido” após a morte do ídolo. E se dirige ao cantor para

justificar o gesto: “Estou me suicidando para encontrar com você num lugar mais feliz”.

Na hora do almoço, na capital do país, a reportagem sobre a morte de Renato é acompanhada por mais de setenta pessoas, olhos vidrados nos televisores expostos em uma loja de eletrodomésticos do Conjunto Nacional. A notícia chama mais atenção do que as informações sobre o novo pacote de medidas do governo para conter os gastos da administração federal e tentar reduzir o déficit público.

A sexta-feira vai chegando ao fim no Distrito Federal. Aumentam as possibilidades de novas chuvas para aplacar de vez a longa estiagem – a umidade relativa do ar alcança 80%, e os gramados começam a se tingir novamente de verde. A polícia tem trabalho: um posto de gasolina é assaltado duas vezes em Ceilândia, e um laboratório de refino de cocaína é desativado em Samambaia. Há muito a fazer para quem quer se divertir no Plano Piloto. Nas telas, John Travolta estrela a ficção *Fenômeno*, a Aliança Francesa promove uma mostra de Claude Chabrol com entrada franca, a Cultura Inglesa exhibe *Meu homem*, e o Cine Brasília tem como atrações os dramas europeus *A idade perigosa* (“Aventuras e angústias da juventude nos anos 1970”) e *Entre o inferno e o profundo mar azul*. Começa a venda de ingressos para a apresentação de Ney Matogrosso em luxuosa casa de espetáculos recém-inaugurada por Caetano Veloso. As rádios anunciam shows de Asa de Águia e Beto Guedes. O Beirute se agita com uma falsa denúncia de bomba. Vinte e cinco mil estudantes se inscrevem para tentar 1.837 vagas no primeiro vestibular de 1997 da UnB.

A cidade segue.

* * *

À noite, no Rio, começa a 11ª edição do festival Free Jazz. Na entrada do Museu de Arte Moderna para ver o show de Meshell Ndegeocello, Cássia Eller é procurada para opinar sobre a morte de Renato. A primeira cantora a regravar “Por enquanto” tem algo a dizer: “A minha geração não teve muitos ídolos. Renato era um deles. Para mim, estava no mesmo patamar de um Lupicínio Rodrigues, um Noel Rosa. Eu era apaixonada por ele”.

A declaração de Cássia é publicada no jornal *O Globo* em edição que inclui um artigo do jornalista e escritor Arthur Dapieve. Ao concluir a sua

análise em que contextualiza a importância do vocalista da Legião Urbana para o rock nacional (o qual chama de Brock), Dapieve crava: “Com a morte de Renato Russo, o Brock perde não somente sua mais potente voz, mas também o seu mais potente cérebro”.

Na mesma edição, além de Cássia Eller, foi registrado um breve comentário de outra cantora brasileira. A carioca Marisa Monte considerava a Legião a sua banda favorita dos anos 1980, junto com os Titãs (a cantora gravou “Comida”, da banda paulista, logo no primeiro disco). Marisa chegou a incluir em turnê uma de suas prediletas da Legião, “Quase sem querer”. Também gostava muito de “Índios” e “Pais e filhos”, tendo escutado sem parar *As quatro estações*. Eram muito mais do que colegas de gravadora. Ao longo dos anos, Marisa e Renato foram se aproximando a ponto de frequentar os camarins – certa vez, depois de um show de Marisa no Rio em que a cantora usava um figurino bem marcante, Renato foi cumprimentá-la, brincando: “Eu quero esse vestido de veludo pra mim!” – e abrir as portas das respectivas casas, na Urca e em Ipanema, para encontros e conversas. No palco do Canecão para lançar o disco *Barulhinho bom* na noite de 11 de outubro de 1996, Marisa menciona o amigo antes de interpretar “Xote das meninas”.

— Para mim, é impossível fazer esse show sem pensar no Renato. Eu queria dedicar essa apresentação a ele.

Depois do show, ao jornal *O Globo*, Marisa limita-se a dizer: “Dediquei o show a ele. Não preciso dizer mais nada. Minha resposta é o silêncio”.

À saída da cerimônia de cremação do corpo de Renato, no Crematório do Cajú, o pai é abraçado por fãs do filho. Todos jovens, muitos de bandanas pretas com “Legião Urbana” escrito em letras brancas, alguns de óculos. Todos choram. Um deles diz para Renato Manfredini: “Seu filho era nosso irmão mais velho”. A mãe, que chorou muito ao lado do caixão, agradece a presença da imprensa e declara: “Ele quis chegar ao fim. Ele não se suicidou, mas simplesmente não lutou. Ele quis chegar ao fim porque ele me disse: ‘Mãe, o meu lugar não é aqui, eu quero ir embora, eu quero ir para um lugar melhor’”.

No dia 18 de outubro, as cinzas de Renato Manfredini Junior são levadas pela família para o Sítio Roberto Burle Marx, Barra de Guaratiba, zona oeste do Rio de Janeiro. Ao som de “Fantasia Opus 17”, sonata para piano de Schumann, a mesma música que tocava na hora em que o filho

faleceu, o pai retira as cinzas da urna de metal e as espalha em canteiros de bromélias e espadas-de-são-jorge crescidas entre a casa onde morou o paisagista e um pequeno lago artificial. Depois, Carminha observaria:

— Ele foi embora com música, então a cerimônia também tinha que ser com música, para ser uma homenagem muito especial.

Na saída, ela é procurada novamente por jornalistas.

— Agora o Renato Russo é só do público, o Manfredini é nosso.^[78]

No dia 22 de outubro de 1996, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá estão de volta à EMI. Em entrevista coletiva, comunicam que a Legião não existe mais.^[79] Dado lembra que os três tinham decidido que, caso algum deles deixasse a banda, o que fosse feito depois por qualquer um dos três não levaria o nome Legião Urbana. Conclui:

— O Renato partiu, então, automaticamente, o grupo não existe mais. E não faria o menor sentido continuar a existir.^[80]

O baterista resume:

— Renato é insubstituível.



EPÍLOGO

Em julho de 1997, pai, mãe, filho e irmã de Renato estão em Curitiba para participar do primeiro grande encontro dos integrantes da família Manfredini. Parentes de todas as partes do Brasil se juntam aos residentes na capital paranaense. Mais de setecentos familiares confirmam presença, quase novecentos aparecem. Foi necessário confeccionar crachá para identificar a todos, pois muitos não se conheciam. E outros, como constatou posteriormente um dos organizadores, Valdir Manfredini, nem parentes eram: fãs de Renato Russo foram atraídos pela possibilidade de se aproximar da família do ídolo.

Na missa em igreja no bairro Santa Felicidade, um coral folclórico italiano emociona os presentes. Ao lado do altar, um estandarte com o brasão escrito Famiglia Manfredini. Em uma das fileiras, os representantes de Brasília: Renato, Carminha, Carmem Teresa e Giuliano, todos com crachá na lapela.^[81] Alguns são escolhidos para carregar as bandeiras do Brasil, da Itália, do estado e da capital paranaense; ao marido de Carminha, o primo mais novo, coube a bandeira do país europeu. Estavam lá não apenas pelos laços consanguíneos, mas para realizar um dos desejos do filho, verbalizado pouco antes da gravação de *Equilíbrio distante*: “Quero que o meu disco em italiano toque em uma festa que reúna toda a nossa família”.

O almoço de confraternização acontece no mesmo bairro. Muita gente chega de surpresa, é preciso ocupar outro salão do tradicional restaurante Cascatinha, na avenida Manoel Ribas. Na entrada, moças em trajes típicos italianos e a banda da PM do Paraná recebem os convidados. Tudo muito caprichado. Em cada mesa, um arranjo com bandeiras dos dois países. Há uma galeria de fotografias de dois imigrantes, Pietro Manfredini e Maria Malvassori, a partir dos quais a história dos Manfredini passou a ser escrita também no Brasil. E homenagens: uma réplica em madeira do brasão da família é entregue a Admar, responsável pela confecção da primeira árvore genealógica.

Aquele encontro da “carcamanada toda”, na definição de Carminha, é especial. O marido se diverte; supera a timidez, canta o hino da Itália e chega a participar de uma das danças típicas do país.^[82] A esposa está igualmente à vontade entre os parentes.

— Todo mundo cantou, todo mundo dançou. A tristeza saiu um pouquinho.

Em determinado momento, Carminha é chamada pelos organizadores para participar do sorteio de brindes. Com a desenvoltura admirada pelos parentes, ela sorteia cópias do CD escolhido para a trilha sonora do almoço. Entre massas e polentas, a família cumpre o desejo de Renato Russo e escuta as faixas de *Equilíbrio distante*. No encarte, a expressão do afeto do intérprete: “Este disco é dedicado a Renato, Carminha, Giuliano e toda nossa família, com amor”.

Ainda em julho de 1997, chega às lojas *Uma outra estação*, a segunda parte de *A tempestade ou O livro dos dias*. É o primeiro disco da Legião Urbana que Renato Russo não decide a ordem das faixas. Dado avisa ao produtor, Tom Capone:^[83]

— Começa com “Riding Song”, termina com “Travessia do Eixão”. O resto a gente vai vendo.

No vigoroso tema de abertura, em que a apresentação dos integrantes gravada à época do disco *Dois* para divulgação em rádios é sucedida por apenas uma frase (“Eu já sei o que vou ser quando crescer”), há um reencontro com o passado da banda. Depois de esbarrar com Renato Rocha no Baixo Gávea, Dado Villa-Lobos convida o baixista:

— Vamos lá gravar.

Negrete topa. Chega bem animado, acompanhado pela esposa e pela filha. Toma duas doses de uísque e entra no estúdio. Sai satisfeito com o convite e com o resultado. Além do contrabaixo do ex-integrante em “Riding song”, o disco inclui momentos fortes, como o blues elétrico “La Maison Dieu”, no qual Renato, em meio a arranjo afiado e narrativa que aproxima sexo e morte (“Devemos flertar com o perigo/ Seguir nossos instintos primitivos/ Quem sabe não serão estes/ Nossos últimos momentos divertidos?”), volta ao tema da opressão e da tortura durante a ditadura militar, como já fizera em “1965 (Duas tribos)”, dessa vez de forma mais crua:

*Eu sou a pátria que lhe esqueceu
o carrasco que lhe torturou
o general que lhe arrancou os olhos
o sangue inocente
de todos os desaparecidos
[...]
Eu sou a lembrança do terror
De uma revolução de merda
De generais e de um exército de merda
Não, nunca poderemos esquecer
Nem devemos perdoar
Eu não anistiei ninguém*

Sem a mesma potência vocal registrada em “La Maison Dieu”, Renato praticamente declama a maioria dos versos da faixa-título “Uma outra estação”. Referências literárias (“As flores do mal”, título de uma das faixas, vem de uma das obras mais conhecidas do poeta francês Charles Baudelaire), decalques do rock gótico dos anos 1980 (“A tempestade”, dos versos “Trouxe flores mortas para ti/ Quero rasgar-te e ver o sangue manchar”), um relato desesperado e desesperador (“Clarisse”, gravada em *take* único, sobre uma jovem de 14 anos que se tranca no banheiro e “faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete”), temas instrumentais (“Schubert Landler” e “High Noon”) e reaproveitamento de músicas antigas (“Dado viciado”, “Marcianos invadem a Terra” e “Mariane”) se misturam ao longo do álbum. Uma das canções previstas, “Setor de Diversões Sul”, não chega a ser gravada porque Renato não concluiu a letra. Outra música, “Sagrado coração”,^[84] entra no disco, mas também incompleta. A justificativa é impressa no encarte: “Essa canção não possui registro na voz de Renato”.

Entre os raros alívios, a leveza de “Comédia romântica” e a própria capa: o desenho de uma superquadra, nos traços estilizados de Marcelo Bonfá, com blocos envoltos por um gramado verdejante.

No encarte, a recomendação: “Ouça este disco da primeira à última faixa. Esta é a história de nossas vidas”.

Para enfatizar a recomendação, a escolha da última faixa é propositalmente simbólica: “Travessia do Eixão”. Os versos do poeta brasileiro Nicolas Behr, musicados por Nonato Veras, do Liga Tripa, e

conhecidos por todos da capital que frequentam o bar Beirute e o Concerto Cabeças, ganham o reforço de Bi Ribeiro no contrabaixo acústico e são repetidos em coro formado a partir da voz-guia deixada por Renato, que se refere à música como “Nossa Senhora do Cerrado” em suas anotações para o repertório de *A tempestade*.

Nossa Senhora do Cerrado
Protetora dos pedestres
Que atravessam o Eixão
Às seis horas da tarde
Fazei com que eu chegue são e salvo
Na casa da Noélia

Nonô Nonô Nonô Nononô...^[85]

Dado explica o motivo que o fez encerrar o último disco da Legião com a gravação de uma das marcas registradas do repertório do Liga Tripa.

Uma forma emblemática de lembrar nosso começo, tão ingênuo. O final foi trágico, mas a ideia foi fechar com vida, emoção, energia. O que restou de melhor foram aqueles momentos, aquelas lembranças de uma Brasília idílica, onde tudo começou, a nossa juvenília. Foi como se a gente dissesse assim: “Somos jovens, somos tão jovens, olha como é bacana fazer música”.

Brasília, abril de 1998. O clima é de tensão na capital da República. Depois de dois meses de caminhada, a maior marcha da história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) acaba de chegar à entrada da cidade. A travessia do Eixão é saudada com buzinas, papel picado e aplausos. Em poucas horas, o trânsito vira um caos. A situação deixa as autoridades em alerta máximo. De um lado, milhares de manifestantes uniformizados; do outro, 2 mil policiais militares, que os aguardam na Esplanada dos Ministérios. Qualquer provocação pode gerar um conflito de consequências imprevisíveis.

No meio do mar de camisetas brancas e bonés vermelhos distribuídos no acampamento antes da parte final da caminhada, um grupo de jovens se desgarra. Enquanto o protesto avança em direção ao Palácio do Planalto, eles seguem na direção contrária. Voltam à rodoviária. Mochilas nas costas,

sobem pela escada rolante e chegam à plataforma superior da estação. Pedem informações, descobrem a direção desejada. Ansiosos, aceleram o passo. O barulho dos carros de som e dos gritos de ordem dos militantes se perde nos espaços vazios. Os jovens percorrem o Setor de Diversões Sul. Cruzam o Setor Comercial, desviam dos carros, passam em frente ao Hospital de Base. O centro da cidade ficou para trás. Estão entre o céu e o asfalto.

Chegam à rua das Farmácias, a antiga rua do Distrital. Placas verdes, cheias de números, siglas, setas. Ficam desorientados. Demoram a perceber que estão no rumo certo, a caminho do primeiro endereço dos Manfredini em Brasília. Mais alguns minutos e o grupo, entre eles um casal de namorados, entra num dos conjuntos de edifícios residenciais que Lucio Costa, ao traçar o Plano Piloto da nova capital da República, chamou de superquadra. Agora, falta pouco. Para quem saiu do interior de São Paulo, os prédios brasilienses parecem todos iguais. Difícil de identificar, fácil de confundir. Mas não será uma confusão momentânea que os demoverá de concretizar o verdadeiro motivo da tão sonhada viagem a Brasília, há tempos idealizada pelo casal, desde que começaram a trocar discos e namorar. Por isso, enquanto os outros amigos arriam as mochilas e descansam, a primeira coisa que os dois jovens fazem ao chegar embaixo do bloco B é procurar o porteiro e perguntar:

— Foi aqui que morou o Renato Russo?

Poucas semanas antes do dia 27 de março de 2010, quando Renato completaria cinquenta anos, a EMI-Odeon anuncia o lançamento de mais um CD póstumo – os anteriores saíram em 1997 (*O último solo*, reunindo faixas não incluídas por Renato em *Equilíbrio distante* e *The Stonewall Celebration Concert*, entre elas “Hey, that’s no way to say goodbye”, de Leonard Cohen) e 2003 (*Presente*, de atrativos como “Hoje”, parceria do cantor com a amiga Leila Pinheiro, e uma gravação caseira de “Thunder road”, de Bruce Springsteen).

Com quinze faixas, *Duetos* tem idealização de Marcelo Fróes, do *International Magazine*, agora conhecido pelo trabalho de pesquisador especializado em projetos de recuperação e exploração de acervos – Fróes já havia encontrado preciosidades nos arquivos de Gilberto Gil, Vinicius de Moraes, Nara Leão, entre outros. O pesquisador lançara em 2006, pela DeckDisc, o DVD *Entrevistas*, compilação de entrevistas de Renato à MTV

entre 1993 e 1994, e, em 2008, *O trovador solitário* por seu selo, Discobertas. Contendo despretensiosas gravações caseiras do início dos anos 1980, *O trovador solitário* traz “Geração coca-cola”, “Veraneio vascaína”, “Dado Viciado”, “Anúncio de refrigerante”, “Eduardo e Monica” (a primeira versão da letra, na qual é citado o “casamento indiano” dos protagonistas, sendo que o rapaz vai trabalhar no Banco Central e a mulher se torna professora na Escola Normal), “Boomerang blues” e outras composições em formato voz e violão, apresentadas de forma descontraída pelo intérprete-locutor em uma imaginária “Rádio Brasília”. Apesar da qualidade sonora precária, o que causou a recusa de uma grande rede de lojas do país, Fróes justifica o lançamento de *O trovador solitário*: “O áudio pode não ser espetacular, mas é o que se tem. E tem um valor histórico. Os fãs gostaram, ficaram felizes”.^[86]

Eclética, a coletânea *Duetos* nada tem de precária. Explora ao máximo as possibilidades permitidas pela tecnologia ao mixar gravações de Renato, integrais e parciais, com as participações de cantores – Fernanda Takai, Caetano Veloso, Laura Pausini, Leila Pinheiro, Célia Porto – que adicionaram suas vozes em 2009. Há, ainda, curiosidades, como o encontro inusitado de Renato com Dorival Caymmi, em 1994, no programa de TV *Por acaso*, de José Maurício Machline (idealizador do Prêmio Sharp de Música Brasileira), cantando “Só louco”, do compositor baiano.

Uma das faixas exigiu trabalho minucioso para ser finalizada: “Celeste”, única parceria de Renato Russo e Marisa Monte. Convidada para participar de *Duetos*, a cantora carioca aceitou a proposta. Depois da morte de Renato, escutou sem parar o CD *O trovador solitário*: “É muito lindo, ele sozinho, em contato com a arte. Eu amo”.

Marisa Monte tinha visto o que Renato era capaz de fazer diante de milhares de pessoas em um show em São Paulo: “Uma performance muito emotiva, única, de uma profundidade impressionante. Parecia que Renato não cantava muito para as pessoas, cantava sobre ele e para ele”.

Para *Duetos*, contudo, Marisa Monte não queria entrar em estúdio para gravar os vocais (“Seria meio esquisito sem ele estar ali”). Lembrou que tinha uma fita DAT (Digital Audio Tape) em seu arquivo e a entregou para os produtores, dizendo: “Olha, isso aqui para mim faz sentido”.

A cantora se referia ao registro do momento em que ela e Renato cantaram “Celeste”, no intervalo de uma das sessões de gravação de *The Stonewall*, em dezembro de 1993, antes de Marisa lançar o terceiro disco,

Verde, anil, amarelo, cor-de-rosa e carvão. Aquele instante foi especial. Renato já tinha escrito a letra, mas queria passar a melodia para a cantora. Demonstrava empolgação e ansiedade antes do encontro. Falou para o tecladista e produtor Carlos Trilha:

— Trilha, a Marisa vai vir aí para eu mostrar a música, vamos programar algo rapidinho!

Em quinze minutos, Carlos Trilha prepara uma base instrumental. Programa um *loop* de bateria enquanto Renato solfeja as linhas de teclado e do baixo. Os dois aguardam a cantora. Marisa Monte chega, percebe que há uma grande cumplicidade musical entre o intérprete e o tecladista. Renato mostra algumas gravações do primeiro disco solo, ela se impressiona. De novo, fica evidente uma das características que admirava na forma de Renato cantar:

— A clareza da voz é impressionante, faz a poesia ficar sempre em primeiro plano. De primeira, você entende tudo o que está sendo dito.

Os dois entram em estúdio, começam o trabalho. Cantarolam o primeiro verso, um dos preferidos de Marisa na música.

Vê que o meu sorriso é verdadeiro

A cantora gosta da ideia de, em tempos de banalização do riso, Renato valorizar a nobreza de um gesto espontâneo: um sorriso real. E gosta especialmente de outro verso de “Celeste”:

E eu vou cantar uma canção pra mim

Acha que, pelo fato de ter sido escrita para ser interpretado por e para alguém que vive de cantar o tempo inteiro para os outros, a frase se torna ainda mais especial.

— Nada mais lindo do que cantar uma canção para si.

Como fizera com Cássia Eller em “1º de julho”, que traz referências à intérprete a partir do título (data de aniversário de Francisco, filho de Cássia, e por coincidência também o dia de aniversário de Marisa Monte) e foi incluída no disco *Cássia Eller*, de 1994, Renato escreveu a letra de “Celeste” não para o repertório da Legião, mas na expectativa de escutá-la na interpretação de Marisa: “Ele absorveu de mim coisas que botou na letra. Acho que ele quis que eu estivesse presente na música, para eu cantar com

autoridade, para que aqueles versos pudessem ser meus também. Ele quis me captar”.

Marisa acha a letra “linda”, grava a canção para *Verde, anil, amarelo, cor-de-rosa e carvão*, mas a música não chega a ser mixada para o disco. Ela telefona para Renato e explica os motivos da exclusão: muito extensa, além de ser feita “para duas pessoas cantarem”, o que a faria destoar do resto do álbum. O cantor se decepçiona, queria se ouvir na voz da cantora e amiga.

Três anos depois, a parceria de Renato e Marisa reaparece com o título “Soul parsifal”, uma das faixas de *A tempestade*. O título cita uma das óperas preferidas de Renato: “Parsifal”, de Richard Wagner, encenada pela primeira vez em 1882, poucos meses antes da morte do compositor alemão. Há modificações substanciais na letra, a começar pelo primeiro verso, antes suave (“Vê que o meu sorriso é verdadeiro”), agora extirpado e substituído por frase em tom imperativo, repetida quatro vezes:

Ninguém vai me dizer o que sentir

Outro verso de “Celeste” é relativizado em “Soul Parsifal” graças à inclusão de um advérbio: “Vê que minha força é *quase* santa”. E, na oitava faixa do disco da Legião, surgem os seguintes versos, inexistentes na parceria original:

*Estive cansado
Meu orgulho me deixou cansado
Meu egoísmo me deixou cansado
Minha vaidade me deixou cansado
Não falo pelos outros
Só falo por mim*

“Soul parsifal” é lançada pela primeira vez com duas vozes no CD *Tente viver sem mim*, em 1998, da cantora baiana Sylvia Patricia, que canta com Tony Platão. Mas o dueto de “Celeste” permanecia inédito. E ameaçado. A fita DAT guardada por Marisa tinha sofrido danos pelo acúmulo de umidade e mofo, típico de ambientes fechados no Rio de Janeiro, e parecia impossível de ser recuperada.

Em dezembro de 2009, o produtor executivo de *Duetos*, Marcelo Fróes, encaminha o DAT para Ricardo Carvalheira, engenheiro de som

especializado em trabalhos de restauração e recuperação de acervos de áudio e vídeo. Carioca radicado em São Paulo, Carvalheira desmonta a estrutura da fita de ¼ de polegada, menos espessa do que a utilizada em um cassete. Faz a limpeza, remove impurezas, utiliza lâmpadas para secar o material recuperado. Tem que tomar todo o cuidado para evitar que a fita estique e arrebente. “Um risco imenso, tem que ter muita paciência e fé em Deus”, define Carvalheira. Ansioso, Fróes liga para saber do andamento do trabalho.

— Calma, vamos fazer... — responde o técnico.

Sem luvas, para contar ao máximo com a sensibilidade da ponta dos dedos, Carvalheira avança no trabalho. É um trabalho de paciência, “quase zen”, para evitar danos irreversíveis. Depois de três dias, pela primeira vez consegue rodar a fita original. Telefona e avisa a Fróes:

— Consegui!

Transfere a gravação para o Pro Tools, retira chiados, equaliza as vozes e envia o arquivo para o Rio de Janeiro. Na próxima etapa, mais trabalho calcado na minúcia. Marisa Monte pergunta ao produtor musical Carlos Trilha se seria possível extrair a instrumentação e manter as duas vozes a partir da digitalização do áudio restaurado por Carvalheira. Trilha, integrante da banda de Marisa na turnê de lançamento do disco *Memórias, crônicas e declarações de amor*, pede um tempo:

— Me dá um dia para eu pesquisar.

Carlos Trilha faz uma experiência com “The Dance”, faixa gravada para *The Stonewall*: a partir de uma versão da gravação apenas da parte instrumental, inverte a fase da mesma e a contrapõe à gravação completa, com voz. Por um fenômeno da física – o cancelamento das ondas sonoras –, a base simplesmente desaparece. Permanece apenas a voz. A voz de Renato.

— Caramba, é possível!

Trilha conversa sobre o processo com professores do departamento de física de uma universidade do Rio, detalhando a tentativa de separação de áudio. Eles acham que pode dar certo, mas não têm registro de nada parecido. Depois, o tecladista resgata a programação original do teclado, executa o procedimento que havia testado. O resultado não é cem por cento, então ele une paciência e tecnologia. Trabalha com ajuda de um software japonês que forma uma imagem 3D do áudio – assim os elementos poderiam ser apagados manualmente. Trilha vai cancelando bumbo, caixa, baixo, boa parte dos teclados... Um mês depois, chega às vozes. A voz de

Renato e a voz de Marisa. Mostra o trabalho para a cantora, que aprova o resultado. O produtor, então, parte para a feitura do novo arranjo com Marisa, que acrescenta apenas um discreto vocalise. Trilha destaca:

— Esse é um dueto verdadeiro, não é um dueto mórbido.

Carlos Trilha convoca outros músicos – entre eles, Fred Nascimento e Gian Fabra, que acompanharam a Legião e formaram com o próprio Trilha a banda Tantra^[87] – para refazer a base instrumental da canção e adiciona um arranjo de cordas à introdução. Enfim, “Celeste” está pronta.

*Porque foi calma a tempestade
E tua lembrança, a minha estrela
Da alfazema fiz um bordado
Vem, meu amor
É hora de acordar*

As vozes de Renato e Marisa se encontram primeiramente para cantar o verso “Vê que o meu sorriso é verdadeiro” e se unem ao recitar a estrofe: “Tenho jasmim/ Tenho hortelã/ Eu tenho um anjo, eu tenho uma irmã/ Com a saudade teci uma prece/ E preparei erva-cidreira no café da manhã”. O masculino e o feminino se irmanam para interpretar o verso tão querido pela cantora:

Eu vou cantar uma canção pra mim

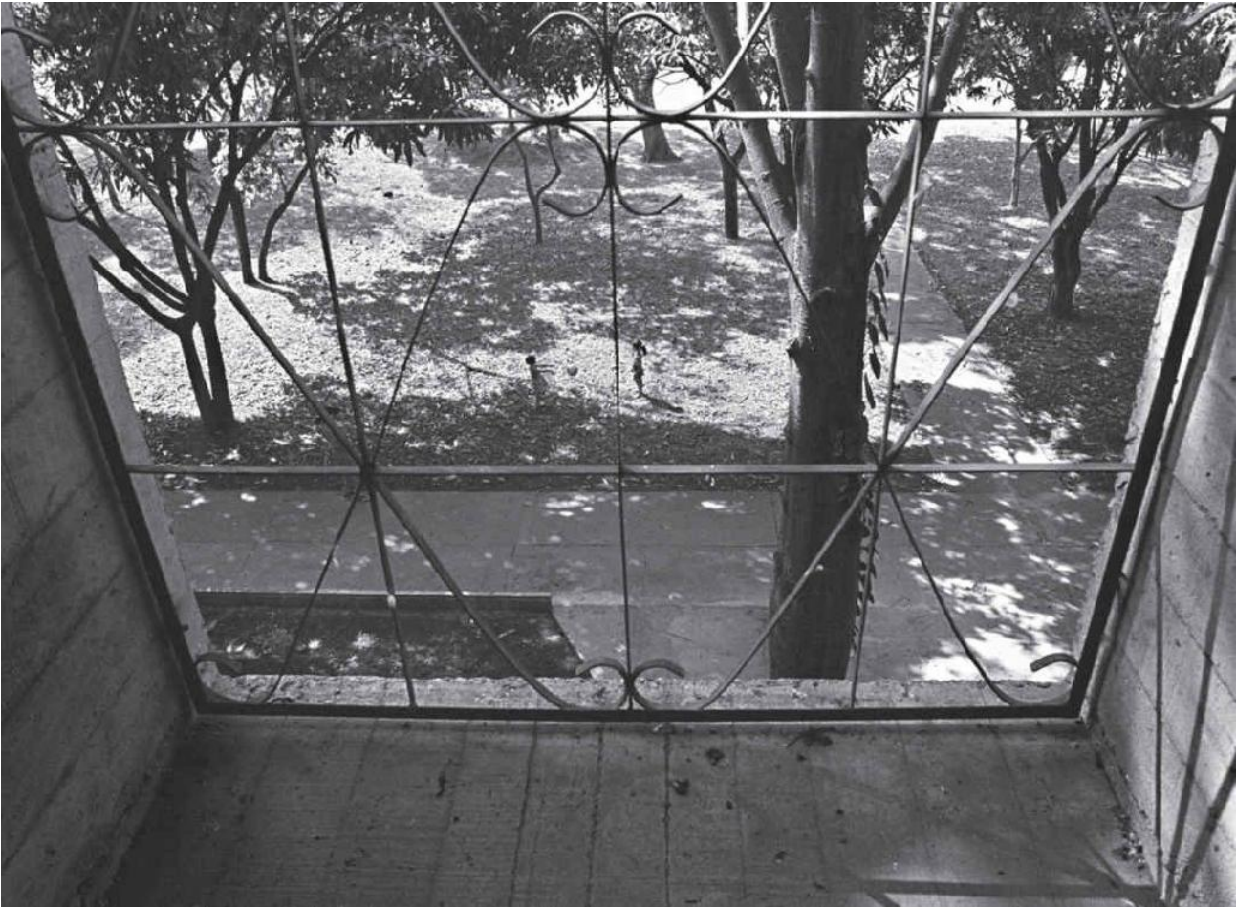
Quem escuta no volume máximo os últimos segundos da segunda faixa de *Duetos*, porém, tem uma surpresa. Foi mantido um trecho da gravação original. É possível ouvir Renato conversando com Marisa, repassando parte da letra antes de dizer: “Acabou”. Mas a constatação não chega carregada de pesar. A impressão é outra. Pode ser só imaginação, mas o cantor, no auge da empolgação, parece lamentar – ainda que de forma descontraída, um pouco irônica, quase infantil, totalmente espirituosa, “bem Renato”, na recordação de Trilha – que o trabalho tenha chegado ao fim. Renato reage com o impulso da surpresa, como se tivesse sido avisado de que o seu tempo tinha se esgotado. Deveria guardar os livros e desligar o som para tentar dormir, sair da rua e deixar a irmã e os primos rabiscando a calçada de giz, despedir-se dos amigos embaixo do bloco e entrar no elevador, abandonar a mesa do bar e ficar de fora da próxima intriga intelectual, levantar da poltrona do cinema sem acompanhar os nomes nos

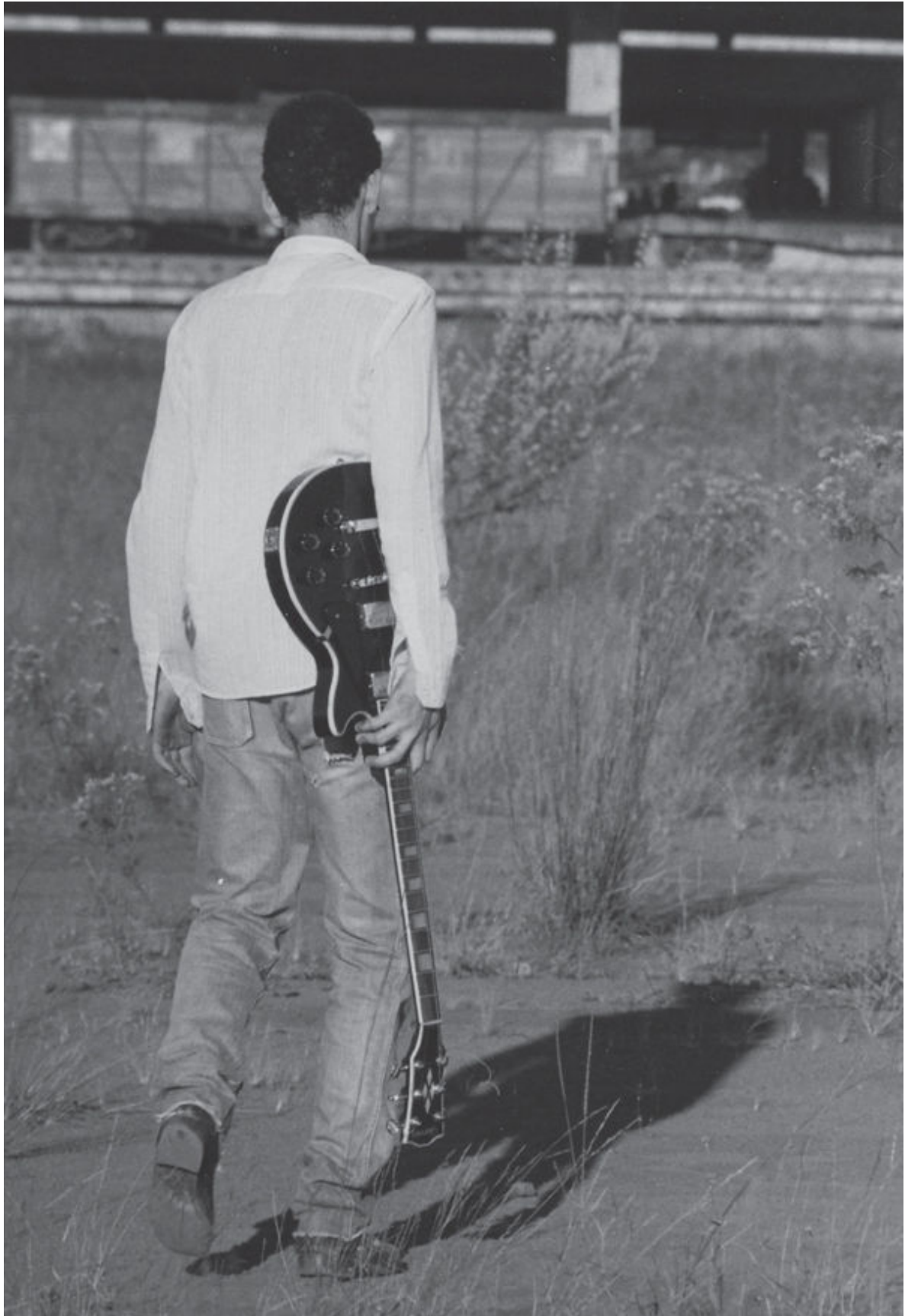
créditos, guardar o violão e encerrar o ensaio antes de mostrar a música que acabou de escrever, deixar o show antes de escutar a última música de sua banda favorita, ir embora do estúdio antes de gravar a última faixa do último disco. Sair do palco antes do bis, antes de cantar a última canção para os outros, para todos, para si.

Renato reage como alguém que, de súbito, porém sereno, descobre que os dias não serão mais para sempre.

“Acabou?!”

FIM





BIBLIOGRAFIA

LIVROS

ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de luta: O rock e o Brasil dos anos 80*. 2ª ed. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2013.

ALZER, Luiz André; CLAUDINO, Mariana. *Almanaque anos 80*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BANGS, Lester. *Reações psicóticas*. São Paulo: Conrad, 2005.

BAHIANA, Ana Maria. *Almanaque anos 70*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAHIANA, Ana Maria. *Nada será como antes: MPB Anos 70 – 30 Anos depois*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

BOJUNGA, Cláudio. *JK O artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CASTELLO BRANCO, Carlos. *Os militares no poder. Coleção Brasil – Século 20*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

CASTILHO, Angélica; SCHLUDE, Erica. *Depois do fim: vida, amor e morte nas canções da Legião Urbana*. Rio de Janeiro: Hama, 2002.

CONVERSAÇÕES COM RENATO RUSSO. Campo Grande: Letra Livre, 1996.

COSTA, Lucio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CROSS, Charles R. *Mais pesado que o céu: uma biografia de Kurt Cobain*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2003.

D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (Orgs.). *Ernesto Geisel*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

DAPIEVE, Arthur. *Brock: O rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo: O Trovador Solitário*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DIMERY, Robert. *1001 Discos para ouvir antes de morrer*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

FRANÇA, Jamari. *Os Paralamas do Sucesso: Vamo batê lata*. São Paulo: Editora 34, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Brasis, Brasil e Brasília*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

GASPARI, Elio. *A ditadura acabada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

GURGEL, Antonio de Pádua. *A Rebelião dos Estudantes (Brasília, 1968)*. 2ª ed. Brasília: Revan, 2004.

HOOK, Peter. *Joy Division: Unknown pleasures*. Tradução de Martha Argel e Humberto Moura Neto. São Paulo: Seoman, 2015.

JOBIM, Helena. *Antonio Carlos Jobim – Um Homem Iluminado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

LE MOS, Fê. *Levadas e quebradas*. Brasília: Pedra na Mão, 2012.

MARCELO, Carlos. *Nicolas Behr – Eu engoli Brasília*. Coleção Brasilienses, volume 1. Brasília: Ed. do autor, 2004.

MARCHETTI, Paulo. *O Diário da Turma 1976-1986: A história do rock de Brasília*. São Paulo: Conrad, 2001.

MAROVATTO, Mariano. *As quatro estações*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2015.

MORAES, Marcelo Leite de. *RPM: Revelações por minuto*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

MORAES, Vinicius. *Samba falado. Brasília: o nascimento de uma cidade ou como se faz um poema sinfônico*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

MORRISSEY. *Autobiography*. Londres: Penguin Classics, 2013.

PARSONS, Tony. *Disparos do front da cultura pop*. São Paulo: Barracuda, 2005.

PINA, Lea Araújo. *Meu pai, Bernardo Sayão*. Goiânia: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Goiás, 1964.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido, volume 1: No caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006.

RENATO RUSSO DE A a Z. *As ideias do líder da Legião Urbana*. Coordenação de Simone Assad. Campo Grande: Letra Livre, 2000.

RESENDE, Otto Lara. *O príncipe e o sabiá e outros perfis*. Organização de Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1994.

REYNOLDS, Simon. *Rip it up and start again: postpunk 1978-1984*. Londres: Faber and Faber, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *Encontros: a arte da entrevista*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

RUSSELL, Bertrand. *Tem futuro o homem?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

RUSSO, Renato. *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SALMERON, Roberto. *A universidade interrompida Brasília 1964-1965*. Brasília: Editora UnB, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras volume 2: 1958-1985*. São Paulo: Editora 34, 1998.

SIQUEIRA JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues. *Letra, música e outras conversas*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1995.

SUMNER, Bernard. *Chapter and verse: New Order, Joy Division and me*. Londres: Bantam Press, 2014.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmica, diários & retratos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

TEIXEIRA, Hermes Aquino. *No tempo da GEB (1956-1960): Trabalho e violência na construção de Brasília*. Brasília: Thesaurus, 1996.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VILLA-LOBOS, Dado; DEMIER, Felipe; MATTOS, Romulo. *Memórias de um legionário*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

PERIÓDICOS E SITES CONSULTADOS

Acervo dos jornais: *Correio Braziliense*, *Diário da Tarde*, *Estado de Minas*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Jornal de Brasília*, *Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil* e *Zero Hora*. Revistas: *Bizz*, *IstoÉ*, *Nossa Brasília*, *piauí*, *Somtrês* e *Veja*. Sites: G1, Uol e YouTube.

DVDs

MTV Especial: Aborto Elétrico – Capital Inicial. Direção do documentário: Lígia Ramos. Sony BMG, 2005.

Renato Russo – Entrevistas. Idealização e produção de Marcelo Fróes. DeckDisc, 2006.

Este livro foi elaborado a partir de entrevistas realizadas com Adriane Michels, Aldo Justo*, Alessandra Fortuna, Alex de Seabra, Alexandre Matias***, Alfredo Nunes, Alisson Costa, Amaro Moço, Ana Cristina Bailey, Ana Flávia de Lima, Ana Galbinski, Ana Maria Bahiana, Ana Paula Camarinha, André Mueller, André Villar, Ari Cunha Filho,* Bi Ribeiro, Briquet de Lemos, Byron de Quevedo, Carlos Alberto Xaulim, Carlos Alexandre Fortuna**, Carlos Trilha***, Carmem Teresa Manfredini****, Cássia Portugal, Cid Botelho, Cíntia Paiva, Clara Monteiro, Cláudia Valença de Lima**, Cleber Lettieri, Cléia Souza Lima, Cristiano Menezes, Dado Villa-Lobos****, Daise Costa, Denise Hamú, Dinho Ouro Preto, Edith Jacques, Eduardo de Moraes, Elder Rocha, Evandro Mesquita*, Fê Lemos, Fernanda Villa-Lobos, Fernando Artigas, Fernando “Bola” Brito, Fernando Gabeira*, Flávio Lemos, Francelino Pereira*, Fred Nascimento***, Geraldinho Vieira, Geraldo Azevedo*, Geraldo “Gerusa” Ribeiro, Geraldo Moraes*, Helena Lemos****, Herbert Vianna, Hermano Vianna, Hermínio Sotero Neto, Hezir Espíndola*, Humberto Adami Santos Júnior, Ico Ouro Preto, Irlam Rocha Lima, Inês Laurent, Jota Pingo (*in memoriam*), Jimi Figueiredo, Jocimar Nastari, John Trzeciak, Jorge Davidson, José Damata, José Emílio Rondeau, José Roberto Serra, Julie Coimbra, Kadu Lambach, Leander Motta, Leo Coimbra, Leoni, Letícia Borges, Luiz Carlos Mansur, Luiz Gustavo Valença de Lima, Luiz Manfredini, Manuela de Almeida Vasconcellos, Marcelo Beré, Marcelo Bonfá, Marcelo Fróes***, Marcelo Rubens Paiva, Márcio Cotrim*, Marcos Jacob Gentil, Marcos Martins, Marcos Sílvio, Margrit Guimarães, Maria Coeli Vasconcelos, Maria do Carmo Manfredini****, Maria Inês Serra, Marília Stábile, Marisa Monte***, Marli Pacheco, Millôr Fernandes (*in*

memoriam), Ney Matogrosso, Nicolas Behr, Nicolas Potent, Noélia Ribeiro, Nonato Veras*, Orestes Sales, Paulo César de Lima, Paulo César Furtado, Paulo Pestana, Paulo Ricardo, Pedro Ribeiro, Philippe Seabra, Raul Duarte, Redson Pozzi, Reginaldo Ferreira***, Renato Manfredini (*in memoriam*), Renato “Negrete” Rocha (*in memoriam*), Renato Vasconcellos, Rênio Quintas, Ricardo Alexandre***, Ricardo Carvalheira***, Samir Suaiden, Sandra Mello, Sarah Walker, Sérgio Britto, Sérgio Duboc*, Sérgio Seiffert, Tarcísio de Pádua, Tony Bellotto, Valdir Manfredini***, Virginie Rio Branco, Vivian Guimarães, Vladimir Carvalho*, e Zé Renato Martins.

Todas as entrevistas foram conduzidas pelo autor entre 1999 e 2008, exceto:

* Entrevistados por Klecius Henrique.

** Entrevistados por Tiago Faria.

*** Entrevistados em 2015 para esta edição.

**** Entrevistados novamente em 2015 para esta edição.

Os documentos da Divisão de Censura de Diversões Públicas, citados e reproduzidos nos capítulos 3, 5 e 6, foram localizados e consultados entre 2006 e 2008 na Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal (Coreg).

Transcrição das entrevistas por Paola Reis.



AGRADECIMENTOS

Agradeço à família Manfredini: Renato (*in memoriam*), Carminha, Carmem Teresa e Giuliano, pela paciência e generosidade nas entrevistas e consultas ao longo de quase uma década, e também para esta edição. E também pela demonstração de confiança ao permitir a reprodução de itens do acervo particular do filho, pai e irmão, guardados na rua Nascimento e Silva.

A Carlos “Gutje” Woortmann, Daniel Schutze, Ivaldo Cavalcante, Luis Humberto, Luiz Acioli, Mila Petrillo, Ricardo Junqueira, Ronaldo de Oliveira e outros fotógrafos, bem como aos entrevistados que espontaneamente cederam imagens do arquivo pessoal.

A Álvaro Alberto Sampaio (Iate Clube), Arnaldo Alves (SAA/UnB), Eliana Moreira, José Fortes, Kaká Prates, Kakau Teixeira, Léo Sebastião David, Mario Canivello, Mariana Peixoto, Mário Sérgio de Sá, Rafael Baldo (Cespe/UnB), Rafael Borges, Ronaldo Pereira, Olívio Ferreira, Ricardo Pugiali (*Beatlemania*), Ricardo Stefanelli e Patrícia Oliveira, José Luiz Teixeira de Oliveira (delegacia circunscricional de Euclides da Cunha, Bahia), Carlos Gomide (Arquivo Nacional) e Fundação Burle Marx, pelas informações adicionais, contatos, pesquisas e checagens.

Aos integrantes de Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Blitz 64, Paralamas do Sucesso, RPM, Finis Africae, Titãs, Blitz, Cólera e de outras bandas de Brasília e do Brasil. Aos colegas e amigos das diversas turmas brasilienses de Renato – da 303 Sul, do Colégio Marista, da Cultura Inglesa, do CEUB, da Colina, da Asa Norte, do *Jornal da Feira*, da Rádio Planalto –, de São Paulo e do Rio de Janeiro.

À música de Antonio Carlos Jobim, Art Blakey Quartet, Baden Powell, Band of Horses, Bill Evans, Brad Mehldau, The Brazilian Octopus, The Clientele, Daft Punk, Duruti Column, Fleet Foxes, Galaxie 500, Gang of Four, Genesis, Gomez, Gil Evans Orchestra, Gorky’s Zygotic Mynci, Hamilton de Holanda, Iron & Wine, João Donato, João Gilberto, Jimmy Smith, Lambchop, LCD Soundsystem, Liga Tripa, Lô Borges, Looper, Marcos Valle, Mark Kozelek, Medeski Martin & Wood, Migala, Midlake, Miles Davis, Milton Nascimento, Moacir Santos, My Morning Jacket, Nelson Freire, Neil Young, Oscar Peterson, Paulo Moura, Quinteto da

Paraíba, Red House Painters, Roberto Corrêa, Speaker Bite Me, Stereolab, The Style Council, Sun Kil Moon, Television, Tindersticks, The Wedding Present, Wilco, Yo-Yo Ma, Zimbo Trio e outros que tornaram as madrugadas menos solitárias durante a confecção dos oito capítulos do livro. E a Marina, pelo café, igualmente estimulante.

A Abelardo Mendes Junior, pelas soluções engenhosas para coleta e armazenamento de imagens e outros arquivos.

A Anderson Schneider, pela parceria na série *A História do Rock de Brasília* (*Showbizz*, janeiro-março de 2000) e no projeto do livro fotográfico *Cantos de Concreto* (2001), ambos definidores da gênese de *Renato Russo – o filho da revolução*.

A Tiago Faria e Klecius Henrique, pelo trabalho impecável de pesquisa, checagem e entrevistas adicionais. Devo também a Tiago a pesquisa que resultou na audição de mais de duas dezenas de shows de Aborto Elétrico, Renato Russo e Legião Urbana – inclusive o do Mané Garrincha, reproduzido no sétimo capítulo do livro.

A Ana Dubeux e Josemar Gimenez, pelas demonstrações de entusiasmo ao tomar conhecimento do projeto e pelo apoio para conclusão da primeira edição. Ainda no *Correio Braziliense*, agradeço ao trabalho da turma do Centro de Documentação, em especial a Chico de Souza, Caio César, Mauro Roberto, Maria e Valquíria.

A Arthur Dapieve, pela acolhida fraterna e pelo glorioso texto da orelha. Também pelas palavras preciosas a respeito da primeira edição do livro, agradeço a Samuel Rosa, Vladimir Carvalho e Milton Hatoum, ex-estudante do Centro Integrado do Ensino Médio (CIEM), que viveu em Brasília em fase crucial da cidade, descrita no primeiro capítulo.

A Paulo Roberto Pires, pela porta aberta para a primeira edição, bem como ao trabalho minucioso de Juliana Romeiro.

A minha agente literária, Luciana Villas-Boas, Anna Luiza Cardoso e todos da Villas-Boas & Moss, fundamentais para a viabilização da nova edição.

A Cassiano Elek Machado, Aída Veiga e todos na Planeta, pela acolhida generosa na nova casa.

A Fernando Artigas e Ronaldo Pereira, pela atenção especial dispensada à nova edição.

Aos amigos brasilienses Graça Ramos, Sérgio de Sá e Ligia Cademartori (*in memoriam*), pelo rigor e afeto na leitura das duas edições.

Pelos esclarecimentos acerca do contexto histórico e musical, agradeço ao mestre Luis Humberto e aos amigos Cláudio Ferreira, Nicolas Behr, Paulo Pestana, Ricardo Labastier e Teresa Albuquerque.

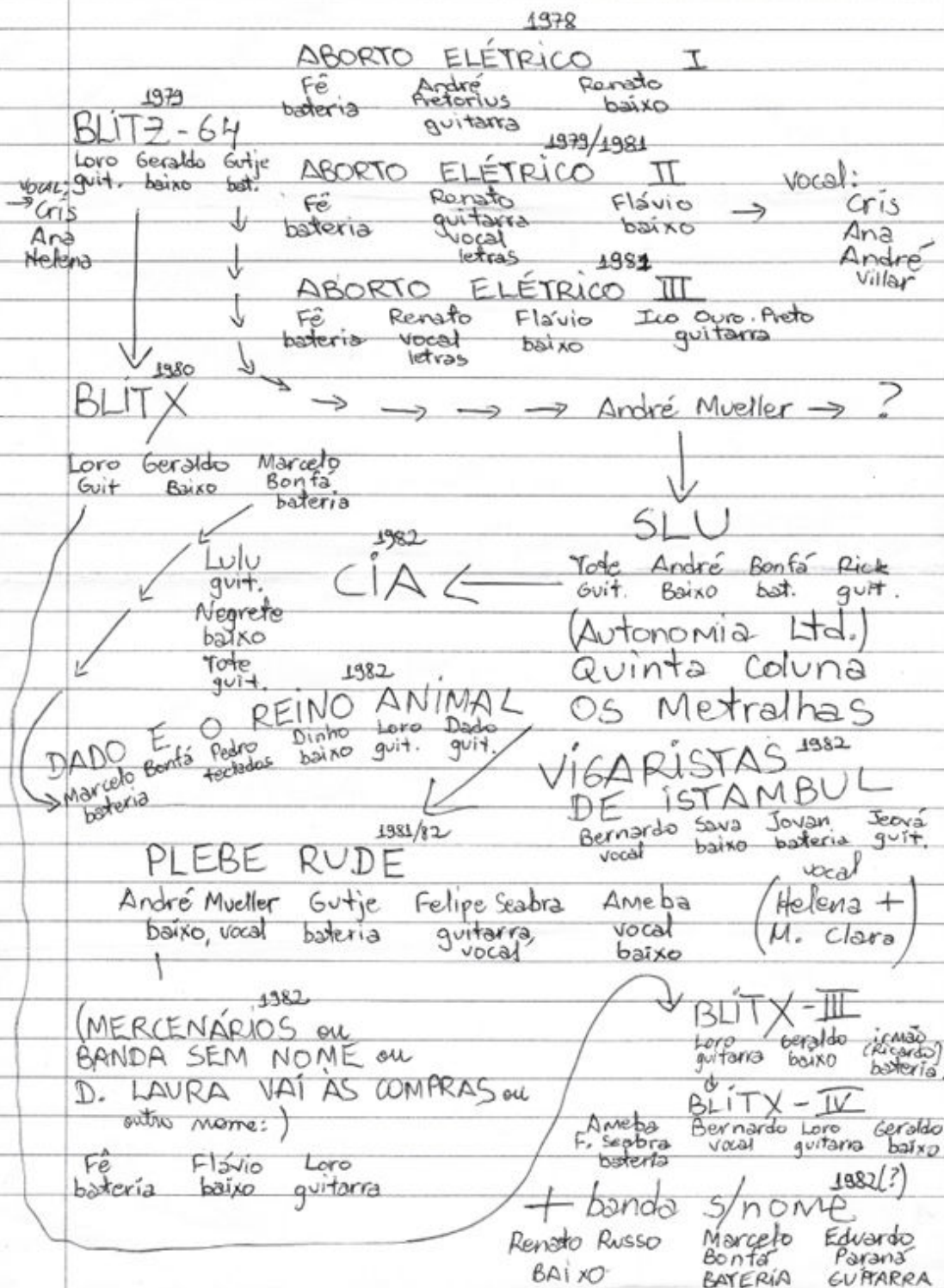
O destino não permitiu que os originais passassem pelos olhos vivazes de outro grande amigo, Natal Eustáquio (1964-2008), a quem este livro também é dedicado.

Aos meus filhos, deixo registrada a compreensão pelos inúmeros momentos de sacrifício do nosso tempo em prol do desenvolvimento e da conclusão deste projeto.

Por último, uma certeza: sem o permanente e amoroso estímulo de Tarcila, *Renato Russo – o filho da revolução* o simplesmente não existiria. Este livro também pertence a ela.

Arvore Genealógica:

PRODUSÕES HORROR SHOW
SOCIEDADE PRÉ-CAMBRIANA
DESORGANIZAÇÃO DO DESESPERO
A LEGIÃO URBANA.



ÍNDICE REMISSIVO

42nd Street Band, 77, 78, 111, 129

A tempestade ou O livro dos dias, 340, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 387, 390, 391, 392

Aborto Elétrico, 5, 126, 128, 134, 136, 138, 140, 141, 145, 146, 152, 153, 155, 159, 162, 163, 166, 168, 169, 170, 171, 177, 178, 196, 204, 208, 210, 212, 213, 217, 222, 232, 233, 237, 246, 275, 276, 278, 285, 290, 295, 302, 370, 387, 405, 408

Acústico MTV, 272, 333, 335, 387

Arte no Escuro, 282, 285, 286

As quatro estações, 325, 326, 328, 331, 353, 354, 376, 386, 395, 403

Badernaço, 284

Bahia, Mayrton, 242, 243, 246, 255, 272, 273, 326

Beatles, The, 35, 41, 47, 50, 67, 100, 104, 105, 112, 114, 120, 125, 134, 138, 150, 154, 160, 229, 239, 277, 309, 320, 344, 371, 400

Blitx 64, 138, 140, 145, 152, 153, 165, 168, 170, 174, 175, 211, 217, 226, 285, 407

Blitz, 2, 218, 219, 242, 246, 255, 261, 407

Bonfá, Marcelo, 4, 163, 209, 210, 211, 212, 220, 221, 222, 223, 225, 242, 243, 247, 248, 250, 257, 260, 273, 281, 283, 299, 302, 305, 308, 313, 314, 318, 325, 326, 327, 331, 332, 333, 335, 343, 346, 347, 349, 351, 372, 374, 387, 392, 395, 406

Brasília, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 62, 66, 68, 70, 71, 72, 80, 82, 84, 86, 87, 88, 89, 96, 98, 100, 102, 108, 110, 119, 120, 122, 123, 124, 127, 128, 130, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 143, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 166, 168, 169, 171, 174, 175, 178, 179, 185, 193, 197, 198, 199, 201, 202, 204, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 251, 253, 256, 257, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 271, 277, 278, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 295, 299, 301, 302, 303,

304, 307, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 329, 340, 341, 347, 351,
353, 360, 361, 362, 367, 369, 370, 374, 383, 385, 387, 389, 390, 393,
394, 395, 400, 402, 403, 404, 405, 407, 408

Buarque, Chico, 2, 3, 33, 37, 47, 52, 63, 64, 65, 134, 159, 229, 238, 280

Capital Inicial, 217, 226, 228, 232, 233, 235, 257, 265, 275, 278, 279, 285,
295, 296, 321, 378, 380, 387, 405, 407

Cazuza, 3, 255, 260, 267, 276, 279, 280, 329, 330, 367

Circo Voador, 233, 235, 256, 270

Clash, The, 100, 101, 103, 105, 123, 124, 126, 140, 143, 229, 296

Clube da Esquina, 47, 82, 363

Colina, 25, 30, 84, 100, 101, 102, 115, 127, 128, 138, 140, 158, 166, 167,
176, 180, 198, 220, 227, 246, 275, 291, 322, 387, 407

Collor de Mello, Fernando, 45, 327, 331, 353

Concerto Cabeças, 174, 392

Costa, Lucio, 5, 15, 19, 31, 43, 44, 290, 301, 394

Diretas Já, 243

Dois, 11, 24, 25, 26, 41, 42, 57, 75, 104, 145, 183, 189, 215, 253, 274, 278,
279, 284, 290, 295, 302, 306, 308, 369, 374, 390

Dylan, Bob, 6, 47, 68, 97, 150, 180, 198, 294, 339, 354

“Eduardo e Monica”, 196, 197, 272, 284, 288, 291, 348, 367, 377, 395

Eller, Cássia, 320, 385, 397

Emerson, Lake & Palmer, 47, 97, 364

EMI, 134, 233, 239, 241, 242, 243, 247, 257, 261, 265, 286, 294, 315, 321,
326, 331, 360, 371, 375, 387, 394, 395

Equilíbrio distante, 340, 357, 358, 360, 361, 363, 389, 390, 394

Estádio Mané Garrincha, 7, 295, 301, 309, 315, 321, 322, 324, 340, 408

“Faroeste caboclo”, 3, 6, 272, 291, 293, 294, 312, 316, 317, 352, 377

Figueiredo, João Baptista, 61, 122, 142, 162

Finis Africae, 257, 265, 285, 286, 407

Geisel, Ernesto, 58, 61, 62, 65, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 98, 106, 107, 122,
123, 171, 249, 269, 402

Genesis, 69, 95, 195, 277, 367, 407

Goulart, João, 21, 27, 42, 122, 266

Ilha do Governador, 11, 14, 40, 49, 62, 264, 265, 279, 289, 341
John, Elton, 67, 78, 92, 298, 355
Joy Division, 114, 116, 143, 175, 176, 177, 182, 216, 260, 262, 354, 387, 403, 404
Kubitschek, Juscelino, 12, 13, 14, 17, 27, 46, 86, 87, 201, 402
Lambach, Eduardo “Paraná”, 211, 213, 220, 406
Led Zeppelin, 89, 101, 140, 150, 151, 157, 158, 246, 277, 311, 347, 378
Lee, Rita, 56, 82, 90, 91, 99, 100, 138, 218, 219, 223, 224, 260, 277, 279, 280, 329
Legião Urbana, 2, 5, 7, 9, 77, 141, 145, 204, 211, 212, 213, 219, 222, 226, 232, 233, 235, 251, 253, 260, 262, 263, 264, 267, 270, 271, 272, 275, 276, 280, 281, 283, 287, 289, 290, 291, 294, 296, 299, 301, 302, 312, 314, 316, 317, 319, 322, 324, 325, 326, 331, 333, 335, 353, 356, 361, 372, 373, 384, 385, 386, 387, 390, 392, 402, 404, 407, 408
Lemos, Fê, 99, 102, 125, 126, 161, 175, 176, 179, 181, 217, 227, 295, 405
Lemos, Flávio, 100, 115, 136, 140, 141, 158, 181, 226, 234, 279, 321, 405
Lennon, John, 6, 68, 159, 160, 161
Liga Tripa, 163, 166, 168, 170, 174, 175, 182, 209, 213, 219, 229, 294, 369, 392, 393, 407
Manfredini, Giuliano, 336, 361, 362, 389, 390, 395, 407
Matogrosso, Ney, 51, 53, 66, 82, 174, 276, 277, 298, 329, 385, 406
Médici, Emílio Garrastazu, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 66, 107, 142, 202, 269, 270, 320
Monte, Marisa, 385, 396, 397, 399, 406
Moraes, Vinicius de, 16, 43, 50, 147, 321, 357, 394, 403
Morrissey, 248, 249, 264, 275, 280, 323, 355, 364
Mueller, André, 102, 115, 123, 126, 128, 138, 158, 163, 166, 178, 179, 181, 210, 214, 216, 218, 275, 372, 405
Nascimento, Milton, 48, 82, 109, 128, 129, 134, 138, 218, 238, 274, 284, 355, 407
O descobrimento do Brasil, 333, 342, 343, 344, 347, 350, 352, 354, 357, 400

Ouro Preto, Dinho, 149, 158, 167, 184, 211, 220, 222, 233, 243, 244, 295, 387, 405

Ouro Preto, Ico, 158, 177, 195, 220, 221, 256, 278, 310, 406

Paralamas do Sucesso, 2, 228, 230, 233, 241, 242, 260, 272, 278, 280, 285, 297, 402, 407

Plebe Rude, 178, 179, 181, 199, 202, 211, 213, 214, 216, 217, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 241, 256, 257, 265, 268, 271, 275, 276, 280, 285, 296, 321, 365, 407

Pretorius, André 116, 123, 126, 127, 130, 137, 182, 185, 216, 275, 276, 374

“Que país é este?”, 9, 85, 183, 290

Ramones, 5, 124, 127, 140, 175, 198, 222, 228

Ribeiro, Geraldo “Gerusa”, 148, 166, 226, 405

Ricardo, Paulo, 277, 280, 366, 406

Rocha, Renato “Negrete”, 246, 247, 273, 281, 283, 305, 308, 313, 314, 325, 341, 391, 406

Rolling Stones, The, 49, 90, 97, 100, 105, 112, 125, 134, 138, 141, 142, 170, 229, 296, 303, 329, 332, 343, 351

Rondeau, José Emílio, 104, 245, 248, 250, 276, 406

Russell, Eric, 111

Sarney, José, 45, 156, 269, 271, 283, 284, 297, 298, 304

Seabra, Philippe, 179, 211, 214, 216, 227, 244, 256, 321, 365, 406

Sex Pistols, 99, 100, 101, 103, 114, 116, 125, 126, 128, 151, 176

Smiths, The, 248, 249, 264, 274, 275, 340, 364

Teresa, Carmem, 8, 11, 12, 14, 35, 40, 43, 47, 50, 56, 166, 215, 247, 262, 308, 315, 319, 333, 339, 360, 363, 377, 389, 400, 405, 407

The Stonewall Celebration Concert, 48, 178, 339, 340, 342, 358, 360, 371, 394

Titãs, 2, 143, 235, 255, 266, 267, 278, 285, 297, 305, 385, 407

Trilha, Carlos 12, 339, 340, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 349, 353, 361, 363, 365, 366, 372, 377, 378, 399, 402, 403

Uma outra estação, 390, 391, 392

UnB, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 52, 71, 84, 98, 100, 101, 109, 113, 121, 128, 137, 138, 157, 165, 166, 175, 180, 183, 189, 195, 196, 197, 222,

227, 233, 251, 257, 321, 322, 385, 404, 407

V, 330, 331, 332, 334, 336, 341, 342, 344, 346, 347, 349, 353, 354

Veloso, Caetano, 2, 27, 28, 37, 42, 51, 52, 63, 90, 111, 130, 135, 138, 142,
143, 150, 166, 218, 229, 237, 274, 278, 279, 280, 281, 298, 299, 309,
320, 329, 333, 355, 359, 361, 370, 385, 395, 404

Vianna, Herbert, 3, 88, 102, 150, 201, 261, 276, 317, 354, 378, 405

Vianna, Hermano, 88, 90, 230, 231, 233, 298, 405

Villa-Lobos, Dado, 4, 149, 167, 211, 221, 222, 235, 244, 251, 258, 272,
295, 319, 325, 326, 327, 328, 332, 333, 334, 335, 341, 343, 346, 349,
357, 361, 367, 372, 373, 374, 375, 376, 382, 383, 387, 390, 393, 405

NOTAS

1. Em um dos manuscritos reproduzidos no livro *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço* (Companhia das Letras, 2015), logo depois de escrever a data de nascimento, Renato relaciona cidades em ordem que coincide cronologicamente com os lugares onde morou: Rio de Janeiro-Curitiba-Nova York-Rio-Brasília-Rio. Segundo Carminha Manfredini, o fato de o filho passar as férias escolares na casa de parentes curitibanos pode tê-lo levado a incluir a capital paranaense na relação.
2. No livro autobiográfico *Registro de uma vivência*, Lucio Costa (1902-1998) transcreve um trecho do estudo realizado pela filha, a também urbanista Maria Elisa Costa. Ela qualifica as superquadras como “uma das mais inovadoras e acertadas contribuições para a habitação multifamiliar”, lembra que a ideia surgiu do projeto do pai, nos anos 1940, para os prédios residenciais do Parque Guinle, no Rio de Janeiro, com seis pavimentos sobre pilotis, no meio de uma área verde definida. “Estruturalmente, uma superquadra é um conjunto de edifícios residenciais sobre pilotis ligados entre si pelo fato de terem acesso comum e de ocuparem uma área delimitada – no caso, um quadrado de 280 x 280 metros, a ser cercado dos quatro lados com renques de árvores de copa densa –, e com uma população de 2.500 a 3.000 pessoas. O chão é público – os moradores pertencem à quadra, mas a quadra não lhes pertence – e é esta a grande diferença entre superquadra e condomínio.”
3. O britânico Nick Drake (1948-1974) foi um dos compositores gravados por Renato Russo em seu primeiro disco solo, *The Stonewall Celebration Concert* (1994). Renato escolheu a faixa “Clothes of sand”, que está no álbum póstumo *Time of no reply* (1986).
4. “Agora nós crescemos/ e estamos em toda parte.”
5. “Eu te amei todo dia e agora estou partindo/ E posso ver a tristeza em seus olhos.”
6. Em uma das páginas preenchidas no plano de tratamento para dependência química, na clínica de reabilitação Vila Serena, no Rio, reproduzidas no livro *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço*, Renato cita os versos iniciais de “Roda viva”, de Chico Buarque: “A gente vai contra a corrente/ Até não poder resistir/ Na volta do barco é que sente/ O quanto deixou de cumprir”.
7. Em 1987, o ginásio de esportes passou a se chamar Ginásio Nilson Nelson, em homenagem ao radialista e jornalista esportivo falecido naquele ano.
8. “Nós temos que entrar para escapar/ Nós temos que entrar para escapar.”
9. O ano que Renato imaginou para o lançamento do disco duplo de *Music Box*, 1985, é o mesmo ano de lançamento de *Legião Urbana*, o disco de estreia da sua própria banda.
10. “O grupo soa surpreendentemente bem e as fitas foram bem gravadas. Doze faixas acústicas e três de autoria própria. Inclui uma *jam* longa (dezoito minutos) em *Today*. As fitas têm 42 horas e vinte minutos de conversas, ensaios e discussões.”
11. “Em 1977/ Você não tem para onde ir/ Você acha que as coisas não podem continuar para sempre/ Mas os jornais dizem que é melhor/ Eu não ligo porque não estou

- pensando direito/ Sem Elvis, Beatles ou os Rolling Stones.”
12. Em setembro de 1993, o complexo arquitetônico de prédios para atividades culturais na avenida W3 foi reformado e inaugurado como Espaço Cultural 508 Sul, oficialmente renomeado Espaço Cultural Renato Russo em dezembro de 1998.
 13. Em 2011, *The Real Inspector Hound* foi traduzida no Brasil por Caetano W. Galindo como “O verdadeiro Inspetor Cão” para “Rock ‘n’Roll e outras peças”, compilação de Tom Stoppard lançada pela Companhia das Letras.
 14. “Sou o inspetor Hound! Vocês estão a salvo agora!”
 15. “Feliz aniversário, Mrs. Drudge! Com amor do Grupo de Teatro da Cultura.”
 16. “Eu estou de saco cheio com os EUA! Mas o que posso fazer?”
 17. “Peguei a [estrada] menos percorrida,/ E isso fez toda a diferença.”
 18. “Nós poderíamos ser heróis... até Sid morrer.”
 19. Com letra diferente, “A dança” é uma das faixas do primeiro disco da Legião Urbana.
 20. No livro *A ditadura acabada*, lançado em junho de 2016, o jornalista Elio Gaspari detalha a onda de atentados que inspiraram “Não boto bomba em banca de jornal nem em colégio de criança, isso eu não faço não...”, um dos versos de “Faroeste caboclo”. “Pode-se estimar que foram explodidas ou incendiadas mais de cem bancas de jornal em uma dezena de cidades”, narra Gaspari. “As distribuidoras e os jornalheiros recebiam listas com os nomes das publicações que não deveriam vender. A intimidação foi eficaz.” No capítulo “Bombas na rua”, o autor conta que, durante o primeiro ano do governo de João Baptista Figueiredo, o terrorismo de direita foi responsável por pelo menos doze atentados. Além de bancas de jornal, foram atacados diretórios acadêmicos, igrejas, um teatro e uma livraria. “Não tendo adversário real, o radicalismo da direita buscava inventá-lo”, analisa o autor. *A ditadura acabada* (Intrínseca) encerra a série de cinco livros de Gaspari sobre o governo militar no Brasil entre 1964 e 1985.
 21. Em novembro de 1982, já à frente da primeira formação da Legião, Renato descreveria de forma bem-humorada as condições precárias dos shows do Aborto: “No porão do Cafófo, lutando contra tudo e contra todos, principalmente contra os microfones”.
 22. O mesmo título foi utilizado por Renato em 1986 para batizar uma das faixas do disco *Dois*, da Legião Urbana, cuja temática é semelhante à do repertório do Aborto.
 23. “Você está vivendo no seu Idaho Particular. Idaho!/ Você está fora de controle, os rios que correm,/ você cai na água e segue rio abaixo para Idaho./ Saia desse estado,/ saia desse estado em que você está./ É melhor tomar cuidado./ Você está vivendo no seu Idaho Particular.”
 24. O filme foi lançado nos cinemas em 1982 com o título *O sonho não acabou*.
 25. Em 2012, no livro *Levadas e quebradas* (Pedra na mão, 2012), a partir de suas lembranças e de depoimentos dos irmãos Flávio e Helena, da então namorada, Inez, e do amigo Zé Renato, Fê Lemos reconstituiu o episódio da briga com Renato e também concluiu que a separação definitiva do Aborto ocorreu apenas em 1981, ao contrário do que o cantor dá a entender em entrevista à MTV em maio de 1994. “Durante muito tempo achei que o AE havia acabado depois da baquetada [...] mas eu achava confuso isso porque lembrava também que o Renato havia me desculpado e que tinha acontecido muita coisa que não se encaixava em um ano só”, explicou o

baterista, que refletiu: “Naquele momento eu entendi, sem realmente entender, que ele tinha sua própria agenda. Ali perdi meu irmão mais velho imaginário, em quem eu podia confiar cegamente, que nunca me passaria para trás, que poderia contar comigo para qualquer perrengue. Ele contava comigo enquanto assim fosse interessante”.

26. Versos de “Heart and soul”, do Joy Division, foram escolhidos por Fê Lemos como epígrafe de *Levadas e quebradas*.
27. “Coração e alma, um dos dois queimará.”
28. Depois de lançar o LP *Outra Luz* em 1990 e se mudar para o Rio de Janeiro, a cantora Zélia Cristina adotou o nome artístico Zélia Duncan e estabeleceu bem-sucedida carreira também como compositora. Entre os seus primeiros sucessos, “Catedral”, versão em português de “Cathedral Song”, de Tanita Tikaram, foi gravada no original por Renato no álbum *The Stonewall Celebration Concert*. Em seus shows, Zélia costuma incluir no repertório uma releitura de “Quase sem querer”, da Legião.
29. “Aqui estou eu e o meu desejo/ Com tudo que preciso/ Uma visão tão bonita/ E pra mim não sobrou nada.”
30. A mesma melodia foi utilizada na introdução de “Tempo perdido”, gravada pela Legião no disco *Dois* (1986).
31. “Então, Renato, o que você vai ser quando crescer?”
32. “Vou ser uma estrela muito famosa! Quero ser uma estrela!”
33. No original, respectivamente: “*And the man on the radio won’t leave me alone/ He wants to take my money for something that I’ve been never been shown*” e “*Is there life on Mars?*”.
34. Incluída em *Que país é este 1978/1987*, terceiro disco da Legião, com o título de “Eu sei”.
35. Apesar de comumente grafado como “Mônica”, o nome da namorada de Eduardo aparece sem acento nos manuscritos de Renato, e assim foi mantido nesta edição.
36. A frase original do imperador Júlio César é “*Romana legio omnia vincit*”, que quer dizer “a legião romana a todos vence”.
37. Em entrevista ao autor para a série de reportagens “A história do rock de Brasília”, publicada em 1999 na revista *ShowBizz*, Mayrton Bahia explicou a forma que encarou o trabalho com a banda: “Nunca vi a Legião como um grupo musicalmente limitado, pelo contrário. Eles tinham uma linguagem própria que muitas vezes não era compreendida. O desafio era entender a estética da banda, que estava muito mais para Van Gogh do que para Leonardo da Vinci”.
38. No original: “*Take your hands off me/ I don’t belong to you*” (*Non-stop Erotic Cabaret*, Soft Cell, 1981).
39. Parte da letra de “Setenta e sete”, jamais gravada pela Legião Urbana, foi aproveitada em “Tempo perdido”, gravada no disco *Dois* (1986).
40. Respectivamente: teórico musical, compositor inglês do período barroco, e compositor norte-americano, autor de *standards* como “Summertime”.
41. Na autobiografia *Memórias de um legionário* (Mauad, 2015), Dado Villa-Lobos definiu a capacidade de persuasão e o protagonismo do vocalista: “Renato tinha a força do discurso, do afago e do convencimento. Acima de tudo, conseguia transmitir muita segurança na exposição de suas ideias e tinha uma vibração que nos levava a

acreditar que a razão estava com ele. Comportava-se como uma liderança que deveria ser seguida em toda e qualquer ocasião e isso, de fato, acontecia”.

42. Em 1992, “On the way home” foi apresentada pela Legião Urbana no especial *Acústico MTV*, lançado em CD em 1999, acrescida de “Rise”, do PiL.
43. O tempo decorrido entre as horas de dormir e de despertar é um dos temas essenciais de *No caminho de Swann*, o primeiro dos sete volumes de *Em busca do tempo perdido*. Lembranças e reflexões surgidas durante o sono são evocadas por Marcel Proust (1871-1922) ao trazer à tona as reminiscências da infância do narrador (“Todos os dias em Combay, desde o final da tarde, muito antes do primeiro momento em que deveria ir para a cama e ficar, sem dormir, longe de minha mãe e de minha avó, o quarto de dormir tornava-se o ponto fixo e doloroso de minhas preocupações”). Assim como Proust no livro, Renato lançou mão da primeira pessoa em “Tempo perdido”. Em entrevista publicada no jornal francês *Le temps*, em 1913, na antevéspera do lançamento de *No caminho de Swann*, Proust se disse interessado em utilizar a literatura para isolar a “substância invisível do tempo” e afirmou que sua obra era marcada pela distinção entre a memória voluntária, “uma memória da inteligência e dos olhos e que não nos dá mais do que faces sem realidade”, e a memória involuntária, quando “um cheiro, um sabor encontrados em algumas circunstâncias totalmente diferentes desperta em nós, à nossa revelia, o passado”. “Acredito que é apenas às lembranças involuntárias que o artista deveria requisitar a matéria-prima de sua obra, pois são as únicas a possuir uma marca de autenticidade”, pois “nos trazem de volta as coisas exatas numa dose exata de memória e esquecimento”, defendeu o escritor. A entrevista foi reproduzida na edição brasileira, com tradução do poeta Mario Quintana (Globo, 2006).
44. Praticamente desconhecida do grande público no Brasil, a banda inglesa Comsat Angels foi uma das referências iniciais da Legião Urbana e de outros grupos brasileiros. “Soldados” e “Ainda é cedo” são diretamente influenciadas por músicas como “Independence day”, lançada em 1980. No álbum de inéditas *Nação daltônica* (2014), a Plebe Rude gravou “Mais um ano você”, versão em português para “Will you stay tonight?”, do grupo formado em Sheffield em 1978.
45. Outra banda brasileira apadrinhada por Renato, Arte no Escuro, foi contratada pela EMI-Odeon e lançou, em 1987, o disco *Arte no escuro*, cuja faixa “Beije-me Cowboy” chegou a tocar em rádios especializadas.
46. Arthur Dapieve é o autor do livro *Renato Russo: O Trovador Solitário*, editado em 2000 para a série Perfis do Rio, da editora Relume-Dumará, e reeditado em 2006 pela Ediouro.
47. Trechos do ensaio “A poeira e o mármore: sobre as Brasília e os Brasís contidos em ‘Faroeste caboclo’”, escrito pelo autor para a terceira edição deste livro, publicada em 2013, meses antes da estreia do longa-metragem “Faroeste caboclo”, dirigido por René Sampaio.
48. Em seu site oficial, Gilberto Gil explica como surgiu a inspiração para “Domingo no parque”: “A canção nasceu da vontade de mimetizar o canto folk e apresentar os arquétipos da música de capoeira com dados exclusivos, específicos, com um romance, uma história mexicana: está tudo casado”. Faixa do segundo disco do cantor baiano e apresentada com Os Mutantes no Festival da Record de 1967, “Domingo no

parque” foi lembrada por Renato ao apresentar “Faroeste caboclo” porque a música de Gil conta a história de um triângulo amoroso com desfecho trágico e sangrento em local público. Na sonoridade, a diferença é que “Domingo” ostenta a levada do berimbau como base rítmica, enquanto “Faroeste” começa como um repente nordestino, substituído progressivamente por guitarra, baixo e bateria.

49. “Uma tempestade ameaça/ A minha vida hoje.”
50. Em outubro de 2011, o documentário iniciado por Vladimir Carvalho nos anos 1980 chegou aos cinemas sob o título de *Rock Brasília – Era de Ouro* e o slogan “Eles cantaram uma geração, agora é a vez de contar sua história”. Produção da Ligocki-Z Entretenimento, do Canal Brasil e da Vertovisão, o longa abriu a 44ª edição do Festival de Brasília e recebeu o prêmio de Melhor Documentário no Festival de Paulínia do mesmo ano. Entre as cenas que causaram maior comoção estão imagens inéditas do show no Mané Garrincha e um depoimento emocionado de Briquet de Lemos, ao lado dos filhos Flávio e Fê. O documentário de 111 minutos foi visto por 34.800 espectadores e teve trilha sonora lançada pela EMI.
51. Em 22 de fevereiro de 2015, Renato Rocha, o Negrete, foi encontrado morto em um hotel no Guarujá, no litoral paulista. Tinha 53 anos e deixou dois filhos.
52. Em junho de 2015, o escritor e pesquisador carioca Mariano Marovatto lançou o livro *As quatro estações*, com a reconstituição das sessões de gravação e análises pormenorizadas das letras do quarto disco da Legião. No viés analítico, o autor aponta a busca espiritual como uma das principais temáticas do LP, expressa em faixas como “Quando o sol bater na janela do seu quarto”, “onde mais claramente Renato aponta o direcionamento espiritual do álbum numa série de frases afirmativas que driblam a dor da morte e do amor”, nas palavras de Marovatto. Integrante da coleção “O livro do disco”, da editora Cobogó, a publicação reproduz trechos das gravações de catorze fitas do período de composição do álbum nos estúdios da EMI-Odeon, fornecidas por Dado Villa-Lobos ao autor. No livro, Marovatto revela: “Na maior parte do tempo de estúdio gasto para fazer *As quatro estações* não houve nenhuma menção das letras das canções ou sequer o nome do disco. Bonfá, Dado e Renato se comunicavam apenas pelos ouvidos e por uma mínima referência verbal como lembrete: ‘Vamos puxar aquela mais Dylan’ era, por exemplo, o código para tocarem a futura ‘Sete cidades’. O disco permaneceu instrumental durante dois terços da sua gestação”.
53. A participação de Mú Carvalho, Bruno Araújo e Fred Nascimento como músicos convidados da Legião está registrada no CD duplo *As quatro estações ao vivo*, lançado em 2004, com trechos de shows da banda no Estádio Palestra Itália, em São Paulo, nos dias 10 e 11 de agosto de 1990.
54. No ensaio “O oráculo divergente”, publicado em setembro de 2015 na edição de número 108 da revista *piauí*, com o subtítulo “Minhas falsas memórias sobre o verdadeiro Renato Russo”, o escritor gaúcho Michel Laub conta que estava no show do Gigantinho e ficou desconcertado quando ouviu Renato dedicar “Meninos e meninas” a um “ex-namorado”. E reflete sobre a razão de sua surpresa: “Do primeiro time, e considerando que Ney Matogrosso virara um nome da MPB depois dos Secos & Molhados, apenas Cazuza assumia em público uma orientação sexual diversa da dominante. Mas Cazuza fora criado entre a aristocracia artística e liberal da Zona Sul carioca: o garoto de ouro talentoso e irreverente cuja trajetória teria sido luminosa não

fosse o surgimento da Aids. Renato pagou o mesmo preço ao final, mas a imagem de seus anos anteriores foi menos festiva. Vindo da classe média de uma Brasília provinciana e conservadora, feio, desajustado, socialmente inseguro e com passado punk sem padrinhos no showbiz, ele tinha crédito biográfico na expressão de seu sofrimento afetivo. Embora os versos de Cazuza sejam formalmente melhores (funcionam mais sem a música), é a sugestão de uma verdade interior menos mediada, menos estética, que fez de Renato um comunicador mais direto e carismático no universo adolescente. Para mim, a declaração pública sobre sua sexualidade contou ainda mais pontos na construção dessa – digamos – autoridade. Na época, não havia nada próximo de um ativismo gay como o atual [...]. Um roqueiro fazer uma declaração sobre um ex-namorado no Gigantinho, diante de 16 mil gaúchos jovens em 1990, era um tanto corajoso”, afirma Laub, antes de prosseguir com a análise: “A guinada do disco de 1989 enfim se explicava: se o engajamento se tornara quase um lugar-comum do rock na democracia, e muitas vezes não consegue ser elaborado em termos artisticamente satisfatórios, transcendendo o que já foi dito sobre o país nos jornais e na televisão, era hora de buscar caminhos menos batidos e mais delicados. O que artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Rita Lee, Jorge Mautner e Baby Consuelo haviam feito na esfera comportamental uma ou duas décadas antes chegava à minha bolha. Com vocabulário religioso ou mundano, falando de sexo ou de outras angústias íntimas, Renato conseguira atingir um patamar de autenticidade e sinceridade – algo que eu não vislumbrava, ao menos em níveis semelhantes, no trabalho de outros expoentes de sua geração”.

55. No livro *Renato Russo: O Trovador Solitário*, Arthur Dapieve analisa a alternância de climas nos discos da Legião que, para o escritor carioca, obedecem a um ciclo, “sístoles e diástoles, altos e baixos, de certa forma associados ao estado de espírito de Renato. Dessa forma, *Legião Urbana* tinha sido um disco para fora, político. *Dois*, para dentro, pessoal. *Que país é este*, novamente para fora, explosivo. *As quatro estações*, outro disco para dentro, sereno. Por isso, seria lógico que o quinto disco seria de novo para fora, político, explosivo. O álbum que emergiria das brumas da Era Collor e da Aids, contudo, seria um dribble nessas expectativas”, comenta Dapieve, antes de destacar a proeza de V: ser simultaneamente um disco conceitual, pessoal e político.
56. Nascido em 1960 no Rio de Janeiro, Otávio Coelho Fialho já tinha vasto currículo antes de tocar com a Legião, com participações em discos e shows de cantores como Arrigo Barnabé, Eliete Negreiros e Caetano Veloso. Fialho morreu em agosto de 1993, em decorrência de acidente de carro. Renato dedicou a faixa “Love in the afternoon”, do disco *O descobrimento do Brasil* e dos versos “É tão estranho, os bons morrem jovens”, ao baixista.
57. “Hoje a noite não tem luar” não foi veiculada no programa, mas entrou no CD e no DVD *Acústico MTV – Legião Urbana*, lançados em 1999. Versão de Carlos Colla para “Hoy me voy para Mexico”, a regravação do Menudo foi mais um grande sucesso radiofônico da Legião.
58. Em artigo para o *Diário Catarinense*, o tecladista Carlos Trilha narrou o episódio e refletiu sobre a atitude de Renato: “Realmente ele tinha razão: tocamos tudo muito bem, mas estávamos deslocados e não tínhamos entendido ainda qual era a postura de

palco que combinava com aquela estética espartana, onde simplicidade é elegância e a seriedade é necessária pelo que se está dizendo”.

59. Os escritos de Renato durante temporada na Vila Serena foram organizados, compilados e publicados no livro *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço*. Na publicação, Renato lista os sentimentos que o levaram a ingressar na clínica, a começar por “um ressentimento profundo em relação à minha vida (raiva, culpa e autopiedade)”, dizendo também que “achava todas as pessoas estúpidas e falsas” e o mundo “irremediavelmente perdido”. Perto do fim do período de internação, sente-se em condições de trabalhar diariamente o “incessante fantasiar” e a “minha dependência de pessoas”. “Quero a simplicidade, sim; harmonia, beleza e poesia”, resume. Ao assinalar as áreas que necessitarão de atenção no pós-tratamento, Renato crava quase todas as alternativas disponíveis – dependência química, saúde física, família – e adiciona um item: amor. Giuliano Manfredini, responsável pelo espólio de Renato Russo desde que completou 18 anos, justifica no prefácio do livro a sua decisão de tornar público o que seu pai escreveu durante a internação: “Estou convicto de que servirá de inspiração para os que buscam forças para vencer crises pessoais das mais diversas origens e sair fortalecidos desse processo”. Em entrevistas à época do lançamento, Giuliano destacou a possibilidade de “contato íntimo, sincero, sem filtro” dos fãs com o ídolo por meio de escritos que, para o filho, representam “um homem enfrentando os seus demônios”. A mãe de Renato, Carminha Manfredini, não quis ler *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço*.
60. O relacionamento amoroso com Scott Hickmon é lembrado por Renato em passagens de *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço*. “Meu relacionamento não terminou bem, houve incompreensão e ressentimento de ambos os lados”, lamenta o cantor, antes de apontar o norte-americano como “a pessoa que eu mais amara em minha vida” e “meu último companheiro a sério, o único relacionamento que consegui prolongar por mais de seis meses”.
61. “É melhor queimar de uma vez do que se apagar aos poucos.”
62. Em 2001, os shows no Metropolitan são lançados no disco ao vivo *Como é que se diz eu te amo*, em versão CD simples e duplo. Na capa, a reprodução do ingresso para as apresentações nos dias 8 e 9 de outubro de 1994.
63. “Ti chiedo onestà” foi lançada em 1997 no álbum póstumo *O último solo*, que reuniu músicas não incluídas por Renato Russo em *The Stonewall Celebration Concert* e *Equilíbrio distante*, tendo na capa a pintura “Flores”, de Carmem Teresa, irmã de Renato. No encarte, ao tentar justificar a reunião de canções gravadas para dois discos de propostas bem diferentes, o então presidente da EMI, João Augusto Soares, afirmou: “Os milhares de fãs não poderiam ser privados de momentos de tão grande beleza criados por seu ídolo”.
64. Na autobiografia *Memórias de um legionário*, Dado Villa-Lobos conta que, em dezembro de 1990, acompanhou o empresário da banda, Rafael Borges, até uma clínica em Botafogo, onde Renato estava internado para buscar o resultado do exame de sangue dele e do vocalista: “Ele também fizera um teste de HIV para dar uma força ao Renato, que estava quase pirando devido ao medo de estar contaminado por aquele vírus. O do Rafael deu negativo. Já o do Renato... No início dos anos 1990, essa notícia era como uma sentença. O Cazuza tinha morrido cinco meses antes. O Rafael

foi falar com ele e respeitou o seu choque com a notícia. Logo o Renato começou a lhe dar instruções para encaminhar os seus pertences após a sua morte. Certamente, sentia-se condenado”. Depois de conversar com Dado sobre o assunto, Renato ficou mais calmo e até brincou: “Somos os dois ‘éticos’ da banda. Você, diabético; eu, aidético...”.

65. Em agosto de 2015, ao ser entrevistado para a nova edição deste livro, Dado comentou as gravações de *A tempestade* ou *O livro dos dias*: “Além das brigas homéricas, o que mais me agonizou nesse disco foi a voz do Renato. Ter que deixar passar algumas gravações sem tanta qualidade me deixou maluco”.
66. A entrevista com Renato Russo foi originalmente concebida para um livro que o paulista Ricardo Alexandre tinha começado a produzir sobre o rock nacional da década de 1980. Ex-editor-chefe da revista *ShowBizz* e então no jornal *O Estado de S.Paulo*, Alexandre estava no Rio e avisou a Dado Villa-Lobos que gostaria de entrevistar pessoalmente o vocalista da Legião. Foi surpreendido no quarto de hotel com um telefonema depois da meia-noite: “Aqui é o Renato Russo. Você quer falar comigo? Então vamos começar”. Renato se negou a marcar um encontro: “Ou é agora ou não vai ser mais. Tô fazendo isso por causa do Dado, mas estou doente, não estou bem”. Assim foi feito. Durante mais de uma hora, Renato conversou com o repórter, mas não parecia à vontade. Demonstrou impaciência, parou diversas vezes para tossir, outras vezes foi monossilábico. Quando *A tempestade* estava para ser lançado e os boatos de que Renato estava com aids se tornaram mais fortes, o *Estadão* quis publicar trechos da entrevista, por isso Ricardo Alexandre incluiu a justificativa “um tanto adolescente” para a ausência “óbvia e demeritória” da pergunta sobre a doença. A íntegra do depoimento de Renato foi aproveitada em *Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80*, publicado em 2002 pela DBA e reeditado pela Arquipélago Editorial em 2013. No livro, entre outras declarações, Renato comenta a decisão de expor publicamente sua sexualidade em entrevistas a partir do disco *As quatro estações*: “Assumir ou não assumir, qual o problema? Metade das pessoas já sabia e a outra metade nunca iria notar”.
67. Em setembro de 2015, ao ser entrevistada para esta edição, Carmem Teresa revelou que, quase duas décadas depois da morte de Renato, continua sentindo saudade das “trocas culturais” com o irmão: “Às vezes, eu ouço uma música ou vejo um filme, e penso assim: ‘Puxa, que legal, isso é a cara do Junior!’. Mas não tenho mais ele por aqui”, lamenta, antes de refletir: “A melhor coisa da minha vida foi ter tido um irmão. Com ele, tive uma cumplicidade que você não tem com pai e mãe, ainda mais em um núcleo familiar tão pequeno. Não sinto falta do Renato Russo, mas sinto muita falta do Junior”.
68. Em 2013, foi lançada a adaptação cinematográfica de “Faroeste caboclo”. Dirigida pelo cineasta brasileiro René Sampaio e com os atores Fabrício Boliveira (João de Santo Cristo) e Isis Valverde (Maria Lúcia), a produção foi vista por 1,4 milhão de espectadores.
69. Também no ano de 2013, a história da juventude de Renato Russo, contada pelo diretor Antonio Carlos da Fontoura, estreou em 560 salas de cinema do Brasil. Protagonizado por Thiago Mendonça, *Somos tão jovens* atraiu 1,7 milhão de

espectadores. Em setembro de 2015, o filme foi uma das atrações da 8ª edição do Los Angeles Brazilian Film Festival, que homenageou Renato Russo.

70. “Quando um cantor jovem morre, para nossa perplexidade e surpresa, em um acidente de avião ou de carro esportivo/ Ele se torna bem famoso/ E a bondade que ele demonstrou é maior do que a de outra estrela finada [...]/ Lembraremos de você para sempre, Eddie/ Por todo sacrifício que você fez/ Não podemos acreditar no preço que você pagou/ Por amor”.
71. — É bom ter a praia só para nós, não é? — Mas é um pouco assustador, solitário, ainda mais com aquele cara que se afogou e tudo o mais.
72. — Estranho você mencionar isso. Eu acabei de acordar, estava sonhando...
73. — Eu estava lá longe, e fazia sol... E tinha um monte de gente me olhando... E eles tinham que cobrir os olhos por causa do sol... E meus pulmões estavam cheios de espuma do mar. Eu parecia uma pena, sendo puxado para baixo pela correnteza.
74. — E eles ficaram lá, parados, ninguém estava nem aí... Só ficaram me olhando.
75. — Eu estava lá longe, flutuando, e até os pássaros, até as nuvens estavam rindo de mim.
76. — Eles sabiam que eu nunca voltaria... e agora eu sou um sonho. E eu não me sinto como um sonho.
77. Para Carminha Manfredini, que até a morte de Renato não sabia que o filho era portador do HIV havia seis anos (como confirmou ao *Fantástico* do dia 13 de outubro de 1996 o médico particular do cantor, Saul Bteshe), o óbito não foi decorrente do vírus: “A infectologista que acompanhava Junior me disse que as taxas dele estavam sob controle. Ele não morreu de aids, ele morreu com o vírus”. O médico comentou no programa exibido dois dias depois da morte do cantor: “Ultimamente ele realmente se entregou, não mostrou força para viver”. Em entrevista para esta edição, a mãe endossou a opinião do médico ao lembrar que Renato atravessava depressão profunda: “Ele estava desesperançado”.
78. Em entrevista ao autor publicada em 2000 na série de reportagens “A história do rock de Brasília”, na revista *ShowBizz*, Dinho Ouro Preto analisou a importância de Renato Russo e o impacto da morte do cantor: “Renato foi, ao mesmo tempo, nosso carrasco e salvador. Sua sombra era muito opressora: só a morte dele libertou a gente”. Depois de período de declínio e ostracismo, incluindo a saída de integrantes como o guitarrista Loro Jones e o tecladista Bozo Barretti, o Capital Inicial voltou ao primeiro time do pop-rock nacional com o lançamento do CD e DVD *Acústico MTV* (2000), responsável pela formação de uma nova geração de fãs. Dinho acredita que o sucesso em dois tempos o ajudou a encarar a rotina de shows de forma menos conflituosa: “O Capital estourou nos anos 1980 e depois no século XXI. Quando você vê 20 mil pessoas querendo te ver, mesmo com a experiência, ainda assim é apavorante, mais até para o vocalista. Talvez se ele fosse um cara mais experiente... O Renato não teve tempo de ser velho”. Em 2005, a banda reviveu a sua pré-história ao gravar o repertório da antiga banda de Renato Russo e dos irmãos Lemos no CD *MTV Especial: Aborto Elétrico*.
79. Juntos e separados, Dado e Bonfá voltaram a tocar músicas da Legião em tributos, festivais e shows, entre eles duas noites de maio de 2012 no Espaço das Américas, em São Paulo, com produção e transmissão da MTV, sob direção de Felipe Hirsch. A

performance como vocalista do ator baiano Wagner Moura, fã da banda, foi alvo de enxurrada de comentários negativos nas redes sociais e desagradou também a família Manfredini, que, antes do evento, notificou extra-judicialmente a MTV para não utilizar o nome “Legião Urbana” na divulgação do especial (os direitos sobre a marca são motivo de disputa judicial). Em aparente resposta às críticas ao seu desempenho, em especial à questão da afinação, Wagner Moura chegou a comentar durante o segundo show: “A coisa mais importante que Renato ensinou pra mim foi ter coragem”. Antes de cantar a sua música favorita (“Andrea Doria”, com o guitarrista Fernando Catatau, da banda cearense Cidadão Instigado), o ator justificou sua presença: “Eu tô aqui para a gente ter mais um pouco dessa banda que mudou a vida da gente. Vamos aproveitar até a última gota”. Em atitude simbólica, depois de cantar “Índios”, Wagner Moura se aproximou dos fãs para aplaudir com eles os integrantes da Legião. Duas músicas de *A tempestade* foram apresentadas ao vivo pela primeira vez: “A via láctea” e “Esperando por mim”. Eclipsado pela polêmica, um encontro histórico: a participação especial do vocalista e guitarrista inglês Andy Gill (Gang of Four) em “Damaged goods”, um dos hits obrigatórios entre a turma da Colina, e “Ainda é cedo” (com citação de “Love will tear us apart”, do Joy Division). “Eu fazia música a mais de 10 mil quilômetros de distância e não tinha ideia que minhas canções chegavam ao Brasil. Quando descobri a Legião Urbana, senti uma conexão”, disse Gill. “O Renato estaria orgulhoso de vê-lo aqui no palco hoje”, saudou Dado, ao lado de outro convidado em duas músicas: o baixista Bi Ribeiro.

80. Em agosto de 2015, Dado e Bonfá anunciaram uma série de shows para celebrar os trinta anos do lançamento do disco *Legião Urbana*, tendo o ator paulista André Frateschi nos vocais. Em 7 de maio de 2016 a turnê chegou a Brasília. Cartaz fincado na via L2 Norte anunciava em fundo vermelho, entre aspas: “Legião Urbana”. Acima, os nomes de Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá. Abaixo, “XXX anos”, referência à comemoração dos trinta anos de lançamento de *Legião Urbana*, o disco. Pouco antes da entrada do local do show, às margens do Lago Paranoá, a voz de Renato vem do som de uma minivan do vendedor ambulante: “Não sou escravo de ninguém...”. Dentro do espaço, o mesmo onde Morrissey se apresentou em novembro de 2015, mais de 5 mil pessoas aguardam o show ao som de hits de Barão Vermelho, The Clash, Kid Abelha e Eurythmics. Pouco antes das 22h30, o anúncio do patrocinador: “Dentro de instantes, Legião Urbana!”, é seguido pelo *jingle* da marca que batiza o local. Minutos depois, às 22h35, Dado e Bonfá aparecem com André Frateschi e são acompanhados por Mauro Berman (baixo), Roberto Pollo (teclados) e Lucas Vasconcellos (guitarra). “Qual é, Brasília!?”, saúda Bonfá, usando camiseta vermelha, *Talking Heads 1977* escrito em verde, reprodução da capa de um dos discos da banda nova-iorquina. De camisa branca, com as letras XXX em vermelho, Dado também é ovacionado pelo público. Na primeira parte do show, eles tocam todas as faixas de *Legião Urbana*, na ordem do disco. Depois de “Será” e “A dança” (em arranjo diferente do original de estúdio), a primeira catarse vem no refrão de “Geração coca-cola”, impulsionada pela performance enérgica de Frateschi. Mas o ator não assume os vocais por inteiro; Bonfá canta “Ainda é cedo” e Dado adiciona “Guns of Brixton”, do Clash, em “O reggae”. Durante “Baader-Meinhof Blues”, uma fotografia de Renato Russo no Napalm, casa noturna paulistana, é projetada em telão atrás do palco.

A fotografia preto e branco permanece enquanto Frateschi faz as perguntas do refrão de “Soldados”: “Quem é o inimigo/ Quem é você?”. De punhos cerrados, Dado dança e usa a guitarra para simular o “fuzilamento” de André Frateschi; em momento teatral, o intérprete, como se tivesse sido atingido por um disparo, desaba no palco. Os versos de “Teorema” (“Parece energia, mas é só distorção/ E não sabemos se isso é problema/ Ou se é a solução...”) precedem “Por enquanto”; Frateschi rege a plateia, em sua maioria entoando os versos memorizados na gravação de Cássia Eller. Dado e Frateschi incluem citação de “Heroes”, de David Bowie, morto em janeiro de 2016: “We could be heroes/ Just for one day/ Just for today”. “É difícil segurar as lágrimas, muita coisa aflora quando a gente está aqui”, conta Dado, com voz embargada, antes de anunciar: “Agora o Renato vai falar algumas coisas para vocês”. Então a voz de Renato sai pelos alto-falantes, em reprodução de áudio de 1985, comentando o início da carreira da banda e a relação com a capital federal: “Quando se fala de Brasília agora, só se fala em Legião Urbana”. Na segunda parte do show, iniciada com “Tempo perdido” (com Dado e Bonfá se revezando nos vocais), Frateschi brada: “Viva Renato Russo! Viva Renato Rocha!”. Dois jovens cantores, o cearense Jonnata Doll e a carioca Marina Franco, interpretam músicas com temática brasiliense: “Tédio (com um T bem grande pra você)” e “Dezesseis”. Começa então o desfiar de grandes sucessos: “Meninos e meninas”, “O teatro dos vampiros”, “Eu sei”, “Pais e filhos”, “Quase sem querer”, “Índios”. Já no bis, os versos de “Faroeste caboclo” que saúdam Brasília (“Meu Deus, mas que cidade linda...”) são gritados e o desfecho da saga de João de Santo Cristo promove catarse coletiva. Vêm “Perfeição” (“Vamos celebrar nossa saudade/ E comemorar a nossa solidão”), acrescida da citação de “Lithium” (do Nirvana, como Renato fez em shows da turnê de “O descobrimento do Brasil”), e “Que país é este” (com a participação no baixo de Geraldo Ribeiro, do Escola de Escândalo). Antes de se despedir, Dado Villa-Lobos lembra que o disco de estreia da Legião, razão de existência da turnê, “foi feito aqui”: “Nós fazemos parte da cultura desse lugar”. A saída é com “Eduardo e Monica” e o show acaba sem imprevistos, como programado. No estacionamento do lado de fora, um carro acelera com o som no volume máximo. Dá para escutar Renato cantar os versos finais de “Teorema”: “E parece que sempre termina/ Mas não tem fim”. A turnê, oficialmente batizada de “Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá em Legião Urbana XXX anos”, teve cinquenta shows realizados até junho de 2016. No primeiro semestre do mesmo ano, foi lançada uma edição comemorativa de *Legião Urbana* com dois CDs, incluindo remixagens, versões demo de sucessos como “Geração coca-cola” e “Será”, trechos de falas de Renato, mais fotos raras. Por divergência entre Dado e Bonfá com a Legião Urbana Produções Artísticas, ficou de fora do relançamento a faixa “1977”, embrião de “Tempo perdido”.

81. Administrada por Giuliano Manfredini, filho de Renato Russo, a Legião Urbana Produções Artísticas tem realizado eventos e lançamentos para divulgação da obra do cantor. O evento de maior repercussão foi o espetáculo “Renato Russo Sinfônico”, em 29 de junho de 2013, no Estádio Mané Garrincha, o mesmo palco do conturbado e inacabado show da turnê “Que país é este”, em 1988. O chamariz do evento no estádio, então recém-reformado para a Copa do Mundo, foi o anúncio da projeção de um holograma de Renato Russo criado pela empresa V Squared Labs, responsável por

idêntico processo de digitalização de imagens do rapper Tupac Shakur (1971-1996) para o festival Coachella, nos Estados Unidos, em 2012. Antes do holograma, catorze intérpretes de diferentes estilos se revezaram no palco, entre eles Jerry Adriani, Zélia Duncan, Fernanda Takai, Ivete Sangalo e Sandra de Sá, além dos vocalistas André Gonzales (Móveis Coloniais de Acaju) e Alexandre Carlo (Natiruts). Foram acompanhados pela Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, regida pelo maestro Cláudio Cohen, e por uma banda formada por músicos como Fred Nascimento (guitarra e violão, que tocou com a Legião) e Fred Castro (bateria, ex-Raimundos). A apresentação ficou a cargo do ator Fabrício Boliveira, intérprete de João de Santo Cristo na longa-metragem *Faroeste caboclo*. No final, o holograma foi projetado em interpretação de “Há tempos” e a aparição da imagem em 3D de Renato, vestindo a mesma bata branca da última turnê da Legião, causou comoção entre os mais de 40 mil presentes no Mané Garrincha. Em 2014, a Legião Urbana Produções Artísticas lançou o Portal Renato Russo, o primeiro site oficial do cantor. No ano seguinte, foi lançado o CD promocional *Rádio Intérprete – Lançamentos*, reunião de releituras com direção artística de Ronaldo Pereira (ex-Finis Africae). Entre os participantes, a banda-tributo Urbana Legion, que tem na formação Egypcio (Tihuana) e Marcão (Charlie Brown Jr.), que regravou “Tempo perdido”. Ainda no CD, aparece o primeiro guitarrista da Legião, Kadu Lambach, em versão instrumental para “Monte Castelo”, e uma gravação de 2001 do Finis Africae com Renato Rocha tocando “Eu sei”. A produtora também viabilizou homenagem a Renato Russo na oitava edição do Festival de Cinema Brasileiro de Los Angeles, em 2015, e a edição do livro *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço*, no mesmo ano, pela Companhia das Letras. Para 2017, foi agendada uma grande exposição sobre a vida e obra de Renato no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, nos moldes das bem-sucedidas mostras dedicadas a artistas como David Bowie e Tim Burton.

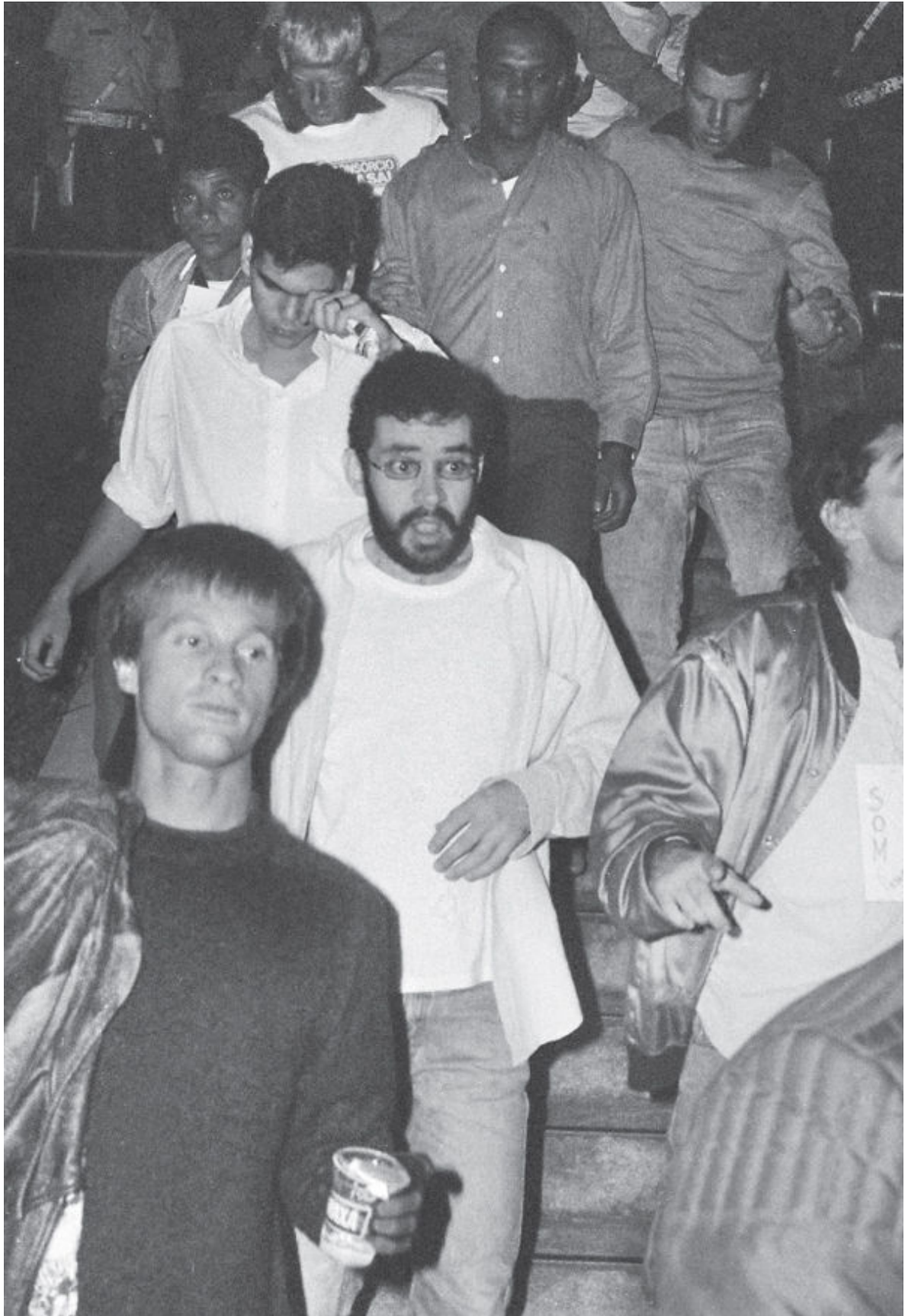
82. Em fevereiro de 2004, aos 79 anos, Renato Manfredini morreu de septicemia após ter sido internado em virtude de uma queda na cozinha de sua casa. A morte ocorreu dois meses antes da abertura da primeira grande exposição dedicada ao filho: *Renato Russo Manfredini Junior*, no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília, vista por mais de 45 mil pessoas entre abril e maio do mesmo ano.
83. Nascido em 1966, Tom Capone se consagrou no início dos anos 1990 como um dos mais requisitados produtores musicais do país. Produziu bandas e artistas como Raimundos, O Rappa, Maria Rita e Skank. A carreira foi tragicamente interrompida por um acidente de moto, em Los Angeles, em setembro de 2004, quando voltava da cerimônia de premiação da versão latina do Grammy. Tom não resistiu aos ferimentos.
84. Surgida durante as sessões de *The Stonewall Celebration Concert* e creditada apenas a Renato Russo em *Uma outra estação*, “Sagrado coração” foi reconhecida como uma parceria com Carlos Trilha após a localização de uma gravação em que Renato declara ter escrito a música com o tecladista.
85. No livro ensaístico *Depois do fim: vida, amor e morte nas canções da Legião Urbana* (Hama Editora, 2002), de Angélica Castilho e Erica Schlude, em meio a pormenorizadas análises das letras do compositor, a obra de Renato Russo é definida como neorromântica. As autoras discorrem sobre “Travessia do Eixão”: “Podemos entender que a música marca o fim do percurso do eu lírico e o suposto ingresso deste

em uma ‘outra estação’: a morte. A palavra ‘travessia’ pode ser entendida como a passagem para a morte e a música seria um pedido para chegar do outro lado em segurança, como certos rituais que egípcios, gregos e romanos praticavam em seus funerais [...]. A letra sintetiza a travessia existencial do eu. A imagem da morte como travessia, como algo presente no caminho, está em ‘Dezesseis’. Johnny morreu ao fazer a curva do diabo, fez sua travessia na própria estrada. A morte, para o eu romântico, é o final da vida dolorosa, a qual ele não consegue se integrar. Sendo muito difícil, dentro dessa perspectiva, haver a certeza de um depois. A consciência de sua finitude angustia e acaba com as expectativas de algo além”.

86. Alvo de críticas por tomar a iniciativa de produzir lançamentos póstumos relacionados a Renato Russo, o pesquisador Marcelo Fróes qualifica as acusações de oportunismo como “uma grande bobagem”: “Qualquer lançamento fonográfico é feito para vender. E os fãs ficam felizes, ninguém tinha que se sentir mal por isso”. Em entrevista ao autor em agosto de 2015, Fróes reconheceu que ficou numa posição “antipática, de intruso” pelos seguidos embates judiciais com representantes da gravadora e com os outros integrantes da Legião: “Perdi amigos, ganhei inimigos”. Em comunicado conjunto divulgado em maio de 2014, por sua vez, Dado e Bonfá afirmaram que “nunca tiveram a vontade de brigar com a família do Renato, ainda mais judicialmente, e sempre acreditaram que a família foi levada a gerir o patrimônio de forma tão agressiva e maldosa por determinação de seus assessores, e não por motivação própria”. Na mesma entrevista ao autor, Fróes afirma ter agido desde o início dos anos 2000 de acordo com os interesses da família Manfredini, na condição oficial de “representante artístico”, como creditado no disco *As quatro estações ao vivo*, cujo lançamento foi um dos motivos de desentendimento com Dado e Bonfá: “Fiz o trabalho que me foi solicitado pela família a partir da minha opinião de colecionador. Minha função se esgotou quando Giuliano chegou à maioridade”, referindo-se ao fato de o filho único de Renato ter assumido a administração do espólio do pai ao completar 18 anos. Lançado em 2010, *Duetos* nasceu depois de o pesquisador “fazer as pazes” com a EMI e propor uma homenagem aos 50 anos de nascimento do cantor. “É um disco subestimado”, defende. Críticos especializados tiveram outro entendimento. No texto “*Renato Russo: Duetos*, um tributo que tem cara de insulto”, publicado em 25 de março de 2010 em *O Globo*, o jornalista Antônio Carlos Miguel afirma: “Renato Russo deve estar se revirando no túmulo com um CD caça-níqueis que se aproveita de mais uma efeméride [...]. Pode até soar bonito, a edição é bem-acabada, e muitos discos de duetos recentes são gravados sem que os cantores dividam o mesmo estúdio, mas no caso de um artista morto esse tipo de álbum é eticamente questionável”. À época, Marcelo Fróes propôs à EMI outro lançamento comemorativo dos 50 anos de Renato: um disco com mais raridades, “coisas que apareceram nas pesquisas”. O projeto não avançou.
87. Criado em 1994 por Gian Fabra e Fred Nascimento nos intervalos da turnê *O descobrimento do Brasil*, o Tantra estreou em disco com *Eles não eram nada* (1996). Após a entrada de Carlos Trilha, a banda lançou em 2006 o álbum *A febre dos sonhos*. Três anos depois, o Tantra gravou um disco com a irmã de Renato, Carmem Teresa Manfredini, conhecida em Brasília pelo grupo vocal Spirituals de Porco. *O fim da infância* inclui músicas próprias e duas regravações: “Virgem”, de Marina Lima, e

“Rocky Raccoon”, dos Beatles, que Carmem Teresa gravou originalmente com o grupo para um tributo ao *Álbum Branco* produzido por Marcelo Fróes. “Foi a primeira vez que gravei um CD completo, gostei muito da experiência”, comentou, em setembro de 2015, antes de lembrar o irmão ao lamentar: “É uma pena que o Junior não tenha acompanhado a minha carreira. Não sei se ele produziria meu disco, mas com certeza ele poderia sentar comigo e dizer: ‘Carmem Teresa, sua voz pede isso, ouve isso...’”.







ÍNDICE DE IMAGENS – MIOLO

- Capa: Renato Russo no show do Mané Garrincha. Acervo Ivaldo Cavalcante.
- Páginas 4 e 5: Asa Sul, Brasília, anos 1970. Acervo Luis Humberto.
- Páginas 6 e 7: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.
- Página 15: Prédio onde morou Renato Russo nos anos 1970 em Brasília.
Acervo do autor.
- Página 19: Pichação em frente ao prédio onde morava Renato Russo, dias depois do show no Estádio Mané Garrincha, em junho de 1988.
Ronaldo de Oliveira/ Correio Braziliense-se/ DA Press.
- Páginas 20 e 21: Ronaldo de Oliveira/ Correio Braziliense/DA Press.
- Página 22: Acervo Luis Humberto.
- Páginas 83 e 85: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.
- Página 86: Reprodução de páginas de jornais brasilienses publicadas na segunda metade da década de 1970. Foto: Ricardo Labastier/ Divulgação.
- Página 127: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.
- Páginas 128 e 129: Aborto Elétrico em show na Asa Sul. Acervo Luiz Acioli.
- Página 130: Reprodução Arquivo Nacional. Acervo do autor.
- Páginas 200 e 201: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.
- Página 202: Renato Russo, o Trovador Solitário, em show no Lago Norte.
Acervo André Mueller.
- Página 247: Bonfá, Dado e Renato no Setor de Diversões Sul. Acervo Gutje Woortmann.
- Páginas 248 e 249: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.
- Página 250: Bonfá e Renato na Asa Sul. Joaquim Firmino/Correio Braziliense/DA Press.
- Página 268: Acervo família Manfredini/Legião Urbana Produções Artísticas.
- Páginas 269 e 270: Reproduções Arquivo Nacional. Acervo do autor.
- Páginas 308 e 309: Badernaço na rodoviária. Givaldo Barbosa/ Correio Braziliense/ DA Press.
- Página 310: Show no Estádio Mané Garrincha. Ronaldo de Oliveira/ Correio Braziliense/ DA Press.
- Página 332: Show no Estádio Mané Garrincha. Acervo Ivaldo Cavalcante.
- Página 391: Carminha, Renato e Carmem Teresa em homenagem a Renato no Teatro Rolla Pedra, em Taguatinga. Acervo Ivaldo Cavalcante.
- Páginas 404 e 405: Janela do quarto do apartamento de Renato onde morou na Asa Sul, em Brasília. Acervo Anderson Schneider.

Página 406: Renato na antiga Rodoferroviária. Acervo Daniel Schutze.
Página 412: Saída do show do Estádio Mané Garrincha. Acervo Ivaldo Cavalcante.
Página 416: “Árvore genealógica” do rock de Brasília nos anos 1980, por Renato Russo. Acervo Nicolas Behr.
Página 440: Pichação em entrequadra comercial da Asa Sul em Brasília. J. Franca/ Correio Braziliense/ DA Press.
Página 441: Show no Estádio Mané Garrincha. Acervo Ivaldo Cavalcante.
Páginas 442 e 443: Alexandre Landau/Agência Estado/AE.
Página 447: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.

CRÉDITOS – CADERNO DE FOTOS

Páginas 1 a 4: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.

Página 5: Acervo Jota Pingo e Acervo Elder Rocha.

Página 6: Acervo Fê Lemos e Acervo Philippe Seabra.

Página 7: Acervo Gutje Woortmann.

Páginas 8 e 9: Acervo família Manfredini/ Legião Urbana Produções Artísticas.

Página 10: Tasso Marcelo/Agência Estado/AE e Otavio Dias de
Oliveira/Folhapress.

Página 11: Acervo Ricardo Junqueira.

Página 12: Julio Alcântara/ Correio Braziliense/ DA Press.

Página 13: Acervo Ivaldo Cavalcante.

Páginas 14 e 15: Acervo Ricardo Junqueira.

Página 16: Milton Michida/Agência Estado/AE.

Um abraço do

Renato

Ruffo



Nascimento no Rio em 1960, mesmo ano de inauguração de Brasília, a nova capital do país



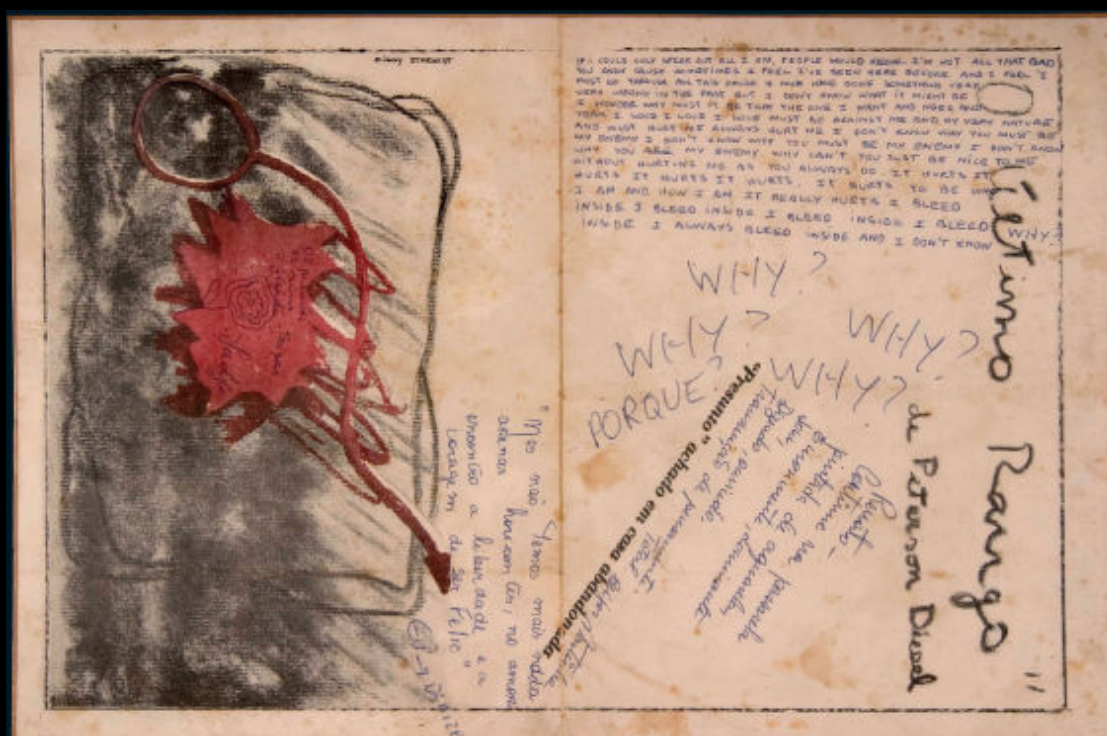
Notas altas no colégio da Asa Sul e pleno domínio do inglês



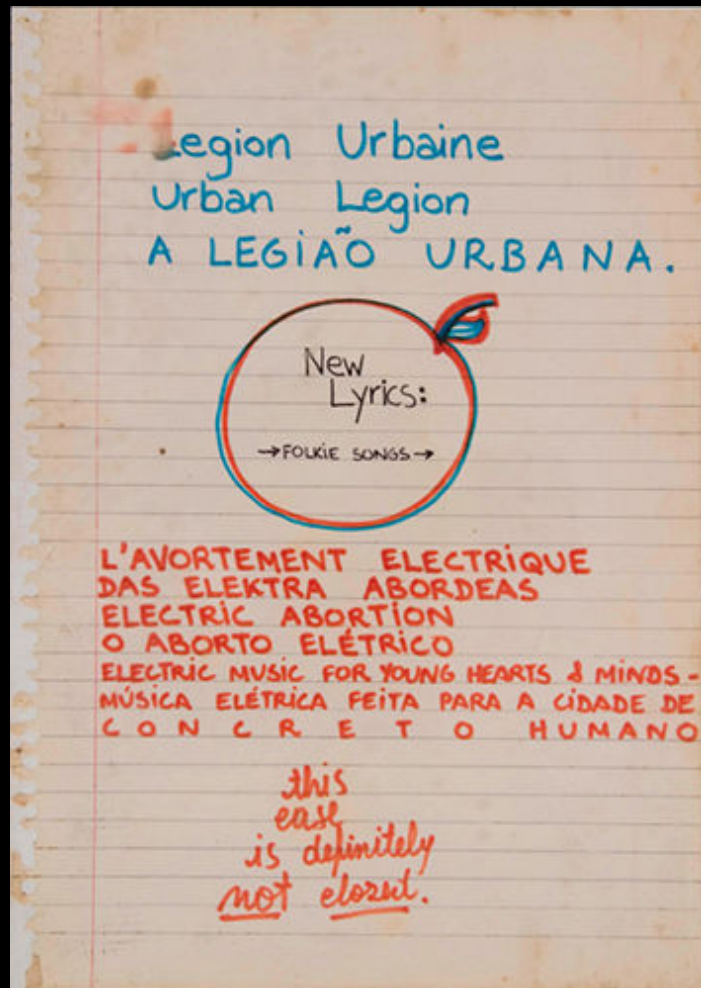
Temporada no Queens, em Nova York, incluiu acampamentos com a família



Capa criada por Renato para single do Aborto Elétrico nunca lançado



Desabafo bilingue: "Eu sempre sangro por dentro e não sei o porquê"



Planos no asfalto: no papel, a transição do Aborto Elétrico para a Legião Urbana



1981: Renato (ao fundo), ao lado de Jota Pingo, na época de O Último Rango



1977: intervalo no ensaio do grupo de teatro da Cultura Inglesa



Dinho, Fê, Loro e Flávio: Capital Inicial nasce das cinzas do Aborto Elétrico



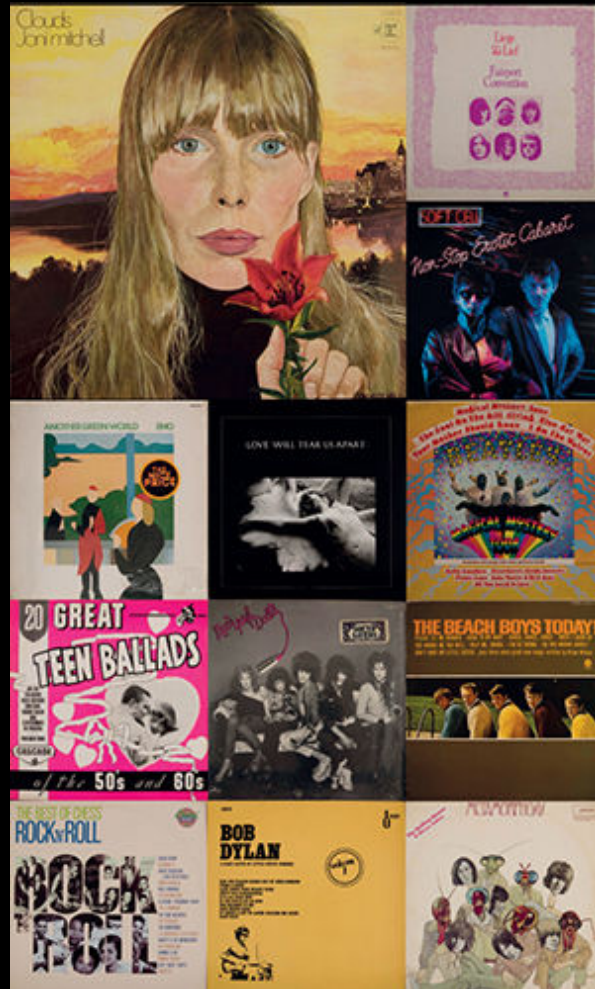
Gutje, André X, Jander e Philippe: Plebe Rude racha o concreto na estreia

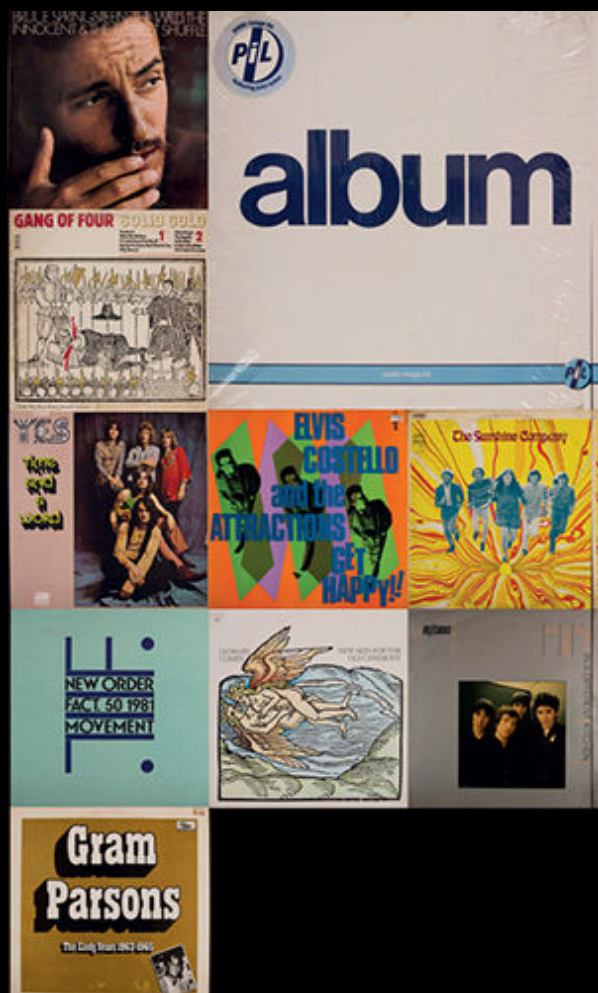


Faça você mesmo: os integrantes da banda divulgam seus shows



A turma prepara faixas e cartazes nos corredores do Brasília Rádio Center





Canções para aprender e cantar: diferentes estilos e décadas na coleção de Renato



Dado, Renato e Bonfá: sem Negrete a partir do disco *As quatro estações*



Turnê de *O Descobrimento do Brasil*: citações de “Lithium”, do Nirvana



A Legião na parte externa do Teatro Nacional Claudio Santoro,
em Brasília



Badernaço na rodoviária do Plano Piloto



Público em show em Brasília



“Eu disse que essa era uma cidade estranha”: Show no Mané Garrincha



Tão jovens: sessão de fotos para a capa do disco *Que país é este* 1978/1987



No palco: sempre uma emoção diferente, sempre um show
imprevisível